

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FERNANDO BAGIOTTO BOTTON

**LIDERANÇA POLÍTICA E AUTORIDADE PATERNA: PSICOLOGIA E  
MASCULINIDADE NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONALIDADES DE VARGAS E  
PERÓN**

CURITIBA

2017

FERNANDO BAGIOTTO BOTTON

**LIDERANÇA POLÍTICA E AUTORIDADE PATERNA: PSICOLOGIA E  
MASCULINIDADE NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONALIDADES DE VARGAS E  
PERÓN**

Tese apresentada à linha de pesquisa  
“Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e  
Sentimento na História” do Programa de Pós  
Graduação em História da Universidade Federal do  
Paraná como requisito parcial para a obtenção do  
título de Doutor em História.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Vosne Martins

CURITIBA

2017

Catálogo na publicação

Mariluci Zanela – CRB 9/1233

Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Botton, Fernando Bagiotto

Liderança política e autoridade paterna: psicologia e masculinidade na construção das personalidades de Vargas e Perón / Fernando Bagiotto Botton – Curitiba, 2017.

304 f.

Orientadora: Ana Paula Vosne Martins

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Liderança política. 2. Masculinidade. 3. Poder (Ciências sociais). 4. Autoridade. 5. Personalidade e política. I. Título.

CDD 320.011



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
Setor CIÊNCIAS HUMANAS  
Programa de Pós Graduação em HISTÓRIA  
Código CAPES: 40001016009P0

### TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **FERNANDO BAGIOTTO BOTTON**, intitulada: "**Liderança política e autoridade paterna: psicologia e masculinidade na construção das personalidades de Vargas e Perón**", após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua

APROVAÇÃO.

CURITIBA, 10 de Fevereiro de 2017.

ANA PAULA VOSNE MARTINS  
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

MARIA RITA DE ASSIS CESAR  
Avaliador Externo (UFPR)

MARCOS GONÇALVES  
Avaliador Interno (UFPR)

PAULO RENATO DA SILVA  
Avaliador Externo (UNILA)

NADIA MARIA GUARIZA  
Avaliador Externo (UNICENTRO)



*Tomas não sabia então que as metáforas são uma coisa perigosa. Não se brinca com as metáforas. O amor pode nascer de uma simples metáfora. (KUNDERA, 1999:17)*

## DEDICATÓRIA

Dedico essa tese à minha mais leal amiga, parceira e confidente Samantha de Sousa, que suportou dia e noite um rapaz em crise constante, beirando à paranoia, pela escrita dessa tese. Seus conselhos e caminhadas me deram suporte afetivo para sustentar cada linha aqui escrita. Minha *companheira de aventuras* e meu amor desses últimos seis anos foi a pessoa com quem dividi a vida, os sorrisos, as lágrimas, as trilhas e as filas do supermercado, com ela fiz planos de vida, construí um teto todo nosso e vivi os dias mais doces que consigo lembrar. Por suas palavras aprendi a crescer emocionalmente e ser independente, acalmar o egoísmo e me abrir para a liberdade. Com sua preciosa ajuda li e transcrevi as cartas trabalhadas no sétimo capítulo. Cada folha dessa tese passou por suas criteriosas mãos, que não apenas selecionavam as páginas a serem impressas, mas também tocavam minhas costas num abraço de exorcizar todas as angústias guardadas em meu peito.

Dedico à Jenifer Carolina Roda que *cruzou meu caminho enquanto eu estava vestido de preto, segurou minha mão, reprimiu meus medos, me fez rir e cobriu meu coração de beijos*. Seu carinho me fez reencontrar uma parte de mim perdida, e aos nossos olhos espelhamos um amor que linguagem, física ou metafísica alguma pode explicar.

Dedico a Anahí Gabriela Gonzales con quien aprendí en la práctica una ética del cuidado, cariño, amor y admiración que trasciende las fronteras nacionales o temporales. Le agradezco muchísimo por radicalizar mis posiciones de feminismo, teoría *queer*, post-porn, animalismo, libertarismo, nietzscheanismo, post-estructuralismo, post/de-colonialismo e izquierdismo. Por esto y por otras cosas sos muy importante en mi vida y mucho de lo que devino hoy advine de vospi.

Esse escrito também é dedicado à minha família, que me criou para ser passarinho que voa longe e sempre aceitou com liberdade e respeito as minhas decisões. À mãe que desde minha infância imaginava a época que eu teria barba longa. Ao pai que me ensinou valorar a simplicidade, paciência e humildade. À minha irmã que me mostrou as primeiras letras, deu o tom da minha leitura, me tirou da cidade, do estado, do país, e seguiu sendo meu norte e orgulho até os dias de hoje. E ao *cunhadin*, pelas piadas engraçadas e amizade sincera.

Em suma, *dedico essa tese ao amor*.

## AGRADECIMENTOS (COAUTORIAS)

Consideramos ponto pacífico o fato de que uma tese de autoria única é pura ficção. Cada amizade, conselho, parceria ou apoio fazem parte, mesmo que indiretamente, da composição de uma pesquisa e da redação de um relatório de pós-graduação. É por isso que desde a primeira palavra de nosso escrito, empregamos os verbos na terceira pessoa do plural, e não na primeira do singular. Evidentemente não pretendemos colocar-nos como narrador neutro e seguro de uma verdade consensual, pelo contrário, pretendemos colocar nossa voz tal como um *agenciamento coletivo de discursividades* que pelo plano da intertextualidade e da intersubjetividade se expressa em toda influência e referência sofrida e recriada pelas múltiplas gravitações de ideias. Cada verbo conjugado dessa forma busca dissolver a posição de autoria pura para incluir todas as pessoas abaixo citadas como autoras e merecedoras dos méritos carregados pela presente tese.

Em primeiro lugar, agradeço e lego a maior parte dos créditos à minha orientadora professora Dra. Ana Paula Vosne Martins, com ela aprendi muito sobre profissionalismo, ética e postura pessoal de alguém que orienta e ensina pela *justa medida* grega, equilibrando a amizade e o posicionamento rigoroso de pesquisadora que prima pela qualidade e seriedade acadêmica, muito antes dos privilégios provenientes de relações pessoais. Desde o começo de minha graduação a Professora Ana Paula acreditou no meu trabalho e apostou sua confiança na jornada que trilhei nessa instituição. Com ela dei meus primeiros passos como pesquisador junto ao PET História, e também com ela escrevi meu Trabalho de Conclusão de Curso. É evidente que, por meio desse histórico de consideração e confiança mútua eu seria incapaz de recusar seu convite e instigante proposta para o desenvolvimento dessa tese. É necessário comentar sobre a liberdade de ação e escolhas por ela proporcionada, tal postura permitiu que nada do que eu considerasse importante ficasse de fora desse escrito. Por esses e por outros motivos, devo considerar a Ana Paula como a pessoa que ocupou a posição de norte intelectual pelo qual me orientei, discuti e dialoguei praticamente por todos os dez anos que estudei na Universidade Federal do Paraná. Com sua orientação eu aprendi o conceito que considero mais proveitoso de *autoridade*, certamente distinto de muitos daqueles tratados adiante.

Agradeço à professora Dra. Maria Rita César, estendendo também ao André Duarte, que desde minha graduação me permitiram refletir sobre as filosofias foucaultianas e de gênero. Sua presença nas minhas bancas de mestrado e doutorado não são mera formalidade,

mas o reconhecimento da marcante influência nas maneiras com que penso a sociedade, o poder e o mundo.

Agradeço à professora Dra. Nádia Guariza por suas esforçadas e criteriosas leituras de meu relatório de qualificação. Sua atuação e comentários permitiu com que a presente tese ganhasse novas e refinadas perspectivas teóricas e metodológicas.

Sou muito grato à professora Dra. Marion Brepohl Magalhães por trazer muitos marcos de pensamento que desde a graduação vem formando minhas concepções de história e sociedade. Foi por seu intermédio que conheci autores de grande impacto em minhas reflexões, tais como Richard Sennett, Hanah Arendt e Yves Cohen. Também agradeço-a pela concepção e coordenação do grupo PRONEX, que me permitiu entrar em contato, em alguns casos pessoal, com parte importante da bibliografia aqui empregada. Além disso, o grupo proporcionou intensas e acirradas discussões que legaram não apenas qualidade intelectual a meu trabalho, mas também entusiasmo para a sequência de tão longa, solitária e, por vezes, desgastante escrita. Aproveito para estender meu reconhecimento aos colegas do grupo: Reginaldo Cerqueira, Ozias Neves, Daniel Trevisan, Thiago Possiede, Nayara Stadler, Marcos Gonçalves, Marcos Meinerz, Márcio Pereira, David Netto, Juliana Teixeira, Diego Marmentini, Pâmela Fabris e Renato Carneiro.

Agradeço ao professor Dr. Paulo Renato da Silva por ser parecerista do meu projeto de Estágio Sanduíche e por ter aceito gentilmente o convite a participar da banca de defesa. Agradeço também por seus claríssimos textos que, além de abrirem novas perspectivas sobre o contexto intelectual do peronismo, também me ensinaram muito sobre os contornos de uma escrita clara, coerente e arguta.

Reconheço com muita gratidão as discussões, conselhos e refeições partilhados com meus colegas da linha de pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: Maralice Maschio, Carmem Kummer, Ozias Neves, Anadir Miranda, Fábio Scarpim, Fernanda Cassia dos Santos, Michely Barbosa, Márcio Pereira, Joseanne Marinho, Luis Carlos da Silva, Gregory Balthazar e Natasha Santos. Aos amigos e colegas de orientação João Pedro Dolinski, Antônio Josté Fontoura Jr., Flora Morena de Araujo e Flavia Rosa de Melo. Também envio meu abraço e reconhecimento aos amigos que em algum momento compartilharam o amigável espaço de sociabilidades conhecido como *Reitoria*: Raphael Guilherme, Eliane Veríssimo de Santana, José Gustavo Bononi, Camilla Jansen Santana, Sissi Pereira, Luiz Carlos Sereza, Liz Andréa Dalfre, Clara Cuevas, Everton Moraes, Jailton Camargo,



Georgiane Vásquez, Carla Conradi, Kety de March, Rogério Tostes, Ilze Zirbel, Elisabete Berberi, Fernando Schinimann e Michel Kobelinski.

Envio meu abraço e agradecimento especial ao Daniel Galantin, que desde meus primeiros dias da graduação soube ser meu grande amigo e fiel escudeiro, compartilhando as felicidades e angústias de viver em Curitiba sem saber muito bem por onde trilhar. Sua influência de pensamento e seu companheirismo me fizeram crescer como intelectual e como pessoa que respeita de igual modo a todos, desde o vendedor da mercearia até o grande professor. Estendo também minha gratidão ao Luis Thiago Dantas pela companhia de apartamento e pelas discussões filosóficas. Ao Thiago Ribas, Mariana Scarpa, Lalo Aquino, Rômulo Reis, Julien Coelho e Juliano Solanho pelos filmes que assistimos juntos.

Estendo também meus cumprimentos a todos os professores do Programa de Pós Graduação em História da UFPR pelas colaborações, discussões e oportunidades que me proporcionaram. Gostaria de nominar com especial atenção a minha querida ex-orientadora e amiga Roseli Boschilia, também Renata Garraffoni, Marcos Gonçalves, Karina Bellotti, Priscila Vieira, Joseli Mendonça, Luiz Carlos Ribeiro, Carlos Alberto Lima, Luiz Geraldo Silva, Vinicius Honesko, Clovis Gruner, Artur Freitas, Rosane Kaminski e Fabio Sapragnon Andrioni.

Agradeço às colegas e amigas do Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR que me ensinaram a importância de pesquisas interdisciplinares e transversais para além da zona de conforto abrangida pelos clássicos temas historiográficos. Esse projeto foi fundamental em minha vida não apenas por sua abrangência acadêmica, mas pelas parcerias realizadas com a *Universidad de Holguin* de Cuba, permitindo que eu travasse uma convivência muito amigável com seus intercambistas, em especial Alexander Cordoves, com quem aprofundei meus conhecimentos da língua espanhola, Aida Fernandez, Ania Vega, Tatiana Martinez e Maria de los Ángeles Arias Guevara.

Agradeço com especial carinho aos meus colegas, alunos e funcionários da Faculdade Espírita do Paraná, que me acolheram e comigo compartilharam as mais intensas experiências docentes que já tive. Gostaria de referenciar os professores Fábio Andrioni, Adriane Piovesan, Agamedes Fonseca, Andrea García, Felipe Fellipeto e Antônio Gonçalves. Saúdo com carinho à coordenadora Flora Morena Martini que nesses anos se demonstrou uma grande amiga, colega e companheira, juntos concebemos e criamos a Pós Graduação em História da Arte, além de muitos outros projetos que se aproximam.

Agradeço muito ao Núcleo de Tecnologia e Educação Aberta à Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa onde venho atuando desde 2012 tanto na Pós Graduação em História Arte e Cultura quanto na Licenciatura em História. Gostaria de enviar meu carinho e gratidão à Myriam Sacchelli, Roberto Lamb, Niltonci Chaves, Christiane Szaesz, Dones Janz, Juliana Przybysz, Simone Aparecida, Ronualdo Souza, Inez de Paula, Juliana, Fernanda Bassani, Luiz Augusto Estacheski, Frederico Tavares, Raphael Guilherme e Amanda Cieslak. Agradeço aos demais professores, colegas, alunos e tutores que comigo estabeleceram laços de amizade e respeito.

Com especial carinho gostaria de agradecer à Fernanda Cássia de quem aprecio muito não apenas suas caronas, conselhos e auxílios mútuos, mas também os longos e divertidos bate-papos que tornavam mais confortável nossa existência de doutorandos, tutorandos, concursandos e fernandos. Estendo também meu abraço ao Daniel Trevisan, à Dayane Hessmann e ao Daniel Nodari que juntos formam um quarteto impecável.

Queria agradecer aos amigos Mateus Buffone, Ana Luisa Mello, Douglas Fróis, Saly Sato, Manuel Guerrero e Igor Ribeiro pelas saborosas e divertidas comilanças e jogatinas. Com eles passei pelos mais agradáveis momentos que me permitiram lembrar o quanto a amizade é um valor importante e o quanto é bom estar entre pessoas que pensam parecido.

Pela amizade, carinho amor e atenção também dedico toda minha gratidão à Ana Belém Solazzo pelos passeios e distrações, à Diangela Menegazzi pelos sorrisos e olhares, à Indira Richter pelos doces emails que tardo tanto a responder, à Carla Marquiu pela culinária vegana mais carinhosa, à Junia Valéria Silva por seu doce e angustiado pessimismo, à Aline Biernacka pela inspiração e pela arte, à Amanda Schneider Arruda pelo carinho, amor e felicidade traduzidos em linguagem de cafezinhos e longas conversas de divã, à Thamara Parteka por lembrar-me de quanto a loucura é a única certeza de nosso mundo, pelos companheirismos acadêmicos, pelos emails e poesias que me salvaram do desespero.

Me gustaría declarar gran respeto y admiración a Omar Acha, quien amigablemente coordinó mi período de investigaciones en Buenos Aires, proporcionando las mejores indicaciones de fuentes, la mejor tesis (escrita por él mismo) y por la mejor lentejada que he probado en Argentina. También agradezco a Valeria Galván por los sinceros consejos y cordiales charlas en los momentos que más necesité. A Mara Burkart por su amistad y gran experiencia con los *cómic*, que por más que no fueran utilizados en esa tesis, serán de gran importancia para mis futuros proyectos de investigación. Envío mi abrazo a Julián Delgado

por recibirme y por compartir sus amigos en una de las noches más memorables que tuvo en Buenos Aires.

Agradezco también a mis amigas de la Revista de Estudios Críticos Animales, en especial Alexandra Navarro, Anahí Gabriela Gonzales e Iván Gaitán a quien gentilmente me aceptaron en las comisiones editoriales y en el grupo. Agradeço em especial à Cassiana Stephan com quem travei debates de grande admiração, troca intelectual e afetiva, e que ao meu lado se incumbiu de tomar frente da revista no Brasil.

Agradeço com toda admiração a Yves Cohen, que não apenas realizou uma pesquisa de 20 anos a que pude subir em seus gigantescos ombros, mas também pelas instigantes conversas que legaram novos e inusitados rumos à minha pesquisa.

Agradeço com especial atenção ao fundamental e indispensável trabalho da secretária Maria Cristina Parzowski que não mediu esforços para prestar os serviços mais eficientes, precisos e responsáveis. Sua presença e atuação no PGHIS é responsável por grande parte do êxito do programa, e não há como acabar uma tese sem guardar um pouco de dívida com seus préstimos. Agradeço também à simpatia e atenção dos funcionários da PRPPG, do Restaurante Universitário, da Biblioteca da Universidade Federal do Paraná, da Biblioteca Pública do Paraná, da Biblioteca da Faculdade Espírita, da Biblioteca Nacional Argentina, da Biblioteca del Congreso (setor Peronista), da Biblioteca Nacional, da Fundação Getúlio Vargas, do Archivo Nacional, do Archivo General de la Nación e do Instituto Ravignani. Agradeço também aos sites *Estante Virtual*, *Livronauta*, *Library Genesis*, *Jstor* e do próprio mecanismo de buscas do *Google*, sem os quais essa pesquisa careceria de alguns dados muito importantes encontrados *ao acaso* nas múltiplas pesquisas virtuais.

Por fim, e muitíssimo importante, agradeço à CAPES pelas indispensáveis bolsas de Doutorado, de Intercâmbio Sanduíche e de Tutoria em Educação à Distância em parceria com a Universidade Aberta do Brasil. Todos esses benefícios e auxílios que sustentaram essa pesquisa são frutos de políticas públicas em sua grande parte ensejadas pelo projeto social e econômico defendido pelas gestões dos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, que souberam investir como nunca em áreas estratégicas como saúde e educação.

## RESUMO

Esta tese busca compreender alguns meios pelos quais os *saberes-psi* e os discursos de gênero foram articulados à (macro)política na primeira metade do século XX. Esse dispositivo discursivo buscava sustentar o poder presidencial enquanto manifestação da vontade individual e pujante de um *homem* a dominar os instintos da *massa* coletiva, classificada pelas hierarquias dicotômicas de gênero como feminina em oposição e inferioridade à liderança masculina. Assim, pesquisamos algumas das principais vias pelas quais tal discursividade *psicopolítica* foi prontamente recebida, reinterpretada e readaptada no Brasil e na Argentina para justificar a liderança dos presidentes Getúlio Dorneles Vargas e Juan Domingo Perón, então considerados superiores e singulares graças aos viris traços psicofísicos abrangidos pelo conjunto de suas *personalidades*. Nesse mesmo intuito foi fundamental compreender as maneiras com que os biógrafos apelaram a diversas leituras políticas sobre a ideia de *autoridade* buscando somar à fórmula da liderança masculina dos presidentes as antigas teorias das *artes de governar* fundadas num *poder pastoral* em que o líder era visto não como um tirano, mas como bondoso pastor a conduzir seu rebanho. Nesse sentido foram ensejados vínculos amorosos e ativos entre a massa e o líder, por meio de uma *autoridade* que articula metaforicamente as figuras do presidente com as de Cristo, do general e do pai de família. Isso permitiu as apropriações, recepções e reformulações dos populares que embasaram e justificaram sua escrita missivística aos presidentes por meio dos mesmos argumentos psicológicos, políticos e de gênero que sustentavam seus poderes de liderança e autoridade.

Palavras Chave: Liderança, Autoridade, Personalidade, Masculinidade, Política

## RESÚMEN

Esa tesis pretende comprender algunas formas por las cuales los *saberes-psi* y los discursos de género fueron articulados a la (macro)política en la primera mitad del siglo XX. Ese dispositivo discursivo buscaba sostener el poder presidencial como manifestación de la voluntad individual y pujante de un *hombre* a dominar los instintos de la *masa* colectiva, clasificada por las jerarquías dicotómicas de género como femenina, en oposición e inferioridad al liderazgo masculino. Así, investigamos algunas de las principales vías por las cuales tal *discursividad psicopolítica* fue prontamente recibida, reinterpretada y readaptada en Brasil y Argentina para justificar el liderazgo de los presidentes Getúlio Dorneles Vargas y Juan Domingo Perón, considerados superiores y singulares a merced de los viriles rasgos psicofísicos involucrados por la extensión de sus *personalidades*. En eso mismo intuio fue fundamental comprender las maneras por las cuales los biógrafos recurrieron a diversas lecturas políticas acerca de la idea de *autoridad* objetivando adicionar a la fórmula del liderazgo masculino de los presidentes las antiguas teorías de las *artes de gobernar* basadas en un *poder pastoral* en que el líder era percatado no como tirano, pero como bondadoso pastor a conducir su rebaño. En tal sentido fueron motivados vínculos amorosos y activos entre la masa y el líder, por medio de una *autoridad* que articula metafóricamente las imágenes del presidente con las de Cristo, del general y del padre de familia. Eso permitió las apropiaciones, recepciones y reformulaciones del pueblo que basó y justificó sus correspondencias a los presidentes por medio de los mismos argumentos psicológicos, políticos y de género que sostenían sus poderes de liderazgo y autoridad.

Palabras Clave: Liderazgo, Autoridad, Personalidad, Masculinidad, Política

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1) Descaminhos de uma pesquisa .....	12
2) A metáfora do mosaico .....	18
3) Do mosaico como metáfora .....	24
4) Da Personalidade às Massas.....	30
5) O alvorecer da Personalidade .....	31
6) Le Bon e o surgimento da Psicologia das Multidões .....	36
7) <i>As massas são femininas</i> .....	42
 CAPÍTULO 1 - DA PERSONALIDADE DO LÍDER ÀS MASSAS FEMININAS: LEITURAS MÉDICAS DA PSICOLOGIA POLÍTICA NO BRASIL E NA ARGENTINA .....	46
1) Gonzalo Bosch e Renato Kehl: Interpretações da personalidade por meio da caracterologia.....	47
2) Arthur Ramos e Hernani Mandolini: transposições da Psicologia Social à Liderança .....	56
3) Tinturas de gênero e misoginia na Psicologia Social de Hernani Mandolini e Júlio Porto-Carreiro: da criminosa coroada à liderança patriarcal .....	65
 CAPÍTULO 2 - A PERSONALIDADE DE GETÚLIO VARGAS .....	74
1) A psicopolítica de Francisco Campos .....	77
2) O gênero biográfico como forma de escrever sobre os grandes homens .....	83
3) Getúlio Vargas de André Carrazzoni: linguagens de um destino manifesto .....	85
4) O plasmar da personalidade de Getúlio Vargas .....	90
5) Substratos infantis: o meio gauchesco e a influência paterna .....	92
6) Uma personalidade superior: o corpo, a voz e a razão .....	96
7) Trânsitos de gênero: do homem ao chefe, da esposa às massas .....	102
 CAPÍTULO 3 - A PERSONALIDADE DE JUAN DOMINGO PERÓN .....	109
1) Ramón Carrillo: um ideário médico-castrense na definição psicológica do chefe .....	111
2) A personalidade de Perón: uma vida destinada ao mando .....	119
3) As indelévels raízes familiares e gauchescas .....	124
4) O corpo de Perón .....	128
5) Do corpo-exército ao corpo-Estado .....	131
 CAPÍTULO 4 - DO PAI AO LÍDER: A AUTORIDADE COMO GOVERNO AFETIVO DA FAMÍLIA, DO EXÉRCITO E DO ESTADO .....	135
1) Autoridade, governo e obediência .....	137
2) Da violência primordial ao amor libidinal: Reflexões freudianas acerca dos laços afetivos travados entre o líder e as massas.....	142
3) Leituras psicológicas sobre a autoridade no pensamento militar argentino: Da <i>Moral Militar</i> de Juan Domingo Perón à <i>Ética da Autoridade</i> de Luís Berton Flores .....	151
4) A autoridade em Oliveira Vianna: do patriarca rural ao Duque de Caxias .....	160
 CAPÍTULO 5 – A AUTORIDADE EM GETÚLIO VARGAS .....	170
1) Vargas psicólogo: o carinho e a bondade dimensionando sua autoridade .....	172
2) Getúlio Vargas e a Psicanálise das Multidões: A autoridade do pai da família nacional .....	180
3) Do paternalismo .....	185
 CAPÍTULO 6 - A AUTORIDADE DE JUAN DOMINGO PERÓN .....	192
1) Comando, condução e liderança .....	192
2) <i>Conducción Política</i> : Artes de comandar as massas .....	196
3) A autoridade e as massas femininas .....	200
4) Uma autoridade generosa .....	208
5) Da autoridade psicológica e paternal de Perón .....	213
6) Evita e a conexão familiarista de Perón com os argentinos .....	219
 CAPÍTULO 7 - CORRESPONDÊNCIAS: PERSONALIDADE E AUTORIDADE NAS EPÍSTOLAS POPULARES DESTINADAS A VARGAS E PERÓN.....	229
1) <i>Estimado Senhor Getúlio Vargas</i> .....	231
2) <i>Presente mi general!</i> .....	256
 CONCLUSÃO .....	282
FONTES DOCUMENTAIS.....	289
REFERÊNCIAS.....	293

## INTRODUÇÃO

*O mundo é um grande hospício onde os governantes são os psicólogos e o povo os pacientes. [...] Eis a razão pela qual o poder político está em vias de adquirir uma nova função* (FOUCAULT, 1994: 434)

### 1) Descaminhos de uma pesquisa

Os primeiros passos de uma pesquisa são sempre duvidosos, hesitantes e, não raras vezes, desconcertantes. Conosco não foi diferente. O projeto enviado à linha de pesquisa *Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e Sentimento na História* no ano de 2012 se propunha dar continuidade aos estudos sobre gênero e masculinidade que recentemente havíamos concluído. Pela dissertação intitulada *O Homem da Imagem e a Imagem do Homem: A construção da subjetividade masculina por meio dos retratos e periódicos de Curitiba na virada do século XIX para o XX* (BOTTON, 2013) estudamos alguns mecanismos subjetivos pelos quais os ideários modernos de masculinidade se estabeleceram nos lares burgueses da pequena capital paranaense. Partindo da ideia de traçar *genealogias* enquanto *cartografias*<sup>1</sup> da masculinidade, buscamos ampliar o escopo da nossa pesquisa de doutorado em esfera simultaneamente nacional e internacional, de forma a contemplar o gênero não apenas pela perspectiva cultural, mas também política.

---

<sup>1</sup> Os dispositivos são elementos prioritários do empreendimento foucaultiano em sua interpretação histórica da filosofia, segundo o pensador: “O que eu tento assinalar sob este nome [dispositivo] é, em primeiro lugar, um conjunto deliberadamente heterogêneo, compreendendo discursos, instituições, disposições arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas: os elementos do dispositivo são o dito e o não dito. O dispositivo, em si mesmo, é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. Em segundo lugar, o que eu gostaria de referir no dispositivo é justamente a natureza do laço que pode existir entre estes elementos heterogêneos [...] Em terceiro lugar, por dispositivo, entendo uma espécie - digamos - de formação que num dado momento histórico teve por função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem portanto uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 1979, 138-139). Tal compreensão permitiu que se conectassem as teias de poder com as redes de saber, já que se interconectavam mutuamente para a produção de efeitos de verdade e se impor na produção de positivities políticas e subjetivações no decorrer de uma contingência histórica. Nesse sentido concordamos com Kleber Prado Filho e Marcela Montalvão Teti quando afirmam que tal conceituação é muito enriquecida se trabalhada em paralelo com a formulação deleuziana e guattariana de *cartografia*, que “não se refere a territórios, mas a campos de forças e relações; diz mais respeito a movimentos do que propriamente a posições fixas; desdobra-se no tempo, mas também no espaço, além de incorporar os métodos históricos de Foucault – o eixo metodológico saber-poder-subjetividade – à medida que se apresenta como método de análise de dispositivos” (2013: 48). Nesse sentido a relação dispositivo-cartografia deslinda os jogos de poderes inscritos e mutuamente sustentados com os saberes na composição de verdades e subjetividades a serem produzidas no interior de uma contingência histórica, ética e política definida.

Em busca de subsídios teóricos para tal, encontramos no livro *Multidões em Cena*, de Maria Helena Capelato (2009) certos vestígios de gênero na política dos presidentes Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón. Nessa ocasião, aventamos a hipótese de que no decorrer do século XX determinados ideários de gênero foram gradativamente transpostos do campo privado do lar para o espaço público da macropolítica. Foi assim que surgiu a proposta de estudar a influência da masculinidade nos regimes ditos *populistas*<sup>2</sup> que marcaram o Brasil e a Argentina.

Na ocasião pretendíamos compreender as transposições dos ideários privados de gênero à esfera pública a partir de uma história comparada entre a política varguista e peronista com os quadrinhos do curitibano Alceu Chichorro e do portenho Guillermo Willy Divito, já que ambos retratavam humoristicamente cenas privadas a partir de uma dicotomia masculino/feminino, criticando a política e a moral que, segundo nossa hipótese, afetariam as valorações de gênero ensejados pelos respectivos governos brasileiro e argentino da época.

Depois de selecionarmos e digitalizarmos mais de 3500 tiras de Divito e 2000 de Chichorro, compreendemos que a hipótese original era problemática, justamente porque pressupunha um padrão único de moralidade varguista e peronista a ser contraposta pelos quadrinhos. Ao estudarmos mais aproximadamente os regimes de Vargas e Perón, pudemos constatar que, embora nunca questionassem a hierarquia de gênero, ambos possuíam ideais de gênero bastante oscilantes e dialógicos em relação às contingências políticas de cada situação e contexto, não por acaso foi em seus governos que o direito ao voto feminino foi garantido<sup>3</sup>. Mais que isso, ao lermos textos como os de Omar Acha (2013) que estuda especificamente as relações de gênero e masculinidade no peronismo, pudemos compreender como esses padrões eram contingenciais, de maneira a relativizar a própria ideia de *peronismo* como um movimento político homogêneo e organizado com objetivos e enunciados unificados em torno de um núcleo ideológico ortodoxo. Pelo contrário, tanto no regime de Vargas quanto no de Perón, encontramos uma complexa configuração de múltiplos interesses e projetos de nação que tornaria praticamente impossível abordarmos *uma* moralidade ou *um* padrão ideal de gênero.

---

<sup>2</sup> Por sua generalização o conceito de populismo se mostra pouco fértil teoricamente, já que deixa escapar as particularidades de cada regime estudado (CAPELATO, 2001) por outro lado, também é proveitoso no sentido de aproximar experiências políticas tão díspares ao redor de um mesmo eixo analítico comum.

<sup>3</sup> A questão do voto feminino é bastante complexa e depende de outros fatores que pressionavam no momento, tais como as bulas papais que ensejavam esse direito, bem como o interesse dos regimes em arregimentar as mulheres a partir da criação de mecanismos institucionais para incorporá-las também em seus quadros políticos. Talvez o mais expressivo exemplo nesse sentido seja o Partido Peronista Feminino impulsionado pelo protagonismo político de Eva Perón. Para compreender mais sobre esse impacto Cf. (DÍAZ, 2005).



Dessa encruzilhada decidimos abandonar as tiras humorísticas para concentrar nossa atenção nas maneiras como o gênero se articulou à política varguista e peronista, mais precisamente, passamos a questionar de forma mais aprofundada as linguagens e construções teóricas que construíram racionalidades que afirmavam um poder de liderança por meio da hierarquização dicotômica entre o masculino e o feminino. Com as lentes das estudiosas feministas estadunidenses que pesquisavam o gênero na macropolítica, tais como Wendy Brown (2002) e Joan Scott (S.D.), passamos a ler os 11 volumes dos discursos completos de Vargas (1938-1947) mais os volumes de 8 a 19 das obras completas de Perón<sup>4</sup> (1998) buscando nas palavras dos presidentes as conotações de gênero mais incisivas sobre o contexto político do período. De fato encontramos muitas referências à masculinidade e as mais sortidas metáforas que hierarquizavam homens e mulheres naqueles enunciados. Porém, nos importunava a constatação de que tudo que líamos era manifestação do *resultado* de um processo já consolidado, de um discurso pragmático em operabilidade formal e aplicação positiva, respondendo às contingências, demandas e anseios imediatos, sem evidenciar os fundamentos ou princípios previamente traçados que embasavam tais enunciações.

A partir da leitura da bibliografia especializada – tal como os escritos de Paulo Renato da Silva (2009), Omar Acha (2013), Daniel James (2010) Alcir Lenharo (1986), Ângela de Castro Gomes (2015) (2010) (1998), Eliana de Freitas Dutra (2015) dentre muitos outros – passamos a compreender algumas lógicas de poder no interior dos regimes estudados, já que a grande maioria aponta certo protagonismo dos intelectuais como intérpretes e formadores dos novos rumos políticos que os regimes de Vargas e Perón passaram a assumir. Maria Helena Capelato (2009) já anunciava que toda formulação simbólica e propagandística passava pelo crivo de uma intelectualidade atuante, que investia seu talento na composição de estruturas racionais e afetivas de sustentação de ambos os regimes encabeçados pelos dois líderes.

Seguindo essa pista, buscamos encontrar os vestígios de gênero presentes nos tratados de alguns dos principais intelectuais que definiram coordenadas discursivas, tais como Ramón Carrillo o próprio Perón na Argentina; e também Francisco Campos, Oliveira Vianna e Gustavo Capanema no Brasil. Além do mais, para alcançarmos uma dimensão mais capilar na construção simbólica e pragmática da masculinidade de Vargas e Perón, incluímos em nossos estudos as biografias dos presidentes, redigidas por intelectuais de menor envergadura, tais como André Carrazzoni e Eduardo Pavón Pereyra, porque escreveram a partir das ferramentas *psi* sobre a personalidade dos presidentes, auxiliando tanto na edificação dos

---

<sup>4</sup> Que abrangem os discursos pronunciados durante o período presidencial de 1946-1955.

novos desdobramentos e incumbências do Estado, quanto na construção da simbologia política e discursiva dos próprios líderes em questão. Ao aprofundarmos a análise percebemos que tais tratados biográficos eram extremamente elucidativos quando lidos a partir da chave teórica do gênero, pois propunham operar como singulares construções teóricas e pragmáticos mecanismos de legitimação, tanto da liderança quanto da autoridade dos presidentes considerados líderes viris, que possuíam qualidades pessoais masculinas tidas como superiores.

Nesse contexto, destacaram-se as qualidades consideradas masculinas a sustentarem os postos de autoridade dos presidentes a partir do conceito motor de toda essa engrenagem psicopolítica: a *personalidade*. Em leitura mais imersa do contexto, compreendemos que essa estrutura conceitual se remetia especificamente aos jargões médicos e científicos da época que destinavam seus esforços ao estudo da *psique* humana. Assim, o conceito de *personalidade* pode ser considerado um *guarda-chuva teórico* na época, cobrindo e respaldando as formulações de um atuante grupo de intelectuais, tais como psicólogos sociais, psicanalistas, eugenistas, evolucionistas, biotipólogos, caracterólogos e higienistas que compunham o seletivo campo das ditas *ciências psi*. Por seu minucioso trabalho de caracterizações e classificações humanas, tal conceito estava intimamente pautado por uma racionalidade científica que sustentava politicamente a legitimidade dos homens políticos de quem tratavam.

A aproximação das ciências psicológicas com a política fez com que nossa pesquisa ganhasse novas e diferentes dimensões. Ora, se para a definição da personalidade dos líderes foram elencados seus atributos de virilidade, isso se dava porque existia uma relação intrínseca, conjunta e inseparável entre os saberes psicológicos e as hierarquizações de gênero que sustentavam a supremacia da masculinidade, tanto na esfera pública quanto na privada. Por meio dessas constatações, não seria mais possível entender a influência do gênero na esfera política sem compreender suas aproximações com a psicologia e os demais *saberes psi*<sup>5</sup>. Desse amálgama estruturou-se um discurso específico sobre a liderança muito corrente no contexto mundial, da qual enfatizamos sua incidência nos contextos brasileiro e argentino das décadas de 1930 a 1950.

---

<sup>5</sup> À partir das leituras foucaultianas de Nikolas Rose (2011) compreendemos os *saberes psi* enquanto um corpo de discursos e práticas profissionais, um conjunto de técnicas e sistemas de julgamento presentes em distintos campos sociais, um componente capaz de governar sujeitos e condutas. Essa classificação pode abranger desde as principais disciplinas científicas, éticas e políticas que apresentam o radical *psi* tais como: psicologia, psicanálise e psiquiatria, bem como também pode referir-se àqueles campos do conhecimento que se utilizaram ou se inspiraram nos pressupostos de tais disciplinas, tais como a eugenia, a caracterologia, a biotopologia, o higienismo e a criminologia.

No intuito de compreender esses processos interativos entre psicologia, gênero e política, encontramos indícios de que tais relações não seriam algo novo ou revolucionário, pelo contrário, se davam no interior de um longo processo teórico e dialógico que surgira junto das próprias *ciências psi* a partir da segunda metade do século XIX. Não por acaso, foi esse o contexto do surgimento dos conceitos de *personalidade* e de *massas*, tanto na esfera científica quanto no campo social. No sentido de mapear o processo de surgimento desses ideários e suas aplicações sociais, retornamos à leitura de alguns dos pensadores que fundamentaram os saberes psicológicos sobre a personalidade e assim lançaram os pressupostos para sua utilização pública. Por nossa hipótese, tais saberes se mesclaram a uma hierarquização de gênero para fundamentar uma concepção política que marcaria o pensamento da época, reverberando até mesmo nas formulações que embasaram a construção simbólica e retórica dos *mitos* de Vargas e Perón.

Ao acompanharmos o avanço das discussões sobre a personalidade no campo sociopolítico percebemos que tal teoria não supunha apenas a formação do caráter singular de um homem, antes disso, se preocupava em articular tal caráter a uma *taxonomia geral de homens*, estabelecendo aqueles que estariam aptos ao mando e aqueles que deveriam obedecer. O verdadeiro líder seria aquele que possuiria traços de personalidade específicos, vinculando psicologicamente a liderança à masculinidade. Nesse sentido, a leitura do livro de Yves Cohen (2013) *Le siècle des chefs: une histoire transnationale du commandement et de l'autorité (1890-1940)* enriquecida pelos profícuos diálogos com o autor, nos fizeram perceber que as questões da *chefia* e da *autoridade* não eram mero fetiche intelectual ou social da época, mas duas das racionalidades mais pragmáticas a impactar nas relações de poder em praticamente todos os regimes políticos da primeira metade do século XX, denominado pelo autor como *o século dos chefes*. Segundo Cohen, esses ideários circularam de maneira transnacional, sem respeitar barreiras geográficas ou ideológicas: desde o mais ferrenho democratismo estadunidense até o mais totalitário nazismo alemão ou bolchevismo soviético estavam marcados por uma incessante e até mesmo compulsiva demanda pelo *líder* a comandar as *multidões*. Todas as sociedades estudadas por Cohen estavam cravejadas pelas múltiplas hierarquizações de lideranças, não apenas na esfera da política estatal, mas também nos meios militar, industrial e comercial, todos eles demonstravam uma verdadeira compulsão por tal liderança e sublinhavam a indispensável *necessidade* de um chefe a comandar o corpo composto por subalternos.

Foi nesta profícua discussão sobre a chefia que encontramos certos fundamentos que articulavam a psicologia (na figura da personalidade) e a política (na imagem do líder). A questão que preocupava residia no fato de que se focássemos apenas nesse binômio, perderíamos de vista o caráter eminentemente social da questão, elemento indispensável para pensar o político. Dessa maneira, para compreendermos os desdobramentos sociopolíticos da liderança do chefe viril foi indispensável estudar a formação de determinadas lógicas no interior da discussão psicológica, que não apenas afirmavam a esfera positiva do líder e sua personalidade racional, mas inversamente, também se concentrava em nomear, agrupar, classificar, desclassificar e subordinar seu polo oposto, a saber, as *massas* analogamente consideradas irracionais. Foi assim que o tema das *massas* surgiu como uma questão central na construção da personalidade líder, já que por vias dicotômicas elas configurariam justamente um grupo homogêneo de indivíduos que *carecem de personalidade*, sendo o líder *portador dessa personalidade* viril que comandaria sua inconsciência.

Dessa forma, iniciamos nossa tese com a teorização produzida no final do século XIX por Gustave Le Bon em sua *Psicologia das Massas* (2005), já que tal obra fundou uma verdadeira teoria da liderança a partir da oposição entre a personalidade do líder e a irracionalidade das massas. Mais que isso, sua teoria se baseava estruturalmente numa dicotomia de gênero que comparava as massas ao elemento feminino – e às próprias mulheres – consideradas hierarquicamente e racionalmente inferiores aos homens representados pela imagem do líder. Essa seria a pedra elementar dos principais pressupostos psicológicos de uma liderança política respaldada pelos traços de personalidade masculinos possuídos pelo chefe. Ao compararmos a linguagem e as repetidas citações desse teórico no contexto latino-americano, compreendemos que a seletiva apropriação de suas ideias foi fundamental para a elaboração de discursos de legitimação para a liderança política e estatal, tal como de Vargas e Perón. Essa constatação não é de todo inédita, já que alguns estudiosos como Carlos Altamirano (2006), Alcir Lenharo (1986), León Rozichner (2012), Paulo Renato da Silva (2003), demonstraram as influências lebonianas na política populista, embora que por seus interesses de pesquisa diversos, pouco tenham sublinhado o gênero que, segundo a hipótese principal dessa tese, é indispensável para a compreensão política e pragmática da ideia de liderança e autoridade da simbologia dos referidos presidentes.

Nesse sentido, apenas poderíamos confirmar nossas hipóteses se preenchêssemos o hiato entre uma teoria científica formulada no oeste europeu em fins do século XIX e sua apropriação interpretativa realizada no Brasil e Argentina de meados do século XX. Isto é,

para a defesa de nosso argumento foi importante compreender os mecanismos teóricos, intelectuais e políticos pelos quais a psicologia da personalidade e das massas foi incorporada, interpretada e ressignificada pelos saberes médicos, eugênicos, psiquiátricos, higiênicos, psicológicos e psicanalíticos que germinavam em solo brasileiro e argentino, para assim compreendermos a influência dessas ideias na formulação da *liderança* de Vargas e Perón.

Para traçar aproximação entre a psicologia e sua aplicação prática nos regimes populistas foi necessário transcender ao próprio *métier* psicológico, no sentido de compreender como tal ciência também foi apropriada por outras áreas de influência social, tais como a igreja e o exército, no intuito de formular um discurso que embasaria uma específica noção de *autoridade*. De maneira distinta, a psicologia da personalidade e das massas foi largamente apropriada pelo discurso psicanalítico freudiano que na década de 1920 sustentava uma ideia de *autoridade* estabelecida de maneira *libidinal* e amorosa, reduzindo a distância hierárquica entre o líder e as massas. Assim, chegamos a uma interpretação análoga a um movimento pendular, oscilando de acordo com a corrente mestra da psicologia: de um lado para a *liderança* viril e imponente de um *homem* que domina as multidões femininas; do outro, uma *autoridade* amorosa desse homem, que mereceria respeito e consideração dos subordinados da mesma forma que receberia um pai de família, que estabelece laços afetivos com seus entes protegidos. Simetricamente poderíamos dizer que nosso pêndulo oscila de uma *liderança* leboniana baseada na imposição prestigiosa e uma *autoridade* freudiana baseada no amor libidinal. Dessas oscilações poderíamos compreender não apenas a formação simbólica de uma chefia impositiva, mas também de lideranças que dependiam da aceitação dos subalternos. Apenas a adesão obediente mas ativa dos liderados garantiria aos presidentes o legítimo desígnio da autoridade, sem isso seriam considerados tiranos ou déspotas.

## 2) A metáfora do mosaico

É evidente que a estrutura de uma única tese não seria capaz de abarcar todos os desdobramentos de gênero na composição da liderança e autoridade de Vargas e Perón, dada a abrangência e multiplicidade de influências e fatores condicionantes. Por outro lado, não poderíamos nos furtar de realizar uma aproximação entre a psicologia, o gênero e a política nesse contexto, dado que são intrinsecamente relacionados. Se concordarmos com a constatação de Jean François Lyotard quando afirma a insustentabilidade contemporânea das *metanarrativas* modernas que se propunham a formular uma verdade única e categórica a

responder conclusivamente sobre a ciência, a cultura e a sociedade (1993), então resta-nos trabalhar com os múltiplos fragmentos, tal como refletira Gilles Deleuze e Felix Guattari em sua ideia de *cartografias* já que “O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza” (1995: 22). Nesse sentido, arquitetamos nossa tese optando por uma composição em formato de *mosaico*.

O mosaico é uma técnica geralmente artesanal que compreende um conjunto de fragmentos ordenados de maneira conjunta, embora que não totalmente conectados entre si. Pelo contrário, a grande característica dos mosaicos é a união de fragmentos díspares, tecnicamente chamados de *tesselas*<sup>6</sup>, aplicados à uma superfície (COELHO, 2003). Cabe ressaltar que individualmente as *tesselas* são inconclusivas, sendo seu efeito estético apenas percebido no movimento de composição de uma totalidade. Assim, o mosaico é uma arte que se afirma pelo conjunto, embora que não perca o elemento fragmentário que preserva a singularidade de cada *tessela* em composição com as demais. Nesse sentido mosaicista, nossa tese também busca realizar a aproximação de múltiplos fragmentos teóricos, excertos textuais das mais diferentes colorações: científicos, doutrinários, políticos, intelectuais, populares, militares, católicos etc. de forma a arregimentá-los em torno de uma narrativa sobre as influências de gênero e da psicologia na fundamentação da autoridade e liderança de Vargas e Perón.

Cabe ressaltar que o mosaico é uma composição ornamental, que se adapta e se incrusta nas demais estruturas arquitetônicas, dando sua aparência externa e seus efeitos visuais por vezes ludibriantes e encantadores. Esse paralelo também pode ser realizado com o caráter da discussão que empreenderemos, já que trabalhamos com os elementos simbólicos e discursivos que coloriram e figuraram a imagem política de Vargas e Perón, de forma que nossa preocupação destina-se àquilo que Sigfried Kracauer referia-se como o *ornamento da massa* (2009), as coloridas racionalidades que pretendiam unificar as subjetividades no interior de um ideário mobilizante e politicamente eficaz. Nosso intuito é compreender as formulações enunciativas e simbólicas que fundamentaram as racionalidades políticas (psicológicas e de gênero) que por sua vez sustentaram os ideários de liderança e autoridade de Vargas e Perón. Isso não significa que nosso estudo seja menos pragmático ou puramente teórico, afinal, já está mais que consolidado historiograficamente que os elementos simbólicos

---

<sup>6</sup> Segundo Isabel Ruas Pereira Coelho: “O recurso básico de criação artística no mosaico é a tessela – pequena unidade de cor material, e o movimento criado pela associação de tesselas lado a lado, chamado de “andamento” (2003: 02).

evocados por tais regimes foram de fundamental importância para a manutenção de seus governos, sendo que algumas das bases de sustentação popular que garantiram um longo período de permanência de ambos os líderes no poder foram as reverberações e êxitos desse tipo de abordagem considerada *sentimental* da política<sup>7</sup> (ACHA, 2013). Além disso, compreendemos que tais simbologias adquiriram um caráter pragmático e positivo no momento em que foram utilizadas discursivamente como suportes simbólicos para a prática de ações e sustentação de concepções políticas e subjetivas nos contextos estudados.

Nesse intuito mosaicista, em primeiro lugar, dispusemos as pedras e recortamos a origem das *tesselas* a serem empregadas, por isso consideramos pertinente trabalhar já nessa *introdução* algumas formas pelas quais se constituíram política e epistemologicamente as interpretações psicológicas acerca da *personalidade do líder* e a construção de sua superioridade masculina frente às massas consideradas despersonalizadas e femininas. Com isso, ambientaremos e contextualizaremos a formação dos saberes psicológicos que ensejaram esquadros de hierarquização social por meio das metáforas de gênero, que impactaram concepções e práticas políticas na primeira metade do século passado. Nesse sentido, discutiremos alguns matizes de psicologia e gênero em Le Bon, explanando os fundamentos dos laços carismáticos que se acreditava vincular o chefe às massas. Após essa breve abertura teórica e genealógica dos saberes psicopolíticos europeus, passaremos a estudar em nosso *primeiro capítulo* algumas interpretações brasileiras e argentinas que consideramos paradigmáticas acerca da psicologia da personalidade e das massas, observando suas valorações hierárquicas de gênero na construção da imagem de um homem portador de qualidades de personalidade consideradas viris e racionais, que lhe garantiriam o domínio sobre as massas metaforicamente classificadas como femininas. Assim, abordaremos as múltiplas apropriações e *intertextualidades* com esses ideais psicológicos e de gênero a partir das interpretações realizadas por médicos psicólogos, psiquiatras, psicanalistas, eugenistas e/ou higienistas que construíram pouco a pouco toda uma estrutura científica para um argumento político. Nesse sentido levaremos em consideração as primeiras formulações que defendiam a superioridade masculina de alguns escassos homens até suas conclusões políticas acerca da liderança destes sobre as massas. Pelo caráter mosaicista de nossa abordagem não tivemos a pretensão de esgotar o pensamento de cada um deles, apenas recortamos e organizamos sequencialmente as *tesselas* que dialogavam com a psicologia da personalidade e das massas, formando um mosaico de cores relativamente semelhantes, um *andamento*

---

<sup>7</sup> No início do segundo e terceiro capítulos abordaremos com detalhe esse tipo de concepção a partir do pensamento de Francisco Campos e do próprio Perón.

montado e organizado pela interpretação e análise desses documentos que dialogavam de maneira intertextual, transdisciplinar e, em muitos casos, transnacional.

A partir da ideia de mosaico, tivemos a pretensão de criar um efeito estilístico de *degrade*, ao demarcarmos certas transições e continuidades que aqueles discursos assumiram a partir das distintas leituras e demandas políticas de cada contexto. É por isso que iniciamos nosso estudo com publicações exclusivamente científicas que lançaram distintos empregos da psicologia da personalidade e das massas, para então compreendermos o vagar com que essas discursividades foram sendo transpostas para a esfera política da *liderança*.

Essa disposição específica de *tesselas* estudadas no primeiro capítulo abrirá as ranhuras simetricamente proporcionais aos novos fragmentos utilizados na composição da personalidade de Vargas e Perón como chefes varonis e condutores das massas. Dessa forma, os próprios fragmentos que trabalharemos no primeiro capítulo servirão de forma e esquadro para a estruturação sequencial apresentada no *segundo e terceiro capítulos*, focados nas maneiras com que as biografias dos presidentes, inspiradas pela psicologia da personalidade e das massas, realizaram uma hierarquização social e de gênero a partir da contraposição entre o líder, considerado masculino, e as massas, tratadas como femininas.

Mas essas dicotomias puras são demasiado simplificadas e binárias para um contexto recheado de complexidades e sentidos cambiantes, dessa forma poderemos constatar que a noção de *liderança*, como condução de um homem viril e impositivo, não era suficiente para dar conta das lógicas que estruturavam os regimes de Vargas e Perón, da mesma forma que também não era suficiente para abranger o caráter relacional, subjetivo e simbólico alçado pelos dois regimes em seu constante diálogo com as multidões brasileiras e argentinas. Nesse sentido, se fez necessário o estudo de outra dimensão das teorias psicológicas da liderança: a fundamentação de uma ideia de *autoridade* que demanda aceitação e participação pessoal do liderado. Nesse intuito, nosso *quarto capítulo* pretendeu esclarecer acerca das distintas linguagens e ferramentas que foram elencadas e harmonizadas no vocabulário político do período, permitindo com que se estabelecesse não apenas uma dominação impositiva mas um diálogo compreensivo e libidinal entre o líder e as massas. Tais técnicas já estavam descritas nas antigas *artes de governar*<sup>8</sup>, foram habilmente apropriados pelos psicólogos sociais e

---

<sup>8</sup> Compreendidas enquanto a administração de uma população por um governante tomado como pastor do rebanho, que inspira obediência e ordem, que direciona condutas e sentimentos. Tal noção será mais aprofundada no quarto capítulo em que pormenorizaremos o conceito contemporâneo de *autoridade* enquanto ideário inspirado nos modelos governamentais provenientes do pensamento católico-político dos períodos medieval e moderno.



especialmente psicanalistas, tais como o próprio Freud, que os empregaram para criar uma legítima teoria sobre a condução das massas.

Por nossa leitura essa teoria operou como um legítimo *dispositivo* a impregnar os saberes-poderes militares, católicos, psicológicos e políticos dos séculos XIX e XX. Dessa forma estudaremos as interpretações realizadas por generais, padres e intelectuais dessa época para compreendermos as lógicas pelas quais se transcendeu metaforicamente os distintos exercícios de governo, dos outros, do lar, do exército e do Estado, permitindo que as *autoridades* do pai, do general e do líder pudessem ser entrecruzadas enquanto conjunto dos atributos ou qualidades de personalidade, como a bondade, a amizade e a compreensão, a legitimar laços de amor e carinho entre o líder e as massas, que não mais seriam hipnotizadas, mas demandantes dessa relação de dominação.

Inspirados no mosaico, novamente buscamos imprimir o efeito *degrade* ao demonstrarmos os trânsitos com que essas teorias foram sendo deslocadas e apropriadas no contexto latino-americano, passando de uma teoria psicológica individualista da personalidade até chegar a suas utilizações práticas na construção de simbologias políticas coletivas a operar sobre os planos ético-políticos da condução das condutas individuais e coletivas. Dessa forma as teorias que edificaram a personalidade de Vargas e Perón também criaram dispositivos que atuaram na produção de simbologias políticas que sustentaram formas de *governo* no interior das sociedades brasileira e argentina de meados do século XX. Dessa forma, o quarto capítulo lega abertura teórica, epistemológica, contextual e conceitual aos dois seguintes, que demonstram as lógicas pelas quais foram edificadas as *autoridades* dos dois *pais da nação*.

Como peças que faltavam, o *quinto e sexto capítulos* demonstrarão pormenorizadamente as formas com que os mecanismos dessa concepção psicológica e de gênero da *autoridade* foram empregados pelos biógrafos e tratadistas políticos que buscavam edificar as personalidades de Vargas e Perón enquanto *compreensivos psicólogos, líderes carinhosos e zelosos pais da nação*. Por tais chaves de leitura aventamos a hipótese de que a própria linguagem e a estrutura argumentativa dessas biografias e tratados psicopolíticos são pontos de conexão entre os *saberes psicológicos* (médicos, eugênicos, militares), os *poderes de liderança* (mando), autoridade (obediência, governo, adesão) e as *subjetividades* (sentimentos, afetos, paixões) a partir de um contexto profundamente marcado pela insígnia do gênero, que tinha por função orbitar, cozer e entrecruzar esses polos, por meio da reiterativa afirmação da virilidade de Vargas e Perón. Para além do panfletarismo elogioso,

tais documentos são interpretados como legítimas fontes de *construção* e emissão do vocabulário que embasou as percepções e afetos políticos desse período. Assim concluiremos nossa *genealogia* da psicologia e da masculinidade na política.

Dessa construção tão lógica e minuciosa dos *saberes* sobre o líder à sua aplicação nos *poderes* de Vargas e Perón, restaria a fantasiosa impressão de um ordenamento de ideias e projetos isentos de contradições, ranhuras ou dissensos. Como boa parte da bibliografia explícita, tratar desse período significa inserir-se em debates impassíveis de serem simplificados dicotomicamente. Dessa forma é importante sublinharmos o caráter contextual e o alcance específico que nossa análise possui, afinal de contas, direciona-se aos discursos sustentados pela documentação analisada. Ressaltamos que a construção de uma narrativa acerca das transposições psicológicas de masculinidade para as concepções de liderança e autoridade em Vargas e Perón implica numa deliberada seleção daquelas formulações consideradas pertinentes, dada a infinidade de documentação disponível sobre o período. Dessa forma salientamos que a maior parte das fontes históricas analisadas foi publicada em formato *livro*, já que era do interesse e da ambição de seus escritores e editores que tais obras fossem multiplicadas, distribuídas, lidas e compreendidas tanto por especialistas quanto pelo público leigo. Nesse sentido o livro nesse contexto é concebido como uma ferramenta de eficácia pedagógica, modelando mentes e almas a arregimentarem-se em torno de ideias especificamente concebidas e difundidas. Esse fato já esclarece algumas preocupações que tivemos na seleção da documentação a ser analisada: a primeira refere-se à importância social que receberam tais ideários. Num período em que a editoração ainda não era de todo acessível, a contar pelo preço do papel que atingira marcas exorbitantes em consequência da Segunda Guerra Mundial (SARLO, 2003) era necessário que o autor possuísse certo destaque, riquezas, prestígio ou influências, bem como ideias minimamente compartilhadas para que pudesse publicar um texto em formato de livro (DUTRA, 2015).

Isso significa que esses discursos já passavam por certa *apreciação editorial estratégica*, que demonstra a existência de interesses públicos ou institucionais por trás dessas publicações. Pela própria materialidade da impressão podemos compreender que as ideias veiculadas nesses livros faziam parte daquilo que Foucault chamou *arquivo*, compreendendo as formulações e enunciações possíveis de serem escritas, ditas ou pensadas em determinado contexto histórico, compondo o substrato epistemológico daquela contemporaneidade. Para ressaltar a evidência e representatividade histórica e política dos pensamentos analisados, buscamos selecionar nomes de autores destacados, seja por sua posição sociopolítica, seja por

seu renome institucional, sendo assim considerados paradigmáticos em seus respectivos campos de atuação. Justamente por tal notoriedade, muitos deles realizaram trocas e apropriações conceituais transdisciplinares e transnacionais. Assim, buscamos evidenciar o caráter de continuidade entre uma formulação e outra, explicitando alguns procedimentos dialógicos e intertextuais<sup>9</sup> que transpassaram o ambiente intelectual, científico e político do contexto estudado.

Levando tais pressupostos em consideração, no *sétimo e último capítulo* buscamos contrastar novas leituras às formulações da *personalidade, liderança e autoridade* masculina dos líderes, a partir do estudo das manifestações populares, múltiplas e fragmentadas, expressas pelas cartas que os liderados escreviam a Vargas e a Perón: elogiando, apoiando, sugerindo e/ou solicitando. Nesse sentido, interpretaremos metaforicamente esses documentos epistolares como *decalques* multicoloridos desordenadamente fixados e sobrepostos acima do sólido concreto institucional dos discursos que já pintavam a personalidade, liderança e autoridade dos presidentes. Como todo decalque, tais cartas apresentavam permeável transparência se adaptando aos tons e colorações das *tesselas* preexistentes, embora que, para concretizar suas demandas, objetivassem recolorir de maneira singela os discursos propagados pelos regimes varguistas e peronistas. Dessa forma, tais *cartas-decalques* eram simultaneamente aderentes na face colante ao regime, ao passo que inseriam novos interesses na contraface, recriando texturas, formas e desenhos singulares para as subjetividades políticas circulantes naquele período. Embora que fosse ousada a postura de referir-se pessoalmente à maior figura de poder da nação, tais missivistas não ultrapassavam os limites discursivos que pautavam a simbologia política e as relações subjetivas tecidas entre o povo e os presidentes. Assim se estabeleceu um complexo e muitas vezes ambíguo jogo de aceitações e reinterpretações que gerava oscilações nos próprios significados daquilo que poderia ser compreendido como varguismo ou peronismo, mesmo que suas estruturas hierárquicas e de gênero mantivessem-se intactas.

### 3) Do mosaico como metáfora

Na formação mosaica pretendemos apresentar não apenas a argamassa com que conectamos as *tesselas*, como também precisamos demonstrar a própria estrutura de

---

<sup>9</sup> Nos utilizamos da distinção estabelecida por Tzvetan Todorov, que a partir da leitura de Júlia Kristeva e Mikhail Mikhailovich Bakhtin, concebe o termo intertextualidade como um diálogo entre discursos ou textos, sendo o dialogismo um diálogo entre interlocutores (TODOROV, 1981)

sustentação do mosaico. Nesse sentido, não é mero parnasianismo o emprego das *metáforas* em nossa escrita, tais como as próprias noções de *mosaico* e *pêndulo*. Além de facilitar a visualização e compreensão das construções teóricas elencadas, as metáforas são fundamentais para o entendimento das construções teóricas, psicológicas e políticas empregadas pelos documentos analisados em nossa tese. As metáforas são estruturantes da própria linguagem política e psicológica que formularam as condições de enunciação e pensamento daquela época, por isso adquirem funções efetivas e propositivas tais como os *atos de linguagem*<sup>10</sup>, que produzem efeitos pela própria ação de serem pronunciados. Segundo George Lakoff e Mark Johnson, as metáforas consistem não apenas em uma figura de linguagem ou um instrumento linguístico, mas um elemento cognitivo, uma forma de pensar e de compreender, mais que isso, uma forma de existir no mundo, dado que não apenas pensamos, mas também *vivemos pelas metáforas*:

Metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action. Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature. The concepts that govern our thought are not just matters of the intellect. They also govern our everyday functioning, down to the most mundane details. Our concepts structure what we perceive, how we get around in the world, and how we relate to other people. Our conceptual system thus plays a central role in defining our everyday realities. If we are right in suggesting that our conceptual system is largely metaphorical, then the way we think, what we experience, and what we do every day is very much a matter of metaphor<sup>11</sup> (LAKOFF; JOHNSON, 2003: 03).

Assim, podemos compreender que a analogia organiza a própria forma que os sujeitos/sujeitados históricos percebem e compreendem o mundo, já que o procedimento metafórico formula e constrói significados, modelando os limites e alcances que determinado pensamento ou prática podem alcançar.

---

<sup>10</sup> No livro *Como Hacer Cosas con Palabras* Austin delimita uma série de sentenças que considera performativas, pois além de expressar coisas são, em si próprias, atos de fala [*speech acts*], já que “emitir la expresión es realizar una acción y que ésta no se concibe normalmente como el mero decir algo. [...] expresar las palabras es, sin duda, por lo común, un episodio principal, si no el episodio principal, en la realización del acto (de apostar o de lo que sea), cuya realización es también la finalidad que persigue la expresión” (AUSTIN, 1975: 06-08)

<sup>11</sup> A metáfora é persuasiva na vida cotidiana, não apenas na linguagem, mas no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos de como nós pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico em sua natureza. Os conceitos que governam nosso pensamento não são apenas assuntos do intelecto. Eles também governam nosso funcionamento diário, desde os mais mundanos detalhes. Nossos conceitos estruturam o que percebemos, como vivemos no mundo e como nós nos relacionamos com as outras pessoas. Nosso sistema conceitual também possui um papel central na definição de nossas realidades cotidianas. Se estamos certos em sugerir que nosso sistema conceitual é predominantemente metafórico, então as formas com que pensamos, com que experimentamos, com que fazemos todo dia são muito mais de ordem da metáfora. (T. do A.)

A operação metodológica desse procedimento foi explicada por Richard Sennett, quando sustentou que “a metáfora cria um sentido maior do que a soma de suas partes” (SENNETT, 2012: 109) ela extrapola o próprio significado de cada uma das ideias aproximadas. Nesse sentido, a *teoria da interação metafórica* de Max Black (1962) é bastante pertinente ao postular que a união entre duas noções mescladas pelo procedimento metafórico, além de afetar os significados de ambas, também cria novas acepções cognitivas e emocionais. Por exemplo, as analogias que comparam a nação com uma família, interferem diretamente naquilo que é possível de ser pensado, compreendido ou simbolizado enquanto tal. Quando integram tais elementos, tanto a imagem da família sofre alterações quanto a acepção de nação ganha novos contornos, conjugando ambas na agregadora ideia de *família nacional*. Assim podemos perceber o caráter estratégico das metáforas já que não apenas afetam determinadas realidades como constroem as mesmas, uma vez que são compostas pelo conjunto de crenças e percepções compartilhadas historicamente numa determinada época. Nesse sentido, a metáfora não é apenas um elemento ilustrativo, da mesma forma que um mosaico não é mero ornamento, antes disso, é a própria estrutura em que se constroem verdades, subjetividades, relações políticas e afetivas, novas formas de compreensões, comparações e, conseqüentemente, práticas sociopolíticas.

Véronique Mottier ao aproximar as teorias da metáfora da análise do discurso foucaultiana conclui que “metaphors (as discourse in general) are constitutive of social and political world [...] shape the way people understand their roles in society and influence their political activity”<sup>12</sup> (2008: 189), portanto a própria ação política é mediada pelas percepções transmitidas pela metáfora. Dessa forma, as relações de poder são intercambiáveis por relações de significados já que tanto as metáforas enquanto discursos “reproduce or transform relations of power as well as relations of meaning”<sup>13</sup> (2008: 189) deve-se pontuar que “metaphors classify and order reality, social and political classifications and orderings are not power itself, but rather the vehicle through which power operates”<sup>14</sup> (2008: 192). Um veículo de poder bastante eficiente, tanto se pensarmos em sua dimensão micropolítica quanto macropolítica e estatal.

---

<sup>12</sup>metáforas (como discurso em geral) são constitutivas do mundo social e político [...] configura o modo com que as pessoas entendem seus papéis na sociedade e influencia em sua atividade política. (T. do A.)

<sup>13</sup>reproduz ou transforma relações de poder enquanto relações de significação. (T. do A.)

<sup>14</sup>metáforas classificam e ordenam a realidade, classificações e ordenamentos sociais e políticos não são o poder por si só, mas antes o veículo pelo qual o poder opera (T. do A.)

Tratando dessa última dimensão de atuação, Christ'l De Landtsheer aproxima a metáfora às emoções na política partidária, permitindo compreender as possibilidades criadas por meio da instrumentalização dessa eficaz ferramenta linguística e cognitiva:

Politicians turn to metaphors because they arouse emotions that guide what we think of and how we think of it. [...] metaphorical language could be more emotive than literal language. These vivid image words create a sense of intimacy centred on the sharing of emotions. Political leaders and journalists can use the potential of metaphor in one or more directions, to enhance the perceived greatness of the speaker, to reassure the audience, or in contrast, to increase anxiety or raise anger. [...] metaphors play an important role in the framing of the outside world or in creating utopian images of how the world should be. Metaphors are powerful political style elements that have in common with ideology the subjective and often polemic view of reality (LANDTSHEER, 2009: 63-64)<sup>15</sup>.

É justamente nesse sentido que boa parte dos argumentos políticos daqueles que formularam as personalidades políticas de Vargas e Perón empregaram quando se referiram a eles como os pais da família ou como psicólogos das massas, já que tais analogias são capazes de despertar as mais profundas emoções sociais, influenciando diretamente na aceitação de suas autoridades e lideranças.

Mas a metáfora pode ir além da própria formulação dos sentimentos na política estatal, ela também impacta dimensões micropolíticas constitutivas da própria esfera subjetiva, entrecruzando as esferas pública e privada: “Discourses around national, identity, sexuality, gender or race, for exemple, are not autonomous systems but operate in the contexto of the institucional supports and practices that they rely upon”<sup>16</sup> (MOTTIER, 2008). Isso explica a intrínseca relação entre gênero, ciência e política, já que as metáforas cruzam essas diferenças num mesmo sistema interconectado, em que novas narrativas influenciam na construção das subjetividades, sentimentos e percepções políticas.

Um dos melhores exemplos para mensurar esse impacto é evidenciado pelo escrito de Nancy Leys Stepan, que estuda a analogia entre *raça e gênero*, operada pelo pensamento científico oitocentista:

---

<sup>15</sup> Políticos se voltam para as metáforas porque elas despertam emoções que guiam o que nós pensamos e como nós pensamos nisso [...] a linguagem metafórica pode ser mais emotiva que a linguagem literal. Essas vividas palavras-imagem criam um sentimento de intimidade centrado no compartilhamento de emoções. Líderes políticos e jornalistas podem usar o potencial da metáfora em uma ou mais direções, para aumentar a grandeza daquele que fala, para tranquilizar a audiência, ou ao contrário, para acrescentar ansiedade ou a raiva. [...] metáforas possuem um importante papel no esboço do mundo exterior ou na criação de imagens utópicas de como o mundo deveria ser. Metáforas são poderosos elementos de estilo político que tem relação com a ideologia da subjetiva e muitas vezes polêmica percepção da realidade (T. do A.).

<sup>16</sup> Discursos sobre nacionalidade, identidade, sexualidade, gênero ou raça, por exemplo, não são sistemas autônomos mas operam no contexto dos apoios institucionais e práticas de que eles dependem (T. do A.).

No século XIX, o gênero era notavelmente considerado análogo à raça, de modo que o cientista podia usar a diferença racial para explicar a diferença de gênero e vice-versa. [...] isso explicava as baixas capacidades intelectuais destas raças. Observou-se que a mulher se igualava aos negros pelo crânio estreito, infantil e delicado, tão diferente das mais robustas e arredondadas cabeças que caracterizavam os machos de raças “superiores”. [...] A biologia evolucionista estipulou, ainda, mais analogias. A mulher era, em termos evolutivos, o “elemento conservador” para o homem “progressivo”, preservando os traços mais “primitivos” encontrados em raças inferiores, enquanto os homens de raças superiores indicavam o caminho para novas direções culturais e biológicas. (STEPAN, 1994: 74).

O principal fundamento dessas metáforas é que, por meio de seus mecanismos de criação de novas percepções, elas possuem a capacidade de estruturar novas hierarquizações sociais de acordo com o interesse político daqueles que as utilizam, isso as torna completamente alheias a quaisquer pretensões de imparcialidade cientificista. Nesse sentido, as concepções de gênero<sup>17</sup> foram profundamente afetadas pelas construções metafóricas das ciências e da política no transcorrer dos séculos XIX e XX, da mesma forma que também as influenciaram na mesma intensidade. Mais que isso, a própria diferença sexual pode ser compreendida como uma construção científico-metafórica. Tal constatação está de acordo com a tese de Thomas Laqueur que aponta a invenção do sistema de dois sexos distintos [*two-sex-model*] por meio de retóricos mecanismos científicos, dentre eles as diversas analogias que comparam elementos naturais com humanos, de forma a *generificar* tanto o homem e a mulher por meio de uma andrologia e uma ginecologia, quanto as flores por meio de um androceu e de um gineceu (LAQUEUR, 2001). Nesse sentido Stepan afirma que pelas metáforas:

o cientista foi induzido a “ver” pontos de similaridade que antes não eram notados [...] é a metáfora que nos permite perceber similaridades que ela mesmo ajuda a construir [...] sem as analogias relacionando as “diferenças” e semelhanças entre grupos humanos, boa parte do vasto empreendimento da antropologia, da criminologia e da ciência do gênero não teriam existido (1994: 84-85)

Por meio de tais pressupostos teóricos poderemos compreender certas lógicas pelas quais essas científicas metáforas de articulação entre masculinidade e superioridade foram cada vez mais apropriadas pelo discurso político brasileiro e argentino, de forma a auxiliarem na construção dos significados de liderança e autoridade daqueles contextos.

Pelas interações metafóricas entre uma psicologia marcada pela preponderância da masculinidade e uma política embasada na liderança e autoridade chegamos ao cerne de nossa

---

<sup>17</sup> “Concebido como uma construção cultural que especifica comportamentos e atitudes atribuídos aos sexos masculino e feminino” (SHOWALTER, 1994: 27)

pesquisa: a realização de um estudo da construção da imagem política de Vargas e Perón a partir do arcabouço simbólico e hierarquizante proveniente do gênero. Desta forma, a posição política e epistemológica de nossa pesquisa é marcada pela leitura crítica e feminista que concebe o gênero como um campo de disputas simbólicas e subjetivas, que enquanto tal é político, infinitamente mais político que a tradicional *História Política* dos grandes homens<sup>18</sup>.

Desta feita, a pigmentação que colore todas as arestas, vincos e ranhuras de nosso mosaico é, certamente, a do gênero, uma vez que conecta e transpassa toda formulação teórica, empírica e metafórica empregada tanto pelos intelectuais que formularam as teorias por nós estudadas quanto pela população que se correspondia com os líderes nacionais. Mas além de ser um indispensável elemento empírico e heurístico para nosso estudo, o gênero também é utilizado como elemento teórico e pragmático, já que além de ser *uma categoria útil para análise histórica* (SCOTT, S.D.), também é uma forma de compreender a história por meio das estruturas de poder que objetivavam criar dominações e subordinações. Em outros termos, é uma forma privilegiada de fundamentar as relações de poder, já que

a diferença sexual é a forma principal de significar a diferenciação [social]. O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando os(as) historiadores(as) procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legítima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. [...] O gênero foi utilizado literalmente ou analogicamente pela teoria política, para justificar ou criticar o reinado de monarcas ou para expressar relações entre governantes e governados. (SCOTT, S.D.: 23-24)

Exatamente nessa fenda historiográfica alojaremos a presente tese, já que partimos da hipótese de que o gênero é um elemento constitutivo da política, especialmente em sua modalidade político-institucional do Estado e subjetiva. Nesse sentido, Wendy Brown (2002) propõe que a própria tradição de teoria política iniciada por Aristóteles, passando por Maquiavel até chegar a Weber e nossos pensadores políticos contemporâneos é profundamente estruturada pela dicotomia de gênero. Dessa forma, compreender as complexas tramas pelas quais a política se apropria e ao mesmo tempo recria essas hierarquias estabelecidas pelo gênero significa encontrar os fundamentos pelos quais se estabeleceram e se reestruturaram as relações, as diferenciações, os respaldos simbólicos e pragmáticos que

---

<sup>18</sup> Se compreendermos a *política* como a esfera em que se manifestam o agonismo, o antagonismo e o conflito (MIGUEL, 2014).



permitiram e ensejaram as tecnologias políticas de liderança e autoridade apropriadas, encenadas e empregadas pelos governos de Vargas e Perón.

#### 4) Da Personalidade às Massas

O período em que Eric Hobsbawm qualificou como a *Era das Revoluções* é também o momento em que as *Ciências Humanas* ganharam primazia epistemológica, fazendo da *psicologia* o ramo privilegiado para a compreensão das novas articulações entre a ciência e a política, o indivíduo e a sociedade, a esfera pública e a privada, surgidas em meio aos reordenamentos sociais e históricos do século XIX. Para dar conta dessas demandas, duas dimensões foram fundamentais para o estabelecimento do saber psicológico enquanto interpretação/afirmação política da modernidade: a noção de *personalidade*, configurando o fundamento de uma *psicologia individual*; e a noção de *massa*, agregando a multiplicidade humana no bojo de uma *psicologia social*.

Estudar o surgimento desses elementos articulados nos permite compreender as tramas pelas quais a psicologia, a partir da segunda metade do século XIX, absorveu o vocabulário político da liderança e, com isso, estabeleceu pragmáticas absolutamente inéditas, com especial destaque à formulação de uma relação ética/moral entre um *líder* e as *massas*, termos criados no entremeio desses saberes. Por tal discursividade, diversas estruturas de dominação e hierarquia, como as distinções de gênero, foram (re)apropriadas para embasar novos paradigmas sobre a liderança e a autoridade, ecoando a voz de Aristóteles quando versava que:

A autoridade e a obediência não constituem coisas necessárias, apenas, mas são também coisas úteis. Alguns seres, quando nascem, estão destinados a obedecer; outros, a mandar. E constituem, uns e outros, inúmeras espécies. §8 [...] Os animais são machos e fêmeas. É mais perfeito o macho, e dirige; é-o menos a fêmea, e obedece. Essa lei é aplicável naturalmente a todos os homens. §12 (ARISTÓTELES, 15-18 : 2005).

Nesse sentido, as perguntas que pretendemos fazer nessa introdução são as seguintes: O que significa possuir uma personalidade? O que/quem são as massas? Quais as relações que se estabelecem entre a personalidade e as massas? Como elas foram interpretadas historicamente? Quais seus desdobramentos políticos? Quais suas relações com o líder e a liderança? De que forma a psicologia e a política se aproximaram?

Responder essas perguntas pode levar à compreensão das origens daquilo que nossa tese pretende tratar, a saber: as leituras políticas sobre a liderança e a autoridade sob o ponto de vista da psicologia e do gênero pela discursividade dos intelectuais que construíram a personalidade de Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón. Isso é importante, pois essa base teórica e contextual estabeleceu muitos dos significados governamentais que foram apropriados pelos saberes médico-políticos latino-americanos na primeira metade do século XX, em especial, no Brasil e na Argentina, influenciando na forma com que se passou a compreender as relações entre a liderança e a autoridade em suas intersecções com o gênero do líder viril.

## 5) O alvorecer da Personalidade

A ideia de *personalidade* não era uma novidade para o oitocentos, filologicamente a palavra italiana *persóna* advinha do latim *persoană*, relaciona-se com a teatral noção de *máscara* (BONOMI, 2008: S.P.), porém, essa acepção pouco tem em comum com seus desdobramentos modernos. Se para os antigos essa persona-máscara seria como uma roupagem exterior, para os modernos a personalidade foi pareada com a noção interior de *self*, da qual trata Nikolas Rose:

O *self*: coerente, delimitado, individualizado, intencional, o lócus do pensamento, da ação e da crença, a origem de suas próprias ações, o beneficiário de uma biografia singular. Na condição de tais *selfs*, possuíamos uma identidade, que constituía nossa mais profunda realidade, que era o depósito de nossa herança familiar e nossa experiência particular como indivíduos, que animava nossos pensamentos, atitudes, crenças e valores. Como *selfs*, éramos caracterizados por uma profunda interioridade: conduta, crença, valor e discurso deveriam ser interrogados e explicados em termos de um entendimento de um espaço interno que lhes desse forma, dentro do qual eles eram, literalmente, encarnados em nós como seres corpóreos. Esse universo interno do *self*, esta “psicologia” profunda, residia no núcleo daquelas formas de conduzir a nós mesmos que são consideradas normais e provaram a norma para pensar e julgar o anormal – seja na esfera do gênero, da sexualidade, do vício, da legalidade ou da insanidade. E nossas vidas eram cheias de significado, na medida em que nós podíamos descobrir nosso *self*, ser nosso *self*, expressar nosso *self*, amar nosso *self*, e ser amados em virtude do *self* que realmente éramos (2011: 15-14).

Para explicar o surgimento da personalidade interior, Sennett conjectura a ocorrência de uma ruptura social e epistemológica na modernidade em que as cosmologias cristãs ou iluministas foram sobrepostas a “uma nova visão de mundo secular que resultaria numa significativa mudança no pensamento ocidental:

As coisas e as pessoas eram algo de compreensível no século XVIII, quando se lhes podia atribuir um lugar dentro da ordem da natureza. [...] O secularismo que surge no século XIX era de um tipo completamente diferente. Baseava-se em um código do imanente. Sensações imediatas, fatos imediatos, sentimentos imediatos, já não tinham que se encaixar em um esquema preexistente para serem entendidos. O imanente, o instante, o fato eram realidade em si e por si mesmos. [...] Essa nova medida daquilo que poderia servir como matéria para crença regulou a psicologia, assim como regulou o estudo dos objetos físicos. (SENNETT, 2012: 40)

Essa leitura se propunha substituir uma interpretação de mundo obcecada pelas intocáveis ordens e totalidades<sup>19</sup> (transcendentais) por outra marcada pelos *fenômenos*, que enquanto tais seriam corriqueiros, imediatos, materiais ou mesmo imanentes. Seriam esses fenômenos cotidianos como os detalhes pessoais, a roupa, os comportamentos na mesa, os traços corporais e a entonação de voz que definiriam aquilo que um homem realmente é. Dessa maneira, Sennett afirma que “a *personalidade* era uma forma dessa crença no significado *imanente* do mundo [...] cada vez mais concentrada na vida imediata do próprio homem e nas suas experiências como uma definição de tudo aquilo que se pode crer” (SENNETT, 1998: 191), ou seja, a personalidade do homem poderia ser lida por seus detalhes e traços imanentes já que esses eram tidos como signos diretos daquilo que esse homem possuiria em sua interioridade mais profunda e oculta. O século XIX marcaria o momento em que a nova *divindade* seria a intrapessoal manifestação do *eu*:

a imediatez da sensação e da percepção se tornou mais importante; os fenômenos passaram a parecer reais em si mesmos e por si mesmos, como experiências imediatas. Por seu turno, as pessoas estavam inclinadas a provocar cada vez mais as diferenças nas impressões imediatas que se davam umas às outras, a fim de ver tais diferenças, de fato, como a própria base da existência social. Essas impressões imediatas que as diferentes pessoas produziam eram tidas como sendo as suas “personalidades” (SENNETT, 1998: 192).

Se para Nikolas Rose o *self* interiorizado teria o poder de separar o normal do anormal, para Richard Sennett, mostrar-se *personalmente* singular e diferenciado pressupunha hierarquizar as relações humanas, de forma que os elementos de distinção definiriam cada vez mais a posição de poder individual em meio a um conjunto social que se despojava dos antigos *halos* que anteriormente diferenciavam a nobreza<sup>20</sup>. Para a cosmologia social do oitocentos, demonstrar publicamente os traços de singularidade e de *personalidade reforçava*

<sup>19</sup> Por *totalidades* podemos compreender os fundamentos de uma verdade universal, seja pela figura divina onipotente, seja pela figura da ciência onisciente.

<sup>20</sup> Conferir a discussão de Marshal Berman sobre a modernidade metaforizada pela *perda do halo* no lamaçal das novas vias boulevardianas descritas por Baudelaire (2007)

o elemento de diferenciação com relação aos demais, estabelecendo-se os postos de hierarquização no interior da sociedade burguesa. Por meio dessa concepção, *ter personalidade* e distinguir-se era questão de *posse*, que garantiria a possibilidade de não ser subsumido pela homogeneidade das *massas*. Nesse contexto, a *personalidade* manifesta pelo conjunto de traços interiores de conduta passou a ditar as normas de pertinência social, regras de aceitação moral e critérios de distinção e singularidade.

Segundo Sennett, a *personalidade* para o pensamento da época variava dentre os diferentes indivíduos, uma vez que “as aparências de emoção e a natureza interna do sentimento das pessoas são [consideradas] as mesmas. Uma pessoa é o que parece; portanto, pessoas com diferentes aparências são pessoas diferentes. Quando a aparência de uma pessoa muda, é porque houve mudança em seu eu” (1998:192). Isso significa que os ideários sociais da época sustentavam total identificação entre as características corporais e o *eu interior*, nesse sentido, a personalidade apenas poderia ser concebida por meio de um propósito holístico que considerasse simultaneamente as determinações físicas e mentais. Nesse contexto, uma grande semiótica de distinção respondeu à demanda massiva por características e detalhes pessoais<sup>21</sup>, o que explica o crescente interesse científico pelas teorias de leitura e interpretação dos detalhes individuais para a dedução/indução de uma verdade interior e profunda dos homens, manifesta pela personalidade, passível de ser acessada por meio da montagem do grande quebra-cabeças de pistas e indícios físicos, geográficos, psicológicos e biológicos que determinariam uma verdade sobre si mesmo. A semiótica de Peirce (1977) pode ser considerada um bom exemplo de sistema interligado de signos referenciados por meio de mecanismos representacionais, nessa esteira podemos delinear uma grande miríade de expressões estéticas como o romantismo esmiuçador balzaquiano, a literatura criminalística e suas minuciosas técnicas detetivescas, o historicismo empirista dos pormenores, a gestáltica pincelada das telas impressionistas, a *anatomia política do detalhe* utilizada nas instituições disciplinares (FOUCAULT, 2005), dentre diversas outras manifestações modernas que operavam pelo mecanismo de articulação automática entre o traço individual e a totalidade na busca pela inferência de uma profunda verdade interior, sobre aqueles elementos mais íntimos que pretensamente demonstrariam a verdadeira interioridade da pessoa analisada ou esquadrinhada.

Em conseqüente, “a personalidade é controlada pela autoconsciência [...] atenção constante dada à formulação daquilo que a pessoa sente. Este senso de controle do eu é, na

---

<sup>21</sup> Cf. *O processo de simbolização* (BOTTON, 2013)

maior parte, retrospectivo: uma pessoa entende o que fez depois que a experiência passou. [...] A personalidade é também a capacidade de ‘recobrar’ as próprias emoções [...] sentimentos como definição de quem ele é” (SENNETT, 1998: 193). Trata-se de um processo memorial, sentimental e nostálgico, muito à moda do romantismo da época, que não se furtou da constante preocupação em recuperar uma larga tradição confessional, estabelecendo o princípio da anamnese como busca da autoconsciência: “o burguês do século XIX está sempre lembrando como era aquele tempo de juventude” (SENNETT, 1998: 193), não por acaso essa é a época em que os retratos pessoais e o gênero biográfico se difundiram por todas as partes do mundo (BOTTON, 2013).

Em suma, “a personalidade criada pelas aparências, controlada por autoconsciência de seu próprio passado, espontânea somente por anormalidade, essas novas caracterizações da personalidade começaram a ser usadas no século passado [XIX] para se *entender a própria sociedade como uma coleção de personalidades*” (SENNETT, 1998: 193)<sup>22</sup>. Evidentemente trata-se de um contexto elitista e burguês europeu em que tal *coleção de personalidades* é concebida justamente enquanto relicário de *grandes, distintos e poderosos homens*<sup>23</sup>. Dessa maneira, a personalidade individual apenas pode ser pensada no seio de uma problemática de poder, isso é, um tema sociopolítico, dado que na própria criação de um *eu interior* se estabelecem mecanismos de classificação e hierarquização de homens e mulheres. Em meio à uma distinção binária entre superiores e inferiores, mesclada às conturbadas experiências revolucionárias que assombraram as elites do século XIX, surgiu a *psicologia* como uma ciência inscrita na tarefa de estudar, afirmar e comprovar os traços que distinguem um *homem superior* dos demais medianos e desvairados. Dessa maneira, a preocupação com a personalidade deve ser compreendida não apenas como configuração de um pensamento de época, mas também e principalmente, por interesses e demandas políticas que norteavam os próprios saberes psicológicos que se constituíam historicamente.

A jovem ciência da psicologia da personalidade possuía como incumbência política o detalhamento da interioridade humana e a definição das motivações responsáveis por sua conduta, permitindo-se criar categorias classificatórias e hierarquizantes à partir de critérios

<sup>22</sup> É importante ressaltar que tais fatores são simétricos às mecânicas básicas de ciências analítico-confessionais, tais como a psicanálise, que se ocupam de 1) técnicas de desvendamentos de detalhes para constituição de uma mecânica interior, 2) técnicas de anamnese e explicação do eu contemporâneo pelas diversas experiências e *complexos* do passado e, por fim, 3) técnicas de inventariado de detalhes espontâneos involuntários que permitem intuir a origem do problema e a chave da interioridade, como *atos falhos* e trejeitos.

<sup>23</sup> Não é mera obra do acaso o fato de ser esse o exato período em que a historiografia assume as formulações de Thomas Carlyle enquanto fundamentos autoevidentes da própria ciência histórica como o conjunto das atitudes e providências dos *grandes homens* Cf. (EL-JAICK ANDRADE, 2006).

psicológicos e morais como normalidade, aptidão, capacidade e racionalidade. Foi fundamental nessa discussão o caráter dicotômico com o qual as ciências humanas operavam, pois ao traçar os critérios de inclusão nos atributos de normalidade (aptidão, capacidade, racionalidade e autocontrole<sup>24</sup>), delimitam-se simultaneamente os critérios de exclusão e abjeção dos mesmos, definindo também os atributos de anormalidade, inaptidão, incapacidade, irracionalidade e passionalidade. Nesse processo de delimitação da norma, a nascente psicologia se interessou cada vez mais pelas monstruosas figuras dos *desajustados* sociais, que foram reclusos nas mais diversas instituições disciplinares, tais como *workhouses*, conventos, manicômios, exércitos e prisões (FOUCAULT, 2005). Não por acaso alguns dos primeiros interpretes e teóricos da psicologia da personalidade como Théodule-Armand Ribot e Hippolyte Taine foram também grandes interessados na criminologia a partir da personalidade do criminoso, especializando-se na descoberta dos indícios nos indivíduos desviantes da norma mental da sanidade, cientificamente estabelecida.

O que se torna evidente nesse processo é a noção de que o *homem* das ciências humanas/psicológicas nada tem em comum com a abrangente, abstrata e universal *humanidade*, pelo contrário, o *homem de personalidade* é situado como europeu, burguês, civilizado, contido, ponderado, racional, proprietário de bens e, principalmente, masculino. Isso evidencia o interesse político plenamente elitista e aristocrático dessas composições teóricas, uma vez que compreendem/afirmam um pequeno grupo de distintos *homens*, classificados cientificamente por suas qualidades inatas e características adquiridas. Este grupo seria legitimamente digno de *possuir uma personalidade*<sup>25</sup>, compreendida não apenas como possibilidade de distinção dentre os demais, mas também como portadores de poder para o uso da palavra, bilhete de ingresso para a atuação na esfera pública.

Num contexto de polarizações binárias, tais como propostos pelas ciências oitocentistas, é bastante esclarecedor compreendermos os principais desdobramentos políticos de uma psicologia da personalidade a partir de sua imagem espelhada, ou seja, daqueles qualificados como *despossuídos de personalidade*. Não apenas os qualificados como

---

<sup>24</sup> Atributos que remetem a uma longa discussão sobre o próprio fundamento da civilização, podemos pontuar a continuidade entre Freud e Elias ao defenderem a tese de que os atributos de autocontenção individual/psíquica seriam aqueles que permitiriam a possibilidade de uma vida coletiva e civilizada. Cf. *O Processo Civilizador* (ELIAS, 1994) e *Mal-estar na Civilização* (FREUD, 2010).

<sup>25</sup> A discussão sobre a propriedade como fundamento para a própria concepção de individualidade moderna é brilhantemente discutida por Etienne Balibar, que a partir dos postulados do pensador liberal John Locke se vale das ambiguidades dos termos *myself* e *myown*, interpretando-os enquanto indícios de uma posse de si mesmo a partir de uma relação correlata à propriedade privada (2013).

anormais, reclusos nas instituições, mas também aqueles que compõem a grande multidão de indivíduos comuns.

Para tratar desses sujeitos fizeram-se necessárias novas tecnologias de poderes-saberes a partir da elaboração da ideia de *multidão*, já que tal concepção se incumbia de realizar transposições simbólicas entre o plano individual, de uma personalidade singularíssima, para o plano coletivo, homogeneizado enquanto *massa*. Por meio dessa prerrogativa construiu-se a intrigante ideia de uma *Psicologia das Multidões*.

## 6) Le Bon e o surgimento da Psicologia das Multidões

Segundo Serge Moscovici a ideia de *multidão* foi um dos construtos de saber-poder mais impactantes inventados no século vitoriano e tal tradição de pensamento soube influenciar de maneira efetiva as concepções políticas de toda primeira metade do século seguinte (MOSCOVICI, 2013). A problemática principal desse saber se propunha analisar a coletividade por meio de categorias psicológicas, transformando a própria noção de psicologia, até então considerada ciência da individualidade. O grande trunfo desse nascente saber era a capacidade de interpretar/afirmar a unificação da coletividade a partir de um pensamento homogêneo, em que todo indivíduo no interior de um grupo passaria a comportar-se não mais a partir de uma personalidade singular, mas antes, de acordo com a vibração psicológica e englobante do grupo. Tal inserção indivíduo-coletivo foi fundamental na construção do conceito de *massa*, que diferentemente da simples multidão de ideias desconexas, englobaria um pensamento unificado e homogêneo.

Ainda que o psicólogo italiano Scipio Sighele seja considerado o primeiro a teorizar sobre o assunto<sup>26</sup>, podemos encontrar no famoso livro *Psicologia de las Masas*<sup>27</sup>, publicado em 1885 pelo francês Gustave Le Bon, os princípios basilares que fundamentaram uma nova compreensão das multidões:

Desde el punto de vista psicológico, la expresión masa asume una significación completamente distinta. En determinadas circunstancias, y tan sólo en ellas, una aglomeración de seres humanos posee características nuevas y muy diferentes de las

<sup>26</sup> Outros intelectuais da época também foram protagonistas dessas formulações, como é o caso de Gabriel Tarde, que compartilhou junto de Sighele, o status de construtor da psicologia das massas. Tarde foi extremamente influente em sua época, tendo questionado teóricos como Émile Durkheim. Para uma leitura mais detalhada sobre a contribuição de Tarde para uma *psicologia das multidões*, Cf. (MOSCOVICI, 2013: 197-230) especialmente o capítulo *La opinión y la multitud*.

<sup>27</sup> Optamos pela tradução espanhola justamente porque mantém a distinção entre os conceitos de *masa* e *multitud*, ao contrário da tradução portuguesa que em muitas passagens, como no próprio título, se utiliza do termo *multidão* para abranger a noção de *foule*, em nossa opinião melhor traduzida como *massa*.

de cada uno de los individuos que la componen. La personalidad consciente se esfuma, los sentimientos y las ideas de todas las unidades se orientan en una misma dirección. Se forma un alma colectiva, indudablemente transitoria, pero que presenta características muy definidas. La colectividad se convierte entonces en aquello que, a falta de otra expresión mejor, designaré como masa organizada o, si se prefiere, masa psicológica. Forma un solo ser y está sometida a la *ley de la unidad mental de las masas*. (LE BON, 2005: 15) [grifos do autor].

A transição ou a conexão entre a psicologia da personalidade à das massas depende exatamente dessa *lei de unidade mental das massas*, ou seja, a teoria postula que no exato momento em que o indivíduo entra numa comunhão de *massa psicológica*, ele haveria de ser desprovido de sua personalidade<sup>28</sup> para integrar-se ao seio da *alma coletiva*.

Para Le Bon é improvável que a *massa* possua personalidade, justamente porque em agrupamentos e coletividades os atributos clássicos da personalidade (razoamento, ponderação, reflexão, racionalidade, capacidade, etc.) se *esfumariam*, dando lugar a uma entidade violentamente ensandecida e acéfala. Nesse sentido a teoria leboniana afirma que, ao contrário da personalidade individual, as massas seriam movidas por emoções, paixões, sentimentos e demais afloramentos de reações instintivas provenientes da esfera do inconsciente<sup>29</sup>. Nessa linha teórica, a massa seria plena manifestação da irracionalidade, incapaz de manter-se em estado pacífico e civilizado, por isso classificadas como *bárbaras, selvagens, incultas, vessânicas* e, muitas vezes, *assassinas*. O próprio Le Bon as define como *impulsivas, irritáveis* e altamente *sentimentais*, incapazes de pensar ou de possuir juízo e espírito crítico<sup>30</sup>. Para o autor, tais reações bestiais e “instintos de ferocidad destructiva son residuos de edades primitivas que permanecen en el fondo de cada uno de nosotros” (LE BON, 2005: 30).

Evidentemente esse diagnóstico é fruto de uma inquietação intelectual e política frente ao contexto sócio histórico do oeste europeu oitocentista, permeado pelas grandes revoluções e agitações multitudinárias. Basta acessarmos a literatura da época para encontrarmos claros exemplos dessa percepção, tal como em Flaubert que no calor dos acontecimentos escreveu a

<sup>28</sup> Note-se que o tema da personalidade é um dos fundamentos centrais na elaboração da teoria leboniana, não por acaso o próprio livro é dedicado ao psicólogo da personalidade Theodule Ribot

<sup>29</sup> A ênfase no inconsciente é bastante fundamental para a inegável influência de Le Bon nas teorias de Freud, conforme comentaremos adiante.

<sup>30</sup> Especialmente no segundo capítulo intitulado *Sentimientos y moralidad de las masas* (LE BON: 2005). Um bom contraponto a essa posição política pode ser encontrado em Jules Michelet, que se posicionava como admirador dos levantes populares e revolucionários, o que explica sua predileção pelo termo *povo* ao invés de *massa*, dada a conotação autônoma do primeiro com relação ao caráter passivo conotado pelo segundo conceito Cf. (MICHELET, 1988).



sugestiva obra *L'Éducation Sentimentale* (1869) expressando o espírito de um jovem frente aos levantes de 1848:

Frédéric, bien qu'il ne fût pas guerrier, sentit bondir son sang gaulois. Le magnétisme des foules enthousiastes l'avait pris. Il humait voluptueusement l'air orageux, plein des senteurs de la poudre; et cependant il frissonnait sous les effluves d'un immense amour, d'un attendrissement suprême et universel, comme si le coeur de l'humanité tout entière avait battu dans sa poitrine (1869: 219)<sup>31</sup>

Os sentimentos multitudinários que para o literato eram pura ambientação romanesca, para o psicólogo era material de análise e intervenção científico-política, dado que partia de uma posição bastante conservadora, elitista e reacionária ao interpretar/rotular as revoluções e os agrupamentos coletivos sob a perspectiva das *patologias coletivas*. Para remediar a insanidade das turbas em ebulição Le Bon recomendava a posse do comando pelos poucos homens que integravam uma elite intelectual:

Las civilizaciones han sido creadas y han estado guiadas, hasta ahora, por una reducida aristocracia intelectual, jamás por las masas que no tienen poder más que para destruir. Su dominio representa siempre una fase de desorden. Una civilización implica reglas fijas, una disciplina, el tránsito desde lo instintivo hasta lo racional, la previsión del porvenir, un grado elevado de cultura, condiciones totalmente inaccesibles a las masas, abandonadas a sí mismas. Por su poder exclusivamente destructivo, actúan como aquellos microbios que activan la disolución de los cuerpos debilitados o de los cadáveres. (LE BON, 2005: 11)

Percebe-se que as caracterizações que Le Bon dá aos homens destinados ao mando das massas são justamente os atributos componentes de sua personalidade, de forma mais clara, esses homens seriam dignos de liderança devido a sua capacidade intelectual criadora, diferente da massa acéfala destrutiva e corrosiva dos pilares da civilização. Nessa formulação a *psicologia das massas*, enquanto ciência profilática, tinha a incumbência de alcançar um diagnóstico e propor um tratamento para essa bacteriologia política moderna uma vez que “las masas son, em cierto modo, como la esfinge de la antigua fábula: hay que saber resolver los problemas que su psicología nos plantea, o resignarse a ser devorado por ellas” (LE BON, 2005: 52).

Enquanto psicólogo e médico do corpo social Le Bon receitou como amargo remédio o controle e direcionamento dessa *massa psicológica* por meio do comando de um líder portador de uma personalidade tão forte que fosse capaz de hipnotizá-la:

---

<sup>31</sup> “Frédéric, que embora não fosse guerreiro, sentiu saltar seu sangue gaulês. O magnetismo das massas entusiasmadas havia estourado. Ele cheirou voluptuosamente o ar tempestuoso, pleno de aromas de pó. Então ele estremeceu sob os eflúvios de um imenso amor, de uma suprema ternura universal, como se o coração de toda humanidade batesse dentro de seu peito.” (T. do A.)

Al estar paralizada la vida del cerebro en el sujeto hipnotizado, éste se convierte en el esclavo de todas sus actividades inconscientes, que el hipnotizador dirige a su placer. La personalidad consciente se ha esfumado, la voluntad y el discernimiento han quedado abolidos. Sentimientos y pensamientos se orientan entonces en la dirección determinada por el hipnotizador (LE BON 2005: 18).

Da mesma maneira que um paciente hipnotizado, a *alma coletiva* haveria de ser sugestionada pelo hipnotizador para realizar os mais nobres e heroicos atos. Em outros termos, para o psicólogo a única forma de resolver a enfermidade social e política das turbas ensandecidas seria recorrer ao braço forte de um *líder de massas*, capaz de seduzir, impressionar e hipnotizar as multidões, podendo assim conduzi-las e manejá-las segundo os propósitos de sua potente vontade. Para defender essa perspectiva teórica/política nada mais convincente que o argumento naturalista e humanista de recorrer aos primórdios imemoriáveis da selvageria humana<sup>32</sup>:

Desde el momento en que se reúnen cierto número de seres vivos, ya se trate de una manada de animales o de una multitud de hombres, se sitúan instintivamente bajo la *autoridad de un jefe*, es decir: de un conductor o líder. En las masas humanas, el conductor o líder desempeña un papel considerable. Su voluntad es el núcleo en torno al cual se forman y se identifican las opiniones. *La masa es un rebaño que no sabría carecer de amo.* (LE BON, 2005: 59) [Grifos meus]

Aludindo a uma antiga interpretação cristã da política Le Bon apela ao arcaico argumento do *poder pastoral* para justificar a autoridade e o exercício de uma influência psicológica/subjectiva específica do líder sobre a multidão, mais ainda, segundo o autor: “conocer el arte de impresionar la imaginación de las masas equivale a conocer *el arte de gobernarlas*” (LE BON: 2005 37). Essa afirmação vai ao encontro da leitura de Serge Moscovici, quando afirma que a ambição que move Le Bon é justamente “proporcionar una solución y un método al problema del gobierno de las sociedades modernas” (2013: 168), buscando a administração de uma população por um governante compreendido como pastor do rebanho, que inspira obediência e ordem, que direciona condutas e sentimentos. Essa concepção torna-se ainda mais evidente nas passagens em que o psicólogo explica as convicções da massa por meio do sentimento religioso:

Este sentimiento tiene características muy simples: adoración de un ser al que se supone superior, temor al poder que se le atribuye, sumisión ciega a sus mandamientos, imposibilidad de discutir sus dogmas, deseo de difundirlos, tendencia a considerar como enemigos a todos los que rechazan el admitirlos. [...] En él se aúnan lo sobrenatural y lo milagroso. Las masas revisten de un mismo y

<sup>32</sup> Não é obra do acaso esse mesmo argumento sustentar as teorias da superioridade masculina, da divisão binária e hierárquica dos dois sexos opostos, tal como tratada por Lacqueur (2001).

misterioso poder a la fórmula política o al jefe victorioso que momentáneamente las fanatiza. (LE BON, 2005: 38)

Mantém-se uma estrutura de autoridade semelhante àquela formulada pelos pensadores católicos do século XVII que teorizaram o *direito divino dos reis* (FILMER, 1680); (LE VAYER, 1653), com uma marcante diferença. Se para aqueles o fundamento da autoridade se exerceria por direito divino, para Le Bon a *pragmática* e a *performance* política seriam mais importantes que quaisquer outros fatores metafísicos, por isso a centralidade dos imanes *traços de personalidade* do líder em sua teoria, tais como a *energia* e a *vontade*<sup>33</sup>, que seriam núcleos de sua autoridade. Compreender o poder por tal chave de leitura pressupõe uma concepção secularizada e *personológica* do poder político, afinal, o elemento volitivo fora considerado a característica mais marcante dos indivíduos portadores da insígnia da liderança. Segundo a teorização leboniana o elemento de sustentação da autoridade do líder das massas, ao contrário dos teóricos católicos do poder pastoral, não possuía nenhuma raiz divina, mas antes, científica, psicológica. Embora o teórico admitisse a influência dos sentimentos de cunho religioso no humor das multidões, os atributos da liderança seriam fundamentados em características ou traços individuais do líder, isso é, em sua personalidade, sem intervenção sobrenatural de nenhuma espécie. Por meio desse pensamento secularizado e imanente Le Bon não concebeu o líder como portador de atributos divinos, sendo, também ele, convencido por suas próprias crenças e vontades:

Generalmente, los conductores de masas [...] se reclutan sobre todo entre aquellos neuróticos, excitados y semi alienados que se hallan al borde de la locura. [...] La intensidad de la fe confiere a sus palabras un gran poder sugestivo. La multitud escucha siempre al hombre dotado de una fuerte voluntad, ya que los individuos reunidos en masa pierden toda voluntad, se tornan instintivamente hacia aquel que la posee. [...] Los grandes convencidos que sublevan el alma de las masas, los Pedro el Ermitaño, los Lutero, los Savonarola, los hombres de la Revolución, no han ejercido fascinación sino tras haber sido primeramente subyugados ellos mismos por una creencia (LE BON, 2005: 59).

Traçam-se os contornos de um líder com tamanha potência de ideias, vontades e fé, que acaba convencendo a si próprio e também às multidões que por sua vez tomariam para si as convicções daquele homem forte. Nesse sentido, tanto o líder quanto as massas possuem certa dose de insanidade, sendo a principal distinção entre ambos a posse de uma *vontade* fervorosa, característica de singularidade/personalidade que lhes permite possuir crenças tão fervorosas que se torna capaz de suggestionar e governar as multidões. Mas se tanto a massa é

<sup>33</sup> Não por acaso são contemporâneas as formulações de Le Bon com os escritos de Schopenhauer sobre o mundo como vontade e representação (2005).

tratada como insana quanto o líder é considerado semilouco, onde se baseariam os fundamentos lógicos e racionais para o estabelecimento dessa relação de poder/liderança e submissão? A resposta pode ser encontrada justamente nas tramas de saber-poder na quais o conhecimento psicológico era reiterativamente fundado e afirmado como eficaz; dessa forma a própria condição de liderança se estabelecia pelo conhecimento da psicologia ou como se dizia até então, da alma humana:

Los amos del mundo, los fundadores de religiones o de imperios, los apóstoles de todas las creencias, los hombres de Estado eminentes y, dentro de una esfera más modesta, los simples jefes de pequeñas colectividades humanas siempre han sido psicólogos, sin saberlo, teniendo un conocimiento instintivo del alma de las masas con frecuencia muy seguro. Al conocerla bien, se han convertido fácilmente en sus amos. (LE BON, 2005: 11).

Sublinha-se a aproximação entre o líder e o psicólogo, enquanto conhecedores da alma das massas e que, por isso mesmo, seriam capazes de governá-las. Nessa passagem é evidente o intuito de dotar a ciência psicológica de um poder pragmático e performativo, que se afirma não apenas enquanto *representação interpretativa* dos fenômenos sociais mas como *apresentação propositiva* de intervenção frente aos mesmos<sup>34</sup>. Por isso a própria ciência psicológica postula a demanda por um líder *conhecedor da alma das massas*, psicólogo social, hábil e ardil manipulador dos mecanismos de controle das emoções, desejos e energias em combustão. Nesse sentido, é acertada a qualificação de Moscovici quando define Le Bon como o Maquiavel moderno, já que sua estratégia consiste em criar e instrumentalizar o líder para o domínio das massas por meio de uma psicologia multitudinária, dotada de poderes praticamente sobrenaturais.

[Los] sujetos de voluntad persistente, ejercen una influencia mucho más considerable [...] el mundo será siempre suyo. La persistente voluntad que poseen es una facultad sumamente rara y potente, que doblega todo. No siempre nos damos perfecta cuenta de lo que puede una voluntad fuerte y continua. Nada se le resiste, ni la naturaleza, ni los dioses, ni los hombres (2005: 61).

Com isso o psicólogo promete a verdadeira *pedra filosofal* do controle das massas, que se baseia num mecanismo prático de atuação do líder a *sugestionar e hipnotizar* por meio da abundância dos traços ativos de sua personalidade, já que:

la desaparición de la personalidad consciente, el predominio de la personalidad inconsciente, la orientación de los sentimientos y las ideas en un mismo sentido, a través de la sugestión y del contagio, la tendencia a transformar inmediatamente en

---

<sup>34</sup> Uma aprofundada discussão sobre o caráter propositivo e performativo da linguagem pode ser encontrado em (DERRIDA, 2001)

actos las ideas sugeridas, son las principales características del individuo dentro de la masa (LE BON, 2005: 19)

la masa se encuentra generalmente en un estado de atención expectante favorable a la sugestión. La primera sugestión formulada se impone inmediatamente, por contagio, a todos los cerebros y establece en seguida la orientación. En los seres sugestionados, la idea fija tiende a transformarse en acto. Ya se trate de incendiar un palacio o de realizar un sacrificio, la masa se entrega a ello con idéntica facilidad (LE BON, 2005: 23).

A *sugestão* passa a ser a tônica principal do esquema conceitual de Le Bon, já que é ela a ponte que conecta, de maneira hipnótica, a *vontade* individual do líder à *inconsciência* das massas. Por meio de seus atributos volitivos, tal líder exerce constante *afirmação*, *reiteração* e *influência*, sendo agraciado com a mística aura do *prestígio*:

El prestigio es en realidad una especie de fascinación que un individuo, una obra o una doctrina ejercen sobre nuestro espíritu. Esta fascinación paraliza todas nuestras facultades críticas y colma nuestra alma de asombro y respeto. Los sentimientos entonces provocados son inexplicables, como todos los sentimientos, pero probablemente son del mismo orden que la sugestión experimentada por un sujeto hipnotizado. El prestigio es el resorte más poderoso de todo dominio (LE BON, 2005: 64).

Segundo Le Bon, o *prestígio* do líder haveria de ser o fundamento de sua autoridade, ou seja, bastaria obter o *prestígio*, independentemente das vias éticas ou morais, para que o líder obtivesse o domínio, o comando e o governo sobre as massas. Dessa capacidade de influenciar, convencer e iludir as turbas passivas e admiradoras de seu *prestígio* surge a metáfora das *massas femininas*, bastante recorrente nos mais diversos estudos sobre a *Psicologia das Massas*.

### 7) As massas são femininas

Além da defesa de uma ordem social imposta e garantida por uma pujante vontade individual, Le Bon ancorava sua definição de liderança à partir da noção de elite, em contraposição às massas irracionais, interpretadas e classificadas à luz dos pressupostos biológicos, antropológicos e psicológicos de cunho racista e eurocêntrico, tratados pelos grandes cientistas da época de Le Bon, tais como Cesare Lombroso, Francis Galton, Herbert Spencer, Joseph Arthur de Gobineau, Hippolyte Adolphe Taine. Baseada em tais pre(con)ceitos, a *Psicologia das Multidões* estabeleceu uma escala de valoração entre os diversos tipos de massas, que mesmo sendo homogêneas, haveriam de variar de acordo com a *raça*. Nessa conformação política as *massas latinas* figuram como mais violentas, irracionais e indecorosas se comparadas às anglo-saxãs:

El autoritarismo y la intolerancia son generales en todas las categorías de masas, pero se presentan en grados muy diversos. Y aquí reaparece también la noción fundamental de raza, dominadora de los sentimientos y los pensamientos de los hombres. El autoritarismo y la intolerancia están desarrollados sobre todo en las masas latinas, hasta el punto de haber destruido aquel sentimiento de la independencia individual que tan acentuado se halla entre los anglosajones. (2005: 29)

Por meio desse argumento as massas latinas seriam completamente incapazes de raciocínio, vontade ou autonomia, nem mesmo em prol de sua própria liberdade, pelo contrário, haveriam de submeter-se a um poder despótico:

Respetan la fuerza y no les impresiona la bondad, considerada sencillamente como una forma de debilidad. Sus simpatías jamás se han orientado hacia los jefes paternales, sino a los tiranos que las han dominado vigorosamente. Siempre es a éstos a quienes se erigen las más altas estatuas. [...] El tipo de héroe querido por las masas tendrá siempre la estructura de un César. Les seduce su pompa, su autoridad les amilana y su sable les atemoriza. (2005: 29)

É justamente na caracterização dessas massas latinas passionais, estúpidas, animais e demandantes do braço forte de um líder autoritário que Le Bon se vale de um adjetivo bastante imperioso em sua argumentação: “*Las masas son siempre femeninas, pero las más femeninas de todas son las masas latinas*” (LE BON, 2005: 22) [Grifos meus]. No interior da formulação racista se aloja um posicionamento misógino que articula metaforicamente a irracionalidade das massas latinas ao elemento feminino, também considerado desprovido de pensamento racional. Nesse sentido, Moscovici pontua que esse recurso não trata apenas de uma figura de linguagem retórica, antes disso, é um fundamento de sustentação de toda a estrutura teórica da Psicologia das Massas:

Llegamos a una idea central de la psicología de las multitudes. Inconstancia, crueldad, variaciones bruscas de humor, ¿en qué nos hacen pensar? ¿En qué sino en la mujer? [...] De estos rasgos calificados por lo general de femeninos, se ha sacado, pues, una conclusión que ha demostrado resistirse al paso del tiempo: la multitud es mujer. Su supuesto carácter emotivo y caprichoso, lunático y veleidoso, la prepara a la sugestión, del mismo modo que su pasividad su sumisión tradicional, su resistencia al dolor la predisponen a la devoción. Es cortesana y guardiana del hogar, la amante a la que se conquista y la novia con quien se contrae matrimonio (MOSCOVICI, 2013: 142)

O elemento misógino da política, não raro presente nas declarações de grandes líderes da época<sup>35</sup>, pode ser constatado em diversas passagens de Le Bon: “hemos de hacer constar

<sup>35</sup>Moscovici aponta que essa articulação massas-mulheres não era uma invenção leboniana “Napoleón las describía como emperador-amante: ‘Yo no tengo más que una pasión, más que una amante: Francia. Yo me

que, generalmente, estos reconocimientos [irracionales] son realizados por mujeres y niños, es decir: precisamente por los seres más impresionables. Demuestran el poco valor que pueden tener estos testimonios en asuntos judiciales” (LE BON, 2005: 26). Quanto ao sentimentalismo extremo e as emoções sem ponderação também se traçam paralelos entre mulheres e massas: “La simplicidad y la exageración de los sentimientos de las masas los preservan de la duda y la incertidumbre. Al igual que las mujeres, tienden inmediatamente a los extremos. La sospecha enunciada se transforma de manera inmediata en evidencia indiscutible.” (LE BON, 2005: 27). Por meio dos traços e características psicológicas de descontrolo, veleidade, impressionabilidade se travou a conexão entre as massas-mulheres, a partir da insígnia de carência ou falta de personalidade. A consequência óbvia para tais constatações é a absoluta impossibilidade de se conceber uma mulher em posto de liderança, ou sua inversão, um líder afeminado, pois são portadores de características impróprias aos postos de poder, pelo contrário, todos os atributos que legam *personalidade* ao chefe devem ser exclusivamente masculinos.

Nesse sentido o gênero e a positivação de uma masculinidade que aparece sob a insígnia dos mais diversos adjetivos socialmente/cientificamente sancionados como liderança, racionalidade, vontade, força, virilidade, ponderação, energia, não operam como mero exemplo ou característica valorativa, pelo contrário, trata-se de uma lógica organizativa e estruturante dessa singular configuração de saberes-poderes. Desde o texto inaugurador da *Psicologia das Massas*, política e gênero já estavam interseccionados e hierarquizados na mesma trama teórica. Por meio dessa operação epistemológica as ciências psicológicas edificaram uma nova maneira de explicar a relação entre individualidade e coletividade, um novo método de compreender a política e seu funcionamento, que se valia dos preceitos, conceitos e preconceitos da época para formular rearticulações entre os eixos de saber-poder: de maneira inédita organizou-se um dispositivo político em que a *ciência psicológica* formulou regras acadêmicas para mensurar, qualificar e classificar a personalidade interior dos homens (saber); ditar os preceitos de funcionamento do poder político e definir os mecanismos de governo e condução de pessoas/massas (poder). Essa configuração que pretensamente desvendaria as relações entre indivíduo/sociedade, acabou empreendendo um discurso que afirmou, inventou e estimulou novas formas de liderança/condução/governo das massas baseadas em estruturas bem conhecidas de poder masculinas e patriarcais, seguindo

---

acuesto con ella’ [...] la asociación de la mujer, de la multitud y del desorden es otra contante de poca en boca, del rumor político y literario” (2013: 143)

um senso comum de gênero apropriado por diversas experiências políticas no decorrer do século XX<sup>36</sup>.

Por meio desse breve transcurso teórico pudemos compreender o alvorecer dos saberes psicológicos como uma tecnologia discursiva que define valorações políticas veiculadas ao gênero. Dessa forma, o englobante conceito de *personalidade* e suas minuciosas classificações passou a ser fator de hierarquização e distribuição de poderes, bem como de posições sociais, no interior de um mecanismo que classifica homens enquanto singulares, superiores e aptos à liderança (marcadamente viris) em oposição às multidões massificadas e aplainadas ao solo inferior da obediência (evidenciada enquanto feminina). Tais definições políticas e *de gênero* contribuíram para a formulação de teorias mais sofisticadas, como a *Psicologia das Massas*, que apostou no *carisma* e na *sedução* por meio da vontade e fervor de um líder cheio de personalidade e capacidade de mandar.

---

<sup>36</sup> Seguindo os rastros da leitura de Le Bon na Europa do século XX Moscovici encontra ecos dessa construção discursiva em líderes como Benito Mussolini: “A la multitud le gustan los hombres fuertes. La multitud es como mujer” e também Adolf Hitler: “El pueblo tiene, en su gran mayoría, unas características disposiciones hasta tal punto femeninas que sus opiniones y sus actos son conducidos mucho más por la impresión que reciben sus sentidos que por la reflexión pura” (2013: 143)



## **CAPÍTULO 1 - DA PERSONALIDADE DO LÍDER ÀS MASSAS FEMININAS: LEITURAS MÉDICAS DA PSICOLOGIA POLÍTICA NO BRASIL E NA ARGENTINA**

Se o vocabulário da *personalidade* como elemento de diferenciação entre o *líder* e as *massas*, bem como sua valoração hierárquica e de gênero, era corrente dentre os saberes psicológicos na Europa da virada do século XIX para o XX, no Brasil e Argentina dessa época percebemos um intenso esforço por meio dos intelectuais, em sua maioria médicos, para se apropriarem desses saberes e empregá-los nas experiências políticas de seus próprios países.

Tais interpretações foram seletivas e politicamente dirigidas, conduzindo os resultados científicos às posições pessoais desses intelectuais que teorizavam sobre a liderança por meio de um vocabulário eminentemente psicológico. Iniciaremos nossa análise interpretando as interseções da psicologia da personalidade com os saberes caracterológicos, biotipológicos e eugênicos presente nas leituras de Renato Kehl e Gonzalo Bosch para assim perceber os prenúncios de um saber que passava a classificar os homens por meio de seus traços corporais, psicológicos, hereditários e, principalmente, fisiológicos, abrindo pressupostos para o estabelecimento de uma tecnologia de poder fundamentada na *personalidade* para classificar e hierarquizar sujeitos.

Por tal abertura passaremos a estudar as interpretações de Arthur Ramos e Hernani Mandolini que habilmente souberam se apropriar das ferramentas psicológicas para transpor as hierarquias do plano individual para o plano coletivo, de uma legítima psicologia social, se valendo da mesma paleta biotipológica e caracterológica para classificar os líderes e dominadores por meio de seus traços de personalidade. Para concluir nossa genealogia das concepções psicológicas sobre a liderança no Brasil e na Argentina estudaremos as teses de Hernani Mandolini e Júlio Porto-Carreiro que esclareciam o caráter de gênero que tais saberes sobre a personalidade carregavam, dessa forma reforçaram as modernas dicotomias entre masculinidade-racionalidade-liderança em oposição à feminilidade-irracionalidade-massas, sempre pensando tais conceitos pela perspectiva psicológica em sua aplicabilidade política. Dessa forma, compreenderemos o panorama epistemológico pelo qual orbitaram os discursos políticos que permitiram a consolidação teórica da liderança de Vargas e Perón, tal como iremos tratar nos capítulos subsequentes.

### 1) Gonzalo Bosch e Renato Kehl: Interpretações da personalidade por meio da caracterologia

A recepção e reformulação de uma psicologia centrada na personalidade do líder como instrumento político de condução das massas foi bastante rápida na América do Sul. Tanto na Argentina quanto no Brasil, intelectuais propuseram o emprego da psicologia como forma de intervir pragmaticamente na experiência social e política de seus países. Num contexto em que poucos bacharéis eram os responsáveis pelos mais diversos projetos de nação (SEVECENKO, 2006), o ideário da liderança das massas foi recebido, apropriado e reinterpretado, predominantemente pelo *discurso médico*, configurando um saber abrangente e eclético que abarcava a compreensão do homem, da esfera individual à coletiva.

Segundo Ana María Talak (2010), a recepção intelectual da psicologia sul-americana no início do século XX, especialmente na Argentina, deve ser compreendida como um processo fragmentado, que se adequava a múltiplos projetos políticos e compartilhava das mais diversas e ecléticas referências, impossíveis de serem resumidas pelo macroconceito do *positivismo*. Dentre tais recepções/reinterpretações Talak mapeou algumas das principais influências:

En Francia, fueron significativos en la conformación de una tradición psicopatológica y evolucionista en el abordaje de la psicología, los aportes de Hippolyte Adolphe Taine en el estudio de la mente en relación con su base biológica (De l'intelligence, 1870) y en la caracterización psicológica de las masas (Les origines de la France contemporaine, 5 volúmenes publicados entre 1875-1893), de Jean Martin Charcot en la concepción fisiológica y en la clínica de las enfermedades nerviosas (Leçons sur les maladies du système nerveux faites à la Salpêtrière, 3 volúmenes publicados entre 1885 y 1887) y de Théodule-Armand Ribot en la concepción de la psicología como rama de la biología y no de la filosofía, sobre la herencia psicológica (L'hérédité psychologique, 1873), y sus trabajos sobre la atención (1889), los sentimientos (1896), la imaginación creadora (1900), y sobre las enfermedades de la memoria (1881), de la voluntad (1883) y de la personalidad (1885), [...]. En Italia, fueron importantes en este proceso, por un lado, los primeros trabajos de Giuseppe Sergi sobre la psicología fisiológica (Principi di psicologia, 1874), la teoría fisiológica de la percepción (Teoria fisiologica della percezione, 1881), las emociones (Dolore e piacere. Storia naturale dei sentimenti, 1894), y por el otro, la teoría de Cesare Lombroso sobre el delincuente atávico (L'uomodelinquente, 1876), y los desarrollos que continuaron Enrico Ferri en criminología, Enrico Morselli tanto en la clínica psiquiátrica como en la lectura de algunos problemas como el suicidio, la prostitución y el magnetismo animal, y Scipio Sighele sobre la muchedumbre delincuente (La folla delinquente, 1891). En Inglaterra, los aportes más relevantes provenían del empirismo y el asociacionismo (John Stuart Mill, Alexander Bain) y el evolucionismo propuesto por Herbert Spencer (Principles of Psychology, 1855). Luego Francis Galton aportaría el uso de cuestionarios y las estadísticas para medir diferencias individuales, iniciando la psicología diferencial (Hereditary Genius 1969;) y la eugenesia (TALAK, 2010: 9-10).

Desse leque de referências pode-se destacar certos objetivos comuns, especialmente com relação à tarefa de articular os planos da individualidade e da coletividade de forma a compreender a *psique* ou *personalidade* humana por meio do par *corpo* (concepção fisiológica, fisiologia da percepção, psicologia biológica, psicologia fisiológica) e *mente* (sentimentos, vontades, emoções, percepção). Propunha-se traçar um diagnóstico social a fim de sanar as diversas enfermidades individuais e sociais (criminologia, prostituição, degeneração, multidão delinquente, etc.). Os médicos higienistas recorreram a estes saberes no sentido de constituir técnicas e práticas científicas que supostamente poderiam conduzir povos e nações à ordem e civilização, tão demandadas pelas elites locais inspiradas nos modelos europeus de sociedade.

Nesse ambiente de profusão e apropriação dos ideais políticos europeus bastaram menos de cinco anos após a publicação original da *Psicologia das Massas* de Le Bon, para surgirem fartas referências dessa teoria em diversos tratados lançados por intelectuais latino-americanos<sup>37</sup>, propiciando novas leituras e interpretações psicológicas tanto da personalidade quanto da sociedade. A partir da crescente influência da psicologia da personalidade e das massas, muitos intelectuais médicos das décadas de 1920 a 1940 desenvolveram novos esquemas interpretativos para compreender e atuar nas sociedades brasileira e argentina.

Podemos destacar Gonzalo Bosch como um dos mais atuantes promotores da psiquiatria e da psicologia como forma de intervenção social. Seu intenso protagonismo como médico, eugenista e higienista é flagrante: graduado pela *Facultad de Medicina* da *Universidad de Buenos Aires*, foi diretor do *Hospicio de las Mercedes*, entre os anos de 1931 a 1947 – onde foi mentor de Enrique Pichon Rivière<sup>38</sup> – dirigiu a *Colonia Nacional de Alienados “Dr. Domingo Cabred”* – contando com Fernando Gorriti y Alejandro Raitzin<sup>39</sup> como colaboradores. Bosch também foi por duas vezes presidente da *Sociedad de Neurología, Psiquiatría y Medicina Legal* e Vice-presidente da *Asociación Argentina de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, sendo eleito em 1938 membro titular da *Academia Nacional de Medicina*. Exerceu ininterruptamente o cargo docente sendo Professor Titular de Clínica Psiquiátrica da *Universidad de Buenos Aires*, ocupando o mesmo posto na *Universidad del*

<sup>37</sup> O higienista e alienista brasileiro Raimundo Nina Rodrigues e o sanitarista, higienista e psiquiatra portenho José María Ramos Mejía podem ser considerados dois dos mais bem sucedidos introdutores e interpretes das teorias lebonianas em seus respectivos países. Suas leituras foram tão apropriativas que incorporaram a conotação racial e sexual presente no texto de Le Bon. Para uma discussão sobre esse tema Cf. (CHAYO; SÁNCHEZ, 2006:116) (RODRIGUES, 2009).

<sup>38</sup> Fundador da *Asociación Psicanalítica Argentina* em 1942.

<sup>39</sup> Redator de *Personalidad y carácter*, um dos mais influentes livros sobre a teoria da personalidade na Argentina.

*Litoral*. É importante salientar que Bosch também foi fundador da *Liga Argentina de Higiene Mental* e protagonizou a aplicação do modelo de higiene mental naquele país, objetivando o controle dos fatores sociais e ambientais reconhecidos como causas de enfermidades.

No ano de 1932 fundou a *Escuela de Visitadoras y Visitadores Sociales de Higiene Mental*, que a concebeu como um exército preparado para a ação sanitária que incluía a atuação de enfermeiros, médicos, pedagogos e psicólogos (STAGNARO, S.D.). No mesmo ano publicou em formato de livro sua tese de professorado intitulada *Anormalidades de la personalidad* (1932). Nesta obra realizou um inquérito acerca dos elementos que influenciariam na constituição psicossociologia do homem, com vistas a fixar um conceito *unitário da personalidad* a partir da *personologia*, por ele compreendida como “una de las más modernas direcciones desde la Psicología, trata del estudio de la unidad humana, considerándola en sus relaciones con el medio natural y social en que vive” (1932: 27). Por meio desse saber se retoma o empreendimento oitocentista de compreender o homem como uma totalidade, tanto física quanto psicológica, asseverando que “es imposible para la buena comprensión de la biología humana, separar el soma de la psique. La persona es una, entera e indivisa, y como tal debe ser estudiada y comprendida por la ciencia” (1932: 37). Para dar conta dessa unidade psicofísica, então compreendida por ele como *personalidade*, Bosch elencou uma multiplicidade de fatores conjugados.

Fiel aos mestres eugenistas Lombroso e Galton, Bosch pontua que as principais influências no temperamento humano seriam o meio ambiente e a hereditariedade, marcando os estímulos tanto *neurohumorais* quanto físicos, influenciados pelos complexos cruzamentos genéticos resultantes das combinações maternas e paternas. É por isso que analisou longamente as tabelas de gametas para definir as melhores probabilidades de melhoramento genético a partir de bons cruzamentos<sup>40</sup>. Por outro lado, Bosch defende que o elemento de maior ênfase na composição da personalidade haveria de ser a influência morfológica e hormonal, claramente inspirada na endocrinologia criminal da escola italiana de medicina social, que apresentava Nicolas Pende<sup>41</sup> como nome principal. Segundo essa leitura

<sup>40</sup> Assunto levado a cabo desde o início do século por instituições como o Museu Social Argentino, que tinha por objetivo melhorar geneticamente a raça nacional e com isso civilizar a Argentina. Para uma completa narrativa dos saberes eugênicos na Argentina Cf (VALLEJO; MIRANDA, 2004)

<sup>41</sup> Pende era uma das referências mais recorrentes no pensamento psiquiátrico e social latino-americano da época, segundo Gustavo Vallejo e Marisa Miranda: “fue uno de los líderes de la escuela italiana de Endocrinología y Patología constitucional, siendo el principal impulsor de la Biotipología Humana entendida como disciplina articuladora de la Medicina y la Sociología en el marco de una estrecha vinculación con las necesidades del poder político. [...] Sus estrechas vinculaciones con el fascismo lo convirtieron en una suerte de responsable del ‘tema racial’ del régimen italiano, en el que fue Senador” (2004: 427). Pende foi o criador de

biotipológica, “la tonalidad afectiva, el tono hedónico, por lo tanto depende [...] de las sustancias neurotropas que circulan en la sangre y la especial proporción que guardan entre sí” (BOSCH, 1932: 38). Dessa maneira, os sentimentos, ações, propensões e escolhas individuais – enfim, a própria personalidade – seriam resultado de interações hormonais e genéticas que fundamentariam não apenas o pensamento do indivíduo mas também sua própria estrutura física, bem como suas ações e comportamentos. Dessa síntese entre influências hereditárias e endócrinas seria então possível compreender o caráter psíquico e morfológico do homem. Isso é sumariado pela pirâmide biotipológica de Pende, esquematizada por Bosch:

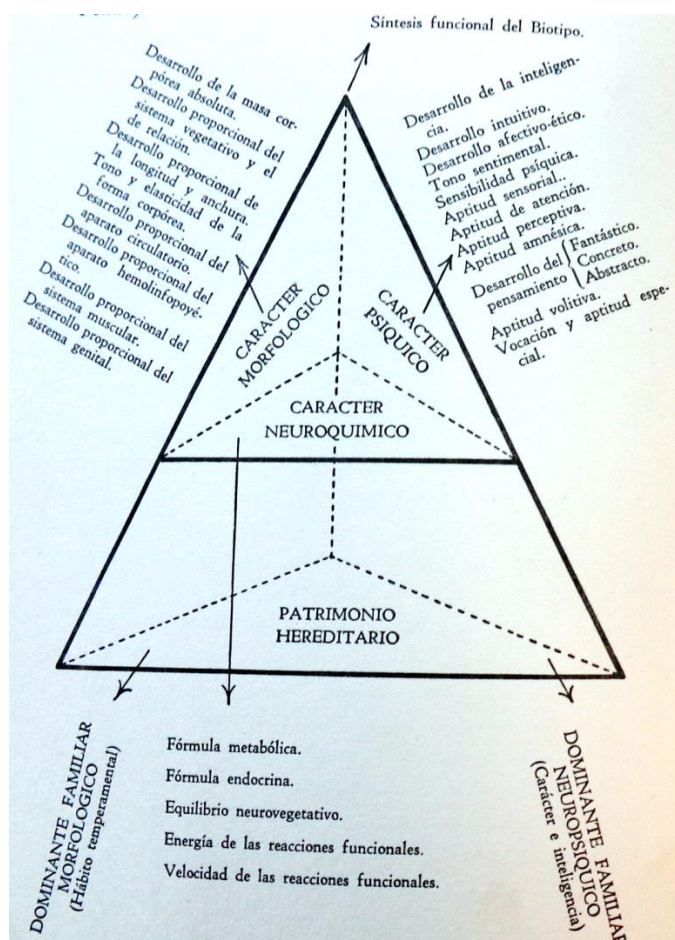


FIGURA 1: Pirâmide Biotipológica de Pende In: BOSCH, 1932: 70

diversos *Institutos de Biología e Psicología da Individualidade*, que originou a instituição homônima argentina no ano de 1923, antes mesmo da implantação do instituto italiano. Segundo Vallejo e Miranda “Los lazos biopolíticos entre Argentina y el fascismo italiano se acrecentaron inusitadamente después del golpe militar de setiembre de 1930, que coincidió con el arribo de Pende a Buenos Aires y con la posterior misión oficial encomendada por el nuevo gobierno del general Uriburu a los médicos Arturo Rossi y Octavio López para estudiar en Italia el establecimiento biotipológico de aquel visitante [...] Pende llegó a Buenos Aires invitado por el Instituto Argentino de Cultura Itálica y por la Cátedra de Clínica Médica de la Universidad de Buenos Aires, a cargo del Doctor Manuel Castex. Allí dictó un curso de ocho lecciones de perfeccionamiento para graduados durante el mes de Noviembre de 1930” (2004: 433).

Note-se que, com relação à face nordeste da pirâmide (*carácter psíquico*) derivam qualidades tais como inteligência, sentimentalidade e atitude volitiva, ao passo que na contraface da mesma estrutura (*carácter morfológico*) estão simetricamente dispostos os desdobramentos corpóreos, musculares e genitais. A base dessa grande pirâmide da personalidade era composta pelo *patrimônio hereditário*, em acordo com a teoria eugenista. Logo acima, sustentando a micropirâmide estariam os *caracteres neuropsíquicos*, ou seja, os fluidos glandulares que definiriam o caráter humano e as consequentes reações físico-psíquicas diretamente atreladas. Por meio do pressuposto da envergadura corporal como elemento chave da constituição da *personalidade total*, Bosch agrega ao seu constructo teórico os saberes caracterológicos do famoso médico e psiquiatra alemão Ernst Kretschmer<sup>42</sup>, defensor da tese de que as diferentes manifestações psicológicas da personalidade humana poderiam ser resumidas e analisadas a partir de modelos morfológicos ou estruturas físicas apresentados por cada tipo específico: os *leptosomáticos* seriam os homens frágeis e delgados, *de medíocre desenvolvimento*; os *pícnicos*, *rechonchudos*; os *atléticos*, aqueles fortes e acima da média; e os *displásticos* feios e abaixo da média. Desses quatro grupos *psicofisiológicos* Kretschmer traçou duas grandes divisões: os *ciclotímicos* (ciclóides) e os *esquizotímicos* (esquizóides), sendo os primeiros portadores de traços de personalidades que os definem como homens sociáveis, amistosos, humanitários, agradáveis, transparentes,

---

<sup>42</sup> Por mais próximas que fossem algumas das análises de Kretschmer às de Pende, geralmente tratados como pares análogos pela leitura latino-americana, suas posições políticas eram bastante distintas. Segundo Elisabeth Roudinesco e Michel Plon “Ernst Kretschmer teve de enfrentar, como muitos psiquiatras da sua geração, a questão das neuroses de guerra [...] Todavia não aderiu ao ideal patriótico do exército que servia. Em 1929, publicou uma obra sobre os homens de gênio que exaltava a importância da “mistura de raças” para a evolução da humanidade. Quatro anos depois, em virtude de sua hostilidade ao nazismo, foi obrigado a se demitir da Allgemeine Ärztliche Gesellschaft für Psychotherapie (AÄGP, Sociedade Alemã de Psicoterapia), que presidia havia sete anos. Carl Gustav Jung o substituiu em suas funções. Depois da Segunda Guerra Mundial, apoiado pelas autoridades francesas e americanas por suas posições claras a respeito do nacional-socialismo, Kretschmer desempenhou um papel maior na reconstrução da psiquiatria alemã, nas Universidades de Marburgo e de Tübingen. Teórico de uma morfotipologia que questionava o constitucionalismo de Emil Kraepelin e que se inspirava em certas hipóteses freudianas, relacionou diferentes modos de organização da personalidade [...] marcou a psiquiatria moderna, e principalmente a obra de Jacques Lacan, que lhe prestou homenagem em sua tese de medicina de 1932.” (1998: 442). Sua influência na América Latina foi tão grande quanto à de Pende, o que podemos perceber nas homenagens feitas pelo médico brasileiro Mário Yahn no ano de 1953 nos *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*: “Recentemente, ainda em dezembro de 1952, tivemos a oportunidade de conhecer, pessoalmente, o Prof. Kretschmer, em Santiago do Chile, por ocasião do Congresso Psiquiátrico que ali se realizou para comemorar o centenário da fundação do Manicômio Nacional de Santiago. [...] De fato, o Prof. Kretschmer é um dos psiquiatras vivos mais citados e mais lidos em toda parte, os assuntos que lhe deram renome foram os relativos ao estudo das relações entre o corpo e o caráter e os atinentes à Psicologia Médica, sobre os quais escreveu com particular originalidade, mostrando-se um pesquisador sagaz, culto, eclético e compreensivo. Seus livros foram escritos num estilo ameno e preciso, o que contribuiu para que se difundissem para muito além do campo onde trabalham os psiquiatras e psicólogos.” (1953: 80).

sentimentais, confidentes, práticos, pragmáticos e livres de preconceitos; já os segundos apresentariam reações exatamente opostas<sup>43</sup>.

Inspirado nessa leitura caracterológica kretschmeriana, Bosch afirma que “cada tipo constitucional somático, comprende una especial modalidad temperamental” (BOSCH, 1932: 30), ou seja, cada biótipo corresponderia a um determinado comportamento psicológico individual. Por meio disso, Bosch afirmou a plausibilidade em traçar-se uma linha divisória entre uma personalidade normal e os *desvios da personalidade*. Dessa maneira “interesa al médico ocuparse de las anormalidades de la personalidad humana, desviaciones que la separan del estado de su normalidad [...] la personología adquiere para el alienista singular importancia, ya que por ella se llegará a considerar [...] la potencialidad psíquica de la que depende la personalidad, en sus muchos aspectos” (1932: 50-51). Como psiquiatra, Bosch decompõe diferentes tipos de anormalidades da personalidade tais como os vícios, as enfermidades e os desvios morais, que como as virtudes, também seriam transmissíveis por todas as formas de constituição da personalidade (hereditariedade, ambiente, glândulas etc.). Dada esta constatação o médico recomenda a ação *eugênica negativa* no intuito de controlar e proibir a reprodução daqueles indivíduos *caracterologicamente* propensos à degeneração.

Tais teorias e conceitos foram amplamente circulantes entre a intelectualidade sul-americana da primeira metade do século XX, sendo que os escritos do eugenista brasileiro Renato Ferraz Kehl<sup>44</sup> apresentam muitas ressonâncias das formulações de Bosch. Tal caráter dialógico e transnacional pode ser comprovado se estudarmos a influência de Kehl também no contexto argentino, já que algumas de suas obras foram traduzidas e publicadas no país vizinho, destacando-se: *Tipos vulgares: contribución a la psicología práctica* [1938] e *Conducta: guía para la formación del carácter* [1940], do qual nos valeremos da edição original para realizarmos a seguinte análise.

Segundo Carolina Kinoshita e Heloisa Helena Rocha (2013) houve intensa circulação de ideias e influências entre Kehl e os eugenistas argentinos, em especial Victor Delfino e Alfredo Verano, que assumiram a incumbência de difundir os escritos do renomado médico brasileiro em seu país. Segundo João Ítalo de Oliveira Silva (2008), nessa relação com

<sup>43</sup> Os termos foram retirados da mais famosa obra de Kretschmer: *Constituição e Caráter* (1947) [1931].

<sup>44</sup> Segundo Nancy Leys Stepan, Kehl era o principal porta-voz da eugenia no Brasil cuja vida ficaria inteiramente identificada com o movimento [...] ele recordava os avanços feitos pela eugenia na Europa e a necessidade de que o Brasil se unisse às nações avançadas no estudo da hereditariedade, da evolução e das influências do meio ambiente [...] Kehl manteve vivo o interesse pela eugenia em inúmeros panfletos, livros e palestras, muitos dos quais eram relatados na imprensa médica e nos jornais diários. Por volta de 1947, Kehl havia publicado nada menos que 27 livros” (2005: 57)

Delfino e Verano os textos de Kehl ganharam publicidade em diversas revistas, tais como *La Medicina Argentina*, *Hijo Mio*, *Viva Cien Años*, *La Semana Médica* e *Revista Científica Argentina*. O motivo dessa fama não é casual, dado que grande parte da intelectualidade médica e psicológica argentina e brasileira era receptiva à eugenia como meio para a resolução dos problemas sociais de seus países (SILVA, 2008; VALLEJO; MIRANDA, 2004).

Dessa grande circulação de ideias destaca-se o tráfico cruzado do conceito de *personalidade*, reforçado com a publicação de *Psicologia da Personalidade: guia de orientação psicológica*[1941] de Renato Kehl<sup>45</sup>. A finalidade dessa obra está explícita no próprio subtítulo, mesmo sendo uma obra científica, sua linguagem é destinada também à população leiga, objetivando servir como manual técnico auxiliar na decifração de personalidades:

torna-se imprescindível o estudo dos fenômenos psíquicos, em especial da psicologia da personalidade, não só aos médicos, advogados, professores, administradores, homens de letras, da indústria, do comércio e chefes de família, como a todos que nesta época de convulsões, atritos e psicoses coletivas, pretendem ser justos ou pelo menos razoáveis no julgamento [...] o que impõe conhecerem-se psicologicamente e também a seus semelhantes. (KEHL, 1945: 40)

Assim como Bosch, Kehl efetua leituras e reapropriações dos mais variados campos dos saberes *psi* de sua época, englobando a psiquiatria, a medicina social, o higienismo, a caracterología, a biotipologia, a psicologia das massas e até mesmo a psicanálise, embora que sua ênfase fosse a eugenia. Em meio a tal ecletismo, Kehl conjuga os diferentes âmbitos do conhecimento psicológico na ideia de uma *psicocrítica da personalidade*, entendida como um estudo técnico científico que tem por finalidade (re)conhecer, julgar e classificar a personalidade do homem em todos os seus aspectos. Dessa forma Kehl aproxima-se da visão caracterológica de Bosch ao entender a personalidade como fundamentalmente relacionada

à estrutura física e às condições fisiológicas (constituição e temperamento), estuda o homem na sua totalidade e em pleno funcionamento, observando-lhe os processos psíquicos, as reações emotivas, as tendências psico-mentais, o comportamento e os desajustamentos, tudo considerado e evidenciado no seu meio habitual [...] a psicocrítica com fundamento nas atuais concepções relativas às variações genotípicas e fenotípicas, isso é, às características hereditárias ou estáticas (constituição), às dinâmicas humorais (temperamento), e às características reacionais (emotivo-volitivas ou caráter), corresponde à ‘psicologia do biótipo’ cujo escopo é, em suma, a análise do dinamismo psíquico, afim de desvendar a síntese dinâmico-estrutural da personalidade (KEHL, 1945: 16)

---

<sup>45</sup> Verdadeiro sucesso de vendas, sua primeira edição foi rapidamente esgotada demandando a segunda remessa publicada em 1945. O exemplar analisado é proveniente dessa reimpressão.



Nessa leitura biotipológica, a personalidade é compreendida como objeto de metrificação pelas mais variadas causas e medidas, permitindo a compreensão da conduta humana em sua totalidade. Da mesma forma que os demais médicos e psiquiatras de seu tempo, Kehl concordou com as influentes leituras científicas sobre a construção das personalidades, com especial ênfase à caracterologia *kretschmeriana*, além da biotipologia de Pende, por isso mesmo reafirmou a veia fisiológica como fator preponderante na determinação dos temperamentos individuais:

Muitos são vítimas de *desordens orgânicas* de grave repercussão sobre o *psiquismo* e, portanto, sobre o *comportamento*: tornam-se medrosos e mesmo covardes, apresentando espírito de rebanho, falta de iniciativa, lassidão, sensibilidade e emotividade exageradas. Outros demonstram-se pobres de espírito e de imaginação, sem ambição, incapazes de qualquer iniciativa para lutar e vencer. Inúmeros outros sofrem de falta de vigor de resistência, de estímulo e de caráter (no sentido fsiopsicológico) [...] e quantos, ainda, marcadamente viris, tornaram-se vacilantes, frouxos, sem atividade, ingênuos e mesmo pueris (1945: 22)

Atentemos ao fato de que o conjunto de sintomas acarretados pelas *desordens orgânicas* representam a aquisição de características de personalidade contrárias ao modelo *viril* idealizado. No mesmo argumento o *espírito de rebanho* é considerado um traço de personalidade negativo, aliado à covardia, sensibilidade, emotividade, fraqueza, frouxidão, ingenuidade e puerilidade, relacionando obediência com a ausência de traços masculinos.

Justificando as causas do comportamento de forma análoga à de Bosch, Kehl define o agrupamento dos diferentes temperamentos humanos em tipologias de personalidades que, segundo a régua eugênica de Galton, se distribuiriam entre anormais (patológicos), normais (mediócrs), e extranormais (geniais). O primeiro grupo não é tratado em sua *psicologia da personalidade*, dado que praticamente todos seus demais livros os tomam como objeto de estudo<sup>46</sup>. Já ao definir os contornos dos *homens vulgares* ou *mediócrs* delimita uma série de tipologias caracterológicas tais como: *frívolos, desalmados, simplórios, simuladores, perversos, ressentidos, curiosos, criancelhos, intolerantes, paranoicos, mendigos, perigosos, mistificadores e rotineiros*. Desse misto de critérios classificatórios tão diversos e aleatórios quanto os animais do imperador do conto de Borges<sup>47</sup>, Kehl qualifica os *simplórios* como

<sup>46</sup> Melhoremos e prolonguemos a vida: a valorização eugênica do homem [1923], A cura da fealdade [1923], Lições de eugenia [1929], Sexo e civilização: aparas eugênicas [1933] dentre outros.

<sup>47</sup> “os animais se dividem em (a) pertencentes ao imperador, (b) embalsamados, (c) amestrados, (d) leitões, (e) sereias, (f) fabulosos, (g) cães soltos, (h) incluídos nesta classificação, (i) que se agitam como loucos, (j) inumeráveis, (k) desenhados com um finíssimo pincel de pêlo de camelo, (l) etcetera, (m) que acabam de quebrar o vaso, (n) que de longe parecem moscas” (BORGES, 1999, p. 94)

seres que nada mais são que *sujeitos de massa*, aqueles que “nascerão e morrerão simplórios ou simplistas por fatalidade constitucional, [...] coitado, é sempre baldo de dotes espirituais” (1945: 38). Considerados despossuídos de qualidades de personalidade, os *simplórios* não seriam mais que:

trabalhadores dóceis e aplicados; outros, porém, são excitáveis, impulsivos, coléricos e formam o lastro considerável de criminosos ou delinquentes incorrigíveis, sugestionáveis, que facilmente se deixam arrastar a toda sorte de paixões anti-sociais. Os indivíduos desta classe constituem a grande legião dos incapazes de formar juízo sobre questões banais, mal adaptáveis a determinadas situações sociais, de linguagem defeituosa, primitivos ou primários (1945: 39).

No geral são emotivos, neuróticos ou pré-psicóticos, sobretudo introvertidos, daí resultando apegarem-se com muita facilidade a crenças e a superstições. Julgam-se inseguros, só encontrando paz espiritual naquilo que se habitua a tomar como taboa de salvação (1945: 41).

Nessa caracterização, os tipos *vulgares* são descritos exatamente como componentes de uma *massa psicológica*: homens em estado hipnótico de sugestão, aptos a realizar atos violentos e delinquentes e abandonarem-se às paixões antissociais, incapazes de juízo crítico à espera de uma *taboa de salvação*.

Pela oposição dicotômica a esses *mediócras* Kehl conceitua as personalidades *invulgares*: os *gênios*, *talentosos* classificados como *super-mentais eugênicos*: “reunindo qualidades ótimas, convergidas para felizes complexos mentais, constituem os gênios a *legítima aristocracia humana*” (1945: 230), eles haveriam de ser a *taboa de salvação* almejada pelos *mediócras*:

O gênio se caracteriza implícita e explicitamente pela própria grandeza, pela própria força criadora e vale pelo elevado grau de sentimento, de sensibilidade, de vontade, de perseverança e de paciência que manifesta. Na heterogênea massa humana [...] sobressaem os super-mentais, ou super-sensíveis pela super-excelência das criações [...] gênios são heróis do pensamento, do belo, do bom, do útil, partícipes da constelação biológica que ilumina o céu do vasto anonimato – como conciliador. [...]. O gênio apresenta particularidades excepcionais, tais como: equilíbrio criador, intensidade emocional, paixão pelo trabalho, paciência, tenacidade e habilidade. (1945: 244).

Esse gênio possuiria múltiplos e excelentes traços de personalidade, capaz de liderar as massas anônimas. Sua personalidade apenas poderia ser desvendada por meio da observação psicológica alinhada à métrica eugênica de Galton:

O gênio como o degenerado são, realmente, variações da medianidade. Ambos ultrapassam a linha média da tabela de Galton. É mister precisar, entretanto, ser o *gênio* variação para cima, variação da máxima normal, e o *degenerado*, ao contrário, variação para baixo, variação sub-normal (1945: 244).

[...] tanto o extremo positivo superior (gênio), como o extremo negativo inferior (degenerado), se enquadram no determinismo biológico, ambos comprovados por meio de observações em série (1945: 247).

Por se destacarem da grande massa mais ou menos amorfa dos medíocres e também dos medianos, os super-mentais são analisados com especial interesse pelos psicólogos, sobretudo pelos psico-críticos e biógrafos médicos (1945: 251).

Descobrir, delimitar, classificar, hierarquizar e separar o gênio, o medíocre e o degenerado seriam atribuições da ciência médica, psicológica e eugênica, definindo o lugar social e político que cada um ocuparia. Destaque-se o interesse de Kehl em analisar, *com especial interesse*, os homens portadores de personalidades superiores por parte dos psicólogos, em especial dos biógrafos-médicos, pois tanto o gênio quanto o louco são considerados duas faces da mesma moeda. A proposta eugênica seria justamente incentivar a reprodução dos exemplares humanos do primeiro grupo e reprimir toda e qualquer possibilidade de proliferação da loucura pela hereditariedade. A personalidade dos grandes gênios, das ciências, das artes, da cultura e *da política*, passou a ser território de análise, definição e classificação científica da psicologia e da eugenia.

## 2) Arthur Ramos e Hernani Mandolini: transposições da Psicologia Social à Liderança

O mecanismo de definição psicológica da *genialidade* mensurada pela oposição à *grande média* foi bastante utilizado num contexto intelectual de grande ecletismo, agrupando psicanalistas, psicólogos, psiquiatras, alienistas, caracterólogos, biotipólogos, eugenistas e médicos gerais que alinhavam elementos teóricos aparentemente díspares como o a discussão de Pende e Kretschmer ao freudismo, atingindo novos patamares interpretativos sobre as relações entre a personalidade individual e as massas coletivas. Nesse caldeirão intelectual destacamos a produção do renomado médico e professor Arthur Ramos, considerado um dos mais influentes intelectuais brasileiros que se dedicaram às *ciências psi*<sup>48</sup> na primeira metade do século XX, protagonismo facilmente comprovável em alguns de seus traços biográficos:

Ramos formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1926. Com apenas 23 anos defendeu sua erudita tese de doutorado, publicada no mesmo ano pela Imprensa Oficial do Estado da Bahia, com o título Primitivo e loucura. Para escrever a tese, Arthur Ramos se inspirou nos clássicos estudos de Levy-Brühl, Freud e Jung. [...] Em 1928, foi nomeado médico legista do serviço Médico do Estado da Bahia, atualmente

<sup>48</sup>Por *ciências psi* compreendemos um conjunto de teorias e práticas científicas de caráter analítico que buscam influir sobre a subjetividade humana pelas mais diversas tecnologias, nesse escopo incluímos Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Embora que há controvérsias sobre a inclusão da última nessa classificação, nos valeremos da posição de Isabel Rivero Garcia que inclui a psicanálise, bem como outros dispositivos de poder tais como higienismo e a medicina social como partícipes dessa categoria. Cf. (GARCIA: 2005)

Instituto Nina Rodrigues. Durante seu trabalho como médico na Bahia realizou pesquisas que o levaram a redigir sua tese de livre-docência: a Sordície nos alienados. Ainda na Bahia, redigiu importantes obras para a Psicologia como Estudos de Psicanálise [1931], Freud, Adler e Jung [1933] e Psiquiatria e Psicanálise [1933]. Em 1934, muda-se para o Rio de Janeiro para assumir a direção da Seção Técnica de Ortofrenia e Higiene Mental do Departamento de Educação e Cultura do Distrito Federal. Nesta época, Arthur Ramos publica obras direcionadas à educação infantil. Entre elas: Educação e Psicanálise, com base principalmente em Adler [1934]; Família e a escola [1934]; Os furtos escolares [1939] e O desenho infantil e sua significação psicanalítica (1936). Com a criação da Universidade do Distrito Federal, em 1935, devido ao empenho de Anísio Teixeira, Arthur Ramos assume a cadeira de Psicologia Social. [...] Em 1940, muda-se para os Estados Unidos e ministra curso sobre raças e culturas no Brasil na Louisiana State University. Em 1946, de volta ao Brasil conquista a cadeira de Antropologia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (PSICOLOGIA, CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2016: 97)

Para completar essa extensa trajetória intelectual, Ramos também foi considerado um dos primeiros intérpretes da obra de Freud, Adler e Jung, bem como grande entusiasta do pensamento de Nina Rodrigues, de quem foi leitor e intérprete em parceria com Afrânio Peixoto<sup>49</sup>, seu mentor e amigo pessoal (SCHREINER, 2005). Dentre as principais preocupações intelectuais de Ramos destaca-se o intento de retomar e reinterpretar as tradições psicológicas com o objetivo de construir um conhecimento social com rigor científico. Com tais intuítos lançou a obra *Introdução à Psicologia Social* (1952) [1936], na qual compilou e ampliou as lições do curso homônimo proferido na Escola de Economia e Direito da Universidade do Distrito Federal. Nesse extenso e altamente referenciado tratado, Ramos apresenta uma das primeiras sínteses estruturadas em língua portuguesa sobre a *Psicologia Social*, que segundo o autor é um saber mais analítico e abrangente que a *imprecisa Psicologia das Massas*, embora a englobe em seu escopo epistemológico (RAMOS, 1952). Nessa leitura, a *Psicologia Social* realiza a mediação entre a psicologia e a sociologia, não sendo nem uma nem outra, mas antes “a conciliação das duas ciências [...] não só o indivíduo nas suas relações sociais, como a sociedade nos seus aspectos psicológicos [...] é o estudo de todas as relações recíprocas exercidas pelo grupo e pelo indivíduo, um sobre o outro” (1952: 16). Dentre um emaranhado de distintas influências teóricas Ramos simpatiza com as posições do psicólogo social estadunidense Kimbal Young para situar a *personalidade* como elemento central na cunhagem de sua concepção de *psicologia social*:

A concepção de Kimbal Young parece ser a mais interessante e a mais completa. Young coloca o estudo da personalidade como centro da psicologia social. Mas,

---

<sup>49</sup> Além de imortal da Academia Brasileira de Letras foi ex-aluno e apadrinhado intelectualmente por Nina Rodrigues, a quem rendeu homenagem difundindo a tradição de pensamento de seu mestre (MAIO, 1994). Afrânio Peixoto também possuía relações com famosos intelectuais simpáticos às teorias eugênicas, tais como Monteiro Lobato, Renato Kehl e Oliveira Vianna.

enquanto que a psicologia individual estuda os aspectos organopsicológicos da personalidade ou seu comportamento como organismo individual, a “psicologia social trata do estudo da personalidade e do seu desenvolvimento em relação à ambiência social” (1952: 18).

A continuidade entre uma psicologia individual e uma psicologia social seria travada por meio da *personalidade*, capaz de unir os dois âmbitos, unificando-os. Nesse sentido Ramos empreende um extenso levantamento teórico e cronológico para compreender os elos dessa corrente de conexão entre a personalidade e a sociedade a partir de extensivo apanhado cronológico, evidenciando os postulados que mais contribuíram aos campos da *Psicologia Social e da personalidade*<sup>50</sup>. Cabe ressaltar que o autor era atento às crises que a psicologia positivista enfrentava desde a década de 20 e por mais que fosse grande entusiasta da obra de Nina Rodrigues e partícipe de sua “escola” de pensamento, Ramos manteve uma leitura crítica com relação ao mestre, no sentido de evitar reducionismos a partir do emprego de teorias biologistas tais como o emprego do conceito de *raça* na explicação dos fenômenos socioculturais (GUTMAN, 2007), preferindo usar o termo no sentido antropológico. No mesmo sentido, o autor estende suas ressalvas à *Psicologia das Multidões* de corte leboniano, considerando-a bastante imprecisa e até mesmo *anticientífica*, já que utiliza indiscriminadamente noções como *raça*, *povo*, *nação* e *multidão* (RAMOS, 1952)<sup>51</sup>. A partir dessas críticas Ramos não aposta na obsolescência de tais saberes psicológicos, pelo contrário, defende uma *reação da personalidade*, atualizando-a junto aos marcos teóricos mais contemporâneos, tais como a *Psicologia Social* inspirada em Charles Blondel<sup>52</sup>, e a

<sup>50</sup> Recorrendo às pretensas raízes clássicas dessa ciência Ramos refere-se a Aristóteles, elegendo a *Retórica* como o primeiro *livro de psicologia social*, dessa continuidade elenca-se diversos pensadores da eugenia e do higienismo social, tais como Galton, Spencer e Darwin (RAMOS, 1952).

<sup>51</sup> A crítica é embasada nas formulações do psicanalista francês Charles Blondel, que, assim como Ramos, demonstra preferência pela interpretação das multidões empreendida por Gabriel Tarde em detrimento à Le Bon. Nesse viés, Ramos afirma que “foi Tarde o verdadeiro iniciador da psicologia social” (1952: 21), num marcado intento de renovar tal ciência por meio da substituição da primazia de um sedutor e prestigioso líder pela *influência e imitação* das opiniões intersubjetivas. O motivo para tal eleição é justificado por Ramos, já que “Tarde reagiu contra as concepções organicistas da vida social” (1952: 21), por tal adesão se vale da noção de *interpsicologia*, termo que concebe as influências sociais não por meio de uma relação direta entre líder-massas, mas pelas circulações de ideais em meio a uma sociedade de indivíduos inter-relacionados. O cerne dessa *interpsicologia* tardeana é mesclado com as relações de personalidade em que Ramos se centra, justo por isso passa a dedicar um capítulo destinado às *Reações da Personalidade*. O termo *reação* pode ser melhor compreendido como *re(nov)ação*, já que se embasa na retomada de alguns dos fundamentos da escola oitocentista de psicopatologistas que buscou encontrar a síntese do eu por meio da constituição da personalidade (Binet, Janet, Ribot, etc.), essa escola foi influente na própria Psicologia das Massas de Le Bon, a qual Ramos simultaneamente rechaçou e dialogou.

<sup>52</sup> Doutor em letras e medicina, foi professor de medicina na Faculdade de Estrasburgo, até o ano de 1936 em que foi convocado para suceder Georges Dumas na cátedra de psicopatologia da Sorbonne. Blondel era amigo pessoal de Marc Bloch e um dos inspiradores de Lucien Febvre na construção de uma interpretação histórica marcada pela psicologia social. (CLARCK, 2011) (ROUDINESCO; PLON, 1998). Dentre suas principais obras podemos destacar *La Psycho-physiologie de Gall*, *ses Idées Directrices* (1914), *La Psychanalyse* (1924), *La*

escola *caracterológica* de Ernst Kretschmer. Nesse intuito de renovação do horizonte epistemológico, Ramos define a personalidade da seguinte maneira:

Personalidade implica uma participação completa do indivíduo na vida social; é o resultado de todas as influências ambientais sobre o indivíduo e a sua resposta consequente. Nela estão não somente as bases físicas, biológicas da individualidade como as múltiplas influências sócio-culturais. [...] Para sua compreensão total consideramos os três aspectos: constitucional (hereditário), temperamental (fisiológico) e psicológico (psico-social). [...] O estudo da personalidade comporta dois problemas gerais: O primeiro, que se dirige aos fundamentos da organização do *eu*, às funções psicológicas que se coordenam nesta síntese superior, que é a personalidade; o segundo, que estuda as diferentes personalidades concretas, que é, por assim dizer, o lado prático, aplicado, do primeiro: é a psicologia diferencial ou *caracterologia* (1952: 80).

Descrevendo a pirâmide biotipológica de Pende, Ramos centra sua ênfase nas teorias caracterológicas que “devem merecer mais de perto as nossas atenções [...] Kretschmer dividiu os tipos morfológicos em quatro categorias: *leptossomáticos*, *pícnicos*, *atléticos* e *displásticos*” (1952: 85), como já explicado pela obra de Bosch. Por tais pressupostos teóricos Ramos foi capaz de transpor as ferramentas conceituais do mestre alemão ao *estudo da liderança*: “chefes e heróis *ciclotímicos* assinalam-se pelo seu *élan* de alegria e entusiasmo, otimismo, ousadia, golpe de vista, amabilidade, energia prática. São *meneurs populares*, organizadores de grande estilo, *políticos e mediadores*, amigos da conciliação” (1952: 88). De maneira incisiva, organiza um dispositivo que classifica e qualifica os homens por sua personalidade para então projetá-lo às características da liderança, num trânsito entre a teoria caracterológica da personalidade e sua contraface social: “os tipos de Kretschmer lograram grande aceitação na *caracterologia e na psicologia social*. Mesmo porque, tocamos naquele velho dualismo tipológico em que se consideram distribuídos os seres humanos. Vide mais adiante o capítulo sobre a liderança.” (1952: 89). O autor relaciona a psicologia da personalidade, inspirada na *caracterologia*, como enlace para o capítulo sobre *A Liderança*.

Segundo Ramos, para o exercício da *liderança* deve-se tomar em consideração as noções de *foco inventivo*, *prestígio*, *autoridade* e *mando*, de forma que “a liderança origina-se das atitudes e hábitos de domínio em uns e de submissão em outros” (1952: 225), compreendendo *domínio* e *submissão* em *lato sensu*, tanto político quanto subjetivo. Dessa concepção o autor comenta algumas pesquisas sobre a liderança infantil a partir de intelectuais estadunidenses que apresentaram algumas constatações de gênero: “as meninas preferiam uma liderança democrática e desejavam ‘gostar’ do líder, enquanto os rapazes

preferiam um ‘chefe’, desejando ‘obedecer-lhe’. [...] poucas meninas receberam um voto nítido de líder.” (1952: 228). Elevando-se essas considerações da esfera infantil para a adulta, o gênero é amplificado quando refere-se à esfera *morfológica*, de inspiração *kretschmeriana*, de onde se originaria a diferenciação entre os homens e, conseqüentemente, a liderança: “os homens são escolhidos e selecionados nestas ocupações que exigem o emprego da força muscular. Daí surgirem líderes entre os trabalhadores braçais, *sportsmen*, etc., escolhidos dentre aqueles que apresentam *tipos atléticos*” (1952: 231). Atente-se ao caráter eminentemente fisiológico de fundamentação da liderança, sendo a corporeidade considerada a principal das características de personalidade que definiu o líder como “aquele indivíduo que, *por suas qualidades* de iniciativa e conformidade social, filtrou os anseios e necessidades do grupo e soube, melhor que os outros, resolve-los e orientá-los. O líder é, pois, uma autoridade formalizada” (1952: 231). Nessa lógica, o líder comanda por meio de suas *características/qualidades de personalidade*, que lhe permitem analisar, compreender e orientar as demandas coletivas. Portanto, a formulação de uma ciência do líder demandaria longa análise de detalhes, qualificações e adjetivos que o inferiam/aferiam enquanto tal. Isso permite que Ramos demonstre sua veia psicanalítica ao inspirar-se em *Totem e Tabu* para evocar a imagem do *clã primitivo* como elemento fundacional das características da liderança, monopolizadas pela figura paterna/masculina:

Nos primórdios da vida humana ele se confunde com o meneur, o condutor de homens, de multidões, em contacto face a face. No clã primitivo, o líder se hipertrofia, açambarcando todas as atividades de mando. É então o ‘Pai’, o ‘antepassado totêmico’, o ‘*Medicine Man*’, o ‘Chefe’. Encontramos nas monarquias primitivas (como ainda hoje em certas monarquias africanas), esse absolutismo de autoridade” (1952: 231).

Se para os intelectuais católicos a pirâmide da autoridade possui como ápice e fundamento a essência divina, legitimando todas as outras formas de comando (política, militar e familiar), para Ramos essa pirâmide é invertida, de forma a posicionar a emblemática imagem do *Pai primitivo* como origem de toda autoridade. Segundo sua formulação, após a morte desse *pai-rei* a divisão do trabalho foi setorizada, o que favoreceu a fragmentação e multiplicação dos focos de liderança, resultando o surgimento de múltiplos líderes: políticos, industriais, científicos, religiosos, etc. Segundo Ramos, foi justamente nessa profusão e especialização dos diferentes tipos de lideranças que se demandou homens com traços de personalidade específicos, a atenderem cada um desses postos de poder legados pelo fantasma do *pai primitivo*.

Para suprir essa modalidade de exame psicotécnico de líderes Ramos chega ao que conceitua como uma *caracterologia da liderança*, compreendida como a qualificação de um líder a partir do “exame dos seus traços psicológicos dominantes. Neste sentido, o problema dos tipos de líderes cai dentro do problema geral, já examinado, dos tipos de personalidade” (1952: 233). Por tal constatação a formulação completa seu círculo de maneira harmônica. Se antes o tema da personalidade remetia à liderança, agora a liderança retorna à questão da personalidade. A partir da *psicofisiologia caracterológica dos homens* inspirada em Kretschmer, Ramos aponta que as características ou traços de personalidade diferenciariam os *homens* aptos ou não a exercer a liderança e o mando, desta forma “o estudo tipológico dos líderes leva-nos ao problema do *gênio* [...]. Homem de gênio diz-se daquele que se distingue dos seus semelhantes por uma qualidade excepcional, na esfera do *pensar*, do *querer*, do *sentir*” (1952: 236), em suma, o líder assume o comando graças à sua genialidade, sendo o gênio aquele *homem* que possui *personalidade*, isso é, qualidades viris e excepcionais que o distingue dos demais medianos, inferiores, infantis e femininos.

Dessas características de personalidade delineiam-se os pressupostos da liderança: “para ser um líder, é preciso haver, além das qualidades propriamente individuais, de *prestígio*, de *iniciativa*, de *invenção* ou *criação* – a *conformidade* às necessidades ou tendências do grupo” (1952: 237). Ou seja, pela sobresaliência na esfera racional do *pensamento* o líder alcançaria o *prestígio*; pelo entusiasmo na esfera do *querer* atingiria uma influência volitiva; pela abertura aos domínios do *sentimento* compreenderia e estabeleceria conexões com as tendências coletivas; pela conformidade e interpretação dos anseios da massa, seria capaz de dominá-la:

O verdadeiro líder tem de submeter-se às injunções da coletividade. Tem de adaptar-se às exigências do grupo. Esta condição de conformidade social é indispensável, na caracterização da liderança; sem ela de nada valeriam as funções de mando; *Sem o exato conhecimento da mentalidade do grupo o líder corre o risco de desaparecer completamente* (1952: 232).

Ao contrário da tirânica imagem do *pai primordial*, Ramos se adequa às novas tendências da Psicologia Social de sua época para qualificar o líder como aquele que é simultaneamente dominador viril e generoso tributário das necessidades do grupo. Dessa maneira, a concepção de *autoridade* em Ramos circunscreve também uma relação de mão dupla, em que o liderado haveria de ser anuente quanto aos laços firmados junto ao líder. Mais que isso, sublinha-se a necessidade desse líder também ser um *psicólogo social* ao conhecer as tendências e aspirações psíquicas, fisiológicas e temperamentais da massa, para



saber conduzi-la. Por tal caráter psicológico o líder haveria de ser a ponte que conecta as esferas da personalidade e da coletividade:

O líder é um elemento imprescindível na vida social. Ele está nos fundamentos da ordem e das mudanças sociais. [...] ele age pelo prestígio da autoridade e é assim um dos meios de se resolverem os conflitos do grupo. [...] É ele a personalidade central em torno da qual giram os processos interpsicológicos, como um poderoso filtro das aspirações individuais (1952: 237).

Sublinhamos a noção de *prestígio*, nem um pouco alheia às formulações lebonianas, que também a considera capaz de *resolver conflitos* grupais. Também reforça-se a noção do líder como *personalidade central*, ao redor do qual *giram os processos interpsicológicos*, sendo ele intérprete e motivador da coesão grupal por meio da sua função de destaque nos processos relacionais entre diferentes individualidades, ordenando o corpo social.

Dessas afirmações constatamos que um dos grandes movimentos teóricos realizados por Ramos foi apropriar-se da caracterologia classificatória de homens medianos ou geniais mesclando-a com uma psicanálise dos vínculos libidinais, para então aplicar tal composição ao campo da autoridade, de maneira a engendrar uma verdadeira teoria psicológica da liderança que delinearía as relações entre indivíduo e sociedade a partir da personalidade do líder. Essa parafernália teórica não era de todo estranha aos médicos-intelectuais que interpretavam a sociedade por meio da psicologia na década de 1930.

A leitura de uma psicologia social na Argentina foi abordada a partir de amplo e eclético espectro de influências e leituras intertextuais. Nesse contexto, podemos encontrar algumas formulações que também procuraram compreender/afirmar os vínculos de liderança por meio da mescla entre as teorias galtoniana, kretschmeriana e freudiana<sup>53</sup>. O livro *Los Dominadores: Estudios de Psicología Política y Social* do Dr. Hernani Mandolini<sup>54</sup> pode ser considerado um dos mais evidentes intentos nesse sentido.

<sup>53</sup> Para um apanhado sobre o ecletismo das leituras psicanalíticas na primeira metade do século XX na Argentina Cf. (PLOTKIN, 1996), sobre a eugenia e a biotopologia Cf. (VALLEJO; MIRANDA, 2004).

<sup>54</sup> Mandolini migrou da Itália para a Argentina ainda na infância. Formado em medicina, se interessou sobremaneira pela psicologia e pela criminologia, temas recorrentes em suas obras (DELGADO; JAVIER, 2013). Publicou em diversas revistas especializadas tanto argentinas, como a *Revista de Criminología, Psiquiatría y Medicina Legal, Revista de filosofía, Nosotros*, como também internacionais: *Inter-america* (Nova York), *Revista Panalá* (Buscareste), *La Ley* (Panamá), *Archivodi Antropologia criminale, Psichiatria e Medicina legale* (Turín). Também lançou diversos livros, tais como: *Concepto de la Locura Moral* [1917], *Ensayo sobre la psicología del hombre de génio* [1919], *La evolución sexual del hombre* [1922] e *Los Vencidos* [1928] dentre outros. Também lançou diversos romances, ensaios e poesias se consolidando também como literato, posto consolidado quando liderou a revista literária *Pórtico*.

Analogamente a Ramos, o ponto de partida de Mandolini era a noção do *pai primordial* e selvagem “acucurrado en el fondo de su caverna o perdido en el seno de los bosques, sin más armas que sus rústicos ensayos de piedra, *nuestro progenitor* sintióse más de una vez vencido por el número y la violencia de las fieras.” (MANDOLINI, 1930: 5). Inspirado nas formulações freudianas, presentes principalmente em *Totem e Tabu* (2013) e *Mal Estar na Civilização* (2010), Mandolini percebeu nas relações individuais de violência a principal propensão humana, já que todo processo sociocivilizatório não as teriam apagado do *subconsciente coletivo*. Dessa forma, não seria o remorso ou o amor a um fantasmático *pai primordial* assassinado a origem dos laços sociais, antes disso, os resquícios psicológicos da pretensa época de defesa do homem frente aos perigos da selvageria seriam residuais e contrastantes com os processos civilizacionais,

La cohesión social acabó por triunfar porque respondía a necesidades superiores e ineludibles. A pesar de los graves inconvenientes, el hombre se sintió más seguro al confundir su existencia con la existencia común. [...] el hombre abdicó su salvaje independencia en el seno del clan o de la tribu. Confundido con la masa común perdió una parte de sí mismo y para salvar el resto [...] tuvo que defender su personalidad como había defendido su derecho a la vida (MANDOLINI, 1930: 06)

Nessa leitura, a própria concepção de *personalidade* é alinhavada a partir da manutenção dos vínculos selvagens e individualistas de violência. Tais pulsões hostis, sublimadas, mas não excluídas da inconsciência humana, sustentariam a interpretação sobre a psicologia individual e, por conseguinte, das massas. Não por acaso se valendo de instrumental eugenista, Mandolini considera a *adaptação* a uma vida social como a renúncia de parte dos traços de personalidade hostis e incontidos. Essa transição de uma vida selvagem à vida social marcaria o cerne da civilização, da mesma forma que também distinguiria o homem normal e civilizado frente aos anormais e inadaptáveis, possuidores de maior personalidade e violência. Nessa inversão interpretativa, Mandolini compreende a personalidade como proporcional ao desvio ou inadaptação, que de maneira semelhante às formulações de Kehl, seriam definidos por uma variação na média normal:

Los individuos que por defecto o exceso de su constitución psicofísica, no lograron adaptarse a la vida colectiva, infringen la norma común con medios más o menos violentos. Aquél que no puede vivir en sociedad, dice Aristóteles, es un bruto o un dios. Dioses y brutos al mismo tiempo, algunos amalgamaron a una inteligencia superior la ruda agresividad de sus instintos. Llegaron a dominar un ambiente hostil que no podría amoldar su personalidad extraña, imponiendo sus caprichos a la masa anónima (1930: 07-08).

Dessa gênese inadaptável e selvagem dos homens excepcionais, herdeiros do progenitor primordial, haveriam de surgir as duas figuras mais bem quistas pelos saberes *psi* do período: o degenerado e o líder, compreendidos como variações abaixo e acima da média civilizada. Dessa concepção de *dominador* Mandolini prefigura e demanda um líder que alia os preceitos da brutalidade e inteligência para fazer de sua incapacidade de *adaptação* uma ferramenta afirmativa de sua *personalidade*<sup>55</sup>, marco de individualidade imposta à massa anônima e impessoal. Dessa antinomia entre o gênio e o delinquente, ambos inadaptáveis à coesão social, restam as duas variações: “Los productores del génio acaban por dominar a la sociedad, los delincuentes són dominados por ella” (1930: 15). Dessa categórica assertiva, Mandolini passa a derivar uma verdadeira teoria da liderança.

Segundo sua formulação, a violência, a delinquência e a inadaptabilidade seriam fundamentos nos quais se baseariam as relações sociais, dessa forma retoma-se Le Bon para fundamentar uma leitura sociopolítica:

En las grandes agrupaciones enardecidas la agresividad subconsciente estala. Son ante todo los inadaptables esténicos, criminales natos que se sienten volver a la libertad de sus tendencias prehistóricas, luego los indecisos, los fluctuantes y por último los mejores y evolucionados, siendo muy pocos los que escapan a la inmensa ola del contagio colectivo. Le Bon observa con entera justicia que el hombre perdido en el seno de una muchedumbre pone en libertad su complejo individualista brutal, comprimido en la vida cotidiana. Con su individualismo imperioso y agresivo los agitadores y conductores de pueblos obraron sobre el individualismo desatado de la colectividad, excitaron los más violentos impulsos antisociales (1930: 16).

Não muito distante das formulações do *líder vessânico* de Nina Rodrigues, Mandolini compõe um ordenamento social entre líder/dominador e massas/dominadas a partir do conceito leboniano de *contágio*, mesclado a uma agressividade subconsciente de inspiração psicanalítica e uma degeneração inadaptável de cortes eugênicos. Por tais pressupostos Mandolini traça um modelo de condutor que excita e comanda uma massa passiva: “*la misma pasividad de la mujer* que se abandona por amor encierra un principio de agresividad erótica disimulada. Nadie se entrega sin la esperanza lógica de poder conseguir más de lo que da (1930: 10)”<sup>56</sup>. Se Mandolini afirma que as massas são passivas como mulheres excitadas, da

<sup>55</sup> Mandolini recorre ao conceito de *protesto viril*, do psicanalista heterodoxo Alfred Adler, que via nos processos de compensação auto-afirmativa as formas de reação frente os complexos de inferioridade. “La inadaptabilidad provoca en el primero [el degenerado] el retraimiento hostil y subjetivo, provoca en el segundo [el líder] aquella protesta viril, también analizada por Adler, manifestación de reto del individuo contra la sociedad a la que no se puede amoldar” (1930: 25). Esse conceito também foi muito utilizado nas leituras de Ramos, um dos primeiros interpretes de Adler na América Latina.

<sup>56</sup>Essa analogia entre mulheres libidinosas e massas é certamente inspirada em Ramos Mejía, não por acaso citado diversas vezes por Mandolini, especialmente quando trata do temperamento paranoico dos líderes:

mesma forma que Mejía e Le Bon, sua constatação é relativizada quando trata de certa atividade e demanda frente à dominação de um líder viril que lhe imprime personalidade a partir de suas qualidades racionais:

La masa no es por completo inerte y pasiva, simple instrumento dominado por interés y por miedo [...] pues residen en ella una fuerza viva que nadie podrá desconocer, formada de complejos socializados vagos y fluctuantes y de elementos agresivos primordiales y profundos. Sobre estos principios actúan los directores bélicos uniformándose con su fondo mismo y dándoles un contenido intelectual propio y una orientación definida (1930: 22).

O argumento busca espelhar o protagonismo dos dois lados da relação: de um lado a massa e sua potência violenta, capaz de deslindar os mais virulentos processos revolucionários, do outro os *directores bélicos*<sup>57</sup> uniformizados com a massa por meio de uma comunhão de *agressividades latentes*, da mesma forma que os *caudilhos*, dos quais retomaremos adiante. A diferença entre líder e massas instaura-se pela personalidade do primeiro, que impõe à massa um *conteúdo intelectual* e uma *orientação definida*, atributos dos quais a massa é carente. De maneira análoga a Ramos, Mandolini afirma então a necessidade do líder em responder aos anseios e demandas das massas, da mesma forma que lhe demanda um perfil de conhecedor e mesmo *psicólogo* das coletividades, dado que, sem essas coordenadas científicas a condução das massas pelo *dominador* haveria de ser fadada ao fracasso e à tirania. Composta a estrutura intelectual pela qual compreende-se e justificam-se as relações de mando e obediência no campo social a partir das *ciências psi*, Mandolini passa a interpretar tais relações distinguindo-as a partir do gênero – para ele *sexo* – que haveria de ter importantes consequências científicas e políticas.

### 3) Tinturas de gênero e misoginia na Psicologia Social de Hernani Mandolini e Júlio Porto-Carreiro: da *criminosa coroada* à liderança patriarcal

Estudados os principais argumentos pelos quais se estabeleceu uma teia de saberes-poderes sobre a liderança por meio da psicologia da personalidade e das massas, é ainda necessário acrescentar uma interpretação que estava sempre implícita, e em muitos casos explícita. Trata-se dos instrumentos teóricos e dicotômicos de gênero a sustentar as

---

“Predomina en unos el aspecto exaltativo, dominador, esténico que se traduce en farsas trágicas, impulsos brutales, caprichos violentos, como en Calígula, en Neron, en Rozas” (1930: 28)

<sup>57</sup> Note-se que Mandolini faz referência aos líderes enquanto *directores bélicos*, reforçando uma concepção militarista de autoridade: “de la autoridad militar surge la autoridad civil” (1930: 08)

hierarquias políticas pelas quais as mulheres, tais como as massas, seriam consideradas irracionais e emotivas, qualificações que opostamente reforçariam o caráter de uma liderança viril e racionalmente masculina.

Tal processo é evidente quando Mandolini estrutura seu capítulo sobre os *dominadores políticos* em dois eixos contrapostos, um para abordar a *delincuencia y locura de los tiranos* e outra para *las grandes criminalidades coronadas*, sendo a primeira parte destinada aos dominadores masculinos e a segunda às *aberrantes mujeres dominadoras*. Com relação aos tiranos, a constituição caracterológica e fisiológica de grande atividade definiriam sua personalidade política, de maneira a empolgarem-se e, com isso, atiçarem os apetites revolucionários das multidões. Já para as dominadoras também haveria de ser a capacidade fisiológica que determinaria sua posição, porém, de maneira oposta:

Todos los autores están de acuerdo en constatar que la mujer oscila dentro de los límites biológicos más restringidos que el hombre. En ella la variabilidad es mucho menor, más firme la constancia de un tipo medio y escasas, por consiguiente, las manifestaciones individuales. Las causas orgánicas de este claro e interesante fenómeno tienen su punto de partida en los cuidados de la maternidad que monopolizan y absorben una gran parte de la actividad femenina. Superfluo sería insistir sobre el carácter sexual predominante de sus actos, carácter que condiciona su verdadera personalidad y le permite exteriorizar su fisonomía típica en el escenario de la vida (1930: 32).

Baseado no mais puro senso comum, Mandolini constata cientificamente os enérgicos traços de personalidade masculinos como garantias de domínio dos outros, auto afirmando a violência/personalidade primordial dos homens. Já para as mulheres seria a *falta* das *manifestações individuais/violentas* que demarcaria sua ação política, dado que sua débil constituição *personológica* –fisiológica e psicológica – seria ancorada unicamente na maternidade. A partir dessa ausência constitutiva de traços de condução a mulher dominadora é definida pela *falta*, sendo sua única abundância o *caráter sexual* dos atos e manifestações políticas. Logo, a mulher em sua condição de normalidade haveria de ser politicamente passiva e obediente, dada a limitada natureza fisiológica que a constituiria somente como mãe. Em completa oposição a tal condição se explicaria a aberrante existência das mulheres em posição de comando:

Curioso es observar que en la mayoría de los casos los sujetos femeninos, al romper el molde de su medianía biológica, se acercan al hombre, como si la aberración fuera incompatible con los caracteres generales de su sexo. [...] A quien recorriere una galería de retratos de mujeres anormales sorprenderá la frecuencia de rasgos fuertes, viriles, muchas veces bruscos y antipáticos que vinculan bajo el punto de vista biológico las más variadas formas psicosociales. La genialidad y la delincuencia se encuentran en el mismo terreno. En ambos casos hay una tendencia innegable hacia

el masculinismo. La mujer, más que un verdadero tipo criminal presenta un tipo virilforme, lo que habla en favor de su escasa variabilidad dentro de sus límites propios u en ella el genio no es más que una imitación mediocre del genio superior del hombre. Esta característica general se muestra con singular evidencia en las grandes delincuentes coronadas (1930: 33-34).

O caráter *generificado* do tratado de *psicologia política e social* de Mandolini é exacerbado, uma vez que compreende a composição fisiológica feminina como débil e, com isso, sua *personalidade* seria insuficiente para o exercício da dominação/condução, então aquelas mulheres-*aberrações* que o fazem são explicadas enquanto *imitações medíocres do gênio superior do homem*. Segundo tal formulação, a liderança haveria de ser circunscrita por apenas um sexo, cabendo ao *homem* a posição de genialidade. Uma mulher no comando seria um simulacro, verdadeira *delinquente coroada*:

Hábiles en la política, muchas veces con cualidades eminentes de estadistas, sabiendo ocultar oportunamente sus excesos pasionales [...] en la mayoría de los casos conservan de la mujer el encanto maravilloso de la sexualidad: pero saben utilizarlo como un arma en extremo sutil y peligrosa para el logro de sus designios (1930: 34)

Nessa leitura a ascensão da mulher à esfera política apenas ocorreria por meio da *imitação medíocre*, pela dissimulação dos *excessos passionais* típicos de seu *sexo*. Se o traço de personalidade da inteligência e da vontade é exaltado nos grandes gênios políticos masculinos, a astúcia feminina haveria de ser sorrateira e ardilosa, dado seu pretenso caráter e apetite altamente *sexualizado*:

Ellas poseyeron el genio de la intriga, de los planes complicados, tortuosos, maquiavélicos [...] en su mayor parte, hicieron servir sus relaciones eróticas al logro de sus designios, armonizando la satisfacción de sus apetitos con el hábil juego de las intrigas; pero si tuvieron caprichos más o menos durables, desconocieron el verdadero amor (1930: 35).

Despojada de la piedad, del instinto maternal, de todas sus buenas cualidades la criatura femenina sobrepuja al hombre en el odio, el deseo de venganza y la crueldad, pareciéndose en este último punto al niño, con el que tiene tantos puntos de contacto (1930: 36)

Nadie podrá negar después de todo esto, que por sus cualidades eminentemente viriles de inteligencia y voluntad muchas de las mujeres que estudiamos superan a su sexo: pero le son inferiores en más de un punto por la anestesia moral, el erotismo excesivo, la disminución o falta de sentimiento materno.

Preenchendo o estereótipo da licenciada, violenta e desalmada, traça-se uma caracterização da mulher na política como verdadeira transgressão da esfera moral maternal que lhe é atinente e da ordem das coisas. Se questionarmos o porquê de tanto interesse,

curiosidade, preocupação e detalhamento com essas *criminosas coroadas* no interior de um tratado de psicologia social e política chegaremos à constatação de que, por essa via, o autor atende a algumas demandas estratégicas de sua ciência. Não apenas afirma ser a política o espaço *generificado* da virilidade, mas também articula a feminilidade à ausência do controle, da razão e da normalidade, podendo assim (re)negar sua participação nos postos de liderança e reforçar a antiga premissa básica da *Psicologia das Multidões* que compara o comportamento feminino com o das massas ensandecidas. Isso justifica a caracterização da mulher na política, tal como as massas, enquanto passional, voluptuosa e cruel, beirando a própria *infantilidade*.

Tais fantasias científicas que interpretavam a anormalidade da presença feminina na política eram transnacionais e estavam presentes na argumentação de muitos intérpretes da *Psicologia Social*, tanto argentinos quanto brasileiros. Dentre eles podemos retomar Renato Kehl, que ao definir as características dos indivíduos da *grande média eugênica* massificada os aproxima da *infantilidade*, já que seriam inaptos a exercer o juízo crítico e, por isso mesmo, impossibilitados de manifestarem-se politicamente. Desta forma Kehl qualifica como *masculina* a época da maturidade e do raciocínio consciente já que “é o homem maduro o que duvida e é tanto mais homem, quanto mais ele duvida” (1945: 42). Nessa paródia *pseudoiluminista* define-se a minoridade e a juventude do homem como sua época da *irracionalidade*, período de *falta* de capacidade crítica, por isso considera que este haveria de ser um estágio *feminino*. Apenas por meio do *questionamento*, típico dos homens, se chegaria ao estágio pleno de maturidade, manifestada pela viva expressão da *virilidade* (1945: 87). É justamente na contraposição simétrica dessa masculinidade madura que encontramos em Kehl o alinhamento de uma feminilidade débil e politicamente *conservadora*:

As mulheres são mais conservadoras quanto aos preconceitos, às ideias e às convenções sociais; das *influências das glândulas sexuais* relativamente à estabilidade e à instabilidade espiritual, à renovação e às obsessões rotineiras. [...] A esse propósito disse *Le Bon*: “a estabilidade necessária à existência da sociedade é precisamente mantida graças ao grupo compacto dos espíritos lentos e medíocres, governados por influências da tradição e do meio”. Dois são os grandes núcleos de onde partem os eixos da rotina social: a mediocridade e a feminilidade. Na grande massa humana encontra-se a maioria dos tipos [...] que aceitam, *passivamente*, a orientação do pastor, sendo suscetíveis em certos casos a “estouros” provocados por demagogos e sectaristas. Essa *grande massa é, pela regra, displicente e conservadora*. Outro grande núcleo é constituído, como dissemos, pela *feminilidade*. A tendência feminina no domínio das ideias e das convenções é francamente conservadora, muito embora a consideram volúvel, especialmente com relação à moda, manobrada pelos que dela vivem. Tomando por base a generalidade, não há dúvida que a *coletividade feminina representa a segunda base conservadora* por excelência, enquanto a *coletividade masculina constitui a base ativa da evolução*. No seu antagonismo são forças cruzadas para o indispensável equilíbrio do todo: a feminilidade, como reservatório das

energias potenciais da espécie, e a masculinidade, como catalizadora e transformadora das atividades renovadoras (KEHL, 1945: 84-85).

Para um eugenista e evolucionista social, o movimento mais abominável numa sociedade seria o *rotineiro* conservadorismo feminino, contrário ao melhoramento e à evolução da humanidade. No intuito de sustentar essa tese, Kehl articula os postulados *kretschmerianos* da influência das glândulas no comportamento humano junto com as formulações lebonianas das massas femininas, traçando um verdadeiro emaranhado metafórico onde os termos *massas* e *mulheres* passam a ser qualificados como sinônimos. Tais concepções não estavam isoladas e eram fruto de amplo diálogo junto aos demais médicos-intelectuais que compartilhavam determinadas interpretações eugenistas, psicológicas e psicanalistas, tais como os famosos Arthur Ramos, Afrânio Peixoto e o igualmente renomado Júlio Porto-Carrero.

A atuação social-científica de Porto-Carrero era bastante intensa e demonstra pleno engajamento com as causas eugênica, higiênica e psicanalítica. Era membro destacado da Liga Brasileira de Higiene Mental, integrante honorário da Academia Nacional de Medicina, fundador e secretário geral da sessão Rio de Janeiro da Sociedade Brasileira de Psicanálise, atuante na Associação Brasileira de Educação e catedrático em Medicina Legal na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Foi conhecido como grande divulgador da psicanálise, aprendendo alemão com o intuito de ler Freud no idioma original, traduzindo e publicando a primeira edição brasileira de *O futuro de uma ilusão*, no ano de 1934 (MOCREJS, 1993), também lançou mais de uma dezena de livros em que tratava de assuntos de grande importância na época, tais como eugenia, higiene social, criminologia, educação e psicanálise (RUSSO, 2005). A obra *Psicanálise de uma Civilização* – publicado em 1941 pela coleção *Biblioteca Científica*, dirigida pelo amigo pessoal Afrânio Peixoto – foi uma das mais influentes interpretações da sociedade a partir dos saberes *psi* do período. Tal protagonismo se justifica pelo fato do autor mesclar psicanálise e eugenia, configurando uma singular teoria do *Complexo-de-Édipo Social*, tendo como finalidade entrecruzar a individualidade e a coletividade, ao considerar que “não se pode fugir à comparação entre certos fenômenos do desenvolvimento social e outros puramente individuais” (1932: 07).

No intuito de estudar a gênese daquilo que compreendia como a origem da vida em bando, que segundo sua teoria era basilar para o surgimento da sociedade/coletividade, Porto-



Carrero concebeu o *patriarcado* como fundamento político original das relações de autoridade:

Se a organização do homem, a sua anatomia e a sua fisiologia não mudaram, salvo para aperfeiçoar-se, desde os primórdios sem história, se as diferenças psíquicas entre os sexos humanos não são muito diversas das que existem entre os sexos das outras espécies próximas, é bem de crer que o homem, o macho, tenha tido, na esfera social primitiva, a atitude que tem o seu sexo, na maioria das espécies superiores. Todos os animais que vivem em bando – com exceção das abelhas, que tem organização ginecocrática – têm por chefe do bando um macho. [...] o predomínio masculino se estabelece já na horda caçadora (1932: 08).

Partindo da mesma premissa biotipológica que percebe a fisionomia como fundamento para o estabelecimento dos comportamentos humanos, o médico recorre à zoologia para afirmar a primazia do *macho* em todas as espécies superiores, tal como haveria de ser o *homem primordial*. Em apenas um movimento Porto-Carrero transcende a interpretação psicanalítica e antropológica para fundamentar uma verdadeira análise do poder e da autoridade, nesse intuito se apropria seletivamente de alguns conceitos de Freud para legitimar o patamar superior do homem com relação às mulheres:

A fêmea nutre, agasalha e defende os próprios filhos, o que vale dizer que os reconhece [enquanto] tais; mas a defesa coletiva do grupo é assegurada pelo macho. Esse papel de nutrir, agasalar e defender a prole inexperiente é característico do sexo e reflexo do papel da fêmea, na gestação, quando dentro de si mesma abriga e nutre o ovo. Não derivasse essa atitude das próprias qualidades sexuais da fêmea e possuísse esta a capacidade do domínio coletivo fora do lar, seria então o matriarcado [...] o que não corresponde à verdade (1932: 11).

Da mesma forma que Mandolini, Porto-Carrero caracteriza a mulher (fêmea) a partir de suas características biológicas e maternas, pretensamente próprias às suas qualidades sexuais. Para atestar o caráter dessa figuração feminina Porto-Carrero recorre à noção de *tipo maternal*, proposta por Otto Weininger<sup>58</sup>, para definir a essência passiva da natureza feminina, desqualificando o matriarcado como explicação antropológica. Por oposição, o *patriarcado* é defendido como legítima posição de domínio masculino nas sociedades, já que suas propriedades fisiológicas e sexuais seriam mais propensas às qualidades de mando e domínio: “em cada bando só se vê um macho; quando o macho novo cresce, trava-se luta pelo domínio e o mais forte, matando ou expulsando os outros, toma a frente da comunidade.” (1932: 13). Dessa formulação *homini lupus homini est*, mesclada às pseudoteorias do *macho*

<sup>58</sup> Intelectual vienense extremamente misógino que cometeu suicídio aos 23 anos, logo após publicar *Sexo e Caráter*, em que atestava a completa superioridade anímica, psíquica, física e política do homem frente à mulher. Para uma aproximação sob o ponto de vista da masculinidade entre Weininger, Freud e outros intelectuais vienenses dessa geração Cf. (LE RIDER, 1993)

*alfa*, Porto-Carrero constata que “o homem é o chefe, o homem dita as leis e as regras de moral; e as próprias deusas primitivas, restos da idade agrícola, cederam o passo aos deuses masculinos (1932: 65), numa continuidade mitológica que pretensamente embasaria a autoridade da masculinidade até aquela contemporaneidade: “Não sejamos hipócritas. O homem e a mulher são hoje o que sempre foram” (1932: 145), desta forma sua interpretação sociopolítica passa necessariamente pela leitura de gênero para estabelecer os marcos que distinguem o líder, numa hierarquização apregoada pela família, entendida como núcleo social elementar:

A sociedade provém do grupo primitivo – mãe e prole – formado em benefício da espécie; o indivíduo masculino, paterno, junta-se ao grupo, colaborando no sustento e na defesa da prole, isto é, na defesa da espécie; livre da tarefa doméstica, *o macho, agressivo, cresce em força, adquire autoridade, é chefe*; toda a organização subsequente, construída sobre aquelas bases da defesa da espécie, tem como *núcleo a família e como chefe, o pai*. (1932: 68)

Nesse singular cruzamento de inspirações antropológicas, psicológicas, evolucionistas e políticas, a hierarquização de gênero aparece como motor propulsor e justificativa singular da origem dos atributos de autoridade, chefia e liderança masculina. A partir disso, Porto-Carrero lança as bases para as interpretações predominantes no pensamento psicossocial da época, que hierarquizaram a sociedade a partir da estrutura da microcélula familiar, garantindo o domínio e comando como tarefas paterno-masculinas. Por tal argumentação o ordenamento sexual/familiar asseguraria a posição de autoridade do *homem* – e não da mulher – tendo em vista que apenas ele possui as características de personalidade próprias à liderança: “a generalização, a abstração, o cálculo, a invenção, o mando do grupo, o estabelecimento da lei, o critério do direito [...] são ocupações do homem... e das monstruosas mulheres masculinas. (1932: 89). Retomando o argumento das *criminosas coroadas* de Mandolini, Porto-Carrero deixa clara a justificativa científica da predominância do poder viril no espaço público-estatal, em oposição ao elemento feminino, que apenas é normal quando ilhado nos domínios da esfera privada do lar:

Os impulsos de agressividade, muito maiores no homem, levam-no à **violência**, à guerra. A mulher queda-se tímida, ante o ato agressivo. [...] As mulheres defendem os interesses da família e da vida sexual; o trabalho da civilização foi sempre mais objeto dos homens, dá-lhes sempre tarefas pesadíssimas, obriga-os a sublimações de impulsos, das quais não [são] capazes as mulheres. [...] Para ele, a primeira preocupação é a Pátria, o dever cidadão; para ela, os filhos, o dever de mãe. [...] No homem, o Ego parece diferenciar-se tanto, que nele se equilibram impulsos de vida e de morte, *libido* e agressividade. O meio externo é hostil; urge parar-lhe os golpes, afeiçoa-lo ao interesse individual, domina-lo, conquista-lo, rende-lo ao seu serviço. Para essa tarefa, é imprópria a mulher, grávida, parida ou a amamentar o filho; ademais, é ela o sexo receptivo, ele o agressivo. Também o ovulo feminino é inerte e

inútil, se lhe não chega estímulo estranho; e o espermatozoide é o portador natural desse estímulo. Assim também, na sociedade, a mulher é a matéria prima do grupo; o homem, a centelha que o põe em movimento. A formação natural dos vocábulos [...] explica-nos suficientemente essa distinção: matéria, de *mater*, mãe; energia, de *erg*, trabalho. É lógico que a força domine a matéria. [...] Dominada a *psique* masculina pelo Ego, enriquecido por uma inteligência que o contato milenar com o mundo externo facilmente desenvolve, é simples compreender que o homem haja preponderado (1932: 69-71).

Percebemos a recorrência do tema da *violência primordial* sublimada como um diferencial da masculinidade e, conseqüentemente, do poder, sendo as mulheres consideradas alheias a tais instintos, dado sua pacífica natureza maternal. Dessa evidente dicotomia de poderes baseada na hierarquização de gênero não apenas justifica-se cientificamente a preponderância masculina no exercício da autoridade e da função pública, como também se estabelece o caráter passivo da feminilidade, dado que ambos possuem qualidades, traços e características que influenciam em seu comportamento social, selando os postos *naturais* que lhes são designados: a mulher no lar e o homem na política. Para integrar a *Psicanálise de uma Civilização*, Porto-Carrero cruza as dicotomias sexuais individuais ao campo social a partir da conexão óvulo/feminino/passivo/materno oposta ao espermatozoide/masculino/ativo/paterno, de maneira a fundamentar na *matéria* o atributo feminino da maternidade. É por isso que a mulher, como *matéria prima do grupo* (massa), é *posta em movimento* pela *centelha masculina* (liderança), numa dominação que além de natural é considerada *lógica*. Nesse contexto é empregada toda uma gama de ferramentas conceituais provenientes dos saberes psicanalíticos tais como *sublimação*, *libido*, *psique* e *Ego*, para validar as características de personalidade, então consideradas masculinas, típicas do discurso da liderança (inteligência, atividade, agressão). Desta forma atesta-se a evidente preponderância do homem no contexto público, moderno e civilizado:

Assistimos, no mundo moderno, às conseqüências do máximo desenvolvimento da sexualidade masculina. O homem, senhor do mundo, havendo dominado a Natureza num grau que o século passado mal sonhara atingir, luta contra si mesmo, destruindo as antigas formas de exercer a autoridade e clamando pela misericórdia do semelhante, que seja compassivo, não egoísta, que se nivele aos demais, sem lei, sem temor, sem chefe. É o máximo ideal de homossexualidade, pois até aos dois sexos se aspira igualar. A mulher, por seu lado, sem compreender que isso seria a morte da sexualidade genital e a morte da espécie, aspira a essa igualdade de sexos, a essa homossexualidade danosa. (1932: 72-73).

Endossando a noção da violência atávica de Mandolini, Porto-Carrero considera sintoma de anarquia a luta contra as antigas formas de exercer a autoridade, sendo pífias as mostras humanas de misericórdia, de compaixão, de nivelamento, de ausência de chefia,

enfim, de democracia<sup>59</sup>. Todas essas manifestações de *fraqueza* e ausência de violência são taxadas como *homossexuais* e danosas, sendo a reivindicação pela igualdade de gênero uma pauta pretensamente antinatural e nociva à sexualidade, à sociedade e à espécie.

O interesse de intelectuais-médicos tais como Kehl, Mandolini e Porto-Carrero em construir seus tratados de psicologia social a partir da oposição entre a feminilidade e o exercício do poder político se baseia justamente na premissa oposta, de que toda autoridade haveria de emanar do polo masculino, sendo o *homem*, no exercício de sua virilidade, mais apto ao mando, dadas suas características de personalidade (fisiológicas e psicológicas). Dessa dicotomia de gênero estabeleceram-se os pressupostos para uma relação hierárquica entre o líder e as massas, de maneira a integrar estruturalmente a linguagem e o pensamento sobre a liderança na primeira metade do século XX.

Em suma, no percurso desse capítulo pudemos perceber passo a passo a formulação de um saber que se constituiu no sentido de estabelecer um poder de superioridade ao líder individualizado e masculinizado que pretensamente haveria de dominar uma massa coletivizada e feminizada por seus traços passionais e volitivos. Como percebemos, a apropriação do jargão psicológico reforçou a valoração hierárquica pela evocação de metáforas que *generificavam* a política com cores marcadamente misóginas e machistas, amparando-se nas tradições patriarcais das sociedades a que se referiam. Desse progressivo jogo de saberes-poderes-verdades que instituiu a diferenciação hierárquica entre os homens classificados por sua racionalidade, e logo destacou os mais racionais e capazes à liderança como masculinos, firmou-se as bases de sustentação teórica aos intelectuais que fundamentariam as lideranças dos presidentes Vargas e Perón.

---

<sup>59</sup> Porto-Carrero antepõe-se a um governo democrático pois, se “a maioria é medíocre e inferior [...] a igualdade almejada é um nivelamento dos homens superiores aos medíocres [então] o governo do povo pelo povo, o governo do sufrágio universal, em que se consulta a maioria débil mental ou imbecil – é, assim, o governo da mediocridade” (1932: 30)

## CAPÍTULO 2 – A PERSONALIDADE DE GETÚLIO VARGAS

De acordo com o capítulo anterior, os *saberes psi* na primeira metade do século XX legitimaram, autenticaram e reatualizaram diferentes formas de se construir um líder para dominar as massas. Desta forma, se valeram de um saber que utilizava como pressuposto as modernas metodologias de classificação de homens a partir das aproximações entre racionalidade e masculinidade, sob oposição ao par passionalidade-feminilidade. O objetivo principal desse capítulo é compreender as formas pelas quais tais saberes foram apropriados pela discursividade que definia os contornos da personalidade de Getúlio Vargas, buscando aproveitar-se dos saberes hierarquizantes para estabelecer os vínculos entre o líder e as massas. Nesse sentido, iniciamos nossa discussão com os escritos de Francisco Campos, intelectual que formulou as principais diretrizes jurídicas do Estado Novo, para então percebermos o quanto já estavam impregnados na própria composição teórica daquele regime os valores viris da *auctoritas* romana. Na sequência analisamos as biografias de Vargas – por sua linguagem também podem ser consideradas tratados de personalidade – que mobilizaram um grande arsenal teórico e pragmático para afirmar sua liderança, a partir dos empréstimos teóricos intercambiados entre *política*, *psicologia* e *gênero*, elementos indissociáveis e fundantes da própria contextualidade dita populista do Brasil que se modernizava e se reestruturava institucionalmente sob a alcunha do regime construído pelo másculo semblante do ditador.

Os anos de 1930 foram proclamados revolucionários, marcados por conturbadas reviravoltas sociopolíticas que designaram o encontro de múltiplos projetos frente a um Brasil cheio de contrastes. Tais constatações são reflexos não apenas de reestruturações macropolíticas, mas também pelos próprios padrões demográficos que se alteravam em resposta ao trânsito de um contingente populacional oriundo do campo. Segundo Ângela de Castro Gomes (2015), as estatísticas da época mostram que as populações do interior do país se destinavam às capitais do sudeste com o objetivo de ascender economicamente ou contornar a carestia sofrida nas regiões de origem. A essa população deve-se somar a chegada dos imigrantes procedentes, em sua maioria, de regiões pobres e conflituosas da Europa e Ásia. A chegada desses contingentes populacionais aos centros urbanos brasileiros possibilitaram o surgimento de grandes aglomerações humanas.

Foi nesse contexto que se deu a chamada *Revolução de 1930* – uma coalizão de forças compostas por elites políticas das regiões sul e nordeste do país, somadas a grupos militares insatisfeitos – permitindo que Getúlio Vargas ascendesse à cadeira presidencial por meio do levante armado. Essa configuração contextual de extrema fragmentação política e social, bem como grande instabilidade institucional, desencadeou um sangrento conflito no ano de 1932. Inspirados por esse clima de incertezas, tanto os militantes da esquerda comunista (1935) quanto os da direita integralista (1938) realizaram suas fracassadas *intentonas* que objetivavam assumir o comando do país. Por todos os lados, o Brasil passava por um período de instabilidade e complexas mudanças sociopolíticas, sendo uma delas a participação política popular na tomada de decisões dos destinos nacionais: “Nesse sentido, é bom ressaltar como o país vai se tornando palco de uma política de massas, e não mais de grupos restritos de elite. Massas (palavra importante no vocabulário político da época) que se organizavam e ocupavam as ruas. Massas que não podem mais ser ignoradas e que passam a fazer parte no campo da política” (GOMES, 2015: 38). Profundamente enraizada nesse conturbado ambiente, a questão das *massas* foi tomada como tema prioritário da pauta política varguista, que objetivava a qualquer custo promover um projeto de integração nacional, excluindo toda forma de conflito.

Essa complexa trama fez com que os sucessivos regimes encabeçados por Getúlio Vargas – inicialmente provisório (1930-1933), posteriormente eleito (1934-1937) e, por fim, imposto de maneira ditatorial (1937-1945) – fossem demandantes de novas tecnologias políticas de exercício da *autoridade* e da *liderança*, baseados não apenas no arcaico e oligárquico domínio da força coercitiva, mas também pelas vias persuasivas e gregárias que os conhecimentos psicológicos e propagandísticos poderiam instrumentalizar. Nesse sentido se empregaram argumentos autoritários, centralistas e nacionalistas encabeçados pelos mais destacados intelectuais preocupados em apaziguar as massas em torno de um projeto unificador e patriótico. Referindo-se à formação de um círculo de pensamento autoritário, José Luis Bendicho Beired afirma que:

A intelectualidade considerava-se o único segmento da sociedade capaz de oferecer resposta aos problemas nacionais e de imprimir uma direção política a seus respectivos países. Partia-se do pressuposto de que o Brasil e a Argentina passavam por uma crise de proporções catastróficas, cuja solução dependia de atar os destinos da nação à nova ordem mundial. Nesse sentido, os intelectuais empenharam-se na tarefa de traduzir em termos nacionais a nova ordem que se impunha na Europa por meio da expansão das experiências autoritárias e totalitárias (2011: 18).

É preciso relativizar a existência de um desejo de ordenamento nacional proposto nos moldes fascistas, dado que alguns intelectuais preferiam se concentrar na resolução de problemas locais, embora não ignorassem o cenário internacional. Foi significativo o esforço da política varguista em constituir um grupo de homens encarregados de organizar e difundir um pensamento nacionalista que contrastava com as posições políticas tanto liberais quanto comunistas em nome de um Estado corporativo forte, autoritário, intervencionista, presidencial e fartamente amparado pelo aparato militar para controlar as possíveis ebulições sociais causadas pelos temidos movimentos de massas. Nesse sentido, Bolívar Lamounier destaca o protagonismo de alguns intelectuais como Oliveira Vianna, Azevedo Amaral e Francisco Campos, que objetivavam fundar uma nova concepção de Estado a interferir nos rumos nacionais por meio da “erradicação total do conflito pela adoção do modelo político (técnico) apropriado” (1997:395) que seria dado por meio da tutela esclarecida de um Estado racional, forte e intelectualizado. Desta forma, tanto Beired quanto Lamounier constatarem que a atuação desses homens se destinava a formular as bases teóricas e pragmáticas para a instituição de um governo autoritário possuidor de maior eficácia na resolução dos problemas da pátria, tais como: a desunião dos Estados da federação em torno de um consenso nacional, a ameaça de novas ideologias políticas desagregadoras, os interesses particulares dos partidos políticos em detrimento dos interesses da nação, as injustiças sociais trazidas pelo liberalismo individualista de traços alheios à realidade nacional, dentre outros (BEIRED, 2011).

Nesse contexto de criação de novas percepções políticas, a intelectualidade passou a endossar novos discursos sobre a autoridade, o mando e a obediência no interior da sociedade brasileira. Para tanto se apropriaram e resignificaram as teorias psicológicas sociais, bem como o conjunto de ideários de gênero que nelas estavam embutidos. Desta forma esses intelectuais realizaram alinhamentos entre a política nacional, as teorias sociológicas e a psicologia, com a finalidade de configurar uma racionalidade com funções evidentemente pragmáticas para a construção de um *Estado forte* respaldado por um *líder* tão forte quanto, mesclando as duas simbologias na condução das massas populares:

A autoridade máxima e a síntese do poder público moderno eram uma pessoa: o presidente [...] fundada no poder personalizado do patriarca rural – com os mais vigorosos imperativos da política da época. Tradição e modernidade se fundiam harmoniosamente no empreendimento que consagrava, a um só tempo, o reforço do sistema presidencial e a construção mítica da figura de seu representante como uma encarnação do Estado e da nação. (GOMES, 1998: 522)

Nesta vereda se constituiu a própria ideia de *varguismo*, profundamente marcada pelas formulações que buscavam afirmar a natureza pessoal da relação das massas com o Estado, corporificado pela pessoa do presidente. Nesse sentido, a psicologia foi utilizada como ferramenta eminentemente política, já que teorizava sobre a composição da personalidade do líder e o domínio deste sobre as massas.

### 1) A psicopolítica de Francisco Campos

Algumas formulações são bastante expressivas com relação aos princípios da liderança no regime varguista, nelas podem ser encontradas as dinâmicas de transposição de um discurso psicológico e, conseqüentemente, de gênero, para o interior da política brasileira. Nesse sentido, Francisco Campos se destacou como um dos mais expressivos exemplos da *elite intelectual e burocrática do regime*, composta por um pequeno grupo de seletos homens que formulavam as principais diretrizes a serem seguidas pelo *varguismo* e com isso “acabaram se tornando modelos de excelência social da classe dirigente da época enquanto suas obras se converteram em paradigmas do pensamento político no país. [...] A legitimidade intelectual e ética dessas figuras de proa lhes assegurava, portanto, trânsito livre pelas principais instâncias do poder” (MICELI, 2001: 208). A pertinência de Campos a esse grupo pode ser facilmente comprovada pelo sucinto levantamento de seu considerável currículo político:

Advogado, Indaiá, MG, Inst.: Sup.: Fac. Dir. Universidade de Minas Gerais, 1914. Carreira: Professor de Direito público e Constitucional, 1917; Deputado estadual, MG, 1917, Deputado Federal, MG, 1921, secretário do interior, MG, 1926 - 30; Ministro da Educação e Saúde Pública, 1930-32; Ministro da Justiça, 1932; consultor geral da República, 1933-35; Secretário de Educação, DF, 1935-37; ministro da Justiça e do Interior, 1937-1943; autor da constituição brasileira de 1937. [...] Representante brasileiro e presidente da Comissão Jurídica Interamericana. (MICELI, 2001: 209).

Além de intelectual politicamente atuante Campos pode ser considerado um dos principais formuladores dos princípios jurídicos e ideológicos do regime varguista. Dentre suas obras publicadas podemos compreender o livro *O Estado Nacional: sua estrutura, seu conteúdo ideológico* (2000), publicado originalmente no ano de 1940, como uma súmula das principais ideias com as quais o autor operava no regime varguista. Dessa obra selecionamos a famosa conferência *A política e o nosso tempo* – proferida no Salão da Escola de Belas Artes da Capital Federal no dia 28 de setembro de 1935 – como uma das mais claras



expressões de apropriação da psicologia da personalidade e das massas na maquinaria do poder do Estado, preconizando o golpe de 1937, sustentado pelas cláusulas constitucionais redigidas pelo próprio autor.

Na conferência o intelectual se empenha em realizar um abrangente panorama histórico buscando avaliar a presença de um *espírito da época*, para então solucionar o delicado problema das *massas*. Segundo Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny e Vanda Maria Ribeiro Costa:

O pressuposto fundamental que orienta a análise de Francisco Campos é o de que vivemos em um Estado de massas [...] O mundo moderno é um mundo onde o que predomina é a cultura de massa, que acaba gerando a mentalidade de massa, uma nova forma de integração que se origina nos mecanismos de contágio via ampliação e difusão dos meios de comunicação. [...] Numa esfera em que as forças estão desencadeadas é preciso que se construa um modelo simbólico capaz de arregimentá-las, unificando-as de forma decisiva. (2000: 81)

Na concepção de Campos, seria necessário descartar um conjunto de valores tradicionais que não seriam adaptáveis à nova ordem socioeconômica das massas, para substituí-los por novos *mitos políticos* capazes de dominar e direcionar as energias irracionais das massas por meio de seus sentimentos e emoções. Para conceituar aquilo que entende por mito, Campos cita o próprio Mussolini: “O mito é uma crença, uma paixão. Não é necessário que seja uma realidade. É realidade efetiva, porque estímulo, esperança, fé e ânimo. Nosso mito é a nação; nossa fé, a grandeza da nação” (2001: 18). Respalado por essa crença, Campos concebe o Estado como “*pathos* romântico do inconsciente coletivo, seio materno dos desejos e dos pensamentos humanos” (2001: 18-19). Nesse ímpeto de direcionar os afetos humanos ao seio de uma pátria maternal, o intelectual diagnostica uma época em que reina a *irracionalidade na política*, graças à atividade das massas. Tal *zeitgeist* germinaria num solo fértil para a instauração dos *mitos políticos*:

O *irracional* é o instrumento da integração política total, e o mito que é a sua expressão mais adequada, a técnica intelectualista de utilização do *inconsciente coletivo* para o controle político da nação. Assim, as filosofias antiintelectualistas forneciam aos céticos não uma fé ou uma doutrina política, mas uma técnica de *golpe de Estado*. Ao serviço dessa técnica espiritual coloca o maravilhoso arsenal, construído pela inteligência humana, de instrumentos de *sugestão*, de intensificação, de ampliação, de propagação e de *contágio* de *emoções*, e tereis o quadro dessa evocação fáustica dos elementos arcaicos da alma humana, de cuja substância nebulosa e indefinida se compõe a medula intelectual da teologia política do momento [...] Somente o apelo às forças irracionais ou às formas elementares da solidariedade humana tornará possível a *integração total das massas humanas em regime de Estado*. (CAMPOS, 2001: 19-20) [grifos nossos].

Desse projeto político-teológico de emprego prático dos elementos irracionais almejando o controle totalitário da nação surgiu a própria noção de *massa*, coletivizada por meio dos elementos sentimentais fundadores do *inconsciente coletivo da nação*. Assim, a *sugestão* e o *contágio* – enquanto meios de condução de homens defendidos pela *Psicologia das Massas* ou *filosofias antiintellectualistas* – passam a ser empregados de maneira pragmática, como *técnica de golpe de Estado*. Nessa mesma composição aliam-se o controle psicológico das emoções ao domínio e unidade dos indivíduos em torno do mito nacional. Por meio de tal unidade os indivíduos tornar-se-iam *massa* ao abandonarem sua personalidade em nome do englobador ideal patriótico, nacionalista e maternal:

o homem pertence, alma e corpo, à Nação, ao Estado, ao partido. As categorias da personalidade e da liberdade são apenas ilusões do espírito humano. *Só é livre o que perde a sua personalidade, submergindo-a no seio materno onde se forjam as formas coletivas* do pensamento e da ação, ou, como diz Gentile, aquele que sinta o interesse geral como o seu próprio e cuja vontade seja a vontade do todo. *O indivíduo não é uma personalidade espiritual, mas uma realidade grupal, partidária ou nacional*. É o restabelecimento da relação em que estava o homem primitivo com o seu clã[...] volta à comunhão totêmica (CAMPOS, 2001: 20-21).

Podemos perceber a elaboração de um projeto hierárquico de inspiração totalitária que se alia ao ideário nacionalista fortemente marcado pelo gênero e pela psicologia, de forma que: o *homem* que perde sua *personalidade* é aquele que se alimenta no *seio materno* da nação, se *feminiza* e se dociliza no exato momento em que entra em *consonância sentimental de massa*. Tal homem apenas é livre se sua personalidade individual for dissolvida nessa massificação feminina *incorporada*, de forma a tratar a *personalidade como coletiva*, ao referir-se sobre sua presença nas massas. Para confirmar seu diagnóstico psicológico de dissolução individual no materno seio social, Campos recorre ao argumento freudiano do *Totem e Tabu*, idealizando um retorno mental ao *clã primitivo* para justificar a condição de subordinação, feminização e despersonalização obediente. Não bastasse as tradicionais metáforas da pátria-mãe e da massa-mulher, o intelectual reemprega a dicotomia de gênero para tratar da distinção entre as ordens de pensamento *racional* e *irracional*:

A irracionalidade e a tendência à mudança – esta última tão profundamente ligada às formas emotivas do pensamento e categoria específica da lógica do irracional ou dos sentimentos – determinam a confiança nas forças obscuras da geração, colocando, na escala dos valores, acima do *ser*, que é a categoria olímpica ou masculina – a da ordem, da hierarquia, da clareza, da inteligência, da razão – o “*em ser*”, a preferência pelo que não se deixa traduzir em forma coerente, a aspiração fáustica, sem pólo definido, o mundo dos desejos, a que falta a ordem da autoridade paterna, confundido ou identificado com o mundo da realidade, o frenesi dionisíaco (CAMPOS, 2001: 22).

É evidente a qualificação de gênero presente nessa construção teórica, já que o *ser* é categorizado como *masculino ou olímpico*, portador dos qualificativos de ordem, hierarquia, inteligência e razão. Por oposição, Campos elenca os elementos considerados femininos do *em ser*, marcados pelas insígnias da irracionalidade, desejo, desordem e frenesi dionisíaco. A dicotomia de gênero é ainda mais acentuada quando percebemos que os qualificativos masculinos são definidos pela *presença* de virtudes e valores, ao passo que os femininos trazem a marca da *ausência* [*não se deixa traduzir; sem pólo; falta a ordem*], ou seja, são marcados pela ideia de *vacância*. Tal ideário é muito caro às ciências psi, em especial a psicanálise, que funda sua *dialética da castração* na dicotomia *presença-ausência* do falo, em que o *feminino* é compreendido pela *inveja* do pênis, pela *falta* do mesmo<sup>60</sup>. Nessa esteira também se compreende a *personalidade* enquanto o conjunto de traços pessoais e individuais do *ser* masculino individual e ausente do *em ser* feminino massificado.

Desse alinhamento de gênero deriva a própria noção de *autoridade* na política, de forma que o mundo das massas é considerado o lugar onde *falta a ordem da autoridade paterna*, numa expressiva formulação em que *ordem, autoridade e paternidade* são concepções alinhadas e compreendidas simetricamente como detentoras de um *poder* de mandado pela esfera masculina em oposição ao polo considerado feminino da *obediência*. Nesse jogo político de simbologias, a *personalidade* entra num esquema de ambivalências, sendo sua *presença* um predicativo de poder masculino, elemento central nessa técnica de *golpe de Estado e condução das massas* justamente porque é um *mito de agregação coletiva*:

O mito [da personalidade] é o meio pelo qual se procura disciplinar e utilizar essas forças desencadeadas, construindo para elas um mundo simbólico, adequado às suas tendências e desejos. O mito sobre que se funda o processo de integração política terá tanto mais força quanto mais nele predominarem os valores irracionais. [...] A personalidade é um mito em que o tecido dos elementos irracionais é mais denso e compacto. As massas encontram no mito da personalidade, que é constituído de elementos de sua experiência imediata, um poder de expressão simbólica maior do que nos mitos em cuja composição entram elementos abstratos ou obtidos mediante um processo mais ou menos intelectual de inferências e ilações. Daí a antinomia, de aparência irracional, de ser o regime de massas o clima ideal da personalidade, a política das massas a mais pessoal das políticas, e não ser possível nenhuma participação ativa das massas na política da qual não resulte a aparição de César (CAMPOS, 2001: 21-22).

Dessa forma a *personalidade* se torna uma ferramenta política de organização e hierarquização da esfera social, já que tal *mito da personalidade* [masculino] possuiria grande poder de direcionamento sentimental, capaz de comandar as irracionalidades [femininas],

<sup>60</sup> Para uma discussão crítica mais aprofundada sobre essa questão Cf. (BIRMAN, 2001)

fazendo com que as massas sintam *carência, falta e desejo*<sup>61</sup> de um forte condutor político. Assim é esclarecida a antinomia personalidade-massas, considerando-se que quanto mais despersonalizada e irracional a massa, maior a demanda por uma personalidade masculina para liderá-la:

As massas encontram-se sob a fascinação da personalidade carismática. Esta é o centro da integração política. Quanto mais volumosas e ativas as massas, tanto mais a integração política só se torna possível mediante o ditado de uma vontade pessoal. O regime político das massas é o da ditadura. Não há, a estas horas, país que não esteja à procura de um homem, isto é, de um homem carismático ou marcado pelo destino para dar às aspirações da massa uma expressão simbólica, imprimindo a unidade de uma vontade dura e poderosa ao caos de angústia e de medo de que se compõe o *páthos* ou a *demonia* das representações coletivas. Não há hoje um povo que não clame por um César (CAMPOS, 2001: 23-24).

No entreposto dessa pragmática de poder se edifica a noção de ditadura como o regime mais indicado para época, já que aproveita da *irracionalidade e impessoalidade* das massas para impor uma *vontade* pessoal única e indivisível do líder. Tal *vontade dura e poderosa* é claramente masculina, o que justifica a busca por um *homem carismático, marcado pelo destino*, pois seria aquele que hipnotizaria as massas femininas com o pêndulo de sua sedutora personalidade masculina. Desse cruzamento entre gênero e psicologia política, o próprio fundamento da autoridade é articulado aos elementos viris, vistos como incontornáveis:

Não tardarão a fechar-se as portas do fórum romano e abrir-se as do Capitólio, colocado sob o sinal e a inovação de Júpiter, ou da vontade, do comando, da AUCTORITAS, dos elementos masculinos da alma, graças aos quais ainda pode a humanidade encarar de frente e amar o seu destino: AMOR FATI (CAMPOS, 2001: 38).

Dessa profética exclamação podemos conceber o alinhamento entre os elementos de virilidade jupiteriana comum *vontade* psicológica, *elementos masculinos da alma* que segundo os estudos de Giorgio Agamben fundamentam a *auctoritas* do *estado de exceção* romano (AGAMBEN, 2004), propiciando o *comando* e a *homogeneização* das massas. Todos esses fatores seriam consequência inegável e irresistível do *destino* que deve ser aceito e amado enquanto tal.

É bastante pertinente levarmos em consideração o fascínio que intelectuais como Campos tinham pelo mundo clássico, especialmente romano. Nesse contexto se acentua, tanto

---

<sup>61</sup> Nesse sentido Campos apresenta consonâncias com as ideologias políticas internacionais de sua época. Yves Cohen detecta esse discurso em países com as mais distintas orientações, tais como França, Alemanha, União Soviética e Estados Unidos, todos baseados numa pragmática racionalidade política que demandava uma verdadeira necessidade social de chefes, a liderarem empresas e nações. A tal obsessão Cohen se referiu como *besoin du chef* [necessidade do chefe] (COHEN, 2013).

na experiência latino-americana, mas especialmente nos regimes autoritários e totalitários europeus, um ideal de retorno aos antigos, apropriando-se de valores bastante idealizados no intuito de responder aos problemas políticos de liderança e autoridade naquela contemporaneidade (MITCHELL, 2011). Não é por acaso que as referências da mitologia grega e dos grandes generais romanos são fartamente empregadas para refletir sobre o contexto contemporâneo, buscando estabelecer comparações, mesmo que anacrônicas, com a experiência política de Vargas.

Nessa artilosa leitura Campos realiza uma complexa transposição das teorias psicológicas para o cerne de uma política altamente pragmática e institucionalizada, retomando não apenas a estrutura hierárquica mantida entre o líder e as massas, mas também os pilares que sustentam tal estrutura, composta pela diferenciação entre os *sexos*, articulando o polo masculino à liderança e o feminino às massas. Tal delineamento não era apenas sustentado pelos altos preceitos jurídicos, científicos e psicológicos da época, mas também por uma enunciação transcendental e *metafísica do destino* que faria do presente uma sucessão de ocorrências inescapáveis, incontornáveis e irresistíveis.

Para que essa transposição da teoria psicológica à prática política pudesse ocorrer de maneira satisfatória, fez-se mister a eleição de um homem específico para tornar-se alvo tanto das construções psicologizantes das teorias da personalidade, quanto ponto convergente do amor das massas ditas irracionais. Dessa forma, o respaldo de todos os elementos míticos levantados por Campos seria a constituição de um enredo político que tomasse o corpo de um homem específico para ser confundido com o próprio corpo do Estado nacional. No Brasil o *homem* escolhido foi Getúlio Dorneles Vargas, que cada vez mais se tornava foco das atenções intelectuais e da propaganda. Isso levou Ricardo Benzaquen de Araujo a considerar que Campos foi “um dos mais influentes na montagem desse gigantesco projeto ideológico que chamamos de mito Vargas” (1986: 108), que demandou um estudo científico e psicológico da personalidade de Vargas para respaldar as formulações do autor da Constituição Brasileira de 1937.

De todas as formas, “uma coisa é comentar os argumentos intelectuais que dão fundamento e legitimidade ao mito Vargas; outra, bem diversa, é fazer face ao enorme número e à grande diversidade dos textos que concretizaram esse projeto” (ARAUJO, 1986: 109). Tais textos seriam justamente aqueles que se dedicaram a estudar esmiuçadamente a personalidade viril do líder por meio de biografias, conectando as tradições psicológicas e

patriarcais brasileiras com o grande interesse literário causado pela narrativa biográfica naquele contexto.

## 2) O gênero biográfico como forma de escrever sobre os *grandes homens*

A escrita sobre a personalidade de Vargas não foi encampada pela dita *elite intelectual de Estado*. Coube a um grupo de autores de menor brilho e notoriedade a tradução e recriação dessa discursividade com propósitos empírico-pragmáticos, sendo que o gênero literário escolhido pela maioria desses tratados foi o *biográfico*. Tal escolha pode ser compreendida pela crescente popularização e vulgarização midiática dos *livros baratos*, destinados a um grupo de leitores cada vez mais amplo, contexto em que a biografia ganhou maior destaque e adeptos, se vulgarizou e transcendeu o consumo das classes privilegiadas, alcançando desde os estratos médios até mesmo os setores populares (MICELI, 2001). Mas a propagação do gênero biográfico não foi apenas de ordem editorial, houve uma série de fatores que atestaram a biografia como a mais apropriada linguagem para um estudo político da personalidade de Getúlio Vargas. Para compreender melhor essa questão devemos atentar que o massivo interesse pela biografia não era exclusividade latino-americana. Quanto a isso, Siegfried Kracauer ironizava ao comentar:

Se antes da Primeira Guerra Mundial a biografia era a obra rara da erudição, hoje é um produto literário muito difundido. Para os literatos, para os mestres da prosa, ela se tornou uma forma de expressão. Na França, na Inglaterra e na Alemanha estes escritores retratam a vida daquelas poucas personalidades públicas que ainda não foram abordadas por Emil Ludwing, e, em pouco tempo, não haverá mais nenhum grande político, nem general ou diplomata, para o qual não seja erigido um monumento mais ou menos efêmero. (2009: 117)<sup>62</sup>

Por esses trânsitos de sentidos a linguagem biográfica – utilizada como forma de interpretação da personalidade – era consoante com a perspectiva historiográfica adotada por

---

<sup>62</sup> Tais livretos biográficos de consumo amplo e indistinto foram apropriados às mais distintas finalidades, especialmente políticas. Nesse sentido, percebemos a presença da biografia de personalidade dentre a bibliografia dos principais autores que articulavam a psicologia à autoridade na época (seja militar, política, literária ou meramente intelectual). Tal é o exemplo de Stephen Zweig e suas biografias de Freud, Balzac, Dickens, Dostoiévski, Romain Rolland, Frans Masereel, Joseph Fouché, Erasmus de Rotterdam, Calvino, Montaigne, Vespúcio, dentre outros; também o general André Maurois e suas biografias de George Sand, Shelley, Disreali, Dickens, Byron, Chateaubriand, Balzac, Turgueniev, Napoleão e Cristóvão Colombo; ou mesmo de Ortega y Gasset com as biografias de Goethe e Galileu. Todos tinham o objetivo de estudar e publicar sobre a vida dos mais variados homens distintos sob uma perspectiva teórica e empírica psicológica. Essa produção biográfica recebeu inúmeras traduções, edições e reedições em solo americano, permitindo que o nome de seus autores fossem reconhecidos e aplaudidos por um público amplo. Não por acaso Zweig, Maurois e Ortega y Gasset foram convidados a visitar oficialmente o Brasil e a Argentina por repetidas vezes dentre as décadas de 1930 e 1940.

boa parte dos intelectuais do período, que se preocupavam em relatar a vida dos *grandes homens* como maneira de se escrever uma história nacionalista e heroicizante. Isso é evidenciado pelas constantes referências de renomados intelectuais como Gilberto Freire, Rui Barbosa, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Jackson de Figueiredo ao exponencial nome de Thomas Carlyle e sua concepção da história<sup>63</sup>. Dessas reverberações oitocentistas influenciadas por boa parcela das *teorias da história*, muitas alcançaram o pensamento latino-americano das décadas de 1930 e 1940, destacando o protagonismo dos *grandes homens* nos destinos da nação. Nesse contexto, a própria linguagem biográfica mesclada com a historiográfica<sup>64</sup>, formava um composto de ideais cívicos e laudatórios que concebia a existência do Estado como consequência da vida de seus próceres. Desta forma, a história (dos *grandes homens*, possuidores de viris personalidades) passou a subsumir a própria *história nacional*, instaurando uma (a)temporalidade historiográfica que se preocupou em explicar os nexos entre o passado e o presente a partir dos feitos e do tempo de vida dos *grandes homens*. Tal cruzamento entre biografia e história atendia muito bem às demandas de uma narrativa que relegava às massas o caráter paciente e expectador dos cursos históricos gerenciados pelos homens distintos e superiores.

A partir dessa finalidade político-historiográfica também devemos atentar para outros cruzamentos e usos da biografia. Referimo-nos aos mesmos intelectuais, médicos e psicólogos que pretendiam comprovar suas teorias psicológicas, a partir do exemplo concreto da vida dos *grandes homens*. A pedagógica análise do *homem exemplar*, seja para sublinhar a inferioridade a ser evitada (o degenerado, o maníaco, o ébrio, o viciado, o feio, o feminino etc.) seja para promover a superioridade (o superior, o racional, o virtuoso, o clarividente, o belo, o viril), permitiu que o gênero biográfico realizasse um eclético cruzamento entre história, eugenia e ciências *psi*, de forma que os *grandes vultos* passaram a ganhar sua análise biográfica ou sua *radiografia política*. Nesse sentido, o intelectual estadonovista Leopoldo

---

<sup>63</sup> Sua clássica obra *On Heroes, Hero-Worship, and the Heroic in History* (2006) [1841] delimitava os contornos da história e da historiografia a partir da narrativa da vida dos feitos dos homens excepcionais, alcunhados pelo distintivo de seu heroísmo e destemor que haveriam de mudar o curso das épocas e suas significações. Além disso, foi influente no pensamento autoritário do século XX, especialmente pelas relações que traçou entre heroísmo e mito. Embasando seu livro na lenda nórdica de Odin, Carlyle considerou que as figuras divinas, guerreiras e reais seriam máscaras representantes do herói.

<sup>64</sup> Por mais que houvessem lampejos críticos nesse período propagados pela Escola dos Annales, era predominante na América Latina os modelos positivistas e historicistas de escrita da história. Por outro lado, nos jogos de rupturas e continuidades ainda eram constantes as permanências da historiografia mitificante e endeusadora dos grandes homens tal como formulada por teóricos oitocentistas como o próprio Carlyle. Quando nos referimos a uma linguagem ou a uma temporalidade historiográfica para o período, nos referimos à essa mescla eclética de teorias/metodologias da histórias que endossava a tendência de exaltação de *grandes homens* por meio de uma temporalidade linear, teleológica e evolutiva.

Peres resume esse procedimento em uma frase: “O objetivo da biografia é a transmissão verídica da personalidade” (1944: 33).

A plena compatibilidade entre o gênero biográfico e a psicologia da personalidade é marcante justamente porque ambas se mesclam nesse contexto e passam a compartilhar de várias características tais como o foco na individualidade, a percepção do passado como componente principal da constituição humana e a rememoração confessional como busca pelos signos de uma interioridade profunda. Por outro lado, a *personalidade* pode ser entendida como um dispositivo discursivo de poder-saber que ampara e ancora a própria ideia de autoridade daquela época, tal como estudamos no capítulo anterior. Dessa forma, o gênero literário, histórico e psicológico da biografia passou a adquirir uma configuração política fundamental, permitindo uma tríplice afirmação reiterativa: 1) da trajetória de uma vida que delineava, por extensão, a história coletiva a legitimar os pretensamente *verdadeiros rumos* da *nação*, da *pátria*, do *povo* e das *massas*. 2) o perfilamento de grandes nomes políticos a serem utilizados como modelos morais e subjetivos; 3) a confirmação das teorias psicológicas da personalidade e da liderança a partir do exemplo e da vida desses homens singulares.

Por tais funções eminentemente políticas da biografia os líderes mundiais e nacionais foram alvos de verdadeiros tratados a analisar suas personalidades. Dessa forma a noção carlyleana de *grandes homens* aliada às categorias caracterológicas de Pende e Kretschmer, mescladas à psicanálise freudiana e demais intérpretes do psiquismo humano, passaram a ser empregadas na composição de uma verdadeira enxurrada de biografias e/ou tratados psicopolíticos de personalidade que tomaram como objeto de estudo a personalidade de Getúlio Vargas.

### 3) *Getúlio Vargas* de André Carrazzoni: linguagens de um destino manifesto

A grande dificuldade em estudar as biografias de Vargas é decorrente da complexa tarefa de selecionar tal documentação, dado que foram publicadas massivamente no contexto estadonovista<sup>65</sup>. Frente a toda essa polifonia, adotamos como linha condutora de nossa

---

<sup>65</sup> No Estado Novo as biografias de Vargas foram publicadas torrencialmente, algo justificado pela crescente demanda de legitimação extra-eleitoral daquele regime baseado num golpe de Estado e sustentado pela intervenção militar. Para termos apenas uma noção da extensão dessa produção o guia de fontes *Bibliografia Histórica: 1930-1945* organizado por Ana Lígia Medeiros e Mônica Hirst, estima que no período em questão foram publicadas aproximadamente três dezenas de biografias e estudos específicos acerca da personalidade de Vargas, sob os mais variados títulos, tais como: *Perfil do presidente Vargas*; *Getúlio Vargas, soldado do Brasil*; *Vargas: a mocidade e a pátria*; *Getúlio Vargas: estadista, orador, homem de coração*; *Getúlio Vargas para Crianças*; *Getúlio Vargas, varão de Plutarco*; *Mito e realidade de Vargas*; *Quem é Getúlio Vargas?*; *O homem*



narrativa a biografia *Getúlio Vargas* (1939), de André Carrazzoni, agregando outros títulos no transcurso dos argumentos. A escolha desse livro é justificada pelo fato de que muitos dos demais biógrafos como Zolachio Diniz (1942) e Leopoldo Péres (1944) a consideraram como a mais completa análise da personalidade do presidente. O destaque dessa obra se dava não apenas pela completude e aprofundamento científico de sua análise, mas também pela posição que seu autor ocupava no *staff* intelectual e burocrático aparelhado pelo Estado Novo.

Nascido na cidade de Santana do Livramento (RS), Carrazzoni formou-se em Direito e atuou como redator e diretor em diversos periódicos gaúchos, paulistas e cariocas tais como *Correio do Povo* (RS), *O Radical* (RJ), *Jornal de Notícias* (SP), *A Hora* (RJ) e *A Noite* (RJ), em grande parte partidários de Vargas. Acusado de manter contato clandestino com comunistas após a *intentona* de 1935, Carrazzoni expia as possíveis sombras de seu passado político com a publicação da biografia *Getúlio Vargas* (1939), obtendo grande prestígio pessoal e intelectual. Apenas um ano após a publicação da biografia, o autor foi promovido ao cargo de censor do *Ministério da Justiça e Negócios Interiores* e diretor das *Empresas Incorporadas do Patrimônio Nacional*, sendo o principal responsável pela administração dos múltiplos periódicos e emissoras radiofônicas adquiridas pelo *Departamento de Imprensa e Propaganda*, cargo que manteve até o fim do Estado Novo e o qual retomou com o retorno de Vargas à presidência em 1951 (STEFFENS, 2008). Na ocasião, também foi empossado diretor do Conselho de Jornalistas do Departamento de História e Documentação, ligado à Secretaria Pessoal de Getúlio Vargas. Também era membro da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), com a qual muitos dos intelectuais varguistas possuíam boas relações. No ano de 1944 foi convidado pelo governo dos Estados Unidos a receber uma medalha de honra da Escola de Jornalistas de Missouri, sendo condecorado também no Brasil com a medalha de serviços de guerra no ano de 1945. Mesmo após a morte do presidente Vargas, sua carreira burocrática seguiu na gestão de João Goulart, quando foi empossado diretor-geral do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) entre os anos de 1963 e 1964, sendo deposto em decorrência do golpe militar (DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO, S/D). Nesse sentido podemos compreender sua trajetória profissional permeada por grande partidarismo e fidelidade à figura de Vargas, recebendo certa notoriedade intelectual na estrutura corporativa do Estado Novo.

---

*providencial; Getúlio Vargas, homem de seu meio e do seu tempo; Vargas à luz da genealogia; Augusto e Getúlio; Vargas e Anchieta; Fisionomia do presidente Getúlio Vargas; História de um menino de São Borja; Um destino a serviço do Brasil etc.* (MEDEIROS; HIRST, 1982)

O empreendimento de Carrazzoni se deu em resposta a um contexto político muito específico em que se demandava uma aprofundada e científica biografia de Vargas, a justificar os elementos viris e paternais do homem que aplicara o *golpe de estado* tal como definido por Francisco Campos. Segundo Marcelo Hornos Steffens (2008), o biógrafo empregara dois anos de estudos para a redação de *Getúlio Vargas* (1939), sendo seu início coincidente com a conturbada conflagração do Estado Novo quando o presidente ganhara poderes máximos por meio da Constituição de 1937, não coincidentemente formulada pelo ministro supracitado. Também o ano de publicação da obra é bastante simbólico, segundo Maria Helena Rolim Capelato a virada da década de 1930 para a de 1940 foi um período em que o Estado Novo intensificou a propaganda para manter a legitimação da autoridade de um regime instituído por promulgação ditatorial (CAPELATO, 2009). Nesse sentido, podemos perceber na obra de Carrazzoni uma intensa preocupação em legitimar a trajetória de vida de Vargas como um conjunto de manifestações de sua personalidade que garantiriam sua predestinação ao poder nacional, sendo que a própria manutenção do Estado Novo estaria garantida graças aos traços atípicos e transcendentais de legítimo condutor possuídos pelo líder. Para isso o argumento sustentado era de pura cientificidade, elencando e citando uma série de filósofos, politólogos, psicólogos e tratadistas de maneira geral para sustentar e dar autoridade ao escrito. Por outro lado, Carrazzoni em momento algum se furtou de traçar objetivos metafísicos ou espirituais, tais como os apontados na introdução:

Aqui se tenta retratar *o homem*, no espaço e no tempo, da infância sonhadora ao clímax do poder, como *encarnação* de uma *força* considerável na vida e na história do Brasil dos dias atuais e dos dias vindouros. Força considerável, digo bem, e infalível, desde o sorriso perene, que ilumina o rosto de GV, no seu melhor gesto diante do povo, até as reações de extraordinária coragem física e moral. [...] O homem, sem dúvida não é Deus ou um deus, para criar os acontecimentos à sua feição e à sua imagem. Mas daí a se lhe negar uma *responsabilidade criadora* em determinadas circunstâncias, vai distancia abismal. (CARRAZZONI, 1939: 07-08)

A linguagem aqui empregada é muito próxima da ladainha católica, mesclada às virtudes viris da *coragem física e moral do presidente*, então comparadas às insígnias da divindade criadora. Dessa aproximação Vargas-Deus provém uma noção específica de tempo e cronologia histórico-biográfica, a saber, a de um *homem* que desde a *infância sonhadora ao clímax do poder* se mantivera “*fiel à si mesmo*” (CARRAZZONI, 1939: 09). Isso significa que a biografia é marcada por uma temporalidade blindada à influência de transformações ou reviravoltas, dado que a posição de poder desse homem haveria de ser irresistível e inevitável obra do *destino*, o mesmo destino mitológico com que Campos se referia ao amor e a abnegação das massas.

Nesse sentido a análise de Alcir Lenharo é bastante esclarecedora, já que encontra na discursividade estadonovista uma linguagem de *sacralização da política*, não apenas por sua estrutura de funcionamento em que “o processo socializador do poder pautou-se por copiar os movimentos e a organização da igreja” (LENHARO, 1986: 156) como também pelas próprias simbologias empregadas com relação à composição imagética de Vargas enquanto “espetáculo tipicamente evangélico de redenção das Massas pelo messias esperado” (1986: 159). Dessa forma a discursividade estadonovista usou uma linguagem e um vocabulário católico, permitindo a utilização metafórica de tais elementos para a composição de uma cristalizada linearidade na vida do biografado. Nesse sentido, o tempo da narrativa torna-se substituível pelo padrão evolucionista e anacrônico dos desígnios do *destino* ou da *fortuna*, o que se assemelha muito às considerações de Michel de Certeau quando comenta sobre a tópica da hagiografia:

Enquanto que a biografia visa colocar uma evolução e, portanto, as diferenças, a hagiografia postula que tudo é dado na origem como uma “eleição” ou como nas vidas da antigüidade, com um *ethos* inicial. A história é, então, a epifania progressiva deste dado, como se ela fosse também a história das relações entre o princípio gerador do texto e suas manifestações de superfície. [...] Mas o texto conta-se a si mesmo focalizando o herói em torno da “constância”, perseverança [...]. O fim repete o começo. Do santo adulto remonta-se à infância na qual já se reconhece a efígie póstuma. O santo é aquele que não perde nada do que recebeu. (CERTEAU, 2002: 273).

Assim, podemos considerar que o livro *Getúlio Vargas* apresenta características hagiográficas, não porque simplesmente buscava sacralizar o personagem em questão, mas porque empregava uma temporalidade linear que conecta automaticamente passado e presente, sendo o último decorrência lógica e fatal do primeiro, num conjunto não necessariamente evolutivo, mas de acúmulo de diferentes *traços* de personalidade. Nesse sentido, François Dosse (2009) é muito profícuo quando compreende uma *idade heroica* em que as biografias eram escritas de maneira panegírica, especialmente na épocas modernas, em que a história e a biografia eram aliadas como *mestras da vida* e propulsoras de ideais morais e éticos para as trajetórias de vida coletivas. É nesse mesmo sentido, embora que no século XX, que as biografias de Vargas eram embaladas pelo pujante e inescapável *destino*, tal como uma *epifania regressiva* que, analogamente ao mártir católico ou o herói cruzado, lhe atribuía a alcunha de *líder de governo*:

Há uma sabedoria suprema, que consiste em descobrir e fixar, na confusão dos fatos, as correntes profundas da inspiração e da vontade de um povo. Quem as revela e, ao mesmo passo, as conduz, possui a *alma de chefe, de grande chefe. A predestinação*

*de GV está nessa sabedoria suprema. Elegeu-o o destino.* A eleição patenteia-se em sua capacidade de agir como instrumento daquela inspiração coletiva (1939: 08).

A quem consulta a carreira política de Getúlio Vargas [...] não surpreende a *linha de coerência que corre entre os dois pontos extremos do itinerário [...] consegue ser fiel a si mesmo*. A sua obra-prima é essa radiosa fidelidade, fruto de disciplina interior, graças a qual *não se despersonaliza*, sendo *um homem de governo impessoalíssimo*, e mercê da qual ainda logra *impor seu diapasão*, na orquestração dos sucessos. Essa sonoridade secreta, vibração de seu espírito, é onipresente, chamando-se *ordem* na revolução, *equilíbrio* no caos, *clarividência* no governo, *harmonia* dos contrários na política (1939: 09-10).

Vargas sabe interpretar a vontade do povo já que a fortuna lhe sorri, o que justifica a obviedade de uma biografia sem percalços, surpresas ou solavancos pois apenas constata seu destino escrito e incontornável de comandante da nação. Isso permite que o biografado receba os traços de *individualidade* pela *fidelidade a si mesmo*, alcançada pela *não despersonalização*. Justamente pela influência dessa *personalidade* ou *espírito vibrante* impõe-se a autoridade *de seu diapasão*, gerando efeitos decorrentes de seus *traços de personalidade: ordem, equilíbrio, clarividência e harmonia*. Por tal itinerário de predestinação, a biografia nega seu próprio estatuto:

Este livro, porém, é muito menos que uma biografia, na despreensão do plano e na modéstia de sua execução. *Crônica de um destino* – um destino sob cujo signo se alternam a tristeza, a glória, a beleza, a poesia, o heroísmo e a magnitude peculiares às vidas ilustres – eis o que, singelamente, poderá representar (1939: 10).

Dessa *crônica de um destino*, Carrazzoni abre precedentes para um estudo do heroísmo e da liderança derivados da *análise da personalidade* de Vargas. Tais elementos epopeicos refletem não apenas na argumentação, mas na própria linguagem e composição formal de suas construções enunciativas, tal como encontramos na descrição do nascimento de Getúlio Vargas:

A 19 de abril de 1883, veio ao mundo o terceiro filho do casal, Getúlio. O coronel Manoel do Nascimento Vargas não dissimulou a alegria. Com Viriato, Protásio e, agora, o recém-nascido firmava-se a varonia de sua descendência. D. Cândida talvez sonhasse com uma menina, a graça frágil do sexo. Mas o menino tinha traços delicados, era leve como um pássaro: a mãe sorriu de enlevo, olhando para o berço. Que alvoroço na casa da espaçosa praça, aquela casa baixa, de duas altas portas e seis largas janelas, sempre abertas, sempre acessíveis, numa imagem concreta de hospitalidade solar (1939: 18-19).

Por mais que *Getúlio Vargas* (1939) fosse conhecida como a mais científica e objetiva das obras que tratavam da vida do líder, Carrazzoni emprega um *tropo* literário permeado pelo lirismo romântico regado de afetividades, como a felicidade do pai e da mãe à chegada do

novo rebento. Também as metáforas poéticas que comparam a leveza do menino com a de um pássaro floresciam sua escrita, traçando uma estilística análoga à de Jules Michelet, que não coincidentemente é citado como epígrafe para referir-se a Vargas: “*L’histoire ne lâche pas son homme*”<sup>66</sup> (Apud CARRAZZONI, 1939: 281). Dessas bem traçadas linhas cheias de romantismo acoplado ao psicologismo biográfico, o autor empreende um estudo dos traços de personalidade que legariam a Vargas o semblante de uma verdadeira singularidade masculina destinada ao mando.

#### 4) O plasmar da personalidade de Getúlio Vargas

Nesse eclético entreposto de influências discursivas e literárias são alinhados na biografia de Vargas a temporalidade hagiográfica, a historiografia carlyleana de exaltação de *grandes homens* e a linguagem romântica micheletiana. Porém, outro elemento de impactante influência, tanto no conteúdo da argumentação quanto na linguagem formal, consiste nas constantes *citações, alusões e estilizações*<sup>67</sup> da *Psicologia da Personalidade e das Massas*, formando um emaranhado dialógico. Esse elemento psicológico faz dessas obras um ponto de encontro entre diversos discursos e tradições de pensamento, seletivamente empregadas na composição de escrituras que não se apresentam apenas como biografias, mas também como tratados científicos e políticos que embasam uma verdadeira *teoria da chefia e da autoridade de Getúlio Vargas*, interpretado como encarnação do Estado Novo. Amparado nesse conjunto de instrumentais teóricos, Carrazzoni empregou a temporalidade calcificada do destino, retirando o máximo proveito de cada passagem da vida de Vargas para atestar psicologicamente o sentido viril de sua personalidade. Desta forma, influentes homens públicos da época como Eptácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque<sup>68</sup> e Leopoldo Peres<sup>69</sup> se

<sup>66</sup> “A história não abandona seu homem” T. do A.

<sup>67</sup> Ricardo Zani, ao comentar a noção de intertextualidade formulada por Julia Kristeva a partir de Mikhail Bakhtin, afirma que: “A ocorrência intertextual dá-se por meio de três processos, o da citação, o da alusão e o da estilização. A citação confirma ou altera o sentido do discurso mencionado [...]. A citação firma-se por mostrar a relação discursiva explicitamente e todo o discurso citado é, basicamente, um elemento dentro de outro já existente. Por sua vez, a alusão não se faz como uma citação explícita, mas sim, como uma construção que reproduz a ideia central de algo já discursado e que, como o próprio termo deixa transparecer, alude a um discurso já conhecido do público em geral. Por fim, a estilização é uma forma de reproduzir os elementos de um discurso já existente, como uma reprodução estilística do conteúdo formal ou textual, com o intuito de reestilizá-lo” (2003: 123).

<sup>68</sup> *Eptacinho*, como era carinhosamente apelidado, era filho do emblemático João Pessoa, candidato à vice-presidência do país junto de Vargas e neto do ex-presidente Eptácio da Silva Pessoa (gestão 1919-1922). Iniciou sua vida pública como tenente na Paraíba, combatendo a *Revolução Constitucionalista* de São Paulo. Bacharelou-se em direito no ano de 1937 mostrando-se ferrenho defensor do novo regime instituído, bem como do próprio Vargas. No ano de 1939 lançou sua primeira edição de *Getúlio Vargas, Esboço de biografia*, reeditado em 1942. Com o fim do Estado Novo, filiou-se ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), pelo qual se

alinham e reverberaram os brados biográficos, *personográficos* e *falográficos* de Carrazzoni. Podemos compreender as leituras científicas desses intelectuais, a partir dos propósitos expressos na introdução de *Getúlio Vargas, Esboço de biografia*:

Esse livro é uma tentativa de fixação da personalidade do Sr. Getúlio Vargas; do que há nele de definitivo e imutável; do que escapa do vai-vem dos acontecimentos, sempre difíceis de apanhar em sua verdadeira significação. Subsidio verídico e imparcial à reconstituição da verdade histórica. (ALBUQUERQUE, 1941: 21).

A biografia possui a autodeclarada função, já expressa por Leopoldo Peres, de *plasmarmos a personalidade* de Vargas e definir sua individualidade frente à coletividade (1944), visa descobrir o *homem total* a partir de uma verdadeira *semiótica* investigativa e psicológica, que esmiúça cada traço, cada detalhe, cada ínfima minúcia ou passagem da vida do biografado em busca dos signos que desvendariam os desígnios do homem predestinado ao poder, ao comando das massas e do país. Dessa forma, o fragmentário tempo histórico é suspenso para tornar-se sequência linear de manifestações físicas e psicológicas que comprovariam o substrato da personalidade predestinada do presidente.

Para legar uma faceta de superioridade a Vargas, o tratado optou por abordar sua constituição enquanto *homem viril*, isso garantiria o respaldo simbólico de seu poder por meio da hierarquização de gênero, tal como sustentada pelas teorias psicológicas que estabeleciam o binômio massas-personalidade. Isto é, no exato instante que tais teorias foram apropriadas pelo regime político, também foram apropriados os ideários de gênero, que se adaptaram confortavelmente aos contornos de uma sociedade patriarcal, tal como proclamada por Vianna nas *Populações Meridionais do Brasil* (VIANNA, 2005). Dessa forma, as biografias, enquanto tratados sobre a personalidade de Vargas operaram como *falografias*, ou biografias centradas na virilidade do chefe nacional a partir da detalhada composição de simbologias que atribuíram o patamar hierárquico de superioridade ao líder estadonovista.

Interpretar essa influência conceitual, psicológica e de gênero significa interpretar as maneiras pelos quais os próprios sentidos do Estado Novo foram constituídos. Dessa mescla

---

elegeu senador por sucessivos mandatos até sua morte no ano de 1951. (DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO, S/D.)

<sup>69</sup> Formado em direito pela Faculdade do Amazonas, Leopoldo Peres exerceu o cargo de deputado na Assembleia Constituinte do Amazonas de 1934 até 1937, ano em que o legislativo fora clausurado pelo advento do *Estado Novo*. Nessa ocasião fora remanejado à presidência do Conselho Administrativo do Estado do Amazonas, ocupando simultaneamente os postos de promotor de Justiça em Manaus e professor catedrático de direito constitucional na Faculdade de Direito do Amazonas (DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO, S/D.). Segundo Hoselino Gato Alves “ele foi o mais importante difusor dos princípios ideológicos do Estado Novo no Amazonas, sendo, na verdade, reconhecido nacionalmente como um dos mais importantes intérpretes do Estado Novo” (2009: 38).

entre a *psicologia*, como estrutura formal e teórica de argumentação, com a *virilidade* enquanto estrutura hierárquica de fundamentação política, compreendemos os meios pelos quais as biografias de Vargas sustentaram um detalhado estudo da *personalidade* do retroativamente predestinado líder das massas brasileiras.

### 5) Substratos infantis: o meio gauchesco e a influência paterna

Para encontrar o mote introdutório às páginas de *Getúlio Vargas*(1939) Carrazzoni soube ambientar com esmero o universo gaúcho e fronteiroço denotado pela cidade de São Borja onde o biografado nascera e crescera. Embora a terra natal seja lugar comum na composição do gênero biográfico, é possível perceber que as espacialidades detalhadamente compostas estavam carregadas de conotações morais e políticas bastante destacadas, sustentando tal elemento como influência direta na formação da viril personalidade do biografado:

Servindo-se dos materiais da natureza agreste e da matéria prima de um povo selvagem, São Borja guarda reflexos de sua origem, na fisionomia cheia de severidade e de melancolia. (CARRAZZONI, 1939: 11)

Passa o rio Uruguai, largo, triunfante, veloz, com as águas profundas, turvas na estação das cheias, cristalinas na época das estiagens. O rio, divisor de duas pátrias [...] naquela mesma margem onde outrora assomavam os caudillos espanhóis tresmalhados no Prata, arrogantes e sanguinários... (1939: 13-14)

Inverno. Sopra o minuano. Este vendo álgido e corredor, que dispara nos plainos como um galgo branco fugido das neves andinas, é o mais anti-poético dos ventos. Ao contrário do zéfiro ou do favônio, que sacrificam às musas, esparzindo o aroma gratuito das rosas ou frisando a face dos lagos, o minuano faz tábula rasa das belas metáforas e das musicais fragilidades. [...]Seco e salubre, enrijece os homens do sul, modelando-os na vigorosa resistência à agrestia da vida ao ar livre, nos dias de inverno [...] o minuano robustece os músculos e endurece a vontade [do homem] recebendo em cheio, no rosto, a vergastada do vento viril. (1939: 33-34).

Até mesmo o mais impalpável elemento natural como o vento é demarcado pelas insígnias da masculinidade, que haveria de enrijecer, endurecer e modelar a vontade daqueles gaúchos, considerados verdadeiros estereótipos de homens exacerbadamente viris (LUVIZOTTO, 2009). A relação entre masculinidade e regionalidade é exemplarmente debatida por Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2008), que encontra na invenção cultural da ideia de *nordeste* a conformação de um discurso de gênero que qualificaria o homem daquela região como *nordestino cabra macho* (ALBUQUERQUE JR., 2003). Não por acaso os anos de 1920 a 1940 demarcavam a época de construção simbólica e política dessa masculinidade

nordestina. Trata-se do mesmo contexto em que os saberes eugênicos e psicológicos estavam pairando sob os horizontes intelectuais dos principais escritores do período<sup>70</sup>.

A repercussão desses preceitos na obra de Carrazzoni não é alheia, já que define o *ambiente* de formação da personalidade de Vargas, certamente inspirado pelos tratados de psicologia e eugenia da época, ressonantes aos ideários neolamarckianos. Junto desse pano de fundo, enfocou o fator basilar da pirâmide biotipológica de Pende<sup>71</sup>, compreendido pelo *patrimônio hereditário* como um pilar de sustentação da tipologia psicológica e fisiológica de um indivíduo. Dessa forma, a completa descrição do local de infância, bem como o detalhado perfil afetivo e pedagógico da família, seriam fatores de inequívoca precisão para a constituição da personalidade de Vargas.

Nas décadas de 20 e 30 [...] a linguagem da higiene mental reconstruiu fenômenos passando a entendê-los como sintomas de distúrbios mentais originados apartir de problemas menores da infância, os quais, por sua vez, surgiam de distúrbios de economia emocional da família. Assim, os menores problemas da infância, tornaram-se significativos, não em si mesmos, mas como sinais de problemas sociais maiores por vir. Dirigiu-se um novo olhar à vida familiar e ao comportamento infantil, um olhar educado e moldado em termos psicológicos. [...] Visualizava-se agora um domínio psicológico íntimo, feito de medos, experiências precoces, atitudes, relacionamentos, vontades, desejos, fantasias e culpas (ROSE, 2011: 104).

O que servia para os *desajustados*, também se aplicava aos *homens superiores*. Como constatamos no capítulo anterior, era vulgarizada a concepção de que o louco e o líder são apenas variações da mesma paleta de normalidade, uma descendente e outra ascendente (KEHL, 1941). Já Hernani Mandolini, de acordo com o colega brasileiro, acrescentaria que pela adaptação ao *meio ambiente* se definiria o status de mediocridade, de loucura ou liderança de um homem (1930). Em ressonância a tais ensinamentos, Carrazzoni afirma que “os mediócrs naufragam no mar belo e terrível: porque não se adaptam aos acontecimentos, não tem o dom de prevêê-los ou a energia para atravessá-los [por outro lado] há uma sabedoria suprema, que consiste em descobrir e fixar, na confusão dos fatos, as correntes profundas da inspiração e da vontade de um povo. Quem as revela e, ao mesmo passo, as conduz, possui a alma de chefe, de grande chefe. A predestinação de Getúlio Vargas está nessa sabedoria suprema” (1939: 08). Desta forma, o próprio elemento do destino está intimamente veiculado à adaptação, previsão e sabedoria suprema de Vargas, superior em relação aos mediócrs e inadaptáveis.

<sup>70</sup> Para um excelente estudo empírico sobre o tema Cf. o capítulo “Breve, Lento mas Compensador: A construção do sujeito nordestino no discurso sócio-antropológico e biotipológico da década de trinta In: (ALBUQUERQUE JR. 2008)”

<sup>71</sup> Diagramada por Gonzalo Bosch (1930) e reproduzida no primeiro capítulo dessa tese



Para comprovar essa predestinação num passado imutável e estável, Carrazzoni realiza um largo detalhamento da infância e da família de Vargas, sempre preocupado em sublinhar o tipo de influência que tais fatores legariam à personalidade do biografado. Dessa forma, atribui especial destaque à figura paterna, o Coronel Manuel do Nascimento Vargas, descrito como verdadeira matriz psico-fisiológica a ser seguida pelo filho, já que apresentava os traços de personalidade de um varão:

atlético, ágil, enérgico, austero, encarnava o tipo escultural da raça dos homens que recebem da terra, como Anteu, o segredo da força sempre vitoriosa e a graça de uma saúde perene [...] chispa de entusiasmo guerreiro que nunca se apaga no sangue de um povo. [...] Sendo dos primeiros a partir para a guerra [do Paraguai], foi dos últimos a voltar ao regaço da terra natal. Os sacrifícios da peleja e o espetáculo do sofrimento, que é o quadro vulgar da guerra, transformaram-lhe a juventude, dando-lhe um sentido de gravidade e responsabilidade que aparecem na maturidade. Aos vinte e cinco anos de idade[...] pensava como um velho (1939: 15-16).

A descrição parte dos traços físicos e fisiológicos do Coronel Vargas, destacando a corpulência viril e metabólica, tal como sustenta o segundo patamar da pirâmide biotipológica de Pende, que afirma o *caráter neuroquímico* de um indivíduo a partir de dois fatores principais: *Dominante familiar morfológico (gerador do hábito temperamental)* e *Dominante familiar neuropsíquico (gerador do caráter e da inteligência)*. Por essa preponderância genética de influências endocrinológicas, aplainava-se a concepção de que a própria conduta do sujeito, tal como seu temperamento e sua inteligência, seriam transmitidas de maneira interparental, de forma que até mesmo os elementos biográficos paternos seriam transmissíveis aos herdeiros genéticos.

Tal compreensão pode lançar alguns indícios sobre o propósito de Carrazzoni ao classificar o progenitor de Vargas como varão endurecido pela brutalidade das guerras, legítimo ideal eugênico comparado ao telúrico semideus *Anteu*<sup>72</sup>. Dos valores e virtudes legados por ele à personalidade de Getúlio destaca-se o equilíbrio masculino entre o heroico dominador e o laborioso pai de família:

um homem sem o seu lar é um ser sem raízes, preza da angústia de indefinível instabilidade psicológica [...] Foi um casamento feliz. O chefe do novo lar podia oferecer à prole a lição, que é a mais fecunda de todas: a de um homem que sabia entrelaçar o culto do heroísmo com a devoção do trabalho (1939: 17)

No aconchego da família, os seus gestos revelam o contraste da inflexibilidade que a vida de campanha dá e nele procura incutir o conceito espartano pelo qual só se

<sup>72</sup> Anteu é um personagem mitológico conhecido por sua ardorosa batalha contra Hércules: “Enceta-se, então, um dos mais duros trabalhos de Hércules, segundo insinua Lucano, pois a Terra deu a Anteu o poder de ele refazer suas forças ao tocá-la. Depois de uma portentosa e disputada luta greco-romana, Hércules descobre a fonte de força de Anteu e o mata, suspenso sobre seus ombros.” (VIEIRA, 2007: 50)

aspiram os filhos para a nobreza dos destinos da pátria (ALBUQUERQUE, 1941: 50)

A incitação viril é acompanhada pelos preceitos paternos, dado que as *virtudes* transmitidas pelo Coronel Vargas ao filho haveriam de ser o heroísmo e o trabalho, além do *espírito espartano* de masculinidade. Tal inspiração paterna faz jus ao dito de Mussolini empregado como epígrafe ao capítulo dedicado ao Coronel Vargas: “*Con um altro padre, io non sarei mai diventato quello che sono*”<sup>73</sup> (MUSSOLINI, Apud CARRAZZONI: 11). A imagem paterna plasmava a personalidade do pequeno Vargas, dando-lhe a fibra de verdadeiro gaúcho, matriz de homem forte, rústico e campesino, qualidades que lhe garantiriam o amansamento da boiada e o domínio dos baios violentos e passionais:

O cel. Vargas não descuidava da educação dos filhos. Sabiam atirar o laço, carrear a rez, montar o potro bravio, galopar na planície como os cossacos, eram, mestres nos prodígios equestres da sua raça (CARRAZZONI, 1939: 24)

Nas fazendas ancestrais seus olhos [de Getúlio Vargas] vêem, certamente maravilhados, o panorama externo e exemplar da luta do homem com as forças agrestes da natureza. Vêem o “peão” amansando em acrobacias arrojadas o gado bravio. Aí pela primeira vez seus ouvidos ouvem, em volta do churrasco que chia e crepita nas grandes reuniões amigas, o gargalhar cavalheiresco do gaúcho audaz e cordial (ALBUQUERQUE, 1941: 51)

Desse gauchismo tradicionalista se atribuem as fontes volitivas de Vargas, concebidas em meio aos interstícios de uma psicologia que vasculha pela lenta e inevitável formação da personalidade de um verdadeiro *homem de vontade*:

os anos, alternativamente inquietos e bonançosos, haviam-no *modelado*, num retrato moral e mental em que a *consciência das fortes virtudes locais*, aformoseadas pelas *tradições da família*, não paralisava, antes *impulsionava*, a *reação volitiva* [...] Artista mais do que artífice da própria *personalidade*, *resguardava-se do contágio dos sentimentos inferiores*, para melhor captar as emanações do *gênio benfazejo da estirpe rural* de que descendia. (CARRAZZONI, 1939: 113) [grifos nossos].

Define-se uma personalidade em formação, em amálgama, no transcurso de uma vida predestinada, permeada por sentimentos românticos naturalistas de bucolismo oitocentista em que o contato com a natureza telúrica, as lidas de campo e a disciplina militar paterna desenvolveram as *virtudes* que “plasmaram os movimentos iniciais da construção do espírito do Sr. Getúlio Vargas. Essas primeiras imagens de longínqua infância, tão marcantes para a formação da personalidade, vão acompanhar muitos de seus atos de estadista” (ALBUQUERQUE, 1941: 53). A posição de liderança de Vargas é justificada por uma

<sup>73</sup> Com outro pai eu nunca teria me tornado aquele que sou. (T. do A.)

argumentação *psicologizante*, em que todo acontecimento infantil é interpretado como formativo da interioridade de um *Homem* excepcional. Tal percepção é ainda mais aguda se levarmos em consideração o tema da *reação volitiva* enquanto o produto mais apurado da consubstanciação de uma personalidade de líder, afinal, o discurso da Psicologia das Massas leboniana prega a *vontade* como o elemento que comanda e hipnotiza as massas, despossuídas dessa energia mística da liderança que, como diria Vianna, seria herdada pela tradição patriarcal das elites rurais brasileiras. A conexão entre a *genialidade* e a *caridade* transmitem a característica de um *gênio benfazejo*, de maneira que os ambivalentes traços psicológicos de energia militar e candura familiar apresentado pelo coronel Vargas haveriam de ser refletidos no filho. Dessa forma, o elemento paternal é plenamente enfatizado pelas biografias de Vargas, tanto que Leopoldo Pères, em seu livro *Getúlio Vargas, o Homem e o Chefe*(1944), afirma que

O fúlgure polemista paraibano [Epitácio Pessoa] nos desdobra o perfil do Sr. Getúlio Vargas, são as feições primordiais e incorruptíveis do Homem as que para logo emergem consideradas: o homem, com todas as peculiaridades de sua origem [...] o homem que trouxe do berço a herança de uma severa genealogia de bravura e de honra; o homem assimilando as influências do meio, mas contra ele reagindo, no mais intenso metabolismo antropogeográfico para afirmar os dons específicos inconfundíveis de sua poderosa presença, o homem afinal, que se impôs, a golpes de civismo, como exemplo, paradigma e porta-bandeira da sua geração. (1944: 35).

As qualidades que garantem a poderosa presença desse *Homem* – cinco vezes reiterado – seriam advindas da origem, do berço, da herança, do meio ambiente, do metabolismo *antropogeográfico*, delineando uma personalidade profundamente marcada pelos elementos hierárquicos e dicotômicos do gênero.

## 6) Uma personalidade superior: o corpo, a voz e a razão

A narrativa de uma infância máscula e gauchesca apenas cumularia nas demais fases de vida de Vargas: “A infância prolongava-se na adolescência no desenho de um caráter que já deixava transparecer sua firmeza”(1939: 28) nesse sentido, Carrazzoni compara Vargas com Benjamin Franklin, citando o famoso biógrafo europeu Emil Ludwing: “Pues en la medida en que le despiertan las fuerzas varoniles, se aviva en Franklin un decidido sentido de justicia, obra de la educación y del carácter, y este sentido será durante toda su vida más fuerte que el de la libertad” (LUDWING Apud CARRAZZONI, 1939: 33).

Nessa matriz biográfica retrata-se o jovem Vargas no exercício militar como “portador de um *físico agradável* [...] sem a menor quebra de disciplina, que nem se reservava a liberdade de pernoitar fora do batalhão” (1939: 29-30), “*afável, cortês, discreto* [...] forjado no *senso de medida*” (1939: 30), “jamais perdeu de vista as origens do homem cristão” (1939: 32). Nesse ambiente militar, sobrevalorizam-se os traços de gênero na construção da personalidade de Vargas:

A grande mão do destino encaminha-o para mais uma encruzilhada. [...] incorpora-se no 6º batalhão de infantaria, afim de estagiar o tempo necessário ao sonhado ingresso na Escola Militar. Vai enriquecer seu caráter na intimidade árdua das lides da caserna. Esse contato de um ano com a tropa, longe de diminuí-lo, dá-lhe o senso da discricção e da ponderação necessárias à vida militar” (ALBUQUERQUE, 1941: 54).

Já não é o mesmo homem. Os seus vinte anos de vida tem a intensidade e a experiência que muitos não atingem aos quarenta. O espetáculo da campanha, o caráter árduo da vida militar, enrijeceram-no, moldaram-no, deferiram-lhe as qualidades viris” (ALBUQUERQUE, 1941: 58).

Todo esse rol de adjetivos de uma masculinidade exemplar são aqui considerados agudezas da *personalidade de grande Homem* possuída por Vargas. Tais traços são ampliados na medida que lhe atestam comedimento e autocontrole, características simultaneamente exclusivas ao *Líder* e ao *Homem*, já que “praticava toda sorte de serviço mental [...] num aprendizado de paciência que não seria em vão. Sobre a revôlta imensidade das paixões, ela se estendera como o óleo que aplaca o furor das vagas, mansamente...” (1939: 35). Nesse sentido de manejo das paixões políticas é acertada a afirmação de Pierre Ansart quando afirma que “los regímenes políticos, sean cuales fueran, tuvieran que resolver el mismo problema: asegurar cierta compatibilidad de los deseos y las pasiones en conflicto a fin de permitir el mantenimiento de las relaciones sociales y las obediencias” (1997: 278). É justamente nesse intuito de criar vínculos sociais de obediência a Vargas que Carrazzoni demonstra sua capacidade de ser o presidente um verdadeiro clínico das paixões políticas.

Tal caráter de aplacador de paixões atribuído ao presidente é amplificado pela alcunha de *orador* e conhecedor dos sentimentos das massas: “Aberta a torneira dos discursos, o tonel da eloquência não nega o líquido generoso. Getúlio pôs termo ao fluxo embriagador com a sua palavra fácil e sóbria. Obedeceram-lhe os convivas: ele era o “*arbiter bibendi*”, naquele banquete de palavras” (CARRAZZONI, 1939: 40). Por meio de uma metáfora de liquidez e fartura o jovem Vargas é considerado dominador da fala pública, que embriagaria seus ouvintes pelo fluxo dos dizeres. Evidentemente essa característica foi articulada à personalidade de Vargas, que desde moço:

Já conquistara o penacho de líder por uma autoridade moral e intelectual, que menos se impunha pela veemência da ação que pela persuasão das atitudes, mais pela finura do que pelo ardor (1939: 48).

Os ecos, porém, atravessam a muralha de trinta anos e ajudam a fixar o timbre da personalidade. Getúlio Vargas, na sua doutrina e na sua ação futuras, desperta naquele momento vibrante e efêmero da praça do palácio [em que havia discursado para o Presidente Afonso Pena]. A raiz emerge dali, ali estão os antecedentes, o húmus, que fertilizaria o pensamento do homem de Estado. (1939: 51)

A persuasão e a eloquência da discursividade também é um dos *líquidos* de *autoridade moral e intelectual* do líder, que por meio da oratória *fixa o timbre da personalidade* e lhe alavanca para o posto de homem de Estado. Afirma-se Vargas enquanto líder por dominar as palavras, de maneira a exercer *persuasão e hipnotismo* pela expressão de uma vontade pujante e varonil. Essa conjugação de traços morais excelentes, capacidade auto-afirmativa e qualidades psicológicas tais como a racionalidade, a persuasão e a energia da vontade, evidenciaria em Vargas um alto desenvolvimento da face direita da pirâmide biotipológica de Pende, que atesta o *caráter psíquico* como o principal fator de sobresaliência individual, favorecendo a capacidade do líder em estabelecer laços de afinidade e persuasão frente às multidões ouvintes.

Para finalizar o *retrato da personalidade* do jovem Vargas, Carrazzoni toma de empréstimo o vulgo kretschmeriano que compreende a amplidão e totalidade do homem em relação às dimensões psicológica e fisiológica. Dessa forma, enfrenta-se a delicada questão do corpo do presidente, embora que fosse sabido que o ditador não tinha grande estatura, sua estrutura fisiológica é analisada com todo esmero e detalhamento por um intérprete atento em delinear tanto a carne quanto os pensamentos implicados na complementariedade caracterológica:

De estrutura meã, nada corpulento, o talhe denotava-lhe o desembaraço próprio da educação ginástica que se faz ao ar livre, no lombo do cavalo, nas galopadas infrenes [...] segundo a regularidade de costumes tradicionais. O rosto sobressaía na suave correção dos traços [...] o pequeno bigode, sombreando-lhe o lábio superior, não quebrava, antes acentuava, essa rara graça que aos anos nem sempre volatilizam. A testa ampla, o cabelo repartido ao lado, os arcos espessos e negros das sobrancelhas, o nariz e a boca, bem modelados, um olhar vago, as vezes, côando, entre os cílios das pálpebras semi-cerradas, terminavam de lhe compor a figura, misto de aprumo e modéstia (1939:54-55).

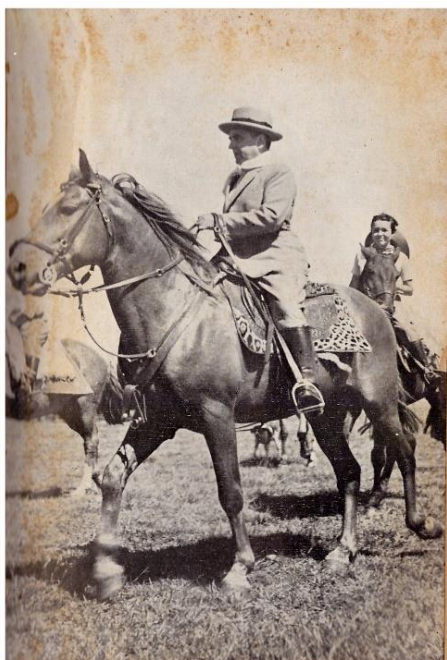
É homérico o esforço de Carrazzoni ao tentar denotar uma biotipologia *ciclotímica* ao seu biografado, já que essas qualidades garantiriam coerência à personalidade e consequentemente liderança ao então ditador. Desta forma, os contornos da face esquerda da

pirâmide biotipológica de Pende, referidos ao *caráter morfológico*, permitiriam que fossem interpretados traços físicos impositivos em Vargas, tanto como homem quanto como instituição/Estado. No intuito de atribuir-lhe uma envergadura corporal máscula, novamente o elemento gauchesco é retomado:

Cavalgava com o puro donaire gauchesco. Admirava, nas visitas à fazenda, a força rude e simples dos homens que mourejavam, de crepúsculo a crepúsculo, numa alegria primitiva, eflúvio da terra, sem mostras de fadiga ou impaciência; admirava-lhes a energia, a resistência e a resignação, virtudes que lentamente adquire, no contato com as forças de natureza, e se transmitem, como um bem hereditário, de geração em geração (CARRAZZONI, 1939: 108).

O biógrafo busca ancorar na suposta origem campesina de Vargas a preparação de um corpo moldado na forja dos homens rudes do campo, que além de trabalharem incansavelmente também demonstravam as virtudes de *energia* e *resistência*, dignas do estereótipo gauchesco mais idealizado. Se não bastasse o relato de uma corporeidade possante de homem do campo, Carrazzoni se apropria de uma fotografia do biografado, propositalmente selecionada, para demonstrá-lo cavalgando pelos prados missioneiros em seu folclórico alazão:

Figura 1 – Fotografia em *Getúlio Vargas*



(CARRAZZONI, 1939: 105)

Desde a imposição física ereta e rígida, a empunhadura firme das rédeas com mãos de ferro, a severa e concentrada expressão facial, todos são elementos que denotam um verdadeiro corpo em riste. O próprio enquadramento fotográfico captura um ângulo

ascendente, criando a sensação de que o leitor da biografia é um mero observador frente à efígie de um grande homem: *Homem-monumento* a cavalgar o frondoso puro-sangue que lhe içava à telúrica corporeidade de campeador gauchesco. No mesmo intuito de tratar delicadamente sua dimensão fisiológica, Eritácio Pessoa de Albuquerque contrapõe o corpo de Vargas a seus dotes espirituais:

Há na personalidade do Sr. Getúlio Vargas um flagrante contraste entre o homem que aparenta ser e o ritmo da consciência que nele existe. Fisicamente impregnado de uma bonhomia contagiante, afável de gestos, tranquilo de uma tranquilidade nada artificial, que impressiona a quem dele se aproxima, o imenso potencial do seu espírito tem de necessariamente desorientar a qualquer tentativa de análise que procurar compreendê-lo em função de sua personalidade física (1941: 227).

Nessa artimanha teórica o autor se desprende das teorias caracterológicas da personalidade que pregam a correspondência entre as faces psíquica e morfológica. Dessa forma, diversos elementos das ciências psi foram seletivamente apropriados de acordo com sua concordância política, sendo negados ou afirmados ao sabor da contingência de cada situação específica<sup>74</sup>:

Não é, assim possível, sem uma evidente torção da realidade, nenhuma dessas superposições, tão ao agrado de tantos biógrafos, do que há de espiritual num homem ao que nele há de físico [...] Quem se detiver na tentativa de fixação de sua personalidade há de certamente se espantar ante o visível contraste que se espelha entre o aspecto exterior e as atitudes desse homem, jamais conturbado diante de quaisquer paroxismos das multidões, sempre difíceis de conhecer, sempre difíceis de contentar (1941: 228).

Se por um lado o caráter físico de Vargas não atesta uma aparência fisiológica *ciclotímica*, por contraste sua hombridade estaria afirmada pela tranquilidade frente aos *paroxismos* das multidões. A nitidez dessa imagem de Vargas é espelhada e refletida no reverso das distorcidas turbas apaixonadas, já que o líder seria marcado pela “maturidade das decisões e o domínio racional dos nervos” (1939: 96).

O *controle de si*, reatualizado dos saberes greco-romanos pelos *saberes psi*, é empregado para definir a masculinidade do líder na forja de um temperamento racional demonstrado em seus próprios atos. Não por acaso o arsenal simbólico da antiguidade é mobilizado tanto por Francisco Campos quanto pelos demais biógrafos a partir das infundáveis analogias de Vargas com *Cesar*, inspirado pela sabedoria e ponderação dos

<sup>74</sup> A constatação de uma ciência psicológica seletiva e mais preocupada com os efeitos políticos que a própria verdade científica também pode ser encontrada na obra *A Verdade e as Formas Jurídicas*, composta pelas conferências proferidas por Foucault no Rio de Janeiro em 1973 (FOUCAULT, 2013).

mestres helênicos, dos quais “extraía alguma das lições basilares da sua orientação, educando-se a conhecer e a dominar os próprios sentimentos” (CARRAZZONI, 1939: 110). Desse autocontrole racional e viril, orquestrado pelo conhecimento dos antigos, se perfilam os principais traços da personalidade de Vargas, incansavelmente reiterados por seus biógrafos e analistas:

Calmo, sobranceiro, o gesto natural, a palavra discreta, a voz suave, ainda nas inflexões de máxima energia (1939: 141)

Racionalmente frio, Getúlio Vargas só a muito custo cederia à emotividade espetacular própria da linhagem caudilhesca, para ser um exemplar sem parentesco ostensivo, naquela fauna. Possui, no entanto, senso tão imperioso do dever, coragem tão desdenhosa e afinidade tão profunda com o lado cavalheiresco de seu povo. (1939: 143)

Sua ação distinguia-se pela firmeza, que se temperava de tolerância, sendo força de alma e não ímpeto animal; pela solidez dos conhecimentos, demonstrados sem afetação nas questões que versava (1939: 157).

Calma a fisionomia, o olhar sem espanto, um charuto à boca, no vaivém dos passos iguais. (1939: 219)

Nos dias mais aflitivos e incertos da luta, de julho a setembro, ninguém lhe surpreendeu uma críspação de cólera, no rosto, num olhar ou numa palavra. (1939: 254)

Nesse perfil psicológico de delimitação, afirmação e invenção dos *traços de personalidade* de Vargas se perfila a explícita articulação entre os ideários *racionalis* e as atribuições *viris*, num processo de significação política em que são tomados como consonantes os adjetivos de *suavidade* e *energia*, *frieza* e *coragem*, *temperança* e *firmeza*, apaziguando a “incontrastável vitória de sua personalidade *calma* mas *enérgica*” (PESSÔA, 1941: 102). Em suma, trata-se de um “Homem completo. Raros estadistas, do Império à República, reuniram as qualidades que lhe moldaram a figura: inteligência, serenidade, energia, tolerância, habilidade (PESSÔA, 1941: 177)”. É justamente a posse dessas características psicológicas individuais que definem Vargas como um *Homem completo* (grafado com inicial maiúscula), que haveria de ser racionalmente superior às massas sentimentais, já que se considera que “pour commander aux autres, la monarchie de soi-meme est nécessaire”<sup>75</sup> (DAUDET Apud CARRAZZONI, 1939: 115).

<sup>75</sup> T. do A. “Para comandar aos outros é necessária a monarquia de si mesmo”.



## 7) Trânsitos de gênero: do homem ao chefe, da esposa às massas

Em sentido estrito, podemos pensar as biografias de Vargas como estando circunscritas ao delineamento de suas qualidades pessoais, limitadas à esfera íntima de sua personalidade individual. A questão é que, como tratamos no capítulo anterior, a *personalidade* não é desvinculada de seus desdobramentos sócio-políticos. Por essa razão as esferas pública e privada são entretecidas a partir do prolongamento da personalidade viril e pessoal de Vargas a todo um campo de referências à chefia e liderança coletiva. Segundo Leopoldo Peres, referindo-se ao livro de Carrazzoni:

Essas qualidades fundamentais teriam de constituir, na biografia do Sr. Getúlio Vargas, o lastro profundo, o embasamento ético, alicerce inderrogável da sua personalidade de condutor de povos e chefe de Estado. Não as possuísse ele em tão elevado índice de expressão individual; não fosse ele um homem de exceção, pela força intrínseca dos valores morais, e por certo não estaria à altura da obra imortal que lhe eternizará o nome na memória das gerações. Sua vida privada e sua vida pública se desenrolam simultaneamente [...] projeção dos atributos imanes do homem, suas irreprocháveis virtudes privadas sua dignidade intocável, sua resserena coragem, sua magnanimidade, suas reservas inesgotáveis de energia e brandura, tolerância e retidão. O estadista é a réplica do homem: o homem, o estadista e o chefe, o tríptico imponente de uma única, rara e poderosa individualidade. (1944: 37)

Denota-se a permuta que a biografia realiza entre os individuais *atributos imanes do homem* e suas implicações políticas de *chefe*, como uma réplica de suas *qualidades*. Por tal pareamento alinham-se as dimensões privada (de homem) e pública (de chefe), da mesma forma com que se conecta a personalidade (individual) e a política (social). Tais continuidades são reiteradas por Carrazzoni quando afirma que “Como a moral do homem privado, a do homem público seria inexpugnável” (1939: 98). Esse recurso à transposição das qualidades individuais e privadas para a *personalidade pública* confere-lhe o posto não apenas de *Homem completo*, mas também de *líder*: “O governo necessitava de um líder [...] lá se achava o líder, cuja indicação não era apenas uma ordem das circunstâncias mas o imperativo de qualidades morais e intelectuais, admiravelmente equilibradas.” (CARRAZZONI, 1939: 119), ou seja, a liderança de Vargas se baseava justamente nas qualidades morais e intelectuais pontuadas em sua personalidade. Para a construção desse ideário de *liderança* as categorias hierarquizantes entre os polos masculino e feminino foram imprescindíveis, isso é visível até mesmo nos comentários de André Maurois<sup>76</sup> sobre os

<sup>76</sup> Maurois foi um general francês e teórico sobre a autoridade e liderança muito conhecido em meados do século XX por seus tratados tais como *Fundamentos Sobre o Comando* (1996) e *A Arte de Viver ou a pequena filosofia da vida* (1965) sendo considerado um dos autores mais vendidos no contexto sul-americano de sua época. Seu

perigos que a chefia podia incorrer, entre eles a perda da racionalidade em nome do amor feminino:

Kipling descreveu o *Homem que quis ser rei*, aventureiro que, unicamente pela superioridade de caráter, domina tribos da montanha, torna-se seu chefe, mas perde seu prestígio e seu trono no dia em que tem a fraqueza de amar uma das filhas de seu povo [...]. “Quantos homens” diz Napoleão, “não são culpáveis senão por causa de sua fraqueza para com uma mulher”. Seria necessário aqui falar da mulher do chefe, papel difícil; ela deve defendê-lo contra o mundo, preservá-lo de fadigas inúteis, guardar-se de ditar atos impulsivos, fazer de sua casa um refúgio pacífico e não um novo império a governar, o mais ingovernável de todos (MAUROIS, 1965: 134) [1939].

De antemão percebemos que o posto de chefe é tratado como unicamente masculino, já que a dócil e amável esposa deve ser encerrada no reinado do lar, dada sua incapacidade natural e sexual para o posto de liderança. Outra asseveração de Maurois é a possibilidade de perda do poder do líder se não for enérgico o suficiente com sua esposa, mais que isso, não se deve permitir que ela governe nem mesmo no espaço privado, já que o domínio irracional das paixões femininas, propiciador dos *atos impulsivos*, haveria de transformar o lar num *império, o mais ingovernável de todos*. Tal como as *criminosas coroadas* de Mandolini (1930), também se concebe que a mulher exercendo algum tipo de governo não configuraria um *reinado*, mas sim um *império*, já que esse poder seria ameaçador e principalmente *expansionista*. Nesse sentido, conclui-se que o chefe que se enamora ou lega poderes à esposa, cedendo espaço ao campo sentimental feminino, seria um chefe fadado ao ocaso. Essa interpretação demonstra as tintas de gênero com que se pintavam as relações políticas de liderança, em que o elemento feminino deveria ser apaziguado, controlado e resignado à passividade. Os ecos dessas concepções são encontrados em Carrazzoni quando comenta sobre Darcy Vargas<sup>77</sup>, denotando-lhe o seguinte caráter:

A jovem esposa, Dona Darcy Sarmanho, reunia os encantos da mulher prendada a envolvente suavidade de uma alma sensível, emotiva, feminina. A bondade ativa, essa força milagrosa que tudo constrói, com indefinível pudor, quase a escusar-se da própria força, despontara-lhe na quadra em que as meninas choram quando se parte um braço da boneca (1939: 93).

---

nome será retomado em nossa discussão, já que era repetidamente citado tanto pelos biógrafos de Vargas quanto pelos de Perón.

<sup>77</sup> Darcy recebe apenas um parágrafo de referência em meio às 298 páginas que retratam a personalidade de Vargas. Por mais que o livro seja uma biografia apenas do presidente, é possível constatar que a imagem de Darcy foi pouco levada em conta, se compararmos com a significativa influência política da primeira-dama no estabelecimento de políticas de benemerência e auxílio social, tais como a Liga Brasileira de Assistência (LBA) e demais orientações governamentais que popularizariam a imagem do marido como um presidente caridoso. Sobre o protagonismo político de Darcy SIMILLI, 2008.

Em poucas linhas retrata-se quase a totalidade dos estereótipos sociais e psicológicos atribuídos à feminilidade tais como os traços de suavidade, sensibilidade, emotividade, bondade e mesmo de pudor característicos de uma mulher *prendada*, ou seja, possuidora de uma conduta essencialmente voltada ao matrimônio e sua circunscrição. Mesmo sendo a bondade associada a um sentimento ativo e de expressão de força moral, no caso da primeira-dama a bondade quase *escusa-se de sua própria força*, reiterando sua posição de submissão ampliada pela romântica ambientação infantil da menina com as bonecas, concebendo-a de maneira análoga às criaturas femininas, compreendidas como entes sensíveis e sentimentais. Esse retrato da primeira-dama como mulher caridosa, bondosa e benemerente era compatível com a imagem intocada de mãe e esposa:

Outros momentos de festiva alegria, [Vargas] desfruta-os ao lado da boníssima esposa – cognominada mãe dos pobres e dos aflitos. Aí se sente feliz, rodeado de seus filhos estremecidos, e contempla o rosto da digna companheira, essa bela criatura que, às vezes, com o encanto do seu amor, as provas da sua dedicação e a suavidade das suas palavras, consegue fazê-lo baixar do alto de superior esfera, onde se elaboram as grandiosas ideias, que o hão de immortalizar. (VIEIRA, 1951: 74-75).

Por meio de um poder irredutível da bondade, Darcy aproximaria Vargas ao vulgar mundo dos tangíveis, numa oposição quase platônica entre a esfera sacralizada das ideias (masculina) oposta ao âmbito terreno das humanidades corriqueiras (feminino). Dessa forma, a *mãe dos pobres e dos aflitos*, em suas atribuições femininas, é aproximada ao ideal kipliniano da esposa que rebaixa e enfraquece o líder. Nessa clara hierarquização de gênero, Darcy é posta no campo pouco racional das paixões, mas por suas qualidades de mãe e mulher traduzia às massas as inconcebíveis ideias relativas ao gênio político de Vargas. Seja pelo perfil personológico e individualista das biografias do presidente, seja pelo caráter masculinista das mesmas, não encontramos outras menções sobre Darcy nos demais livros estudados, muito menos tivemos notícia de algum escrito destinado à recriar uma trajetória de vida para a Primeira-dama.

Tal argumento de aproximação entre feminilidade e irracionalidade, tão repetido pela Psicologia das Massas, também foi transposto para o campo político por meio da analogia das passionais massas femininas. A diferença fundamental entre a primeira-dama e a massa é que a primeira, no alto de sua individualidade, possui uma personalidade forjada na relação direta com o líder, ou seja, seus atributos pessoais e indenitários são legados pelo apoio, carinho, amor e afeto direcionado ao marido. Por outro lado, a massa em estado febril seria

despersonalizada e irracional, carecendo das rédeas de um marido e líder para dar-lhe sentido e controle.

As dicotomias metafóricas de gênero são evidenciadas quando Eritácio Pessoa de Albuquerque considera que “a multidão criminosa é apenas um estado demente da alma coletiva. Há alguém que ouse falar em razão em uma época dessas? A razão nessas horas é, apenas, um instinto em marcha. [...] Mais cômodo é ir ao encontro dos instintos bestiais da massa.” (1941: 27). Tratando propriamente da *revolução de 30* o autor comenta que “[no] despertar da alma cívica brasileira, a manhã de 24 de outubro pode assistir também ao desencadear dos instintos baixos da massa. Há em quase todas as esquinas uma necessidade de transbordar os limites. Era o mesmo instinto latente em todas as multidões, vindo à tona com a agitação revolucionária” (1941: 41). Semelhante é o retrato pintado por Carrazzoni quando afirma que “as multidões sempre estão prontas para aclamar o vencedor e apedrejar o vencido” (1939: 222), num contexto de “eclipse total da razão” (1939: 210) ocasionado pelo “estado de neurastenia cívica das multidões sem partido, na sua volubilidade emocional” (1939: 172). A articulação metafórica entre a feminilidade e as massas apenas é dimensionada quando visualizada pelo contraste com a masculinidade e a liderança, ou seja, se a conexão entre o *Homem e o Chefe* ocorre por meio das suas qualidades racionais, ponderadas e autocontroladas, então as relações simetricamente opostas estabelecidas entre a *mulher* e a *massa* eram significadas pela irracionalidade, passionalidade e descontrole comum entre ambas.

Não se trata apenas de uma leitura misógina proveniente de uma sociedade patriarcal latino-americana que percebe a mulher e as massas enquanto perigos sociais análogos que devem ser simultaneamente dominados; essa composição entra em sintonia com alguns dos principais elementos de formulação da *Psicologia das Massas*, da mesma forma que estrutura a política por meio de uma hierarquização de gênero. Tais ideários eram construídos a partir de uma abrangente catalogação e interpretação de *qualidades*, nesse caso considerados passionais, volúveis e voláteis, aos legítimos moldes da *histérica* e *neurastênica*. Sob essa base dicotômica se desenvolveu o argumento do comando do líder sobre as massas, que é desenvolvido no decorrer das formulações biográficas que tratam Vargas como o grande líder racional que ao

dialogar com o adversário, num debate que acaba refinando os espíritos, lhes ensina as virtudes da paciência e da tolerância recíprocas. [...] As multidões, que se rendem femininamente a um homem, aborrecem-se, quase sempre, do monopólio do poder,

por um grupo de homens ou pelo estado maior de um partido (CARRAZZONI, 1939: 206)

As multidões femininas se rendem ao líder aborrecendo-se por serem dirigidas pelos partidos despersonalizados. Nessa passagem, as qualidades atribuídas a cada um dos polos *líder-massas* são marcadamente delimitadas pelo ideário de gênero, o que justifica o fato do líder receber seu estatuto de liderança por meio da posse dos atributos racionais masculinos: “lá se achava o líder, cuja indicação não era apenas uma ordem das circunstâncias mas o imperativo de qualidades morais e intelectuais, admiravelmente equilibradas” (1939: 119) desse equilíbrio figura-se um homem que “apercebido dos possíveis e da vontade varonil, diligencia destruir a hipocrisia e apontar aos brasileiros o caminho da prosperidade e da força” (VIEIRA, 1951: 68). Dessas qualidades justifica-se a *condução* das massas pelo líder:

Mais que os heróis, os condutores de multidões se impõem como os deuses. Não basta, às vezes, ser um grande homem para conquistar e fascinar um povo. É preciso que possua também qualidades independentes, intrínsecas, naturais de um verdadeiro chefe. E isto, todos nós o sentimos em Getúlio Vargas [...] Alguma coisa nos dizia, intuitivamente, longe da lógica dos raciocínios, que ali estava esse alguém que o Brasil procurava. Como e porque, não se sabia [...] mas já o seu poder, a sua força, o seu prestígio se faziam presentes (SILVA, SD: 26-27)

Afirma-se o *prestígio* do condutor a partir dos traços de personalidade viris, tais como a força e a racionalidade, *sentidas intuitivamente* pelas massas. Pelo emprego da primeira pessoa do plural, o autor retoricamente insere-se em meio à multidão para manifestar a aceitação do poder, da força e do prestígio de Vargas por meio de uma percepção sensorial que estaria *longe da lógica dos raciocínios*, reproduzindo a dicotomia entre o sentimento das massas e a razão do líder. Por essa mesma dicotomia narraram-se episódios tais como os levantes constitucionalista de 1932, comunista de 1935 e integralista de 1938, valendo-se de uma linguagem psicopolítica voltada para a condução das massas e estabilização racional das desvairadas paixões femininas:

O Sr. Vargas era a razão, dentro da revolução, alguns revolucionários encarnavam-lhe o instinto [...] uns e outros, exceto o chefe, queriam deitá-la num leito de Procusto, esticando-lhe as pernas ou decapitando-a. Desenhavam-se, assim, duas correntes extremadas. De qualquer dos lados estaria a deformação, o monstro. (1939: 231)<sup>78</sup>

<sup>78</sup> Segundo o *Dicionário da Mitologia Grega e Romana* (GRIMAL, 2000: 396), Procusto era um vilão que convidava os visitantes a alojarem-se em suas camas de ferro, que possuíam mecanismos capazes de estender os membros humanos caso fossem curtos ou amputá-los caso fossem largos.

Nessa passagem Carrazzoni critica as tentativas alheias a Vargas em dar um formato estranho à revolução, para isso utiliza a imagem do monstro e dos descontrolados instintos como figuras de linguagem a deslegitimar as manifestações políticas que desviavam as rotas traçadas pelo presidente visionário. Por outro lado, as características racionais do líder haveriam de dar controle e comando a essas sublevações ameaçadoras. A conclusão dos biógrafos de Vargas constata que a única salvação do Brasil contra o perigo das revoltas históricas e femininas poderia ser alcançada por meio da racionalidade de um *homem superior*. Trocando em miúdos, a concepção de comando do líder se basearia na ação enérgica e viril de Vargas ao controlar os impulsos das massas femininas: “Na história brasileira, entre seus impulsos desordenados e incompletos, deparamos com várias figuras construtoras e másculas, que vão pondo barreira aos ímpetos da correnteza, no esforço inaudito de dominar as mais incoercíveis fatalidades físicas” (CARRAZZONI, 1939: 221). Desta forma o chefe adquiriria seu status de liderança no exato momento em que se valeria de suas qualidades de personalidade masculina para comandar, controlar e dirigir as massas em voluptuoso *frenesi*. Mais que isso, além de possuir esse poder agregador, a liderança de Vargas também seria capaz de condicionar as características dessas massas passivas e sugestionáveis:

Se as multidões podem ser ferozes, ou indiferentes, se podem ser exaltadas, ou absurdas; frias ou tumultuárias, capazes de cometer os crimes mais nefandos, podem, também, por outro lado, ter gestos mais elevados e heroicos, quando sacudidas por um ideal. Tudo depende de quem as conduz. Tudo depende do chefe. (SILVA, S.D.: 67)

Em suma, o caráter da massa seria diretamente proporcional ao direcionamento do chefe que as comanda. Resta compreendermos por quais mecanismos se daria esse controle. Nesse sentido Carrazzoni emprega o arsenal psicológico para compor uma concepção de chefia exatamente nos moldes do líder possuidor de uma *autoridade* não violenta, mas persuasiva:

o chefe de Estado cuja palavra e cuja ação é um voto de perene brasilidade. Ele não fala com grandiloquência, nem afeta teatralidade, para despertar a vibração popular: apenas sorri, no seu único gesto diante da multidão. Mas esse gesto não é uma bela máscara, um suave disfarce, para conquista-la, senão a chave psicológica que põe em presença duas forças – o chefe e o povo – na supressão imediata das distâncias protocolares, sem transgressão do respeito hierárquico. Keyserling discorre sobre o domador de multidões, Carlyle aponta os homens que são como forças impetuosas da natureza. Este homem que simplesmente sorri à massa em delírio, nas ruas de Recife, não faz uso da técnica do gesto, não empunha o látigo, para intimidar as turbas, nem age com estrepito para ser ouvido e obedecido (1939: 265).

Nessa passagem o biógrafo se inscreve na marcada tradição de interpretação psicológica da liderança, compreendendo o laço líder-massas pela via libidinal e afetiva, barganhada de um lado com um sorriso, do outro com a obediência. Dessa forma, a autoridade de Vargas não seria sustentada pela brutalidade, afastando-o (ou tentando afastá-lo) do decalque fascista que lhe fora atribuído pelos opositores para assim aproximá-lo a uma base popular de apoio subjetivamente consentido. Por isso Carrazzoni descreve Vargas como um dominador que sorri e comove as sentimentais multidões. Essa *chave psicológica* realiza o lastro amoroso entre o líder e as massas, uma relação afetiva e próxima, embora que se evite a *transgressão do respeito hierárquico*. Dessa forma, consideramos que o pano de fundo dessas composições biográficas e personológicas consistia em encontrar os fundamentos de uma *autoridade* consentida para o Estado Novo, incorporado na pessoa de Getúlio Vargas, tema que aprofundaremos adiante.

Nesse capítulo pudemos compreender as lógicas pelas quais os elementos psicológicos foram paulatinamente empregados na construção da personalidade de Vargas. Por meio de classificações politicamente hierárquicas, os significados de gênero foram mobilizados no sentido de sustentar a superioridade de um líder que pretensamente possuiria as qualidades psicológicas e fisiológicas de legítimo varão, que o definiriam enquanto homem racional, ponderado, potente, volitivo e autocontrolado, em oposição às massas ditas femininas, consideradas incontroláveis, voláteis, volúveis e histéricas. Tal formulação científica que estabeleceu os próprios vínculos entre o líder e as massas no Brasil também foi fartamente empregada na Argentina pelos intelectuais que teorizaram sobre a personalidade de Perón, assim como estudaremos no capítulo seguinte.

### CAPÍTULO 3 - A PERSONALIDADE DE JUAN DOMINGO PERÓN

Da mesma forma que estudamos a personalidade de Vargas sob a leitura dos saberes psicológicos e suas enunciações de gênero, esse capítulo pretende compreender os discursos pelos quais a personalidade de Perón foi construída por meio de suas biografias e tratados de personalidade. Para isso, iniciaremos com uma breve discussão sobre um dos movimentos de apropriação dos *saberes psi* realizados pelo intelectual, neurocirurgião e Ministro da Saúde Pública peronista Ramón Carrillo, que lançou algumas das principais racionalidades de transposição de tais saberes ao campo da liderança política, bem como preconizou os trânsitos teóricos da esfera militar à civil.

Os ecos dessas demandas são encontrados nas biografias de Perón, especialmente as escritas por Eduardo Pavón Pereyra, que traça sua personalidade qualificando-o pela *linguagem psi* enquanto líder eugênico, biotipológico e masculino, naturalmente destinado ao comando das massas graças a tais características consideradas singulares e superiores. Nesse sentido, foram importantes os elementos hereditários, culturais e ambientais na constituição de cada elemento formativo da personalidade do líder e, por conseguinte, do próprio peronismo. Dessa forma, adentraremos numa discussão sobre o corpo de Perón, que determinaria conexões muito específicas entre gênero e poder no contexto argentino da época.

A Buenos Aires da primeira metade do século XX, bem como os demais centros urbanos, é marcada por instabilidades sociais de toda ordem. Intelectuais como Gino Germani (1962) estudaram a influência das migrações europeias à capital argentina no início do século XX, comparando as consequências sociopolíticas desses fluxos com o mesmo processo ocorrido com as populações rurais daquele país, que abandonaram a miséria do interior para buscar melhores condições de vida na capital. Segundo a já questionada tese de Germani, o nível intelectual de cada um desses grupos seria indicativo das decorrências políticas subsequentes, sendo os migrantes do interior um fator fundamental para o surgimento de um governo de moldes populistas, capaz de manipular tais populações pouco politizadas<sup>79</sup>. Frente aos dados apresentados por Germani, poucos pesquisadores questionam o fato de que nessa época ocorreu uma reestruturação social em que os setores operários urbanos ampliavam sua população e organização, aumentando seu peso político e representativo. Paralelo a isso, o risco do extremismo poderia trazer dificuldades às elites em manter o controle social,

---

<sup>79</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre Germani e o peronismo Cf. (SILVA, 2009) e (BLANCO, 2006).



especialmente em relação ao conflito entre capital e trabalho, acentuado pela crise econômica dos anos de 1930.

Nesse momento a Argentina adentrou naquilo que os psicólogos sociais chamariam *sociedade de massas*, em que a sublevação popular passara a ser risco iminente de desagregação social e rompimento da ordem institucional. Essa configuração facilitou a tomada do poder estatal pelos militares com o apoio de intelectuais inspirados em ideários nacionalistas, geralmente vinculados ao catolicismo e ao militarismo, que tinham como intuito criar uma memória heroica dos generais-presidentes (FINCHELSTEIN, 2002).

O contexto de sucessivos golpes militares nos anos 1930, seguido de turbulentas intersecções com governos civis, permitiu que o intelectual e então Tenente Coronel Juan Domingo Perón ascendesse ao posto de *Secretário de Trabajo y Provisión* em 1943, cargo que o popularizou dado sua tendência a apoiar pautas trabalhistas e atuar em favor de reformas constitucionais em defesa dos interesses operários. Esse vínculo de simpatia estabelecido com os trabalhadores a partir dos direitos sociais facilitou o desdobrar da emblemática greve de 17 de outubro de 1945, posteriormente rotulada como o *dia da lealdade*, em que boa parte dos setores operários tomou as ruas exigindo a libertação de Perón, eleito como líder popular, sendo empossado por meio do voto ao cargo de presidente da república no ano seguinte. Nesse sentido, a vitória de Perón foi sustentada pela promessa de controlar as tensões sociais e prevenir levantes de massa por meio da multiplicação de benefícios sociais e valorização da classe trabalhadora, que se empoderava política e socialmente com a ascensão de Perón (PRADO, 2009), (JAMES, 2010), (PLOTKIN, 2013).

Alavancado por uma coalizão de forças políticas dos setores militares, operários, católicos e mesmo burgueses reformistas, o ideário político do General Perón representava uma ambivalência enunciativa já que buscava simultaneamente equilibrar a simpatia pelas já derrotadas experiências de extrema-direita europeias, com a defesa dos direitos sociais de *dignificação* do trabalho e constituição da cidadania operária, muito próximo aos moldes de um estado de bem estar social (TORRE, 2002). Dessa forma foi lançado o argumento da *terceira via justicialista* para formar um ideal de sociedade organizada no entorno de soluções nacionalistas voltadas ao aumento da representatividade política e econômica das camadas baixas da população, sem que isso levasse ao rompimento com as estruturas capitalistas preestabelecidas. Adotando o discurso da *justiça social*, compartilhado com vertentes do pensamento católico da época, o governo de Perón se mostrou revolucionário ao equilibrar a relação entre capital-trabalho e ao propor novos modelos políticos mais inclusivos à parcela

da população socialmente desfavorecida (CAPELATO, 2009). Tal configuração fez do governo Perón um intrincado desenho político de rupturas e continuidades por meio de uma plataforma simultaneamente conservadora em alguns quesitos ético-morais (católicos, militares, familiares, patriarcais e nacionalistas) mas também reformista e até mesmo revolucionária em muitas frentes socioeconômicas e mesmo políticas (populares, trabalhistas, cidadãos, distributivas e inclusivas).

Esse complexo contexto permitiu o estabelecimento de um discurso de grande polarização política em que os estratos abastados, bem como a ampla parte da intelectualidade liberal, não aceitaram os novos rumos sociais que o governo Perón imprimia ao país, de forma que o próprio peronismo soube se valer dessa oposição para reforçar um discurso beligerante de identificação social marcado pela oposição entre um *nós peronistas* contra um *eles elitistas, contreras e vende pátria*. Desse conturbado contexto se tornava remota a possibilidade de alcançar um relativo consenso intelectual em torno do Estado tal como Vargas conseguira no Estado Novo. Pelo contrário, a intelectualidade argentina no período peronista seguiu em paralelo com a tendência de polarização em que renomados escritores tais como Jorge Luís Borges ou Vitoria Ocampo, junto de boa parte dos psicólogos e psicanalistas da época, também se posicionaram do lado contrário ao governo justicialista. Por outro lado, não se pode negar a existência de uma expressiva produção de intelectuais peronistas em defesa dos novos ideais políticos recém constituídos (SILVA, 2009). Dentre essa menos expressiva, mas igualmente atuante intelectualidade, destacamos o protagonismo de alguns médicos que fartamente inspirados pelos conhecimentos psicológicos adquiridos nos bancos da faculdade passaram a empregar tais saberes no sentido de criar simbologias e fundamentação política para apoiar, respaldar e construir uma discursividade que sustentasse a liderança de Perón e do peronismo.

### **1) Ramón Carrillo: um ideário médico-castrense na definição psicológica do chefe**

A via pela qual os *saberes psi* foram apropriados à política peronista não se deu pela pura institucionalidade científica, tal como realizada no contexto mais homogêneo apresentado pelo varguismo. Em contraposição à grande parte dos saberes científicos, literários, médicos e acadêmicos mobilizados pelo discurso antiperonista, os intelectuais que apoiavam o governo apropriaram-se dos conhecimentos da Psicologia sobre a liderança

provenientes dos meios militares, tais como já o realizara o próprio Perón e o capelão da Armada Argentina Luís Bertoni Flores, comentados no quarto capítulo.

Um dos mais expressivos intelectuais a apropriar-se dessas leituras foi o médico neurocirurgião, sanitarista, eugenista e ministro da saúde Ramón Carrillo, que mobilizou os conhecimentos psicológicos-castrenses em favor do mando público. A historiadora Karina Ramacciotti realizou um aprofundado apanhado de sua biografia num texto ironicamente intitulado *Ramón Carrillo. Neurocirujano, político y héroe* (2013) reconhecendo-o como um dos personagens chaves do primeiro peronismo (1946-1955), embora bem pouco heroico. Simpático aos ideias nacionalistas, ufanistas, estatais, antiliberais, autoritários e tradicionalistas, Carrillo publicava intensos debates, tal como *Un punto de vista: el de Keyserling ante la vida* (1929), ocasião em que se opunha ao liberalismo, considerado teoria estrangeira alheia aos interesses nacionais. Em substituição à esta ideologia que pouca afinidade tinha com a realidade local o médico propunha o mito do gaúcho como tipo de homem e de moralidade com potencial para recuperar o sentido nacional da *argentinidad* por meio das tradições regionalistas. Para que tal modelo fosse posto em prática o autor defendia a intervenção estatal e/ou golpe militar, situações que coincidentemente ou não foram deflagradas um ano após a publicação de seu ensaio.

Segundo Ramacciotti (2013), no ano de 1939, época em que exercia o posto de chefe do *Servicio Nacional de Neurocirugía y Neurología*, Carrillo foi professor em diversas instituições militares e foi nessa ocasião que travou amizade com Perón, compartilhando com ele sua preocupação em selecionar eugenicamente os homens mais aptos para o serviço militar e para o comando dos destinos nacionais. Tal inspiração se acentuou em Carrillo quando participou do *Primer Congreso de la Población* (1940) organizado pela agência de maior impacto na profusão da eugenia no país: o *Museo Social Argentino*. Nessa ocasião aprofundou ainda mais suas ideias com vistas a encontrar um *biótipo argentino* legítimo proporcionado por meio de *un mestizaje superior*, privilegiando os tipos humanos gaúchos e viris em detrimento das populações urbanas, em sua opinião cada vez mais degeneradas. Essa busca romântica pela superioridade de um homem argentino aos moldes nazistas e fascistas foi professada em diversos de seus cursos que ministrara ao público castrense e/ou científico. Tal discurso ganhara maior peso institucional quando seu enunciador foi empossado decano da *Universidad de Buenos Aires* num episódio bastante turbulento no qual diversos professores foram demitidos e muitos deles pediram exoneração como protesto em resposta ao aumento da repressão e censura militar imposta à Universidade. Em meio a essa estratégica

promoção, Carrillo usou seu prestígio acadêmico e institucional para apoiar os jovens nacionalistas de extrema direita, bem como se envolveu na campanha presidencial em apoio à candidatura de Perón.

Segundo Ramacciotti (2013), com a vitória eleitoral de Perón, Carrillo foi convidado a exercer o cargo de Secretário de Salud Pública, recebendo amplos poderes para implementar as políticas sanitárias peronistas, destacado eixo de atuação do regime. Nessa ocasião, foi um dos principais autores do *Plan Analítico de Salud Pública* que firmava as diretrizes de um abrangente sistema de saúde pública. Ramacciotti (2013) também comenta que o primeiro mandato de Perón foi o momento de maior poder e influência de Carrillo dentro da burocracia estatal, protagonismo cada vez mais eclipsado pelo agigantamento da figura pública de Eva Perón e da *Fundación de Ayuda Social María Eva Duarte de Perón* que passara a receber significativa parte dos recursos financeiros, sobrepondo-se à própria função da *Secretaría de Salud Pública* que no ano de 1949 fora transformada em *Ministerio de Salud*, recebendo menos pressupostos e destaques que a Secretaria anterior.

No ano de 1950 Carrillo mantinha seu longo, simpático e fiel diálogo com as forças armadas argentinas, e para brindar essa boa relação foi convidado a ministrar um curso para os chefes e oficiais da *Escuela de Altos Estudios*. Na ocasião, como político de grande influência, além de prestigiado médico neurologista e eugenista, Carrillo professou o curso *La Guerra Psicológica*, objetivando sistematizar a inserção dos *saberes psi* no interior das práticas castrenses. Por sua importância e destaque dentre as filas militares, o referido curso foi transcrito e publicado pela *Subsecretaría de Informaciones de la Nación* no mesmo ano, sendo reeditado em 1995 pela revista *Electroneurobiología* (CARRILLO, 1995).

Embora ignorado pela historiografia argentina, o texto *La Guerra Psicológica* merece ser analisado por revelar não apenas a posição ideológica de um dos políticos de maior prestígio dentre as fileiras intelectuais peronistas, mas também esclarece sobre as interseções dos *saberes psi* com a política governamental e com a organização militar, numa configuração de poderes-verdades na qual um ministro civil se incumbia da tarefa de ensinar sobre a liderança e a chefia psicológica para a alta cúpula do oficialato militar argentino. Certamente que o ministro realizou tais conferências e as teve publicadas sob a vênua e chancela do próprio governo peronista do qual era representante, partícipe e compositor.

Ao apresentar *La Guerra Psicológica* o ministro demonstrava interesse em solucionar uma questão delicada para as forças armadas: o estabelecimento de um método eficaz para a

seleção científica dos líderes da tropa. Em outros termos, Carrillo propunha o emprego das hierarquizações e dos conhecimentos psicológicos como técnica para realizar uma triagem de homens com o objetivo de classificar os melhores quadros para a liderança. Com este intuito, considera o modelo alemão como o mais apropriado: “La base hallábase en el Instituto o Laboratorio de Psicología Militar [...] creado en los tempos del régimen nacional-socialista, fue dirigido siempre por un alto jefe militar y por una comisión asesora de psiquiatras y psicólogos oficiales.” (CARRILLO, 1995: 39). Sua assertiva indicava a necessidade da criação de um instituto científico idêntico aos dos moldes nazistas devidamente adaptado à realidade argentina: “indiscutiblemente, se impone la creación de nuestro Instituto de Psicología Militar” (1995: 41) que possuiria uma função específica:

El objetivo principal del Instituto de Psicología Militar a que aludo, era el *determinar las características psicológicas del buen jefe*. ¿Cómo lo hicieron los alemanes? Pues descubriendo algo así como la piedra filosofal: estudiando a fondo, minuciosa y exhaustivamente *la psicología — es decir la medida de la "fuerza" del espíritu de sus grandes jefes*: Moltke, Blücher, Scheimhorts, Gneisenau, etc. *Del conjunto de las virtudes psicológicas de aquellos grandes conductores, dedujeron y determinaron el prototipo ideal del jefe* (CARRILLO, 1995: 40) [grifos nossos].

A busca do ministro se dá justamente por um instrumento científico e otimizado para a correta seleção e delimitação dos atributos humanos definidores da chefia. Tal encargo seria de responsabilidade das ciências psicológicas, então compreendida como a *medida da força do espírito dos grandes chefes*. Tal *protótipo ideal* seria definido pelas *virtudes de chefia*, marcadamente valorizadas por seus traços superiores de personalidade, moralmente considerados masculinos.

Las virtudes de este prototipo, son:  
 1º Completo dominio de sí mismo.  
 2º Poder de sugestión sobre los demás.  
 3º Decisiones reflexivas y rápidas.  
 4º Tendencia heroica y "amor a los valores puros".  
 5º Capacidad de sacrificar las propias comodidades. (1995: 41)

O tema do controle de si e das paixões próprias para o efetivo domínio dos outros estava presente desde os primeiros tratados sobre o comando como os de André Gavet (S.D.) até os manuais argentinos sobre a liderança e a autoridade política-castrense tais como o de Luis Bertoni Flores (1937). Também o *poder de sugestão* é tratado pelo ministro, de forma análoga à que fez Le Bon quando insistia na sugestão do chefe, bem como em sua racionalidade baseada em decisões refletidas. A máscara tendência heroica de raízes greco-

romanas é mesclada ao amor pelos valores puros de inspiração neoplatônica que, para completar o conjunto de virtudes morais, insere o tema da *abnegação*, exhaustivamente tratado por Gavet (S.D.) e seus leitores posteriores, como o próprio Perón (1925). Por tal matriz, Carrillo delineia um modelo de *homem e líder* encontrando tais qualificações na figura mais heroica da história argentina:

Nosotros, los argentinos, tenemos un prototipo ideal, que reúne todas las virtudes señaladas, en grado excelso: es el general don José de San Martín. En la anterior clase demostré la profundidad psicológica de nuestro héroe en su campaña del Alto Perú. Pero, desgraciadamente yo no conozco que se haya realizado hasta hoy un estudio psicológico de San Martín, a los fines militares de configurar el prototipo argentino. Las virtudes del Libertador, como jefe militar, han sido estudiadas muy parcialmente, siempre en relación con los hechos de la historia; esto es, para fines históricos, didácticos; no para configurar el prototipo ideal del militar argentino. [...] me refiero aquí, a un estudio en abstracto de las condiciones y el espíritu de San Martín, para concretar luego las mencionadas virtudes autóctonas. Ese estudio, seguramente, se hará — y sólo extraeremos beneficios de él (1995: 41).

O aclamado *libertador da América* é tomado como exemplo máximo de personalidade a ser seguida devido seus traços psicológicos. Por isso Carrillo demanda um estudo de suas virtudes, não de uma pesquisa histórica, mas antes, um espelho psicológico e moral a ser vislumbrado por todos os homens argentinos. Assumindo um caráter ético, capaz de cimentar o protótipo ideal das virtudes autóctones a embasar o verdadeiro ideal de homem e líder argentino, Carrillo se vale da psicologia da personalidade para realizar sua triagem:

Para un hombre de la ciencia psicológica, no es difícil establecer dichos principios [de selección], [...] como ustedes saben, en cuanto a capacidades la personalidad humana es un compuesto de 3/4 de dotes congénitas y de 1/4 de dotes adquiridas (por la educación y la cultura). Para determinar los principios de conformación, son necesarios varios medios de observación y de la consiguiente determinación. El plantel de examinandos del Instituto debe ser observado en su conducta natural, vale decir, en su hábito, en su modo de ser, en sus reacciones simples, domésticas casi (1995: 42).

Numa teorização que visa selecionar o homem ideal para a chefia, Carrillo se vale da regra dos quartos, presente nas formulações caracterológicas e biotipológicas de Pende, Kretschmer (1947), Bosch (1932) e Kehl (1945), dando ênfase à argumentação eugenista, já que considera a maior carga na formação da personalidade (três quartos) definida pelos *dotes congênitos*, isto é, transmitidos geneticamente. Elencando a observação moral, os hábitos e reações domésticas, o ministro evoca os *testes*, à moda de Binet, para que perfilam os traços de personalidade do verdadeiro líder:

Las pruebas a que deben ser sometidos [...] pueden resumirse en seis: la prueba *biográfica*, la prueba de los medios de expresión, las pruebas *psicológicas* o de *inteligencia*, las pruebas de eficiencia y de *voluntad*, las pruebas de *audacia* y,

finalmente, las pruebas de *mando*. [...] Me bastará, para dar una idea general, referirme a las características de las pruebas biográficas. Hay que estudiar y analizar los *recuerdos infantiles* del alumno, tan importantes para cualquier fundamentación psicológica; hay que conocer, aunque sea por las propias referencias, su comportamiento en el hogar, en la escuela, con sus amigos, las lecturas hechas, los juegos y distracciones preferidos. Todo ello da un conjunto de observaciones básicas, cuya alteración no es grande en el desarrollo ulterior del individuo (1995: 43).

Carrillo explicita a importância da *prova biográfica* baseada na observação do comportamento infantil, escolar e familiar para a definição constitutiva da personalidade daquele que viria a ser um homem de qualidades e virtudes excepcionais. Dessa forma, expressam-se os nexos de proximidade que a biografia psicológica poderia operar no sentido de hierarquizar, classificar, selecionar e delinear os critérios de definição do legítimo comandante, numa operacionalidade norteada pelas virtudes masculinas: *expressão, inteligência, eficiência, vontade, audácia e mando*, que delineia o protótipo de *homem ideal* ao cargo de liderança. É por isso que o *teste biográfico* deriva automaticamente o *teste de mando*, definidos nos seguintes termos:

En el caso de la prueba de mando, o “Führer-probe”, como la denominan los alemanes, se llega al comando de un grupo de subalternos desconocidos, para una acción determinada. Ustedes conocen todo esto y lo han realizado. Pero estos sus ejercicios habituales, hasta de rutina, en el examen a que me refiero *deben ser controlados no sólo por los jefes militares, sino también por los psicólogos*. Todo lo que antecede, realizado en los cursos del Instituto de Psicología Militar, proporciona al *comando*, sin lugar a dudas, un *informe caracterológico* cabal del oficial, mediante el cual se llega al *diagnóstico y el pronóstico de la personalidad militar*. [...] *Del conjunto de todas estas pruebas surge el prototipo de nuestro jefe* (1995: 44-45).

Inspirado no jargão germânico baseado na experiência militar nazista, Carrillo recomenda que a *prova de mando* seja controlada não apenas pelos militares, mas especialmente pelos *psicólogos*, já que eles seriam capazes de traçar cientificamente o diagnóstico completo da personalidade do futuro líder. Isso significa que as próprias ideias de liderança, mando, condução, chefia e governo são propriedades circunscritas ao território hermenêutico da ciência psicológica, compreendida como a *pedra filosofal* capaz de transformar homens em líderes. Nesse sentido a psicologia assume um caráter absolutamente político, abrangendo suas concepções de liderança a todas as esferas da sociedade, desde a família, o exército até o governo presidencial, marcando uma época em que todos seriam conduzidos por um chefe (COHEN, 2013) possuidor das qualidades viris e masculinas do comando de si e dos outros. Tal é o motivo pelo qual o discurso de Carrillo é tão contemporâneo à sua época, e é por esse mesmo motivo que seu texto não causa

estranhamento quando transita do âmbito castrense para o civil, se valendo da psicologia, já que ambas as esferas compartilham um ideal de chefia:

Para actuar sobre la psicología de la tropa es necesario [al líder] tener en debida cuenta las tres formas clásicas de conducir a los seres humanos y de incidir sobre su conducta y, por lo tanto, sobre su acción toda. Esas tres formas son: la *persuasión*, la *sugestión* y la *compulsión*. Brevísimamente, podemos decir que la primera, o sea la persuasión, se dirige principalmente a la razón y que es eficaz cuando se actúa sobre hombres inteligentes y cultos. La sugestión, en cambio, se dirige al sentimiento y actúa sobre los seres sensibles. Por fin, la compulsión o coerción se dirige a la voluntad de la persona, al concepto del deber que tenga la misma, aunque sea elemental. Es eficaz frente a seres poco ilustrados, que son la mayoría, y poco sensibles. La compulsión es el arma de la policía y de la ley. Psicológicamente, el ideal es una combinación de estas tres formas de conducción de los *individuos* y de las *masas* (1995: 53).

No mesmo argumento, Carrillo inicia tratando sobre a *psicologia da tropa* e encerra comentando a *psicologia das massas*, sendo ponto de conexão a própria dinâmica operacional compartilhada por ambas as técnicas de poder. Qual seja, uma leitura leboniana que pressupõe a *persuasão*, a *sugestão* e a *compulsão* como um leque de ferramentas úteis no comando de todo tipo de homens, que com as ferramentas do humanismo-masculinismo define os alvos que cada instrumento pressupõe. É por isso que quando o ministro trata da *persuasão* refere-se aos *homens* inteligentes e cultos, que pelas adjetivações de racionalidade e civilidade são claramente masculinos; já ao tratar dos sentimentais, influenciados pela *sugestão*, Carrillo os classifica como *seres*, estatuto mais genérico ou, mais precisamente, não masculino; e ao tratar do exercício da *compulsão* pela força, destinada à maioria pouco ilustrada, os trata como *pessoas*, também humanas, mas certamente não masculinas, de forma que apenas aquele alvo psicologicamente classificado como ilustrado e inteligente é substantivado enquanto *homem*. De todas as formas, o ministro aconselha que as três técnicas podem ser alinhadas e tratadas em conjunto por meio da *propaganda*:

La propaganda, más que nunca debe ser *persuasiva*, convincente y, como decimos los criollos, “entradora”. Mejor si se realiza por medio de cifras, por estadísticas, en forma altamente *sugestiva*, dirigida rectamente a los mejores *sentimientos* y virtudes del ser *del pueblo*. También debe ser *compulsiva*, porque no hay que dejar jamás de lado el concepto de que la violación de la disciplina es pasible de los más serios castigos (1995: 53).

Carrillo parte da propaganda para aplicar empiricamente seus saberes a fim de *definir* uma técnica de comando de condutas comprovadamente efetiva não apenas à esfera militar, mas também popular, abrangendo as categorias e *estágios humanos* por meio das correlativas estratégias de condução: persuasão (convencimento), sugestão (hipnotismo) e compulsão (violência). Tal empréstimo semântico que pela *propaganda* torna análogos o comando da



*tropa* e do *povo* é um dos principais dispositivos discursivos a justificar o governo civil do General Perón. Isso é expresso em suas próprias conferências, quando defende que “la lucha política es lo mismo que la lucha militar” (PERÓN, 1951: 21), esse pressuposto justifica que termos como *condução*, *liderança*, *lealdade*, *comando*, *obediência* e *disciplina* sejam absorvidos pelo vocabulário sociopolítico, bem como vulgarizados nos quarteis. Por tal aproximação foi possível empregar a mesma estrutura da *prova do líder* ou *führer-probe* como matriz das qualidades de personalidade que tal líder, tanto militar quanto civil, haveria de possuir para ser obedecido.

Nesse sentido, Carrillo assume uma posição enunciativa ímpar, de um intelectual possuidor de alta envergadura política e trânsito institucional, ao formular as demandas por uma imagética de poder que fosse *entradora* na cabeça das massas a serem comandadas tal como os pelotões castrenses. Essa estratégia não seria outra senão um pesado investimento na construção da personalidade do líder por meio de observações, análises e testes psicológicos que definiriam suas mais minuciosas virtudes e características, compostas pela herança congênita na proporção de três quartos; e os dotes adquiridos culturalmente na proporção de um quarto de sua personalidade. Desta forma, o líder seria fundamentado pelas científicas conexões entre os meandros da *prova biográfica* e os da *prova de mando*, devendo apresentar as virtudes e qualidades viris tais como as já demonstradas pelo libertador San Martín, considerado padrão masculino e psicológico exemplar. São tais demandas de Carrillo que resumem o difundido interesse pela redação e publicação de uma biografia que respondesse não apenas pela vida, mas pela personalidade do igualmente virtuoso Perón.

Se para Carrillo o estudo dos caracteres e traços de personalidade do líder significava definir os meios pelos quais se estruturariam vínculos entre mando-obediência, então ninguém, além do próprio Perón poderia assumir de maneira tão abrangente tais atribuições enquanto general, chefe de Estado e libertador da nação. Tal liderança apenas poderia ser estabelecida a partir do delineamento de suas qualidades e traços masculinos capazes de impor sua personalidade como singular, racional e superior.

## **2) A personalidade de Perón: uma vida destinada ao mando**

Dentre todos aqueles intelectuais que encamparam a nobre missão de sublinhar as características do mais expressivo líder da Argentina, podemos afirmar que Enrique Pavón Pereyra foi um dos mais destacados autores a responder a demanda por uma biografia completa sobre um personagem-modelo que reassumiria a posição exemplar que apenas San Martín ocupou. Tal destaque se deu justamente por ser um dos primeiros e mais aprofundados estudiosos da personalidade de Perón, de forma que Pavón Pereyra foi considerado “the writer closest to being the official *peronólogo* [...] to recapture one of the many images for Perón: the sage father-grandfather, the máster of popular rhetoric, the conversationalist *em pantuflers*, the man ‘befor and beyond the myth’”<sup>80</sup> (CIRIA, 1983: 160). Tal caráter também é destacado por Omar Acha quando comenta que “hasta 1980 la identidad de Pavón Pereyra como biógrafo-de-Perón y biógrafo oficial era indiscutible. No obstante la pretendida obsolescencia de la manera hagiográfica de la biografía practicada por Pavón Pereyra [...] los estudios aparentemente más serios publicados sobre la vida de Perón descansaron, generalmente sin admitirlo, en orientaciones fijadas por el texto” (2011: 102). Demonstra-se o caráter dos escritos de Pavón Pereyra como modelo aos demais tratados que abordaram sua personalidade, já que o autor não era apenas um grande estudioso do presidente argentino, mas também dedicou sua vida à causa peronista.

Todo fervor e interesse à causa rendeu-lhe a autoria de mais de cem livros dedicados à vida e obra do líder (LA NACIÓN, 2004: S.P.), reconhecimento advindo do próprio biografado já que Pavón Pereyra gabava-se de possuir um “un compromiso de caballeros” (PAVÓN PEREYRA, 2011: 09) que estabelecia sua exclusividade aos segredos pessoais de Perón. Essa lealdade entre ambos foi definitiva para a carreira do biógrafo que no ano de 1973, com o retorno do líder ao poder, foi nomeado secretário de cultura da cidade de Buenos Aires, também em 1991 foi convidado a exercer o cargo de diretor da Biblioteca Nacional Argentina<sup>81</sup>. Além disso, também idealizou e organizou o museu e biblioteca *Juan Domingo Perón* em Lobos, cidade natal do biografado. Até o fim de sua vida se dedicou a pesquisar informações sobre o presidente, sendo nomeado em 1999 coordenador da compilação e edição das obras de Perón encomendada pelo Congresso Nacional (PAVÓN PEREYRA, 2011).

Dentre sua extensa produção, analisaremos as duas biografias escritas e publicadas na época em que Perón exercia seus primeiros mandatos, são elas *El Conductor de America*

<sup>80</sup> “O escritor mais próximo de ser o *peronólogo* oficial [...] para recapturar uma das muitas imagens de Perón: o sábio pai-avô, o mestre da retórica popular, o orador em pantufas, o homem ‘antes e além do mito’” (T. do A.)

<sup>81</sup> Situada na Rua Agüero 2502 da capital argentina, no mesmo terreno que alojava a residência presidencial onde viveram Perón e Evita (<http://www.bn.gov.ar/historia>).

(1950) e *Perón: Preparación de una Vida para el Mando(1895-1942)* (1952)<sup>82</sup>. Tais obras merecem atenção pois permitem acessar as estruturas enunciativas, já que simultaneamente influenciavam e eram influenciadas pelo jargão político, literário, historiográfico e científico daquela época. Podemos encontrar referências a isso na carta datada de 1951 em que o autor escrevera ao irmão de Eva Perón, Juan Duarte, afirmando haver redigido uma biografia de Perón por iniciativa própria, trabalho que lhe custara quatro anos de pesquisas rendendo seiscentas páginas manuscritas (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN, CAIXA 470: DOCUMENTO 96/2). Segundo Acha, ainda que o biógrafo se afirmasse um intelectual independente “el trabajo no fue compuesto en la soledad. [...] Pavón Pereyra había accedido a un puesto en la burocracia del estado peronista y estaba ligado a figuras de segunda y tercera línea [...]. Se trató de la iniciativa de un joven intelectual que no tenía descontada la venia oficial.” (ACHA, 2011: 104).

Devemos compreender que a época em que as biografias de Perón foram produzidas – entre os anos de 1948 a 1952 – é um contexto bastante conturbado na política argentina em que a reeleição de Perón e o lançamento do *Segundo Plan Quinquenal* não conseguiram estancar a crise econômica e institucional, bem como os consequentes desgastes de popularidade que o regime enfrentou. Nessa época a imagem do peronismo perdia seus contornos dourados por meio da acentuada inflação que diminuía o poder de compra e de barganha das recentemente ascendidas classes trabalhadoras. Tal quadro foi agravado pelos escandalosos rompimentos do regime com o clero católico e com setores militares mais conservadores, que passaram a encampar o discurso antiperonista junto das elites liberais industriais e agropecuárias. Nesse contexto, o apoio popular e especialmente operário se mostrou a principal alternativa do regime no intuito de sustentar sua gestão por meio da base eleitoral. Não por acaso, essa foi a época em que a propaganda peronista se intensificou, assumindo uma carga cada vez mais dramática e apelativa, consonante com a estratégia de transformar o regime numa verdadeira *doutrina* que destinava-se não apenas às finalidades governamentais mas também, e principalmente, à produção de uma subjetividade política baseada no laço estabelecido entre o líder e as massas trabalhadoras<sup>83</sup>. Nesse sentido, as duas biografias aqui analisadas respondem diretamente às demandas por um vínculo com o líder que deveria ser reconhecido a partir de todas as dimensões de sua personalidade. O resultado

---

<sup>82</sup> Podemos afirmar que a primeira obra serviu de rascunho para a composição da segunda, já que ambas apresentam inúmeras recorrências e compatibilidade de citações. Da mesma forma que o escrito de 1952 é argumentativamente melhor organizado e formalmente mais elaborado que o anterior.

<sup>83</sup> Para uma discussão crítica sobre essa questão Cf. (ROZITCHNER, 2012)

foi bastante efetivo, pois além de significarem o mais completo apanhado das virtudes e caracteres da liderança de Perón, a obra de Pavón Pereyra assumiu a própria

dinámica narrativo-estructural del populismo peronista en su primera emergencia histórica (ACHA, 2011: 101)

[nela] vida y doctrina se edificaban al mismo paso. El movimiento peronista era la concreción del ciclo vital de Perón [...] peronismo y biografía eran intercambiables [...] para el populismo biografía peronista e historia peronista conformaran una misma corporalidad simbólico-real (ACHA, 2011: 105).

Esse emaranhado indistinto entre história nacional, doutrina peronista, biografia de Perón e estudo de sua personalidade compõe a narrativa ética, política, simbólica e subjetiva daquela experiência histórica. Todos esses elementos estão presentes nas duas biografias de Pavón Pereyra (1950) (1952) que junto a outros tratados de personalidade – tais como *Perón, Arbitro del mundo* (1947), *El Hombre del Siglo*, *Cómo un hombre puede cambiar una época* (1951) – buscaram alcançar efetividade argumentativa a partir da sustentação científica disponível nos modelos e metáforas *psi* que circulavam na época. Dessa construção biográfica e personológica se sustentaria uma discursividade baseada nas hierarquizações de gênero de um líder marcadamente viril.

É por isso que Pavón Pereyra fazia questão de afirmar seu estudo como eminentemente científico por meio de um tropo narrativo e historiográfico próximo às formulações rankeanas acerca do método histórico. Iniciando seu texto com a epígrafe de Dilthey: “*lo que el hombre realmente sea, solo la Historia se lo dirá*”, o biógrafo sustentava a validação empírica de sua obra:

He querido que la Historia de Perón no tenga otro adorno ni gracia más que la verdad de las cosas y la importancia de la materia. Doy una visión imparcial del hombre que estudié a fondo por espacio de cuatro años [...] No es este libro producto de la admiración incontrolada. No hay en él un solo episodio que carezca de su respaldo documental o que deje de estar refrendado por el testimonio de quienes fueron testigos de los episodios (PAVÓN PEREYRA, 1952: 13).

Un error de todos los biógrafos de grandes conductores, carecen de capacidad técnica. Nos circunscribimos a narrar en forma cronológica y sucinta el itinerario de Perón (PAVÓN PEREYRA, 1952: 107).

Em leitura do restante das obras analisadas podemos constatar que realmente o autor põe em prática sua convicção metodológica ao recheiar seus parágrafos com referências e citações de entrevistas, boletins escolares, relatórios militares, correspondências e até mesmo discursos do biografado. Porém, as informações foram selecionadas e compatibilizadas com a versão defendida pelo autor, preocupada em retratar Perón como condutor e mandatário dos

rumos da nação. Nesse sentido, todos os indícios documentais e factuais apontam para a *verdade imparcial* de que seria o legítimo *homem do destino*:

Este hombre ha caído del cielo como estrella, como ente de un mundo superhumano venido de improviso y sin antecedentes necesarios, a efectuar un designio divino; más bien proviene de un levantamiento gigantesco de instintos oscuros, de exigencias conscientes de vida y libertad, de preparaciones lentas y premiosas (PAVÓN PEREYRA, 1952: 15)

Nessa narrativa coabitam harmoniosamente a precisão científica e a mitologia heroica do grande homem que se entregou à pátria por providência divina ou pela fortuna. Tal concepção imprime a própria temporalidade da biografia de Perón, pautada por uma sucessão e acúmulo de acontecimentos, lentas preparações, definidas de antemão pelas inescapáveis forças do destino. Dessa forma, é acertado o diagnóstico de Omar Acha quando qualifica a biografia escrita por Pavón Pereyra como *hagiográfica* (2011), dada a temporalidade cristalizada, muito presente nos relatos de vidas de santos e mártires católicos, modelo que influenciava na própria temporalidade histórica argentina pelo incontornável destino do líder: “Es en Itália donde Perón se convence de que no podrá permanecer ajeno al porvenir patrio. [...] No hay formas de escapar al Destino. [...] Clío lo apasiona, lo subyuga. Después irá de su mano” (PAVÓN PEREYRA, 1952: 175). Nesse sentido, a musa grega da História é simultaneamente sua mestra e companheira, havendo de arrastar os demais acontecimentos e atores sociais para o interior do vórtice ocasionado por sua aliança com o líder. Dessa forma, narrar a biografia de Perón significaria reescrever as linhas já dispostas no caderno do destino, iluminando o roteiro de uma *trajetória destinada ao mando*: “En rigor, toda su vida no fue sino una lenta y cuidadosa preparación para un alto e irrenunciable destino, para el servicio del bien común” (PAVÓN PEREYRA, 1950: 146).

Mas esse destino, por mais que previamente traçado e temporalmente cristalizado, não está isento de antagonismos e contraposições nefastas: “Hay fuerzas del mal que oponen dificultades a nuestra marcha enérgica y viril” (PAVÓN PEREYRA, 1950: 169). Tal dicotomia entre bem e mal estabelecia uma contraposição irreconciliável entre o peronismo, auto-identificado como a verdadeira *argentinidad*, e os *contreras vendepátria* pretensamente interessados na dissolução da união nacional em nome dos interesses elitistas e imperialistas de nações forâneas. Esse argumento de contraposição e reforço de uma dicotomia nós-eles é claramente concebido para impactar nas paixões políticas já que segundo Pierre Ansart ela possuem a capacidade estratégica de “reforzar los entusiasmos o disminuir la agresividad, incrementar la solidaridad dentro del grupo, reconciliar a los rivales, convencer de la

capacidad de un candidato, interesar a los ciudadanos a una causa discutida, tranquilizarlos en un período difícil, hacerlos olvidar la desconfianza con respecto a los enemigos..., en una palabra, actuar sobre los afectos, los sentimientos y las pasiones para hacer posible la docilidad o, al contrario, las acciones colectivas” (ANSART, 1997: 270). É justamente nesse exercício de criar uma narrativa, agregada junto à personalidade de Perón, que mobilizasse apaixonadamente as massas argentinas em torno de uma contraposição entre peronistas e antiperonistas que se lançava essa dicotomia, que também abrangia particularidades de gênero, já que, para contrapor-se a tais ameaças desagregadoras, fazia-se mister que o líder assumisse uma postura *enérgica e viril*, para que a coesão nacional e a união dos cidadãos com o líder se mantivesse em comunhão harmônica e estável.

Note-se que o autor se inclui junto aos leitores na mesma marcha de Perón, por isso o uso da primeira pessoa do singular, aludindo a uma caminhada comum e fraternal entre a massa trabalhadora, os intelectuais e o líder. Pela compreensão dos desígnios desse homem que acompanha tanto o povo quanto a história se focaliza um horizonte evidente, linear e progressivo marcado pela virilidade e individualidade capaz de findar com as irracionais e histéricas movimentações coletivas:

Cuando llega la hora  
de las grandes, fecundas convulsiones [...]  
Dios envía a la tierra los gigantes  
Del genio o de la espada  
Cual si necesitase de almas fuertes  
Y músculos pujantes  
Para no perecer en la jornada  
[Del poema Atlántida de Olegario Andrade] (Apud. PAVÓN PEREYRA, 1950: 175).

A metáfora da jornada é novamente empregada para tratar de Perón como um indivíduo marcado pelas adjetivações de divindade, grandeza, força, virilidade, pujancia e resistência. Mas essas características de sua personalidade não seriam mera manifestação de um chamado divino, pelo contrário, são frutos de uma *lenta e longa preparação*, de uma *vida para o mando*. Segundo essa lógica, para definir os novos rumos tomados pela Argentina seria necessário estudar a formação da personalidade desse homem que, por si só, corporificaria a nova política que substituiria as convulsões irracionais pela conciliatória união nacional, cidadania e bem estar social às massas desamparadas. Passemos a estudar em cada argumento das biografias de Perón a formação psicológica e masculina dessa personalidade.

### 3) As indelévels raízes familiares e gauchescas

Na tentativa de explanar a personalidade total do biografado, a obra de Pavón Pereyra aposta na máxima eugênica e neolamarckiana da transmissão congênita das qualidades parentais, dedicando um capítulo inteiro para tratar da vida do avô de Perón, o médico e higienista Tomás Perón, percebendo nele o espelho das principais virtudes científicas possuídas pelo neto Juan Domingo. É por isso que sua qualificação versa sobre a constituição física geneticamente distinta: “Sus rasgos fisionómicos [...] dejaban entrever calidades raciales envidables” (PAVÓN PEREYRA, 1952: 236), exímio exemplar de uma raça forte e altiva, que por tais características superiores destacou-se no meio acadêmico: “no tardó el gran professor don José María Bosch em aquilatar las raras condiciones morales e intelectuales del joven estudiante y en convertirlo en su discípulo predilecto” (1952: 236)<sup>84</sup>. Desse destaque científico e intelectual Pavón Pereyra encontra a justificativa para comparar o avô e o neto:

Don Tomás es como el basamento que sustentará el nombre, la nombradía de los Perón en Argentina. Don Juan, el fuste que muestra la erecta pujanza hecha realidad; Don Tomás es lo potencial y táctico, don Juan la exteriorización y las plasmaciones prácticas. El primero, la concepción pensante; el segundo, la concepción actuante. Este es el Reformador; aquél el Pionero [...] existe una total identificación entre ambas conductas, como si el doctor Perón y el General Perón configurasen dos segmentos de una misma línea de vida. (1952: 237-238).

Para reforçar a continuidade congênita, o biógrafo retrata Mário Perón, filho de Tomás e pai de Juan: “De talla más bien elevada, grueso y corpulento [...] podía ser considerado como un exponente racial en el que aparecían calibradas las bondades de la sangre vasco-francesa” (1952: 18-19), um legítimo homem forte que se embrenha nos mais selvagens ambientes, por isso descreve que no ano de 1900 Mário “resuelve llamar sus familiares, convencido de que el mito de la Patagonia cruel e inhóspita se desvanece cuanto se tiene espíritu de lucha” (1953: 20). Por essa atitude viril de partir com a família às gélidas terras do sul se descortina o cenário de formação da personalidade do infante Juan Perón: “duro e inhóspito resulta ser el terreno elegido. El material humano difícilmente se adapta [...] el agua es escasa y nada periódica; el clima seco y frío, con fuertes vientos en el verano y nevazones cerrados en el invierno: tales son las características del terreno” (1952: 23). A tópica da

---

<sup>84</sup> Coincidentemente o mentor de Tomás Perón havia se formado junto com Buenaventura Bosch, famoso médico e criador do alienismo na Argentina ainda no ano de 1853, não foi possível traçar o grau de parentesco entre ambos. Por sua vez, Buenaventura era avô de Gonzalo Bosch, que no ano de 1930 lançara importante tese sobre a psicologia da personalidade a partir das teorias caracterológicas e biotipológicas, das quais estudamos no primeiro capítulo (MUÑIZ, S.D.) (BOSCH, 1930).

adaptação ao meio ambiente, tão reiterada pelos princípios spencerianos é empregada também por Pereyra ao traçar a experiência do jovem Perón que aprende com o pai a ser *homem* naquele cenário árido e desafiador: “[el padre] amaba aquella tierra como propia y transmitía aquel cariño entrañable a sus cachorros. Ellos también querían a la Patagónia con cariño [...] porque era tierra que exigía temple y arrestos de varones” (1952: 24). Da mesma forma que Vargas nos pampas gaúchos, a personalidade viril de Perón é construída a partir da influência congênita, familiar e ambiental, em acordo com os ideais biotipológicos da época. Tais caracterizações eugênicas são ressoantes às demais biografias de Perón, que ao tratarem de sua infância sublinham propositalmente o desenvolvimento de um exemplar superior de homem:

Está lleno de vigor, es sano y fuerte. Corre por su sangre la misma vida. Lo incita al movimiento. Juega. Tiene sus amigos. Siempre lo rodean, es cordial, bueno como nadie. Salta, corre, silba. Es diestro porque es fuerte y tiene voluntad que lo domina. (MONZON, 1951: 11)

Va formando lentamente su personalidad viril, enteramente cierta y simpática. [...] Es disciplinado, austero, bueno, compañero, fiel de sus amigos, de los humildes, en especial, entero. (MONZON, 1951: 14)

As qualidades de vigor, força e vontade que lastreiam a formação de uma *personalidade viril* confirmam a superioridade desse homem psicologicamente e masculinamente superior. Se seguirmos a afirmação de Carrillo quando versa que os traços hereditários constituiriam três quartos da personalidade de um homem, então o último quarto era definido pelo aprendizado cultural da vida pampeana e gauchesca, propositalmente sublinhada por Pavón Pereyra como substrato indelével da formação psicológica e biológica desse homem masculinamente excepcional.

Segundo a argumentação de Pavón Pereyra, foi pela vivência familiar campesina que Perón definiu sua maturidade e hombridade ao embrenhar-se nos pampas selvagens, “teniendo como escenario esa adusta y bravia naturaleza, propicia a la ascética de latencia y el heroísmo” (1952: 26). Tais experiências telúricas moldariam uma personalidade viril inscrita nas tradições folclóricas gauchescas, caráter bastante ressaltado por praticamente todos seus biógrafos. Tal aproximação de Perón com o gaúcho além de aproxima-lo às tradições populares, facilitando o processo de identificação entre ambas as partes, também agrega uma carga nacionalista e regionalista ao biografado. Isso nos remete às pesquisas de Lígia Chiappini, Maria Helena Martins e Sandra Jatahy Pesavento (2004) quando concebem a imagem política, social e cultural do *gaúcho* destacando o caráter mitificante, conservador e



transfronteiriço manifesto nessas representações. Nesse sentido, os biógrafos de Perón o consideram, bem como ele próprio se autointitula, legítimo descendente do *Martin Fierro*<sup>85</sup>:

Perón es [...] mucho de gaúcho, sus gustos, sus predilecciones, sus “gauchadas” (PAVÓN PEREYRA, 1950: 145)

Desde niño sabe de memoria el ‘Martin Fierro’ y la literatura gauchesca no tiene secretos para él (1952: 35)

¿Quién será el argentino – se preguntaba – capaz de suprimir todo el mal en nuestro país? ¿Cuándo vendrá ese criollo de que hablaba Fierro, a mandar en esta sufrida tierra de varones? (1952: 53)

- “He nacido en la pampa y tengo el extraordinario orgullo de sentir dentro de mí algo de ese gaúcho legendario que luchó por nosotros” (PERÓN, Apud. PAVÓN PEREYRA, 1952: 32)

A *terra de varões*, predita por José Hernandez é o mesmo ambiente que fez do jovem Perón um varão orgulhoso de suas raízes pampeanas, o que torna evidente o argumento de Pavón Pereyra quando lança a messiânica e retórica pergunta sobre a libertação dos pampas argentinos de todo mal. Mais que isso, a articulação entre Perón e Fierro demonstra uma estratégia simbólica bastante ardilosa já que o personagem aplicara toda sua força viril em defesa da justiça e honra dos desfavorecidos e renegados pelo governo liberal e elitista de Sarmiento. Desta feita, a articulação da imagem de Perón com o mitológico herói gaúcho também serviu para reforçar o caráter de contraposição e lutas políticas bipolares na Argentina, que repaginou a antiga tradição caudilhesca de embate entre portenhos e provincianos para remontar um embate entre peronistas e *vendepátria*. Desta forma, as famosas *gauchadas* de Perón estariam articuladas à originalidade de sua liderança, que se contrapunha à sombra histórica das impopulares medidas liberais e imperialistas para então valorizar as questões nacionalistas e patrióticas: “Si nuestros gobernantes hubieran leído el ‘Martin Fierro’ en vez de leer a autores extranjeros, es probable que hubieran comprendido los problemas argentinos hasta resolverlos con pasión, amor y carácter” (1950: 177). Se Perón sabia de memória os lendários poemas de José Hernández então ele seria a manifestação do líder que sabe resolver os problemas regionais de maneira autêntica, viril e impositiva, da mesma forma que Fierro fizera às custas de seu próprio sangue. Dessa forma, a capacidade de governar o território dos gaúchos apenas só poderia ser de um homem másculo, análogo aos destemidos e valentes *caudillos* dos tempos idos:

---

<sup>85</sup> Obra máxima do gauchismo argentino, publicada pela primeira vez em 1872 o poema narrativo *Martin Fierro* é considerado o poema que lança os principais valores e sensibilidades gaúchos. Já em sua conotação política denotava críticas ao presidente Domingo Faustino Sarmiento que recrutara os homens do campo para expandir as fronteiras frente à matança indígena (HERNANDEZ, 1999)

Crece y curte en su *cuerpo* Juan Domingo, entre correrías propias de muchacho cerril ansioso de aventuras y ganas tremendas de hacerse dicho en juegos de hombres. Aprendió a montar cabalgaduras difíciles y afinó la puntería descabezando riscos con su revolver (1950: 140)

En cierta gallardía brava defensiva y agresiva a la vez, como si alentase en ella un espíritu guerrillero de la pampa, un *jinete montonero*. Es decir, que junto a una cultura sólida, europeizante y democrática, que le enlaza a figuras ciudadanas como las de un Rivadavia, se le advierte una agilidad mental de gaucho para adecuarse a situaciones y lenguajes populares que recuerdan aquella gran virtud detentada por Rosas (1950: 213)

Nessa epopeica narrativa caracteriza-se Perón como *montonero*, imagem que repercutiria em sua estilística de governo, comparável àquela empregada pelos grandes condutores do passado. Ao reler criticamente a dicotomia sarmentiana entre civilização e barbárie, Pavón Pereyra enseja no busto de Perón o equilíbrio entre o comedimento europeizante de Bernardo Rivadavia com a brutalidade viril do indomável caudilho Juan Manuel de Rosas. Perceba-se que tais virtudes gauchescas de virilidade e liderança são atribuídas a Perón pela incidência física, já que em seu corpo se fortaleceram as destrezas e habilidades de varão dominador dos rebanhos animais e humanos. Tal compreensão é compatível com as primeiras interpretações da *Psicologia das Massas* leboniana realizadas na Argentina pelo médico José María Ramos Mejía, que já no ano de 1899 encontrava no corpo de Juan Manuel de Rosas a essência do comando das multidões argentinas:

Sus calidades físicas fueron para ellas [masas] la encarnación material de la fuerza y del poder como lo entienden las muchedumbres. Los hombres altos y esbeltos como Rosas, producen en la imaginación popular una idea más completa de la magnitud de su grandeza [...] nada daba una idea más genuina de la vertical, que tiene algo de duro y enérgico, que aquel cuerpo soberbio de don Juan Manuel. [...] Cara ligeramente tostada [...] ojos claros, bellísimos de mirada penetrante e inquisidora [...] dejando el mayor tiempo posible su cabeza, de buena configuración romana, descubierta, como para dar lugar a que la muchedumbre y las mujeres le tributen toda la admiración que él creía merecer, porque era vano y muy pagado de sus exterioridades de macho (RAMOS MEJÍA, 1977: 147-148).

Nessa passagem o médico propõe uma interpretação que se tornou consensual para a primeira geração de psicólogos sociais argentinos na virada do século XIX para o XX: a ideia de que os distintos traços físico-corporais poderiam expressar qualidades éticas e políticas de um *homem* capaz de dominar as massas “femininas e histéricas” tanto por sua brutalidade quanto por sua sedução. Tal constatação justifica a larga e detalhada descrição de Rosas que mostrava sua exterioridade viril para excitar, conquistar e conduzir as multidões-femininas por meio de seus traços fisiológicos que denotariam a força e grandeza de um macho dominador. Tal mecanismo político de articulação entre corpo e personalidade também foi

fundamental para a construção da ideia do Estado e da liderança a partir da fisionomia de Perón.

#### 4) O corpo de Perón

Um dos elementos mais reiterados acerca da personalidade de Perón era sua corporeidade, motivo de obsessivo interesse biográfico e psicológico, frequentemente e fartamente descrita pelos mais ínfimos e minuciosos detalhes que resumiriam as virtudes e qualidades de um homem fisiologicamente superior:

Simpático, gallardo, con aquella sonrisa que le haría famoso, cautivaba a cuantos le conocían. [...] Seducía la sencillez de su trato, y en el vertiginoso ritmo deportivo que daba la pauta de su labor diaria [...] Joven en la plenitud de su proverbial fortaleza física, costaba reconocer en él a un hombre de 48 años, fogueado en todas las lides, que había vivido prodigándose y sin hurtar el cuerpo así se tratase de encarar las tareas más pesadas. De estatura elevada (1,80 metros), oscilaba su mejor peso en los 82 Kilos; mantuviera el cuerpo vigoroso y proporcionado. En su planta varonil sobresalían los brazos, los músculos y las piernas carnudas, la cabeza larga, ancha en la parte superior y algo adelantada en la barbilla; [...] Sus ojos que no habían perdido el brillo de su mocedad habían conservado la viveza de su genio, eran hondos, ni chicos ni grandes, y las cejas, espesas, separadas y arqueadas, contagiando fuerte expresividad a su seño, que era indudablemente la parte más interesante de su rostro. La boca grande, y algo saliente el labio inferior; los dientes blandos y grandes, u la risa agradable, natural, espontánea, ‘hecha para desarmar a su más enconado adversario’. [...] Como característica esencial de su semblante el ceño vigoroso con un arco superciliar sumamente expresivo, que se contraía cuando fijaba la atención en algo que intentaba captar y que parecía encrespase cuando el enojo o la emoción hacia presa de él. Señalábamos más arriba que su cuerpo correspondía a un ser físico excepcional, y que lo había cultivado con esmero en casi todos los deportes, principalmente practicando esgrima, box, basquetbol y equitación, como si hubiera querido quemar el exceso de energías que parecía nutrirlo. Como pensador compaginaba la veta pluriforme de sus aptitudes como un innato sentido del orden, mentalidad napoleónica, matemática. Descartes la reclamaría como propia. [...] Su actividad de espíritu, y aún de cuerpo es grande, y lo mantiene en continua agitación mental y física” (PAVÓN PEREYRA, 1952: 66-67).

Operando um excitante jogo de conotações a elementos praticamente eróticos tais como *carne* e *fogo*, Pavón Pereyra não apenas descreve o corpo de Perón mas também o qualifica, significa e simboliza, valoriza e delega valores éticos, políticos e morais por meio da envergadura corporal, física e moral sobressaliente, digna dos mais pulsantes dominadores e comandantes de massas por inspirar imagens de grandiosidade e poder. Mais que isso, se tomarmos em consideração os ensinamentos biotipológicos de Kretschmer (1947) poderemos constatar que a personalidade do biografado pode ser aplainada por meio de sua análise

fisiológica. Desta forma, pode-se considerar Perón como *ciclotímico*, que apresenta os funcionamentos glandulares, psíquicos e individuais de um exemplar humano masculino portador de inigualável firmeza e retidão, que em sua constituição corpórea demonstra capacidade de disciplinar a si mesmo e aos demais. Isso é evidenciado pelo mecanismo discursivo que desdobra qualificações ético-políticas a partir de cada traço de seu corpo, tal como o sorriso que denota bondade, desarmando os adversários; os olhos que demonstram a vivacidade de seu gênio; a sobrancelha que representa atenção e concentração, em suma, Pavón Pereyra se ampara nessa argumentação científica e psicológica que estabelece o pressuposto de que em cada órgão pode denotar um traço de personalidade específico, ou muitos deles, que em sua totalidade constituem e *organizam* um *ser físico excepcional*, superior aos demais pelo esmero da autoconstituição orgânica e psíquica.

Dessa excepcionalidade física forjada em meio aos mais diversos e exigentes esforços desdobrar-se-iam a altivez intelectual de um homem com *mentalidade napoleônica*, *invejada pelo próprio Descartes*. Mais que isso, mesmo as virtudes da *bondade*, *dádiva* e *sensibilidade* proveniente de sua alma seriam espelhadas em seu *corpo grande*, justificando sua *contínua agitação física e mental*. Nesse intuito biotipologicamente hierarquizante reitera-se um corpo viril em constante aprimoramento, articulando de maneira superior as esferas orgânicas e intelectuais da personalidade:

[Perón] No es solo estudioso y disciplinado. Toma parte en todos los deportes; Es el primero en atletismo, en boxeo y esgrima, el deporte favorito de San Martín, en cuya vida inspira sus actos. (PAVÓN PEREYRA, 1952: 34)

Doble camión de espada, invicto en el campeonato militar de Fútbol, y al equipo de Basquetbol. En box era indiscutible adestrador de campeones; deportes hípicos, tiro al blanco. Esquiismo, esgrima, polo (1952: 84-85)

Comenzó unas prácticas de gimnasia intensiva durante las horas de la siesta. En las horas que nosotros aprovechábamos para concedernos un pequeño respiro, él salía a ejercitarse en la pista natural. [...] Era verdaderamente espectacular este contraste entre nosotros [...] El resultado de esa predisposición fue que se acostumbró a absorber el trabajo sorprendiendo a los trabajadores (1952: 113)

Por meio da qualificação corporal de Perón constantemente se alude às suas capacidades de pioneirismo, distinção, mando e condução, nesse sentido, não é gratuito o comentário de que a esgrima seria o esporte favorito de San Martín, já que assim compara-se Perón com o grande prócer libertador da América que, segundo Carrillo, deveria ser tomado como a personalidade modelar aos cidadãos argentinos. Tal articulação entre a personalidade de ambos era amplamente difundida e reiterada tanto pelos biógrafos de Perón quanto pelos propagandistas do regime, que muitas vezes se referiam ao presidente pelo apelido de *San*

*Perón* (PLOTKIN, 2013). Não bastasse ser campeão poliesportivo, Perón também era definido como *adestrador de campeões*, líder dos líderes que possuiria uma força de vontade e uma corporeidade que tornavam evidente o *contraste* entre ele e *nosotros*, autor e leitores da biografia. Tamanha dedicação e esmero físico repercutiriam não apenas em suas qualidades intelectuais e psicológicas, mas também em seus dotes morais, pois através dos esportes Perón pretensamente mantivera uma “juventud sin taras, que se educa en un clima de amor a la Pátria y mantiene su cuerpo en constante y viril en trenamiento” (PAVÓN PEREYRA, 1952: 103). A manutenção de um corpo másculo seria o movimento que afastaria o jovem Perón dos vícios e aproximá-lo-ia das virtudes a serem seguidas por todos:

Fuma según la ocasión y por temporadas; nunca hace uso de las bebidas blancas en las comidas; bebe apenas y por excepción una o dos copas de champagne. Muchas veces no proba café. (PAVÓN PEREYRA, 1952: 68)

Se levantaba antes del toque de diana [...] hacia un poco de gimnasia sueca para desentumecerse, pasaba a la ducha fría e, inmediatamente, comprometía al maestro Zaballa para librar asaltos de esgrima. [...] sorprendía su férrea voluntad de disciplina [...] daba un índice de espíritu de sacrificio que le caracterizaba. (PAVÓN PEREYRA, 1952: 58-59)

A partir de um corpo absolutamente livre de vícios se desdobraria a disciplina de um homem educado e docilizado ao trabalho, ao esporte e à retidão moral, amplificada pela dedicação em aprimorar suas qualidades de personalidade. Não bastasse essa auto-superação individual por meio da disciplina física, Perón também é retratado como professor que fraternalmente ensinava seus subalternos a livrarem-se dos perigos imorais e feminizantes: “Innumerables muchachones que quemaban su vida en los vicios [...]. Perón reunió los más dúctiles y los enseñó prácticas sanas deportes viriles” (1952: 68).

Pela destreza esportiva Perón delimitava os contornos de um corpo altivo, trabalhador e produtivo, a forjar uma personalidade varonil que se consolidava nos arrestos masculinos da carreira militar: “Esta arma requiere hombres completos, valientes, con una fuerte vocación de sacrificio.” (1952: 102). Por sua veia hierárquica e altamente virilizada, a própria instituição militar é denotada nas biografias como responsável por plasmar os principais atributos da personalidade de Perón.

Es en la Escuela Superior de guerra donde Perón completa el ciclo cultural de sus conocimientos y donde arquitecta definitivamente su personalidad en su preparación como popular conductor. [...] Completa madurez intelectual, sacrificio de su persona (1952: 108).

A completude de uma corporeidade ereta que denotaria um homem excepcional apenas poderia passar pela arquitetura de uma personalidade marcada pelo semblante castrense, que em seu esplendor constitucional se expandiria ao meio civil, carregando com ele toda virilidade desenvolvida nesse meio.

## 5) Do corpo-exército ao corpo-Estado

As biografias de Pavón Pereyra são bastante apressadas ao demonstrarem a transição da carreira militar de Perón a seu mandato presidencial e isso não significa imperícia do autor, mas a defesa de princípios estratégicos, tais como a proximidade entre ambos os tipos de liderança. Para solidificar essa argumentação, emprega-se a interpretação do corpo de Perón como veículo de transposição dos conhecimentos, disciplinas e virtudes masculinas da esfera castrense para a civil, no exato momento em que assumira o mais alto posto de comando nacional: “Su llegada [a la presidencia] es, podríamos decir, el encuentro de los valores inmutables de la sociedad militar con los valores degradados de la sociedad civil” (VERÓN; SIGAL, 2010: 40-41). Por isso, uma das grandes tônicas da discursividade peronista era o encontro dos valores encarnados em seu próprio corpo: “Perón, en efecto, ha unido la energía con la flexibilidad, la jerarquía con la selección, el soldado con el estadista” (PAVÓN PEREYRA, 1950: 136), dessa unidade alinham-se as diretrizes éticas, morais e subjetivas que definiriam a presença política do peronismo na Argentina. No famoso discurso de posse, Perón anuncia:

Dejo, pues, el honroso y sagrado uniforme que me entregó la patria, para vestir la casaca del civil y mezclarme con esa masa sufriente y sudorosa que elabora en el trabajo la grandeza del país. Con eso doy mi abrazo final a esa institución que es el puntal de la patria: el Ejército. Y doy también el primer abrazo a esta masa inmensa que representa la síntesis de un sentimiento que había muerto en la República: la verdadera civilidad del pueblo argentino (PERÓN, Apud PLOTKIN: 109).

Note-se que o elemento corporal é evocado em todas as passagens, seja mediante à troca de vestimentas como representação de sua transição de general a presidente, seja pelos *abraços* ao exército e à república, numa metáfora que permite a amplificação de seu corpo a proporções simbólicas ímpares, já que seria capaz de *abraçar* entidades abstratas tais como a pátria e o exército. Nesse sentido, Eliseo Verón e Silvia Sigal (2004) interpretam essa metáfora do abraço de Perón como a elevação do líder individual ao posto enunciativo de *coletivo singular*, pelo qual ele próprio se equipara, põe-se corpo a corpo às ideias de *Pátria*,

*Povo, Nação e Exército*. Com a diferença fundamental que Perón, ao ser um *corpo* e uma *voz*, seria capaz de encarnar e falar em nome de tais ideias mudos e incorpóreos: “Perón ocupa ese lugar que es el de la Pátria y del Pueblo. Pero desde ese lugar enuncia: es una voz y un cuerpo. Esa voz y ese cuerpo materializan colectivos que son solo abstractos” (2004: 81-82). Dessa forma, o corpo de Perón alcança dimensões simbólicas de grande poder quando sua fisiologia é comparada à de uma coletividade: “*La Argentina tiene un hombre que es un pueblo*” (CABALLERO Apud PAVÓN PEREYRA, 1950: 129). Dessa forma os preceitos morais, éticos, subjetivos e de gênero presentes no corpo de Perón são amplificados à uma configuração pública e Estatal encarnando uma “nación que refleja en su fisionomía (PAVÓN PEREYRA, 1952: 166). Desse reflexo a Argentina absorveria os mesmos valores trazidos por Perón e seu corpo construído no seio de uma genética exemplar e moldado pelas mais viris experiências campesinas e militares.

Segundo o filósofo Vladimir Safatle, aceitando as teorias freudianas, “não é possível pensar a instauração da política sem apelar às metáforas corporais [...] não há política sem encarnação” (2015: 23). Se tal afirmação é procedente, então essa metáfora corporal transcende a dimensão micropolítica das constituições valorativas acerca das subjetividades atingindo também a própria liderança de Perón como homem de Estado e como regime de governo de uma nação. Embora Safatle trate da consolidação de um corpo político abstrato, se pensarmos tais asserções no contexto peronista em que o corpo viril de Perón é alçado à dimensão de um *coletivo singular* ou seja, um legítimo corpo simbólico abstrato, então poderemos compreender que a metáfora do corpo político-Estatal argentino se fez pela própria carne do líder:

Perón fue identificado con el Estado. Su cuerpo era la representación del Estado, y en la cultura de la época el Estado se identificó con Perón. [...] el presidencialismo peronista presenta una reedición práctica de la relación formal entre cuerpo material e institución que subteñía a la teoría de los dos cuerpos del rey [de Kantorowicz]. Perón fue el cuerpo doble donde se reconoció con facilidad la figura de identificación popular. Él explotó su capacidad de *hacer* que le era coextensiva como su cuerpo (ACHA, 2013: 297-298)

O mecanismo argumentativo dessa discursividade afirmava que se o corpo de Perón era poderoso, também o Estado haveria de ser; se seus contornos eram considerados másculos, a *nação* e o *povo* assim o seriam. Dessa estrutura simbólica de espelhamentos do semblante de Perón como duplo entre Homem-Estado, análogo aos dois corpos do rei

conforme analisado por Kantorowicz (2000), se desdobrou a própria especificidade pela qual o peronismo se afirmava enquanto doutrina de liderança popular.

Tendo em vista que as ciências biotipológicas, psicológicas e eugênicas operavam em direta implicação na fisiologia de homens como Perón e tomando como pressuposto que tal fisiologia seria extensiva ao corpo da própria nação, então a ciência ao *corporificar* o presidente também *organizava* a Argentina, articulando sua personalidade à capacidade de liderar. Trocando em miúdos, a própria *liderança* de Perón como capacidade de mandar estaria condicionada às qualidades de sua personalidade definidas cientificamente por meio da análise e atribuição de sentido a seus traços corporais. Dessa forma, as noções de *corpo*, *personalidade* e *mando* eram correlações evidentes:

Joven apuesto, de gallardo físico, que irradiaba simpatía natural, de mentalidad ágil [...] Su *personalidad* no concluía en el porte distinguido y elegante que ostentaba. Bajo la apostura juvenil del teniente Juan Perón se ocultaban unos *niervos de acero*. *Sabía mandar a sus subordinados* sin concesiones ni distinguos agraviantes, y al propio tiempo, hacerse querer de los mismos (1952: 50)

Compaginaba un físico de excepción con una extraordinaria aptitud para el mando (1952: 219)

Como já estudado nos capítulos anteriores, são os *saberes psi* que afirmam a correlação, considerada evidente e automática, entre a constituição física (biotipológica), a capacidade de comando e a obediência dos subalternos. Tais elementos foram exitosamente articulados à personalidade de Perón:

La mención del *jefe del cuerpo* que sirve para enjuiciar su labor, resume, en cierto modo, la idea que se tenía de su verdadero valer. “Es el tipo ejemplar del oficial de infantería” Y aún más: “Su *actividad y energía sugestionadoras*, hacen que los *aspirantes pretendan copiar su apostura, agilidad y forma de mandar*” [...] es un atleta, capeón de espada del ejército: vigoroso, audaz, intrépido (1952: 87)

Desse corpo cheio de virtudes e boas qualidades se desdobra a própria ideia do *comando* de Perón sobre as massas argentinas. É das qualidades masculinas de personalidade definidas hierarquicamente como superiores pela psicologia que se desdobram os fundamentos da liderança de Perón.

A partir da discussão travada nesse capítulo podemos afirmar que a íntima conexão estabelecida entre a psicologia e os traços masculinos de um líder, tal como tratado por Ramón Carrillo, mais que fazer parte dos princípios políticos dos primeiros governos peronistas na elaboração de estratégias de comando das massas, também foi um dos



fundamentos pelo qual o peronismo e o próprio Perón sustentaram um ideário de *liderança*, empossado pela imagem de um *condutor* construído geneticamente, fisiologicamente e ambientalmente no esmero dos dotes viris, tais como expressos pelas biografias e/ou tratados de personalidade sobre o líder.

Tais definições o qualificaram como indivíduo eugenicamente evoluído, possuidor de traços de personalidade considerados superiores que lhe garantiriam a capacidade de conduzir a si mesmo e as massas argentinas. Para isso se recorreu à equiparação discursiva de seus dotes de comandante, pretensamente válidos tanto na condução das tropas militares quanto das massas civis, permitindo com que os saberes psicológicos, éticos e morais dos quartéis penetrassem na Casa Rosada. Tal processo definiu Perón não apenas como presidente da nação, mas também general, líder, condutor e teórico da condução das massas argentinas de maneira distinta à de Vargas, embora que embalada por análogas racionalidades de poder.

Especialmente pelo fato do governo peronista ser eleito num contexto democrático e num momento em que os líderes ditatoriais europeus já haviam sido derrotados na Segunda Guerra Mundial, é importante ressaltar que sua liderança não poderia ser sustentada unicamente por uma superioridade pessoal ou imposição física do dominador das massas. Perón deveria ser reconhecido como líder ao receber das massas a adesão como legítimas seguidoras e não apenas subordinadas. Ao tratar sobre a relação entre os dominadores e os dominados na esfera política Leonard William Dobb afirma que “If the two recognize the domination, then the dominating person is a leader, the dominated a follower. If either or both do not recognize the domination or if a third person believes that such recognition is lacking, the dominating person is a principal and the dominated one a subordinate”<sup>86</sup> (1983: 14). Esta última situação não era desejada pelo peronismo.

Dessa forma, o *reconhecimento* dos liderados seria essencial para que o regime chefiado por Perón recebesse legitimação suficiente para justificar seu posto de liderança. Para compreender tais mecanismos de poder, temos que incursionar por dimensões mais aprofundadas da discussão psicopolítica, adentrando nos meandros das teorizações sobre a *autoridade*, que sofisticada e amplifica a discussão sobre a liderança nos contextos varguista e peronista.

---

<sup>86</sup> “Se os dois reconhecerem a dominação, então a pessoa dominante é um líder, o dominado um seguidor. Se um ou ambos não reconhecem a dominação ou se uma terceira pessoa acredita que esse reconhecimento é falho, a pessoa que domina é um mandante e o dominado um subordinado.” (T. do A.)

## **CAPÍTULO 4 - DO PAI AO LÍDER: A AUTORIDADE COMO GOVERNO AFETIVO DA FAMÍLIA, DO EXÉRCITO E DO ESTADO**

Estabelecidos os fundamentos da liderança de Vargas e Perón, a princípio estariam resolvidos os problemas da legitimação de seus poderes, já que ambos eram supostamente dotados de uma personalidade superior, racional e masculina digna de comandar as massas inferiorizadas por seu comportamento coletivo, feminino e irracional. Porém, é importante levarmos em consideração a falta de fundamentação relacional que essa teoria por si só sustentava. Isso pode ser melhor explicado a partir da crítica que Sigmund Freud fez à sugestão leboniana quando afirmava sua falta de fundamentos. Para isso é lúdica a adivinhação utilizada pelo psicanalista: “Cristóvão carregou Cristo, Cristo carregou o mundo inteiro; Diga, então, onde Cristóvão apoiou o pé?” (FREUD, 2011: 32). A mesma crítica pode ser direcionada à liderança, isso é, se o líder lidera, então o que justificaria a obediência? Qual seria a relação que estabeleceria com as massas? De que forma as comandaria?

Certamente a resposta para essas perguntas não se baseia na mera liderança ou superioridade biotipológica do líder, tais processos de hierarquização por mais que impusessem respeito e legitimidade ao chefe, também reforçavam os movimentos de distanciamento entre ele e as massas. Isso é, a afirmação da superioridade psicológica do líder o afastava da possibilidade de aproximação pessoal com seus subalternos, elemento indispensável para o estabelecimento do poder político num contexto em que a intimidade com o mandatário era considerada mais importante que suas propostas políticas ou seus significados ideológicos (SENNETT, 2011).

Nesse sentido, não é contraditório afirmar que quanto mais autoritária fosse a personalidade do líder, menos *autoridade* possuiria, já que tal conceito estaria relacionado à união horizontalizada entre as esferas de mando e obediência. Em outros termos, para o estabelecimento de uma *autoridade* no contexto da primeira metade do século XX, novos mecanismos psicológicos e metafóricos deveriam ser mobilizados no sentido de explicar não apenas a hierarquização entre o líder e as massas mas, simultaneamente, demonstrar sua proximidade e união.

Dessa forma, a pura hierarquização não seria mais suficiente para dar conta do exercício da *liderança* sobre as massas. Fez-se mister o emprego de uma teoria da *autoridade*, que se baseava não apenas nos *saberes psi* mas em tradições mais antigas acerca da condução de condutas e os vínculos de proximidade entre líder e massas. Nesse sentido,

emerge a possibilidade de que as decisões a serem tomadas por tais autoridades possam ser empreendidas de forma que pareçam estar de acordo com os interesses daqueles cujas vidas serão afetadas [...] Essa transformação ético-terapêutica é um aspecto da força que liga as diversas autoridades à *expertise* psicológica e que a faz tão poderosa. [...] Ela concede um novo tipo de legitimidade e de valor humano e moral não somente ao exercício vulgar e evidente de poder sobre os outros, mas também às decisões cotidianas [...] A autoridade não é nem questão de subordinação da vontade nem de persuasão racional. Ao invés disto, ela tem relação com um tipo de discipulado [...] oferecendo ao discípulo uma promessa de autocompreensão e autodesenvolvimento (ROSE, 131-132).

No sentido de explicar a fundamentação dessas ideias e sua apropriação no contexto brasileiro e argentino, buscaremos nesse capítulo os principais argumentos pelos quais se configurou uma ideia de *autoridade* embasada pelos *saberes psi*, com especial destaque às interpretações psicanalíticas, empregadas na fundamentação de um poder político a partir de metáforas paternas e qualificativos como bondade, dádiva e benemerência.

Para realizar uma breve genealogia do surgimento da ideia de *autoridade*, iniciaremos nossa discussão a partir da concepção de *governo*, tal como estudada por Foucault, para assim compreender uma linha de longa duração em que se estabeleceram técnicas de condução de condutas a fundamentar a autoridade real de acordo com uma tecnologia subjetiva de obediência em que tal mandatário seria comparado ao pastor de ovelhas, a Deus e ao pai de família.

A partir dessa discussão, passaremos a debater alguns aspectos da apropriação freudiana da *psicologia das massas* e suas reverberâncias no exercício de uma relação de poder entre líderes e liderados que se embasa nos laços libidinais gerados metaforicamente pelo mesmo afeto travado entre os filhos e o pai primordial, elementos que resumiram as interpretações amorosas acerca da autoridade, aplicável na escola, no exército, na igreja, na família e/ou no Estado.

O estudo dessas teorias é importante para nossa tese já que defendemos que tais noções sobre *autoridade* e suas relações com a psicologia e o gênero, reverberaram fortemente nas concepções políticas circulantes no Brasil e na Argentina da primeira metade do século XX. Como exemplos paradigmáticos dessas apropriações estudaremos, no caso argentino, as interpretações/apresentações militares exercidas por Juan Domingo Perón em seu *Manual de Moral Militar – Capítulo E* (1925) e o aprofundamento dessas ideias enquanto *Ética da Autoridade* (1937), redigido pelo capelão da Armada Argentina Luis Bertoni Flores.

Já na experiência brasileira estudaremos os comentários de Oliveira Vianna, que funda uma teoria sobre a *autoridade* a partir dos conhecimentos da *psicologia social*, elegendo como figuras paradigmáticas o patriarca rural e o Duque de Caxias. Tais leituras que puseram em paralelo as autoridades militar, familiar e eclesiástica a partir do amor ao comandante foram providenciais para a formação da estrutura argumentativa que sustentou os regimes políticos de Vargas e Perón em meio à suas demandas por um dispositivo de mando e obediência legitimamente consentido, tal como estudaremos especificamente nos capítulos seguintes.

### **1) Autoridade, governo e obediência**

Se quisermos compreender os desdobramentos que a *autoridade* promoveu nas ciências psicológicas e nas esferas de poder político do século XX, devemos levar em consideração algumas transformações históricas que a própria noção recebeu na modernidade. Segundo Nikolas Rose, apoiado nos estudos de Gerhard Oestreich, “o ressurgimento da ética estoica na Europa dos séculos XVII e XVIII foi uma resposta à crítica à autoridade, considerada ossificada e corrupta: virtudes como amor, confiança, reputação, gentileza, poderes espirituais, respeito pela justiça etc., tornaram-se os meios pelos quais as autoridades passaram a se renovar” (2011: 56). Isto é, a partir do contexto moderno a *autoridade* passou a ser veiculada às virtudes amorosas e apaziguadoras, em uníssono aos ideais estoicos e ao mesmo tempo cristãos, que atribuíam poder àqueles capazes de dedicar-se ao pastoral benefício dos demais.

Obviamente o fundo político desse argumento não se baseava no puro altruísmo das lideranças, mas na tentativa de suscitar obediência ativa por parte dos subalternos, dessa forma, a questão central levantada pelas *bondosas* virtudes que delimitariam a autoridade é o estabelecimento de um *governo das condutas* coletivas.

É por esse motivo que temos que levar em consideração as asseverações de Hanah Arendt sobre a questão da *autoridade*, que influenciou em grande medida o pensamento de Richard Sennett. Segundo a filósofa, a modernidade é uma época de esgaçamento e até esfumação da autoridade política. Em oposição a isso, Arendt se inspira nos gregos para considerar que a autoridade pressupõe uma relação hierárquica de aceitação e reconhecimento mútuo por parte dos envolvidos no poder: “A relação autoritária entre o que manda e o que obedece não se assenta nem na razão comum nem no poder do que manda; o que eles

possuem em comum é a própria hierarquia, cujo direito e legitimidade ambos reconhecem e na qual ambos têm seu lugar estável predeterminado” (1988: 129). Dessa forma podemos constatar, a partir de Arendt, a existência de uma noção grega de *autoridade* que não deve ser confundida com poder ou violência já que trata-se de seu oposto. Da mesma forma, a autoridade também não pressupõe persuasão. É justamente por isso que a Arendt afirma a inexistência da *autoridade política* no período contemporâneo, já que em alguns casos é confundida com coerção e violência, e em outros é definida como “tudo aquilo que faz com que as pessoas obedeçam” (1988: 141). Essa ideia de *obediência* para os gregos seria mais própria ao seio privado ou à esfera econômica do lar, dos escravos e das crianças, já que dentre os homens livres da esfera público-política não seria concebível uma noção de obediência fundada no desrespeito à liberdade e igualdade dentre os pares. É dessa forma que a autora interpreta Platão, considerando que “aquilo que ele buscava era uma relação em que o elemento coercitivo repousasse na relação mesma e fosse anterior à efetiva emissão de ordens; o paciente torna-se sujeito à autoridade do médico quando se sente doente” (ARENDT, 1988: 148-149). Por consequência, não lida-se com uma noção de *autoridade* como forma de coerção, convencimento ou *ludibriação*, no sentido de conduzir condutas alheias, justamente por isso a filósofa afirma que “o próprio Platão conclui ironicamente que nenhum homem, mas somente um deus, poderia relacionar-se com seres humanos da mesma forma como o pastor se relaciona com suas ovelhas” em outros termos, seria impossível para os gregos pensar em uma autoridade política como técnica de *controle de condutas*, já que na esfera pública os pares se reconheceriam por um princípio de igualdade oposto ao império escravizante exercido na esfera privada. Confundir as duas esferas na prática, na teoria ou na metáfora seria mesclar indevidamente as múltiplas formas de poderes distintamente exercidos entre as esferas pública e privada.

Tal impossibilidade platônica de se pensar numa relação de *autoridade* em termos de pastoreio de homens foi subvertida pelas múltiplas (re)interpretações, especialmente católicas, da filosofia de Aristóteles, quando pressupunham um *governante e um governado* para que se estabelecesse tal relação. Para compreendermos as delimitações históricas da noção de *autoridade*, cada vez mais entendida como uma ética voltada ao exercício da obediência, devemos estudar sua intrínseca aproximação com a noção de *governo*. Para isso, apostamos numa possibilidade de continuidade entre o pensamento de Hannah Arendt e de Michel Foucault, já evidenciada por alguns filósofos contemporâneos (DUARTE, 2010).

No sentido de traçar uma *genealogia* da noção de *governo*, Foucault em *Segurança, Território e População* (2008) retoma os ancestrais desígnios católicos do que chama por *poder pastoral*: um poder espiritual que compreende a divindade e seu representante terreno como *pastor de homens, controlador de condutas e direcionador de almas*. Segundo o filósofo, por tal *poder pastoral* tornou-se possível dirigir povos e indivíduos no caminho do bem e da salvação, sob o comando do pastor caracterizado como um homem bondoso, zeloso, protetor do rebanho, aquele que rege o grupo, ao mesmo tempo em que cuida de cada um dos arrebanhados.

Sob sua voz as hostilidades seriam apaziguadas e a unidade harmônica permaneceria, ou seja, no *poder pastoral* apenas existe um rebanho pela atuação do pastor que o dirige (FOUCAULT, 1990). Trata-se de uma antiga racionalidade de poder que conecta o pastor a cada membro do rebanho, sendo que, nesse vínculo, desenvolveu-se um processo de submissão pessoal, em que os arrebanhados cumprem os desígnios daquele que os arregimenta não por que se baseia numa lei aceita por todos, mas porque a *obediência* do rebanho é fruto da *vontade* do pastor.

Para Foucault, é justamente esse o contexto em que a obediência muda de significado, de incômoda e vexatória para os gregos, torna-se uma virtude, portadora de finalidades muito específicas: “levar os indivíduos a trabalhar na sua própria ‘mortificação’ neste mundo. A mortificação não é a morte, certamente, mas renúncia a este mundo e a si mesmo: uma espécie de morte cotidiana” (FOUCAULT, 2008: 235), renúncia frente à onipotente vontade do pastor, é assim que “o homem ocidental [...] aprendeu durante milênios a se considerar uma ovelha entre as ovelhas. Durante milênios, ele aprendeu a pedir sua salvação a um pastor que se sacrifica por ele” (FOUCAULT, 2008: 174).

Para o filósofo o *poder pastoral* foi sistematicamente enfatizado no medievo pela Igreja Católica, que o instrumentalizou de maneira mais efetiva: “o pastorado no cristianismo deu lugar a toda uma arte de conduzir, de dirigir, de levar, de guiar, de controlar, de manipular os homens, uma arte de segui-los e empurrá-los passo a passo” (FOUCAULT, 2008: 218-219). Esse haveria de ser o nascimento de uma racionalidade religiosa que partia da noção de obediência *individual, exaustiva, total e permanente* (FOUCAULT, 2008: 242), sendo que a própria individuação se estabelecia pela posição hierárquica do indivíduo frente à servidão. Por meio dessa racionalidade as condutas do pastor passam a ser impressas nos arrebanhados: “O pastor deve ensinar por seu exemplo, por sua própria vida, e, aliás o valor deste exemplo é

tão forte que, se ele não dá uma boa lição com sua própria vida, o ensino teórico, verbal, que vier a ministrar se verá obscurecido” (FOUCAULT, 1990: 88).

Assim, o *pastorado cristão* delineia uma individuação que se define pelas relações de sujeição e obediência, ou seja, dimensões de uma *autoridade pastoral*. Para Foucault, até o século XVI tal subjetivação estava permanentemente relacionada a um ideário de salvação própria, de espiritualidade interior, de apatia e mortificação para o alcance da salvação pessoal, elementos alheios a qualquer conotação política, já que em geral a Igreja era a responsável pela condução das condutas enquanto ao soberano cabia o gerenciamento dos territórios. Porém, em meados do século XVI o gerenciamento dos territórios e a condução das condutas passaram a operar sob a mesma racionalidade, impressa na insígnia do *governo*, que progressivamente adentrava no campo da política e do Estado.

Para compreender a entrada do *governo* na política moderna, Foucault estudou diversos manuais e *espelhos de príncipes* católicos redigidos no decorrer dos séculos XVI a XVIII, especialmente *O espelho político, contendo diversas maneiras de governar* (1567), escrito por Guillaume de La Perrière e *A geografia e a moral do príncipe* (1651) de La Mothe Le Vayer, que se posicionavam abertamente contrários à doutrina de Maquiavel e seu *príncipe* tido como imoral. Tais manuais foram definidos por Foucault como aqueles que introduziram a temática das *artes de governar*, sua singularidade reside no fato de inserirem no vocabulário político uma concepção de *governo* inspirada nos moldes do *poder pastoral* católico.

Nesses espelhos o *governo* é tratado como um atributo tanto político-estatal, quanto espiritual-moral: “Como La Perrière, outros também, tratando da arte de governar, lembrarão regularmente que se diz igualmente ‘governar uma casa’, ‘governar almas’, ‘governar crianças’, ‘governar uma província’, ‘governar uma família’” (FOUCAULT, 2008: 124). É pela abrangência ilimitada das *artes de governar* que tais manuais afirmam uma concepção de *governo* que é eminentemente política e subjetiva, um poder exercido não apenas num território e suas extensões, mas também nos indivíduos, seus pensamentos e interioridades. Uma matriz de poder que se espalha transfronteiriçamente pelas múltiplas instâncias, sejam espirituais, pedagógicas, estatais ou familiares. A lógica que unificaria tais instâncias era o desenvolvimento de técnicas de *obediência* e *lealdade*, celebrando o matrimônio entre autoridade, subjetividade e governo. Para Foucault, La Perrière esboçou uma teia difusa e abrangente de governos em que põem no mesmo patamar o *governo* do príncipe, do pai, do sacerdote, do professor, em suma, as *artes de governar* introduziram a generalização de um

*governo* de almas e corpos que abrange conjuntamente os pares: mando-obediência, público-privado, coletivo-individual, estatal-familiar e, como veremos adiante, masculino-feminino.

É no sentido de cruzar tais dimensões políticas que Le Vayer estabeleceu três modalidades de governo: “o governo de si mesmo, que pertence à moral; a arte de governar uma família como convém, que pertence à economia; e enfim a ‘ciência de bem governar’ o Estado, que pertence à política” (FOUCAULT, 2008: 125). Desses três governos Foucault salienta que há uma *continuidade* entre eles, especialmente no tocante do segundo ao terceiro, ou seja, há uma íntima relação entre a economia (enquanto governo da família) e a política (enquanto governo do Estado).

Para o filósofo, tal ligação entre família e gestão de Estado, alinhadas diametralmente pela noção de *governo*, se deu por meio de dois tipos de continuidades: uma ascendente e outra descendente. A primeira postulava que o pretendente a governar um Estado deveria, em primeiro lugar, saber governar a si mesmo, no sentido de possuir uma boa conduta moral, em segundo lugar, deveria exercer boa gestão da família, para apenas assim ser digno de governar um Estado. Já a continuidade descendente postula que o bom governo repercute diretamente na conduta dos indivíduos ou na gestão das famílias, ou seja, quando um Estado é bem governado consequentemente os pais sabem governar decentemente sua família na mesma medida que os indivíduos também se autogovernam convenientemente. Ou seja, a principal questão posta pelas *artes de governo* desde o século XVI era “como introduzir [na gestão de governo] a economia? – isto é, a maneira de administrar corretamente os indivíduos, os bens, as riquezas, como [se fosse] fazê-lo no seio de uma família, como pode fazê-lo um bom pai de família” (FOUCAULT, 2008: 126). É um exercício de inserir a família/economia no interior de um Estado/governo a partir do avatar da *autoridade*.

Sublinhamos nesse percurso foucaultiano a formulação moderna de uma concepção de *governo* que se preocupa com toda a coletividade, ao mesmo tempo em que objetiva o direcionamento das almas individuais. Um governo que articula de maneira abrangente tanto o Estado e a política, quanto a família e a economia, se valendo da metáfora paterna e pastoral para ilustrar a função do governador. Desse jogo de dimensões políticas se configurou uma ordem do mundo que definiu os alcances da autoridade no contexto do *antigo regime* europeu ocidental. De todas as formas, Foucault compreende que tais *artes de governo* não foram simplesmente suplantadas pela constante racionalização da política. Mesmo com as rupturas sociais e epistemológicas pelas quais passou a Europa na virada do século XVIII para o XIX,



essa configuração de governo lançou linhas de continuidades e descontinuidades que exigiram uma nova metodologia destinada a organizar diferentes configurações de autoridade.

Se Foucault seguiu sua genealogia pelo conceito de *governamentalidade*, ao enraizar os fundamentos de uma subjetividade liberal, nós tomaremos outro caminho dessa encruzilhada ao compreender como continuidade dessas *artes de governar* o desenlace de novas teorias sobre a autoridade que se basearam nos *saberes psi* para fundamentar os laços éticos e políticos de mando e obediência. Nesse sentido, consideramos que Sigmund Freud – como influentíssimo intérprete dos mecanismos psíquicos do poder – reatualizou a discussão sobre as *artes de governar*, a partir de uma crítica à interpretação leboniana sobre a *psicologia das massas*. Desta forma, o pai da psicanálise figura como um dos mais incisivos teóricos sobre a autoridade no século XX, já que transcendeu a pura hierarquização entre o líder e a massa para então refletir sobre os laços que os ligam reciprocamente.

## **2) Da violência primordial ao amor libidinal: Reflexões freudianas acerca dos laços afetivos travados entre o líder e as massas**

Embora a psicanálise tenha sido inicialmente formulada como uma ciência destinada a compreender e tratar do psiquismo individual, dos complexos e angústias da interioridade humana tal como uma legítima *teoria da personalidade* (HALL; LINZEY: 1984), ainda nas primeiras décadas do século XX o pensador vienense reorientou sua *teoria do eu* para então compreender a *sociedade* a partir de uma *psicologia das massas*. O primeiro intento nessa direção se deu com *Totem e Tabu* (2012) [1913]<sup>87</sup>, porém foi com *Psicologia das massas e análise do Eu* (2011) [1921]<sup>88</sup> que Freud se anunciou legítimo herdeiro, embora que crítico, da teoria leboniana.

Para explicar o funcionamento dos mecanismos psicossociais Freud esmiuçou praticamente toda teorização contida no célebre livro de Le Bon (2005), concluindo que sua argumentação é pouco *original e inconclusiva* (FREUD, 2011). Freud o acusa de não explicar sistematicamente os nexos que conectam as duas partes da trama líder-massas já que as noções de *sugestão* e *prestígio* pouco esclareciam sobre os mecanismos que movem essa

---

<sup>87</sup> O principal mote dessa teoria é a famosa mitologia do assassinato do pai primordial, em que a culpa e o remorso dos filhos assassinos com o falecido pai torna-se elemento fundante da própria cultura e da civilização (totem), já que se estabeleceram os interditos necessários para o surgimento dos tabus (auto)censores. Para uma explicação de maior propriedade e aprofundamento da questão Cf. (ENRIQUEZ, 1990) e (ROCHA, 2012).

<sup>88</sup> Os outros dois livros nos quais Freud analisa a sociedade são *Moisés e o Monoteísmo* (1987) e *Mal Estar na Civilização* (2010).

maquinaria política e permitem que líder hipnotize as massas. Visando avançar nessa discussão, o psicanalista realiza algumas inclusões bastante relevantes e significativas, tais como a questão da *libido*, que altera completamente o sentido da *psicologia das massas*:

Farei a tentativa de aplicar, no esclarecimento da psicologia da massa, o conceito de libido, que nos prestou bons serviços no estudo das psiconeuroses. “Libido” é uma expressão proveniente da teoria da afetividade. Assim denominamos a energia, tomada como grandeza quantitativa — embora atualmente não mensurável —, desses instintos relacionados com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra “amor”. O que constitui o âmago do que chamamos amor é, naturalmente, o que em geral se designa como amor e é cantado pelos poetas, o amor entre os sexos para fins de união sexual. Mas não separamos disso o que partilha igualmente o nome de amor, de um lado o amor a si mesmo, do outro o amor aos pais e aos filhos, a amizade e o amor aos seres humanos em geral, e também a dedicação a objetos concretos e a ideias abstratas. Nossa justificativa é que a investigação psicanalítica nos ensinou que todas essas tendências seriam expressão dos mesmos impulsos instintuais que nas relações entre os sexos impelem à união sexual (FREUD, 2011: 32).

Nesse movimento em que a psicanálise desborda do solo individual para marchar em direção aos saberes-poderes das ciências sociais, incorpora-se o tema dos *afetos*, das *emoções*, dos *sentimentos* e do *amor* como a nova tônica sobre o poder: um amor libidinal que se estende *latu sensu*, que exprime desde as vicissitudes do desejo amistoso e fraterno até os primordiais instintos sexuais. Segundo Freud, a forma com que se manifestam tais emoções na coletividade é proporcional: “as relações de amor (ou, expresso de modo mais neutro, os laços de sentimento) constituem também a essência da alma coletiva” (FREUD, 2011: 34), tal relação libidinal seria justamente o cimento que compunha os vínculos estabelecidos entre os diferentes integrantes de uma coletividade, de maneira a estruturar e dar coesão ao grupo, ao passo que também é o elemento de conexão com o líder. Esse seria o principal fundamento da concepção contemporânea de *autoridade*.

Dialógico com as pretensões universalistas das *artes de governar*, Freud lança uma teoria sobre os afetos que conduziriam todo tipo de coletividades a partir de duas classificações de massa: a *massa natural* (com líder físico) e a *massa artificial* (com líder simbólico). A primeira seria análoga à massa psicológica de Le Bon, que em estado hipnótico aguardaria as ordens de um homem de vontade para controlar suas pulsões destrutivas. Já as *massas artificiais* seriam as instituições da igreja e do exército, que mesmo sem um líder aparente também possuem em suas estruturas hierárquicas as figuras simbolicamente equivalentes a ele: Cristo e o General. Em ambos os tipos de massas, a imagem de autoridade haveria de ser o fundamento para a própria existência dessas massas já que representa, por meio dos vínculos libidinais, o *pai primordial* assassinado (totem), base transcendental da

autoridade dado que inspira coesão, interdição e ordenamento na massa (tabu). Sem esse *fantasma*, a massa pretensamente tornar-se-ia caótica, amorfa, e retornaria ao selvagem estado de *horda primitiva*.

Na formulação freudiana, o líder assumiria a função de autoridade no momento em que trava uma relação libidinal com a massa, pela qual se teceriam as tramas das relações sociais: “nessas duas massas artificiais cada indivíduo se encontra conectado libidinalmente ao líder (Cristo, general), por um lado, e aos outros indivíduos da massa, por outro lado” (FREUD, 2011: 37). É bastante paradigmático o fato de Freud se referir à Igreja e ao Exército como os mais claros modelos de *massas artificiais*, pois portam em sua própria estrutura os fundamentos da autoridade:

Na Igreja — podemos, com vantagem, tomar a Igreja católica como modelo — prevalece, tal como no Exército, por mais diferentes que sejam de resto, a mesma simulação (ilusão) de que há um chefe supremo — na Igreja católica, Cristo, num Exército, o general — que ama com o mesmo amor todos os indivíduos da massa. Tudo depende dessa ilusão; se ela fosse abandonada, imediatamente se dissolveriam tanto a Igreja como o Exército, na medida em que a coerção externa o permitisse. Esse amor a todos é formulado expressamente por Cristo: “O que fizestes a um desses meus pequenos irmãos, a mim o fizestes” [Mateus, 25, 40]. Ele se relaciona com os indivíduos da massa crente como um bondoso irmão mais velho, é um substituto paterno para eles. Todas as exigências feitas aos indivíduos derivam desse amor de Cristo. Há um traço democrático na Igreja, justamente porque diante de Cristo são todos iguais, todos partilham igualmente o seu amor. Não é sem profunda razão que se evoca a semelhança entre a comunidade cristã e uma família, e que os crentes se denominam irmãos em Cristo, isto é, irmãos pelo amor que Cristo lhes tem. Não há dúvida de que a ligação de cada indivíduo a Cristo é também a causa da ligação deles entre si. Algo parecido vale para o Exército; o general é o pai, que ama igualmente todos os seus soldados, e por isso eles são camaradas entre si (FREUD, 2011: 34-35).

O *general*, *Cristo* e o *Pai* figuram como correlatos diretos à posição de autoridade simbólica ocupada pelo líder das *massas naturais*, já que as três figuras seriam alusivas e, certa maneira, substitutivas à inescapável influência do *pai primordial*. A relação pai- Cristo-general parece evidente a Freud pois o próprio contexto histórico em que vivia corroborava com tais constatações, sendo a Igreja uma referência tradicional e evidente de profusão e exercício de um poder de condução de consciências dado o emprego da metáfora pastoral que compreendia os fiéis como *rebanho* de Deus-pai-pastor, tal como debatido anteriormente por Foucault. Ao mesmo tempo, o Exército era o fundamento de toda ideia de comando cívico-patriótico, pois a concepção de nação no contexto franco-germano do período entre guerras

foi marcada pela inquestionabilidade dessa instituição<sup>89</sup>. Tais indicações apontam para uma correlação estabelecida entre a figura do *pai* com *Cristo* e o *general*, análogos por serem alvos libidinais das massas. Certamente Freud não ignorava as apropriações paralelas com que as ciências da liderança haviam sido apropriadas, justamente no período em que escrevia sua *Psicologia das Massas e Análise do Eu* [1921], tanto alguns ramos da Igreja quanto o Exército se utilizaram dos próprios ideais psicológicos para embasarem a autoridade em suas respectivas doutrinas e instituições.

Ao aproximar o fantasma do pai primordial à imagem de Cristo e do General, Freud como bom *analista e teorizador* de sua época, estava ciente de que o Exército e a Igreja Católica também eram *locus operacionais* dessa nova *tecnologia de poder* que se expandia em direção aos recônditos de uma política tanto institucional quanto subjetiva e moral. A estrutura dessa racionalidade, tal como as *artes de governar*, traça paralelos entre os múltiplos âmbitos de poder, seja do líder, de Cristo, do pai e/ou do general como fundamentos para a condução dos desejos, emoções e condutas das massas, rebanhos, família e tropas. Nesse sentido, o vocabulário definidor da *autoridade* passou a ser compartilhado entre o discurso psicológico, religioso e militar, acarretando efeitos psicopolíticos bastante consideráveis, segundo Nikolas Rose:

A infusão da Psicologia em sistemas já existentes de autoridade – aquele do comandante no exército, do professor na escola, do gerente na fábrica, do enfermeiro no hospital psiquiátrico, do magistrado no tribunal, do carcereiro na prisão – transformou tais sistemas. Essas formas de autoridade acumulam uma espécie de base ética, por meio de sua inspiração pela terminologia e pelas técnicas atribuíveis (ainda que de uma maneira dúbia e maliciosa) à psicologia. Ou seja, a autoridade torna-se ética, já que exercida à luz de um conhecimento sobre aqueles que são seus sujeitos. E a natureza do exercício da autoridade é simultaneamente transformada. Ela se torna [...] a capacidade dos indivíduos de exercer autoridade sobre si mesmos – aprimorar a capacidade de crianças em idade escolar, de empregados, de prisioneiros ou de soldados, de compreender suas próprias ações e de regular sua própria conduta. O exercício da autoridade, aqui, torna-se uma questão terapêutica: a forma mais poderosa de agir sobre as ações dos outros é mudar as formas pelas quais eles governam a si próprios (2011: 94-95).

Dessa forma, o território da autoridade não é simplesmente aquele da liderança de um líder impositivo, pelo contrário, é inscrito na obediência íntima, demandada e desejada por cada um dos subalternos. Isso justifica a insistência de Freud na assertiva de que a relação estabelecida entre os indivíduos na sociedade é constitutivamente margeada pelos *afetos* e

---

<sup>89</sup> Não esqueçamos que também as grandes polêmicas oitocentistas como a acusação de Zola eram escandalosas justamente porque punham em dúvida a envergadura moral da instituição militar que havia assumido na modernidade uma atribuição de autoridade praticamente inconteste.

manifestações *inconscientes*, e não pela racionalidade jurídica tal como lhe critica Kelsen<sup>90</sup>. Ora, tais afetos são capazes de tocar as inconsciências coletivas e assim fundamentar um vínculo de reconhecimento entre líderes e liderados. Dessa forma se ressignifica a própria função da liderança: “nos atrevemos a reprovar ligeiramente os demais autores, por não terem apreciado suficientemente a importância do líder na psicologia da massa” (2011:37) dado que ele coze redes de sociabilidade por meio do *afeto* compartilhado intersubjetivamente.

Além do entretecimento dos laços sociais e libidinais, o líder também possuiria outra função de fundamental teor político já que a própria *subjetivação*, enquanto processo de formação das subjetividades, é dada por meio da *identificação* a ele:

A psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa. Ela desempenha um determinado papel na pré-história do complexo de Édipo. O garoto revela um interesse especial por seu pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Digamos tranquilamente: ele toma o pai como seu ideal. Essa conduta nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina diante do pai (ou dos homens em geral); é tipicamente masculina (FREUD, 2011: 46).

Nesse par *libido-identificação* resume-se boa parte da contribuição freudiana para a *psicologia das massas* e sua repercussão sobre a ideia de *autoridade*. Em primeiro lugar, Freud retoma sua aparelhagem conceitual ao empregar a *identificação* como ligação afetiva primordial, fundação em que se sustenta o complexo de Édipo, que haveria de ser fundamental na subjetivação tanto nas relações parentais quanto políticas. Nesse sentido, tomar o pai como ideal [do Eu] significa espelhar-se a ele, fundar sua subjetividade a partir dessa imagem fundamental, por meio de um laço sexualmente constituído<sup>91</sup>. Para transpor esse processo de subjetivação individual ao campo social, Freud retoma os argumentos de *Totem e Tabu* (2013), resumidos da seguinte forma:

<sup>90</sup> Para uma sofisticada leitura sobre os afetos políticos em Freud e a crítica kelseniana Cf. (SAFATLE, 2015)

<sup>91</sup> Encontramos novamente a apropriação freudiana do já conhecido argumento de hierarquização de gênero condicionante dessa relação líder-massas em que o elemento feminino é articulado à atitude passiva. Por isso a preocupação do psicanalista em estabelecer o caráter *masculino* da identificação na passagem anterior, dado que um processo de subjetivação baseado na figura da mãe seria insuficiente para o respaldo civilizacional. Isto é esclarecido quando o psicanalista explica a homossexualidade masculina a partir do *complexo de Édipo incompleto*, em que o menino, na fase da puberdade, “não abandona sua mãe, mas se identifica com ela, transforma-se nela” (FREUD, 2011: 50) e arremata: “o que salta aos olhos, nessa identificação, é a sua amplitude; ela muda o Eu num ponto extremamente importante, no caráter sexual” (2011: 51). Ao espelhar-se à mãe, o menino permaneceria na posição de passividade, constituindo-se homossexual, ao passo que apenas alcançaria a virilidade no instante em que realizaria o processo de *identificação com o pai*, passando a assumir os desejos da mesma forma que o progenitor, a saber, buscando outra mulher que não a mãe ou outra fêmea da família. É nesse processo de identificação edípica que formar-se-ia tanto a sexualidade quanto os vínculos sociais exogâmicos, elementos localizadores da própria subjetividade, da posição de sujeito no mundo (ROUDINESCO, 2013)

Em 1912 adotei uma conjectura de Charles Darwin, segundo a qual a forma primeva da sociedade humana foi a de uma horda governada irrestritamente por um macho forte. Procurei mostrar que as fortunas dessa horda deixaram traços indeléveis na história da linhagem humana; em especial, que o desenvolvimento do totemismo, o qual traz em si os começos da religião, da moralidade e da organização social, está ligado ao violento assassinio do chefe e à transformação da horda paterna em uma comunidade de irmãos (FREUD, 2011: 65).

O argumento de gênero torna-se evidente, já que esse *macho forte* e *pai primevo*, haveria de ser justamente a pedra de fundação da liderança e da própria civilização nela estruturada. O sentimento de remorso e culpa pelo assassinato do pai impele seus descendentes a tomarem sua posição e o imitarem seu posto de *machos fortes*, nesse sentido é esclarecedora a crítica de Jacques Le Rider quando, ao comentar tal alegoria de Freud, afirma que “a mulher não participou diretamente do assassinato do pai. Não participa desse modo de idealização masculina, que une o homem ao homem (de modo que o vínculo social é cronicamente homossexual [masculino])” (1993: 200). Então, é aos *homens* que assassinaram o pai primordial que fundamenta-se o vínculo social da identificação: “as massas humanas exibem novamente a familiar imagem do indivíduo superforte em meio a um bando de companheiros iguais, também contida em nossa representação da horda primeva” (FREUD, 2011: 66). Nesse sentido, Freud é parcialmente convergente com Le Bon quando afirma que apenas o chefe poderia ordenar e conduzir as massas em ebulição irracional. Porém, se para Le Bon é a *vontade* e o *prestígio* de um homem férreo que lhe concedem a força para o mando, para Freud a *autoridade* se baseia no estabelecimento de *vínculos afetivos* entre a massa e o líder, tecidos a partir da *fantasmática* imagem de liderança, intercambiável entre pai-Cristo-general, não por acaso, todas figuras masculinas: “O líder da massa continua a ser o temido pai primordial, a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, tem ânsia extrema de autoridade, ou, nas palavras de Le Bon, sede de submissão. O pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu” (FREUD, 2011: 71). Isso é, a massa substitui seu *ideal do Eu* – fundamento do *superego* que controla as paixões e os impulsos violentos em nome da vida social – para pôr em seu lugar o líder que evoca a imagem do *pai primevo*, despertando inconscientemente a *sede de submissão* ou *ânsia de autoridade*, embora a *autoridade* em Freud possua uma conotação muito mais amorosa, no sentido libidinal.

Nesses estudos – mais propositivos que interpretativos – Freud realiza certa inversão dos postulados lebonianos, sem abrir mão de seus fundamentos, ao lançar as bases de uma leitura psicanalítica do poder para além dos laços de *prestígio* e *sugestão*, mas antes, por meio dos *vínculos afetivos* de conformação entre um líder e as massas, que deslindariam num

sintomático ordenamento psíquico a justificar as relações de *autoridade* no interior de uma sociedade.

Essa interpretação afetiva da autoridade enquanto uma técnica de governo de condutas não foi fruto de sua autoria, antes disso, estava suspensa em uma cena intelectual intertextual que teorizava sobre a autoridade no início do século XX. Não é coincidência que o psicanalista tenha se embasado na transposição dos saberes sobre o mando e a obediência das massas artificiais a partir da imagem da igreja e do exército, justamente numa época em que alguns intelectuais ligados a estas instituições se apropriavam dos conhecimentos psicológicos para redimensionarem as concepções de *mando* e *autoridade*, a partir de métodos bastante análogos aos laços libidinais de obediência ao líder paternal.

Como bons exemplos paradigmáticos dessas teorizações que dialogavam e até influenciavam as formulações psicanalíticas sobre um governo de condutas afetivo e paternal podemos elencar o livro *A Autoridade na Família e na Escola*<sup>92</sup>[1917] do reverendo alsaciano Francisco Kieffer<sup>93</sup>, que apresentava-se como um manual católico destinado a ensinar sobre educação infantil em contexto amplo, destinado a definir tanto “*algunas reglas del arte de ser padre*” (1950: 18) [grifos do autor] quanto “*ideas generales acerca de la autoridad y del ejercicio de la autoridad*” (KIEFFER, 1950: 19). O que uniria tais ideias é o fato de que “etimológicamente, la autoridad – *auctor, augescere* – despierta en seguida en la mente la idea del padre o de la madre, que no solo dan al hijo el germen del ser, sino que deben también desarrollar ese germen” (1950: 20) isso é, conduzindo-o ética e moralmente. É assim que, como legítimo herdeiro das *artes de governar* o reverendo mescla essa autoridade paterna com o mando do chefe aos subordinados, sem deixar de atualizar-se aos científicos conceitos contemporâneos:

Implica, por lo tanto, la autoridad un elemento fisiológico, pero es principalmente psicológica; quiero decir que tiene por base una superioridad anímica, un poder interior que se revela en el trato diario con los subordinados [...] es también la fuerza de voluntad, la energía a la par que la ductilidad de carácter [...] que doblega a las almas ante quien manda y provoca el respeto (KIEFFER, 1950: 38).

<sup>92</sup> A tradução desse livro para língua espanhola foi tardia e os períodos de publicação podem aludir a interesses políticos bastante marcados, já que na Espanha é traduzido pela primeira vez no ano de 1945, em pleno regime franquista. Na Argentina foi publicado cinco anos mais tarde, no apogeu do governo peronista, que possuía certa influência no mercado editorial do período.

<sup>93</sup> Na ocasião da publicação Kieffer era diretor do Colégio Mariano de Freiburg. Sua fama internacional alcançada com as oito edições desse livro, bem como sua premiação pela Academia Francesa, lhe rendeu grande notoriedade como intelectual eclesiástico e moralista, permitindo-o ascender ao posto de Superior Geral da Companhia de Maria nos anos de 1934 a 1940, sendo o mandato interrompido pela ocasião de seu falecimento.

Kieffer praticamente resume a argumentação da *Psicologia da Personalidade*, a partir de uma análise conjunta entre o elemento psicológico e fisiológico daquele que *encarna* a autoridade. Mas não bastaria apenas a imposição de um homem de vontade e energia para controlar as massas. Sem vacilações, o reverendo compreende que uma das formas mais efetivas para o exercício da autoridade, tanto do pai sobre o filho/esposa, quanto do líder sobre as massas, seria pela *via afetiva*:

Y no se diga que el amor puede enervar la autoridad, que, en gracia del predominio del sentimiento y de querer actuar por una especie de seducción, se desvanece en los niños hasta la idea de la sumisión y del respeto que se debe a la autoridad. [...] Si se aspira a que la autoridad sea algo más que una exigencia brutal que se prevale de la fuerza, ha de intervenir en ella el amor [...] si el niño ama a la persona que le manda – y la amará si él, por su parte, se siente amado – amará también las órdenes dadas y las ejecutará con prontitud, aun cuando las ordenes no sean naturalmente de su agrado (1950: 117-118).

Mesmo sustentando a correlação entre virilidade, racionalidade e autoridade, Kieffer aposta na *afetividade* e no *amor* como as mais legítimas maneiras de exercer a autoridade, tanto para as massas quanto para as crianças: “No educamos a nuestros niños para ser miembros de una sociedad espartana ¿No es cosa averiguada que en el ejército contemporáneo hay una corriente de aproximación entre oficiales y soldados, y que esta aproximación, a la que se suma algo de afecto mutuo, en manera alguna daña la autoridad o debilita la disciplina?” (1950: 120). Realizando uma ponte entre as duas *massas artificiais*, das quais Freud teorizaria quatro anos depois, o reverendo Kieffer empregou o exemplo militar da aproximação carinhosa entre os oficiais e os soldados para refletir sobre os contornos mais sofisticados da autoridade em sua época, compreendida cada vez mais pela perspectiva *libidinal*. Nesse sentido o reverendo se espelha em algumas composições militares, com especial destaque à sobressalente formulação do general francês Andre Gavet, que no ano de 1899 lançou o manual intitulado *El Arte de Mandar: Principios del Mando* (1981) pelo qual formulou as diretrizes básicas da liderança e autoridade para o exército de seu país, sendo lido e apropriado em muitos outros contextos, especialmente no argentino. Nessa obra Gavet compreende o *comando* enquanto uma *arte* de governar os outros. Junto dessa formulação cívico-castrense, Gavet inclui alguns elementos bastante próprios à discussão psicológica, tal como o tema da chefia articulado à noção de *governo*:

el jefe ejerce en su tropa una acción de gobierno, porque tiene a su cargo todo lo que le concierne: derechos, deberes, servicio, orden, conducta, moralidad, instrucción..., todo se encuentra gobernado por él. El Oficial es también un jefe militar en estas diversas atribuciones, y debe estar siempre en condiciones de hacer sentir su autoridad, llegando el caso; por lo que es claro, debe saber emplear los medios



distintos para mandar, para instruir, para administrar, para “gobernar” (GAVET, 1981: 13).

Nesse sentido o oficial torna-se *chefe militar*, recebendo qualificativos políticos e psicológicos como os do *governante*, a construir laços de união entre líderes e subalternos, ensejando de modo viril e sentimental uma atitude generosa, embebida em carinho paternal:

El hombre incorporado al servicio no puede ya bastarse por sí mismo en ninguna de las condiciones de la existencia humana. Todos los medios para ello le han sido arrebatados, alejado como está su familia y de la dirección moral de los suyos. ¿Quién debe, pues, reemplazar todo esto, atender a todas esas necesidades físicas y morales, procurarle alimentación, alojamiento y vestuario en lo físico y garantizarle en lo moral el respeto a la dignidad humana, y si es joven, la educación? La autoridad de los que tienen esta obligación se llama, con razón, *paternal*; pero esto no quiere decir débil; significa, sencillamente, que asegurando la función con firmeza absoluta, asumimos en realidad las cargas materiales y morales de un padre de familia con respecto a los que mandamos. Nada es más fácil de comprender cuando se obra por deber; la autoridad es entonces siempre paternal, aun cuando a veces se vea obligada a ser inflexible. (1981: 73).

Nessa formulação Gavet emprega abertamente a metáfora paterna como elemento de comando, como forma de manutenção de hierarquias e como reprodução de vínculos interpessoais. Contudo, ressalta que tal vínculo não pode ser frouxo ou fraco, de forma que a posição paterna pressupõe o cuidado e a generosidade de um pai, sem perder a severidade e a firmeza do general.

Uma das consequências mais visadas por tal metaforização é a constituição daquilo que Gavet chamou por *espíritu de cuerpo*, um mecanismo ético/moral capaz de permitir que a organização militar funcione em sintonia tal como um corpo organizado e estruturado: “el espíritu de cuerpo desarrolla naturalmente una solidaridad mayor entre los militares [...] dándoles una percepción mas clara de su colaboración.” Essa solidariedade é descrita pelos termos da *lealdade*: (1981 :62). “la *lealtad* es una fuerza indispensable no solo al individuo, sino a todo el organismo militar; ella es la que dá seguridad a las relaciones de servicio (1981: 73)” Desta forma, Gavet lança a ideia de uma *autoridade* colaborativa, corporativa, amada e até mesmo desejada tanto pelo oficial quanto pelo subalterno.

Desses breves comentários de Freud, Kieffer e Gavet sobre técnicas de condução de condutas aplicáveis tanto ao exército, à família e ao Estado compreendemos a formação de um saber-poder interinstitucional e transnacional que será influente nas formulações de muitos intelectuais, especialmente aqueles que se preocupavam com as relações entre mando e obediência na Argentina e no Brasil da primeira metade do século XX.

### 3) Leituras psicológicas sobre a autoridade no pensamento militar argentino: Da *Moral Militar* de Juan Domingo Perón à *Ética da Autoridade* de Luís Bertoni Flores

Os ideários de uma psicologia da autoridade, fortemente baseados no pensamento de Gavet, foram rapidamente apropriados por todos os tipos de intérpretes, especialmente militares, no decorrer da primeira metade do século XX. Podemos destacar os países do cone-sul como terrenos férteis para a recepção de tais postulados. Isso pode ser comprovado se considerarmos as diversas e rápidas traduções, como é o caso da edição chilena, datada de 1910. Logo em 1918 a Argentina contava com uma edição nacional da obra de Gavet, enquanto no Brasil o livro era lido em francês e apenas foi traduzido pelo Tenente Eduardo Martins Trindade no ano de 1938.<sup>94</sup>

As reverberações dessas *artes de governar* podem ser profundamente sentidas a partir da década de 1920 no Exército Argentino, sendo que as principais menções e interpretações são encontrados nos diversos manuais de *moral militar*, que tanto eram traduzidos quanto produzidos em solo argentino. Tais manuais possuíam uma proposição pragmática bastante flagrante: formar moralmente o militar para que se adapte aos princípios básicos de ação e pensamento no interior de uma instituição castrense. Por isso tais manuais lançaram uma concepção relativamente unificada de autoridade que abrangeu um processo de subjetivação baseado nos mais modernos ideários sobre o mando e a obediência. Dessa forma, podemos compreender o pequeno livreto *Moral Militar: Capítulo “E” del manual del Aspirante*, redigido pelo Capitão Juan Domingo Perón, na época comandante da *Primeira Companhia de Infantaria*, como um dos principais intentos argentinos em sistematizar e difundir os princípios sobre a autoridade lançados por Gavet<sup>95</sup>. Como fundamento da concepção de aperfeiçoamento do homem, objeto de sua *moral militar*, Perón enumera três elementos muito correntes na psicologia da personalidade: “el cuerpo, la inteligencia y los sentimientos”, para assim lançar as respectivas necessidades correlatas de aperfeiçoamento humano, “instrucción física, instrucción intelectual e instrucción moral” (PERÓN, 1925: 09). Assim definidas:

<sup>94</sup> Não coincidentemente em pleno Estado Novo Varguista, época em que o interesse pela liderança é tra(du)zido por *bestsellers* da época, como é o caso do escritor moralista e militar André Maurois que retomou os princípios de Gavet para estabelecer os *Fundamentos sobre o Comando* (1996). Para nosso estudo utilizamos a quarta edição chilena, publicada e patrocinada pelo *Estado Mayor General del Ejército de Chile* no ano de 1981. Na apresentação redigida pelo General Mayor Julio Canessa Robert o livro é dedicado “a las nuevas generaciones de Oficiales de la Institución y de sus camaradas de la Defensa Nacional, seguro de que sus enseñanzas seguirán germinando invariablemente en prol de la eficiencia de sus FF.AA. y de su grandeza de Chile” (In GAVET, 1981: 08), o que nos permite inferir que os princípios de Gavet eram estudados nos cursos de liderança militar em diversos países ainda na década de 80, incluindo sua citação nos manuais de liderança militar brasileiros e argentinos.

<sup>95</sup> Em sua bibliografia são elencados apenas quatro elementos: A revista *El soldado argentino*, a *Ley de Cuadros y Ascensos* n. 9675, o livro nacionalista *Al pueblo de mi patria* do Tte. Cel. Smith e, certamente o mais influente, *El arte de Mandar* de Gavet.

Instrucción física: es encargada de fortalecer, educar y entrenar los músculos, órganos y huesos, dando así al cuerpo la aptitud necesaria según las necesidades que debe actuar. Instrucción intelectual: es la educación del cerebro y con él de la inteligencia, cuyas decisiones guían la consciencia de nuestros actos, que serán tanto más acertados cuanto más reflexión y previsión se ponga en ellos. Instrucción moral: educa el alma del hombre, forma sus sentimientos y da al espíritu la calidad de juzgar sus propios actos [...] La educación moral exalta las condiciones del hombre, estimula la virilidad, forma un espíritu superior y respetable, y adorna al cuerpo y a la inteligencia con las más hermosas conquistas: las virtudes (PERÓN, 1925: 09-10).

Podemos perceber que, intencionalmente ou não, o argumento é próximo aos fundamentos caracterológicos circulantes na época, já que concebe o homem a partir de uma plataforma fisiológica e psicológica, sendo o elemento moral responsável pelo cruzamento e solidificação dessas duas esferas, o corpo e a inteligência, a partir das *virtudes*, qualidades de personalidade que formam um homem superior e respeitável, que estimula sua *virilidade*.

Por tal formulação Perón abre os pressupostos para uma verdadeira *psicologia social*, ao compreender que “de ninguna manera se asegura mejor el sentimiento colectivo, que con una minuciosa moral individual” (1925: 11), ou seja, o elemento moral dos sentimentos é afirmado como o elemento que converge o uno ao todo, por isso mesmo é o fator mais indispensável para o exercício do comando: “Quien conduzca e instruya soldados deberá tener presente que será tanto más apto para su puesto cuanto más moral posea y mejor sepa inculcarla a su tropa” (1925: 11), sendo tal *moral* representada pelas *virtudes* ou qualidades que distinguem um homem excepcional, por isso mesmo compreende que “los pueblos sin moral carecen de historia [...] el génio inmortal de San Martin fué a su vez el soldado más moral de todo Ejército” (1925: 12). Versado na escola carlyleana dos grandes homens, Perón elege o exemplo das virtudes morais do libertador como a própria história. Isso se dá justamente porque o prócer seria possuidor das mais elevadas qualidades para o prestígio de sua própria personalidade e para a manutenção de uma forte influência sobre seus subordinados. A soma das virtudes que o líder deve possuir é bastante grande, sendo a primeira e principal delas aquela a que se referia Le Bon: “Nada hay que pueda resistir a una voluntad educada y poderosa; los triunfadores son siempre hombres de voluntad. Es ésta, pues, la cualidad moral más apreciada” (1925: 10). Dessa vontade se originaria outras qualidades bastante masculinas tais como a *energía*:

*Se entiende por energía la virilidad y la fuerza que nos anima moral y físicamente para el mejor desempeño de nuestras funciones. Personalmente se manifiesta en la apostura, conversación, mando y procedimiento por una acción vivaz, que tiene la virtud de encender el espíritu propio y arrastrar al de los demás. El militar necesita una energía sostenida para evitar los vulgares desfallecimientos, amparar a sus*

inferiores [...]. El apocamiento de los caracteres no proviene nunca de la práctica enérgica del deber. Este vicio, en nuestra época, es un envilecimiento de la personalidad moral bajo la influencia predominante del interés personal. [...] Los superiores que carecen de esta cualidad no son más que fantoches sin valor, incapaces para el cumplimiento del deber, inaptos para la acción” (1925: 21)

Partindo da compreensão da energia como virilidade, esse haveria de ser o princípio para o exercício do mando e para a manutenção de uma personalidade moral exemplar, logo, os despossuídos dessa qualidade masculina não estariam aptos ao cumprimento de seus deveres. Por meio da energia endossam-se outras qualidades necessárias ao mando, tal como o timbre de voz “la entonación se educa com la práctica constante, hasta conseguir una viril y enérgica dicción” (1925: 31) até mesmo “*apostura y modos desenvueltos*, [...] *energía y virilidade* debe exteriorizarlas [...] ella es de influencia decisiva sobre el personal que se educa o instruye. De nada vale el superior que posea grandes sentimientos de soldado si no sabe exteriorizarlas para que sus subalternos lo aprendan” (1925: 32-33). Dessas qualidades morais marcadas pelos traços de virilidade se lista uma coleção de exemplos pedagógicos a serem ensinados aos soldados, que numa relação de aprendizado e admiração imitam o superior, da mesma forma que o obedecem. É dessa maneira que Perón tece os princípios da *autoridade*, baseando-a na legitimidade e aceitação simpática dos laços de mando e obediência:

La autoridad más efectiva es la moral; a ella el soldado obedece ciegamente; se origina en una corriente de simpatía desde el alma del superior a la del soldado, y ambos espíritus, unidos, originan fuerzas paralelas. Para conseguirla es necesario, ante todo, que el que manda muestre un espíritu superior, educado en la más sana moral militar [a él] el soldado se somete sin gran trabajo y aún a menudo sin darse cuenta. [...] Nada hay que influencie tanto al hombre como las inclinaciones del espíritu de sus superiores: “De tal palo, tal astilla”, reza el refrán. (1925: 12-13)

Por meio de uma relação moral, viril e sentimental, se fundamenta a autoridade que parte de uma *corrente de simpatia* desde o espírito superior daquele que manda até o soldado que se submete inconscientemente a tal influência. Nesse sentido Perón está sintonizado com as formulações de Bosch e Ramos quando comentam que se gera uma relação de espelhamento e identificação entre o líder e as massas de forma a construírem suas posições de maneira relacional, isto é, o líder por suas qualidades comanda porque influencia as massas/soldados e tais subordinados apenas possuem esse estatuto quando estão relacionados *sentimentalmente* com o líder. Dessa maneira, compreende-se a harmonização entre a personalidade do líder e o comando sobre os subordinados: se de um lado “es la condición moral de carácter que capacita al superior a ejercer el mando sobre los subordinados” (1925:

16), do outro, “es necesario comprender y hacer comprender que el servicio es una colaboración, que la obediencia debe ser espontánea, que obedecer y mandar significa siempre cumplir con la misma tarea común” (1925: 18). Há uma demanda por um exercício colaborativo do mando, que deve ser aceito e desejado tanto por aqueles que o exercem quanto por aqueles que a eles são submetidos, e essa comunhão social apenas se daria pelas vias morais, que como tal, está relacionada ao aperfeiçoamento dos sentimentos e da virilidade. Dessa forma o amor figura como um elemento fundante para o exercício da *autoridade*:

Manda mejor quien llega antes al corazón del soldado y para entrar hasta allí sólo hay un camino: el trato generoso y paternal, pero sin debilidad. Se exige hasta el máximo del esfuerzo sin emplear la violencia, haciéndose ayudar con la cooperación del subalterno que, si quiere, respeta y admira al superior, entregará gustoso hasta el último aliento. (1925: 30-31)

A atitude generosa, ainda que enérgica e viril, haveria de ser o fundamento último para a manutenção de um laço sentimental travado entre o comandante e os subalternos, por isso Perón anuncia que “el regimiento es una segunda familia” (1925: 29) e para ordená-la o oficial haveria de ser paternal tanto no caráter enérgico e disciplinar quanto na esfera sentimental e caritativa. Para isso, não basta apenas possuir qualidades viris e bondosas, deve também ser um pouco psicólogo, já que “el conocimiento del espíritu humano en el que manda tiene tan grande influencia y tan decisiva que a menudo vemos soldados que se hacen matar por su jefe. El mando se ejecuta sobre el espíritu del hombre, esto es efectivo, el verdadero mando” (1925: 30-31). Desse mando que penetra no espírito do homem, que provém de um regimento compreendido enquanto uma segunda família, Perón deriva a *lealdade* como a virtude “de parecer adicto a sus superiores; se debe ser un ejemplo intachable de obediencia y un excelente camarada. [...] debe aprender ciegamente, para que [...] sienta sus instintos refrenados por la autoridad que sobre su espíritu ejerce su jefe” (1925: 23). Dessa maneira a *lealdade* é tratada por uma definição paralela ao *espírito de corpo* de Gavet: “La lealtad exige la franqueza ante los superiores [...] ambición al servicio, la estima y el afecto hacia los superiores y subalternos, observar el espíritu de solidaridad y camaradería, cumplir con la mejor buena voluntad las órdenes superiores” (1925: 23-24). Desta forma Perón entrelaça os afetos estabelecidos entre superiores e subalternos tal como prenunciado pelas modernas técnicas psicológicas de condução de conduta legados pelas *artes de governar*.

Tal leitura, mesclada aos demais tratados militares da época abriram as portas para a entrada dos saberes-poderes psicológicos no interior do pensamento castrense argentino, efeito progressivo e amplificado, especialmente na passagem da década de 1930 para 1940, quando o exército assumiu também o comando da política argentina. Nesse contexto de avançada apropriação militar dos *saberes psi* se produziram novos tratados acerca da liderança, talvez o exemplo mais acabado seja o livro *Ética de la Autoridad* (1937), redigido pelo capelão da marinha Luis Bertoni Flores<sup>96</sup>.

Pelo título podemos conhecer a faceta marcadamente ética, subjetiva e política que o tratado propõe, afastando-se da temática unicamente militar, desborda constantemente para comparações e metáforas psicológicas, teológicas e pedagógicas, sobre as quais se apoia para refletir sobre as relações de mando/obediência aplicáveis, não apenas no exército, mas também nas demais esferas do ordenamento social. Assim, Flores define uma concepção de *mando*, compreendida como forma de “guiar las almas y modelar las costumbres [...], dar forma a los espíritus de la juventud” (1937: 04). Apoiado nas concepções de Gavet, o capelão considera tal *condução de espíritos* como uma *arte de mandar*, emanada por aquele que “tiene autoridad, facultad de mandar y ser obedecido” (1937: 06):

El mando es una actividad que se ejerce no sobre el material, sino sobre seres humanos, dotados de inteligencia y voluntad, de pasiones y sentimientos; es por lo tanto una cuestión *psicológica* (1937: 06) [grifo do autor].

en último análisis, *el mando es meramente la aplicación práctica de la psicología*. [...] Todos los grandes dirigentes, abogados, directores, clérigos, ingenieros, así como también militares, han sido siempre y serán psicólogos (1937: 09-10) [grifo nosso].

A relação entre o mando e a psicologia é amarrada de tal forma que ambos são tratados como sinônimos, sendo os grandes dirigentes também psicólogos, tanto por compreender as artes de governar sobre a conduta humana, quanto por apropriar-se das linguagens psicológicas para fortalecer as relações de mando e obediência travadas com os subalternos. Dessa forma, se um condutor quer exercer função de autoridade/mando, tal como bom psicólogo, deve então ser conhecedor da interioridade de seus subalternos para atuar em seus sistemas de valores éticos/comportamentais. Como exemplo elenca os grandes líderes argentinos e mundiais tais como Napoleão, San Martín e Belgrano, que além de possuírem

---

<sup>96</sup> Luís Bertoni Flores atuava como capelão da Armada Argentina [Marinha], mais precisamente na Fragata *A.R.A. Presidente Sarmiento*, havendo registros de sua presença nessa tripulação entre 1928 a 1938. No exato ano da publicação do livro aqui estudado [1937], Flores aportou no Rio de Janeiro, onde realizou instância de poucos dias. (ARMADA ARGENTINA, 2005). Já no ano de 1946 o capelão é apresentado como portador do posto de *Capitán de Corbeta*, que na hierarquia da Armada Argentina é equivalente ao posto de Comandante.

caracteres excepcionais, “como todos los conductores de hombres de nuestra epopeya libertadora, conocían perfectamente los recursos inagotables del espíritu humano” (1937: 59). Pelo sutil movimento de interpretar a personalidade dos grandes homens e percebê-los como leitores de caracteres e condutores de condutas, Flores amplifica a abrangência de sua discussão ao refletir sobre a autoridade como relação entre *mando e obediência* que, segundo sua definição, seria mera *psicología aplicada*. Dessa maneira, as qualidades individuais ou traços de personalidade seriam os elementos que distinguiriam tanto os homens aptos à liderança quanto aos fadados à obediência:

De la misma diversidad de *aptitudes, fuerzas y talentos* resulta que algunos hombres no se basten a sí mismos en orden a cumplir su función social, mientras otros se hallan capacitados para guiarlos, además de orientarse a sí mismos. La subordinación de los primeros a los últimos es lógica y natural. Con su habitual claridad explica Santo Tomás de Aquino esta necesidad de la autoridad: “siendo natural al hombre vivir en sociedad, es necesario que haya entre ellos alguien por quien la multitud sea regida [...] no hubiese quien cuidase de las cosas pertenecientes al bien común, se disolvería la multitud en diversas partes, de la misma manera que se disolvería el cuerpo del hombre [...] si no existiese en el organismo una fuerza directiva o gubernativa común de todos los miembros. Considerando lo cual dijo Salomón: donde no hay gobernador no hay pueblo” (1937: 172)

Nessa mescla de discursividade científica e pastoral, compreende-se que as qualidades, atitudes, forças, talentos e virtudes do líder serviriam como garantias do lógico e natural ordenamento entre mando-subordinação: “Este hábito [de obediencia], aunque a primera vista parezca muy difícil de implantar, es el que con mayor rapidez y sin ninguna clase de instrucciones ni ejercicios se desarrollará, apenas haya descubierto en su conductor todas las dotes que distinguen a un caballero honorable.” (1937: 266). Aludindo à *obediência inconsciente* de Gavet, Flores pontua que os dotes do condutor são os elementos que o distinguem e permitem imprimir submissão automática nos subordinados. Pela mescla entre masculinidade e moralidade Flores sublinha os dotes do líder como aqueles pertencentes a um *cavalheiro honorável*:

El respeto que llegue a tener la gente por el oficial, se apoya sobre la estimación de sus *cualidades de hombre* y de marino. Su sinceridad de conducta, su sentimiento de justicia, su *interés por el bienestar de ellos*, su dignidad y comportamiento, su firmeza y constancia en exigir obediencia a sus órdenes [...] son cualidades que le conquistan el respeto. Puede decirse que el fomento del respeto dependerá de *las condiciones de caballero*. [...] se lo debe granjear él con sus *virtudes*, es decir, con su cortesía, bondad, justicia, y alto concepto de honor personal. (1937: 264-265)

Como já vimos nas formulações de Perón, esse patamar moral de masculinidade fundamentaria a relação de mando e obediência, pois os subalternos possuiriam a natural

propensão a se espelharem nesse modelo cavalheiresco e moralmente superior. Por tal concepção de um líder como cavaleiro exemplar, Flores faz as ligações entre uma psicologia da personalidade e uma psicologia social, pois “el mando es el poder de influenciar e inspirar a los hombres. Este poder se aplica en todas las condiciones, tales como instrucción y adiestramiento [...] Hace ya muchos años, Gustavo Le Bon destacó la necesidad y la importancia de la acción educadora del mando” (1937: 70). Partindo das formulações do grande nome da *Psicologia Social*, Flores apela ao clássico recurso da *sugestão* que coordenaria o indivíduo à massa “por la conducta ejemplar del conductor. Según Binet ‘la sugestión es la presión moral que una persona ejerce sobre otra’ [...] Para que exista la sugestión hacen falta dos concepciones: 1º un individuo con gran autoridad moral. 2º Otro individuo que tenga confianza ciega en el primero al que obedecerá pasivamente” (1937: 76). Perceba-se que essa leitura leboniana é um tanto quanto apócrifa já que, para além do simples mando, a *sugestão* é situada em meio ao encontro de duas vontades: a de mando e a de obediência. Num misto intercambiável de submissão e protagonismo Flores delimita então dois tipos de *sugestão*:

Existe una sugestión provocada intencionalmente sobre individuos mental o psicológicamente predispuestos a ser subyugados por una voluntad superior buena o mala y hay otra sugestión que se produce naturalmente, sin artificios sobre individuos normales, por la sola gravitación de la autoridad o del prestigio de una persona que enseña, educa, aconseja o estimula. En este sentido los padres ejercen un poder sugestivo sobre sus hijos, el profesor sobre sus alumnos, el orador sobre su auditorio, el actor sobre el público y el general sobre su ejército (FLORES, 1937: 78).

A *sugestão intencional* haveria de ser exercida pelo tirano que se impõe por meio da força bruta, considerada negativa pelo autor, reafirmando por contraste, a *sugestão natural* fundamentada pela *autoridade* clara, irresistível e até mesmo *desejada* pelos subalternos. Dessa forma Flores fragmenta o tema leboniano da *sugestão*, considerando o líder prestigioso não aquele homem que vocifera em frente às massas hipnotizando-as, mas o que opera pelo *cuidado*, que *ensina, educa, aconselha e estimula*. Justamente por esse mecanismo do *cuidado* seria possível travar as continuidades entre os diversos elos de autoridades masculinas estabelecidas entre o pai, o professor, o general, o líder e o governante, para então encontrar em Deus a base de todos os poderes:

Después de para con Dios – dice Santo Tomás – tiene el hombre sus mayores deudas para con sus padres y para con la patria” [...] El amor a la patria, es, pues, para los católicos una virtud, y precisamente como una parte de la piedad filial, y en ellos no pueden marchar separados el amor a la patria del amor a Dios. (1937: 186)



Nessa sequência representativa de autoridades mandatárias, novamente se alinham as figuras do pai, do líder e de Deus como elos de uma mesma corrente inquebrantável, fundada em bases metafísicas e afetivas. Dessa interpretação política, teológica e científica que mescla autoridade e carinho, mando e cuidado, poder divino e poder político, governo e família, Flores defende uma *ética da autoridade* baseada na obediência se estabelece por amor, desejo e reconhecimento do/ao líder. Nesse caso, traça-se um ambíguo e harmônico composto de hierarquia e isonomia em que:

El buen mando es el puente de plata que se tiende para unir al superior con su subalterno. La autoridad debe servir para acercar y no para alejar y distanciar. Quien no ejerce su autoridad observando todas las reglas que dictan la psicología [...] no alcanzará jamás a acrecentar la moral de sus subordinados (1937: 86)

La obediencia debe basarse en el amor. Amor es la simpatía que nos acerca a nuestros prójimos [...] simpatía es la tendencia a amar a los que tienen los mismo sentimientos que nosotros. (1937: 87-88)

El prestigio que el oficial debe mantener entre su tropa, no es a base de sus galones, sino de su autoridad, de su ejemplo y de la constante consideración que por esa tropa demuestre. [...] Los grandes hombres son siempre sencillos, y solo el hombre sencillo puede establecer una corriente de simpatía (1937: 93)

Em uma palavra, o *amor* seria o fundamento último da relação de autoridade, já que simultaneamente aproximaria o líder aos liderados e conservaria suas hierarquias, sendo que o próprio *prestígio* – que para Le Bon haveria de ser o principal elemento de controle das massas – seria baseado numa autoridade simpática, carinhosa e colaborativa. Tal conclusão provém dos ensinamentos e regras que ditam a psicologia, pois essa seria a ciência que compreende o homem e seus sentimentos mais profundos, que lida com a lógica do amor, que deslinda as complexas relações de proteção e carinho de um homem com outro. Por tal leitura, Flores cita Gavet quando comenta que “la autoridad de quienes tienen tales obligaciones con toda razón se llama paternal” (GAVET Apud FLORES 1937: 196). O adjetivo *paternal* determina que o amor daquele que obedece seria envolvido pelo exemplo e aprendizagem das virtudes e traços de personalidade possuídas pelo líder, transmitidos no interior de uma cadeia sentimental, carinhosa, análoga à familiar:

El alto significado y la dignidad que encierra la paternidad en el orden moral, donde el educando es hijo de las enseñanzas, insinuaciones sugerencias y ejemplos de su perceptor. Y si es gloria para un profesor producir un sabio entre sus discípulos, mucho mayor mérito es para un hombre de bien el reproducir sus virtudes en los espíritus que están confinados a su tutela y orientación. [...] la educación es la formación de hombres completos, donde se junten las altas idealidades con la rectitud moral y la firmeza de carácter. Y para lograr esto [...] no basta enseñar, sino que es preciso infundir pasiones elevadas (190-191)

Desta feita, a autoridade de chefe/pai/professor/oficial/psicólogo é exercida por aquele que cuida, alimenta, educa, analisa, compreende e incita *paixões elevadas* nos subalternos, ensejando um modelo de *homem completo*, possuidor da retidão moral católica e militar firmeza de carácter, munido “de las *virtudes* del sentimiento, cuales son la benevolencia, la bondad, la dulzura, pero en cambio reciben un gran impulso las virtudes de carácter o de la *voluntad*: el valor, la energía, la fortaleza de alma, la perseverancia” (1937: 193). Segundo Flores tais traços seriam “los objetos propiamente dichos de la *voluntad*, y que se determine conforme a ellas el valor intrínseco, real del carácter, *la esencia profunda de la personalidad*” (1937: 195). Nesta conexão fundamentam-se os laços morais, pedagógicos e amorosos travados entre o líder e aqueles que o obedecem, em perfeita compatibilidade sentimental que propiciaria o surgimento de uma noção bastante singular de *lealdade*:

La lealtad es un hábito de vital importancia para toda institución organizada jerárquicamente [...] La lealtad sin ser una virtud especial comprende y armoniza el ejercicio de varias, tales como la veracidad, la obediencia, la fidelidad, la observancia, la subordinación y la abnegación (1937: 270).

Fundándose la lealtad en la recíproca relación entre quienes mandan y quienes obedecen, debe ser mutua colaboración, la confianza, la fidelidad y todas las demás virtudes que integran la lealtad. [...] La lealtad para con los de abajo engendra lealtad hacia el mismo que lo practica (1937: 272).

A *lealdade* possuiria a função de hierarquizar líder e liderados e simultaneamente aproximá-los numa *relação recíproca* e *afetiva*. O que permite com que Flores considere a *fidelidade* como um de seus principais desdobramentos, termo polivalente adequado tanto à uma relação de poder quanto à uma relação amorosa ou familiar: “todas estas formas de lealtad tienen su aplicación en la vida militar; en el sentido de los afectos se impone una fidelidad hacia los superiores iguales e inferiores, semejante a la que exigen los vínculos de familia. Ni el superior es un déspota, ni el inferior un esclavo [...]” (1937: 271). Desta definição de *lealdade* que marca um sentimento familiar e paterno estabelece-se um profundo laço libidinal e viril entre líderes e subalternos, que redundaria num *espíritu de cuerpo*, definido como “el sentimiento que hace que cada hombre no piense jamás en si mismo como um indivíduo sino como parte de la unidad que pertenece [...] hallase intimamente ligado a la lealtad profesional y se deriva necesariamente de ella” (1937: 297-298). Nesse sentido, Flores comunga com Gavet e também com Perón, ao defender a organização de uma autoridade centralista baseada na obediência voluntária e espontânea, desejada e amada pelos subalternos com poder de criar uma dimensão unificada e antiindividualista de todo corpo social, em

suma, definia-se aí exatamente os contornos daquilo que seria vulgarizado enquanto *populismo*.

Essas formulações recebem novas conotações ainda mais politizadas se levarmos em consideração que os militares somavam sete anos de mandato presidencial na época em que *Ética de la autoridad* foi publicado (1937). Desta forma, podemos considerar tal livro como uma das mais completas e aprofundadas incursões da discursividade psicológica no interior de uma moral militar e também católica que tomava conta do poder estatal da Argentina. Mais que isso, esse ideário de uma autoridade bondosa defendidos por Perón, Flores e muitos outros foi uma das principais vias de entrada do pensamento psicológico no interior da política Argentina na primeira metade do século XX. Isto é, apropriadas desde a presidência do General José Félix Uriburu (FINCHELSTEIN, 2002), tais teorias da autoridade foram cada vez mais incorporadas institucionalmente, traçando linhas de rupturas e continuidades quanto ao emprego político de suas concepções. Tais linhas estabelecem uma possibilidade de se pensar numa pré-história da autoridade defendida e atuada pelo peronismo já que alcançaram e perpassaram os ideários políticos lançados na época dos primeiros mandatos do general Perón, tal como estudaremos nos capítulos posteriores.

Se foi por uma leitura católico-militar que os saberes psicológicos sobre a autoridade adentraram no panorama político argentino, no Brasil esse ideário foi apropriado por uma intelectualidade igualmente, católica e simpática às éticas castrenses, que formaria as bases burocráticas dos governos varguistas dos anos de 1930 a 1945. Como exemplo paradigmático destacaremos as teorizações de Oliveira Vianna, que aponta o estereotípico patriarca da família rural e o Duque de Caxias como modelos de autoridade, expressão de domínio justo e consentido pelos subalternos.

#### **4) A autoridade em Oliveira Vianna: do patriarca rural ao Duque de Caxias**

Como visto nos capítulos anteriores, a teoria psicológica da chefia e da liderança já havia sido tratada diretamente pelos médicos e psicanalistas do período, tais como Arthur Ramos e Renato Kehl, de forma que também o tema da *autoridade* ficou a cargo de alguns desses intelectuais de elite, muitos deles simpáticos aos ensinamentos militares e católicos, a ponto de incorporar esse discurso psicopolítico no seio da discussão sobre a *ordem e o progresso* da nação. Encontramos algumas incursões nesse sentido desde a década de 1920,

tal como realizadas por Francisco José de Oliveira Vianna<sup>97</sup>. Sua presença dentre os intelectuais que sistematizaram um pensamento sobre as relações de autoridade por meio da psicologia social pode ser constatada desde os primeiros escritos, inclusive no famoso *Populações meridionais do Brasil* [1920]<sup>98</sup>, considerado marco fundante das novas diretrizes sócio políticas no pensamento republicano.

No referido texto, Vianna creditou à uma pretensa *tradição ariana e colonial*, representada pela colonização civilizatória do homem branco e europeu, o enraizamento da verdadeira nacionalidade brasileira, expressa pela figura patriarcal e masculina do chefe de família rural<sup>99</sup>, que engendraria um “padrão de *sociabilidade centrado na família e na autoridade pessoal do grande proprietário*, que tudo absorvia” (GOMES, 508: 2007). A influência da estrutura familiar no interior de um sistema patriarcal e rural garantiria a autoridade de um chefe viril e paternal: “É imensa a ação educadora do pater-famílias sobre os filhos, parentes e agregados, adscritos ao seu poder.” (VIANNA, 2005: 90). A estrutura familiar seria “a base de tudo na sociedade humana; porque, além da função natural de garantir a continuidade das gerações sucessivas, forma o grupo próprio para a prática do modo de existência” (2005: 31). Nesse sentido a família é considerada a mais tradicional e fundamental essência de autoridade numa sociedade, que assumiria grande influência tanto na formação individual quanto social.

Por meio dessas bases coloniais de estruturação social familiar e patriarcal, Vianna se debruçou na definição de uma *Psicologia do Tipo Rural*, definidora do conjunto de qualidades que formariam o melhor do caráter das elites brasileiras (2005: 97-98). Nessa formulação, o meio rural e familiar é compreendido como *conformador de almas*, pois lega grandes virtudes aos homens aristocráticos, *tipo ideal* masculino que conformaria a essência da nacionalidade e do mando, já que possuíam raízes aristocráticas e modos *medievalmente cavaleirescos* tais

---

<sup>97</sup> Segundo Aluízio Alves Filho, Vianna era descendente de uma família de proprietários rurais, formado em direito, lecionou a mesma disciplina na Faculdade Teixeira de Freitas nos anos 20, época em que passou a publicar inúmeras obras de interpretação nacionalista, bem como lançou escritos políticos, artísticos e científicos em diversas revistas especializadas. “Com o triunfo da revolução de 1930 e os seus desdobramentos, Oliveira Vianna galgou espaços na organização da nova ordem política, tendo sido Membro do Conselho Consultivo do Estado do Rio de Janeiro (1930); Consultor Jurídico do Ministério do Trabalho (1932-1940); membro da comissão especial para rever a Constituição Federal (1933); Membro da comissão revisora de leis do Ministério da Justiça (1939); e Ministro do Tribunal de Contas da República (1940-1951).” (ALVES FILHO, 2011: 27-27)

<sup>98</sup> Publicado pelo amigo e correspondente Monteiro Lobato, grande defensor das ideias eugênicas e higienistas. Sua influente editora era uma das principais vias de publicação dos intelectuais-médicos, tais como Renato Kehl e Júlio Porto-Carrero, dentre outros.

<sup>99</sup>Essa vinculação entre categorias raciais e de gênero era muito comum em meio à intelectualidade médica e eugênica da virada do século XIX para o XX. Para um aprofundado estudo sobre essa aproximação Cf. (STEPAN, 1994).

como “*nome [...] coragem física e honra*” (2005: 101). Dessas qualidades viris Vianna agrega as dignas e respeitadas atitudes de *prudência*, *paternalismo* e *decoro* (2005: 104), determinantes de sua natural propensão ao posto de liderança, já que “a fixidez da alta classe rural, a sua *forçada vinculação ao domínio*, não pode deixar de exercer uma reação salutar sobre o seu caráter e a sua conduta” (2005: 104) Assim as qualidades masculinas integram o cerne da qualificação de um grupo considerado naturalmente fadado ao mando:

O sentimento de independência, a hombridade, a altivez discreta e digna é também um dos nossos melhores atributos. Para a sua formação muito concorre a herança do sangue peninsular; mas, no nosso meio, as suas condições de cultura e desenvolvimento aumentam com o regime dos latifúndios. Os latifúndios dão à classe fazendeira uma fortuna imensa e um prestígio excepcional. Habitua-na, demais, a exercer um poder considerável sobre uma grande massa [...] Criados na plena liberdade dos campos, acostumados a mandar e a ser obedecidos, esses grandes senhores não se podem afazer ao servilismo. Não está na sua índole a obediência do cortesão. São eles que fundam a monarquia: mas o seu culto pelo monarca não chega nunca à servilidade. Leais e constantes ao Rei, sempre se conservam diante dele sem aulicismo nem humildade; respeitosos, mas dignos; obedientes, mas hombridosos (VIANNA, 2005: 106).

É perceptível emprego de alguns elementos da discussão da *Psicologia Social*, que também se valia de uma categorização de gênero para definir os *atributos* que definiriam os grandes condutores de massas. De sangue peninsular e posses latifundiárias, os grandes senhores receberiam um *prestígio* excepcional, garantindo-lhes domínio sobre a *massa*. Numa sequência bastante corriqueira à *Psicologia das Massas*, Vianna sequencia o tema do *mando e da obediência* à personalidade. Tal relação seria profundamente marcada pela hierarquização de classe, gênero e raça, já que tais elites rurais seriam acostumadas a mandar justamente por terem poder econômico e serem enobrecidas pelas coloniais qualidades morais de virilidade. Mas a tônica é dada para a *obediência* das elites, que além de serem socialmente superiores e estarem destinadas ao domínio dos demais, também eram *leais* ao Rei, isto é, sabiam adscrever-se nas estruturas superiores de hierarquia (a majestade e o criador), de forma a conservar o *espírito de corpo*<sup>100</sup> imperial.

Por meio dessa leitura, compreendemos que em *Populações Meridionais do Brasil* Vianna efetua uma verdadeira interpretação/uso da dinâmica e dos conceitos da *Psicologia das Massas*, colorindo-a com novas tonalidades familiaristas, elitistas e nacionalistas. Tais procedimentos foram retomados e aprofundados em sua obra *Pequenos Estudos de*

<sup>100</sup> O termo *espírito de corpo*, empregado tanto por Gavet, Perón e Flores é literalmente trabalhado por Vianna, provavelmente inspirado nas teorias corporativistas que circulavam no período.

*Psychologia Social*, publicada em 1921<sup>101</sup>, na qual retomou os argumentos do livro anterior, aprofundando a crítica ao *homem urbano* por ser carente das qualidades e traços de personalidade patriarcais que animam o *tipo rural*, o que justificaria um diagnóstico de *degeneração das elites nacionais*. Segundo Vianna, embora tais elites fossem legitimamente destinadas ao mando, ao se concentrarem nas capitais desenvolveram estilos de vida incompatíveis ao lastro patriarcal/rural de proteção e zelo frente aos subalternos, fundantes do temperamento necessário à liderança das massas brasileiras. Além disso, as *abomináveis ideias liberais* individualistas, compreendidas como estrangeirismos alheios à realidade nacional, haviam instaurado uma ordem de *hibernação política* no país. De maneira análoga à perspectiva de Gilberto Freyre em sua *Casa Grande e Senzala* (2003), Viana considera que o quadro se agravou no momento em que o *pater-famílias* rural se privou do exercício da liderança política, quando se manteve restrito aos domínios do lar e do mandonismo local. Desse diagnóstico de vacância de poder, o intelectual considera que as massas tornaram-se inertes, uma vez que lhes faltava seus verdadeiros condutores a protege-las e orientá-las. Nessa interpretação, o grande problema político contemporâneo se daria pelo fato de que as elites rurais “não falam ao povo: não se dirigem diretamente à nação, não se empenham em esclarecê-la, de instruí-la, de guiá-la; não se fazem *leaders* nacionais, à maneira americana ou à maneira britânica” (VIANNA, 1921: 62). Isso é, tais elites não exerceriam seu papel protetor e paternal cabíveis à sua autoridade. Nessa demanda, Vianna se pergunta pelo estereótipo mais perfeito dos homens a assumir a liderança das massas brasileiras:

- Resposta: os nossos grandes proprietários do interior, os senhores de vastos engenhos, os nossos ricos e poderosos *landlords* – Eles e mais ninguém. Esses brilhantes caudilhos locais é que são, até 1888, os chefes reais de nosso povo. Eles é que levam, durante toda fase monárquica nossas apáticas populações rurais. Eles é que as mobilizam, as instigam, as aguilhoam, tangendo-as vigorosamente até ali. Eles é que as convencem, é que as reúnem (VIANNA, 1923: 79-80).

A partir do diagnóstico de uma carência de liderança no tempo presente, o intelectual demanda um *governo forte* para ordenar o país e dirigir as massas tal como faziam as paternas elites rurais. Para isso seria necessário o surgimento de um *homem providencial*, que não haveria de ser nem o *forte gorila à la Alemanha* nem o *ditador científico eau de roses francês* (1921: 103-104):

<sup>101</sup> Mesmo com uma historiografia tão profissionalizada na produção intelectual de Vianna, essa breve mas significativa obra é escassamente comentada, se comparada às demais obras, como *Instituições Políticas Brasileiras* ou o próprio *Populações Meridionais*.

Eis ahi o que se exige, para um governo forte de um chefe de estado, dentro da normalidade e da paz em que vivemos. Não é preciso que ele tenha a tempera sanguinária de um corta-cabeças, nem a severidade do homem do chanfallo. (1921: 117)

Lança-se a demanda por um homem ponderado, mediado entre os extremos da “brutalidade” germânica e da “delicadeza” gaulesa. Nessa ocasião Vianna não lançou as bases morais e personológicas pelas quais esse homem haveria de se nortear, o que apenas foi tratado duas décadas depois, com as reedições de seus *Pequenos Estudos de Psicologia Social* (1942). Na terceira edição do livro,<sup>102</sup> acrescentaram-se novos textos e comentários, especialmente dedicados ao estudo dos grandes vultos históricos, preponderantes na formação da nacionalidade. Em meio a tais inserções, destaca-se a aprofundada análise da personalidade do Duque de Caxias, por meio da qual Vianna dialoga simultaneamente com a tradição política de sua época e com o vocabulário da *Psicologia da Personalidade*, evidenciado no próprio título, *Caxias: traços da sua personalidade*:

Dentre as causas - umas devidas ao meio, outras à oportunidade, outras aos próprios atributos da sua poderosa personalidade - que explicam o êxito absoluto e o grande papel de Caxias em nossa história nacional e internacional, vale bem destacar estas últimas [as da personalidade], porque, sem elas, nem a oportunidade, nem o meio poderiam ter exercido influência alguma, ou somente poderiam ter concorrido para fazê-lo um personagem de segundo plano no nosso cenário histórico. Com Caxias aconteceu o fato raro de ter sido um grande homem que nunca encontrou obstáculos na sua carreira: o meio e as oportunidades, por um conjunto feliz de coincidências e circunstâncias, colaboraram de maneira tal que lhe permitiram dar uma aplicação integral a todas as suas admiráveis qualidades pessoais (VIANNA, 1942: 204).

No intuito de qualificá-lo como verdadeiro líder, emanção do *homem providencial* que demandava na primeira edição do livro (1921), o intelectual delimita os traços fundamentais da personalidade do general a partir de uma série de fatores:

o seu imenso papel dentro e fora da sua classe não podem ser atribuídos nem às vantagens do *nascimento* e da posição (ele era filho e neto de generais), nem aos imprevistos da *sorte*; devem-se, principalmente às peculiaridades que caracterizam e definem a sua *inteligência e a sua sensibilidade*. Dotara-o a natureza, antes de tudo, de uma inteligência caracteristicamente “realista” - uma inteligência de “*homem de ação*”, tal como a define a moderna psicologia. (VIANNA, 1942: 205).

Os elementos fundamentais da denotada personalidade de Caxias são traçados pela complementariedade entre *inteligência e sensibilidade*, demonstrando uma carga não apenas

---

<sup>102</sup>Inserida na *Biblioteca Pedagógica Brasileira* da influente editora Brasileira, em parceria com a *Companhia Editora Nacional*, órgão relacionado ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e presidido pelo jornalista e biógrafo André Carrazzoni, a ser debatido no capítulo 2 desta tese.

racional de condução das massas mas afetiva quanto a tal condução. Tais traços definiriam os contornos do *homem de ação*, exaltado por uma hierarquização de gênero, já que recebe um conjunto de qualificativos masculinos que lhe atribuem o status de portador de uma personalidade predominantemente racional e sensível, que fariam de Caxias um legítimo *manobrador de homens e psicólogo das massas*:

a inteligência deste prodigioso *manobrador de homens* só sabia trabalhar, como a inteligência de todos os *homens de ação*, realisticamente [...] tinha também a *compreensão aguda e exata da psicologia das massas* e dos grupos humanos [...] teve sempre a clara visão da natureza humana e a sagacidade para perceber as qualidades dominantes dos indivíduos, contra quem investia, ou das populações, que se propunha a conquistar. Era-lhe uma sorte de conhecimento divinatório: - não lhe vinha da cultura, que não era grande, mas da sua intuição inata de psicólogo realista. (1942: 206-207).

Seu domínio das multidões e seu conhecimento divinatório provinham do fato de possuir os conhecimentos psicológicos que permitiriam analisar as *qualidades* tanto dos indivíduos quanto das *massas*. Desta forma, a psicologia seria suporte firme para sustentar uma liderança baseada nos postos hierarquicamente superiores da masculinidade e do comando. Porém, no intuito de pensar na autoridade dessa personalidade, seus traços de férreo guerreiro são atenuados para idealizar a atuação de um justo *governante* civil:

Caxias, que foi o maior dos nossos cabos de guerra, era um soldado por vocação, um guerreiro por índole, como Osorio ou Garibaldi? Não me parece. Caxias foi, antes de tudo e essencialmente, na guerra e na paz, um grande organizador e um grande administrador: a sua capacidade genial de estrategista prendia-se a esta capacidade geral para planejar, organizar e administrar; capacidade que as circunstâncias fizeram que se revelasse principalmente nos campos da guerra, mas que poderia ter-se revelado, com igual relevo, nos domínios da administração civil, exclusivamente - como homem de Estado (1941: 208).

Nesse trecho Vianna realiza a transposição da personalidade de Caxias do âmbito castrense ao civil, mais que isso, desenha-lhe com os traços do bom *organizador e administrador*, tanto da esfera econômica do lar quanto da esfera política do Estado, tal como proferiam as *artes de governar*. Dessa forma Vianna buscava evidenciar os propósitos com que lançava sua visão para o passado: buscando subsídios para sustentar um ideal de autoridade centrados não na brutalidade das forças armadas, mas na administração governamental de Estado, que para dominar as massas, saberia dominar as próprias emoções:

Caxias, em momento algum, mesmo sob o delírio das cargas e dos assaltos, perdeu a lucidez e a calma. Nunca as sensações vindas da visão direta do fogo inimigo e da carnagem dos combates lhe abalaram a emotividade e lhe perturbaram a consciência perfeita das realidades que o envolviam. Se esta condição de espírito é a



característica de um chefe, Caxias foi o mais completo tipo de chefe que tivemos até agora (1941: 210).

Nesse enunciado a coragem, a lucidez e a racionalidade são tratadas como *características* de um *homem* autocontrolado, quanto por *um chefe*. Para atestar o pertencimento de Caxias ao panteão dos grandes líderes Vianna o qualifica de acordo com a tabela de categorização biotipológica e caracterológica:

Os modernos fisiopsicologistas insistem muito sobre as condições de “constituição temperamental” dos indivíduos e suas repercussões sobre a atividade intelectual e, mesmo, sobre o tipo da inteligência. Eles mostram as íntimas correlações entre o que eles chamam o “*tipo etológico*” (*temperamento*) e “*tipo noológico*” (*inteligência*). Ora, em Caxias, estudando os vários *episódios da sua vida pública e privada*, colhidos pelos seus *biógrafos*, tudo nos leva a crer que o seu tipo noológico era poderosamente auxiliado e mesmo acrescido pelo seu tipo etológico. Ele era (ou devia ser) um temperamento equilibrado e sólido, entre fleumático e sanguíneo, *verdadeiro tipo eugênico*, saudável e calmo de nervos, de *emotividade controlada*, sem exageros ou desequilíbrios afetivos de qualquer espécie. Em suma: um temperamento destes que os psicologistas e constitucionalistas modernos, *à maneira de Kretschmer, chamam de “ciclotímicos”*. O seu tipo físico, aliás, bem parece indicar isto. O oval do seu rosto, de uma *compleição máscula e digna*, sem ângulos, sem assimetrias, sem durezas; a sua larga testa, ampla e serena; a sua cabeça bem conformada; a sua compleição cheia e robusta, - tudo parece indicar uma constituição fisicamente harmoniosa de ciclotímico. Não tenho dados que me digam a impressão dos que o conheceram sobre o seu tipo morfológico; mas, todos os seus retratos denunciam um exemplar de nobre beleza física. Kretschmer classificaria entre os seus “atléticos”; Mac-Auliffe entre os seus *ronds*. Em tudo, a revelação morfológica de um temperamento feito de equilíbrio e força, indulgência e calma, nobreza e magnanimidade. Estas qualidades morais, tão frequentes entre os cicloides, nós as encontramos, com efeito, *em todos os atos e as atitudes de Caxias*: nos campos de batalha: nos comandos de exércitos, nos conselhos *do governo*, na sua vida social e, *principalmente, dentro do lar - um lar modelo, padrão de harmonia e felicidade*, mundo admirável, em cujo céu, por mais de quarenta anos, nunca passou sequer a vaga sombra, leve e fugidia, de uma nuvem. (1941: 211-212).

Nessa exaustiva lista de qualidades fisiológicas, Vianna se vale da mesma tabela caracterológica kretschmeriana para realizar uma aproximação dos traços físicos aos psicológicos do então *condutor de massas* brasileiro. Perceba-se que Caxias é classificado como *ciclotímico*, justamente a categoria caracterológica pela qual Flores, Ramos, Kehl e o próprio Kretschmer consideram como mais apto para o mando e para a liderança, dada a fortaleza físico-glandular, compreendida como impactante na moralidade e na conduta. Nessa adequação científica, Caxias é considerado *verdadeiro tipo eugênico* de invejável beleza física e imaculáveis atributos morais pela mesma classificação legada à Getúlio Vargas em suas biografias. Mas para Vianna essa classificação não é suficiente já que não dá conta da autoridade daquele líder tão exemplar como o libertador San Martín. Sua liderança e governo haveriam de ter sido exemplares nas três esferas de autoridade masculina: o *exército*, o

*governo* e o *lar*. A obviedade dessa afirmativa é dada pela automática correspondência entre o honrado governante da casa familiar e o hábil gestor da casa pública. O predomínio masculino na esfera privada haveria de fazer do homem um inegável modelo de governante político:

Caxias é bem o nosso herói epônimo. Não só como soldado e como estadista [...] mas, também porque a sua personalidade resume uma das mais belas sínteses representativas de todas as qualidades fundamentais do homem brasileiro. Os grandes atributos peculiares à nossa índole e ao nosso espírito nacional, ele os possuía em grau superlativo. O seu cavalheirismo era o nosso cavalheirismo; o seu bom senso, o nosso bom senso; o seu equilíbrio, o nosso equilíbrio; a *sua generosidade, a nossa generosidade*; a retidão do seu caráter, a retidão do caráter dos brasileiros genuínos; a *sua lealdade, a nossa lealdade*; a sua honradez, a nossa honradez; a *dignidade do seu lar - um dos mais belos e harmoniosos de que nos falam as crônicas da nossa história - espelhava a dignidade das tradições patriarcais da família brasileira* (1941: 219) [grifos nossos].

Vianna descreve, assim, um completo processo *identificatório* de espelhamento moral e afetivo entre a personalidade do grande líder e a massa brasileira, a que o próprio Vianna se inclui, aliciando também o leitor pelo emprego da primeira pessoa do plural. O laço que se desdobra desse espelhamento é provocado pela exemplaridade das qualidades heroicas do chefe: um *cavalheiro* equilibrado, reto (desde que *genuíno*) e honrado. Mas junto dessas qualidades listam-se as qualidades de *generosidade e lealdade* típicas não apenas ao líder impositivo mas a uma autoridade tal como a de um pai de família *digno no lar*, o que remete às *tradições patriarcais* defendidas por Vianna desde *Populações Meridionais*. Por essa tonalidade familiarista, o argumento se conecta com o ponto de partida de sua teorização, sendo a *qualidade patriarcal* demonstrada pelo grande homem nacional comparada com a própria condição de *pater-famílias das elites rurais*, que haveriam de ser naturalmente destinadas ao mando e ao governo dos demais. A imagem modelar e paradigmática de *Caxias* se justificava não apenas por seus traços viris, monárquicos, imperiais e militares de comandante impositivo, mas também por sua inquestionável *autoridade* de tutor e protetor de seus subalternos tal como o patriarca rural, que segundo Vianna seria outra imagem geradora de autoridade. Por isso a personalidade de Caxias é posta em paralelo à de Vargas<sup>103</sup>, que receberia os mesmos atributos de racionalidade, controle dos sentimentos, mas também generoso, paterno e leal, tal como estudaremos adiante.

<sup>103</sup> Temos de reafirmar a posição estratégica de Vianna no ano de reedição de seu livro [1941], momento em que era aclamado como um dos mais influentes ideólogos estadonovistas, Imortal da Academia Brasileira de Letras e membro distinto do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ou seja, sua posição de enunciação não lhe permitia simplesmente traçar meros vultos personológico, pelo contrário, suas publicações se tornaram verdadeiros tratados políticos modelares à vida pública do país. Além disso, seu posto de intelectual delegou a seus textos uma vênua institucional, deslindando diretrizes ético-políticas e subjetivas às estratégias do Estado Novo varguista.

Da mesma forma, pela tripla qualificação de exemplar pai de família, incorrigível chefe militar e competente líder governamental, Caxias – da mesma forma que Vargas – foi simbolizado como padrão moral de *autoridade* e de conduta, matriz de uma subjetividade nacional alinhada aos ideais do *homem novo* futuramente idealizado pelo regime político da época de sua publicação. Dessa forma, podemos considerar que a defesa de Vianna de uma plataforma patriarcal e familiarista com inspirações católico-militares foi uma das principais vias de transposição das teorias e conceitos psicológicos para o interior de uma plataforma política nacional. Tais concepções foram amplificadas, reinterpretadas e retransmitidas pelos diferentes intelectuais nacionalistas da época, abrindo as portas para uma legítima teoria da autoridade a embasar o pensamento político brasileiro no contexto estadonovista e argentino no período peronista clássico.

Nesse eclético capítulo tivemos a pretensão de demonstrar certos trânsitos de saberes-poderes que muito influenciaram na concepção e nas práticas modernas e contemporâneas daquilo que podemos conceber enquanto *autoridade*. Se a origem e objetivo desse conceito é estabelecer um *governo* sobre as condutas e inspirar obediência voluntária dos subalternos, tais como professado pelas *artes de governar*, os mecanismos para fazê-lo efetivo vieram de um procedimento metafórico que articulava a autoridade do líder político à do pai de família, de Cristo e do General, permitindo que o poder que antes era interpretado como impositivo pudesse ser lido pela insígnia da bondade e do amor para com os mais fracos.

Nesse sentido, Freud trouxe uma teoria muito acabada sobre essa autoridade que transcende as esferas psicológicas, militares e católicas para então adentrar no mundo político de condução das massas movidas pelo fantasma inconsciente do pai primordial. Tal teorização possui uma fina sensibilidade histórica já que a época de Freud é aquela em que os *saberes psi* transcendem a pura esfera científica para adentrar nas mais diversas instituições militares, católicas e estatais como um todo.

Dessa forma, pudemos constatar as maneiras pelas quais essa formulação sobre a autoridade foi englobada nas *artes de governar* gerando formulações que muito impactaram no contexto latino-americano da primeira metade do século XX. Isso se tornou perceptível quando estudamos as formulações de Perón, Flores e Vianna ao apropriarem-se de muitos elementos argumentativos propiciados pelas definições psicológicas sobre a *liderança* e a *autoridade*, para assim pensarem na resolução dos problemas políticos locais, tais como a obediência dos subalternos, a organização e coesão das tropas e, principalmente, a criação de

afetos no interior do processo de condução de condutas coletivas por meio das simbologias de um *governo do pai* que transpassaria as fronteiras institucionais, familiares e estatais.

Como veremos nos próximos capítulos, esses saberes foram preciosos para a definição da *autoridade* atribuída aos presidentes Vargas e Perón, que passaram a receber uma segunda camada de traços de personalidade masculinos baseados nas metáforas e dispositivos discursivos ensejados por toda essa maquinaria de saberes-poderes instituídas pelos teóricos estudados nesse capítulo.

## CAPÍTULO 5 – A AUTORIDADE EM GETÚLIO VARGAS

A apropriação política da *psicologia da personalidade*, aplicada às massas tais como fizeram André Gavet (1981), Francisco Kieffer (1950) e até mesmo Sigmund Freud (2011), produziram mecanismos para delinear novos contornos para a noção de *autoridade* nas duas primeiras décadas do século XX. Dessa forma, as apropriações realizadas por interpretes latino-americanos como Luís Bertoni Flores (1937) e Oliveira Vianna (1922) (1942), reverberaram sobre os fundamentos da autoridade no ambiente político de meados do século. Os ecos dessas discussões também foram escutados pelos biógrafos e tratadistas da personalidade de Getúlio Vargas.

A afirmação de que a *autoridade* é a “*ligação entre pessoas desiguais*” (SENNETT, 2012: 22) é indispensável para o entendimento dos fundamentos políticos dos tratados sobre Vargas, justamente porque evidencia seu ponto central: a tentativa de criar simbólica e narrativamente *efeitos de autoridade* a partir dos mais diversos mecanismos de aproximação e simpatia entre o líder e as massas, sem excluir os traços de hierarquização. Nesse sentido, os elementos valorativos de gênero foram reiterativamente afirmados fazendo com que a *autoridade* evoque a ideia de um poder proveniente de um *homem bondoso*, possuidor de qualidades de personalidade superiores, que lhe permitem defender os cidadãos que demandam cuidado e proteção. Desse entreposto entre a *autoridade* e personalidade afirma-se que Vargas:

Já conquistara o penacho de líder por uma autoridade moral e intelectual, que menos se impunha pela veemência da ação que pela persuasão das atitudes, mas pela finura do que pelo ardor (CARRAZZONI, 1939: 48)

Getúlio Vargas mais e mais se blindou na sua *serenidade*. Não fez ameaças, não proferiu bravatas [...] preservou a sua autoridade de chefe de Estado (1939: 218)

O muro de *incompreensão* das facções [acabaram] perturbando-lhe a marcha, distraíndo-lhe a atividade ou sobrepondo-se-lhe à autoridade (1939: 244)

sua autoridade crescia, e sua *palavra* avultava na defesa da ordem e do nome do governo de seu Estado (ALBUQUERQUE, 1941: 70).

O Estado do extremo sul, guiado pelo seu grande *organizador* [Vargas], político norteado pelo *critério de um filósofo*, com *intuições geniais de sociólogo* [...] consorcia autoridade com a liberdade (1939: 160) [grifos nossos].

As virtudes da serenidade, compreensão, oratória, organização, intuição que compunham a personalidade de Vargas são os elementos que fundamentam sua *autoridade*,

justamente porque contrastam e impulsionam os sentimentos e afetos da *massa* feminina pela garantia de ordem e proteção. Nesse sentido, a *autoridade*, é definida pela aceitação popular de um homem que possui as *qualidades* pessoais ideais para proteger a todos graças a sua capacidade de se manter firme e se impor como homem superior, justamente porque

o vínculo de autoridade constrói-se a partir de imagens de força e fraqueza [...] um ingrediente essencial da autoridade: alguém que tem força e usa para guiar os outros, disciplinando-os e modificando seu modo de agir, através da referência de um padrão superior [...] Segurança, capacidade superior de julgamento, capacidade de impor disciplina [...]: são essas as qualidades de uma autoridade (SENNETT, 2012: 30).

Mas essas ímpares qualidades não sustentam uma liderança por si sós, necessita-se de uma série de legitimações e reconhecimentos por parte dos subalternos. Tais reconhecimentos fundamentam o ideal político da *autoridade*, única capaz de solidificar as bases da liderança a partir da obediência das massas e da legalidade *democrática*, ambas demandadas por uma das primeiras experiências ditatoriais:

A autoridade do presidente do Estado fê-los respeitar a soberania das urnas (CARRAZZONI, 1939: 177)

Fazendo valer sobre os homens e os partidos a sua autoridade pessoal, solidamente apoiada no consenso popular (1939: 281)

O esmagamento da revolta [comunista de 1935] trouxe o reforço da autoridade do governo. A nação, instintivamente, se refugiou nessa autoridade. (1939: 286)

É importante sublinhar a pluralidades de usos desse conceito político nas biografias do ditador, nas duas primeiras passagens se articula diretamente a ele a *autoridade*, pressupondo que esse poder relacional seria posse pessoal daquele homem. Já na última citação encontramos uma *autoridade do governo*, que assume como implícita a presença de Vargas, já que é sempre pontuado como protetor e providente, apoiado por consenso popular, que apenas lançou o golpe de 1937 para refugiar a indefesa nação e resguardá-la das perigosas e perversas forças desagregadoras, sejam comunistas, integralistas, ou os demais movimentos de *histeria* das massas desorientadas. O *presidente* é narrado na voz passiva, já que não haveria sido impositivo, pelo contrário, a própria nação fraca e assustada haveria lhe convocado *instintivamente* para *refugiar-se em sua autoridade*. Nesse sentido, a outra função da autoridade, adjunta ao argumento da legitimação política, seria de garantir um laço de *respeito e obediência* entre o líder e os liderados, afinal:

A história é sempre a mesma por toda a parte. *Sem respeito à hierarquia não há autoridade; há prepotência.* E é essa que faz as revoltas. Nunca, de boa fé, se poderá atribuir ao Sr. Getúlio Vargas, visivelmente sereno, desprendido, equilibrado, a responsabilidade de ter lançado o país num movimento armado, para entregar-lhe uma posição que disputara pelo voto (ALBUQUERQUE, 1941: 80).

Embora a tônica seja democrática, a *autoridade* é definida pelo paralelo com a *hierarquia*, a legitimar uma estabilidade simbólica e política que respaldaria o regime estadonovista. Por conseguinte, a relação entre *autoridade* e *obediência* é aquela que não se estabelece por pura imposição do líder, mas pela *adesão e desejo dos subordinados* a serem protegidos, escutados e compreendidos por um legítimo *Homem completo*:

Ninguém compreende melhor o Brasil, ninguém o conhece mais intimamente, ninguém lhe surpreende melhor as aspirações. E é dessa experiência, do conhecimento do seu meio e do seu povo, o segredo do Sr. Getúlio Vargas. Ele edifica, perdoa, castiga, adverte, orienta, com um senso de oportunidade que espanta! A sua autoridade, sempre a defendeu sem violência e sempre a exerceu sem incomodar ou constranger, *Homem completo*. [...] de uma energia indominável” (ALBUQUERQUE, 1941: 176-177).

Num mesmo argumento equaciona-se na personalidade de Vargas o líder bondoso e severo, que simultaneamente castiga e perdoa; o chefe ponderado e autocontido que controla a si mesmo da mesma maneira que controla as massas; o dominador enérgico e masculino que configura um *Homem completo de energia indominável*. Pelo conjunto dessas atribuições, Vargas é denotado como aquele que desperta *obediência instintiva*, não apenas por sua superioridade viril e impositiva, mas também por sua capacidade de fazer-se íntimo e cuidadoso, de escutar, *analisar* e compreender as necessidades e anseios populares, operando pelos mesmos procedimentos de um legítimo *Psicólogo das Massas*. Essa interpretação abre novos desdobramentos à minuciosa construção da autoridade do chefe nacional.

### **1) Vargas psicólogo: o carinho e a bondade dimensionando sua autoridade**

Sem restringir-se à construção psicológica de Vargas como varão dominador das massas por meio de sua máscula racionalidade, as biografias e análises de personalidade do líder também abrangeram a posse dos próprios saberes científicos afim de caracterizá-lo também como psicólogo. Tal status se daria pela profunda compreensão dos mecanismos pelos quais a esfera social se organizaria, bem como pelo conhecimento das necessidades e anseios das massas necessitadas. Dessa forma, a genialidade de Vargas “não é senão o poder

de aprender os aspectos mais profundos da própria realidade, imperceptíveis aos olhos da quase totalidade dos mortais” (1939: 162), o dispositivo discursivo dessa analogia transfere a *autoridade* do psicólogo ao governante, atribuindo a ele o posto de intérprete compreensivo e analista dos sentimentos sociais:

Lá dentro [do Catete], não estava um domador, de látigo em punho e olhar de falcão, duro e fixo, mas um homem de hábitos comezinhos, de timbre de voz ameno, um sorriso fino, que seria flor de bondade e filtro de sagacidade. [...] Psicólogo, o Sr. GV, na primeira oportunidade, cuidou de dessedentar os adversários. [...] Vargas tinha os índices psicológicos mais expressivos da identificação da luta armada com os sentimentos populares [...] A autoridade do presidente do Estado fê-los respeitar a soberania das urnas (1939: 176-177).

Ele personificava essa força naquela hora. [...] Seu discurso de posse é um paradigma de tino político e de trato psicológico. (1939: 228)

Ele é uma aula diária de psicologia. (1939: 290)

Com raro trato psicológico e integral compreensão dos seus problemas administrativos. (1939: 190)

Auscultava as necessidades do organismo social como o médico ausculta o enfermo. (1939: 173)

Nesse entreposto metafórico, alinham-se como qualidades masculinas: a capacidade de *autodomínio* consequente *liderança*; a compreensão dos *sentimentos e desejos das Massas*, a *sagacidade* do homem que soube perdoar os adversários políticos, e a *bondade* de homem paciente e sorridente, que *ouve* os anseios e se *identifica* com as necessidades do povo. Nesse sentido, a própria ciência psicológica recebe tanto o status de teoria organizadora da narrativa da personalidade de Vargas, quanto ferramenta pragmática empregada pelo líder no exercício da liderança das massas. Novamente o argumento do *meio* ambiente gaúcho é mobilizado para demonstrar a origem *sociogenética* dessa capacidade ímpar do líder em analisar e compreender psicologicamente as tensões sociais: “Os ecos da guerra civil, com a intensidade das explosões passionais, haviam chegado aos ouvidos e ao coração de Getúlio. O tio, coronel Dinarte Dornelles, batera-se contra o seu pai. Outros parentes dividiram-se, pelejando em campos contrários” (1939: 24), essa desunião familiar dos tempos infantis do biografado marcaria uma personalidade acostumada a mediar conflitos.

[Vargas] já devia a São Borja a solicitude maternal com que as pequenas cidades velam pela sorte dos filhos prediletos. Ela lhe dava a força no segredo da solidão, a graça de se evadir das mesquinharias da existência, para olhar no alto das miudezas de cada dia, a coragem de ficar solitário, no meio da turba, e o dom de auscultar as *pulsões da massa*, nos seus momentos de enfermidade política (1939: 113-114)

Familiarizara-se, desde São Borja, com a psicologia das facções (1939: 233)



O orador [Vargas] assentava a síntese da história do Rio Grande e debuxava, esquematicamente, a psicologia do seu povo (1939: 139)

Essa telúrica experiência e intuição psicológica trazida de sua terra natal faria de Vargas um legítimo analista das multidões, já que possuiria em sua personalidade o dom de *auscultar* os diferentes lados dos conflitos, recebendo a fama de grande diplomata e conciliador de lados politicamente opostos<sup>104</sup>. Dessa maneira, são alinhados discursivamente o *psicólogo*, o *sociólogo* e o *líder* na personalidade de Vargas, afinal: “só um perscrutador privilegiado, como esse da psicologia humana e da alma das multidões, só um chefe possuído de uma tão estreita afinidade eletiva com seu povo; só, afinal, um estupendo supervisor dos tempos que hão de vir, seria capaz de mostrar-se equidistante aos choques das facções” (PERES, 1944: 38). Pelo conhecimento e trato psicológico do líder, as massas poderiam apaziguar-se no familiar teto estadonovista.

É importante concebermos que a metáfora que compara o líder ao psicólogo desequilibra, por um instante, o próprio discurso de uma liderança impositiva, enérgica e volitiva, tal como demandada por Le Bon. Contrastando tal teoria, Vargas também é caracterizado afetivamente enquanto comezinho, compreensivo e caridoso, ensejando mais simpatia que temor. A partir dessa duplicidade de um líder viril e bondoso, afasta-se a fachada do vociferante ditador, abrindo um escopo hermenêutico que esquivava Vargas de seu caráter impositivamente ditatorial, o que justifica a estranha afirmação de Eptácio Pessoa quando afirma que ele:

*Não é encarnação dos grandes condutores de povos. Falta-lhe aquela audácia desmedida e impensada, aquelas atitudes condoreiras dos grandes pastores de multidões da História, as frases sonoras, mas quase sem eco. Não tem a imprevisão cega que fez a glória de Napoleão nos Alpes nem a doentia firmeza amarga de Frederico II [...] Nem por isso será uma firmeza menor, pois que, sem ter o brilho espetacular dos uivos dos ditadores modernos da Europa [...] consegue ser uma grande fonte de disciplina, de ordem, de equilíbrio, de mediação* (ALBUQUERQUE, 1941: 129-130).

Nessa afirmação o autor chega ao extremo de negar o posto de grande condutor a Vargas, resguardando-o das embaraçosas comparações com os ditadores europeus, cada vez menos populares no contexto americano. Nesse sentido, a interpretação da personalidade de Vargas que o qualifica como psicólogo das massas e não como dominador, inaugura uma nova tônica discursiva acerca do poder do líder, bem como para o próprio Estado Novo. Em

<sup>104</sup> Argumento bastante explorado pela propaganda estadonovista Cf. (CAPELATO, 2009).

outras palavras, a transposição discursiva do chefe volitivo ao psicólogo bondoso redimensiona os contornos da noção de autoridade, até então trabalhada em paralelo com a teoria leboniana da chefia. Esse processo se deu pelos trânsitos e deslocamentos em que novas leituras psicológicas foram adotadas para responder às configurações contextuais e políticas dos anos de 1940.

Para compreender essa dinâmica é importante sublinhar que a biografia *Getúlio Vargas* de Carrazzoni (1939) é cronologicamente anterior às publicações de Albuquerque (1941), Pessoa (1942) e Péres (1944). Não coincidentemente, a primeira obra é mais tributária aos pressupostos de uma personalidade viril e impositiva que as demais. Isso nos permite aventarmos a hipótese de que a breve distância temporal que separa a publicação dessas biografias é demarcada por uma distinta periodicidade dentro da própria lógica de atuação do Estado Novo, o que repercute em suas enunciações. Segundo Ângela de Castro Gomes, distintas temporalidades devem ser levadas em conta no estudo da política de Vargas em seu período ditatorial:

Num primeiro tempo, que vai até 1942, teria prevalecido esse autoritarismo desmobilizador, fundado basicamente na coerção via censura e repressão. Mas, a partir daí, examinando-se um conjunto de políticas públicas, com destaque para a combinatória entre políticas sociais e de propaganda, pode-se dizer que o Estado Novo experimenta um segundo tempo. Nele, a atenção da elite se volta para a busca de legitimidade e de construção de bases políticas, por meio da articulação de esforços ideológicos e organizacionais, visando à construção de um pacto político do Estado com a sociedade, encarnado nas figuras do presidente e povo brasileiro (2010: 20)

Nessa cronologia marcada por descontinuidades podemos compreender os interesses das primeiras biografias de Vargas, especialmente a de Carrazzoni, a partir de ressonâncias e sintonias com o projeto mais autoritário empreendido pelo Estado Novo dentre os anos de 1937 a 1942. Por outro lado, se levarmos em consideração que a partir dessa época as estratégias estatais se voltam para uma formação de base política popular a partir da aproximação entre o líder e as massas, então podemos considerar que isso repercute na criação de uma personalidade mais amena e conciliadora ao líder. Em vista dessa demanda política de apoio popular, se fez dizível e defensável a negação de Vargas como férreo dominador, tal como realizado por Eptácio Pessoa de Albuquerque, embora que o tom autoritário de virilidade e racionalidade do ditador não tenha sido abandonado. O que muda é o foco da argumentação das inúmeras biografias e tratados de personalidade que se direcionam a um *presidente psicólogo*, compreensivo e caridoso, que se relaciona com as

massas não apenas como *ditador*, mas como homem bondoso e protetor, que ouve suas queixas e sana suas necessidades. Esse movimento de afirmar Vargas como um psicólogo social busca instaurar um *laço afetivo, libidinal*, entre o líder e as massas que mantém a hierarquia e simultaneamente enseja uma aproximação amorosa entre as partes:

Aquele poder misterioso, irresistível, sempre constante em qualquer uma das manifestações da alma coletiva, que leva as multidões a se assemelharem a um indivíduo magnetizado é, em essência, pura afetividade. É, portanto, o amor, essa força de coesão, que liga a massa ao prestígio do seu chefe (SILVA, S.D.: 101)

Dessa compreensão relacional, reconfigura-se e amplifica-se o alcance da noção de *autoridade*, já que pressupõe e incita o *desejo* das massas por serem conduzidas, afinal “O Sr. Getúlio Vargas teve, assim, a ventura de se ver compreendido unanimemente pela grande massa trabalhadora, que soube retribuir, com seu mutismo eloquente à natureza do movimento, os benefícios advindos da solução dada a suas angústias” (ALBUQUERQUE, 1941: 114). Note-se que se inverte a relação de compreensão, se antes era o líder que compreendia as massas, agora ocorre o oposto, num argumento de reciprocidade envolvendo o líder e a massa trabalhadora<sup>105</sup>. Dessa forma, a tônica do domínio viril, carismático, hipnótico e imperativo defendido por Le Bon é cada vez mais sobreposta às relações entre líder e massas, buscando-se estabelecer, mesmo que simbolicamente, uma relação de *autoridade* análoga às formulações pedagógicas, médicas, católicas, militares e psicanalíticas das primeiras décadas do século XX, tal como estudadas no capítulo anterior. Da mesma forma que a nova tônica estadonovista, aquela corrente interpretativa da *psicologia social* buscava encontrar equilíbrio entre a *firmeza* e a *bondade*, *atenção* e *reciprocidade*, aproximando líder e subalternos por meio de um laço *libidinal* e afetivo, decorrentes de uma relação de autoridade bondosa.

Segundo Richard Sennett, “os laços afetivos tem consequências políticas [...] [delineiam] relações complexas entre a psicologia e a política” (2012: 13), mais que isso, o autor compreende que o “vínculo de autoridade [...] é a expressão emocional do poder [...] A palavra ‘vínculo’ tem duplo sentido. É uma ligação, mas é também, como em ‘servidão’ um limite imposto” (2012: 13-14). Tanto na compreensão de Sennett quanto na dos biógrafos de Vargas, não seria possível tratar da *autoridade* esquivando-se dos *sentimentos* que cozem as relações entre o líder e as massas. Dessa inter-relação simultaneamente recíproca e

---

<sup>105</sup> Perceba-se que o autor adicionou o qualificativo *trabalhadora* à massa que escuta Vargas, ou seja, é justamente na relação e sintonia travada com o chefe que a massa ganha uma *qualidade*, *personaliza-se* pelo trabalho, tema fundamental na argumentação varguista Cf. (GOMES, 1988).

hierárquica, os biógrafos destacaram a *bondade* do ditador como traço qualificativo fundamental.

Essa continuidade psicológica estabelecida pelas características pessoais de Vargas é a chave que abre as portas da compreensão da ideia de *autoridade* a sustentar sua liderança sobre os outros, mais que isso, é a comprovação de sua posse aos predicativos de uma *arte de comandar*:

O Homem e o Chefe nele [Vargas], de feito, constituem apenas o lógico, espontâneo desdobramento de uma individualidade específica, dotada dos mais altos atributos pessoais [...] As virtudes que enobrecem e exaltam, no plano da vida interior, nas categorias do espírito, ou na escala ética dos valores, transportam-se, realmente, do Homem para o Chefe, assegurando desse modo o ascendente, a projeção e o influxo irresistíveis da sua autoridade [...] Bondade, generosidade, magnanimidade, o dom por excelência de compreender e perdoar [...] equivalem, no Homem, à fortaleza e à coragem, à retidão, à perseverança, à clarividência e à vontade do Chefe [...] no clímax de condensação subjetiva, todos aqueles maravilhosos predicados indispensáveis à sutil e complexíssima *arte de comandar*, a que se refere Maurois. (1944: 17-18)

Nessa passagem delinea-se a conexão existente entre o *Homem* – propositalmente grafado com *H* maiúsculo – e o *Chefe* – também com inicial maiúscula – ancorada na transposição dos traços de personalidade masculinos de um para outro, já que tal trânsito garantiria a *projeção de sua autoridade* e sua capacidade de se fazer obedecido a partir da *complexíssima arte de comandar, a que se refere Maurois*. Na realidade, tais *artes de comandar* não são de todo complexas se levarmos em conta que Maurois<sup>106</sup> era tributário das teses André Gavet (S.D.), de forma que tais conhecimentos podem ser compreendidos como uma forma de aplicação ética da psicologia visando a produção de efeitos de *mando* e *obediência* baseados na *autoridade*, tal como concebido por Gavet e Kieffer. Nesse sentido, Alfredo Pessoa ao escrever sobre Vargas em *Um homem que governa*, justifica que

Sua arte de governar é humana [...] Sem enfraquecer olha a tudo com bondade e generosidade. [...] A incorporação do proletariado à sociedade moderna constitui a sua mais alta preocupação de Chefe de Estado, ninguém lhe nega que por toda a parte a ação é sempre inspirada no seu consciente, profundo e imenso amor ao Brasil. A sua maior glória vem daí, da *arte de governar* dentro das legítimas aspirações humanas (PESSOA, 1942: 179-180).

<sup>106</sup> André Maurois foi um dos grandes *bestsellers* da metade do século XX, seus livros de conselhos psicológicos foram extremamente difundidos em todo mundo e particularmente muito bem aceitos na América do Sul, o que é evidenciado com suas visitas realizadas no ano de 1946 tanto na Argentina quanto no Brasil, do qual realizou relatos registrados em seu *Diário de uma Viagem pela América Latina* (1986). Sua fama era tamanha que a obra aqui citada, *A Arte de Viver* foi publicada originalmente na França em 1939 e no mesmo ano fora traduzida e publicada no Brasil (marcando o segundo ano do Estado Novo) contando com mais de seis reedições até a década de 1960. Na Argentina a primeira edição data de 1947 (segundo ano do governo Perón), contando com pelo menos mais três reedições.

Por meio do amor Vargas haveria de incorporar o *proletariado*, evitando que os *trabalhadores* tornem-se *massas desenfreadas*. Tais sentimentos de bondade e generosidade transfigurariam as massas, dignificariam e legitimariam a humana *arte de governar* do presidente. Note-se que o mesmo vocabulário que sustentava os conhecimentos psicanalíticos, católicos e militares sobre a *autoridade* são empregados para justificar a chefia de Vargas no Brasil. Desta forma, a tônica argumentativa de uma personalidade bondosa, em sintonia com a propaganda estadonovista, ocupa-se da descrição detalhada das inúmeras obras sociais e ações assistenciais decorrentes do amor de Vargas ao *povo brasileiro*, que marcaram sua gestão como uma primeira experiência nacional de elementos do *welfare state* europeu. É por isso que se reafirma

o esforço ciclópico do Presidente, em favor da sorte dos desprovidos de amparo doméstico, a começar pelas mulheres órfãs, viúvas, com filhos menores, desempregadas, a qual será a continuação de uma obra sem exemplo e incapaz de ser concebida por quem não tenha as qualidades de homem que, em relação ao proletariado, está realizando tudo quanto lhe tem sido de justiça aspirar (PESSOA, 1942: 183).

Sustenta-se a ideia de hierarquia, que por sua vez equilibra a autoridade do *presidente* que auxilia e *ampara* os cidadãos de maior fragilidade social, *a começar pelas mulheres órfãs e viúvas*. Nessa relação de préstimo e caridade, anuncia-se o sujeito ativo e os sujeitos passivos da frase, de forma que a ação da bondade advém das *justas qualidades de homem* possuídas por Vargas, que seria a encarnação do próprio Estado Novo provedor. Nesse sentido, Ângela de Castro Gomes empreendeu uma profícua discussão a partir do que conceituou como *Ideologia da Outorga* em que o ato dadivoso e benemerente do Estado, incorporado pela figura de Vargas, seria também o fundamento para a criação de um laço de lealdade e reciprocidade por parte das massas, então transformadas em *trabalhadoras*. Desta forma, as biografias e/ou tratados de personalidade de Vargas, bem como a ação propagandística do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), enfatizaram os diversos benefícios sociais pretensamente outorgados pessoalmente pelo presidente<sup>107</sup>. Dessa forma as biografias de Vargas investiram cada vez mais na incitação de paixões políticas, numa enunciação cada vez mais *sentimental* e afetiva, com a clara finalidade de demonstrar o

<sup>107</sup> Tais como a criação do salário mínimo e da carteira de trabalho, a jornada diária de 8 horas, o direito a férias anuais remuneradas, a previdência social, a regulamentação do trabalho do menor e da mulher, o auxílio financeiro às famílias numerosas, etc.

*carinho* e a *dependência* que os *trabalhadores* deviam ao regime. Para isso, a lógica se fundamentava em uma nova linguagem política:

A linguagem universal é a bondade.

- Por que o povo está mais apto a entender as coisas grandes do que os chamados “doutos”?

- por sentir mais intimamente a realidade [...]

A generosidade tem construído coisas eternas, enquanto a tirania só faz retardar a marcha da Humanidade. Benditos aqueles que podem proclamar: “Só o amor constrói para a eternidade” [...] A bondade não exclui a energia, não justifica a licença nem o abuso. [...] é ser bom meu filho, mas nunca a ponto de permitires que o lobo se torne audacioso contigo. [...] A energia cívica decorre, espontaneamente, da própria bondade para com os outros. A justiça cada vez mais depende dos propósitos altruísticos, e o grande chefe é o que engrandece a nação na consciência do bem real da coletividade. (PESSOA, 1942: 293-294).

Dessa *linguagem universal da bondade* equacionam-se as possíveis ambivalências da dicotomia entre um líder *racional* e enérgico, mas também *sentimental*, dadivoso, bondoso, generoso e altruísta. Dessa fabulosa metáfora pastoral podemos lembrar dos ensinamentos católicos sobre a autoridade ditadas pelo reverendo Kieffer (1950), que buscava conciliar o carinho paternal com a energia do dominador, de forma que a própria noção de *autoridade* não fosse um conceito abstrato, mas possuidor de pragmáticas positivities corporificadas na imagem de um homem simultaneamente bondoso e enérgico.

Nesse sentido, o próprio laço social e subjetivo estabelecido entre líder e massas aqui amarrado pela ideia católica de *bondade* objetivava manter a sociedade em comunhão à agregadora imagem de autoridade. Por isso, todos os benefícios sociais realizados no Estado Novo não foram considerados conquistas populares ou mesmo legítimos direitos civis, mas providência de um homem caridoso:

Graças aos sentimentos e ao relativismo do Chefe que trabalha pelo bem do povo. [...]

- Porque você o quer tanto? – Perguntávamos a uma garotinha que viera pedir o retrato do Presidente. Ela pegou a fotografia, beijou-a e respondeu:

- Porque ele é bom! (PESSOA, 1942: 295)

Essa bondade não significa apenas uma singular qualidade da personalidade de Vargas, ela também representa um dos grandes focos discursivos das biografias do presidente, já que não apenas embasam sua imagem pública e aceitação popular, mas conformam a própria ideia de *autoridade* a respaldar sua ação de governo com o apoio e afeto das massas.

Para atingirmos o núcleo dessa discussão, devemos compreender que “uma das definições de *autoridade* é, precisamente, a de alguém que usa sua força para cuidar dos outros” (2012: 114), de maneira análoga a um *pai de família*.

## 2) *Getúlio Vargas e a Psicanálise das Multidões: A autoridade do pai da família nacional*

Grande parte das biografias e/ou tratados sobre a personalidade de Vargas em consonância com a propaganda estadonovista se utilizou do conjunto das qualificações da personalidade do líder, tais como bondade, justiça, caridade e providência, para conferir ao líder uma *autoridade* de cunho paternal, frequentemente qualificando-o como *pai dos pobres* (LEVINE, 2001).

Tal caracterização não foi isenta das considerações provenientes dos *saberes psi*, especialmente da psicanálise, que assentava na *imagem do pai* o mais elementar fundamento de autoridade, seja de ordem política, religiosa, militar ou mesmo familiar. Ainda na época do governo provisório, renomados psicanalistas de inspirações liberais buscaram articular a simbologia do líder com a do pai de família para então criticar uma suposta influência infantilizadora de um líder a comandar as massas. Júlio Porto-Carrero, no mesmo livro em que defendeu o patriarcalismo como forma de governo mais desejado e natural, também asseverou duras críticas ao governo personalista:

Não é possível que um só homem tenha capacidade bastante para dirigir todos os negócios da república [...] O Complexo-de-Édipo social tem também o seu rancor filial contra o pai – o rancor do povo contra o chefe [...] a oposição é muito mais forte, quando dirigida contra um só homem. [...] Não se inferioriza o povo, qual hoje se faz, levando-o, tocado, em rebanho, à ordem do mandão político. (1932: 237)

Pondo em suspensão os próprios princípios freudianos da necessidade do líder político como representação simbólica do pai primordial, Porto-Carrero sustenta a educação do *povo rude* para que dirija o rancor filial ao único homem no poder, *pai severo e egoísta*, que alimentaria a imbecilidade popular por meio da democracia, combatida pelo intelectual como um “governo da mediocridade” (PORTO-CARRERO, 1932: 30). Posições análogas também foram assumidas pelo psicanalista paulista Inaldo de Lyra Neves-Manta, que no mesmo ano de 1932 publicava *Psychanalyse da Alma Colectiva*, em que empregou interpretações freudianas para conclamar os brasileiros a pegarem armas em favor da Revolução Constitucionalista, já que em contexto federal

negaram-se qualidades de consciência à massa, à alma da massa em desordem; negou-se ainda a existência do sentimento de alma colectiva ao povo brasileiro; e assignalou-se por fim o predomínio do chefe sobre a multidão [...]. Com esta intenção reproduziu-se um caso de loucura imposta. (NEVES-MANTA, 1932: 75)

Segundo Elisabete Mocrejs, “Neves-Manta, no episódio Getúlio Vargas, posicionou-se contra a ditadura e negou a existência virtual de um sentimento de coletividade no Brasil. Reconheceu, entretanto, apenas no esboço revolucionário paulista a presença dessa ‘alma coletiva’”. (1992: 184) Tais críticas psicanalíticas empreendidas na primeira metade da década de 1930, não permaneceram no vocabulário político brasileiro, especialmente após a derrota da Revolução Constitucionalista e a posterior imposição do Estado Novo, por outro lado, a *estrutura argumentativa* de compreender o líder como projeção do pai de família mantivera-se intacta, sendo reformulada e reutilizada em sua ambivalência política.

O contexto estadonovista foi muito propício às reapropriações dos saberes psicanalíticos em favor da autoridade do líder nacional, nesse sentido Gastão Pereira da Silva pode ser considerado o mais veemente médico psicanalista a interpretar a personalidade de Vargas por meio da *Psicologia das Massas*. Sua obra é paradigmática e singular justamente porque resumiu, teorizou e articulou a imagem de Vargas à do pai de família.

Nascido em São José do Norte no Rio Grande do Sul, Silva graduou-se em medicina, exercendo a profissão no interior de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, com destaque à pequena Miracema onde já havia se interessado pela produção literária e jornalística, publicando nos pequenos jornais regionais. Mesmo com uma profissão razoavelmente nobre para a época, sua paternidade de 16 filhos nascidos de três mulheres diferentes não lhe havia garantido estabilidade econômica, tal como alcançada pelos colegas do Distrito Federal. Segundo relatos de seu filho Hélio Pereira da Silva (1993), Gastão havia se interessado pela psicanálise desde cedo, afirmando ter aprendido a teoria *no lombo do burro*, tanto que estudou alemão para ler Freud no original e assim escrever obras de popularização de seus saberes. A admiração era tamanha que no ano de 1934 Silva enviara diretamente ao mestre vienense uma missiva junto com alguns de seus livros de divulgação da psicanálise. A resposta da correspondência fora publicada de imediato como *fac símile* na portada do livro *Educação Sexual da Criança*:

Devo-lhe muito por me haver remetido o seu livro anterior [Para compreender Freud] e o mais novo [A Psicanálise em 12 lições] bem como por todos os esforços que tem feito em prol da psicanálise e também pela sua participação nas traduções que tem feito com o seu amigo Dr. Ninitck, introduzindo essa literatura nesse país



[...] o meu nome ainda é pouco conhecido no Brasil e somente o seu esforço, e o do seu amigo Dr. Ninitck, o tornará mais divulgado [...] Cordialmente seu. Freud (Apud SILVA, 1934: 02).

Na ocasião, Silva também solicitou o envio de um retrato, do qual foi gentilmente agraciado mediante os seguintes dizeres: “Não sei, entretanto que proveito poderá ter com a imagem de fisionomia feia de um velho de 78 anos” (FREUD Apud SILVA, 1934: 02). Pelo entusiasmo com a resposta do *mestre de Viena*, Silva dedicou grande parte de seus esforços intelectuais no sentido de propagar a psicanálise de maneira popular, participando de programas radiofônicos, publicando em jornais e revistas de leitura ampla, literatura, peças de teatro além de tratados médico-psicológicos. Como bibliografia principal, publicou mais de duas dezenas de obras de vulgarização psicanalítica tais como: *Para compreender Freud* [1931] (8 reedições); *Conhece-te pelos sonhos* [1937]; *A psicanálise* [1934] (5 reedições); *Vícios da imaginação* [1939] (8 reedições); *O tabu da Virgindade* [1947] (7 reedições).

Esse grande empenho em publicar novas ideias também acabou causando-lhe grandes transtornos: inspirado pelas teorias de Lenin decidira homenageá-lo com a publicação de *Lenine e a psicanálise* [1933]; *A mulher no regime proletário* [1934]; *O operário e a nova sociedade* [S.D.] (3 edições sendo a última datada em 1938) e *Ritmo Vermelho* [1934]. Evidentemente essa simpatia comunista, somada a vinculação de seu nome à revista *O Malho*, marcadamente contrária à candidatura de Vargas em 1930, desagradou o governo federal. Tratando dessas afinidades políticas, seu filho comenta que: “Este sarampo esquerdista custar-lhe-ia a vigilância policial. A ditadura de 1937 [...] o ameaçaria. [Ao passo que] Getúlio Vargas nomeou-o duas vezes. A primeira para um órgão extinto. A segunda [...] tornou-o Inspetor de Ensino” (SILVA, 1993: 35). Frente à mudança dos ventos políticos de 1937, “Gastão tornar-se-ia getulista. [A publicação de] *Getúlio Vargas e a Psicanálise* o livrara, até a queda do ditador, de qualquer implicação com o temido chefe de polícia Filinto Müller” (SILVA, 1993: 35). Nesse contexto situamos essa obra que demarcou uma mudança no posicionamento político de Silva, guinada definitiva já que o autor seguiu defendendo Vargas e seu regime mesmo após seu ocaso e morte<sup>108</sup>.

<sup>108</sup> Isso pode ser evidenciado pela publicação, junto de José Queiroz Júnior, do livro *O Suicídio de Getúlio através da psicanálise* (1957), pelo qual demonstra grande saudosismo e nostalgia ao falecido líder político.

Pela biografia *Getúlio Vargas e a Psicanálise das multidões* (S.D.)<sup>109</sup> Silva não apenas esmiúça a personalidade de Vargas, como também realiza uma interpretação social de inspiração psicanalítica, almejando entrecruzar harmonicamente as esferas individuais e coletivas na política. Para isso, deveria resolver a equação psicológica da transposição entre a personalidade e as massas:

Na alma humana individual, como na alma humana coletiva, os *complexos* se formam à medida que se vão afogando os desejos, ou aspirações de um povo, quando se trata de uma nação, e de um indivíduo, quando se trata de uma alma, isolada da coletividade. A psicologia das multidões, que parece ser diversa da psicologia individual, não o é senão em aparência. Segundo Freud, do inconsciente pessoal ao inconsciente das massas, não há mais que a extensão desse indivíduo e o seu grupo, que é a família. (SILVA, SD: 07)

Silva emprega a noção freudiana de *complexo* transpondo-a da esfera individual para a social atrelando-a aos *desejos afogados de um povo*. Pelo afrouxamento desses laços sufocantes se geraria a comunhão nacional no entorno de uma coletividade em sintonia. Nessa formulação os conceitos psicanalíticos são matizados aos ideários nacionalistas por meio de um potente ponto de convergência metafórico: a imagem da *família* como elo de conexão entre indivíduo e sociedade, dado que representa a organização coletiva fundamental pela qual os indivíduos aprenderiam os primeiros elementos do convívio coletivo, de forma a carregarem consigo as mesmas estruturas afetivas e simbólicas ao adentrarem na cena pública e política. Desta forma, confabularam-se os contornos de uma nação integrada pelos resíduos sentimentais desde a vivência do lar:

Da família às relações de amizade e das relações de amizade à comunhão social existe apenas uma extensão. Assim, não podemos separar o *inconsciente* individual do *inconsciente* coletivo, uma vez que o primeiro não é *primário* e *irredutível*, porque, desde o começo da sua formação, é enlaçado com as relações de família (SILVA, SD: 07-08) [grifos do autor].

Dessa extensão sentimental que conecta o indivíduo à família e essa à sociedade, resgata-se o conceito psicanalítico de *inconsciente*, que como a personalidade, seria formado a partir das estruturas afetivas infantis e familiares. Desta forma, Silva deriva a essência natural do homem, que “segundo Freud – [seria] um animal de horda, conduzido por um chefe” (S.D:

<sup>109</sup> Por mais que a obra não apresente data de publicação impressa, é possível aferir que ela tenha sido escrita e publicada poucos anos após a promulgação do Estado Novo. O Catálogo *Bibliografia Brasileira* (S.D.) indica que a obra foi publicada no ano de 1940.

08), seja ele pai ou líder político, deslegitimando as tópicas lebonianas para afirmar a prevalência da psicanálise na interpretação social:

Se Le Bon não tivesse isolado a alma coletiva da alma individual, se não acreditasse que entre uma e outra havia uma fundamental oposição, de certo teria explicação aquele poder, que ele chamou de “misterioso” [...] Para Freud, no entanto, o “poder misterioso” de Le Bon é pura e simplesmente AFETIVIDADE. O homem, integrado numa multidão, está sempre, e invariavelmente, solidário com os demais. Está em família. Pensa como o seu chefe. Obedece por amor a ele. Intenta-se, assim, aplicar ao esclarecimento da psicologia coletiva o conceito da *libido*, cuja palavra, tão malbaratada, aliás, relaciona-se com tudo aquilo susceptível de ser compreendido sob o conceito de amor (SILVA, SD: 09) [grifos do autor]

A analogia da multidão como amorosa família não é travada tal como uma figura de linguagem, é posta enquanto estrutura natural e automatizada. De igual teor, o tema da obediência ao chefe é tratado como uma evidência que decorre, obviamente, desse *amor libidinal* interpaparental que entrelaçaria líder e liderados. Na esteira de Freud, Silva emprega uma leitura psicopolítica que relativiza a herança leboniana da união das massas frente aos berros de um chefe autoritário e temeroso, pelo contrário, centra-se numa leitura psicanalítica que concebe tais vínculos enquanto relações afetivas:

O que Le Bon reduz à sugestão recíproca dos indivíduos ao prestígio do condutor de povos, Freud o explica, através da única força de coesão de todo o ser vivo: O amor. E, então, temos a seguinte fórmula: *Quando o indivíduo, englobado numa multidão, renuncia o que é pessoal e se deixa suggestionar pelos outros, o faz por sentir a necessidade de se achar de acordo com eles e não por oposição a eles ou, numa palavra: por amor aos demais* (SILVA, SD: 09-10) [grifos do autor].

Nessa apropriação freudiana se expressa não apenas uma teoria conciliadora e apaziguante dos conflitos sociais, também se evidenciam muitas das estratégias políticas empregadas e apropriadas pelo Estado Novo, que cada vez mais buscava substituir a ideia do ditador enérgico pelo líder carinhoso, demandando laços afetivos, leais e participativos das massas trabalhadoras frente ao líder. Reafirmamos que o teor da própria noção de *autoridade* circulante nesses tratados advém da demanda pela aceitação íntima e pessoal de Vargas pelas massas. Dessa formulação buscou-se instalar uma ordem ética, política e hierárquica alimentada pelo afeto ao líder e pelo sentimento de pertença a uma carinhosa comunidade marcada pela compaixão mútua.

Dessa forma teorizou-se sobre uma grande e igualitária teia entre os indivíduos unidos em comunhão afetiva e patriótica em torno do amor e carinho ao/do líder. Dessa forma, Silva evoca uma espécie de *espírito de corpo*, tal como empregado por Gavet, Perón, Flores e

Vianna, enquanto um senso de irmandade com o intuito de configurar a nação enquanto uma grande família feliz entorno da lealdade ao líder/pai. Dessa comparação metafórica que conecta pátria e família, fundamental nos discursos de Vargas<sup>110</sup> e na propaganda estadonovista (CAPELATO, 2009), deslinda-se uma série de desdobramentos a justificar os fundamentos da autoridade do chefe e o dever de obediência a ele, já que tanto

nas multidões, quanto nas famílias, todos nós queremos ser iguais. Há, por isso, necessidade de um chefe e do domínio deste sobre o grupo. O mesmo princípio pode-se aplicar a um povo. O chefe encaminha o seu povo, preservando-o na dissolução e evitando modificações na sua estrutura. Do amor a esse chefe derivam todas as exigências e objetivos do indivíduo. *O chefe por sua vez, seria o pai, que ama igualmente a todos os seus. E a Pátria, a mãe comum.* (SILVA, SD: 13).

O chefe não é mera peça fantasmática nesse emaranhado de sentimentos políticos, é antes o elo que entrelaça pessoalmente todos os feixes afetivos do corpo nacional. Dessa forma haveria a legítima *necessidade* do domínio do chefe sob o grupo, já que a unidade amorosa apenas estaria formada pela harmonia entre os três elementos políticos e familiares: o povo infantil e filial, a pátria materna e feminina e o chefe paterno e masculino. Dessa analogia entre um ideário familiar e político que une indistintamente o individual e privado com o coletivo e público deriva a noção de *paternalismo*<sup>111</sup>.

### 3) Do paternalismo

Segundo uma série de intelectuais feministas como Carole Pateman (1993), o paternalismo pode ser melhor compreendido se for relacionado à comunhão entre a fundamentação política com as hierarquizações de gênero. Nesse sentido, muitos teóricos evidenciam que o papel de *pai* é um posto de poder masculino no interior da família e do Estado. Nesse sentido, Sennett considera que “o paternalismo é a dominação masculina sem contrato” (2010: 78) dado que assume uma carga cada vez mais simbólica e afetiva para organizar as coletividades em torno do líder. De forma mais precisa, Ana Paula Vosne Martins considera que:

<sup>110</sup> Para um estudo sobre a discursividade de Vargas Cf. (VARGAS, 2007)

<sup>111</sup> Em contexto estadonovista o termo paternalismo inicialmente foi um adjetivo empregado pelos detratores de Vargas para ridicularizar sua posição ideológica de pai da nação. Por linhas gerais o conceito foi sendo paulatinamente apropriado pelos historiadores e cientistas sociais sem muito aporte crítico, tornando-se bordão comum para referirem-se à *Era Vargas*. Mesmo que o conceito de paternalismo já tenha sido muito bem debatido em seus fundamentos jurídicos e filosóficos (GARCÍA, 2005), é grande a carência historiográfica sobre as diversas apropriações e significações atribuídas ao termo.

o gênero é o discurso que organiza esta concepção de poder [...] É nos quadros de um pensamento binário no qual o gênero é uma forma de dar sentido ao mundo das coisas, dos sujeitos e das suas relações que encontramos as justificativas para o paternalismo. Numa longa tradição filosófica o poder é identificado a uma força agregadora, racional e produtiva que não é extensiva a todos os seres humanos, mas somente àqueles que tem capacidades naturais para exercê-lo. O poder, assim, foi identificado desde os primeiros textos que o definiram como um atributo dos homens, como uma qualidade masculina. O mesmo discurso naturalizador formulado a partir de um processo histórico e cultural de exclusão e dominação das mulheres estabeleceu que o elo social tem uma origem igualmente natural na família e no poder dos maridos e pais, mais fortes e racionais, capazes de saber o que é melhor para seus dependentes, a esposa, os filhos, os escravos e todos aqueles que vivessem sob sua tutela protetora. O paternalismo tem, portanto, uma justificativa original no gênero, nesta diferença construída culturalmente a partir dos sexos. (2010: 180)

Pela atribuição paternal de um chefe de Estado que provê e cuida amorosamente daqueles que dele dependem mantém-se uma hierarquia de gênero que opera tanto nas relações formais e institucionais que discriminam homens e mulheres, quanto nas representações/apresentações metafóricas que articulavam não apenas o chefe como pai de família, mas também o povo como criança e a Pátria como mãe familiar demandante de amor, proteção e cuidados incondicionais (SILVA, SD). Tal analogia entre pátria e mãe pode assumir dimensões muito mais amplas, já que remete à própria simbologia da tradição republicana e positivista que concebe e desenha caricaturalmente a Pátria como mulher passiva. José Eiseberg interpreta as dimensões de gênero do pensamento político brasileiro afirmando que a associação

entre o amor à terra natal e a noção de paternidade pode ser atribuída à sobrevivência em tempos modernos dos vínculos que Filmer, entre outros, estabeleciam entre *pater potestas* (o poder do pai sobre o filho) e o *dominium político* do soberano sobre o território nacional e seus súditos, a associação heterodoxa entre esse amor e a idéia de maternidade insinua duas possíveis interpretações alternativas da relação dos súditos com o soberano e, por extensão, com sua terra natal. Por um lado, um retorno febril, saudosista e rural à imagem da terra como ventre fértil, que gentilmente provê à sua prole as riquezas necessárias à sua prosperidade material. Por outro lado, uma projeção delirante, utópica e machista de uma autoridade soberana exercida de forma gentil pela figura da mãe, em oposição à autoridade firme e inflexível do pai que provê o berço com aquelas riquezas. Em ambas as interpretações, entretanto, um traço comum: a matéria que substitui a pátria despe a república dos traços espartanos do cidadão de armas em punho em defesa de sua terra natal, revestindo-a de uma imagem em que seus cidadãos são retratados como pessoas precisando da gentil proteção materna. Despe também a república de seus vínculos com uma concepção da virtude de seus cidadãos etimológica e umbilicalmente ligado a um traço viril de caráter, tal qual encontramos em Maquiavel e tantos outros autores da tradição republicana moderna (EISEMBERG, 2003: 23).

Ao estudar os intelectuais positivistas do século XIX, Jose Murilo de Carvalho (1990) encontra nessa analogia entre a pátria, a mãe e a mulher uma fonte de simbologias teológicas e filosóficas de raízes teóricas que o próprio Vargas e seus seguidores se inspiravam. Pela manutenção dessa interpretação de gênero, afixada pelas modernas raízes de um poder paternal, se fundaram imagéticas afetivas da Pátria como uma mãe acolhedora a nutrir os filhos obedientes em harmonia. Desse ideário englobante, homogeneizador e *massificador* da população, reforça-se a conotação benemerente do líder dadivoso e provedor desse lar cheio de carinho. Poderíamos acrescentar à colocação de Eisemberg que essas metáforas não apenas despem as virtudes cidadãs como também vestem as virtudes do líder. Amparadas nas hierarquizações de gênero, tais analogias constroem a demanda por um chefe paternal, mais que isso, lhe conferem personalidade, dotando-o até mesmo da autoridade científica do psicólogo que escuta e compreende os irracionais anseios populares, para assim celebrar as bodas amorosas com a pátria feminina, gerando a *patria potestas*<sup>112</sup> do infante povo brasileiro:

Um povo é tanto mais disciplinado, próspero e feliz quanto maior for a sua identificação com o seu chefe. Um chefe é – ou pelo menos deve ser sempre – uma figura de eleição e que, por isso mesmo, resume as qualidades que os seus chefiados desejam possuir. O chefe é como um “transfert” a quem os indivíduos fazem as suas confidências. Desabafam-se com ele. Pedem indulgência para os seus atos que a consciência um dia reprovou. Dele esperam proteção, como a criança que se sente amparada sob o domínio do pai. (SILVA, SD: 14-15).

Se nos valermos da interpretação de Eisemberg, podemos aferir que esse ideário está vinculado ao pensamento de gênero, que estrutura a tríade metafórica de uma Pátria simbolizada ela mulher- mãe, o líder comparado ao pai e a massa unificada pela imagem de uma criança frágil, desprotegida e dependente dos cuidados parentais.

Desse jogo conceitual que cruza psicologia, gênero e política podemos compreender a noção de *paternalismo* não apenas como uma *ideologia* ou uma ferramenta de controle social, mas também, e justamente, enquanto *metáfora*. Ora, os estudos literários já demonstraram que estruturas linguísticas não são apenas abrilhantamento retórico, mas antes disso, têm funções pragmáticas e políticas bastante evidentes e positivas, tal como discutimos no capítulo introdutório. O papel que a metáfora exerce nesse contexto de transposição da família com o

---

<sup>112</sup> Oriunda dos irrestritos poderes de vida e de morte do *pater familias* romano “La patria potestad consiste en la regulación jurídica que se hace de los deberes y derechos que se reconocen a os padres en la legislación civil y/o familiar sobre los hijos y sus bienes. Implica el reconocimiento de los mismos con el fin de proveer a la protección y desarrollo integral de los hijos menores” (CONTRERAS; MONTSERRAT, 2010: 151).

Estado é análogo àquele exercido na modernidade pela cosmologia cristã de intelectuais como Robert Filmer (1680) e La Mothe Le Vayer (1653), que postulavam o encadeamento da *autoridade* proveniente de Deus, legitimando o poder soberano e absoluto do Rei e do Pai de família como governante familiar (1680). Esse mecanismo discursivo que sustenta a *autoridade* paterna pela emanção da autoridade divina tinha como objetivo garantir o bom governo masculino em todas as esferas de poder. Nessa continuidade entre a autoridade masculina divina, monárquica e familiar estabelecida pela analogia do *pai de família*, o *pai da pátria* e o *Deus-pai*, uma sobreposição de poderes públicos e privados se fez possível. Por um dispositivo discursivo muito análogo, Vargas foi frequentemente comparado à imagem paterna, o *pai dos pobres*, no mesmo processo em que recebeu as atribuições sagradas e redentoras de Jesus Cristo:

Empenhamo-nos em fazer um apressado estudo comparativo do grande engenho do Divino Mestre, bastante bem humano, com o humano engenho de Getúlio Vargas, o homem e o estadista do nosso tempo, predestinado por Deus para, na terra de Santa Cruz, prosseguir nos mesmos cometimentos do divino Rabí. Viera Jesus em socorro dos humildes e necessitados, dos faltos de justiça e sedentos de amor, e aos quais prometera que deles seria o reino dos céus. Getúlio Vargas, abeirando-se mais e mais das coisas terrenas, sem desprezar as do céu, procura, quanto possível, mitigar as aflições, fazendo chegar à choupana do pobre a sua justiça. Toda dosada na medida reta do são Cristianismo (VIEIRA, 1951) [1942].

Essa continuidade entre os *engenhos* terrestres e celestes articulam metaforicamente as imagens masculinas de Jesus à de Vargas, justificando os encadeamentos de obediência e dependência em que os subalternos lhes estão vinculados. Não se trata, pois, de exigir reverência e obediência por meio da força coercitiva e tirânica, pelo contrário, objetiva-se produzir efeitos para que a obediência seja reconhecida e até mesmo desejada intimamente pelos subalternos, legitimando, assim, a autoridade do líder que incumbe-se da missão de amparar os necessitados, da mesma maneira que um pai nutre o filho sedento de amor. Nesse cruzamento triádico entre as máscaras simbologias do pai, Cristo e o líder, o *paternalismo* alinha com muita proximidade os âmbitos político e afetivo:

A força dessa metáfora [paternalista] reside, em última instância, na essência do que ela funde. Trata-se de uma fusão do cuidado e do poder, ou, mais exatamente, ainda que isso seja mais embaraçoso, do amor e do poder. Uma das definições de autoridade é, precisamente, a de alguém que usa sua força para cuidar dos outros. (SENNETT, 2012: 114).

O uso da metáfora paterna por muitos dos intelectuais estadonovistas tem como objetivo a fusão entre amor e poder que se basearia na compatibilidade entre a força e o

cuidado exercidos por Vargas, sustentado por uma estrutura de autoridade que arquiteta o desejo espontâneo e afetivo de obediência das massas. Por essa via afetiva, todo conflito apátrida é considerado parricida, interpretado por meio do *Complexo de Édipo Social*, que trata do ódio ao chefe pela ambivalência da paixão ao mesmo:

Amamos e as vezes repudiamos, constituindo assim aquilo que se chama ambivalência de sentimentos e que pode chegar até à agressividade. Daí se explica, muitas vezes, o desejo de criticar, de agredir o chefe, ou ainda de destrona-lo e tomar o seu lugar. Um chefe pode ser então temido, ou repudiado, para daí a pouco ser respeitado, amado e até mesmo adorado. A alma coletiva traz também, na sua estrutura o seu “Complexo de Édipo”. A criança, antes de se identificar com o pai, estabelece com ele um conflito psíquico. Só mais tarde se reconcilia, amando-o e dele esperando proteção. (SILVA, SD: 15-16)

Dessa analogia entre as massas e as crianças, que apenas atingiriam a maioridade pela passagem bem sucedida ao *Complexo de Édipo*, se explicam, interpretam e afirmam os problemas daquela sociedade, compreendidos pela desagregação e desrespeito à *autoridade* paterna, seja do pai de família ou da nação. Nesse sentido, esse mecanismo da ambivalência não permitiria fugas à fantasmática imagem paterna, já que quanto mais se nega e se luta contra ele, mais se reafirma o amor ao mesmo, pois no jargão psicanalítico amor e ódio apenas seriam duas faces da mesma moeda, que manteria o mesmo vínculo afetivo de união entre os envolvidos. Comentando sobre essa interpretação social da psicanálise Eugène Enriquez afirma que para a psicanálise, a negação do pai primordial seria “uma busca sem fim, pois eles [os filhos] não chegarão a ser reconhecidos como tais tendo assassinado o pai.” (2007: 18), ao negarem o pai, os homens passariam pela maldição de um eterno retorno ao prototípico pai primordial de forma que quanto mais negam suas reminiscências incorporadas pelas figuras de liderança, mais estariam reforçando os laços travados com os mesmos. Segundo Silva, a resolução para esse angustiante círculo vicioso deveria ser aberta não pelo esquecimento desse vínculo, mas pela aceitação do mesmo, manifesta pelo amor à figura paterna de liderança. É nesse intuito que Vargas é nomeado verdadeiro chefe psicanalítico:

Surge aí a censura íntima [...] o próprio *super-ego*, simbolizado na figura do chefe. Tudo portanto depende dele. Quando ama e é amado, o *clan*, o grupo, ou o povo progride e conquista a própria felicidade. É que o chefe estabelece e mantém, entre os seus, aquela corrente afetiva, coesa e indispensável: - *o amor*! Nenhum outro homem, no Brasil, compreendeu melhor essa psicologia, que o Presidente Getúlio Vargas. O que ele tem feito é só amar o Brasil, intensificando, cada vez mais, e mais, os laços afetivos do seu povo. Mas, amar não é só *conceder*. Não é apenas *transigir*. Um bom chefe de família não é aquele que, por bondade excessiva, deixa a vida, no lar, correr ao léu. Ao contrário, é aquele que sabe construir, convencendo, advertindo com uma inteligência, persuadindo com sabedoria, orientando com



bondade. E para o senhor Getúlio Vargas a bondade não é a piedade do coração. É a caridade da inteligência (SD: 19-20) [grifos do autor].

Desse encadeamento quase aleatório dos conceitos oriundos da clínica psicanalítica e transpostos ao campo social, delimita-se a mesma personalidade de Vargas traçada pelas demais biografias, a saber: um chefe bondoso, porém enérgico, análogo ao *super-ego* a operar na instância da lei, que impõe limites morais ao organismo social. Nessa leitura, Vargas como pai de família e chefe do lar, saberia valer-se da *autoridade* para colocar ordem e disciplina na casa/país, seja pelo convencimento, seja pela advertência, pelo aconselhamento persuasivo, pela bondade caridosa e inteligente, que ampara, protege e educa o infante povo necessitado. Por tais pressupostos, Silva desenvolve uma narrativa que buscava justificar a autoridade de Vargas como a transfiguração do cenário político e afetivo nacional:

O Brasil era como que uma família, cujo chefe houvesse se ausentado durante largo tempo. Voltando, um dia, teria então encontrado tudo mudado. A família desorientada, os filhos crescidos, indisciplinados. Fora preciso reeduca-los [...] Cada membro da família queria ser maior que o outro. Queria dominar, mandar, subjugar, imperar. Mas, eis que chega, de súbito, o chefe. Qualquer coisa de estranho se passa, então. A sua presença é uma transfiguração. Ele convence a todos de que estão errados, alguns julgando estarem certos. Sonda-lhes a alma. O inconsciente está entulhado de complexos. Já não se amam uns aos outros. Cada qual procura satisfazer o seu próprio narcisismo. É o egoísmo de cada um que impera. É o amor a si mesmo. A pátria, a mãe comum, envelhecida precocemente. Ninguém já se lembrava dela [...] Mas para conseguir a tranquilidade, a paz, a harmonia, é necessário que todos o obedeçam. Que trabalhem, não para eles, exclusivamente, mas para os outros, em particular. Seria preciso dar, em vez de receber. (SD: 21-22).

O aparecimento do chefe é, por si só, acontecimento revolucionário, já que soluciona os *complexos* das massas pela *autoridade* afetiva, apaziguadora e disciplinar, digna de um pai de família. Mais que isso, a ideia de *autoridade* é duplamente reforçada no momento em que se comenta sobre a *sondagem* que o chefe faz da alma familiar, passando subitamente de pai a psicólogo, que racionalmente reestabelece o culto à pátria-mãe esquecida pela desunião entre os filhos. Tais filhos em desunião podem ser metaforicamente interpretados tanto como as (des)organizações políticas (comunistas, anarquistas e integralistas), quanto os estados republicanos beligerantes nostálgicos à política oligárquica do *café com leite*, já que todos esses transcursores ideológicos haveriam de desaguar em agrupações coletivas desagregadoras e nocivas à tão almejada união nacional de um Estado Novo.

Não bastasse essa redundância de autoridades paternas e psicológicas, Silva também insere o ditado cristão: *amai-vos uns aos outros*, trazendo à baila o reforço dessa ordem

amorosa coletiva pregada pelo *líder da massa artificial católica*. Dessa dramática e melodiosa mitologia do retorno do pai, narra-se uma epopeia heroica de transmutação de país sem rumo para uma nação guiada pelo líder que seria capaz de mudar a precária situação social e sentimental das massas trabalhadoras. Como conclusão, resta uma moral a ser seguida, que prega o grande mantra estadonovista da *obediência* ao chefe-pai e do *trabalho* à pátria-mãe, atitude espontânea que levaria o povo à tranquilidade, à paz e à harmonia no seio do lar nacional.

No desenrolar desse capítulo pudemos estudar os elementos discursivos e simbólicos pelos quais a personalidade de Vargas foi definida não apenas como homem superior por meio do racional exercício do mando, mas também como portador de uma afetiva *autoridade* comparada à do compreensivo e auscultador psicólogo. Essa definição estava em harmonia com as antigas *artes de governar* já que fundamentavam uma ideia de autoridade que embasaria a liderança de Vargas pelas vias de um poder não apenas hierárquico, mas também acolhedor e dialógico, em que o líder agiria, escutaria e compreenderia os anseios dos liderados.

Pelos traços de bondade, carinho e compaixão dever-se-ia reconhecer nele o legítimo homem a conduzi-los. Essa encadeação de poderes masculinos de um presidente comparado a um pai, um psicólogo, ou até mesmo a Cristo foi propiciado pelos saberes-poderes *psi*, especialmente os psicanalíticos, que legaram a Vargas as insígnias de uma racionalidade bondosa, de uma força justa e de uma autoridade afetiva que lhe atribuíam à alcunha metafórica de *Pai dos Pobres*, tal como profundamente trabalhado por Gastão Pereira da Silva (S.D.). Dessa forma, a condução de condutas ensejada pelo regime estadonovista seria ideologicamente marcada pela sombra afetiva tutelar e *inconsciente* gerada pelo presidente *paternal* a demandar o apoio íntimo, filial e libidinal da massa, que não haveria de frustrar a carga sentimental a/por ele dispensada. Por vias contextuais bastante distintas, mas pela mesma estrutura de *autoridade*, podemos compreender a teorização sobre a autoridade em Perón.

## CAPÍTULO 6 - A AUTORIDADE DE JUAN DOMINGO PERÓN

Compreendidos alguns dos fundamentos da discussão sobre a autoridade em Vargas, pretendemos nesse capítulo estudar as lógicas que embasavam essa discussão no contexto dos primeiros mandatos de Perón. Com esse intuito, estudaremos as valiosas concepções de *comando* e *condução* traçados em sua biografia para assim aproximarmos das ideias defendidas pelo próprio líder quando escreveu seu *Manual de Conducción Política* (1952) e fundamentou por si próprio as bases do exercício do mando e da obediência que regulariam os vínculos travados entre o líder e as massas argentinas.

Assim pudemos interpretar as formas com que ambos os polos se relacionavam, além de encontrar os argumentos de gênero que sustentavam a própria liderança de Perón enquanto comandante das massas femininas que sob sua batuta se masculinizariam e alcançariam maioria e dignidade social. Nesse contexto se instaura uma discussão sobre a autoridade de Perón baseada em seus traços de bondade, carinho e dádiva dispendidos ao povo argentino que o amaria justamente enquanto pai de família. Dessas continuidades de governos (de condutas) passíveis de serem transpostas entre as esferas pública e privada, tal como pregavam as *artes de gobernar*, também foram empregadas as metáforas que comparavam Perón com o psicólogo, o pai de família e o general, lançando uma autoridade de corte masculino que permearia todos os âmbitos de poder.

### 1) Comando, condução e liderança

Pela transposição do meio castrense ao civil, a exemplaridade física e psicológica de Perón não repercutiria apenas em seu domínio sobre si e sobre os soldados, mas também sobre a população civil. Por essa via, Pavón Pereyra sintoniza com a discursividade peronista ao defender o caráter imutável da personalidade que influenciaria nas duas esferas de atuação do general e presidente Perón:

Resulta una labor harto difícil disociar las dos vertientes que informan la polifacética personalidad de Perón y que inciden, por igual, en la configuración de su fisonomía humana: La civil y la castrense. (PAVÓN PEREYRA, 1950: 129)

El espíritu civil que predomina en Perón posee facetas excepcionales. Enfocamos sucesivamente al estadista, al tribuno, al gobernante popular, el hombre público, en una palabra, después de observar al personaje hasta en sus mínimas actitudes. Nos atreveríamos a calificarlo como el más civil de los militares y, por contraste, el más militar de los civiles. En la definida personalidad de nuestro Presidente, es poco menos que desconocida e inédita su íntima naturaleza anímica en la que resuena, a

través de voces pluriformes, un eco sostenido, perenne, una nota de ancestral universalidad. (1950: 67-68)

por aparecer aliadas, las dos vertientes que conforman su personalidad, esta labor de análisis tornase aún más dificultosa. Ambas corrientes, lo civil y lo castrense, se presentan simultáneas y con gran vigor en su mente. (1950: 134)

Por tais vias, a personalidade de Perón operou entre uma liderança que o acompanhou quando saiu da esfera castrense para adentrar na civil. Nesse mesmo movimento carregou os próprios saberes psicológicos e valorações de gênero constituídos nas práticas militares. Em suma, pela transposição do corpo do general ao do presidente também foram carregadas as teorias psicossociológicas e as metáforas de gênero que permitiram com que se firmassem os pressupostos para uma teoria da liderança, do comando e do governo das condutas e do povo. Nessa perspectiva, a personalidade de Perón foi definida como:

el alma de la compañía y el único que se ha sabido cumplir las instrucciones de sus superiores. Vive para su compañía. Es sincero y leal [...] Es un oficial de condiciones sobresalientes como conductor. Es superior y verdadero maestro de su tropa, bajo los tres puntos de vista: físico, moral e intelectual. La influencia que ejercía sobre los aspirantes llevaba igualmente el sello inconfundible de su personalidad (PAVÓN PEREYRA, 1952: 81).

Segundo a lógica dos *saberes psi*, ao possuir distintas qualidades de personalidade (físicas, morais e intelectuais), Perón seria exemplar mandatário e *sobressaliente conductor*. Com relação a isso, Pavón Pereyra comenta sobre as teorias do general francês “Andre Gavet, que aún se lee en las filas de nuestro Ejército, y que ha contribuido como pocos libros a delinear la personalidad moral de muchas generaciones de soldados” (1952: 97) tal como a do próprio presidente. Em suma, aproveitando das transposições autorizadas pelas *artes de gobernar*, a personalidade de Perón permitiria com que as teorias psicológicas do comando, tais como fundamentadas no exército, fossem reaproveitadas em seu exercício como líder da nação, de forma que estariam alinhadas as duas técnicas de mando, compreendidas enquanto *conduções*. Nesse sentido, Pavón Pereyra atesta a consolidação da personalidade de Perón em relação direta ao seu manual *Moral Militar* (1925):

pónese en evidencia aquí una cabal unidad interpretativa, a través de la que no resulta excesivo adivinar una personalidad ya definitivamente elaborada. Recomendamos, en abono de esa aseveración, la lectura del Capítulo “E” [del manual *Moral Militar*] donde se desarrollan opiniones atinentes a la educación estratégica y los referentes a la preparación al Comando, que contiene una profunda y actual significación (PAVÓN PEREYRA, 1950: 79).

Dessa forma, é demarcada a *profunda e atual significação* do conjunto de regras sobre o comando militar lançadas por Perón na década de 1920 que, como vimos, conceituavam a *moral* como a mais alta expressão da masculinidade: “La educación moral exalta las condiciones del hombre, estimula la virilidad, forma un espíritu superior y respetable, y adorna al cuerpo y a la inteligencia con las más hermosas conquistas: las virtudes”. (PERÓN, 1925: 10). Tais virtudes varonis derivam uma concepção de *condução* que é ampliada na política nacional, tal como descrito pelo aprendizado do biógrafo frente às escrituras do líder:

a través de sus páginas [de Perón] pudo observar las acciones de los Grandes Capitanes, empaparse y compenetrarse de la ley de los conductores [militares], que después aplicaría al campo político. En su premisa de hacer el bien sin egoísmos se adivina la envergadura de aquellos grandes conductores capaces de hacerse adorar por la masa (PAVÓN PEREYRA, 1952: 112).

É por essa continuidade entre um mando militar e político que o biógrafo cita o presidente quando, modestamente, afirmava que: “No entiendo mucho de política pero entiendo bastante de comandos” (PERÓN Apud PAVÓN PEREYRA, 1952: 226). Dessa forma, a liderança de Perón se daria justamente por ser grande comandante militar que equipara suas técnicas à condução das massas: ““Ese ha sido mi oficio durante toda la vida: dirigir hombres. Yo daré las directivas generales y movilizaré a la ciudadanía que está aguardando la voz de un conductor para hacerse presente”” (PERÓN Apud PAVÓN PEREYRA, 1952: 227). Segundo o biógrafo, essa sabedoria e conhecimento acerca dos comandos e das maneiras mais efetivas de se fazer obedecido foram aprendidos por Perón nas instituições de elite militar, tais como a *Escuela de Suboficiales*, que

agrupaba la flor y nata de la oficialidad de todas las armas; [...] hombres que hacían escuela de honor y que tenían el altruismo como virtud esencial. Entre aquella pléyade de varones daba Perón su nota de excepción y a fe que debía tener calidades lo suficientemente nítidas como para poder distinguirse entre sus iguales. [...] Arrastraba, seducía a los suyos, con su entusiasmo contagioso, donde la voluntad parecía responderle hasta límites inconcebibles. ‘La voluntad es el único motor ante la cual hasta las enfermedades confiesan su impotencia’, remarcaba a menudo. ‘Quiero hombres de voluntad decidida y no autómatas’ (1952, 83).

Nesse espaço competitivo, aglutinador da nata do oficialato argentino, Perón haveria de demonstrar que suas qualidades o fariam superior a qualquer outro mandatário. São justamente tais qualidades de liderança que seduziam aos demais, pelo entusiasmo contagiante e sugestionador, por meio de uma *vontade* ilimitada que seria demandada também de seus parceiros e subordinados. Tais qualidades que Perón desenvolve na academia militar

fizeram dele o maior conhecedor das *artes de governar* e de conduzir aos demais, definindo-se o conceito de *comando* a partir das próprias palavras do líder:

Que entiendo yo por conductor [...] Conductor proviene del latín “conductor”, y el término sustantivo viene a significar “el que guía, el que dirige”; otros, en cambio, lo hacen derivar de “conducta” del latín (“conducta”, conducida, guiada) en su acepción de gobierno, mando dirección. (PERÓN Apud PAVÓN PEREYRA, 1950: 169)

Note-se a etimologia atribuída à Perón o conceito de *condução* é compreendido enquanto direção da conduta dos outros, em articulação direta com as ideias de *governo* e *mando*. Essa é a mesma formulação já usada por Le Bon e demais psicólogos sociais da virada do século XIX para o XX, especialmente quando afirmavam que a missão do líder haveria de ser conduzir as condutas individuais para assim alcançar o pastoreio das massas em sua (in)consciência. Tal discursividade também está presente no discurso peronista: “‘El conocimiento del espíritu humano es el que manda’... ‘El mando se ejecuta sobre el espíritu del hombre; ese es el efectivo, el verdadero mando’” (PERÓN, Apud PAVÓN PEREYRA, 1950: 82)”. Essa concepção de *comando* é atrelada à ideia de *governo* enquanto atualização das antigas *artes de governar* condutas instrumentalizadas pelos modernos *saberes psi*. Tal influência é afirmada pelo próprio Perón e replicada por seu biógrafo:

Se habrán podido escribir grandes obras sobre gobierno, pero sus autores fueron teóricos de gabinete. Quien escribió “La psicología de las multitudes”, Le Bon, fue indudablemente un gran psicólogo, pero no fue un conductor de masas. Para ser Conductor no es suficiente comprender; ni la reflexión ni el raciocinio permiten conducir las masas; Las masas se conducen con intuición. [...] El caudillo triunfa en el mando o en el llano, porque su reino no es de la materia sino del espíritu. “gobierno más que el rey - decía un célebre caudillo francés - porque mando sobre las almas” (PERÓN Apud, PAVÓN PEREYRA, 1950: 174)

Nessa célebre passagem – citada na biografia de 1950, repetida na de 1952 e ecoada nos demais tratados que estudaram a personalidade do líder (GARCÍA, 1948) – Perón demonstra conhecimento da obra de Le Bon em sua teorização, embora o critique por falta de conhecimento prático. Pela ideia de governar as massas com intuição, o comando é posto não como um elemento racional, mas antes sentimental, justamente porque as massas são qualificadas como irracionais e irreflexivas. Para que tal comando fosse efetivo, seria necessário o domínio das almas, das crenças, do espírito, isso lhe faria governar mais que o rei, tal como afirmara o *célebre caudillo francés* Napoleão Bonaparte.

Ao contrário de Vargas ou de qualquer outro de seus colegas classificados como *populistas*, Perón discorre e teoriza sobre a própria liderança, comando e governo. Não é por

acaso que nas suas biografias muitas citações de Perón são centrais para a fundamentação política, já que tais assertivas servem tanto para a consolidação de sua personalidade enquanto líder quanto para reafirmar a ciência da liderança que sustenta todo o esquema conceitual em questão. Por todas as vias, Perón foi comandante e intelectual a pesquisar, ele próprio, sobre o comando, a liderança e o governo, aplicando tais conhecimentos na prática de seu próprio governo sobre “as almas”.

## 2) Conducción Política: Artes de comandar as massas

Para compreendermos mais aprofundadamente as intencionalidades que estão em jogo nessas biografias, devemos analisar a teoria da *conducción política* tal como formalizada e difundida pelo próprio Perón, que pretendia definir as rotas estratégicas da *doutrina peronista* por ele formulada. Nesse sentido, os ideais hierárquicos de gênero, as teorias psicológicas sobre a sociedade, as biografias e as formulações peronistas sobre a condução eram dialógicas e intertextuais, trocando informações que compunham uma completa teoria sobre o comando das multidões argentinas, verdadeira arte de governo e estratégia de Estado a ser aplicada na experiência política nacional das décadas de 1940 e 1950.

Existem algumas obras da autoria de Perón que são consideradas elementares na definição de uma noção de *liderança peronista*, compreendendo o termo *liderança* como uma relação não apenas impositiva, mas antes afetiva, ética e política travada no entremeio da condução do líder e da obediência dos governados. Uma das principais obras a esse respeito é *Conducción Política*<sup>113</sup>(1951), na qual o reeleito presidente e general Perón apresenta uma compilação dos principais preceitos e metodologias destinados ao manejo coletivo. A relevância política desse escrito não pode ser menosprezada, tendo em vista ter sido um livro bastante editado, publicado, propagandeado e distribuído pelo já consolidado regime. A preocupação em promover a leitura, compreensão e interesse pelos conceitos de *conducción* e *liderança* a partir das canônicas palavras do líder pode ser constatada na revista *Mundo Peronista* – um dos principais meios de propaganda impressa do governo – que referiu-se à *Conducción Política* da seguinte forma:

<sup>113</sup> No ano de 1952 a obra foi reeditada e publicada em formato de livro pela gráfica da revista *Mundo Peronista*. A composição se deu pela transcrição de seis aulas por ele ministradas à *Escuela Superior Peronista*, que é apresentada na epígrafe da reedição do referido livro da seguinte forma: “La Escuela Superior Peronista fue inaugurada el 1º de marzo de 1951 y, en la calle San Martín 655, se impartían fundamentalmente conocimientos sobre tres temas: el Movimiento Peronista, su historia, su sistema de organización y sus realizaciones; el Justicialismo como doctrina política, económica y social y, por último, como eje central de todas las clases, las normas de Conducción y Ética (PERÓN, 2006: 06).

Todo Perón está presente en este libro, que será “su Libro”, por antonomasia. Quintaesencia de su pensamiento capital, libro orgánico, el espíritu que informa las páginas de “Conducción Política” podría ser seguido hasta por el entendimiento de un niño. [...] Aunque Perón adoctrina permanentemente con hechos, muy pocas veces se ha detenido a explicar su doctrina en forma integral y orgánica. Esta es una de esas pocas veces. Sin la coyuntura ofrecida por la Escuela Superior Peronista difícilmente hubiéramos escuchado su verbo tan depurado de concesiones o con tan pocas digresiones a todo lo que no sea pura y decantada filosofía de la acción. Un índice temático orienta y guía la lectura de esta verdadera “Biblia del Peronismo” (MUNDO PERONISTA, 1952: 43).

É verdade que *Conducción Política* é uma das mais claras formulações doutrinárias e teóricas lançadas por Perón, e essa *bíblia* apresenta não apenas as formulações ético-morais do comando e da liderança pronunciada pelo *verbo* quase sagrado do líder. Muitas enunciações fazem coro ao processo de transmutação de valores castrenses às esferas civis, já que expressa uma completa metodologia de governo de indivíduos e multidões a partir das ideias de *condução* e *organização*. É no sentido de resgatar suas formulações previamente dispostas nas teorizações militares que Perón comenta sobre seu próprio escrito juvenil *Moral Militar* (1925):

Hay varios trabajos míos sobre el conductor y un librito mío que habla muchos sobre la conducción. Es de carácter militar, pero es aplicable a la política. Las condiciones del conductor en la política son más o menos las mismas que se requieren para la técnica de la conducción [militar] (PERÓN, 1951: 130).

Dada essa conexão intrínseca entre as categorias e técnicas de condução de condutas em escala ampla, Perón reatualiza sua discussão moral-militar para aplicá-la no campo político civil, definindo a peça fundamental que rege a ordem e a própria condução de todos esses elementos aparentemente dispersos: o *líder* enquanto *conductor* de massas. Segundo a pragmática peroniana, esse *homem* ocupa o posto fundamental na escala hierárquica de poderes porque fundamenta e unifica todo o exercício de condução, inspirando autoridade a partir da *obediência*, *lealdade* e *disciplina*. Nesse sentido a (auto)imagem do *conductor* é talhada por Perón com bastante vagar e detalhamento.

Com o claro objetivo de conceituar e demandar uma imagem de líder ideal, fundado em sua própria imagem, Perón se inspira nas definições psicológicas sobre a *vontade* como força motriz da liderança: “el conductor, o el presidente, no se somete a voluntad alguna [...] hace primar su voluntad” (1951: 26). Por meio dessa determinação quase absolutista, o *conductor* é definido como aquele que arregimenta aos demais, lhes dá sentido e orientação àqueles que carecem de qualidades de personalidade tais como a vontade: “Esa acción directa



e indirecta del conductor, su ejemplo, sus virtudes, sus defectos, sus métodos, sus sistemas, trascienden todos hasta el último escalón de la masa. De tal palo tal astilla. Como él sea, será la masa” (PERÓN, 1951: 116). Segundo essa formulação, a imagem transcendental do condutor não apenas fornece a direção, mas também as próprias características individuais às massas, que reconhecem como sua a vontade do líder, da mesma forma que suas virtudes e seus defeitos, ou seja, assumem a própria *personalidade* dele. É por isso que Perón concebe uma ressonância e um pareamento a partir das qualidades ou traços que são transpostos do condutor às massas:

El pueblo no valle por su organización, ni por el número de los hombres que están organizados. Vale por los dirigentes que tiene a su frente, porque la acción no está impulsada jamás ni por la masa ni por el pueblo, sino por los dirigentes que son los que conducen. La masa va donde indican sus dirigentes y si no se desborda, y ¡Dios me libre! De la calidad y de las cualidades que poseen los conductores, dependen, en su mayor grado, la calidad y la cualidad de la propia masa (1951: 86-87)<sup>114</sup>.

Dessa formulação, que poderia confundir-se com qualquer dos trechos da *Psicologia das Multidões* (2005), Perón novamente espelha as qualidades do condutor às massas. Nesse sentido é acertada a colocação de Paulo Renato da Silva quando afirma que “Essa idéia, respaldada na psicologia social, considera que os indivíduos nas massas perdem a sua individualidade e o seu senso crítico, pois ficariam vulneráveis às opiniões da maioria e de uma liderança. (2003: 130), em outros termos, a massa é despersonalizada em prol do líder que possui as virtudes suficientes para sua condução. São justamente essas qualidades (*calidades* e *cualidades*) de personalidade que operam como os fatores de liderança ou da arte do condutor:

Este [el conductor], constituyendo la parte vital del arte, es quien pone a servicio de esa actividad su propia personalidad, personalidad que reúne las condiciones de todo orden que se necesitan para una realización acabada de la obra que él quiere confeccionar mediante su trabajo, su actividad, su entusiasmo, su alma y su inteligencia (1951: 157).

Como já anunciado pelos *saberes psi*, a *personalidade* do condutor é justamente o amálgama de traços e distinções que esse líder possui e que o qualifica para ocupar tal posição de superioridade. Se a massa por carência dessas qualidades passa a assumir aquelas do líder, então o que o líder transpõe/impõe à massa é justamente sua *personalidade*. Desse contraste

---

<sup>114</sup> Perceba-se a nuance do idioma espanhol propositalmente utilizada por Perón quando associa as *calidades*, que refere-se aos traços ou particularidades de uma pessoa ou objeto e as *cualidades*, que possui uma conotação mais valorativa ou moral, de um objeto ou pessoa especificado positivamente como distinto ou portador de bom padrão.

quase psicanalítico entre o *possuir* e a *falta* se demarcam as *qualidades de líder*, que apenas um *homem* poderia condensar:

Vale decir que [el conductor] es un *hombre decidido a vencer*. Si no vence, debe saber *soportar virilmente* los golpes del destino. [...] Es necesario tener el carácter, *la energía y la tenacidad* para cumplir el deber de vencer. Esa es la escuela del conductor. No es tampoco *un hombre* que se confía a la fuerza ciega de la suerte. No; él hace su éxito, y lo hace con el carácter, con la energía y con la tenacidad. Por eso el conductor es, por sobre todas las demás cosas, *un luchador*. Por inteligente, sabio y bueno que sea, si no lucha para alcanzar lo que se propone, no llegará nunca a ser un conductor. Quiere decir que esta complicada *personalidad del conductor* presupone muchas cosas que son muy difíciles de cumplir (PERÓN, 1951: 146-147) [grifos nossos].

Se tomarmos em consideração as metáforas de gênero constitutivas da *psicologia das massas*, então podemos compreender que já nessa passagem lampejam as primeiras qualificações pelas quais o presidente desenha a personalidade do condutor (e de si mesmo como modelo) a partir de virtudes adjetivadas enquanto masculinas de *homem decidido, viril, enérgico, tenaz, lutador e, conseqüentemente, condutor*. Tais eram os requisitos *que seriam muito difíceis de serem cumpridos* por qualquer um, especialmente por uma mente não individualizada. Para reforçar esse caráter de gênero na argumentação peronista é importante perceber que tais qualidades de personalidade do condutor são tratadas como espelhos da massa, que como todo espelho, apresenta a mesma imagem com polaridades opostas:

Lejos de la pasión sectaria [de las masas]. El conductor debe ser un hombre frío, sin pasiones, y, si las tiene, ha de dominarlas y no dejarlas ver nunca. Esa es una cualidad muy peligrosa en la conducción (1951: 151).

É por isso que a (auto)imagem do líder é definida pela simbologia da racionalidade, do controle e precisão, em contraposição às paixões das massas a serem conduzidas: “Essa necessidade lembrada pelo peronismo de se apresentar perante as massas com determinação está relacionada com a ideia de que as massas seriam bastante suscetíveis aos sentimentos. Em outras palavras, as massas seriam mais emotivas do que racionais” (SILVA, 2003: 131) tal como as mulheres eram qualificadas no período. Esse haveria de ser o tendão de Aquiles pelas quais elas poderiam e deveriam ser comandadas, afinal seriam totalmente susceptíveis e sugestionáveis frente ao mando do *condutor* que controla a si mesmo e aos outros:

a los hombres se los domina solamente por el corazón. Lo importante es que en la conducción no basta decir todo esto; hay que hacerlo. Y es más difícil hacerlo que decirlo, porque uno debe dominar muchas veces los impulsos, y el impulsivo nunca fue ni será buen conductor. El buen conductor es siempre reflexivo y profundo (1951: 151).

A partir de uma dicotomia hierárquica entre a racionalidade e as paixões, Perón qualifica os traços do homem destinado a ser condutor, a saber, reflexivo, profundo, frio, desapaixonado, dominador do próprio coração, virtudes capazes de controlar os impulsos destrutivos das massas. Essa moderna dicotomia entre razão e sentimento – fundante das próprias diferenciações de gênero – é a mesma que sustenta a relação de liderança do condutor com a massa: “los valores intelectuales son los que conducen al conductor, y los valores morales son los que conducen a la masa (PERÓN, 1951: 154)”. Dessa forma, Perón questiona retoricamente: “¿Cuáles son esos valores morales? Son muchos. En primer término, yo creo que el conductor debe sentirse apoyado por una fuerza superior, vale decir que debe tener una fe en sí mismo y un optimismo muy grande” (1951: 145). Em suma, se o condutor é movido pelos próprios preceitos racionais, a massa é conduzida pela *fé* e pelo *otimismo* provenientes do condutor, que nada mais são que sentimentos de autoconfiança transmitidas àquelas agrupações carentes de vontade ou de personalidade. Nesse sentido, o condutor é concebido como um homem racional e ponderado, por isso mesmo ocupa tal posto de liderança, justo a qualquer homem virtuoso, enquanto a massa é basicamente sentimental e volátil, tal como uma mulher sedenta de comando. Embora que essa assertiva deva ser relativizada, especialmente em alguns dos contextos que estudaremos adiante, é necessário compreender o emprego dessas dicotomias pela discursividade peronista, pois são fundamentais para o entendimento de algumas das principais estruturas ou metáforas de gênero que fundamentavam as experiências políticas da época.

### 3) A autoridade e as massas femininas

Em uníssono às conceituações de liderança e obediência lançadas por Perón, seus biógrafos e analistas de personalidade ressaltaram as distintas capacidades intelectuais do líder na formação de suas qualidades masculinamente superiores, por isso a preocupação em relatar “su mejor dotación física en el esplendor de su vigor intelectual” (PAVÓN PEREYRA, 1952: 109) sublinhando seus “rasgos de equilibrio y de ponderación que, por la coherencia y continuidad con que fluyen de su carácter [...] sirven para realizar el análisis espectral de una personalidad” (1950: 40). Dessa forma, toda semiótica interpretativa das biografias se voltaram para a qualificação de Perón como *homem* possuidor de qualidades masculinas de liderança, tais como maturidade de pensamento, racionalidade e ponderação: “en la plenitud de sus resortes psíquicos su mente parecía no aguardar sino la oportunidad en la suma de sus espléndidos aptitudes” (1952: 111), “Es amante de la discusión, y domina en ella por la

superioridad de su espíritu, y por su fuerte aptitud para el dialogo donde priva la rapidez mental que es su característica relevante” (1952: 69). Tais qualidades psíquicas operavam por uma lógica levemente distinta dos corporais, se os elementos fisiológicos referiam-se à qualificação de Perón como um homem que encarnava o Estado, garantindo seu domínio institucional, os elementos intelectuais tratavam de sua capacidade racional de conduzir e liderar as massas. Em outros termos, dessa composição personológica entre o corpo e a mente de Perón poder-se-ia garantir a completude de sua liderança, definida e qualificada a partir da minuciosa análise cronológica de uma *vida preparada para o comando*.

Há algumas análises sobre a personalidade de Perón – anteriores e menos famosas que as de Pavón Pereyra – que são bastante enfáticas na definição psicológica das massas, tal como *Perón, arbitro del mundo*<sup>115</sup>, de Francisco Scilingo<sup>116</sup> que no ano de 1947, apenas um ano após a primeira eleição de Perón, publicou um tratado sobre a exemplaridade moral, católica e diretiva possuída por Perón, virtudes que o tornariam mais apto a atuar como pacificador não apenas dos problemas sociais argentinos, mas dos conflitos mundiais. A tônica internacionalista da obra demonstra o *bem intencionado* objetivo de Scilingo em “livrarnos del orgullo de argentinos para exportar Perón a todos los pueblos” (1947: 09), porém, para que o general fosse considerado líder de proporções mundiais seria necessário que comandasse as *massas argentinas* em seu estágio volátil e volúvel. Da mesma forma que as demais biografias de Perón, além de ser um tratado de personalidade, a obra de Scilingo transcende a esfera individual do homem estudado para utilizar uma interpretação *sui generis* da *psicologia das massas* enquanto ferramenta de atuação pragmática na própria esfera social e política. Esse processo é evidenciado justamente quando o autor busca demonstrar a complexidade dos feitos do líder ao comandar as *massas argentinas*, empregando a metáfora de gênero nos idênticos moldes da conceituação leboniana:

---

<sup>115</sup> A questão das massas nos escritos de Pavón Pereyra estava matizada pelo completo protagonismo do biografado, bem como pela demanda de uma adesão voluntária e simpática ao peronismo, ao invés de buscar sua dominação hipnótica tal como pregavam os psicólogos sociais. Isso é compreensível se levarmos em conta o contexto político dos anos 1950 em que o regime de Perón perdia cada vez mais o apoio institucional militar e católico, de maneira a apostar na mobilização popular e especialmente operária em defesa de seu governo (WALDMANN, 2008). Porém, é importante perceber que o livro de Scilingo (1947) foi um dos primeiros escritos a tratar sobre a personalidade de Perón, sendo bastante provável que o próprio Pavón Pereyra o tenha lido e nele se inspirado.

<sup>116</sup> Scilingo era um escritor de inspiração católica, nacionalista e de tintas pacifistas, bastante versado nos conhecimentos psicológicos de sua época e marcadamente (autodeclarado) justicialista e anticomunista. Além da obra aqui analisada também publicou no ano de 1950 um livro de menor teor partidário, embora que simpático às principais linhas éticas do peronismo, intitulado *El Crimen de la Paz Armada: Cuando los pueblos manden y los gobernantes obedezcan habrá paz en el mundo* (1950).

El pueblo argentino es como una dama voluble y caprichosa que se entrega al primer halago, pero cuando se siente herido en sus condiciones señoriales revela sus instintos. (SCILINGO, 1947: 45)

Hay en nuestro ser un volcán que a veces permanece tranquilo y otras veces llega al paroxismo. Una doble personalidad oculta, que es la del instinto que nos desvía de la propia razón. (1947: 45)

A metáfora da massa-mulher permite que se defina o *povo argentino* como uma *mulher volúvel, caprichosa e instintiva* que se entrega aos primeiros afetos ou bajulações, ao passo que explode como vulcão caso se sinta ferida ou ameaçada. Isso geraria uma *dupla personalidad* simbolizada pela falta de qualidades racionais, isto é, o *instinto* que desvia da razão em nome das paixões femininas.

Se considerarmos que tais construções de gênero foram empregadas nas argumentações teóricas e biográficas formuladas por/sobre Perón, então poderemos constatar que outros mecanismos de poder macropolítico podem ser articulados a partir dessas qualificações. Como já estudamos, para a sustentação de todo edifício teórico e empírico dos *saberes psi* que se ocupavam da sociedade, se fazia necessário o estabelecimento de padrões que definissem classificações hierárquicas a distinguir o líder individualizado das massas coletivas. Como constatamos, essa hierarquização foi fundada pelas metáforas que contrapunham um *homem* considerado racional, viril, portador de uma personalidade em oposição a uma massa tida como irracional, feminino e despossuída de qualidades individuais. É por tal motivo que a personalidade das massas é considerada não apenas por sua ausência, mas pela relação de submissão com relação ao líder que as comanda:

[Los] países donde los pueblos habían perdido su soberanía y cuyos gobernantes, con espíritu absorbente, les quitaron a las multitudes su personalidad convirtiéndolas en seres autómatas (SCILINGO, 1947: 31).

Los gobernantes, cuando no son la fiel expresión del pueblo, hacen víctima a las multitudes de su propio despotismo, porque ellos se erigen en personalidad política, por su audacia, por la mentira o la falsedad [...] los presidentes que se consagraron al margen del pueblo, fueron hombres mediocres (1947: 124).

[Antes de Perón] nuestros gobernantes habían rendido a su pueblo quitándole su propia personalidad (1947: 72).

Ao contrário da explicação leboniana de que as massas são naturalmente e ativamente irracionais e explosivas por sua falta de individualidade ponderada, para Scilingo é culpa da ação dos governantes que elas sejam desprovidas de personalidade, dado que os líderes imprimiriam suas personalidades no momento em que as conduzem ativamente. Pela lógica de Scilingo, a personalidade do líder repercutiria diretamente na modelação da massa

feminina, que não é culpada por seus atos volitivos já que quando os governantes se impunham de maneira totalitária, as desproviavam de sua personalidade. Quando não escutavam ou não representavam o povo, não passavam de *homens medíocres*<sup>117</sup>, incapazes de exercer a liderança. Por oposição se afere a liderança de Perón: “El pueblo está envilecido por sus propios gobernantes y surge un hombre que le devuelve su personalidad [...] así se rindió el pueblo argentino ante la bondad del actual Presidente” (SCILINGO, 1947: 93). A sustentação de Perón enquanto condutor de massas é fundamentada por sua qualidade de bondade, que rende emocionalmente o povo argentino. Por esse sentimento que a virilidade trazida por Perón é libertadora: “Surge de las filas de esse pueblo un gran patriota que arranca en forma violenta la venda que cubría a sus compatriotas, y los conduce como nación viril a la conquista de sus propias libertades” (1947: 77). Note-se que Perón não é pintado como aquele que faz a nação ver sua verdade mas, pelo contrário, arranca sua venda para que vejam com seus próprios olhos. Nessa lógica as capacidades intelectuais de racionalidade, bondade e ponderação possuídas pelo líder fariam com que a massa alcançasse sua liberdade enquanto *nação viril*. Mas a dicotomia libertação-aprisionamento é algo latente na narrativa de Scilingo, já que no momento em que a venda das massas *foi arrancada violentamente* pelo líder tornar-se-iam *aprisionadas por seu coração bondoso*. Nesse sentido, Scilingo transcreve um diálogo que pretensamente haveria tido com Perón para comprovar seus conhecimentos com relação ao domínio psicológico e afetivo do líder para com as massas femininas:

- Usted, presidente, sabrá que la rebeldía de los seres humanos obedece al origen incestuoso y de ahí dimana el instinto de perversidad congénita. El líder, con rapidez de un rayo, me contestó: a la fiera se trata bien y se la domestica y usted la conquista. [...] Me trasladé a la calle para confundirme con las masas y percibí sus emociones. Las vi encendidas y una reflexión surgió de inmediato: son prisioneras de un corazón noble (1947: 42).

Demonstrando certo trânsito nas discussões psicológicas, eugênicas e psicanalíticas da época, o biógrafo alude sobre o *incesto* como princípio de rebeldia dos homens/massas contra o *pai primordial* freudiano descrito em *Totem e Tabu* (FREUD, 2013). Para completar sua eclética leitura também citou o *instinto de perversidade congênita* a gosto dos intelectuais simpáticos ao lombrosianismo e à eugenia negativa, vulgarizados pelos saberes médicos e *psi* do período. A pretensa resposta de Perón aponta para o elemento de *domesticação e*

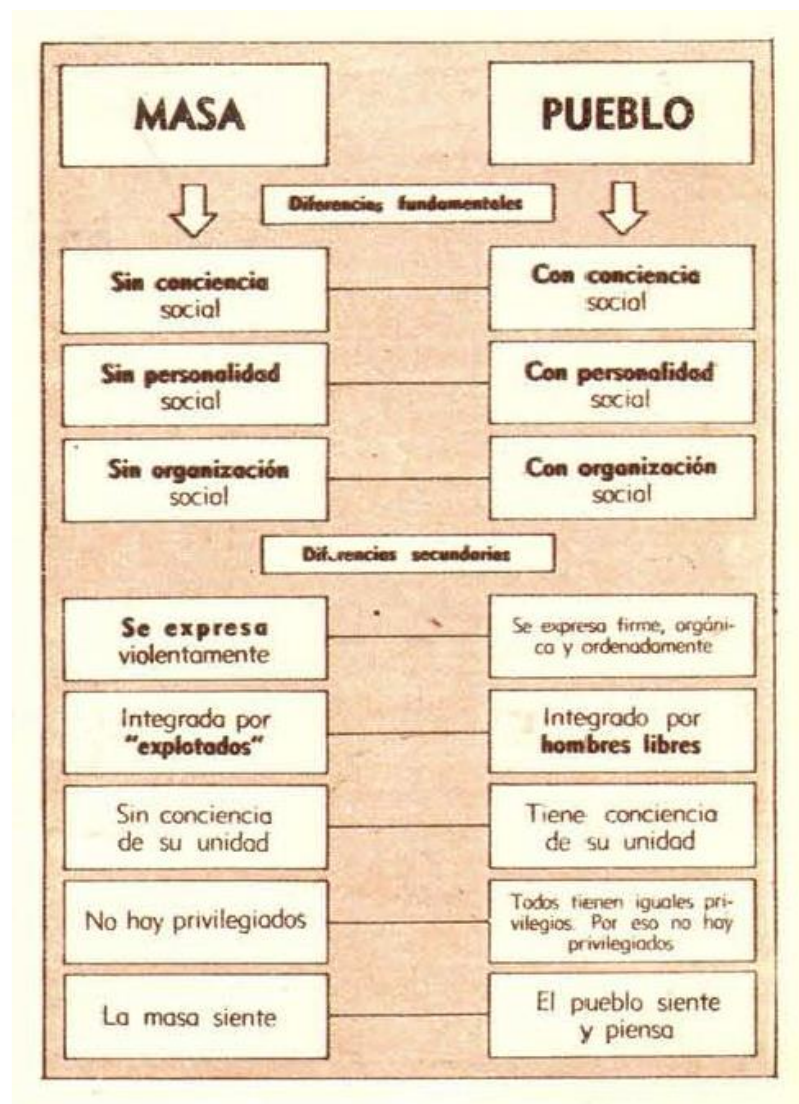
<sup>117</sup> Provável alusão ao livro do famoso médico, psiquiatra e psicólogo social positivista José Ingenieros que no ano de 1911 lançou seus *princípios de psicología* e dois anos depois publicou a obra que lhe consagraria *El hombre mediocre*. Como aluno direto de Ramos Mejía e um dos primeiros comentadores da psicologia das massas argentinas, Ingenieros ficou muito famoso por seus ensaios bem como por sua atuação institucional e política universitária, médica e anti-imperialista.

*conquista da fera* por meio da *bondade*, por isso as femininas e selvagens massas são interpretadas como *prisioneiras de seu coração nobre*. Dessa forma, a relação entre a personalidade masculina do líder e a emotividade latente dessa massa-mulher é qualificada enquanto *paixão* por sua personalidade:

el pueblo argentino no cesa un solo instante en hacer demostraciones de adhesión al Presidente porque quiere tener latente su personalidad. Las muchedumbres ordenan, disponen y orientan por la espontaneidad de sus principios, porque en ellos se encierra una pasión. (1947: 49)

Detrás de un gran caudillo seguía el pueblo, porque había despertado una pasión [...] Las masas siempre conservan la fe en el hombre que supo interpretarlas, [...] hombre que les diera personalidad. (1947: 59)

Toda relação entre o líder e o *povo* estaria marcada por essa *paixão* decorrente da *transferência* ou espelhamento de suas qualidades bondosas e masculinas de personalidade que conservam a fé em sua condução. Deve-se atentar que essa *paixão* não se dá apenas por uma relação líder-massa a partir de uma hierarquia de gênero, também o elemento paritário masculino-masculino é mobilizado pela retórica de Scilingo que, de certa maneira, é precursor das próprias tópicas peronistas no momento em que pensa na emancipação política e cidadã dos operários argentinos como um processo de valorização e virilização das multidões. É por tal dignificação trabalhista que as multidões argentinas, a partir de Perón, pretensamente transcenderiam as limitações de suas veleidades femininas para ascenderem a um patamar de autonomia masculina, transposição que fica explícita pela própria substituição do substantivo feminino *masa* pelo masculino *pueblo* operada pelo regime de Perón. A diferenciação valorativa entre as duas ideias pode ser claramente compreendida por meio do diagrama apresentado sob a assinatura do próprio presidente na revista Mundo Peronista:



(MUNDO PERONISTA, 1951: 47)

Nessa clássica estratégia discursiva peronista de comparar o *antes* e o *depois* de Perón, se ilustra a dignificante mudança na condição das multidões argentinas que abandonam o status de *massas* para tornarem-se *povo*, movimento que substituiria todas as carências femininas pelas virtudes de *homens livres*. Dessa forma, o povo, por mais que massificado, seria portador de personalidade e constituído pelas qualidades masculinas de consciência, organização, ordem, firmeza, unidade e pensamento, ainda que o sentimento não lhe seja negado, mas, antes, compatibilizado com a razão.

Dessa forma, a leitura que se pode lançar a esse diagrama é fundamentada pela perspectiva de gênero, nesse sentido de *generar o peronismo* (RAMACCIOTTI; VALOBRA,



2004)<sup>118</sup> Omar Acha qualifica as relações entre o líder com o povo argentino como *homoeróticas*, no sentido de que o amor viril travado entre Perón e os peronistas repercutiria na própria valoração positivada de sua auto-imagem e estima enquanto sujeitos políticos: “el peronismo operó una nacionalización de la clase obrera al identificarla como ‘pueblo’ viril frente a una ‘oligarquia’ femenina” (ACHA, 2013: 245). Desta forma, as dicotomias de gênero não serviam apenas para sublinhar a masculinidade de Perón frente às massas, mas também do povo frente aos oligarcas, comparados a homossexuais afeminados (BEN; ACHA, 2005). Ao pesquisar sobre as memórias geradas sobre o peronismo, Daniel James transcreve alguns relatos de trabalhadores da época que atestavam um sentimento de virilização proveniente daquele ambiente político: “[...] con Perón todo cambió. Voté por él. [Pregunta] Cómo cambió? [Respuesta] Bueno, con Perón todos éramos machos”<sup>119</sup> (JAMES, 2010: 45). A consequência dessa (auto)qualificação do peronismo enquanto movimento encabeçado por um líder masculino que legaria hombridade aos operários repercute no vínculo de *lealdade* que pressupunha certa *identificação* entre o líder e o recém emancipado povo:

El pueblo intuyo con fina sensibilidad, si acaso no comprendió de inmediato, que aquél estallido había dejado de ser simplemente militar político, para ser social y económico, cuando el entonces Coronel Perón empezó hablar en un lenguaje que era el suyo mismo. Con razón dice Sorel, que hay entre el pueblo y el Conductor una identidad tal que aquel sabe descubrirlo entre mil, en medio de los más confusos acontecimientos, y que existe entre ambos. Desde el momento que se encuentran y reconocen, una especie de tácito entendimiento que podría expresarse por un guiño (PAVÓN PEREYRA, 1950: 22)

Por mais que se afirmasse o reconhecimento tanto do *povo* com o líder quanto do líder com o povo, atestando maior isonomia e paridade na relação entre ambos, as contradições dessa valoração de gênero eram bastante complexas e muitas vezes ambíguas. Note-se que, a partir dessa passagem, *o povo* não compreende, nem mesmo percebe sua relação com Perón a partir dos mecanismos racionais de interpretação, pelo contrário, ele *intui com fina sensibilidad* os vínculos travados entre ambos, propiciando uma *identidade afetiva* ao reconhecê-lo por meio do irracional entendimento estabelecido com uma simples piscadela. Mesmo que nessa identificação o povo seja masculinizado, personalizado e dignificado, a estrutura da relação segue sendo hierárquica, dado que é mediada pela valorização dos *sentimentos* e da *passionalidade*, que pelos preceitos morais, políticos, sociais e científicos da época eram qualidades típicas da feminilidade.

<sup>118</sup> Título de livro organizado por Karina Ramacciotti e Adriana Valobra (2004) que versa sobre a articulação entre gênero e peronismo, o termo *generar* no espanhol abriga uma profícua a ambiguidade entre os gerúndios de *gerar* e *dar gênero*.

<sup>119</sup> Entrevista realizada com Ramiro González em novembro de 1976 In: (JAMES, 2010: 45)

A partir dos elementos afetivos não se suspendem as qualidades femininas atribuídas ao *povo* argentino, que mesmo sendo distinto das *massas*, não estava isento de ser considerado como *multidão*: “Las multitudes fueron las que interpretaron los verdaderos sentimientos del hombre tan combatido por la oligarquía” (SCILINGO, 1947: 43). Com capacidade racional para *interpretar sentimientos*, e não necessariamente razões, tais multidões são aproximadas às massas quando retratadas na manifestação histórica do famoso 17 de outubro de 1945 como selvagens, histéricas e carentes: “se desbordaron las multitudes como bramidos de fieras pidiendo la libertad del hombre que supo interpretarlas” (SCILINGO, 1947: 41). Também Pavón Pereyra as qualifica dessa maneira quando comenta sobre aquela data: “Perón estaba dispuesto a acudir al llamado estentóreo de las multitudes convocadas en la Plaza de la Victoria” (PAVÓN PEREYRA, 1950: 127). Ou seja, por mais que não haja uma consciente delimitação dos conceitos de povo, massa e multidão, podemos perceber que o último sustenta certos trânsitos estratégicos entre o primeiro, masculino e o segundo, feminino.

É importante compreender algumas nuances dessa discursividade que esclarecem uma condição muito específica da enunciação peronista da época. Por mais que as multidões fossem definidas como irracionais e femininas, havia uma troca de protagonismos nessas sentenças em que o próprio objeto de análise das biografias transitava entre o líder e as multidões: se anteriormente Perón era colocado na voz ativa, na construção de sua personalidade, nas sentenças que tratam sobre as multidões *elas* é que são colocadas como agentes, desejantes e demandantes dessa relação com o condutor. Isso não significa que se apaguem as hierarquias que demarcavam a superioridade do condutor, porém, outro tipo de relação estava implicada nessas asseverações. Ao tratar das *multidões argentinas* os biógrafos e analistas da personalidade estão tratando direta e indiretamente da *liderança* e *autoridade* de Perón, compreendidas pela capacidade de inspirar obediência e voluntarismo frente aos subalternos.

É nesse sentido que, da mesma forma que o corpo de Perón era representado como o corpo do Estado e da Nação argentina, também suas biografias e análises de personalidade compreendem sua individualidade em *relação* às massas argentinas. Dessa forma, a relação mando-obediência também se aproxima da relação liderança-autoridade como duas faces da mesma moeda. Em outros termos, não bastando retratar Perón unicamente como condutor e líder de massas, também se fazia necessário retratá-lo enquanto um homem escolhido e demandado pela participação e engajamento por parte dos conduzidos. Segundo Sennett

(2012), Gavet (S.D.) e o próprio Perón (1952), a autoridade depende da aceitação dos subalternos, é justamente nesse sentido que suas biografias transcendem do foco individual da personalidade para abordar a *psicologia das massas* em seu jogo de *relações*. Dessa forma, toda delimitação da personalidade de Perón passou a ser discursivamente articulada a partir de sua capacidade afetiva e empática com relação aos *outros* subalternos, necessitados, *descamisados*<sup>120</sup>, *grasitas*<sup>121</sup>, enfim, com as multidões argentinas. É por isso que Perón era qualificado não apenas como portador de uma personalidade superior e condutor impositivo de massas, mas também como homem que agia em compreensão e conformidade às suas demandas, protegendo, educando, escutando e estabelecendo um diálogo mútuo, analogamente à ação de um psicólogo.

#### 4) Uma autoridade generosa

Segundo os tratados que teorizam sobre a personalidade de Perón, na *relação* entre uma multidão feminina ativa e um líder igualmente ativo se estabelece o primado da *ação* no exato momento em que ambos os polos se *interpretam* mutuamente. Já que a massa é considerada o espelho daquele que a conduz (*de tal palo tal astilla*), nesse reflexo se constrói a identificação com um líder igualmente compreensivo e coerente. Era claro aos biógrafos de Perón que não deveriam retratar uma personalidade puramente racional, pelo contrário, uma multidão apenas poderia ser conquistada por outro tipo de homem, legítimo interprete das *emoções* e dos *sentimentos* humanos, tal como faria um *psicólogo* que compreende e maneja como ninguém os *afetos*, os *bramidos* gritados pelas massas, que nele se apaziguam e a ele confiam a interpretação de seus verdadeiros sentimentos, num processo semelhante à *transferência* psicanalítica em que se institui uma relação de *amor* entre o analista e o paciente (FREUD, 1980). O erótico verbo utilizado por Scilingo para tratar dessa relação é “Penetración: Penetrar hondamente en la sociedad humana para percibir sus emociones” (SCILINGO, 1947: 39), metáfora sexual também utilizada por Carrillo ao afirmar que a propaganda deveria ser *entradora*. É justamente a simbologia desse ato sociolibidinal de *penetrar* nas massas para conhecer suas emoções que legaria a Perón a imagem de um homem

<sup>120</sup> O termo *descamisados* era geralmente depreciativo e tradicionalmente utilizado para referir-se aos pobres e trabalhadores braçais arremangados ou literalmente sem camisas. Já no contexto peronista o termo foi reapropriado e tomado pelo governo como dignificante, fazendo dos *descamisados* o sinônimo da base política operária aliada a Perón.

<sup>121</sup> O termo *grasitas*, da mesma forma que *descamisados*, também era referência aos pobres, geralmente sujos e engraxados. Também foi reapropriado especialmente por Evita para referir-se de maneira caridosa, com especial notoriedade aos infantes.

a apaziguar as fogosas massas que clamam por um caudilho. Essa carga erótica também é empregada por Enrique Eduardo García em sua *Radiografía Política del General Perón*:

Perón es sustancialmente sociológico, rostro y corazón en síntesis. Contiene la personalidad de Perón mucho de las personalidades de intenso nacionalismo argentinizante como Alsina, Sarmiento y Alem, caudillos de extensa, sensual, celosa popularidad. [...] ¿A que líder recuerda Perón? El concepto de líder se traduce en la estilización del caudillo [...] programa ideas, obedece doctrina, investiga causas, expone principios, educa e ilustra masas, no se somete a cantidades (GARCÍA, 1948: 10).

A sugestão proveniente desse caudilho sensual é ancorada em seu rosto e em seu coração de psicólogo, que possuiria toda uma metodologia para conduzir e educar as massas rebeldes tal como fizeram os grandes homens do passado. Nessa individualidade dotada de expressivos traços de personalidade reforça-se que o líder não é submetido nem às quantidades nem às ciências, antes de ser objeto do conhecimento, é agente, *psicólogo e sociólogo* dos sentimentos coletivos:

El idearium sociológico de quien surgiera a la vida pública nacional [...] se basa en el conocimiento directo, personal, de la geografía, de la psicología, de la política, de la economía. (GARCÍA, 1948: 10)

Hemos subrayado que se acompañan aun en el lenguaje con que se comunica con las masas [...] el general Perón pasea con los historiadores, psicólogos, sociólogos, estadígrafos modernos. (GARCÍA, 1948: 15)

Por mais que se mantenha uma clara separação hierárquica entre o líder com personalidade de cientista que analisa os sentimentos da massa, novamente podemos perceber a comunhão e conformação do diálogo, típico dos analistas acostumados a perscrutarem as causas dos problemas individuais e coletivos através de exemplar conhecimento sobre a psicologia e a sociologia:

Escuchábamos al maestro don Oscar Ivanissevich referirse al Conductor de los argentinos como el hombre que poseía, en nuestro país, el mayor bagaje de conocimientos psicofísicos y sociales sobre el elemento humano. [...] No han existido hechos que tuvieran más acentuada repercusión dramática en el ánimo de nuestro presidente que aquellos vividos cuando el juvenil teniente del 12º [batallón] de infantería o el capitán de la Escuela de Suboficiales registraba, durante los exámenes médicos de los nuevos reclutas del ejército, el pavoroso porcentaje de ciudadanos físicamente inútiles (PAVÓN PEREYRA, 1950: 119).

Trazendo à baila a opinião de Oscar Ivanissevich – distinto intelectual, médico, razoável futebolista e ministro da educação peronista – Pavón Pereyra atesta a pertinência de Perón ao seletivo grupo dos psicólogos que conheceriam como ninguém o elemento humano em

suas manifestações físicas e psicológicas. Justamente pela posse desses conhecimentos Perón é pintado com tonalidades eugênicas, já que assistira com sofrimento os exames de seleção dos aspirantes que se apresentavam *fisicamente inúteis*. O que sobressai é sua preocupação e apreensão com o estado dos subalternos de forma a ocasionar uma *repercussão dramática* no ânimo do futuro presidente.

Por tal argumento o Perón psicólogo, que com a mente entende o coração, assume uma faceta de compreensão baseada no carinho e (auto)doação aos seus seguidores. É justamente nesse argumento que a atribuição de uma autoridade científica abre caminho para o exercício dos preceitos que ela própria lança, a saber: o estabelecimento de uma autoridade fundada na bondade, generosidade, dádiva e carinho, tal como defendido pelas novas correntes de pensamento católico e psicológico da época. Tal efígie carinhosa do líder seria mais eficaz na conformação de uma política presidencial que transcenderia o enfadonho burocratismo estatal para conformar uma doutrina popular embasada no mais afetivo elemento de comunhão.

Se Richard Sennett afirma que a autoridade, enquanto fusão do amor e do poder, é determinada por “alguém que tem força e usa para guiar os outros” (SENNETT, 2012: 30) então é justamente essa compreensão de autoridade que dá a tônica daquilo que foi compreendido por *populismo* em suas interpretações mais tradicionais, especialmente se pensarmos na historicidade desse conceito a partir das formulações de Francisco Weffort que o qualificava enquanto um regime que não se pauta necessariamente pela dominação, mas por um “estado de compromisso” com as massas (1989). Nesse sentido, é importante salientarmos que teses mais contemporâneas como as de Natália Milanesio (2014) e Daniel James (2010) afirmam que os benefícios trazidos pelo peronismo não foram mero simbolismo, antes disso, o regime peronista proporcionou significativa melhora na qualidade de vida das classes trabalhadoras que receberam direitos e amparos estatais, amplificando seu poder de compra, dignidade e autoestima social. Para apropriar-se simbolicamente desses fenômenos, um novo escalonamento da personalidade de Perón se fez necessário para justificar analiticamente o império da bondade sobre os menos favorecidos. Para isso, nada mais efetivo que a discursividade católica:

La figura del General Perón no hay que contemplarla por su contextura física sino porque, encarnada en ese organismo, hay un alma generosa y un corazón bien tonificado que siente por sus semejantes lo que sentía Cristo por la humanidad y tiene actos impulsivos e incontinentes como lo tuvo Jesús [...] tiene una sonrisa para los humildes y un gesto para los déspotas (SCILINGO, 1947: 8).

Dios puso en su alma la exquisita esencia de su bondad divina [...] volcó todos sus sentimientos, poniéndose al servicio de los humildes (1947: 20).

A bondade é atribuída a esse general chegando a ser comparado com Jesus Cristo, já que no catolicismo a caridade (*charitas*) se espelhava na própria cosmologia divina, tal como estudamos no quarto capítulo a partir das formulações do reverendo Charles Kieffer (1950) e do capelão Luiz Bertoni Flores (1937). É justamente esse amálgama entre a bondade católica e militar que desenrolou o fio narrativo das biografias de Perón no momento em que lhe retratam não apenas como caudilho, mas também como doce condutor que se sacrificava para dispensar aos subalternos seus mais carinhosos cuidados: “Allí es necesario sentirse caudillo a la vez que conductor – escribe Perón en abril de 1943 – hermano a la vez que jefe y camarada siempre, dispuesto a dar su comida o su abrigo a quien lo necesite más que uno, o a exponer la vida propia para salvar la vida ajena” (PERÓN, Apud PAVÓN PEREYRA, 1952: 230). A carga imperiosamente impositiva projetava pela sombra de Juan Manuel de Rosas as réstias de uma bondade calorosa irradiada por um homem disposto ao sacrifício próprio pelos irmãos, camaradas, amigos e compatriotas menos favorecidos, analogamente ao que fizera Jesus Cristo em nome dos desfavorecidos. Tal como a hagiografia cristã, a narrativa da personalidade de Perón também coloca essa dedicação bondosa enquanto elemento teleológico manifesto desde sua infância na Patagônia marcada pela influência familiar:

De tanto en tanto, sus padres salían en Sulky, para visitar a los pobladores vecinos. Cargaban el vehículo con abundante provisión de ropas y de golosinas, y la repartían entre los humildes olvidados, en expresión popular, “de la mano de Dios” [...] Vale decir, que en la sangre trae Perón la comprensión generosa para con los débiles y humildes en todas las acciones de su progenitor aparece reflejada la decencia y el honor practicado con asiduidad y predicado con el ejemplo [...] insobornable conducta al servicio del bien (PAVÓN PEREYRA, 1952: 24)

A dádiva é um dos elementos mais marcantes nas biografias de Perón, sendo tal virtude outro dos traços pessoais que herdara congenitamente, ao passo que também o aprendera no meio ambiente e hábitos culturais. Essa base altruística apenas confirmaria sua conduta caridosa e benemerente exercida no quartel onde consolidara suas *calidades* e *cualidades* de líder que sabe ordenar a tropa e de autoridade capaz de proteger cada um dos soldados. Por isso, sua permanência enquanto chefe de pelotões era uma antecipação de sua conduta como chefe nacional, de forma que “ni un solo día faltaron alimentos a los hombres de la sección del subteniente Perón, y que se dio a conocer como ‘hombre de recursos’, disponiendo con igual sencillez la construcción de refugios donde el agua no entraba.” (PAVÓN PEREYRA, 1952: 45). Esse *homem de recursos*, providente, providente, garantidor de adequada alimentação e alojamento aos *seus* subordinados:

organizó un botiquín provisto de abundantes elementos, para prestar los primeros auxilios a los que se accidentaban. Muchas curas de urgencia fueron practicadas por el comandante, que tampoco descuidaba detalles de la convalecencia, procurando que las comidas fuesen adecuadas. [...] En las épocas en que proliferaban los resfríos, reunía a sus hombres en rueda y, colocando él delante de los suyos, ordenaba gárgaras preventivas o inhalaciones a fuertes temperaturas con preparados de menta o eucalipto. Hasta altas horas de la noche velaba el sueño de los muchachos, procurando que estuviesen abrigados; cuando notaba toses o ahogos les acercaba pastillas pectorales de la abundante provisión que cargaba en sus bolsillos. (PAVÓN PEREYRA, 1952: 89)

Descreve-se a atuação de um líder com espírito paternal que medicava, aquecia, prevenia e protegia a todos que estavam sob sua responsabilidade providente. Para a consolidação dessa personalidade, Perón foi retratado como um homem que beirava a inconsequência econômica em nome do conforto e felicidade de seus subordinados:

Él estaba pronto para acudir con sus palabras de consuelo o con las ayudas providenciales de su inagotable ‘caja chica’. No rehuía la responsabilidad, por el contrario, parecía buscarla. [...] Salcedo acababa de perder a su progenitor cuando recibió la noticia de la agonía de su madre; Perón le brindó cuanto tenía a su alcance: consuelo, dinero y la venia para abandonar la guarnición (PAVÓN PEREYRA, 1952: 99).

Cuando su hija murió, Perón dejó que se hiciera uso de su cuenta, unas 30000 libras (PAVÓN PEREYRA, 1952: 208).

Para los carnavales maquilaba los cebollitas, que adoraban al capitán Perón y fundaron el club Juan Perón. “los gastos del equipo corrían, desde luego, por cuenta del protector. También les adquiría guantes de box, instruyéndolos en las nociones de pugilismo y en los diversos métodos de ataque y defensa” (PAVÓN PEREYRA, 1952: 63)

“¿Qué beneficio, que ventaja te proporciona el velar por la felicidad de los demás? Los apartaba con una sonrisa cordial [...] ‘Hay una cosa que nadie me podrá quitar, y ésta es la única y mejor retribución a que puede aspirar un hombre de bien: lo que he dado’” (PAVÓN PEREYRA, 1952: 100)

“mi gobierno me paga para ser simpático, no para guardar”. (PAVÓN PEREYRA, 1952: 191)

O extremo gesto da dádiva proveniente da simpática personalidade de Perón redundava na qualificação de homem generoso, que não mede esforços para o cuidado, proteção e bem-estar de seus subordinados. É dessas qualidades que se desdobra a autoridade de um homem que possui a justa medida do *mando*, compreendido enquanto *condução de condutas*:

responsable de la conducta de la gente bajo su mando, [Perón] no permitía ningún género de interferencias. En sus rasgos de nobleza, llegó muchas veces a solicitar la lista del personal que no hacía uso de los días francos por impedírsele penurias económicas. [...] ‘– no puedo permitir que mis muchachos pierdan el sábado por carecer de un par de pesos’ - Mi capitán – balbuceaba algún remiso – me duelen las

muelas... - Bueno, bueno – los atajaba sonriendo – estos veinte pesos son para las extracciones... pero que sean solo dos... esas ‘muelas eh’... [...] Perón vigilaba personalmente los regímenes alimenticios, aconsejando los más apropiados en cada caso; controlaba también las condiciones somáticas de los competidores. Se ocupaba de que todos recibieran asistencia médica rápida y eficiente, los educaba, en una palabra, para el triunfo. (PAVÓN PEREYRA, 1952: 88)

São essas qualidades de sua personalidade que levariam os subalternos ao triunfo, redundando em sua autoridade bondosa que complementaria uma *vida destinada ao mando*:

En rigor, todas su vida no fue sino una lenta y cuidadosa preparación para un alto e irrenunciable destino, para un servicio de bien común [...] su desinterés por el dinero y las cosas ha sido siempre extraordinario [...] no sabiendo cómo testimoniar su gratitud a los hermanos San Martín, dueños del establecimiento donde se alojaba, se desprendió de sus mejores prendas de su equipaje, incluyendo en su liberalidad el regalo de un hermoso catre de campaña, su revólver, sus libros, su cuchillo. Siguieron el mismo camino las botas y otros objetos que repartió entre el peonaje, ‘para que le perdonaran las molestias’ [...] los conmovió con rasgos de inaudita generosidad (PAVÓN PEREYRA, 1952: 75).

Um destino de líder marcado pela extrema generosidade a ponto de causar comoção pelo desapego aos bens materiais, por isso o biógrafo reitera novamente a transposição de uma conduta militar ao campo político já que “Allí [en el ejército] labró la mayoría de los afectos que le escoltarían a lo largo de su futura actuación pública y ciudadana” (PAVÓN PEREYRA, 1952: 101) justificando assim a assertiva de que “Como hombre político se le puede culpar de grande y constante generosidad” (PAVÓN PEREYRA, 1952: 69). Dessa qualificação sublinham-se as virtudes componentes da personalidade de um homem bondoso, caridoso, dadivoso e providente, que traçariam não apenas a pretensa continuidade da autoridade da esfera castrense para a civil, mas também da esfera privada para a pública, isso justifica a reiterada metáfora de Perón como um pai de família.

## 5) Da autoridade psicológica e paternal de Perón

No complexo e eclético emaranhado de virtudes masculinas atribuídas à personalidade de Perón também foram transpostas qualidades proveniente da esfera privada ao líder político. Dessas definições se ensejam as características psicológicas e afetivas de generosidade, cuidado, doação e sacrifício desdobrando a *autoridade* de um homem que, tal como um pastor de ovelhas ou um *pai de família*, vela tanto individualmente quanto coletivamente por seus subordinados, conhecendo a todos e a cada um, *omnis et singulatium*, a tal ponto que “Llamaba por el nombre a sus hijos, los oficiales menores” (PAVÓN PEREYRA, 1952: 73).



No composto argumentativo equacionado por um homem compreensivo, psicólogo e conhecedor dos sentimentos dos subalternos bem como do manejo de suas emoções se fundamenta a própria ideia da *autoridade*, que não se definia unicamente pela hierarquia distanciadora entre as esferas de poder e gênero travadas entre o líder e as massas, mas também pela *aproximação* entre ambos graças às *interpretações*, *compreensões*, *identificações* e *afeições*. Por isso fazia sentido o lema do Exército Argentino apropriado pelo biógrafo de Perón: “Obedecer no es aguantar – aguantar es envilecerse -, sino, al contrario, estimar al que manda y seguirlo, solidarizándose con él” (ORTEGA Y GASSET Apud PAVÓN PEREYRA, 1952: 33). Não por acaso esse dito fora escrito pelo famoso escritor e psicólogo social espanhol José Ortega y Gasset<sup>122</sup>. Como aqui percebido, a *autoridade*, o *mando* e a *obediência* eram temas correntes nas biografias de Perón que, tal como afirmado anteriormente, repercutiram muito bem nas ideias do médico eugenista, secretário e ministro de Saúde Pública do governo Perón. Ao discorrer acerca dos laços que conectam os líderes aos subalternos, Ramón Carrillo estabelece uma concepção bem definida de autoridade:

Ya sabemos que una cosa es el “poder” proveniente del grado y de la jerarquía y otra cosa es la “autoridad”. *La autoridad*, más que un concepto meramente disciplinario y jerárquico, más que una imposición, *es una emanación de la propia personalidad*; vale decir, es un concepto moral. Aunque parezca paradójico, la autoridad no surge de arriba sino en un solo aspecto, profesional diríamos; *surge de lo que opinan los de abajo. El prestigio del jefe, el afecto al jefe, parten de sus soldados.* (1995: 60) [grifos nossos].

Nessa expressiva definição de autoridade como emanção da personalidade podemos compreender um dos conceitos chave da política peronista do início dos anos 1950 e uma das principais antinomias da *Psicologia das Massas*, a saber: o fato de que a autoridade era compreendida como um complexo jogo de relações com os subalternos, surgindo no reconhecimento de suas opiniões, expectativas, afetos amorosos ou libidinais, no jargão freudiano, com relação ao chefe. Dessa forma, a *personalidade* do condutor é a grande mediadora desses laços, que vinculavam líder e massas por mão dupla e de maneira retroalimentar. Nesse sentido, o ministro comenta que “han variado en las ultimas decadas las ambiciones del ser humano, tanto en el orden civil como en el militar” (1995:61). Já que a pura dominação violenta não era desejável no governo do povo, novos métodos de governo deveriam ser empregados. Desta forma, a personalidade persuasiva, mais que impositiva, era

---

<sup>122</sup> Ortega y Gasset, visitara a Argentina em diversas oportunidades, influenciando o cenário intelectual da época, de especial modo àqueles que pensavam na sociedade a partir de leituras psicológicas. Para compreender mais sobre a presença de Ortega y Gasset na Argentina e suas interpretações de gênero Cf. (OSTROVSKY; MOYA, 2014).

defendida por Carrillo como fator fundamental para a manutenção da autoridade, já que seria aceita, desejada e compartilhada pessoalmente pelos subalternos:

Esta personalidad es la que debe ser tenida en cuenta principalmente por los conductores militares, con tacto y con inteligencia. [...] Todas las modernas conquistas pedagógicas referentes a la educación del niño se basan en el reconocimiento y el respeto de su personalidad. También el mando militar debe actuar, ahora más que nunca, con más conocimiento de esa personalidad que constituye el ser integral [...] La autoridad violenta, en todos los órdenes de la vida, ha dado paso a la autoridad persuasiva y razonadora. Indiscutiblemente es mejor que sea así, pero todos debemos adaptarnos a este concepto y la autoridad militar lo mismo. La clásica disciplina rígida se ha hecho, y tiende cada día más a tornarse, flexible, sin perder nunca el dominio del subalterno (1995: 61).

Desse procedimento enunciativo que se apropria da instrumentalização metafórica, aproxima a condução das crianças à militar por meio das *modernas conquistas pedagógicas* que abrem mão da violência e rigidez para valerem-se da persuasão e flexibilidade. Nesse sentido a pedagogia se alinha à psicologia já que ambas tratam o governo das tropas, das famílias e das massas como parte do mesmo processo de bom domínio e condução dos subalternos. É constitutivo desses saberes o (re)conhecimento de certo protagonismo dos subalternos como elemento fundante de um trato particularizado, eficiente e positivo para as novas e *modernas* técnicas de harmonização entre mando e obediência.

Evidentemente não se trata de um afrouxamento disciplinar, mas uma nova tecnologia de saber-poder individualizante, mais eficiente no objetivo de *não perder nunca o domínio do subalterno*. O teor dessa argumentação é esclarecido quando Carrillo emprega o recurso anedótico e metafórico, típico da discursividade peroniana, para concluir sua linha de pensamento: “Un soldado belga escribe desde el frente a su madre: ‘Hace poco creí que la guerra concluía porque los oficiales habían vuelto a tratarnos mal. Pero ya estamos todos desilusionados, porque ahora los oficiales ya nos tratan bien’. Definitivo.” (1995: 62), ou seja, o tratamento amável e personalizado dos superiores com os subordinados é um indício de intensificação, estreitamento de laços sentimentais e, conseqüentemente, de demanda por apoio, reconhecimento, sustentação e coesão interna. Análogo a um *espelho de chefes*, Carrillo exemplifica de maneira didática o tipo de atitudes que um líder deve exercer com relação aos seus subalternos para que se trave um laço de autoridade baseado nos ditames de uma nova psicologia destinada a compatibilizar pacificamente o mando e a obediência:

Un soldado muy bueno —por ejemplo— se hallaba sumamente deprimido. El jefe le preguntó qué le pasaba, y, poco a poco, lo fue convenciendo para que le contara su caso, *tal como lo haría un sacerdote o un psicoanalista*. [...] Es necesario estar en el

problema doméstico del soldado y por ello conviene que el oficial tenga un contacto firme con los soldados, que no se desentienda de sus preocupaciones, que converse con ellos y reciba sus confidencias. Es una forma del psicoanálisis. Aun en el caso de que no pudiera remediar nada con su intervención, el recibir la confidencia del soldado será un paso hacia su curación. Éste es todo el fundamento del psicoanálisis y de ahí la gran sabiduría de la confesión. [...] *El jefe debe ser un padre de familia* y escuchar las confidencias de sus hombres (1995: 93) [grifos nossos].

Interpretando de maneira sagaz os mecanismos da *confissão*, dos quais atribui à psicanálise ou mesmo ao sacerdote, Carrillo emprega tal técnica para a construção de laços sentimentais entre oficiais e soldados baseados na intimidade da confidencia pessoal, tal relação foi traduzida para a política peronista sob a alcunha da *lealdade*. Aproveitando a carga simbólica dessas relações o ministro alinha a *confissão* com a metáfora do *chefe como pai de família*, afinal, essa aproximação permite que ele passe a irradiar simbolicamente os sentimentos de carinho, amor e afeição. É bastante expressiva a comparação estabelecida entre confissão católica, psicanálise e bondade paterna, afinal, as três são intimamente correlacionadas à autoridade enquanto manutenção de laços libidinais das massas ao líder, tal como o próprio Freud se referia na *Psicologia das Massas e análise do Eu* (2011).

Pela intermediação dos *saberes psi* foi possível que se articulassem a condução de condutas e obediências nas esferas do lar, do exército, do Estado e do cosmos, justamente porque o elemento que está em jogo nessa introdução da metáfora de bondade paterna e psicanalítica inspirada na confissão é exatamente o poder compreendido como *governo*, à moda dos modernos teóricos das *artes de governar*:

Evidentemente, el psicoanálisis no secunda más que en eso. Un jefe militar tiene que ser un poco psicoanalista, ser un confidente de sus hombres. Esta virtud lo lleva no solamente a tener poder, el poder que le da su condición de jefe, sino también autoridad moral. Para ello es preciso trabajar a los soldados uno por uno, de modo que el jefe pueda tenerlos a todos con él (1995: 93).

A psicanálise é tratada como uma ferramenta necessária ao chefe, que para ocupar tal posição deve ouvir e compreender seus subalternos para assim estabelecer laços de intimidade, confidência, confiança, carinho e amor, num processo de *transferência* capaz de reforçar não apenas a *chefia*, mas a *autoridade moral*. Em ressonância ao princípio libidinal do poder de condução de massas do qual afirmava Freud, Carrillo demarca um poder de governar condutas em escalas *global e singular*, todos e cada um, tal como pregavam as antigas *artes de governar*. É por essa via que o elemento racional não é dado como o fundamento por excelência da autoridade, pelo contrário: “El jefe debe dar ánimos a sus

subordinados, tocar sus sentimientos, ser en muchísimos aspectos, *casi como un padre de familia y escuchar las confidencias de sus hombres*” (1995: 96). Novamente se explicita e reitera a conexão entre o *chefe* e o *pai*, valendo-se dos elementos psicanalíticos e paternos da *confissão*, intermediados pelos *sentimientos*. Dito de outra forma, o emprego dos elementos emocionais põe em operação os mecanismos de *gobierno* dos outros e da *autoridade* paternal:

Debe haber siempre un elemento emocional, el afecto hacia el jefe, por ejemplo. Justamente, es ésta una de las grandes fuerzas psicológicas que han de mantener unida a la tropa, que evitarán el miedo y el temor, que mantendrán su moral y esa confianza ciega de los hombres combatientes. El soldado se convencerá de que el jefe es el más valiente, el más capaz. Si el jefe no sabe trabajar, no sabe conquistar esa confianza, lo odian. Ya no podrá manejar a la gente (1995: 96).

Nessa afirmação o ministro praticamente fraseia a formulação libidinal do poder de condução psicológica das massas, com intuito bastante pragmático: manutenção da coesão interna, encorajamento e ganho de confiança dos soldados/subordinados e, com isso, propagação de autoridade. O espelhamento com o chefe, ou o que Freud chamaria de *identificação*, é parte integrante dessa pragmática política, psicológica e subjetiva de comando de condutas, governo de si e dos outros: “La confianza en sí mismo del soldado depende de la confianza que él tiene en su jefe” (1995: 98). O oposto disso explicaria a constatação carrilliana de que sem os elementos afetivos que garantem ao chefe a confiança e o espelhamento de seus subordinados gerar-se-ia ódio, de forma a não garantir a autoridade. Nessa formulação é evidenciado que o *amor* seria a mais intensa das ferramentas políticas de vinculação entre líder e massas, já que seria capaz de aglutinar o grupo, manter sua coesão e garantir sua identidade. É importante salientarmos que, segundo Carrillo, o funcionamento desse mecanismo não se restringe ao foro castrense: “debe existir de todas maneras una doctrina para consumo de la tropa y de la población civil” (1995: 98).

Em meio a tais constatações, o ministro conclui seu curso com o seguinte aconselhamento: “Hay que ir desarrollando el *prestigio de los jefes* a través de los detalles del trabajo diario, de modo que los hombres vayan sintiendo *pasión por él*” (1995: 98). Dessa progressiva intensificação de sentimentos, a *confidencia* torna-se *confianza*, a confiança transforma-se *amor*, e do amor surge a *paixão*. Não a paixão desregrada e tumultuosa das massas em ebulição, mas a paixão pelo peronismo e, conseqüentemente, por Perón, tributário da mais exacerbada dádiva, ternura, carinho e providência. É nesse sentido que o líder é metaforicamente adscrito por seus biógrafos enquanto bondoso e afetivo pai de família, pois assumia um “tono cordial de estimulación recíproca. Ese espíritu paternal y previsor

alcanzaba límites increíbles”. (PAVÓN PEREYRA, 1952: 82). Desse *espírito paternal*, tal como o líder das tropas militares demandado por Carrillo, retoma-se a própria tônica gavetiana das artes do mando quando comenta que Perón

en ningún momento se desentiende de los aspectos humanos y paternos que sirven para imprimir el sello distintivo a su desempeño: “manda mejor – nos dice – quien llega ates al corazón del soldado...” “el conocimiento del espíritu humano es el que manda” “el mando se ejerce sobre el espíritu del hombre, ése es el efectivo, el verdadero mando” (PAVÓN PEREYRA, 1952: 97).

Nessa narrativa os *aspectos humanos e paternais* são aqueles que fazem do comandante um homem que toca o coração e o espírito dos subalternos, gerando uma autoridade metaforicamente aproximada à do pai de família, que por sua natureza é desejada, amada, demandada e benéfica àqueles que dele dependem. É justamente desse substrato de autoridade que o *papai Perón* se torna líder e condutor das condutas individuais e coletivas:

Entre la gente de tierra adentro, preferencialmente, entre el campesinado, braceros o mensús, corre esta otra denominación, un tanto primitiva e ingenuota: *El Tata Perón*. [...] en esta materia como en muchas parece seguir gozando de una autoridad inapelable. Decayó con el tiempo aquella fraseología al requerirse la creación de un término preciso, que fuese a un tiempo rotundo, exacto, valedero en todos los idiomas, u antes que nada, trasunto de aquel afecto paternal que Perón contagiaba través de su labor cotidiana [...] y así fue como surgió "El Conductor", vocablo que dobló fuerza e vigencia (PAVÓN PEREYRA, 1950: 172).

O termo *tata* no *castelhano popular* é um termo carinhoso e informal para referir-se ao pai e, menos frequentemente, ao avô. Segundo Pavón Pereyra esse qualificativo privado-familiar atribuído a Perón foi progressivamente substituído pelo termo público-político *condutor*, que explicita a íntima ligação entre os dois termos e esferas. Desta forma, tal *condutor* como legítimo líder das massas nada mais é que a manifestação política das qualidades do afetivo *pai de família*:

Quien aspira a ser, o las circunstancias lo hayan colocado, en la situación de Conductor de un país, primero ha de conocerlo, luego ha de comprenderlo; y pobre del que se detenga allí, porque también es preciso sentirlo. Se conduce con amor, y con entusiasmo; después con talento; y, por último, con conocimiento. Pero es necesario pensar que las obras que el hombre produce, como los hijos, si son del amor son siempre más perfectas y más bellas. (PAVÓN PEREYRA, 1950: 173-174)

[Perón es conocido por] haber promovido, invariablemente, el amor ya la unidad entre sus gobernados. Dirán que fue justo, generoso, que albergó en su corazón una santa piedad por los humildes, por los oprimidos. [...] La exclusividad de tales calificativos lo tienen sus juzgadores. Por esto Perón puede decir: “A Dios les seguimos por las palabras del Divino Maestro, haciendo que los hombres amen a su prójimo como a sí mismos; que todos los argentinos se unan detrás de ese amor, porque lo único que construye es el amor” (PAVÓN PEREYRA, 1950: 126)

O amor é reiterado como o mais expressivo sentimento que põe em comunhão afetiva o líder paterno e *seus filhos* enquanto *obras perfectas* desse homem. Tal procedimento reafirma o caráter cristão e bondoso de Perón, lhe aferindo uma autoridade fundamentada em uma esfera transcendental e paterna do divino maestro. Desse amor gestaria *a unidade entre seus gobernados*, integrando a própria noção de Estado firmada na unidade entre gobernados e gobernantes. Freud não poderia discordar dessa sentença, tampouco os teóricos das *Artes de Governar* que pregavam, tal como Carrillo, uma autoridade entre chefes e chefiados de forma análoga a uma família em união, onde reinaria a compreensão e o afeto mútuo, garantindo a perfeita compatibilidade do mando com o desejo de obedecer.

Desse trânsito psicológico de ideários privados da paternidade para o mundo público da chefia podemos encontrar a chave para algumas racionalidades de gênero que foram estruturantes da ideia de autoridade na experiência governamental peronista, especialmente no início dos anos 1950, quando estas biografias foram publicadas. Nesse sentido, é necessário analisar a materialização, mesmo que discursiva, desse amor e dessa bondade que pulsavam na esfera pública a partir da personalidade e do corpo masculino de Perón, claramente *generificado*. Por outro lado, para compreendermos as dimensões de gênero no peronismo não podemos esquecer do capital simbólico nada depreciável de Evita, agitadora dos sentimentos políticos por meio do papel de *madre espiritual* dos *descamisados*.

## 6) Evita e a conexão familiarista de Perón com os argentinos

Ao leitor contemporâneo pode soar estranho o fato de que nos primeiros anos do *peronismo clásico* Eva Perón foi escassamente citada nas principais biografias de Perón, mesmo as publicadas no fatídico ano de 1952, em que a morte da *Evita* lançara uma carga dramática sem igual na política daquela nação. Apenas na última página da biografia de Pavón Pereyra Evita figura na trama da seguinte forma:

Los miércoles eran los días señalados para establecer contacto con el mundo de los trabajadores. Las delegaciones concurrían a su despacho de la Casa Rosada en compañía de Evita. Eran hombres recios, musculosos, de rostro atezado, con idioma y mentalidad propios. Su mujer vivía para ellos. (PAVÓN PEREYRA, 1952: 234).

Por meio de uma linguagem bastante marcada pelo gênero, Evita é descrita como uma ponte de diálogo e contato entre o líder e os trabalhadores, que aproximam seus musculosos corpos e bronzeados rostos à *mulher de Perón*, que *vivia para eles*. Ou seja, no único

parágrafo escrito sobre Evita sua representatividade é dada como esposa que se doa aos descamisados. Essa interpretação é próxima àquela criada pela própria Evita sobre si mesma, por mais que o tom de seus discursos fossem absolutamente católicos, familiares e moralmente ponderados, sua enunciação também assumia uma posição de doação amorosa a Perón e ao povo nele contemplado. Já nas enunciações de 1947 podemos encontrar reiterativas asseverações dessa enunciação:

Con profunda emoción llego, después de varios meses de ausencia, a esta mi querida patria en que dejé mis tres grandes amores: mi tierra, mis descamisados y mi querido General Perón. 23/08/1947 (PERÓN, 2012: 119).

No regateo mi esfuerzo y hago todos los sacrificios posibles para consagrarme por entera al servicio de los descamisados y hacer llegar sus inquietudes a nuestro líder. Lo hago con cariño, con entusiasmo, con fervor [...]. 12/09/1947 (PERÓN, 2012: 125).

Les dejo todo mi cariño, toda mi ternura y queda con ustedes mi corazón. 12/09/1947 (PERÓN, 2012: 135).

Quiero ser la voz de mujer que comprende y agiganta a través del éter de ese maravilloso toque íntimo, un poco alegre y un poco melancólico, que debe poseer la nochebuena de Jesús. Estar simbólicamente con mis descamisados en el alborozo de su mesa justicieramente repleta. 24/12/1947 (PERÓN, 2012: 168).

O amor aos descamisados é posto no mesmo patamar daquele voltado ao próprio Perón, a quem se dedica com carinho, esforço, fervor e ternura provenientes de seu *coração de mulher*. É deveras tentadora a hipótese libidinal de um jogo simbólico com a sexualidade de Eva para despertar o desejo dos descamisados frente à sua eroticidade, tal como muitos antiperonistas já o fizeram com o *mito negro* que a percebia como ardil meretriz, a *criminosa coronada* de Mandolini (1930). Porém, lançar uma interpretação baseada na teoria freudiana para interpretar um contexto marcado por seus ditames é tão redundante quanto estudar a Revolução Russa pela leitura marxista. O ecos da psicanálise, como já vimos nos discursos de Carrillo, eram conhecidos e influentes naquele contexto histórico, sendo Eva muito mais um veículo dos discursos que propunham uma *arte de governo* que uma ludibriadora sexual, em outros termos, a imagem enunciativa de Evita, bem como seus jogos libidinais não devem ser entendidos como uma materialidade histórica efetiva mas antes como uma simbólica *ferramenta de governo*.

Se a autoridade sintonizava Perón com o povo, sua esposa também tinha protagonismo público e político como aquela que, pela proximidade ao corpo de Perón se tornara, também ela, corpo público, absolutamente simbólico à ordem dos sentimentos políticos da virada da década de 1940 para a de 1950. Seu êxito residia no poder de reforçar a capacidade peroniana

em lançar um *governo* afetivo e envolvente frente ao povo argentino. Se lembrarmos da definição de Flores que afirma que “El buen mando es el puente de plata que se tiende para unir al superior con su subalterno. La autoridad debe servir para acercar y no para alejar y distanciar.” (1937: 86) então Evita é personificação viva, e até mesmo morta, de mando e autoridade.

É marcante nessa discursividade o caráter de gênero com que Evita se posicionava, e era posicionada, enquanto mulher, esposa e, em casos mais raros, mãe. Nesse sentido de *generificar* o local social de Evita destacamos o livro *El Hombre del Siglo* (1951) de Florencio Monzón<sup>123</sup>, que por sua amizade pessoal com o casal presidencial sustentava uma leitura canônica, próxima à ensejada pela propaganda peronista. Nesse sentido, a caracterização de gênero por ele empregada não é mais que evidenciada, chegando ao paroxismo de valer-se de letras maiúsculas para atestar a feminilidade de Evita contraposta à masculinidade de Perón:

Los que tuvieron como madre a una mujer, los que recuerdan como siempre en este día, los que quieren a sus esposas y a sus hijas, los que saben que la MUJER es miel de choche y día, comprenderán tal vez las tribulaciones de EVITA, luchando para recuperar al bien amado, al HOMBRE que era carne del pueblo generoso. Ella fue el nervio y la idea (1951: 40).

No decorrer de todo o livro Monzón reitera Perón enquanto *HOMEM* e Eva como *MULHER*, ensejando um contraponto de gênero em que o líder é proporcionalmente masculinizado na medida em que Evita é feminilizada a partir dos mais comuns estereótipos da *cândida mãe e doce mel de chocolate*. Nesse sentido, há de se concordar com Maria Helena Capelato quanto afirma que a propaganda peronista apresentava uma trama de gênero em que “O presidente Perón, expressão do poder masculino, ativo, atuava na vida pública, exercendo atividades políticas bem definidas. Eva Perón, a mulher classicamente feminina, representava a intuição, o sentimento, a emoção” (2012: 297), numa composição de gênero que ressoava com as conhecidas metáforas da massa-mulher-passiva-emocional em oposição ao líder-homem-ativo-razional.

Tais dicotomias não devem ser opostas com severidade, tal como as demais dicotomias peronistas que se relativizaram com o passar do tempo de uma experiência política tão múltipla e complexa. Pela leitura e análise dos discursos e documentos da época pudemos

---

<sup>123</sup> De todos os autores elencados, Monzón pode ser considerado o mais próximo do círculo oficialista peronista de tal forma que seu livro também se aproxima mais a uma obra propagandística que uma legítima análise de personalidade do líder. Foi um dos principais correspondentes enquanto Perón esteve no exílio, permitindo com que seu filho publicasse uma volumosa compilação das cartas trocadas com o líder cf. (MONZÓN, 2006).



constatar que os delineamentos simbólicos entre o casal presidencial eram estrategicamente e contingencialmente borrados, já que em muitas ocasiões Perón debitava toda a carga de doçura, carinho e bondade, da mesma forma que muitas falas públicas de/sobre Evita denotavam energia, vontade e determinação que não ficavam em dívida com qualquer estereótipo personológico de condutor(a)das massas:

La mujer que es nervio, que tiene la levadura del coraje, que siguió mucho, porque es carne de su pueblo, la compañera EVITA, nutrida en la savia de su amor inmenso, salió a la liza. Con su inmensa pasión y su odio eterno a los traidores, salió a la calle a buscar al pueblo, al verdadero amigo de su Coronel amado. [...] Aquí tienen la explicación algunos, del papel de esta mujer, humilde un día, GRANDE al despertar por la lucha de su amor (MONZÓN, 1951: 39).

Sublinhemos que algumas virtudes tradicionalmente consideradas masculinas como a *coragem*, a *luta* e a *grandeza* são elencadas na descrição da *companheira Evita*. Por outro lado, também são elencados os qualificativos da *paixão*, *ódio* e *nervosismo* considerados tipicamente femininos e massificados. Por isso, Evita também é *carne de seu povo*. Ao contrário de Perón, oriundo das culminâncias do Exército, ela vinha do interior do país, representando a humildade com que esse povo levava sua vida antes do líder e a metamórfica prosperidade por ele proporcionada<sup>124</sup>. Assim como as massas, Eva não apenas recebeu dignidade, mas uma causa política. Ao conhecer Perón encampara uma luta inspirada pela paixão a ele/povo e ódio às elites *contreras* e *vendepátria*. Evita situa seu lugar de enunciação nessa metáfora feminina que a definia como apaixonada e sentimental, legítima carne da multidão, um local ambíguo, polivalente e absolutamente estratégico ocupado por uma mulher da origem mais *baixa* e, simultaneamente, esposa do mais *alto* magistrado e general<sup>125</sup>.

Apesar dessa distância Eva se apresenta como uma ponte a aproximar esses polos hierarquicamente afastados, sendo que tal aproximação se baseia nas virtudes cristãs da caridade, bondade e provisão aos necessitados:

La compañera EVITA, la MUJER que representa la comprensión, el espíritu de sacrificio, la que constituye un símbolo, dirige y modela la ayuda social. Con un vasto plan de obras se construyen escuelas, hogares de tránsito, salas de protección

<sup>124</sup> Beatriz Sarlo realiza inspirados comentários sobre as ostentosas roupas de Evita que desfilava junto aos descamisados de maneira resplandecente (SARLO, 2005).

<sup>125</sup> As metáforas de desníveis são bastante fartas tanto nas biografias do líder, que o punham como especialista em altas montanhas (PAVÓN PEREYRA, 1950), quanto nos livros da própria Evita, que opunha [...] “los hombres comunes, que, como suele decir Perón, ‘andanen bandadas como los gorriones y vuelan bajo’” [...] (PERÓN, 1951: 113) a Perón “que volaba ‘alto y solo como los cóndores’ — (le tomo las palabras que él mismo suele aplicar a los genios que admira: San Martín, Alejandro, Napoleón) —, me había tomado a mí de la “bandada de gorriones” y me había dado sus primeras lecciones. (PERÓN, 1951: 122)

para la madre, hogares para niños, casas para ancianos, hospitales para enfermos. [...] EVA PERON es la expresión máxima de belleza. De esa belleza que es total, porque une a su propia hermosura de mujer, la gracia y el donaire de su raza, los gestos de su caridad cristiana, el orgullo de su altivez sin mácula, la voz armoniosa de canciones que sueña por los niños de su Patria, el cariño que desborda de su corazón sufrido. EVITA es sublime por que en vez de tejer las horas grises de la despreocupación y del hastío, se mueve palpitante al conjuro de las pulsaciones de su pueblo. Nació mujer y será para siempre un ángel de esperanza de las edades (MONZÓN, 1951: 60).

A representatividade da *mulher de Perón*, que aproximava afetivamente o líder e o povo, foi muito bem explorada por Monzón e também pela propaganda peronista que punha seu nome em toda obra de benemerência e filantropia, tal como as supracitadas creches, hospitais, que eram arregimentados pela própria *Fundación Eva Perón*, responsável por grande parte do serviço social realizado especialmente no segundo mandato de Perón. Além disso, Eva foi destinatária das correspondências e visitas pessoais dos cidadãos mais carentes que a ela pediam auxílios e benefícios, desde tratamento médico, doações financeiras, *colocações* empregatícias e até equipamentos de trabalho para o sustento da família (PLOTKIN, 2013). Nesse sentido, Eva amplificava a capacidade de Perón de ser generoso e dadivoso, gestos de pura *autoridade*.

Assim, a presença de Evita na política argentina renovava a própria valoração de gênero do conceito de *bondade*, que segundo Ana Paula Vosne Martins, no período da virada do século XVIII para o XIX, acabara recebendo novas atribuições para além daquelas *virtudes* puramente masculinas tal como pregavam os filósofos antigos. Para Martins, nesse período houve um processo de *generificação* da benemerência, visível no paralelo entre a *naturalização da esfera da feminilidade* – entendida como irracional, sentimental e emotiva – com a *naturalização da bondade*, compreendida enquanto esfera privilegiadamente feminina:

A naturalização da bondade não deveu sua fortuna crítica somente às elaborações filosóficas e literárias do século XVIII. Em boa medida, as próprias mulheres contribuíram para a construção da imagem da mulher benevolente e da associação entre bondade e feminilidade porque, desde meados do século XVIII e especialmente no século XIX, um número crescente delas passou a se envolver intensamente com as ações de benemerência, caritativas e filantrópicas. [...] O século XIX pode ser considerado como a época da filantropia feminina, quando se cristaliza a associação entre bondade e feminilidade. (MARTINS, 2013: 167-168)

Ao término do século XIX, a bondade era uma palavra não só feminina do ponto de vista gramatical. Bondade era a expressão das mulheres, o que melhor as definia no plano do imaginário social e das sensibilidades (MARTINS, 2013: 170).

Apropriando habilmente esse imaginário social que articulava feminilidade à bondade, Evita era qualificada como mulher, dócil, passional, benemerente e, não menos importante, política (inovação trazida pelo voto feminino e pelo Partido Peronista Feminino). Tais qualificações desenrolam uma simbologia ímpar, já que não apenas reforçaram seu status de ponte afetiva entre Perón e as massas, mas também maximizaram sua autoridade, ensejando certo desejo de obediência por parte das *massas* ditas *femininas*. Desse encontro entre os necessitados e a *fada boa* se gerou um compromisso afetivo mútuo que fez de Evita e suas virtudes um emblema da ação social peronista que não mediria esforços para o bem estar dos *descamisados*. Tal afetividade mútua não se deu apenas pelo fato de Evita possuir as virtudes da dádiva e da caridade. Outros desdobramentos libidinais e de gênero se articulam, especialmente quando os discursos da época se referiam ao seu *coração* que pulsa em sintonia com o povo, trazendo à baila metáforas cada vez mais adscritas numa panegírica mitologia cinzenta (de união entre o branco e o negro) que permitia que em seu corpo de mulher e primeira-dama convivesse simultaneamente o santo e profano:

EVA PERÓN: Cual imagen de destellos, cual estrella rutilante, como enigma de esperanzas realizadas como Cielo de promesas y venturas, como sol de amplio fuego: fuego amigo, luz y lumbre de pobreza; como sol fecundo y puro, que ennoblece en sus destellos, así luce MARIA EVA, demostrando al poderoso con su ejemplo de nobleza la altivez de tus blasones, la ambición de tus deseos, la tibieza de tu pecho – pecho amigo -, donde anida: blando y tierno el corazón de roja sangre; roja sangre de porfías y desvelos; de lágrimas cual brillantes en sus reflejos por el dolor de los humildes, de los desesperados, de los que no vivían. Tú eres santa por la sencillez de tus desvelos, tú eres buena porque sufriste y de allí nació tu comprensión del dolor ajeno. Eres noble como hermana cariñosa, eres paz en las tormentas, eres tibia para todos los que sufren, pan de dichas placenteras para los pobres de mi tierra; eres grande como nadie porque diste a PERON el pecho amigo, tus promesas más galanas, tus cuidados y proezas por el Hombre de la Patria, tu marido (MONZÓN, 1951: 73).

A feminilidade de Evita transita com certa polivalência borrando as fronteiras entre a caridosa santa que ao sofrer compreendeu a dor do outro, e a voluptuosa mulher descrita por metáforas de calor e luz tais como *fogo amigo*, *luz*, *sol fecundo*, portadora de um coração de *sangue vermelho*. Desse corpo feminino Monzón desdobra à união máxima, até mesmo carnal, entre o peronismo e o povo argentino, afinal, se Perón é o *Homem da Pátria* e Eva lhe dá o *peito amigo* bem como seus amores, logo ela também seria *pão de felicidades prazerosas*, tanto para o marido como para os *descamisados*<sup>126</sup>.

O corpo de Eva recebeu tamanho simbolismo pelo fato de ser materialização de uma mulher que vinha do povo, ascendeu e a ele se entregou, transcendendo a carnalidade

<sup>126</sup> Isso auxilia na compreensão dos mórbidos e conturbados destinos de seus restos mortais Cf. (SARLO, 2005).

individual para se fundir com a totalidade. Corpo que mesclava o *dégradé* afetivo conectando o líder e as multidões, por isso *Evita* era qualificada simultaneamente como *carne do povo* e *mulher de Perón*. Nesse intuito, os dois corpos de Perón, aludidos pela leitura kantorowicziana de Omar Acha (2013) pode ser acrescido ao corpo de *Evita*, que fundaria uma tríade fisiológica, caracterológica e personológica entre ela, Perón e o Estado, numa harmonia com as massas que apenas poderia ser efetivada pela conexão metafórica com o inquebrantável amor familiar.

Tal conjunção é ainda mais efetiva se pensarmos na característica paternalista do peronismo enquanto *familiarismo*. O elemento que operava na integração Perón-Evita-Multidões seria justamente aquele espelhamento identificatório que se dava não apenas entre os homens e pais com o líder, mas também da própria família popular com a família presidencial. Nesse sentido, o corpo triplo de Perón-Evita-Estado, inscrito nas linhas cristãs da bondade e da justiça social, também se compatibilizava com a sensibilidade popular por meio do *familiarismo* proveniente da ideia da nação compreendida como um harmônico lar. Para entender tal conceito devemos levar em consideração as rupturas e continuidades justapostas que o sustentavam naquele período:

¿Qué quedó entonces del familiarismo del peronismo de los '50? El familiarismo, entendido como la exaltación del orden doméstico como reaseguro del orden social, fue un núcleo fuerte de los discursos de las élites intelectuales y las políticas públicas desde comienzos de siglo. El primer peronismo le otorgó sentidos singulares a ese familiarismo – en un momento de auge de esos discursos en el mundo – que cobijó políticas tan disímiles como la promoción de los casamientos, el divorcio vincular y la mejora de los derechos de los hijos extramatrimoniales. (COSSE, 2011: 40-41)

Se consultarmos teses como as de Maria Helena Capelato (2009), de Marcela Gené (2005), Omar Acha (2013) e Isabela Cosse (2006) poderemos perceber que o projeto de inclusão das famílias no rol da cidadania política legal era acompanhado por um processo de vinculação simbólica entre os lares argentinos com o lar estabelecido na Casa Rosada. Dessa forma, construiu-se uma metáfora da nação como *família feliz* baseada nos princípios morais do trabalho, da ordem e da união

É importante salientar que tais formulações familiaristas não devem ser concebidas como meras imposições ideológicas análogas aos regimes nazistas e fascistas europeus, pelo contrário, segundo pesquisas de Marcela Gené sobre a propaganda peronista, houve um: “fuerte sustento del peronismo em tradiciones simbólicas preexistentes, que apoyaron selectivamente y reformularon. Pero es justamente el caracter de ‘apropiación’, la necesidad

de mantener elementos arraigados en el imaginário colectivo, la clave de la eficacia de las imagenes de expresión política” (2009: 142-143).

Dessa forma o peronismo pode ser considerado dialógico com relação à *cultura popular* católica e familiar, não apenas impondo ideologias mas também recebendo e reutilizando significações prévias, úteis não apenas à propaganda estatal, mas principalmente à sustentação de uma *autoridade* que se localiza no encontro e nos trânsitos entre a liderança e a obediência ativa. Podemos encontrar na fala de Perón – na ocasião de fechamento do suntuoso I Congresso Nacional de Filosofia realizado em Mendoza no ano de 1949 – a fundamentação desse ideário familiarista pela recorrência aos antigos fundamentos cristãos e greco-romanos da continuidade de poderes masculinos:

El Cristianismo [...] enriqueció la personalidad del hombre e hizo de la libertad, teórica y limitada hasta entonces, una posibilidad universal. En evolución ordenada, el pensamiento cristiano, que perfeccionó la visión genial de los griegos, podría más tarde apoyar sus empresas filosóficas en el método de éstos, y aceptar como propias muchas de sus disciplinas. Lo que le faltó a Grecia para la definición perfecta de la comunidad y del Estado fue precisamente lo aportado por el Cristianismo: su hombre vertical, eterno, imagen de Dios. De él pasa ya a la familia, al hogar; su unidad se convierte en plasma que a través de los municipios integrará los estados, y sobre la que descansarán las modernas colectividades. (PERÓN, 1950: 165-166).

Ecoando os pensadores da soberania monárquica, tais como Robert Filmer (1680) ou François de La Mothe Le Vayer (1653), Perón pregou continuidades entre as esferas pública e privada, sustentadas pelo lastro da autoridade celestial. Nesse sentido, o presidente estava totalmente atento aos princípios fundamentais que regiam a perfeita cosmologia dessas antigas técnicas de governo de povos e condutas que, tal como estudamos no quarto capítulo, foram reatualizadas pelos saberes psicológicos, ético-políticos e repaginaram as mofadas laudas que versavam sobre as *artes* do mando e da autoridade. Nessa esteira, o elemento de gênero é reforçado quando Perón aponta o *homem vertical*, ereto, que se consolida não apenas pelo cristianismo, mas pela edificação do humanismo moderno que colocou o *homem* – branco, europeu, racional, católico e, evidentemente, masculino – como fundamento de todos os poderes.

Do encadeamento transcendental de chefias masculinas (Pai, Líder, Deus) decorreria o fundamento básico para o justo comando da família, dos Estados e das modernas coletividades, bem como o Cosmos. Em outros termos, o elemento familiar preconizado por esse *homem vertical* serviria de cimento para aproximar tanto a sociedade em microunidades morais que seriam extensões privadas a espelhar os demais ordenamentos macropolíticos;

quanto o laço afetivo que uniria tais células básicas familiares em torno de um Estado/família simultaneamente forte e caridoso, masculino e feminino, encarnado pelo condutor e a primeira-dama como pai e mãe das famílias nacionais.

Portanto, tal característica *familiarista* no peronismo é um dos elementos que articularam a imagem paternal de Perón, retratada pela atriz Josephine Baker como *Notre Pere de Famille*<sup>127</sup>, tal como impresso e distribuído em panfleto homônimo (1952). Ecoando a tais opiniões, Florencio Monzón define o próprio peronismo como uma relação familiar estabelecida entre o casal presidencial com seus *filhos e irmãos* populares:

puño firme en su gobierno y pasión ennoblecida en PERÓN y por EVITA, geniales constructores de la Pampa, corazones generosos, preocupados y felices solamente, cuando ven contentos a sus hijos, sus hermanos, pueblo unido, pueblo sano, oro puro de verdades, amor, lumbre, paz eterna para el pueblo, que es espiga generosa como el suelo que lo nutre, noble y fuerte por principios, nacimiento y esperanzas (MONZÓN, 1951: 66).

Dessa forma o familiarismo, profundamente ancorado nas estruturas de gênero é fundamento da autoridade do peronismo, afinal, pulso firme e paixão são os elementos mais expressivos de uma autoridade paternalista tal como apontado por Richard Sennett quando comenta que seu ingrediente essencial é “alguém que tem força e a usa para guiar os outros” de maneira efetiva ou especialmente metafórica, analogamente ao pai de família (SENNETT, 2012: 30). Dessa feita, são os traços pessoais de Perón e Evita que garantem a felicidade, o amor e a união do povo enquanto filhos e irmãos alimentados no seio dessa união familiar adjetivada por qualificativos de *nutrição, fertilidade e nascimento*.

Dessa forma, o paternalismo na Argentina da virada dos anos 40 aos 50 pode ser compreendido pelas manifestações éticas, psicológicas e de gênero que tinham como função garantir uma autoridade baseada no amor e no encontro entre o carinho dos líderes com o desejo dos subalternos. Tal laço de autoridade é permeado não apenas pela concepção *paternalista* de poder, mas também intensificado pelos contornos do *familiarismo*, transmitindo uma fundamentação política e sentimental embasada na *comunidade organizada* por um conjunto de famílias que orbitam o eixo gravitacional e afetivo da família presidencial. Como resultado, apoiar o peronismo significava proteger a própria família e a dignidade popular numa ordem de mundo centrada num lar de união a englobar tanto a esfera privada dos pais, filhos e irmãos quanto a esfera pública e paternal de Perón, Evita e o Estado.

---

<sup>127</sup>Nosso Pai de Família (T. do A.)

Obedecendo aos princípios das antigas *artes de governar*, plenamente compatíveis com os modernos saberes sobre a *psicologia das massas*, lançou-se um princípio de *autoridade* que legava aos subalternos o protagonismo da obediência, já que fundamentada por um laço afetivo e amoroso de dádiva, carinho e bondade atado pela lealdade mútua entre líder e subalternos. Nesse sentido, foram empregadas no contexto peronista as analogias de gênero que comparavam as massas com mulheres, pressupondo que ambas careciam de qualidades de personalidade e por isso mesmo precisavam da direção de um homem racionalmente e fisicamente equilibrado e aprimorado, capaz de preencher todo jogo de *calidades* e *cualidades* necessárias a um másculo líder condutor das massas. Nesse sentido destaca-se seu metafórico protagonismo enquanto *psicólogo, zelador e pai*, pois pretensamente saberia escutar e compreender o povo argentino, incitando o fortalecimento dos vínculos de autoridade, obediência e lealdade entre ambos. Completando o cenário afetivo, Evita e o ideal feminino nela adscrito ampliaram a carga *paternalista* do regime, que buscava realçar a ideia da nação definida como uma família, agraciada pela bondade e caridade da primeira-dama em consonância com a máscula fortaleza do HOMEM considerado pai e chefe da Argentina.

## CAPÍTULO 7 - CORRESPONDÊNCIAS: PERSONALIDADE E AUTORIDADE NAS EPISTOLAS POPULARES DESTINADAS A VARGAS E PERÓN

A noção de *autoridade benevolente* de Vargas e de Perón, tal como descrita nos tratados biográficos de personalidade, possibilitaram novas formas de interpretação política no período porque demandava reconhecimento, adesão, simpatia e aproximação pessoal com os próprios liderados. Talvez esse ponto seja a principal *inovação* dos referidos presidentes latino-americanos e questão chave para o estabelecimento de um poder definido posteriormente como *populista e carismático*.

Nesse capítulo leremos essa história a partir de outra perspectiva, marcada não mais pela discursividade propagandista ou da construção de um líder por parte dos intelectuais, mas, pelo contrário, nos voltamos para as cartas que as pessoas escreveram aos presidentes. Por meio delas teremos outro horizonte da *autoridade* em Vargas e Perón, tendo em vista que as cartas são narrativas que incorporam, ao seu modo, outras construções discursivas e elaboram as suas próprias expectativas em relação aos laços sociais, políticos e éticos com o poder. Tais *correspondências* demonstram a potência e a capacidade das pessoas em reinterpretar e dar sentido às estruturas relacionais do gênero, da autoridade, da liderança e da personalidade dos presidentes em questão.

Pelas correspondências enviadas a Vargas e Perón podemos encontrar posições enunciativamente ativas dos remetentes populares, que em muitos casos não tinham nenhuma instrução ou desconheciam os protocolos exigidos para estabelecer a comunicação formal com o poder, o que não os impediu de tomar a decisão de escrever para o *mais alto dignitário da nação*. Nessas ocasiões demonstravam ter conhecimento das decisões ou dos projetos elaborados pelo Estado e pelas políticas *de base* ensejadas pelos novos regimes, seja para cobrarem benefícios, direitos, auxílios, ou simplesmente para exporem sua adesão aos rumos tomados pela nação sob o comando de tais líderes.

Com uma caligrafia claudicante e sem dominar as normas da linguagem formal, as cartas destinadas aos presidentes expressam construções intelectuais absolutamente pertinentes, que interpretaram e reinterpretaram toda a cadeia de poderes estabelecida na época. Tais construções discursivas epistolares permitem-nos vislumbrar não a implantação de um regime monológico em seu autoritarismo, mas a existência de uma polifonia com concepções que polvilhavam os mais diversos espectros políticos a partir de múltiplos pontos



de vista gerados em meio às mais sortidas demandas e necessidades individuais respaldadas por uma relação de autoridade de cunho paternal.

Tais relações apenas podem ser percebidas no exato momento em que os significados políticos criados e lançados pelos regimes varguista e peronista caíram em domínio público e serviram de matéria prima para a reconstrução de uma nova discursividade a ser (re)apropriada e (re)enunciada a partir dos critérios pessoais e singulares de cada um daqueles missivistas. Consideramos o estudo e análise dessa documentação fundamental para a problemática desta tese por vários motivos: em primeiro lugar, por trazer nuances, questionamentos e novas perspectivas às leituras políticas e pretensamente unívocas da personalidade, liderança e autoridade de Vargas e Perón; em segundo lugar, tais epístolas são importantes por ampliarem o escopo do estudo dos saberes-poderes ao incorporar o terceiro elemento da tríade foucaultiana, a saber, a *subjetividade* e sua delicada, fragmentada e inconstante construção, dada sempre no gerúndio e na contingência das cartografias e construções discursivas lidas, escritas, proferidas e dialogadas. Dessa forma, as correspondências presidenciais também permitem conceber certo exercício de uma escrita de si, que integra o processo de tornar-se sujeito no momento em que as pessoas se posicionam e se relacionam, pela própria prática de pôr-se no papel, frente ao poder do Estado e do líder da nação.

É importante ressaltar que cada uma das cartas que estudamos serão postas tanto em perspectiva ampla e contextual, com relação à conjuntura macropolítica nacional, como também serão abordadas por suas singularidades, de forma que individualmente elas compõem obras específicas, distintas e autônomas com relação às demais. Apesar de arranjarmos sua disposição para que se criem pontos de diálogo na construção de uma linha narrativa, não podemos deixar de sublinhar que, como toda intervenção historiográfica, trata-se de uma organização que responde aos questionamentos lançados por nossa problemática de pesquisa, dessa forma, mesmo que elas apresentem certa organicidade discursiva, muitos pontos de vista nelas expressos são contrastantes e, não raras vezes, questionadores às próprias fórmulas propagandísticas dos regimes a que se remetiam.

Importa compreender essa documentação por sua singularidade e pelo excelso peso da contingência que margeava os rumos pelos quais algumas daquelas *mal traçadas linhas* tomavam. Nesse sentido, a ideia de mosaico tratada na introdução da tese deve ser retomada, já que cada fragmento é posto num ordenamento específico, mas que poderia ter sido reordenado de outra maneira para responder a distintas demandas de pesquisa, por isso não é

nossa ambição sobrepor-nos aos estudos que abordaram o tema (GUY, 2016; ACHA, 2013; MARTINS, 2008; FERREIRA, 2011, REIS, 2002), bem como também não pretendemos esgotar a discussão aqui estabelecida. Antes disso, buscamos estudar a perspectiva popular a respeito das relações travadas com o líder a partir do que as pessoas escreveram e, justamente por escreverem, deixaram o lugar normativo e fixo das massas para ocupar o contraditório lugar da singularidade, apresentando suas percepções, interpretações e asseverações com relação a Vargas e Perón.

### 1) *Estimado Senhor Getúlio Vargas...*

Escrever ao presidente não era uma novidade no contexto brasileiro, muitos outros mandatários anteriores a Vargas receberam epístolas das mais variadas naturezas, porém, até então nenhum presidente fora tão requisitado como o líder do Estado Novo. Para se ter uma noção da magnitude dessa correspondência devemos levar em conta que apenas o Fundo da Secretaria da Presidência da República (FSPR), *série geral*, arquivou no período de 1930 a 1945 um total de 799 caixas contendo correspondências, sendo que em cada uma delas constam, em média, 500 laudas (FERREIRA, 2011) que consistiam em telegramas, bilhetes, poesias, fotografias, livros, declarações e manuscritos em geral, praticamente todas endereçadas pessoalmente a Getúlio Vargas<sup>128</sup>.

Para compreendermos os motivos dessa enxurrada de correspondências, bem como o alcance heurístico das mesmas, devemos ter em conta a estrutura burocrática e ideológica do governo Vargas. Nesse sentido é importante compreendermos as funções exercidas pela Secretaria da Presidência da República (SPR) naquele contexto, afinal, todas as cartas enviadas ao presidente passavam pelas mãos do secretário Luiz Vergara, que encabeçava o secretariado com status de ministro de Estado. Segundo Jorge Ferreira:

Dotada de um certo grau de autonomia administrativa e impondo sua autoridade a toda máquina estatal por sua vinculação direta com o chefe de Estado, a SPR atuava trocando informações com todas as instituições estatais, desde grandes ministérios até pequenas prefeituras. A secretaria era responsável por toda a correspondência endereçada a Vargas [...] recebendo a correspondência, a SPR a transformava em processo administrativo e, de acordo com o assunto, enviava-o aos órgãos estatais que pudessem dar parecer sobre o caso e uma possível solução. (2011 :87).

---

<sup>128</sup> Algumas poucas eram destinadas a Darcy Vargas e também ao secretário da presidência Luiz Vergara.

Percebemos uma atuação bastante efetiva dessa secretaria, capaz de mobilizar todos os gabinetes estatais para tentar solucionar as petições populares que ganhavam voz no meio desse emaranhado burocrático. Devemos lembrar que todas as cartas eram respondidas com o resultado de suas petições, em sua grande maioria assinadas com o nome de Getúlio Vargas ou de algum ministro responsável como Gustavo Capanema, que analisava a pertinência das solicitações e informava a Luiz Vergara que, por sua vez, respondia aos remetentes, muitas vezes assinando com o próprio punho. Cabe ressaltar que, pela experiência de arquivo que vivenciamos não nos pareceu corrente a prática de benefícios baseados em vínculos clientelistas ou *cordiais*, pelo contrário, a Secretaria operava de maneira técnico-burocrática respondendo negativamente até aos mais suplicantes pedidos caso não se respaldassem num sustentáculo legal ou juridicamente viável – o que ocorria na maior parte das vezes. Apenas cargos previamente destinados à nomeação presidencial, em sua maioria de baixa patente, eram disponibilizados aos missivistas.

Não nos interessou tabular as respostas nem mesmo a súmula dos pedidos enviados a Vargas. Ao analisar essas cartas pretendemos compreender o processo de *correspondência* com o presidente, e com isso a operação linguística e política do gênero, da personalidade, liderança e autoridade. É justamente pela pluralidade de intenções, discursividades e interpretações que buscamos estudar as formas como os missivistas compreendiam e atuavam<sup>129</sup> frente ao Estado encarnado pela pessoa de Getúlio Vargas. Tal enquadramento qualitativo da documentação justificou a seleção do material, já que o arquivo apresenta mais de 400.000 cartas recebidas pela SPR apenas nos primeiros mandatos do presidente (1930-1945). Dessa forma, para que nossa pesquisa fosse qualitativamente relevante definimos uma cronologia restrita, a saber, selecionamos as cartas enviadas/recebidas no fim do ano de 1937 até o início de 1939, já que nesse período, pelo recente advento do Estado Novo, a propaganda política varguista se intensificou cada vez mais, buscando abrir mais canais de comunicação direta com o povo trabalhador e demonstrando solidariedade com os seus anseios.

Também nessa época o regime ensejou e solicitou manifestações de apoio e adesão, além do mais, os anos de 1937 a 1940 coincidem com a publicação das principais biografias de Vargas. Também restringimos nossa pesquisa à *Série Movimentação de Pessoal, Subsérie Geral*, por sabermos, a partir da leitura da bibliografia especializada (FERREIRA, 2011;

<sup>129</sup> Remetemos à questão dos *atos de fala* de Austin (1955) quando afirma que cada pronunciamento já pressupõe uma *ação*, seja por meio de uma promessa ou pela própria função performativa da linguagem dita que produz efeitos positivos no mundo.

MARTINS, 2008; REIS, 2002), que esse é o acervo que abrange os apelos dos populares por postos empregatícios, uma das demandas mais recorrentes do período dada a pobreza e a escassez de meios de sustento da população, que encontrava na figura do *pai dos pobres* e *primeiro trabalhador* a última instância para recorrer em busca de amparo e proteção. Dessas cartas é possível destacar certa estrutura narrativa padrão, tal como delineada por Ana Paula Vosne Martins:

Tomadas, no seu conjunto, como solicitação de ajuda, as cartas apresentam uma estrutura mais ou menos homogênea. Iniciam com as formas de deferência, usando indiscriminadamente pronomes de tratamento como Vossa Excelência, Excelentíssimo Senhor, Ilustríssimo Senhor, Potentíssimo Senhor e Ilustre Presidente. Em seguida há uma breve apresentação, na qual geralmente mencionam sua condição de pai e mãe, o número de filhos e a profissão. Passam então a enumerar as qualidades do presidente, principalmente seu grande e benevolente coração que não deixaria de se comover com o relato de suas dificuldades, justificando, assim, a solicitação do abono, que é chamado de auxílio, ajuda, socorro, recompensa e, em alguns casos, de esmola. Por fim reiteram a esperança na benevolência e no espírito de justiça de Getúlio Vargas, usando formas de saudação no término da carta que reforçam a condição subalterna e obsequiosa dos missivistas (2008: 222).

Nesse padrão estrutural orbitava grande parte das cartas destinadas a Vargas, porém, se formalmente eram assemelhadas, no quesito argumentativo elas se apresentavam bastante diversas e singulares, especialmente se tomarmos em conta o enorme esforço que realizavam para transpor as barreiras hierárquicas que separavam o modesto remetente do poderoso chefe de Estado. Geralmente o exercício de aproximação e justificativa da escrita se iniciava pela suplicante narrativa dos motivos que moveram *compulsoriamente* o autor da carta a enviá-la ao presidente da nação: “Não fosse a minha situação presente eu não viria incomodar com esta carta que, não tendo a recomendar-lhe o prestígio de um grande nome chegado a V. Excia., possui contudo a sinceridade de um amigo humilde, como tantos outros perdidos na obscuridade do anonimato popular”<sup>130</sup> (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145, PROCESSO 8108, 29/03/1938). Nota-se nessa breve narrativa a exposição de uma situação de pobreza que obriga o autor a escrever, mesmo se justificando pelo *incômodo* que poderia causar, confia na *sinceridade e humildade de amigo* do presidente a zelar tanto pelo missivista anônimo quanto pelos demais necessitados da nação. Desse encontro entre a distinção amistosa do presidente e o anonimato respeitoso do remetente estariam estabelecidos alguns dos nexos que fariam desse diálogo um vínculo de

<sup>130</sup> Optamos por manter a grafia original em todos os excertos de cartas transcritos nesse capítulo, isso nos permite ter noções acerca do grau de instrução formal apresentada pelos remetentes.

*correspondência* íntima e pessoal. Em alguns casos apelava-se até mesmo à religiosidade popular para justificar a escrita ao presidente:

Fui hoje à igreja de Santa Terezinha pedi para que ella me animasse a fazer este pedido se ella achava que eu ia ser atendida, qual a minha alegria quando ouvi dizerem-me serás atendida vim para casa com coragem e fé de receber do nosso chefe a mesma resposta que Santa Terezinha me deu. Assim Dr. Getulio, le pesso que o senhor atenda o coração de uma mãe dizisperada. [...] Sem mais, aqui fico junta a minha querida santinha rezando para obter sua resposta (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 140, PROCESSO 31590, 02/09/1936).

Pela analogia vê-se que a solicitada resposta de Vargas é alinhada à intervenção de Santa Terezinha – conhecida como caridosa, modesta e sincera. Nesse sentido, não apenas se reforçava o caráter sagrado do presidente, mas também se colocava uma condicional ao grande homem já que, caso negativasse o pedido de sua peticionária, estaria contrariando tanto os poderes espirituais da protetora, quanto a própria crença que a missivista depositava na providência divina (da santa) unida à terrena (de Vargas). Toda alegria demonstrada pela resposta da santa poderia se tornar decepção frente uma negativa presidencial, a desiludir uma mãe que apelava às instâncias superiores de poder com a fé e o coração.

Trata-se de uma manifestação popular e espontânea de devoção que se embasa numa imagética cristã mesclada aos sentimentos que serviram de justificativa para que uma simples popular pudesse escrever ao presidente da nação sem que ultrapassasse os limites hierárquicos do respeito, da submissão e da civilidade. No mesmo sentido de abrandar o impacto de uma transposição hierárquica, outro missivista explana exatamente aquilo que considera a singularidade fundamental apresentada por Vargas como propiciadora à sua escrita:

Um simples cidadão brasileiro não ousaria, em outros tempos, dirigir-se diretamente ao Chefe da Nação por que sabia que seu pedido não tendo a recomendação de pessoa de prestígio não seria atendido e talvez nem chegasse as mãos a que se destinava. Hoje, no entanto, no Estado Novo, quando o Presidente da República convive com o povo, andando no meio dele, sentindo as vibrações do seu entusiasmo, como tive o prazer de ver durante a visita de V. Excia. a São Paulo, qualquer brasileiro sabe que o Chefe da Nação não é mais que um compatriota que zelará pelos seus interesses e saberá compreender as suas necessidades (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 159, PROCESSO 19375, 01/09/1938).

Se valendo da mesma estratégia de comparação entre os tempos anteriores frente aos dias de um *Estado Novo*, o remetente pretende cancelar não o *incômodo* que poderia causar ao magistrado com sua escrita, mas a *ousadia* em *dirigir-se diretamente ao Chefe da Nação*, e isso apenas foi possível pelo estabelecimento de uma relação de convívio e proximidade que o

presidente buscava ter com o seu povo. Nesse sentimento de intimidade pessoal ensejado pela própria propaganda estadonovista, encontramos manifestações de pura espontaneidade e informalidade que transmitem uma forma bastante própria dos cidadãos brasileiros relacionarem-se com o poder executivo:

Ao querido e bondoso Sr. Dr. Getúlio Vargas, nosso estimado e digno Presidente apresento o meu saldar e os votos sinceros que faço para que Deus lhe de muita saúde e muita felicidade, a si, e a todos os de sua querida Família. Peço-lhe desculpas em não o tratar de V. Excia., trato-o só de Senhor porque lhe quero bem sinceramente e quando se quer bem a uma pessoa creio que é melhor a simplicidade; este meu tratar pois é sim por amizade e não por desrespeito. Quero-lhe dizer Sr. Dr. Getúlio Vargas que moro em Ribeirão Preto e não lhe minto se lhe disser que corri o dia todo só para o ver; toda gente achava graça, queriam levar-me ao banquete e ao baile, mas eu não fui, pois desde que tive a infelicidade de perder meus paes, queridíssimos, nunca mais tive vontade para festas. Sou ainda uma mocinha; graças a Deus tenho tudo, nada me falta; vivo com meus tios e manas; todo o conforto, mas eu só queria uma coisa para lhe poder dizer que era feliz! Queria uma collocação assim do governo. [...] Quero pois pedir-lhe o grande favor de me dar essa felicidade! o senhor Adhemar é tão seu amigo! elle não podia obedecer-lhe? Eu não podia ganhar um bom ordenadinho? [...] Peço o grande favor de me responder logo; não deixe ninguém desaparecer com essa minha cartinha sem o senhor ler, pois muita gente diz que o senhor não é tudo que lê; só o que é importante; e essa cartinha minha é importante. Por favor responda sim? Peço-lhe mil desculpas deste meu ato, mas o senhor é muito bom e vae-me desculpar. Conto com seu bom coração que me attenderá (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 146, PROCESSO 17072, 31/07/1938).

Nessa jovial e até mesmo despojada escrita vemos a manifestação de uma *mocinha* que se dirige ao mais alto dignitário nacional tal como o faria para um amigo ou familiar, de tal maneira que abandona as reverências para tratá-lo como *senhor*, buscando minimizar toda distância hierárquica. Percebemos que o tom espontâneo faz com que sua carta desdobre para tópicos que transcendem a pura petição política, trata-se também de certa confissão, de carinho e intimidade em que a missivista sente-se confortável para escrever até mesmo sobre seus sentimentos pessoais.

Isso faz eco à formulação de Gastão Pereira da Silva, tal como estudado no quinto capítulo, na qual afirma o caráter paternal e psicológico da ligação dos subalternos com o Chefe: “O chefe é como um ‘transfert’ a quem os indivíduos fazem as suas confidências. Desabafam-se com ele. Pedem indulgência para os seus atos que a consciência um dia reprovou. Dele esperam proteção, como a criança que se sente amparada sob o domínio do pai. (SILVA, SD: 14-15)”. É pertinente notar a posição infantil com que a missivista se coloca frente a Vargas, considerado seu protetor, amigo e confidente. Nesse mesmo tom amigável encontramos o relato suplicante e em algumas partes ousado daquela que se intitula a *Gaúcha de Porto Alegre*:

SAUDAÇÕES. Não me dirijo a um PRESIDENTE DA REPÚBLICA, mas sim, a um pae do povo, a um conterrâneo amigo. [...] Acompanha esta, um livro, prova real de que, quando eu tinha meu marido gratuitamente dedicava meu tempo a servir a Pátria. [...] Venho lembrar ao meu conterrâneo, o pedido que lhe fiz, na hora mais triste da minha vida, de collocar, amparar a GAÚCHA DE PORTO ALEGRE. Acredite, continuo eu nesta dolorosa situação de dívida no Lar Brasileiro alugando quartos, aturando muito, até pessoas de ideais communistas têm procurado comoditos aqui, podendo de repente passar eu por serios vexames. Sendo nomeada, se liberarei a vida, viverei mais tranquila. Quando à primeira vez, afflictiva implorerei um emprego para o meu irmão, o Sr. foi um anjo Divino. Eu fiquei para o resto da vida, escrava de minha eterna gratidão, vivendo sempre nas orações e promessas, afim de que Deus proteja sempre os passos espinhosos do homem dos pampas. Será que agora, quando o meu conterrâneo tem a faca do poder nas mãos, e é, o Deus da terra, recuse-se a amparar a filha do RIO GRANDE DO SUL, que no maior desespero, envolta no negro manto da dor e viuvez se joga aos seus pés, implorando ser nomeada [...] Se meu conterrâneo não se offender, tenho uma linda lembrança para lhe oferecer. Meu ardente desejo, é entregar pessoalmente. Quer marcar uma horazinha? Eu sei que não mereço essa grande honra, mas, as gaúchas são sempre entusiasmadas pelos seus conterrâneos e conterraneas, por isso tenho também um lindo mimo, para D. Darcy, a quem também queria dar em mão. A Gaúcha de Porto Alegre (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 140, PROCESSO 29907, 26/04/1937).

Nessa carta encontramos os mais profundos elementos afetivos que interpretam a presidência de Vargas não como um exercício burocrático e hierárquico da Chefia de Estado, mas um exercício sentimental e horizontalizado do poder, propiciando a existência de um laço carinhoso estabelecido entre a suplicante remetente e o poderoso destinatário. É pelo caráter informal e íntimo que a missivista insiste em não referir-se a um presidente, mas a um *conterrâneo amigo* oferecendo presentes e, até mesmo, utilizando de seu *ardente desejo* e *entusiasmo* para convidá-lo a visitar sua residência. Para que não fosse mal interpretada incluiu Darcy no convite, *a quem também queria dar em mão*.

É tocante nessa epístola a esperança que a mulher depositava em seu presidente conterrâneo, a fé no poder divino do *homem dos pampas* que poderia tirá-la de sua condição dolorosa por meio de uma nomeação (*colocação*) em um cargo público. Isso salvaria não apenas sua integridade econômica, mas também moral, já que gente de má índole, até mesmo *comunistas*, estariam frequentando a pousada de uma mulher fiel ao seu falecido marido e ao grande líder da nação. É por isso que demonstra ter esperança na capacidade bondosa do presidente em não esquecer dos seus *conterrâneos* e *amigos*, que se aproximasse deles como se fosse íntimo, o que movia a maioria dos missivistas a compartilhar seus anseios, contar suas vidas, relatar seus sofrimentos e solicitar as benesses daquele que possui a *faca do poder nas mãos*. É por isso que muitas das epístolas ecoam reiterativamente o jargão propagandístico lançado pelo próprio Vargas utilizando tal sentença enquanto justificativa de petição:

Mas V. Excia. é o estadista que declarou: "acabaram-se os intermediários entre o povo e o Governo". V. Excia. declarou também, em entrevista concedida à imprensa, faz algum tempo, que as cartas e pedidos que vos são enviados podem não ser atendidos, "mas são sempre respondidos". Isso me encorajou (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145, PROCESSO 9736, 07/05/1938).

É justamente essa noção de que foram derrubadas todas as barreiras que separariam o presidente do povo que permitiu a edificação da autoridade varguista, que enquanto tal seria reconhecida por seus seguidores por meio de um laço afetivo e pessoal com aquele que incorpora e encarna o poder.

Essa aparente relação de amizade, proximidade e até mesmo de amor estabelecida entre Vargas e o povo não anulava a hierarquia, pelo contrário, embora se sustentem laços igualitários com o presidente, em momento algum é questionada a superioridade hierárquica. Esta questão foi resumida pelo próprio biógrafo André Carrazzoni quando comentou que o sorriso afetivo de Vargas é “a chave psicológica que põe em presença duas forças – o chefe e o povo – na supressão imediata das distancias protocolares, sem transgressão do respeito hierárquico. (1939: 265)”. Nesse sentido, se pode conceber uma proximidade, mas com nítidas estratificações de superioridade e inferioridade, bastante evidentes e reiteradas pelos populares que, ao escreverem para o presidente, sabiam muito bem que embora estivessem se dirigindo a ele com expressões de afetividade, não deveriam *transgredir o respeito hierárquico*. É desta forma que os missivistas se encaixavam pessoalmente nessa cosmologia simultaneamente igualitária e hierárquica para explanarem seus anseios e pedidos:

Ao mais nobre e respeitável de todos os cidadãos brasileiros, dirijo-me com bastante respeito e orgulho [de] ser um dos humildes filhos deste Brasil querido, que V. Excia tem sabido conduzir com serenidade e acerto. A vós, a quem eu admiro pela segurança que tem tido nos momentos mais difíceis da nossa História; Eu vos peço que ouvis as palavras sinceras brotadas de uma alma sofredora, vós, que bem [entende] as necessidades do nosso povo, que V. Excia ouça com atenção dedicando um pouco, para consolo deste coração sofredor, a leitura desta carta. O chefe supremo desta minha querida pátria não se esqueça do apelo de um de seus filhos. Sou eleitor, tenho 23 anos. Da vossa abençoada mão porta o destino e o futuro de um jovem brasileiro. O meu pensamento está sempre convosco. Acredite V. Excia nas palavras e só peço a Deus que esta carta chegue em suas mãos, que eu espero confiante na resposta. Vós que tem tão bom coração, não desprezará o pedido deste humilde brasileiro (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 140, PROCESSO 32120, 14/02/1937).

Encontramos nessa suplicante epístola os elementos hierárquicos bem delimitados: no primeiro parágrafo, a *humildade, o respeito e a dependência da alma sofredora* que remete àquele que, no parágrafo seguinte, é considerado *chefe supremo* que carrega em suas mãos o



*destino e o futuro* de seus subordinados. É justamente nesse (des)nível hierárquico que os missivistas se colocam frente à proteção do poderoso líder:

Os homens como V. Excia. colocados nos mais elevados pontos da sociedade, não sabem e nem de leve podem avaliar o que nós outros tão inferiormente situados, enfrentamos para vencer na luta pela vida; por isso V. Excia. rogo-vos atenção para o meu pedido, que afinal é cousa facil de V. Excia. resolver, e assim teríeis aliviado de um modo considerável, as preocupações de mais um pae de familia, vosso compatriota e real servidor. Com toda consideração, sou de V. Excia., subordinado e correligionário (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 140, PROCESSO 32385, 01/09/1937).

Os elementos de superioridade contrastados frente a frente são empregados para demonstrar a real necessidade do auxílio solicitado, favorecendo o estabelecimento de um laço de subordinação e adesão da parte daquele que escreve. Nesse sentido temos que levar em consideração que está em jogo nessas missivas a própria posição de autoridade do presidente que, tal como visto nos capítulos anteriores, não se refere a uma posse pessoal do chefe, mas uma consideração, um desejo e uma adesão legada por seus subordinados, mais que isso, uma relação afetiva e até mesmo *libidinal* estabelecida entre ambos.

Segundo Sennett a autoridade é um vínculo estabelecido entre “alguém que tem força e usa para guiar os outros” (SENNETT, 2012: 30) e aqueles que dele são beneficiados, dessa forma o termo “ ‘vínculo’ tem duplo sentido. É uma ligação, mas é também, como na ‘servidão’ um limite imposto” (2012: 13-14). Ou seja, não basta que o vínculo se constitua simplesmente como proximidade pessoal e hierárquica entre o chefe e o subalterno, é necessário que haja um laço de submissão entre aquele que afirma a autoridade de seu superior, pois também atesta sua própria condição subalterna. Por meio dessas cartas os cidadãos brasileiros não apenas sustentavam a autoridade do presidente e bem como suas próprias posições de subalternidade, mas imaginavam uma relação simultaneamente igualitária e hierárquica para que se estabelecesse um laço de *lealdade* entre os dois lados da correspondência:

Com devida venia, tenho como dever de gratidão e fraternidade Christão, enviar a V. Excia., os mais ardentes votos de feliz ano de 1939, e, que a Estrella luminosa do progresso e do amor de Jesus-Christo esteja sempre na boa intuição de V. Excia., como, na qualidade de Apóstolo do Bem para governar os nossos destinos. Neste momento, certo, fico em meu posto como Soldado fiel às ordens do meu querido Chefe amigo que, com toda lealdade tenho na pessoa de V. Excia. [...] A mais perfeita felicitação que tenho para com V. Excia., é uma prece de amor a Jesus-Christo e aos Anjos Celeste. [...] Ainda mesmo morto, continuo no mundo invisível, sendo o que sou, getulista de coração. Em matéria de reversão nunca pedi a terceiros, e, peço a V. Excia. como tradição de minha biografia, e recordação indelével! (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 159, PROCESSO 2779, 01/01/1939).

Se valendo de uma discursividade que amalgama o cristianismo popular metaforizando a imagem de Vargas como apóstolo ou até mesmo o próprio Jesus Cristo, o missivista demonstra sua gratidão, fraternidade e, principalmente, lealdade quando se afirma *getulista de coração*, a tal ponto de manter-se devoto seguidor, mesmo em circunstâncias *post-mortem*. A tal intensidade é levantada a declaração de comunhão política, ideológica e sentimental de um subalterno que se coloca como *soldado fiel* às ordens do Chefe, evocando os laços de obediência e submissão presentes na instituição militar de máximo rigor hierárquico, embora se referindo a ele enquanto *amigo*. Percebe-se que a continuidade entre o general e Cristo propiciada pelo amor, tal como renunciada por Freud (2011) é praticamente transliterada pelo leigo missivista que sabe muito bem interpretar os sentimentos políticos de sua época, tal como expressos por Gastão Pereira da Silva em seu livro *Getúlio Vargas e a Psicanálise das Multidões* quando afirma que “é o amor, essa força de coesão, que liga a massa ao prestígio do seu chefe (SILVA, S.D.: 101)”.

Por fim, e não menos importante, o missivista também alinha sua própria biografia ao pedido que remete ao presidente, demonstrando o quão significativa é a relação entre ambos, intermediada pelas correspondências, já que nela ancora elementos de sustentação de sua própria biografia/personalidade. Por meio dessa linguagem amorosa, religiosa, íntima e profundamente emocionada – que busca estabelecer laços de lealdade e subordinação dos missivistas com o presidente – também se delineiam as mais apelativas súplicas travadas entre o chefe supremo e o humilde missivista:

Quero fugir a vulgaridade, esta carta não terá rascunho, sera toda ella o meu pensamento, pois se reflectir muito faltar-me-á coragem para este meu gesto audacioso, filho de uma alma desorientada pela luta. Não posso, mesmo que quisesse, traduzir aqui o que sinto no momento. Que Deus vos illumine para que possaes me compreender [...] Ontem, ao regressar a casa, depois de um dia laborioso, quasi sem recompensa, em uma esquina um retrato vosso com aquelle sorriso que tanto vos caracteriza e a seguinte phrase: "Passaram as apreensões e a confiança resurge com a promessa de melhores dias". [...] Não sei porque sempre vem aos meus olhos esta phrase quando me sinto desanimada, e, alli, junto aquelle cartaz eu resolvi a vos escrever. De meu presidente que ja tem na nossa história paginas maravilhosas, dignificado e elevado no conceito de todos os brasileiros. Luctador, incansável, elle há de comprehender o que eu não souber dizer. [...] É pelo trabalho que tenho de defender o pão de cada dia, por isso eu desejava a mão poderosa de V. Excia., dando-me uma collocação que viesse melhorar a minha situação actual e me trazer alguma segurança futura. Tenho certeza que duas palavras dictas por vos sempre cheias de caridade, em meu beneficio, produzirá o effeito sublime de um milagre realisando o meu ideal. Senhor Presidente, eu vos peço com os olhos nublados de lagrimas, não deiteis no esquecimento os meus rogos, os feridos na luta pela vida são como os feridos no campo de batalha. Tem uma grande sensibilidade. Com o pensamento em Deus, espera uma resposta

animadora. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145, PROCESSO 4559, 25/02/1937).

Essa missiva demonstra os limites da autonomia e da submissão populares frente ao poder presidencial, já que a autora inicia o argumento afirmando seu *pensamento próprio, espontâneo, impulsivo, corajoso* e, até mesmo, *desorientado*, a recorrer ao líder destinatário graças ao sentimento de agregação, comunidade, união e aproximação transmitido pelo retrato de Getúlio Vargas. O *sorriso de compreensão* e as *palavras cheias de caridade* demonstrados pelo presidente acalentaram a alma, curaram o desânimo e permitiram à missivista solicitar o *efeito de milagre* de ser nomeada a um cargo público. Novamente a metáfora militar dos *feridos no campo de batalha* é arregimentada e aproximada à submissão, permitindo a continuidade de poderes militares, religiosos e políticos, de maneira análoga às antigas metáforas das *artes de governar*. Se o missivista se qualifica como trabalhador e devoto, o líder é definido pelas insígnias da *potência, caridade e sensibilidade*. Dessa forma, tais cartas não se furtaram em discorrer pormenorizadamente acerca das virtudes e dos traços de personalidade constitutivos do presidente a quem se demanda.

É justamente no quesito relacional de intimidade, proximidade, hierarquia e lealdade entre o remetente popular e o destinatário presidencial que se encontra a riqueza e a potencialidade das cartas como meios de argumentação política e psicológica. Nesse sentido é válido destacar que, para amparar suas demandas e súplicas, praticamente todos recorriam às qualidades pessoais de Vargas para demonstrar o quanto sustentavam as relações amistosas estabelecidas entre ele e o povo, buscando garantir uma resposta positiva daquele que zela e protege seus subordinados: “Confiada na justiça que pautam os actos dos grandes homens, como V. Excia. e também na generosidade de seu coração, é que tomo a liberdade de dirigir-me a V. Excia” (FSPR, Série Movimentação de Pessoal, Subsérie Geral, Caixa 145, Processo 3672, 18/02/1938).

Dessa forma, Vargas lia a carta e pretensamente responderia de forma favorável já que a justiça e a generosidade eram qualidades que faziam dele um *grande homem*. Ou seja, a missivista sustenta sua argumentação política baseada nas qualidades e virtudes do presidente, pois ao negar um justo e suplicante pedido de uma de suas subordinadas, estaria negando sua própria natureza benevolente, uma das fontes principais da autoridade de homem bom e justo, adjetivos que sustentavam sua posição de superioridade hierárquica, psicológica e de poder. Dessa forma, as virtudes do presidente são evocadas nos pedidos de praticamente todos os

remetentes de maneira polivalente, tanto como delegação de adesão à autoridade quanto justificativa para solicitações de emprego:

Preclário Estadista. Com a devida venia, desejo render a Vossa Excelência, sinceramente, as minhas homenagens: em primeiro lugar, porque reconheço em Vossa Excelência o maior dos Brasileiros e ao maior dos presidentes que a nossa querida Pátria tem tido; em segundo lugar, porque, como paulista, e mais do que isso, como brasileiro, sou um velho e grande admirador das excelsas qualidades de Vossa Excelência; da ação dinâmica de seu Governo; da inteligência e patriotismo que caracterizam os menores atos da sua vida política; e, finalmente da sua grande e extraordinária capacidade de trabalho, assinalada em todos os ramos da atividade administrativa do País. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145, PROCESSO 7972, 29/03/1938).

A autoridade depende do reconhecimento do missivista, que admira as virtudes do presidente e nelas ancora seus pedidos. Dessa forma, percebe-se na argumentação desta carta não apenas uma homenagem ao *maior dos Brasileiros* mas a delimitação das virtudes ou traços que pretensamente o tornariam tão distinto mandatário. A inteligência, capacidade de trabalho, ação dinâmica e mesmo o patriotismo são traços característicos de um homem excepcional e portador de uma singularidade, por isso mesmo capaz de auxiliar e proteger seus subalternos e dependentes. Tais elementos são acionados não só para *bajular* o presidente, mas, antes disso, buscam estabelecer os contornos de sua *personalidade*, de forma que o próprio jargão é reiteradamente abordado em muitas de suas cartas:

Confiados no espírito de justiça e na bondade atributos principaes que exornam a personalidade de V. Excia (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145, PROCESSO 4278, 12/02/1938).

Confiados na magnanimidade dos sentimentos eminentemente cristãos que enaltecem a personalidade inconfundível de V. Excia., os missivistas pedem licença para vos apresentar o testemunho de seu mais profundo respeito e administração. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 159, PROCESSO 16756, 08/08/1938).

Adepto e admirador de V. Excia. desde os gloriosos tempos da Aliança Liberal, fiz-me aos 22 annos de idade revolucionário aqui em Pernambuco, prestando, como brasileiro, os meus serviços à causa de que V. Excia. foi palladino. D'ahi por deante, tenho com entusiasmo acompanhado todos os actos de V. Excia. e hoje que o Brasil se acha integrado no Estado Novo, instituido pela clarividência e patriotismo de V. Excia. sinto-me cada vez mais orgulhoso de ter acompanhado a personalidade do estadista que tão relevantes serviços vem prestando à minha Pátria. Infelizmente para mim os tempos mudaram e, por isso, sinto-me na necessidade de recorrer ao coração generoso de V. Excia. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 146, PROCESSO 17551, 18/08/1938).

As características e atributos pessoais de Vargas são tratados sob a insígnia de virtudes como *clarividência, patriotismo, generosidade, justiça, bondade e sentimentalismo* no intuito de caracterizar a personalidade de Vargas, pronta a responder positivamente às

solicitações populares. Dessa forma, ao definir sua personalidade os missivistas buscam influenciar na decisão do presidente, ao tratarem da personalidade de Vargas fazem interpretações dos propósitos políticos, já que definem, qualificam e adjetivam os atributos que o poder, personificado no presidente, haveria de possuir.

Obviamente essas cartas não demonstram a mesma intencionalidade doutrinária e clareza estratégica dos tratados de personalidade estudados anteriormente, mas é importante destacar como muitos aspectos da linguagem, tanto dos tratadistas, quanto dos missivistas, são compartilhados. Seja por influência dos discursos e da propaganda, seja pela própria sensibilidade popular, é marcante a continuidade discursiva entre as cartas e as formulações que definem a biografia do presidente da república: não por acaso o missivista acima citado afirma que *acompanha a personalidade* do presidente desde os tempos da Aliança Liberal quando Vargas havia coligado com João Pessoa para concorrer às eleições de 1930. Ou seja, demonstra pleno conhecimento da personalidade de Vargas, que tal como visto nos capítulos anteriores, é definida por meio da composição entre os mais ínfimos elementos e passagens vividos pelo biografado no decorrer de sua trajetória biográfica.

Desta forma, ao demonstrar familiaridade com os atos pretéritos do presidente o missivista também se apresenta como alguém que conhece as qualidades de sua personalidade, o que lhe permite conceber o poder ilimitado do coração generoso daquele homem capaz de resolver seus anseios pessoais. Nesse mesmo sentido de compreender a formação de uma subjetividade presidencial as seguintes linhas foram traçadas:

Acompanho com interesse e o mais vivo entusiasmo a superior atuação de V. Excía. como supremo magistrado da Nação. Ela reconhece, em V. Excía. a maior individualidade já produzida no Brasil em todos os tempos. O conceito não me pertence; está arraigado à consciência nacional e por isso mesmo, não deve ser considerado como resultante da admiração pelo patriota insigne. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145, PROCESSO N.D., 20/01/1938).

Note-se que o missivista inicia seu argumento com a afirmação de que *acompanha* a atuação do presidente no decorrer do tempo e, justamente por isso, *reconhece* nele a *maior individualidade já produzida no Brasil*. Mesmo referindo-se ao *homem todo poderoso* – que na ocasião governava o país por oito anos e desde o ano anterior não enfrentava moderação nem de um congresso, nem de carta constitucional<sup>131</sup> – o missivista se apresenta numa

<sup>131</sup> Como é sabido pela historiografia, em 1937 se impunha o regime estadonovista em que o presidente era empossado enquanto ditador a proteger a nação, com isso as portas do congresso nacional foram fechadas e as

posição *delegativa*, ou seja, demonstra seu reconhecimento pessoal a partir de sua observação da atuação do líder e comandante nacional, podendo assim inferir a superior individualidade do presidente e sua capacidade para o mando. Sublinhe-se o termo *produzida*, ou seja, o missivista, tal como os biógrafos, possui plena percepção da personalidade de Vargas enquanto uma *produção*, e não apenas um dado autoevidente. Tal concepção não é algo individual, mas *arraigada na consciência nacional*, ou seja, o missivista atesta a existência de uma espécie de *imaginário coletivo* que justificaria suas afirmações não como mera admiração ou bajulação individual, mas decisão e delegação social.

Não nos interessa conjecturar sobre a existência ou não dessa consciência, bem como a própria veracidade da afirmação do missivista. Interessa-nos a construção de uma argumentação que se sustenta numa estrutura discursiva muito específica. A linguagem que compõe a narrativa epistolar em alguns casos demonstra suas próprias fontes de referência: “Quem lê o livro de V. Excia. reconhece nelle imediatamente, o homem predestinado que salvou o Brasil do abysmo, e rasgou perspectivas novas aos destinos da nação” (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 146, PROCESSO 17645, 11/08/1938). Como Vargas não publicou nenhum livro de sua autoria, logo podemos aventar a possibilidade de que o missivista estivesse se referindo à sua biografia, hipótese que se amplifica pela qualificação do presidente como *homem predestinado*, concordando justamente com a estrutura temporal que assim o define:

Expressando nestas linhas o meu mais profundo tributo de consideração e apreço pela pessoa de V. Excia. a quem hoje se rendem com justiça as homenagens do regime novo em cujo desenrolar se evidencia o patriotismo de um homem talhado pelo destino para a regeneração dos costumes nacionaes, venho impetrar o bafejo de um favor em nome de meu filho (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 146, PROCESSO 18038, 06/08/1938).

Como visto nos capítulos anteriores, a tópica da *predestinação* configura um estilo narrativo presente nas biografias presidenciais, que foi bastante apropriado pelo discurso popular, como se percebe nesta carta que afirma ser Vargas um *homem talhado pelo destino*, pensando em sua composição personológica a partir do verbo *talhar*, o que pressupõe uma construção artesanal, uma arte de fazer-se homem. Já em outra epístola o elemento do destino é inferiorizado frente os traços presidenciais:

Pela alta sabedoria desse acto em que vejo com clarividência o início do agigantado trabalho de dar uma consciência brasileira ao Povo Brasileiro, sem o que o

sentimento da unidade nacional será simples expressão sonora a que faltam fundamentos reais que lhe assegurem a sobrevivência. Não direi que o destino providencialmente colocou V. Excia. na Presidência da República nesta difícil hora do mundo, porque não creio na existência de povos eleitos e homens predestinados. Antes creio nos bons sentimentos e elevados propósitos do homem a quem as circunstâncias – que no dizer de Emerson formam metade de um destino – cream como a nenhum outro Brasileiro, oportunidades excepcionais de bem servir a Pátria; e V. Excia., espírito esclarecido e sereno, temperado à chamma de convicções adquiridas no longo trato dos negócios públicos, sabe quando ellas valem e as aproveita para produzir actos políticos da mais alta expressão nacional. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 159, PROCESSO 1809, 01/12/1938).

Neste caso o remetente contraria a tônica das biografias e dos tratados de personalidade ao demonstrar sua descrença quanto às teorias que qualificam o presidente como homem eleito pela fortuna. Demonstra ter fé nos sentimentos e propósitos pessoais do líder que impactaram na produção de uma *consciência nacional*. Mas, o signatário entra em sintonia com os manuais que debatiam a autoridade de Vargas quando afirmavam sua personalidade não como ditador impositivo, mas como condutor tolerante, compreensivo e amável. Tal concepção foi replicada por diversas outras cartas que se esforçavam para sublinhar o perfil democrático do Estado Novo, demonstrando a justeza do golpe de 1937, bem como a necessária permanência de Vargas no poder:

Dentro da nova estrutura política, não cabe a existência de partidos e facções, de leaders e mandões responsáveis pela corrupção democrática de todos os tempos. Uma só vontade se impõe serena, consciente de sua autoridade e capaz de conduzir o país para os seus gloriosos destinos: a do Chefe da Nação. [...] já se compreende neste momento de angustias universais a missão gloriosa que V. Excia. desempenha como Estadista da maior pátria do mundo; porque, como assentou Epitácio Pessoa de Albuquerque, em seu brilhante “Esboço de Biografia”: Getúlio Vargas é sobretudo e acima de tudo, profundamente humano”, há como justificar a esperança, o ânimo que se traduz no apelo de um simples cidadão, reverente a essa vontade única, emergente do Estado Novo, desse Estado que corporificando a justiça, constituído pelo governo de V. Excia. é, em sua perfeita acepção, o tribunal a que deverão recorrer os que se julgam desamparados. Senhor Presidente. O Estado Novo, proclamou que “não reconhece parcelas de orientação política”; nasceu da contingência histórica que impunha a defesa da democracia; na frase que se cristalizou no pensamento do povo “acabaram-se os intermediários entre este e o Governo”, todo o poder, ação, força, segundo teoria básica, concepcional da nova estrutura política, emerge do Estado, plasmado nos interesses vitais da nação, representada por seu Chefe Supremo. A V. Excia. me dirijo pois, neste apelo, como cidadão, como chefe de família a quem devo amparar condignamente, valendo-me, para isso, dos meios e recursos que assegurados pela Constituição de 10 de novembro, constituem indeclináveis conquistas do governo de V. Excia. em benefício do povo que em boa ora lhe conferiu, em nome dos superiores desígnios da pátria, a nobilíssima missão de conduzi-lo. Esta Constituição, assegura a todos os cidadãos, igualmente, o acesso aos cargos públicos; estabelece “a competência privativa do Presidente da República, autoridade Suprema do Estado, quando se trata do provimento dos cargos Federais”. Ouso apenas invocar perante V. Excia. as minhas justas aspirações; é meu apelo confiante. Na situação que acabo de expor, só me resta que, por complacência de V. Excia. e por equidade, o Sr. Ministro da Educação, determine o meu aproveitamento para efeito de nomeação no cargo de

Inspetor Federal no Ensino Secundário em qualquer estado. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 148, PROCESSO 14977, 08/07/1938).

Essa carta declara o desejo de adesão e compatibilidade do discurso do missivista com ideário do Estado Novo, para isso reproduz uma narrativa muito corrente nas biografias e tratados da personalidade de Vargas que enfatizam a centralidade política do *Chefe da Nação* a corporificar e assumir os rumos da nação. Não por acaso o remetente inclui como referência a obra *Esboço de Biografia*, de Epitácio Pessoa de Albuquerque, analisada no segundo capítulo, que define Vargas a partir dos mesmos traços levantados nesta e em outras missivas, tais como vontade, humanidade, simplicidade, justiça, poder, ação, força, todas qualidades consideradas como prerrogativas da personalidade do presidente que corporificava o Estado Novo.

Nesse sentido é inegável a influência das narrativas de personalidade na composição de algumas das linhas argumentativas epistolares. Tais narrativas se encaixavam simetricamente nas ranhuras abertas pela argumentação psicológica-biográfica para solicitar auxílios e benesses, tal como realizado pelo remetente da carta anteriormente citada. Percebe-se que sua retórica vai ao encontro dos preceitos lançados pela *tropologia* biográfica, e junto deles encontra justificativas legais e sentimentais para que suas solicitações sejam respondidas satisfatoriamente.

Desta forma, por mais que possamos ler tais narrativas epistolares como processos de *recepção* do discurso propagandístico e biográfico, também devemos concebê-las a partir de uma *reapropriação* e *emissão* de novos preceitos que se estabelecem no exato momento da escrita do missivista ao presidente. Dessa forma se estabelece uma relação que não é nem puramente recepção, nem apenas emissão de sentidos, mas ressignificações que operam por ambos os lados enunciativos *simultaneamente*, em processo contínuo de dialogismo e intertextualidade. (BAKTHIN, 1997; KRISTEVA, 2005).

Por outro lado, devemos atentar para o fato de que a discursividade dessas epístolas, e com isso, suas pretensões básicas, eram permeadas não apenas por posicionamentos hierárquicos estabelecidos entre os subalternos em massa com seu chefe supremo. Como já vimos, a *massa* é muito mais heterogênea e polifônica do que supunham os psicólogos sociais da época, dessa forma, cada posição interseccional dos missivistas, tais como estrato social, posição acadêmica-intelectual, gênero e idade definiam os contornos que aquelas argumentações assumiam. É por isso que a missiva anteriormente citada demonstra todo um



trabalho de reinterpretação teórica do Estado Novo, já que se tratava de um estudante de direito que, do alto de seu douto saber e sobrenome tradicional, possuía a estima pessoal e o capital simbólico suficientes para questionar de maneira segura e destemida muitos dos postulados governamentais para dobrar tais preceitos ao seu favor, nesse mesmo sentido outros missivistas impuseram suas impressões pessoais:

Não falo por metáforas, nem tampouco com artifícios de retórica para captivar vossa compaixão e bemquerença. Não falo com subterfúgio e incoerências e muito menos visto a máscara cínica e hipócrita dos inconscientes. Minha atitude perante V. Excia é precisa, sincera, clara e indispensável ao momento rude e espinhoso que atravesso.

Ponho de lado, por não usar, a linguagem dolente e lamuriosa dos sentimentistas lunáticos; mas clamo a V. Excia que tenho um affecto profundo aos meus paes... Perdoe V. Excia minha petulância. O que exponho não é sentimentalismo archaico. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 140, PROCESSO 30844, 16/08/1937)

Exmo Sr. Presidente, não é meu feitio chorar nem implorar um emprego pintando paisagens de miserabilidades, nem penitenciarme, nem tampouco lembrar atitudes assumidas espontaneamente, pelo contrário, eu confio que calhe no alto espírito de justiça de V. Excia. o meu desprendimento, o meu devotamento e o merecimento devido que minha pessoa, modéstia a parte, faz jus, pelo pouco ou muito, que tem contribuído para servir e elevar a Pátria no conceito e nível em que deve estar colocada, haja visto a minha brilhante folha corrida que para glaudio possuo, minha forma com que tenho me conservado, fiel as instituições, obediente ao regime, como soa acontecer com o Estado Novo, no qual estou integrado conscientemente, que em boa hora V. Excia. inaugurou no Brasil livrando o seu povo do jugo agonizante dos políticos falidos. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145, PROCESSO 18051, 08/08/1938)

Eu não vos venho pedir, porque a mocidade não pede; Eu não vos venho rogar, porque a mocidade não roga; E não vos venho implorar, porque a mocidade não implora. As atitudes deprimentes não se casam com uma condição de vida que é a revolta violenta contra o servilismo. Eu venho, Excimo. Dr. GV, ao expor uma situação, solicitar do governo-mecenas de V. Excia. [...] Aliaz, excimo Sr. Dr. GV, Eu não poderia mesmo - a minha mocidade, - recuar diante do imperativo que minha consciência dictou: dirigir-me directamente a V. Excia., (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145, PROCESSO 4010, 11/02/1938)

Demonstrações de destemor intelectual, independência de pensamento e até arrogância petulante eram mais comuns nas missivas daqueles jovens que buscavam demonstrar-se aptos a um cargo de maior envergadura socioeconômica, dessa forma seus argumentos afastavam-se da *linguagem dolente e lamuriosa dos sentimentistas*, atribuída àqueles estratos sociais inferiores que não possuíam capital intelectual a recorrer e, como última instância, apelavam às súplicas ao presidente buscando sensibilizá-lo de suas penosas situações a partir dos sentimentos cristãos de piedade, caridade e compaixão. Isso demonstra que quanto maior domínio de posses econômicas, intelectuais e sociais do missivista, maior a capacidade de

impor-se frente ao regime, ao passo que, quanto mais modesta a procedência do missivista, mais subalterno era seu posicionamento, que não raras vezes apelava aos argumentos da propaganda presidencial como fontes de citação e inspiração na composição de suas petições. Da mesma forma, a hierarquização de gênero também foi diferencial na tônica das epístolas, que em grande parte das vezes demonstravam um teor de súplica quando escritas pela pena manejada por mãos femininas, que se punham na condição de subalternas e dependentes da boa vontade do presidente que governava os rumos da família nacional.

Como resultado de todo esse processo de reapropriações simbólicas e discursivas, a qualificação das virtudes de Vargas repercutia não apenas nas virtudes que delimitavam sua personalidade, mas também definiram certos contornos de gênero, especialmente o caráter masculino e viril do poder presidencial. Nesse sentido, é assaz expressivo o pedido de um funcionário que roga por melhor emprego: “Apella-se para vós, quem poderá fazer justiça àqueles que são esquecidos nas repartições-chefes. Estou certo que vosso espírito de super-homem dará guardiã a este memorial e não levará em conta a ousadia de perturbar o vosso merecido repouso” (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145, PROCESSO 7830, 13/05/1938), note-se que o missivista se coloca em posição de escusa por talvez atrapalhar o *merecido repouso* do *super-homem* que trabalhou o dia inteiro nos assuntos importantes do Brasil e apenas em sua hora livre haveria de escutar as súplicas de menor relevância de um popular *esquecido nas repartições-chefes*. Nesse argumento se ampara a superpotência racional do presidente e sua capacidade infinita de ação como um líder viril ou, mais exatamente, um *super-homem*. Seja pela inspiração eugênica-personológica, seja pela diretriz propagandística estadonovista, essa definição demonstra não apenas uma superioridade hierárquica marcada pela potência do presidente/Estado no auge de sua masculinidade viril. Por tais traços de gênero seria capaz de fazer justiça e guarnecer os menos favorecidos que dele esperavam proteção, cuidado e carinho. Isso dá sentido às reiteradas qualificações viris do presidente:

Dirijo-me a V. Excia., confiado tão somente no altruístico conceito e consideração que deposito na vossa personalidade máscula, como expurgador da politicagem nefasta, que outrora assolava a Nação. Depois é necessário que apresente-me a mim mesmo por este sistema epistolar e raro: Chamo-me A. F. S., sou Sergipano da cidade de Maroim, filho de I. S. do N., que vastas vezes se há comunicado com V. Excia. também por cartas. [...] Na vossa pessoa, vejo o salvador do Brasil, daquele Brasil ameaçado pelas investidas políticas das correntes estrangeiras hediondas e nefastas, que felizmente não têm sido frustradas em todos os seus atentados contra o Homem Barreira, que se há anteposto com felicidade inaudita aos seus golpes traiçoeiros, coadjuvados por brasileiros leigos de sentimentos e submersos no lodo da ambição. E este super-homem, intangível sois V. Excia. O que lastimo deveras, sois ver V. Excia. um [XXXX] tão somente e verificar, quer pelas notícias cifradas

nos jornaes dos outros estados, quer pelas deduções que faço dos atos do meu estado, serem poucos os espíritos tocados pelo desprendimento inaudito e solidificado preceito nacionalista, emanado dos atos governamentais de V. Excia. Apóz este exórdio, passo-vos a cientificar o porque assim precedi. [...] Esperando ser compreendidas por V. Excia., com a clarividência peculiar caracterizada dos vosso atos, este meu gesto e solicitação consequentes, subscrevo-me. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 148, PROCESSO 17460, 02/08/1938).

O missivista afirma a capacidade impar do presidente em defender os interesses populares e nacionais por meio de uma *personalidade máscula* que configuraria nele um *super-homem* ou *Homem Barreira*, *intangível* e *intransponível* frente às *investidas políticas das correntes estrangeiras hediondas e nefastas*, tais como os comunistas e anarquistas. Nessa imagética varonil do presidente salvador da pátria, muito típica do discurso estadonovista, o missivista interpreta e demonstra seu apoio à *defesa nacional* realizada pessoalmente pela figura de Vargas. Nesse caso, o gênero é formalmente articulado à sua personalidade, que reforça não apenas o alinhamento do missivista com o discurso da propaganda estadonovista, mas também com a linguagem científica e biográfica que justificava o poder presidencial.

Nesse sentido, o autor da carta atesta a capacidade de defesa nacional de um presidente legitimamente másculo, capaz de enfrentar as *forças nefastas* que ameaçavam a nação pretensamente feminina, indefesa, passiva e vulnerável como a brasileira. Esse argumento de virilidade como altivez frente às forças externas não é meramente uma retórica ideológica de exaltação do presidente; é o ponto de defesa do argumento que sustentou a própria criação e manutenção do regime de exceção imposto pelo Estado Novo, que se autodeclarou necessário justamente pela defesa patriótica contra as *forças desagregadoras* que punham em risco a unidade nacional. Dessa forma, afirmar a masculinidade de Vargas e sua capacidade de proteger o Brasil significava reforçar a pedra fundacional de toda a estrutura jurídica e ideológica do regime imposto.

Não apenas as qualidades de bondade e justiça qualificavam a personalidade do presidente, mas também a clarividência, a racionalidade, a ponderação e todas as adjetivações que os psicólogos sociais da época consideravam definidoras dos verdadeiros *gênios* representantes dos espectros masculinos da alma. Qualificações essas que foram compartilhadas com os demais missivistas:

É com a maior satisfação que nós paulistas recebemos pela primeira vez em nosso estado o nosso Presidente da República, um dos grandes gênios do mundo. O Brasil nunca teve e nem nunca terá um governo como o de V. Excia. tanto nos momentos

de alegria como nos momentos difíceis V. Excia. demonstrará a coragem de um homem raro. Eu sigo de perto e com grande orgulho o governo de patriotismo com que V. Excia. combate os inimigos da pátria. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 148, PROCESSO 15288, 27/06/1938).

Tomo a liberdade de declarar que me dirijo à V. Excia., vendo-o na personalidade justa, reta, consciente e portadora de inapagáveis qualidades já tão [arraigadas] na consciência e no coração dos Brasileiros, sem ser preciso invocar a suprema Autoridade de vossa excelência. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145, PROCESSO 3754, 07/02/1938).

É esse gênio político, encarnado pela figura de Vargas, que propicia um *governo* baseado nos mesmos princípios viris de sua personalidade: coragem, patriotismo, combatividade, justiça, retidão e consciência. Tais qualificativos, virtudes ou traços delimitam os contornos de um *homem raro*, que encarnava um governo volitivo e imponente a proteger a nação dos *inimigos da pátria*. Esse argumento de defesa nacional também fundamenta a *autoridade* do presidente, definida por Carrazzoni: “O esmagamento da revolta [comunista de 1935] trouxe o reforço da autoridade do governo. A nação, instintivamente, se refugiou nessa autoridade.” (1939: 286), ou seja, é a nação que busca e legitima a autoridade de Vargas no exato momento em que ele extirpa os nefastos males do comunismo que assolam a brasilidade.

Dessa forma, a carta reforça a autoridade presidencial ao nomeá-lo *homem* a proteger os interesses do povo e da nação. Tal argumento repousa em certa dubiedade argumentativa, em nada contraditória, que ao mesmo tempo afirma a rigidez do intransponível *Homem Barreira* a defender a pátria feminina vulnerável, e também reforça a capacidade benevolente e *permeável* do presidente frente aos apelos de seus correligionários e amigos brasileiros. O poder de Vargas se ampara numa atribuição de chefia simultaneamente impositiva, como um ditador nazifascista, e protetora, como um imperador monárquico:

Dirijo-me ao supremo magistrado do meu país, porque vejo nelle, um estadista em nada inferior a um Mussolini ou um Hitler, antes pelo contrário, superior, pois é mais humano, mais bondoso e está sempre pronto a perdoar e não guarda rancores e não persegue os inimigos. Não vae nessas linhas nenhum elogio, porque tudo isso é sabido e proclamado. No coração de um estadista assim humano e bondoso, impossível que a necessidade alheia não encontre echo e os pedidos de justiça [não encontrem] amparo e agasalho. V. Excia. lembra-me por algumas attitudes, Excia., aquele magnanimo, sabio e justo Imperador Pedro II. O nosso grande imperador, como V. Excia., procurava sentir as necessidades de seu povo, procurava colocar nos cargos homens à altura dos mesmos, interessava-se pelos menores detalhes da engrenagem administrativa e de tudo desejava ter conhecimento. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145, PROCESSO 9738, 07/05/1938).

No exato momento em que o missivista lega sua apreciação pessoal [*veja nele um estadista...*] está executando um ato de fala que atesta a *autoridade* do presidente. Uma autoridade humana e bondosa que, justamente por isso, faz de Vargas um estadista superior aos ditadores ítalo-germanos. Percebe-se o amparo do missivista numa qualificação paternal de autoridade a inspirar o epíteto de “incontestável Pae da pobreza e verdadeiro sustentáculo da República.” (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145, PROCESSO 4826, 02/02/1938).

A analogia da autoridade de Vargas com a de um pai de família, tal como analisamos em Gastão Pereira da Silva não ficou restrita à discussão intelectual, pelo contrário, foi amplamente difundida e massivamente reiterada tanto no rádio, nas publicações impressas, na discursividade institucional, tal como afirmado em muitas obras de referência (GOMES, 1998; LEVINE, 2001; MARTINS, 2005; CAPELATO, 2009). Da mesma maneira, tais formulações que definiam Vargas como o *Pai dos Pobres* não passaram incólumes ao crivo interpretativo dos missivistas, que utilizaram a metáfora paterna como um dos mais potentes argumentos de solicitação frente ao presidente. Como visto nos capítulos anteriores, tal metáfora mesclava as esferas privada da família e pública da política para estabelecer continuidades e co-extensões entre as múltiplas dimensões de poder e autoridade, permitindo que o presidente da república fosse posicionado tanto no panteão sagrado dos heróis quanto no seio caloroso do lar familiar:

Mas sabendo que V. Excia é pai, todos os pobres de joelho pela consagração da sua abençoada família compadeça desta que fez novenas a Deus pela paz da Pátria, saúde de V. Excima família e por toda maior felicidade dos seus. ... Tendo uma proteção de V. Excia será atendido meu espoz. Só Deus e V. Excia qualquer desta repartição serve para meu marido. Estou passando fome, estou na casa de minha irmã na Rua Maranhão. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 140, PROCESSO 26973, 11/05/1937).

Note-se que Vargas e Deus são alinhados discursivamente na mesma potência e ambos devem compadecer pelo sofrimento e pela devoção da fiel e suplicante missivista que roga por um cargo ao marido. Tal posição paterna/divina favorece a compreensão e proximidade entre a remetente e o destinatário. Nesse sentido, Ana Paula Vosne Martins interpreta com precisão os íntimos contornos desse laço sentimental e epistolar travado entre *os pais pobres e o pai dos pobres*:

Talvez a imagem de “Pai dos Pobres” atribuída a Getúlio Vargas não pudesse ter melhor aplicabilidade do que nestas cartas escritas por pais e mães. Homens e mulheres simples, na sua maioria muito pobres, alguns até à beira da indigência, dirigiam-se ao presidente como o líder da Nação e do Estado Novo, mas também

como pai. Acreditavam que seriam mais bem compreendidos porque Getúlio Vargas pretendia agir como um pai para os trabalhadores, mas também porque ele mesmo era um pai de família, portanto compartilhava com os missivistas as mesmas responsabilidades de criar e educar os filhos. Desta forma, Vargas aparece nas cartas como pai biológico, chefe de sua família e esposo de D. Darcy Vargas, e como pai adotivo daqueles que a ele se dirigiam como filhos deserdados em sua pobreza. São cartas de pais para pai e de filhos para pai, atribuindo a Getúlio Vargas um poder cuja origem não estava unicamente na função política, mas na sua dupla paternidade (2008: 221).

Essa dupla paternidade exercida por Vargas junto a seus filhos biológicos e aos demais filhos do Brasil denota uma das justificativas mais empregadas pelos missivistas da época: “Se Vossa Ex tem amor aos vossos filhos pode fazer um juízo de um pae...” (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145, PROCESSO 07820, 13/04/1938), logo, a compreensão e proximidade entre ambos estaria estabelecida pelo *pater potestas* compartilhado. Isso é exposto com bastante clareza por um missivista que justifica sua petição a Vargas: “[...] emana da condição de pae exemplar e amantíssimo que é V. Excia., o que lhe permite avaliar a natureza da tragédia vivida por um pae que ve seus filhinhos queridos – desmembramentos de su’alma, de sua vida – privados dos mais elementares e vitais elementos de manutenção [...]” (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 148, PROCESSO 23025, 15/10/1938).

Buscando conquistar os sentimentos de compadecimento, compreensão e identificação do presidente, o missivista se coloca como pai e, como tal, compartilha com Vargas o anseio em zelar pela segurança e sobrevivência de seus filhos. O argumento paterno amalgama sentimentalmente o presidente ao remetente pela isonomia de funções e responsabilidades paternais:

Excelentíssimo Senhor Presidente!  
O meu atencioso saudar  
Vós que sois humano e condescendente  
Decerto, não deixareis de me amparar

Nasci lá nas plagas do norte  
O meu viver, é um constante trabalhar  
Mas, sou desprotegido da sorte,  
Pois esta, nunca me quiz ajudar

Com uma gaúcha sou casado  
e seis filhos tenho mortos de fome  
já não posso suportar, estou desesperado  
por isso, me lembrei de vosso nome.

Estou certo Excelentíssimo Senhor  
que com a bondade que vos é peculiar  
dará lenitivo a tanta magua e dôr  
dando-me o pão de cada dia a ganhar.

Todos os esforços tenho evidado  
 mas, tudo debalde! tudo em vão!!!  
 Apezar de ser instruido, honesto e educado  
 não tenho siquer uma protecção

Sois pae amantissimo como eu tambem  
 e por certo não quereis ver  
 abandonado e desprovido de vintem  
 e os vossos estimados filhinos a soffrer

em nome pois destes adorados  
 que são partículas de vosso coração,  
 não nos deixeis desamparados  
 por Deus! imploro a vossa protecção.

Eu e os meus confiamos  
 em mais um gesto nobre de V. Excia.  
 Eis porque certissimos esperamos  
 que nos marque uma audiência.

(FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145, PROCESSO 3576, 14/02/1938).

Essa carta-poesia com rima cruzada busca traduzir o sentimento pessoal daquele que escreve ao presidente sob a autoimagem digna dos auspícios de uma subjetividade ensejada pelo Estado Novo: trabalhador, instruído, honesto, educado e, principalmente, *pai de família*. Por meio desse lugar de autoridade compartilhado o remetente tem a possibilidade de se aproximar e se comparar ao presidente demonstrando ser sua família não apenas célula da sociedade e merecedora do amparo compreensivo de Vargas, mas também *partícula do coração* presidencial. Por esse vínculo de amor e compreensão se estabelece a certeza de uma resposta positiva, já que o presidente, enquanto pai da nação, sabe ser *bom, humano e condescendente*. O mesmo argumento é empregado em outras missivas:

Assim, apelando para o espirito de justiça de V. Excia. que também é pae estremo e que deseja sempre o bem estar dos seus filhos - cordas sensíveis do coração -, estou certo de que V. Excia. não se negará a dar a este meu justo pedido a consideração que o seu critério de Homem Justiceiro, aconselhar. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145, PROCESSO 4951, 21/02/1938).

Como o chefe de família extremo que sois certamente podereis avaliar as dificuldades que se me apresentam para alimentar minha família. [...] Por isso, sabedores das qualidades e bondade e justiça que são peculiares a V Excia [...] resolvi apela para a magnanimidade de vosso coração, no sentido de Vssa Excia usar da bondade de interceder junto ao Sr. Ministro. [...] Confiante no predico de bondade e no alto grau de justiça que caracterisam a personalidade de Vs Exc. e na expectativa de receber o melhor acolhimento ao apelo que vos faço valho-me do feliz ensejo que se me offerece para vos apresentar os mais sinceros e elevados protestos de respeito e admiração. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 140, PROCESSO 29594, 10/07/1937).

É a definição dos filhos como *cordas sensíveis do coração* e o posto de chefia de família compartilhado com a chefia da nação que sustentam uma autoridade paterna baseada na proximidade afetiva travada entre Vargas e seus liderados a partir do reconhecimento mútuo de suas paternidades. É por isso que a personalidade presidencial é novamente detalhada, para que se estabeleçam os preceitos de liderança, se tracem os postos hierárquicos e simultaneamente os vínculos benevolentes deste com seus afilhados políticos. É dessa forma que Vargas é afirmado não apenas como pai de família, mas pai de toda a nação:

Sei que é um crime dirigir-se à mais alta personagem do Paiz, mas se assim procedo, é porque sou de toda obrigada, com 4 filhos menores, um gravemente enfermo, passando as maiores necessidades e sem o menor recurso, é o motivo que ouso-me em dirigir-me à V. Excia. que não só é o Chefe da Nação bem como o verdadeiro Pae de todos os brasileiros, e estou certo de que em V. Excia. vou encontrar o amparo desejado aliviando a mim e a meus filhos as necessidades. [...] faltando sómente uma proteção, venho em meu nome e dos meus 4 filhinhos appellar ao coração magnânimo de V. Excia. que como verdadeiro pae de todos os brasileiros, faça o meu marido voltar aquelle serviço ou outro que V. Excia. julgar (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 148, PROCESSO 15066, 15/07/1938).

Nessas missivas podemos encontrar claramente o argumento *paternalista* que mescla na mesma esfera de argumentação uma fundamentação política do alto posto presidencial e uma hierarquização social de gênero que compreende o pai de família, enquanto uma imagem naturalmente e automaticamente dotada de amor e poder, deslindando os contornos da autoridade paternal.

É importante salientar que a carta anteriormente citada foi escrita por uma mulher que assume uma linguagem e uma posição de enunciação marcadas pela submissão, subserviência e até mesmo desespero, considerados sentimentos femininos, justificando seu lugar de peticionária frente ao presidente-homem-marido-pai pretensamente apto a proteger e defender àqueles(as) que dele dependem. Em algumas cartas de autoria feminina o argumento da família também é empregado para estabelecer comparações com Darcy e seu papel político, porém, os traços de personalidade a ela direcionados são bastante contrastantes àqueles dirigidos ao esposo:

Virtuosissima senhora, todos tiveram aumento e nós nada, a vida é cada vez mais difícil, os gêneros de primeira necessidade pela hora da morte, os filhinhos pedem leite, pão e roupa, sapato e agasalho, sofrem! E nós, infelizes pais, mais sofremos por não podermos minorar um pouco mais a situação aflitiva de nossos filhinhos a vista de também nos encontrarmos, com um ordenado tão insignificante, em situação de verdadeira pobreza. Esposa generosa e mãe carinhosa, o fim desta é respeitosamente solicitar a V. Excia., em nome destes nossos filhinhos inocentes que nos rodeiam e que tudo pedem sem saber a situação dos pais, e que quase nada podem conseguir, que interceda junto ao seu digníssimo esposo e Excelentíssimo



Presidente da República que favoreça esta humilde classe de servidores da Nação dando-lhe um aumento de ordenado. [...] Por essa razão, gentilíssima senhora, é que vi[e]mos pela presente solicitar, rogar e mesmo implorar, por tratar-se de uma causa justa, a interseção de V. Excia., com seu coração magnânimo, bondoso e filantrópico, enfim, coração de uma virtuosíssima esposa e de mãe carinhosa que sabe sentir as misérias dos desprotegidos da sorte, junto ao seu digníssimo esposo, que muito tem sabido com sua alta sabedoria, resolver os casos mais difíceis da publica administração e que está levando nosso idolatrado Paiz para um futuro promissor e que também, como V. Excia., sabe sentir e compreender a necessidade do próximo por ser dotado de um coração filantrópico e dócil, para que conceda um aumento de vencimento aos condutores das malas que tanto necessitam. Na certeza de sermos atendidos, depomos nas delicadas mãos de V. Excia. a sorte dos queridos filhinhos dos humildes condutores de malas, rogando auxílio de uma mão virtuosíssima, como o fazem com as mãos postas e os olhos fitos no céu rogando e implorando ao bom Creador Nosso, a felicidade, alegria e saúde da digníssima família presidencial. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 148, PROCESSO 32385, 28/07/1938).

A construção da imagem política de Darcy é distinta à de Getúlio já que é retratada como mãe carinhosa, não devendo atuar por sua conta própria, mas intercedendo junto ao marido em nome das súplicas de outra mãe de família desamparada, intercedendo tal como Maria junto ao seu filho Jesus Cristo. Sendo assim, o pareamento de poderes familiares, governamentais e religiosos também é funcional para uma continuidade de poderes femininos e maternos, porém, obviamente adstritos na condição de submissas ao mando masculino. É por essa razão que a missivista roga pelo compadecimento do coração de esposa e mãe da primeira-dama. Dentre os qualificativos da personalidade e do coração de Darcy estão a *filantropia*, qualificação que alude e remete à sua atuação frente às instituições assistenciais como a Liga Brasileira de Assistência (LBA) que utilizava, simbólica e praticamente os desdobramentos políticos do conceito de *filantropia* naquele contexto. Essa qualificação filantrópica articulada à personalidade da primeira-dama reforça a caracterização feminina das práticas assistenciais presentes na modernidade (MARTINS, 2013), mas por outro lado, não podemos perder de vista que Getúlio Vargas também foi lembrado por tais qualificativos nas biografias.

Além de filantrópico, feminino e maternal, o coração da primeira-dama não haveria de ser destemido, mas sim *dócil* frente às demandas do marido e dos necessitados da pátria. É por tais qualificativos moral e psicologicamente considerados femininos que as mãos de Darcy são descritas como *delicadas*, prontas para acariciar os filhinhos dos modestos guardadores de malas que a pobre mãe confiava em suas súplicas.

Num argumento de gênero pode-se comparar tais *mãos femininas* em contraste às *mãos poderosas* do esposo que poderia cuidar dos destinos dos remetentes ao empunhar a

*faca do poder*. É dessa forma que se estabelece uma simetria familiar fundada na diferenciação homossexual, em que os pais pobres escrevem ao pai dos pobres e as mães pobres também escrevem à primeira-dama como modelo maternal, incitando uma continuidade de submissões, variando desde as esferas mais baixas ocupadas pelas missivistas peticionárias até o alto escalão político ocupado pela primeira-dama, da qual solicitam *intervenção* (e não ação) junto ao poder do marido, emoldurando-se nos quadros de gênero da família burguesa latino-americana em que toda decisão da casa deveria passar pelo crivo do pai de família, detentor único do poder sob seus filhos e sua mulher.

É por isso que até mesmo o nome de Darcy é eclipsado frente à onipotência do marido: “Exma Sra. Getúlio Vargas. Certa da vossa imensurável bondade para com os pobres desprotegidos da sorte, é com meu coração de mãe transbordando de esperanças que dirijo esse apelo ao vosso coração de mãe e mulher brasileira” (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 140, PROCESSO 29602, S.D./1937). Mesmo buscando travar um laço entre dois corações maternos batendo em uníssono, a missivista refere-se à primeira-dama como Sra Getúlio Vargas, demonstrando sua própria posição como relativa ao nome e ao poder do marido, crendo em sua capacidade de intercessão. Dessa união entre os poderes masculino e feminino marcados pela bondade e o amor lança-se uma concepção de autoridade perfeitamente legitimada enquanto atinente à hierarquia natural portanto, incontestável: a da família. É dessa forma que muitos missivistas referem-se à nação brasileira enquanto uma grande família nacional, em total ressonância com as formulações de Gastão Pereira da Silva:

Ao Assumir o governo do Brasil V. Excia. transformou todos os brasileiros em uma só família, unindo-os sob a vossa chefia, deu a todos nós habitantes do Norte, do Centro e do Sul, o direito de vir à vossa presença trazer-vos as nossas súplicas, buscando auxílio nas horas amargas, convosco festejando as vitórias da Pátria. A sábia orientação que V. Excia. vem imprimindo ao Governo do meu País, fructo da Revolução de 30, movimento libertador do Brasil, levado ao triumpho pela energia cívica de V. Excia. ao qual eu dei sem desejos de lucros futuros todas as minhas actividades e os meus melhores esforços fez com que eu saísse da minha obscuridade, para colocar-me ante V. Excia. (FSPR, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 159, PROCESSO 5653, 25/02/1939).

Uma família unida no entorno da energia cívica do concidadão que tomara os rumos da nação e por sua posição simultaneamente viril de homem e pai garantiu que a pátria e suas massas, ambas femininas, fossem protegidas dos propósitos nefastos de ações desagregadoras ou da privação de elementos de sobrevivência de todas as células familiares que formam o grande organismo social. É em nome da sustentação dessa harmonia orgânica que os

missivistas se sentem justificados e motivados a enviarem suas petições junto ao mais alto magistrado do Brasil, *primeiro trabalhador e pai dos pobres*, para assim solicitarem sua posição de agentes sociais a transformar os rumos políticos da nação e com isso demonstrarem-se dignos a receber um posto de trabalho, garantindo o sustento do lar.

Tal lugar enunciativo permitiu que os populares, mesmo que oriundos dos estratos mais inferiores da sociedade, pudessem se integrar a esta grande e abarcante hierarquia sociocultural e de gênero a ligar o poder executivo e o povo brasileiro, união fundada e mediada pela figura masculina e paternal de Getúlio Vargas e de sua esposa Darcy Vargas, garantindo a consubstanciação de uma autoridade simultaneamente hierárquica e democrática.

## 2) *Presente mi general!*

A correspondência de Perón com o povo argentino foi um dos meios mais eficientes para o estabelecimento de uma experiência política considerada revolucionária na Argentina, já que o *peronismo* canalizara os anseios e demandas populares para os balcões presidenciais da Casa Rosada. Utilizando-se de estratégias radiofônicas e periodistas o presidente se inseria no cenário político a partir de conceitos como *dignificação, lealdade e justiça social*, que aproximariam os trabalhadores argentinos da macropolítica nacional. A proximidade entre o governo peronista e os anseios populares também foi sustentada pela comunicação epistolar permitindo que os trabalhadores pudessem entrar em contato direto e pessoal com o *primer trabajador argentino* e sua esposa, *madre de los descamisados*, que respondiam em nome de uma autoridade amorosa e familiar.

Diferentemente da centralização das missivas na Secretaria da Presidência, na Argentina elas eram enviadas a vários setores burocráticos, tanto à casa presidencial quanto a outros órgãos governamentais. Vale lembrar que Evita, enquanto um dos *corpos de Perón*, foi uma destinatária bastante requisitada já que a ela cabia a incumbência de zelar pelos desprotegidos socialmente, especialmente por meio da *Fundación de Ayuda Social María Eva Duarte de Perón*, responsável por praticamente toda atividade benemerente do peronismo, especialmente na virada da década de 40 para 50. Por meio das cartas destinadas a Evita, a população solicitava uma miríade de auxílios: desde emprego e moradia até ferramentas de trabalho ou mesmo auxílios financeiros para enfrentar a carestia que assolava o país, especialmente a partir do segundo mandato de Perón. Lamentavelmente grande parte dessas cartas foi carbonizada quando a dita *Revolução Libertadora* depôs Perón (ACHA, 2013)

encarregando-se de extirpar os vestígios materiais e a memória daquela época então considerada *tirânica* em que o casal Perón governou.

Mesmo que algumas dessas cartas foram conservadas, é importante salientar que outros meios de correspondência com Perón foram abertos pelo *Ministério de Asuntos Técnicos* permitindo que a população enviasse suas sugestões para a composição da plataforma de projetos dos dois planos quinquenais ensejados pelo Partido Peronista no período imediato às duas vitórias eleitorais, os anos de 1946 e 1952. Tais planos definiam as diretrizes de ação tomadas pela gestão recém empossada, que para assumir um lastro de democracia permitiu que a população escrevesse e participasse ativamente com sugestões quanto à constituição de suas prioridades.

Essa forma de correspondência se ampliou enormemente no momento da primeira reeleição de Perón quando a população foi oficialmente *conclamada* pelo presidente para que enviasse suas cartas e contribuísse com a formulação do *Segun Plán Quinquenal*. No dia 3 de dezembro de 1951 foi transmitida pelas ondas de rádio a mensagem do próprio presidente que solicitava às agremiações sindicais, às organizações de pequenas cidades e até aos cidadãos individualmente a contribuir com suas *inquietudes* para a composição da plataforma de seu governo. Tais *inquietudes* foram interpretadas de maneira bastante abrangente, permitindo que os cidadãos colocassem no papel não apenas sugestões, mas que explanassem suas compreensões de como se estabeleceram os vínculos políticos junto ao líder.

Perón habilitó prácticamente a cualquier demanda, aunque inmediatamente dio preferencia a los sindicatos. Al calificarlas de “inquietudes” su alcance fue inmenso. [...]Al día siguiente las primeras demandas e “inquietudes” ya estaban en camino al domicilio estatal, la Casa de Gobierno. Debían llegar tres copias: una para Perón, otra para la Dirección de Planificación, y una tercera para el Ministerio de Asuntos Técnicos. La enorme cantidad de pedidos que continuaran llegando durante los últimos días de diciembre obligó a prorrogar el plazo hasta el último día de enero de 1952 (ACHA, 2013: 304).

Essa verdadeira enxurrada de cartas enviadas com os mais diversos propósitos e *inquietudes* atualmente compõem um vasto acervo com mais de 19.000 documentos disponibilizados para acesso público no *Archivo General de la Nación*. Neste Arquivo pesquisamos 7 caixas que apresentavam aproximadamente duas centenas de cartas cada. Dessas caixas selecionamos e digitalizamos 338 que compõem o escopo documental analisado neste capítulo. Dado que o *Archivo* apresenta um catálogo bem organizado com indexadores razoavelmente fiáveis, tivemos a oportunidade de selecionar as caixas que

abrangiam temas de interesse para nossa pesquisa. Optamos por pesquisar a documentação referida aos anseios e demandas populares, preferencialmente as individuais, já que permitem alcançar as posições pessoais daqueles que escreviam.

Tal como um arquivo burocrático, podemos perceber a predominância de uma linguagem técnica e legal, respondendo formalmente ao pedido do Presidente, porém, trata-se de um grupo de documentos totalmente diverso e plural, abarcando cartas de médicos, advogados e associações de trabalhadores, até aquelas escritas por mulheres e homens humildes que se demonstravam dispostos a *contribuir desinteressadamente* com o projeto de Perón, o que em muitos casos poderia ser lido como uma solicitação de emprego público ou uma sincera demonstração de apoio e adesão ao regime e a Perón.

Da mesma forma que as cartas enviadas a Vargas, a riqueza documental desses documentos reside justamente no fato de explicitarem as relações e vínculos estabelecidos entre as pessoas e o presidente, que prometia aos missivistas a leitura e a resposta de cada uma das cartas. Mesmo enviando suas linhas a uma secretaria *técnica* de vultos burocráticos, muitos dos missivistas levaram em consideração que estavam se referindo diretamente a Perón, e para tal empregaram toda a linguagem e o tratamento que consideravam mais apropriados, demonstrando como compreendiam seus vínculos não apenas burocráticos, mas sentimentais, frente ao presidente e seu Plano Quinquenal, considerado uma dádiva pessoal. Isso pode ser compreendido em alguns versos enviados por um popular à revista Mundo Peronista:

Según Plan quinquenal  
 Concepción maravillosa  
 Del Presidente Perón,  
 Que puso alma y corazón  
 Con amor y sacrificio  
 Para que el gran beneficio  
 Lo disfrute su Nación.  
 (REVISTA MUNDO PERONISTA, 01/10/1953, ano III, n. 51, p 34)

A concepção do *Plán Quinquenal* é atribuída à *alma* e ao *coração* de Perón que visava o benefício da nação e de seus trabalhadores. Dessa forma, as cartas destinadas a esse plano podem ser também consideradas correspondências com o próprio presidente, que estimulava pessoalmente a participação popular na política, aproximando afetivamente o povo do Estado por meio de sua chancela de *amor* e *sacrificio*. Dessa forma é acertada a interpretação de Omar Acha quando afirma que “Perón no fue solamente el individuo Juan D. Perón. [...] Pero tambien fue una relación social, un manojito de vínculos intersubjetivos en la medida que su

intervención histórica no podría ser comprendida prescindiendo del amor, lealtad y subjeción simbólica que se depositó en él.” (2013: 294). Tal *ramalhete de vínculos intersubjetivos* propiciou o desenvolvimento dos sentimientos políticos que fariam do peronismo histórico uma continuidade a impactar a política argentina até os dias atuais. Isso se deu porque o estabelecimento dos vínculos de autoridade celebrados entre Perón e o povo permitiu que este sentisse acolhimento e integração no interior do projeto nacionalista e governamental proposto pelo peronismo. Dessa forma, é recorrente encontrarmos nas cartas destinadas ao líder as referências pessoais de proximidade e intimidade: “Mi General, si cree posible lo que le pido, no deje de escucharme, si es imposible, discúlpame, nunca lo confesé a nadie mis ideas, si se las confieso a U.D. es porque lo sé amigo y compañero de los pobres” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 453, LEGAJO 210470, 04/02/1952).

Por um sentimento de carinho e amor, Perón é referido com um pronome possessivo e substantivado não por seu nome, mas por sua patente militar, alcunha que nunca abandonara e que aproximava sobremaneira as duas esferas do mando, a civil e a castrense, tal como debatemos no sexto capítulo. Além disso, o missivista também reconhece a autoridade de presidente-psicólogo, *confessando suas palavras* justamente porque o considera amigo e companheiro. Nesse espírito de camaradagem inspirado pelo presidente que sorri, acolhe e escuta as ideias de um popular:

Por primera vez, en mi vida ciudadana, me tomo la libertad de dirigirme a un Presidente de la Nación como lo hago ahora, porque se trata de V. E. hombre que surgió del pueblo, para ponerse a las ordenes del pueblo. El fin de esta es de adherirme a su “Plan Quinquenal” [...] Desde su comienzo a la vida política del país, yo he seguido siempre fielmente sus pasos, porque en V. E. aprendí yo, amor y avalorar la patria [...] Desde los primeros albos en que los rayos luminosos, de su genial inteligencia, comenzaron a vislbrarse en el horizonte, como rindiéndole honores a la victoria, después de la encarnizada lucha, que tuvo con borrascosa noche, que ponía a todos en el desconcierto, sin esperanzas a sobrevivir. [...] Excelentísimo Señor Presidente, yo soy un humilde obrero que con mi trabajo contribuyo, con mi grano de arena, para poder realizar la obra de su gobierno en el que hago votos por los mejores de los éxitos y del “Plan Quinquenal” que se pondrá en vigencia en el próximo año que se avecina. (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 467, LEGAJO 21620, 22/12/1946).

O missivista relata uma proximidade exclusiva e inédita entre um popular e um presidente, ressaltando a hierarquia entre ambos, mas estabelecendo as contrapartidas ao considerar que o mandatário *surgiu do povo para seguir as ordens do povo*. Nessa passagem evidencia-se sobremaneira a submissão de um liderado, mas também a consciência afirmativa

de um homem que supõe que a autoridade do presidente estava fundada nas bases populares de onde procedia, por isso descreve um acordo de *lealdade* semelhante aquele estudado por Fernando Balbi em sua antropologia política do conceito, porém com um diferencial. Se para os discursos de Perón a lealdade é considerada “asimétrica, en el sentido de que la lealtad de quien conduce engendra la de quienes lo siguen, y no al contrario” (2005: 05), para esse missivista o acordo com o presidente é mais horizontal justamente pelo fato de que ambas as partes são responsabilizadas mutuamente mediante ao laço estabelecido.

Desta forma, é evidenciada a relação de *autoridade* por um subalterno que *reconhece* Perón como seu *conductor* justamente porque responde aos seus anseios e age por amor ao povo, numa relação de reciprocidade. A relação de proximidade é aprofundada quando o missivista demonstra ser conhecedor da vida do líder, que há tempos o vem ensinando a valorizar sua pátria. Nota-se um espelhamento identificatório entre aquele que inspira amor e aquele que ama, num vínculo quase familiar, amistoso e pedagógico em que os sentimentos são transmitidos e aprendidos um pelo outro.

Depois de traçada a qualificação da *genial inteligência* do presidente capaz de iluminar a escura noite do desconcerto e da desesperança, o missivista se despede com sua qualificação própria, definindo-se enquanto um homem humilde, trabalhador e modesto a contribuir com os propósitos do líder. Prestemos atenção na metáfora do *grão de areia* que o missivista e muitos outros utilizam, assumindo uma tônica voluntarista e unificadora promovida pela discursividade peronista do período. Concebe-se que aquele que traz a mais modesta contribuição em união é capaz de construir um deserto de proporções desiguais, esse seria o argumento agregador do *Plan Quinquenal*, ao mesmo tempo uma metáfora de união das massas que Le Bon não pensaria duas vezes em utilizar.

Essa mesma metáfora foi empregada por outro missivista que se apresentara como *piloto civil e inventor* solicitando audiência para expor seus projetos de um avião capaz de trazer chuva para as regiões áridas da Argentina: “Ya que el presidente pedio colaboración. Yo quiero robustecer y apoyar el esfuerzo del señor presidente. No solo con mi trabajo cotidiano pero con mi grano de arena intelectual” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 466, LEGAJO N.D., S.D.). Percebemos que o vínculo com Perón é permeado não apenas por súplicas de auxílio, mas também de apoio igualitário, afinal de contas, foi o próprio *presidente que pediu tal colaboração*, de forma a eximir toda a necessidade das mais diversas justificativas possíveis para que os cidadãos possam se referir a ele.

É dessa forma que o vínculo travado com Perón nessas cartas se estabelece por conta da relação de camaradagem e auxílio mútuo estabelecida entre ambos, justamente por isso reitera-se o conhecimento da personalidade e das atitudes do líder, já que desta forma o missivista estaria conectado com ele ao deter as chaves psicológicas e biográficas que o trouxeram à atual posição de liderança. Com tal conhecimento os demais missivistas buscam estabelecer laços de admiração e compromisso: “Mi vinculación con el Excmo Señor Presidente data de hace años, durante los cuales tengo la pretensión de haber sido uno de sus amigos leales y sinceros y, sosteniendo aún esa creencia y tratando de ponerla en práctica en todos los momentos” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 450, LEGAJO N.D., 20/02/1952). Embora o missivista precise afirmar que é amigo de Perón, o que nos faz supor que o presidente nem o conhecia, com essa carta se estabelece a nomeação performativa de um vínculo nos exatos momentos em que se escreve e que se lê essa epístola. Um vínculo que, mesmo tratado em apenas três linhas, pressupõe uma cadeia de posicionamentos ocupados pelos personagens em protagonismo: o líder, que mesmo poderoso solicita a participação junto aos liderados, e a resposta positiva do liderado que se une ao líder por uma comunhão afetiva de amizade, sinceridade e, principalmente *lealdade*. Conceito preciosíssimo para a argumentação peroniana e peronista acerca da *conducción política* e suas *artes de gobernar*, a *lealdade* no peronismo possuía um desempenho ímpar em criar vínculos entre o líder e seus liderados. Segundo Fernando Balbi:

la palabra lealtad no se limita a describir y explicar esa relación fundante del peronismo sino que postula un deber ser para todas las relaciones entre peronistas. La lealtad es vista como una cualidad personal positiva que todo peronista debería tener, como una virtud que se considera como propia de los auténticos peronistas. Y esta virtud, considerada como un cemento capaz de unir a Perón y los trabajadores de una vez y para siempre, es postulada entonces como el fundamento sobre el que deberían asentarse todas las relaciones entre peronistas y como la fuente de su unidad de propósitos, es decir, de su capacidad de tirar todos para el mismo lado, pase lo que pase y cueste lo que cueste (S.D.: 02).

O laço afetivo e pessoal amarrado entre os dois lados da correspondência é espalhado e espelhado entre todos aqueles que se auto-intitulavam peronistas ao definirem sua atuação e pensamento como *grão de areia*, como parte de algo maior. Por essa metáfora é possível considerar que os missivistas se inseriam não apenas numa relação íntima e pessoal com o presidente, mas também numa relação orgânica na totalidade de vínculos que tal relação implica. O bordão propagandeado e reiterado por Perón: *Para un peronista no puede haber nada mejor que otro peronista*, pressupõe uma adesão comunitária e fraternal, justamente



porque quando um indivíduo se afirma defensor dos princípios peronistas se inscreve em um partido e apoia uma doutrina que implica numa organização coletiva:

De mi mayor consideración. Como ferviente admirador de vuestra política, y con el anhelo de ser útil a la comunidad, aportando en la medida que mis humildes fuerzas lo permitan, el granito de arena de mi contribución, es que me atrevo a molestar su atención, con el proposito de sugerirle unas ideas, que podrían tener utilidad, dentro del Plán Económico que Ud., con su clara visión del porvenir de nuestra Pátria, a puesto en ejecución. (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 453, LEGAJO 201644, 30/10/1952).

Nessa passagem o missivista afirma não apenas consideração pela política peronista mas demonstra interesse em ser *útil à comunidade* que o rodeia, é nesse interesse que também oferece seu *grãozinho de areia*. Desse espírito de coletividade os missivistas demonstram seus ímpetos de adesão e pertencimento ao projeto político e à doutrina peronista, bem como ao *Plán Quinquenal* que leva a frente tais princípios. É por isso que o vínculo com Perón, para garantir-lhe a autoridade, deve ser espontâneo, refletido e aceitado. Não por acaso um dos missivistas descreve o processo lento e gradual pelo qual toma consciência frente ao projeto político e coletivo encampado por Perón:

Comprendía que la superación del individuo por el Estado habia llegado [...] y hé aquí que surge un hombre en esta argentina silenciosa y apocada que pronuncia las mismas palabras que los grandes estadistas del viejo mundo. Llegaba por fin la idea nueva. Pero, y en esto soy muy franco, que es necesaria franqueza suma en estos casos ¿no nos enganaríamos nuevamente? Era mejor esperar y esperé. Observé la campaña política de 1946, el resultado de una elección impecable y me dije: Hé aquí que el hombre a llegado a la cumbre para regir la felicidad de la pátria. ¿cumplirá lo prometido? ¿serán más felices los hombres, las mujeres y los niños de esta tierra. Y nuevamente esperé. Cuando llegaron las fiestas tradicionales, despues de esa manifestación de fe cívica de la cual fui anónimo espectador el 17 de octubre y vi un pueblo alegre, jugetón, feliz, volcarse por las calles con los brazos llenos de jugetes y golosinas, di mi respuesta: se há cumplido ¿debo salir entonces de mi apatía? Y nuevamente me respondí que sí. Y es por eso que en este día en que habrá miles de caritas inocentes con los ojos grandes contemplando el milagro inmortal de los Reyes Magos. Decidi escribir a V.E. ofrendandole mi más amplia colaboración. Tengo 23 años. Me faltan solo cuatro materias para llegar a la culminación de mi carrera. Tengo ambiciones y espíritu de lucha. [...] Admiro y deseo colaborar con el hombre que creo, no con los intereses mezquinos que pueden rodearlo. No pido: ofrezco mi juventud para llevar adelante esa cruzada que me llena de orgullo, en pro de una pátria grande. (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 467, LEGAJO 4321, 09/01/1947).

É bastante perspicaz a narrativa autoquestionadora pela qual o rementente se expressa ao relatar suas introspecções confrontadas com a experiência empírica, ponderando a certeza de que Perón realmente é um homem grande a trazer a felicidade ao povo argentino por meio de um projeto coletivo de superação do indivíduo pelo Estado. Dessa forma o missivista relata a trajetória de uma decisão, e assim conta a história íntima de sua relação com o

peronismo, até chegar na definitiva resolução de contrair as bodas com esse ideal, apresentando sua solidariedade como resultado final desse processo de subjetivação. Depois de toda essa relatoria de foro interior o missivista *no pede, mas oferece* sua adesão refletida e autônoma junto à *cruzada* do homem que crê e admira.

Nesse mecanismo de escrever a si mesmo e a seus sentimentos políticos íntimos operam vetores simultaneamente agregadores e individualistas: agregadores no sentido de que o missivista se afirma peronista e com isso se autosubjetiva no próprio exercício de escrever e enviar uma carta franca e sincera ao seu líder, adentrando assim na coletividade peronista ao se comprometer pessoalmente com os ideais comunitários e sociais que o partido pressupõe. Por outro lado, também é individualista porque demonstra ser absolutamente racional e não massificado, ou seja, a própria reflexividade que atesta ter realizado, mesmo que não seja fidedigna, é afirmada enquanto autônoma e independente, portada por um jovem que mesmo entrando para uma comunidade política agregadora mantém sua consciência e individualidade intactas, ao contrário do que afirmariam os psicólogos sociais da época.

É evidente que o objetivo de toda a narrativa é demonstrar-se prestimoso, questionador e plenamente peronista para que seu voluntariado seja levado em consideração pelo destinatário já que num período de crise como aquele vivido, boa parte dos missivistas necessitava um cargo para sustento próprio e de seus familiares. De todos os modos, isso não desconsidera seus posicionamentos políticos ou intelectuais.

É dessa forma que alguns deles são bastante prolixos ao narrarem suas trajetórias pessoais, escrevendo quase autobiografias, todas margeadas por adesão e pertencimento ao projeto peronista e ao próprio Perón: “Hé tratado de ser extenso en esta biografía mia afin de respaldar los asuntos expuestos que los veo tan claros y tan factibles de materializarlos que no dudo un instante los beneficios que reportaria, salvo su más elevado y culto criterial cual me inclino con todo respeto”(ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 467, LEGAJO 2087., 30/12/1946). Em outros termos, a autobiografia que atesta as raízes do peronismo individual do missivista é respaldo suficiente para justificar suas solicitações.

Nesse sentido, adscrever-se como peronista significava adentrar numa coletividade afetiva e política, além de receber os benefícios simbólicos e, em alguns casos, materiais, dessa adesão. Dessa forma, o *verdadeiro peronista* deveria compreender, compartilhar e aceitar os valores e virtudes implicados por tal doutrina. Numa carta endereçada ao Ministro

de Asuntos Técnicos, Raul Mende, um missivista revela um dos principais apelos morais direcionados ao governo de Perón, no intuito de solicitar um crédito para manter seu estabelecimento de comércio textil:

Me derijo una vez mas a usted, que conoce, mis antecedente, por iniciativa presentadas, a pedido del precidente de la nación, General Perón, conoce mis antecedentes, buenos y malos, por intermedio de la Escuela Superior Peronista, en calidad de aluno indireto, como lector de su orsada de difusión “M.P.” [Mundo Peronista] toda mi istoria esta en los archivos de la Escuela Superior Peronista. Al dar fin a mi lucha iniciada en Avenida de Mayo 1381 me puse con un taller que pertenece al Plan Economico, El taller tiene el titulo de “Hospital de Trajes”. Inicie hace justo un año, tenia ceis cientos. Hoy tengo un capital pesos quince mil. Y tube muchas [XXXX] incluindo infermedades. Estaba en un garaje hoy un señor negocio ¿Cómo ice todo esto? [...] Trabajamos yo y mi señora 14 horas diarias, incluindo sabado y feriados. Una iniciativa que presenté para el segundo plan Perón quinquenal que decearia ponerlo en practica referente al tejido de rayon. (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 453, LEGAJO N.D., 08/06/1952).

Perceba-se a reiterada importância dada pelo remetente ao fato de que seus antecedentes são conhecidos tanto pela burocracia peronista quanto pelo próprio Perón, que assim compreenderiam os justos motivos pelos quais escreve. Por outro lado, também demonstra ser conhecedor do peronismo se afirmando como aluno indireto da *Escuela Superior Peronista* por conta de sua leitura da revista de difusão e propaganda do regime intitulada *Mundo Peronista*, que apresentava quinzenalmente os conteúdos dos cursos que Perón lecionava na referida instituição<sup>132</sup>. Citadas suas fontes de referência e justificado o motivo da escrita o missivista conta largamente sua história de vida por meio de cinco longas páginas manuscritas para assim demonstrar o valor do *trabajo*, da *abnegación* e da *lealdade* como marcos éticos que nortearam sua práxis pessoal e política, demonstrando total afinidade com os ideais peronistas.

Se folhearmos as páginas da revista *Mundo Peronista*, atestada pelo missivista como formadora de sua concepção política, podemos encontrar publicadas muitas cartas de correligionários populares que escreviam na maior parte das vezes em versos, e também definiam os contornos do que compreendiam enquanto *ser peronista*:

Ser Peronista es deber,  
es ser patriota y varón,  
es apoyar a Perón,  
es luchar con entereza  
es mostrar la nobleza  
del Pueblo de la Nación

<sup>132</sup> Um dos cursos mais publicados e reeditados pela Mundo Peronista foi justamente *Conducción Política*, estudado no capítulo anterior, em que Perón lança os princípios da liderança e da autoridade em sua doutrina.

(REVISTA MUNDO PERONISTA, 01/04/1954, ano III, n. 62, p 42)

Hay que saber ser Peronista,  
Y se fuera necesario,  
Llevar un escapulario  
Sobre el pecho y a la vista  
Como emblema de conquista:  
El retrato de un varón  
Que sigue a Diós por lo grande  
Y se llama Juan Perón

(REVISTA MUNDO PERONISTA, 15/01/1952, ano I, n. 13, p 29)

Esse dispositivo ético, político e subjetivo chamado *peronismo* é definido em paralelo com a ideia de *lealdade* enquanto criação de vínculos entre o peronista com seu líder e com os demais correligionários. Note-se que a virilidade não é mero adendo nessas narrativas em verso ou em prosa, pelo contrário, é colocada no mesmo patamar do patriotismo enquanto valores magnos daquilo que significaria *ser peronista*. Nesse sentido os pesquisadores Pablo Ben, Omar Acha (2014) e Daniel James (2010) reforçam o caráter viril do sentimento peronista, que tanto masculinizava os operários aliados quanto atribuía aos *contreras* e *vendepátria* uma qualificação negativa de efeminados e de fragilidade. Isso estabelece um paralelo entre as qualidades virtuosas do peronista, que ao *apoiar Perón*, também adota os traços de sua personalidade, num processo que psicanaliticamente poderia ser qualificado como *identificação*:

Quiero ponerme directamente a las ordenes del Gobierno, [...] Soy un hombre del pueblo que estoy al servicio del Estado desde los albores de mi juventud [...] Me siento identificado con el hombre que rige nuestros destinos, al punto tal de ponerme a sus ordenes en lo que fuere necesario; Trabajo 6 horas diarias en la Sección Instalaciones y las horas libres que me quedan las ofrezco al sacrificio por el Plán Quinquenal, sin ninguna ambición, a sabiendas que en el fondo experimento haberlo hecho por el bien y la grandeza de nuestra Patria. Se que a los empleados no esta prohibido militar en política, no creo que asi se interprete el pronunciarme abiertamente, descidido a morir por el General Perón, que vino a llenar el vacio que desde el General San Martin, hasta el presente ostentaban las paginas de nuestra história. [...] Puse la mano sobre el corazón y los ojos en el futuro de la patria, y, decididamente, tal como se juegan los varones, me lancé a una lucha sin cuartel, por el restauro de la ciudadanía perdida, ocupé tribunas, combati la falsa politiqueria, a la mala prensa, que no merece llamarse como tal, y atacué al trapo rojo, porque hé aprendido en mi paso por el Ejercito, del cual fui cabo conscripto, ascendido por O. D. Del Batallon por “Alto Espiritu Militar y Conducta”. [...] [XXXX] a jugarnos entorno al más grande “Hombre de America” del presente el General Perón, para que jamás se empañen y pierdan sus sacrosantos y puros colores. Honroso si me diera el más grande de los sacrificios a realizar en mis horas libres, pues tengo dos criatura y necesito el sueldo que recibo en la actualidad, dichos trabajos los realizaria sin ningun sueldo, pero como argentino, experimentaria la gran satisfacción de estar al lado del atalaia de la Justicia Social, jugarme por él, que es decir por la patria misma; asi ofrecemos nuestra vida los que sin ambiciones queremos al General Perón. Hago votos por que Diós, fuente de toda razón y justicia ilumine al General Perón, su dignísima y santa esposa y a sus fieles

colaboradores, para que en todos los actos de sus vidas los proteja (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 467, LEGAJO N.D., 26/02/1947).

Nessa legítima manifestação de apoio incondicional o missivista demonstra seu sentimento de *identificação* com o *homem do destino* da Argentina, numa classificação muito próxima daquela escrita por Pavón Pereyra (1950). Desse laço de afeto, admiração e *lealdade* o missivista doa-se por completo em prol dos ideários justicialistas a ponto de *morrer por Perón*, considerado não apenas um general a comandar o povo mas aquele que substitui a ausência do grande libertador da América considerado o protótipo ideal da personalidade do homem argentino (CARRILLO, 1995). Dessa forma, ao se *identificar* com Perón o missivista coloca-se, também ele, como dignitário de todos os elevados valores masculinos compartilhados com os dois grandes libertadores da pátria argentina. Novamente se explana um exercício de autorreflexão quando o remetente narra que *pôs a mão no coração e decididamente* se lançou à luta cidadã, *tal como se lançam os varões* de sua pátria.

Nesse amálgama de virilidade e foro interior compreendida enquanto *cidadania*, estão abrangidas as práticas a serem demandadas por um *legítimo peronista*: o combate aos políticos falsos, à imprensa antiperonista e o comunismo. Tal luta foi ainda mais intensa em sua subjetivação, já que aprendera a realizá-la naquela instituição que também havia formado a personalidade de Perón, a saber, o *exército* pelo qual foi condecorado por seu *Alto Espírito Militar e Conduta*, mesmo tipo de condecoração recebida por Perón e atestada por Pavón Pereyra no livro *El conductor de America* (1950), que ressoa com alcunha de maior “*hombre de America*”.

É pela declarada importância, orgulho e satisfação pessoal de juntar-se ao lado desse *atalaia da justiça social*, visto como a própria manifestação nacional, que o missivista entrega de seu tempo livre e até mesmo sua vida para que se efetue o projeto peronista de uma *pátria justa, livre e soberana*. Por fim, afirma que *quieremos al General Perón*, valendo-se do verbo *quierer* que em linguagem castelhana expressa um vínculo de amor e carinho. Da mesma forma, também sublinha a patente de *general* do presidente, que aludiria sua própria obediência de cidadão-soldado pronto a responder pelas ordens superiores.

Essas mesmas referências de masculinidade e identificação também foram empregadas por outros missivistas, que demonstravam ser exímios pensadores políticos ao tentarem classificar e comparar Perón com os mais distintos estadistas que marcaram as douradas páginas históricas e biográficas do panteão dos heróis argentinos:

General Perón. Hace tiempo que deseaba mandarle unas líneas de adhesión a su Plán Quinquenal [...] mis palabras de aplauso y de adhesión por el Plán Quinquenal, palabras estas mías, si humildes, dichas sinceramente desde mi puesto de lucha y en mi condición de franco tirador. Ofrece Ud. General, el caso desacostumbrado de un gobernante que asume el poder, primero, por la vía legal de unas elecciones intachables [...] há de dirse la voz autorizada y serena de la historia, y se dira que asi como Sarmiento se dedicó en su época a traer educadores para un pueblo que necesitaba educarse, el General Perón se dedicó a traer tecnicos, en la época de la tecnica, para que el país se tecnificase, se industrializase [...] ¿Qué se ha hecho en los ultimos 40 años? – necesitaba un Sumo Hacedor, un hombre que hiciera, un estadista, enfim, que lo es el gobernante de visión práctica, que hace, que estructura un pueblo. Ese fue el caso de aquél gran estadista [...] San Martín [...] Asi, usted. General, no será un intelectual puro como un Ricardo Rojas o un Palácios, pero es superior como estadista, como hombre que abarca el país con la mirada, que conoce sus problemas y que sabe resolverlos... adelante General! [...] Si usted, General, Realiza el Plán Quinquenal – y no hay duda que lo realizará, ya que no ha de faltarle salud y menos entusiasmo para ello, - si usted lo realiza... bueno; entonces no habrá más que colocar al General Perón al lado de los grandes realizadores del país, como máximo constructor, que propende en tñ elevada medida al advenimiento de la Gran Argentina con que todos soñamos. (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 467, LEGAJO 12697, 15/02/1947)

Dessas *linhas de adesão* que *há tempos o missivista desejava enviar* encontramos os *sinceros e humildes aplausos* de um homem que se apresenta pela expressão militarista de *franco atirador*. Essa posição perspicaz compara Perón com Sarmiento por seu investimento em industrialização e tecnificação da Argentina, que com tal conhecimento e visão prática desproporcionalmente imponente *estruturou* todo o povo, da mesma forma que o fizera o General San Martín. Dessa comparação o missivista adentra nos traços de personalidade do presidente afirmando-o não apenas como intelectual, mas superior estadista e *homem* que *conhece os problemas pátrios e sabe resolvê-los* como ninguém.

Dessa percepção aguda e detalhista da personalidade de Perón se delimita sua superioridade enquanto individualidade psicológica que não apenas pela via intelectual, mas prática, encaminha a Argentina para o futuro promissor e grandioso com que seus concidadãos tanto sonhavam. Nesse sentido o amor pátrio e a adesão sincera e comprometida fazem do missivista um legítimo peronista, que não apenas se alinha junto às fileiras populares, mas também interpreta a personalidade do General Perón para que, desse processo, surjam os contornos políticos daquele projeto que considera mais efetivo e desejável para suas aspirações patrióticas e nacionalistas.

Nesse sentido, cada leitura da personalidade de Perón alinha e delineia os próprios contornos daquilo que viria a ser compreendido enquanto pátria argentina e, com isso, seriam definidos seus projetos viris para ela:

Excelencia! Quien soy yo, no interesa; que es lo que soy yo, tampoco interesa; lo unico que interesa es mi concepción y mi concepción solo interesa por el bien que a mi amada patria le deseo. Es en el sagrado nombre de la patria que este hijo suyo, implora, ruega y espera que sus palabras sean analizadas con la importancia que se merecen, ya que voy a tratar el problema fundamental argentino; El problema madre de todos los problemas del hombre; el problema que aún no ha sido resuelto en ninguna parte del mundo, en la forma sencilla, en la forma clara y en la unica forma democratica, justa y humana. [...] La patria en su personificación identica al del hombre, esta constituida por su parte fisica y por su parte espiritual; lo mismo que el hombre, las patrias tienen su personalidad, tienen sus riquezas, tienen su dignidad, tienen su educación, tienen su cultura, tienen sus virtudes, tienen sus errores y tienen su história que es la suma total de todos estos valores. [...] Ud. Mismo excelencia, es un ejemplo típico de la magnificancia argentina, con sus ideas tan claras, con sus razonamientos tan logicos, con su pensamiento tã elevado, con su sentimientos tan ricos, con sus soluciones tan sabias, tan simples y tan humanas. Decia que la personalidad de la Nación estaba contituida por su parte fisica y por su contenido espiritual, ambas partes forman ese Todo sagrado que se llama la patria y para nosotros los argentinos la patria es lo más grande, la más sublime de las concepciones, la más bendita de las creaciones después de Dios. Si ese Todo es sagrado y es bendito, sus dos partes componentes son también sagradas y beneditas (tierra trabajo) [...] Estos son los verdaderos fundamentos, las unicas verdades, que serán utilizadas para fundamentar la ley de la nacionalización de la tierra. [...] y ahora Ud. Excelencia, que es lo más valiente, lo más realista, lo más razonador, lo más grande como estadista que hasta ahora he conocido el mundo y de quien tambien conozco el pensamiento y la forma como queria dar principio de solución, a esta antidemocratica situación de privilegio, y es por esto que hoy me apresuro a poner en sus manos, para que en este mismo mes de diciembre, como un regalo de la Providencia festejando el año que termina y con un feliz algarúo para el que se inicia, el Congreso Argentino ofrezca a sus catorce millones de habitantes la reconquista definitiva de su patrimonio territorial. [...] Excelentísimo Señor: acabo de depositar en sus manos la llave maestra de todos los problemas argentinos; de su ciencia y de su arte de estadista dependera la transformación maravillosa de la Nación y yo confio plenamente en su ciencia y su arte a tal punto que lo considero el primer estadista mundial. [...] Esperando para bien de la más santa de las pátrias del mundo, para esta sublime y virtuosa tierra de varones que es la Nación Argentina, para esta legendaria pátria de ensueños y cuna del más romántico Libertador de pueblos que fuera el excelso Capitán de los Andes, que estas palabras de un argentino anónimo, tengan la aplicación inmediata, para bien de la patria y para ejemplo de la Humanidad. (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 466, LEGAJO 3888, 29/11/1946)

Desde a primeira linha o missivista desconsidera sua individualidade para sobrevalorizar sua concepção coletivista e orgânica da nação como a *personificação do homem*. Tal como um Hobbes contemporâneo o missivista e tratadista compreende a ideia de nação pela chave psicológica da *personalidade* que une os fatores físicos e espirituais para definir suas *virtudes*, e sua *história que é a soma total desses valores*. Dessa formulação que é praticamente idêntica aos tratados psicológicos, biotipológicos e caracterológicos da época o missivista compara a personalidade da pátria com a própria personalidade de Perón, considerado *um exemplo típico da magnificância argentina*. Pelos traços de *raciocínio lógico*, *pensamento elevado* e *sentimentos humanos*, que qualificaram o mais evidente exemplar masculino de personalidade superior, fundamenta-se simultaneamente a grandeza da pátria e

de Perón como seu condutor privilegiado, já que exprime as qualidades necessárias para ser o *mais valente, realista, racional e grandioso estadista já conhecido pelo mundo* que com sua ciência e sua *arte de governar* seria capaz de presentear o povo argentino com a nacionalização de suas terras, tornando *sublime e virtuosa a terra de varões* marcada a fundo pela ação individual dos dois homens do destino: Perón e o Capitão dos Andes, o General San Martín. Com isso o missivista propõe um ambicioso projeto de reforma agrária de proporções nacionais, e para isso emprega um verdadeiro estudo/tratado de personalidade da pátria e do homem que a dirige.

Da mesma forma outros missivistas, embora que sem esta capacidade argumentativa, demonstram o quanto a interpretação da *personalidade* de Perón era fundamental para que suas solicitações fossem efetivadas e inseridas no projeto nacional.

Nuestro muy querido presidente: despues de saludarlo en la fervorosa admiración que sus extraordinarios dotes de exímio conductor de la Patria, nos inspiran; y el sincero cariño que su magnífica personalidad moral y física nos producen, motiva esta carta general pedirle que desinteresadamente desearia trabajar para su patriota e inigual Plan Quinquenal; colaborar dentro de mis especialidades o en lo que Ud. Ordene; a la obra ciclopea que gracias a su talento y a su sacrificio llevará a la pátria a su esplendez máxima. Saludo con mi más respetuoso afecto al dignísimo Presidente y a su encantadora señora esposa. (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 466, LEGAJO 3823., 14/12/1946)

Ao contrário da tônica tratadista e intelectual da carta anteriormente analisada, a presente epístola demonstra uma adesão amorosa ao *tão querido presidente*, ao qual demonstra carinho e afeto à sua obra política. Por outro lado, é bastante evidente uma consciência política e científica precisa do missivista ao conceber a capacidade de condução do presidente a partir dos traços de sua *magnífica personalidade moral e física*. Ou seja, mesmo que o remetente apele para a pretensamente irracional sentimentalidade popular, também demonstra conhecimentos gerais da teoria da personalidade, entendida como a soma total dos traços psicológicos e fisiológicos, isso é, *morais e físicos*. Dessa interpretação se ancora a petição do missivista que deseja trabalhar e colaborar para o Plan Quinquenal, considerado dádiva presidencial e *obra ciclópica* advinda do *talento e do sacrifício* pessoal do homem que por meio de sua personalidade masculina dotada de valores superiormente fisiológicos e intelectuais muda os destinos da nação.

Essa mesma tônica sentimental e até mesmo sem cerimônia da análise da personalidade de Perón também era refletida nas poesias populares publicadas na Revista Mundo Peronista, que afirmavam com maior ênfase o caráter plenamente viril do presidente:



Ha llegado nuestro Líder.  
 Entre nosotros se encuentra  
 Y todo el Pueblo le pide  
 Que de lo actuado dé cuenta. [...]  
 Entusiasmo que se entiende  
 Cuando uno se siente criollo  
 Y teniendo un presidente  
 Que no es gallina ni pollo.  
 Dotado de las virtudes  
 Que tienen los grandes hombres.  
 Y no quiere vicisitudes  
 Para ricos ni pa' pobres.  
 (REVISTA MUNDO PERONISTA, 15/04/1953, año II, n. 42, p 36)

Que despues de San Martín  
 -¡suerte!- nació otro varón,  
 Con su temple y corazón.  
 ¡que es una Nueva Argentina  
 Gracias a nuestro Perón!  
 (REVISTA MUNDO PERONISTA, 01/09/1953, año III, n. 49, p 32)

Te proclamo ciudadano del mundo,  
 Juan Domingo Perón, por tus acciones  
 Eres el más viril de los varones  
 Que yo admiro con amor profundo.  
 (REVISTA MUNDO PERONISTA, 01/01/1953, año II, n. 36, p 09)

Por que nos manda un varón  
 Que al Pueblo dio sus derechos  
 Porque late entre su pecho  
 Grande y noble corazón  
 (REVISTA MUNDO PERONISTA, 01/03/1954, año III, n. 60, p 42)

Se a liderança de Perón é afirmada por suas virtudes, sua presidência é sustentada pelo apoio popular que o concebe enquanto *galo* e *viril* a lutar masculamente pelo bem pátrio. Da mesma forma que San Martín, Perón é rimado com *varón* e *corazón*, compondo as tramas de uma autoridade paternalista de amor e cuidado:

Es un gran honor para mi que el Conductor, el Preidente General Juan Perón, haya tenido la extraordinaria gentileza de enviarme un gran retrato autografo. Yo les digo a ustedes con toda franqueza y con la libertad de mi corazón, que este día, en que he tenido este honor extraordinario de recibir ese gran regalo directamente de la mano del Señor Presidente General Juan Perón, este día ha sido uno de los más felices días de mi vida. [...] El presidente general Juan Perón es el hombre más grande y más amado de este siglo en que vivimos. Pero esto no es todo todavia: yo he podido dame cuenta de lo siguiente y lo voy a decir, es hoy mi opinión y yo, L. L., un simple ciudadano nacido en Viena, estoy defendiendo esta opinión y voy a luchar por ella. El Conductor General Juan Perón es el primer madatario de la Gran República Argentina; pero nuestro grand Conductor es mucho más. Quien habla en tan bella forma del Amor, del gran Amor cristiano, no es solamente Presidente de un gran país: el Conductor General Juan Perón es por sobretodo EL QUERIDO Y

AMADO PADRE DE LA NACIÓN.(REVISTA MUNDO PERONISTA, 15/06/1954, ano III, n. 67, p 17) [Maiúsculas do autor].

Essa carta resume muitos aspectos da sentimentalidade popular peronista e tal caráter de sùmula se dá especialmente pela escrita de um imigrante, que buscava se estabelecer e se legitimar como argentino ao declarar-se peronista, afinal, num contexto em que *pátria* e *peronismo* eram sinônimos, a estratégia de demonstrar a correta e afetiva interpretação daqueles preceitos políticos certamente garantiria maior aceitação de sua condição de repatriado. Em primeiro lugar, temos que ressaltar a referência a Perón enquanto *conductor*, termo que reforça a qualificação que o próprio presidente se auto-atribui em *Conducción Política* (1952). O missivista abre a possibilidade para uma série de considerações políticas pelas quais Perón se inspira na tradição gavetiana de sustentação do comando e da autoridade a partir da compreensão e auxílio do líder junto às demandas e anseios de seus subalternos, configurando tramas afetivas e de cuidado entre os dois pólos da hierarquia, um sentimento desejado e demandado por aqueles que obedecem, bem como respeitado por aquele que manda.

É nesse sentido que o missivista se anuncia como *orgulhoso, feliz e honrado* em receber um pôster com a foto autografada do presidente que, por sua concepção, lhe havia enviado pessoalmente esse obséquo em nome da boa relação de amizade e companheirismo. Como resposta e *contra dom* o missivista declara não apenas seu orgulho e adesão ao projeto peronista em nome do *Plán Quinquenal*, mas também reconhece seu ideólogo como *o homem mais grande e mais amado desse século*, e ressalta que essa é uma assertiva realizada *com toda franqueza e com toda liberdade de seu coração*.

Nesse *amor* sentido pelo *coração* do missivista se fundam os desdobramentos de uma autoridade religiosa e afetiva e como conclusão, resume e reforça esse vínculo amoroso arrematando seu argumento com o preceito máximo das *artes de governar* ao definir Perón não apenas como o presidente do país, mas *O QUERIDO E AMADO PAI DA NAÇÃO*, em letras maiúsculas para reforçar a entonação e a emoção profundamente exacerbada.

Nessa exclamação de brado o missivista se dirige e anuncia a todos os ventos o nome bem aventurado daquele homem considerado analogamente presidente, general e pai, encadeando a continuidade de postos de autoridade tal como estabelecidos tanto pelos *saberes psi* quanto pelos tratadistas da personalidade de Perón ao definirem sua autoridade pela alcunha sentimental de um pai de família. Novamente esses ideários enviados privativamente

ao presidente eram reverberados pelas cartas de poesias públicas e populares enviadas à revista *Mundo Peronista*:

Chacra experimental,  
Furgones de sanidad,  
¡y que se yo cuanto más  
Que encierro el plán quinquenal!  
Obra del Gran General  
Y patriota Juan Perón.  
Hombres de su condición  
Pocos hubo hasta el presente.  
¡si no solo es Presidente!  
¡es un padre en mi nación!  
(REVISTA MUNDO PERONISTA, 01/01/1952, ano I, n. 12, p 21)

Peronismo se escribe:  
Con P de PATRIA...  
De Pueblo... de Pasión  
Y P de Patriotismo.  
Con P de PERÓN  
Y de Perfecto Idealismo...

Con P hecha canción  
De Permanente destino,  
P de Plenitud...  
Plenitud de heroismo;

Con P de Padre en  
Poder de Creación en la  
Trayectoria limpida de  
JUAN PERÓN;  
(REVISTA MUNDO PERONISTA, 15/08/1952, ano II, n. 27, p 41)

General, yo le diria  
Que su sacrificio es tanto, que hasta desprecia la vida:  
Que usted es cuanto tenemos  
En esta Pátria querida:  
Que nos sentimos sus hijos  
Bajo su amparo y cariño,  
Por que sin verlo es el padre, en nuestro afecto más íntimo.

(REVISTA MUNDO PERONISTA, 01/12/1953, n. 55, ano III, p 21)

São todas demonstrações de afeto e carinho em disposição lírica de cunho popular que afirmam e reforçam a relação de proximidade com o chefe considerado não apenas presidente, mas *pai da nação*. Dessa arregimentação hierárquica se estabelece um vínculo em que os missivistas se dispõem sentimentalmente enquanto filhos que se abrigam na calorosa manta de *amparo e proteção* estendida pelas mãos do presidente. Por outro lado, não podemos esquecer que a paternidade de Perón no campo da autoridade é apenas uma face da moeda, já que o *familiarismo* argentino foi complementado pelo sentimento exacerbadamente intenso dirigido à mãe espiritual da Argentina da virada dos anos 40 para 50, Eva Péron.

Como discutido no capítulo anterior, a autoridade de Perón era compartilhada por múltiplos corpos, tais como o Estado, o Partido e a própria Eva Perón. A presença da primeira-dama servia como alicerce do sentimento peronista e da própria simbologia paternal-familiar exercida pelo casal presidencial, já que o posto de pai dos descamisados era contrabalanceado e equilibrado pela condição de *madre espiritual de la nación* exercida por Evita, especialmente no início do segundo mandato de Perón, quando seu trágico falecimento impactou profundamente os sentimentos populares. Sublinhando o protagonismo da primeira-dama, Donna Guy, em seu recentíssimo livro intitulado *Creating Charismatic Bonds in Argentina: Letters to Juan and Eva Perón* afirma:

Both Juan Perón and Eva Duarte de Perón [...] they are often studied individually rather than as a couple whose close emotional bonds with the people fortified their political power. [...] both the president and the First Lady used charismatic methods to link themselves to Argentine supporters through letter writing. It situates the people and their efforts to reach Juan and Eva to shape the direction of their policies (2016: 01)<sup>133</sup>.

Nessa relação complementar entre o casal presidencial percebemos a atuação de uma primeira-dama com papel destacado, recebendo uma grande quantidade de correspondências. Da mesma forma que Perón era considerado um Pai da nação, Eva era aclamada como mãe dos pobres, necessitados, *grasitas* e *descamisados*. É por essa via que nos últimos anos da década de 40 e os primeiros da década de 50 pode-se equiparar a autoridade de Juan com a de Eva, partes indivisíveis do mesmo vínculo afetivo peronista que inspirou a composição das cartas, tais como aquelas enviadas pelo Presidente do *Comité Japonês na Argentina* e da *Cámara de Comercio Argentino-Japonesa* na ocasião de comemoração do *Día de la Lealtad* (celebrado no 17 de outubro). Da mesma forma que o imigrante vienense, o japonês também buscava demonstrar adesão e fidelidade ao peronismo a partir da interpretação pessoal desse sentimento:

El saludo jubiloso, de los corazones de todos los integrantes de la Entidad, confundidos en sincero fervor peronista, expresan en vísperas de la fecha más gloriosa del pueblo argentino 17 de octubre, Día de la Lealtad, día de la confirmación del sentimiento más noble, que lucen los hombres de la tierra de San Martín y de Belgrano. Porque así lo sienten hacen llegar un fuerte abrazo de trabajadores humildes, a quien desde su cargo ministerial colabora con el Primer

---

<sup>133</sup> Ambos, Juan Perón e Evita Duarte de Perón [...] são muitas vezes estudados individualmente e não como um casal cujos estreitos vínculos emocionais com o povo fortificando seu poder político. [...] Tanto o presidente como a primeira-dama utilizaram métodos carismáticos para se ligar aos apoiadores argentinos através de cartas escritas. Isso situa o povo e seus esforços para alcançar Juan e Eva e configurar a direção de suas políticas (T. do A.).

Trabajador argentino, el Excmo. Señor Presidente de la Nación General Juan Perón, y salvaguarda a la Madrecita espiritual del pueblo del general. Evita, la compañera incansable, bondadosa, sacrificada, que tiene con ella el corazón anhelante de cada argentino, que la acompaña la adora y la sigue y la espera como siempre, sonriente y amable, Sol entre los soles, Mujer entre las mujeres. Siempre, con la adhesión profunda, de peronistas y descamisados, de todas las jornadas de la Pátria, hacen llegar este humilde presente, a sus manos, respetuosamente. (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 582, LEGAJO N.D., 17/10/1951)

Con el Recuerdo vivo de la jefa espiritual de la Nación. Eva Perón. Q.E.P.D.

T. O., presidente del Comité Japonés, en la Argentina y de la Cámara de Comercio Argentino-Japonesa [...] expresa la más sincera adhesión de peronistas, en el Día de la Lealtad, al Líder de la Pátria, al Padre de la Nueva Argentina, al abanderado de los trabajadores y Presidente de la Nación, General JUAN PERÓN, y al recuerdo más perenne y más profundo de la mujer bien-amada de su pueblo, nuestra querida EVITA, Jefa Espiritual de la Nación. (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 582, LEGAJO N.D., 17/10/1952)

É deveras marcante que uma carta institucional do presidente de uma comissão representando interesses corporativos e mercantis apele a argumentos tão afetivos ao direcionar-se a uma Secretaria Legal e Técnica. Nela refere-se não apenas a Juan Perón, mas também à *jefa espiritual de la nación*, tanto em sua época de atuação quanto depois de morta<sup>134</sup> pelo qual expressava seu sincero e profundo fervor peronista nas vésperas da data simbólica em que o povo saiu às ruas para libertar o General e clamar por sua liderança. Nessa ocasião o signatário da carta não se considerou satisfeito em expressar sua profunda e sincera adesão de peronista e descamisado, como também optou por manifestar o mais profundo vínculo sentimental, definindo assim as qualidades da *mãezinha espiritual do povo do general* enquanto *companheira incansável, bondosa, sacrificada, sol entre os sóis e mulher entre as mulheres*. Nessas definições encontramos uma atribuição marcadamente de gênero ao considerar a Primeira-dama não apenas como um coração de bondade, mas como mulher e companheira do líder viril. Dessa forma, a paternidade de Perón é complementada e reverberada pela maternidade de Evita, que mesmo não tendo nenhum filho biológico, em todos os rincões argentinos era aclamada *mãe espiritual dos pobres e da nação*, tal como expresse em grande parte dos poemas enviados à revista Mundo Peronista:

Evita fue la madre de todos los humildes  
Y fue la compañera de nuestro general;  
La Santa del Trabajo, la que ofrendó su vida  
Para que a sus “grasitas” no les faltara el pan.  
(REVISTA MUNDO PERONISTA, 26/07/1953, ano III, n. 46, p 43)

<sup>134</sup> Em espanhol as iniciais Q.E.P.D. significam *Que En Paz Descanse*.

Evita, todos la llaman  
 La flor del amanecer  
 La dama de la Esperanza.  
 El hada de la niñez  
 La que concedió derechos  
 Ansiados por la mujer,  
 La que asegura el sustento  
 Al que es pobre en la vejez  
 Madre del desamparado,  
 Que se ha ganado el laurel,  
 Aunque por siempre y modesta  
 Cual una violeta es.  
 Los niños descamisados  
 La nombran con sencillez,  
 La quieren como a una madre,  
 La escuchan con interés,  
 Y Evita, siempre presente,  
 se ha impuesto el duro deber  
 de ser la madre de todos,  
 que a todos debe atender.

(REVISTA MUNDO PERONISTA, 26/07/1953, ano III, n. 46, p 43)

Note-se que as poesias apresentam várias camadas de sentido, se em primeiro plano interpretamos apenas uma ode ingênua e maravilhada com aquela primeira-dama, em outros extratos podemos encontrar um argumento marcado pelo gênero quando se define suas características como *maternais*, *flor do amanhecer* e *fada da infância*, típicos qualificativos femininos opostos às definições de racionalidade, espírito supervisor e pensamento sagaz pretensamente possuídos pelo presidente e marido Juan Domingo Perón. Por fim, há uma terceira camada de sentido de onde encontramos um evidente argumento de autoridade. Quando se anuncia Eva como protetora, caridosa e amorosa, argumenta-se que ela é nomeada com simplicidade por todas aquelas pessoas em situação de vulnerabilidade social – tais como crianças, idosos, pobres e *mulheres* – para que seja sua protetora e guia. Trata-se de uma autoridade delegada, mas não a partir de uma formalidade teórico-racional da obrigação política de um poder executivo, mas pelo sentimento e pelos laços de reciprocidade voluntariamente estabelecidos com a primeira-dama, que enquanto autoridade deveria retribuir à sua *nomeação* por meio das tão conhecidas *ajudas sociais* compostas pelos projetos de proteção e benemerência à toda população necessitada que clamava pelo aporte estatal como último recurso de sobrevivência frente à crise sofrida pelo país no pós guerra.

É justamente no sentido de interpretar tal autoridade que a seguinte carta, endereçada ao próprio Perón, manifesta sua concepção pessoal dos significados sentimentais e políticos atribuídos a *Evita*:

Al señor presidente de la nación. General de Ejercito Don Juan D. Perón. V.E. me perdonara la irreverencia de ser en esta como en todas las ocasiones que le he escribo, franco, sincero y leal, no recurriendo a [XXXX] ni reticencias de ninguna

naturaleza que desvirtuen la verdad tal cual la siento y la pienso. Ya antes de ahora he expresado a V.E. que soy peronista de la primera hora y que para ser tal hay que sentirse tal como lo expresa la excelsa y noble madre de los Humildes en su notable libro *La Razón de mi Vida*. En consecuencia siento integralmente peronista por convicción profunda y no por accidente por haber sido favorecidos por la acción de la suerte en el gobierno revolucionario, puedo hablar y tener autoridad moral para hacerlo sin dobleces de ninguna clase. Bien señor presidente: vuestra amada esposa y compañera de todas las horas desgraciadamente entró en la inmortalidad; la patria ha perdido a la más dilecta de sus hijas; el pueblo perdió su alma tutelar; la que dejara pedazos de su vida en holocausto de los Humildes, de los niños, de los ancianos y enfim de los sumergidos por la oligarquía en tantos años de esclavitud y miseria. Su múltiple obra derramada a manos llenas por los ambitos del país certifican la noble contextura moral de Evita, irreplaceable e insustituible en su acción social, la mujer más grande de la América y del Mundo contemporáneo y que indudablemente pasaran senturias para que aparezca en la faz de la tierra entre numen que la pueda igualar al igual que la venida al mundo de otro hombre de la envergadura intelectual, moral y doctrinaria de V.E. Sin embargo señor la terrible prueba a que nos conjuera el Destino nos ha hecho retemplar el espíritu y nos ha hecho conocer muchas cosas que es necesario enumerarlas acá para ir depurando los cuadros de las grandes reparticiones nacionales y proceder con gran energía y sin vacilación puesto que la gran bondad infinita de nuestra malograda Evita que hacia un puente entre V.E. y los descamisados [...] (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 453, LEGAJO 93091, 09/08/1952)

Percebemos dois temas na demonstração de adesão e afeto peronista: o primeiro define a autonomia do missivista, atestando sinceridade, franqueza e lealdade pessoal para expor a verdade do que sente e pensa. Por outro lado, a definição de *ser peronista*, oposto à marcha de varões que vimos anteriormente, é marcada pela leitura do livro-manual *La Razón de Mi Vida* (1951), assinado por Eva Perón. Aproveitando o assunto do comovente falecimento, o missivista demonstra todo seu reconhecimento e afeto frente à *alma tutelar* que se sacrificou em nome dos desfavorecidos sociais, desse gesto quase hagiográfico de sacrifício e imolação a digníssima Evita houve de ser considerada a *maior mulher da Argentina e do mundo*, e pese-se que essa grandiosidade precede, ao passo que complementa e sustenta, a grandiosidade de Perón, considerado *homem* de destacada envergadura intelectual, moral e doutrinária.

Ecoando as poesias anteriormente analisadas, essa carta também realiza uma atribuição de gênero ao qualificar Evita pelos preceitos de bondade, amor e até mesmo sacrifício ao passo que seu esposo recebe os traços *intelectuais e doutrinários* pretensamente disponíveis na alma masculina. Cabe ressaltar que o argumento de autoridade também é evidenciado no final da carta quando se considera *Evita* como *ponte* entre o mandatário e os *descamisados*, sendo sua bondade o concreto que estrutura e sustenta tal conexão entre os dois polos e define o poder dito *populista* do peronismo.

É pela capacidade de responder aos anseios e demandas populares, de demonstrar afeto, proteção, carinho e amor aos grupos menos favorecidos socialmente, e com isso contar com sua lealdade, que o peronismo se tornou não apenas um governo de Estado mas uma verdadeira fé política nacional a transcender o tempo e o contexto específicos das gestões do casal Perón. É por meio das demandas e pedidos mais humildes que podemos encontrar os vínculos de proximidade que fundamentaram essa constituição afetiva e política:

Sa. Eva Perón. Presente me dirijo a usted como filiado peronista y admirador sincero de sus obras, y ayuda a los necesitados. Urge dignísima señora regularizar mi situación, pues actualmente estoy viviendo con mi esposa e hijo de 9 meses en un lugar insalubre, en una pieza de madera sobre piso de tierra, siendo para nosotros una vida imposible y es por esto que he pensado en usted. Pues es la única persona que puede ayudar a los pobres con su acostumbrada gentileza que la caracteriza. Solo ruego señora que salve mi hogar con una casita donde podamos estar dignamente, porque soy un obrero más y un ciudadano que engrosa las filas del peronismo, y que estoy ampliamente agradecido de saber que tenemos un líder que engrandece la nación y una abanderada que dignifica la vida de los humildes Dios salve a Usted. (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 502, LEGAJO N.D., S.D.).

Ao narrar a situação de pobreza e insalubridade com que padece, o missivista atesta em sua destinatária a *única pessoa capaz de ajudar os pobres* e tal ajuda seria proveniente da *costumeira gentileza que a caracteriza*, ou seja, essa virtude não apenas uniria pessoalmente o subordinado à primeira-dama, reforçando o laço libidinal e legando sua autoridade, mas salvaria sua família mediante a doação de uma casa mais aconchegante e saudável. Para reforçar seu pertencimento peronista e lealdade ao projeto nacional o missivista conclui sua carta praticamente parafraseando o bordão propagandístico que versa: “*Perón cumple, Evita dignifica*” presente em muitos panfletos e cartazes da época.

Com a mesma necessidade de um novo lar escreve outra missivista que solicita e até mesmo roga por um auxílio providencial:

Dignísima señora Eva Duarte de Perón, con la esperanza de encontrar solución a un [XXXX] problema que la carestía de vivienda ha cercado a nuestro hogar, me tomo la libertad de hacer llegar a la dignísima señora como en un supremo recurso, este mi angustioso pedido. Somos once de familia y vivimos en un reducido departamentito de la calle [XXXX] [...] Día a día el problema se agiganta con el crecimiento de las seis criaturas y no encontramos la deseada solución al mismo. Mi esposo trabaja en telecomunicaciones, pero desde el punto de vista financiero le resulta imposible afrontar la adquisición de la casa propia. Con la esperanza, fé y seguridad de ser escuchada acudo a Ud. A su bondad que tantas veces se he hecho y hace sentir en el bien estar de la clase trabajadora, suplicándole nos proporcione un techo debajo del cual nos podamos cobijar, pedido le formulo no tanto por nosotros cuanto por nuestros hijitos. “los únicos privilegiados en la Argentina justicialista de Evita y de Perón” Quiera al cielo, devolver a la querida y dignísima señora Evita esa preciosa salud a fin de que como en sus mejores tiempos y como siempre pueda proseguir en su heroico apostolado por la causa de la felicidad de este pueblo que no



[XXXX] llama la dama de la Esperanza. (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 453, LEGAJO N.D., 12/03/1952).

Demonstrando sua condição de mãe de família numerosa e carente, a missivista relata seu triste dilema econômico e social e no patamar materno apela à mãe espiritual da Argentina com *esperanza, fé e seguridad* numa solução a seu problema, que seria expresso pela doação de uma das milhares de residências populares construídas pelo governo de Perón em regiões periféricas da cidade de Buenos Aires. Tal pedido não se justifica apenas pela missivista e mãe, mas pelos seus seis filhos, que como tal são também filhos da nação e da própria Eva, a demandarem o encarecido auxílio e proteção, embasando-se em outro dos bordões peronistas e peronianos que atestava que *los únicos privilegiados son los niños*.

Dessa união afetiva entre o povo e os líderes se estabelece uma autoridade simultaneamente masculina em Juan Domingo e feminina em Evita, ensejando num ambiente de continuidade entre a família presidencial e as famílias populares. Tal significação permite a composição de um governo de Estado amparado nos ideais familiares de continuidade entre as autoridades divinas, presidenciais e paternas:

Que Jesus colme tambien de gracias a vuestra dignísima esposa, el ogullo de las mujeres argentinas y vuestra mejor y más eficaz colaboradora; La compañera abnegada cuyo corazón late al unísono con el vuestro porque ambos están impulsados por ansias de justicia y de amor. Os ruego Exmo. Sr. hagais presente a vuestra señora Excma. esposa mis respetos y mis votos de dicha en el año que se inicia. Y vos Sr. recibí mi ofrecimiento para colaborar íntegramente con vuestro plan, que sin duda será la etapa consagrada de vuestra gloria, que será la gloria de la Patria, porque vos sois el corazón de la Argentina proletaria. [...] a vos “Coronel del Pueblo” os debemos la dicha de nuestros hogares, a vos os debemos la abundancia que reina en todas las mesas argentinas, a vuestra dinámica acción debemos la recuperación de la Nación entera que hoy surge progresista, justa y soberana puesta a acrecentar ese progreso, esa justicia y esa soberanía en los próximos cinco años bajo vuestra sabia dirección. Os reitero mi ofrecimiento Exmo. Sr. Presidente para la ejecución del magnífico plan que habeis concebido y en este nuevo año mi hogar brinda por vuestra dicha personal y por el triunfo de vuestros ideales de estadista inspirados en la bandera de la Patria (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 467, LEGAJO 0497, 10/01/1947).

Iniciando com a referência à autoridade de Jesus Cristo, fonte de origem de toda autoridade terrena, o missivista envia seu agradecimento a Eva, considerada *orgulho das mulheres argentinas* por ser a *melhor e mais eficaz colaboradora*. É importante perceber esse destaque numa carta escrita no início do ano de 1947, época em que o *mito Evita* ainda dava seus primeiros passos e não demonstrava o poder de arregimentação sentimental que operara na virada dos anos 40 para 50. Embora reconhecendo a superioridade do líder, já nessa época

Eva é apontada como *companheira* de Perón, aludindo a certa equiparação entre ambos quando comenta sobre seus *corações baterem em uníssono já que impulsionados por justiça e amor*.

Concebe-se, bem ao estilo das *artes de governar*, que são as virtudes e os sentimentos dos governantes que garantem sua capacidade superior de governo. Um amor que brota entre o casal e desdobra-se ao povo, que também retribui esse sentimento de maneira orgânica e familiar. É por isso que Perón e Evita não são considerados apenas o cérebro da Argentina, mas, antes, seu coração, pelo qual se deve a felicidade do povo e da nação. Nessa argumentação se coloca a continuidade dos lares presidencial e dos trabalhadores, realizando a transposição automática entre um governo público para um privado, de forma que o modesto pai de família popular se prontifica a trabalhar junto ao pai da família nacional, mediante obtenção de um cargo estatal.

Na mesma interconexão público-privada o missivista conclui sua carta demonstrando que seu próprio lar brinda pela *felicidade pessoal* do presidente. Desta forma buscava construir um vínculo permanente e íntimo entre um chefe nacional e um chefe de família, ressaltando a lealdade de soldado devida ao *Coronel* e pressupondo o amor advindo da união afetiva sentimental entre Perón, Evita e o povo.

\*\*\*

Por meio das cartas populares pudemos conceber outras dimensões das relações entre o gênero, a psicologia, a liderança e a autoridade estabelecidas nas primeiras gestões de Vargas e Perón. Por um lado houve íntima e profunda expressão de adesão, concordância e lealdade com os dois regimes, o que sustentou uma autoridade voluntária e desejada pelos missivistas. Por outro lado, encontramos um processo de reinterpretação política e autonomia interpretativa de uma população que não apenas foi alvo de tais discursos, mas lançou novos sentidos junto aos governantes com os quais se corresponderam pessoalmente.

É importante destacarmos que não foi nossa intenção realizar uma comparação frontal entre as epístolas destinadas a Vargas e aquelas destinadas a Perón, tendo em vista que a diferença de contextos e a própria natureza da documentação impede que se realize uma analogia com padrões analíticos mais precisos. Por outro lado, como diria Marc Bloch (1983), a comparação se estabelece não apenas entre elementos semelhantes mas também a partir das

diferenças, dessa forma, podemos aventar algumas aproximações e explicitar distanciamentos entre as cartas destinadas aos dois líderes.

Em primeiro lugar e mais evidentemente, podemos perceber que a solicitação de dádivas e benesses por parte dos missivistas brasileiros os colocavam numa posição de subalternidade, mesmo de súplica, frente ao presidente, considerado centro único de poder e emanção de toda vontade soberana da nação. Já nas cartas destinadas a Perón – seja pelo fato de terem sido solicitadas pelo presidente, seja pelo fato de que foram enviadas para um governo democrático legitimamente eleito – assumiram uma tonalidade mais cidadã, participativa e integrada à política peronista, demonstrando mais *adesão* e *lealdade* que subserviência ou servidão.

Outro ponto passível de comparação é entre a ideia de *paternalismo* emanada pelo varguismo e a noção de *familiarismo* demonstrada pelo peronismo. Se o presidente brasileiro era reiteradamente considerado *pai dos pobres* e da nação isso se deve porque a intenção centralizadora era mais presente do que na doutrina de Perón, que também era definido como pai, mas antes disso, fortalecia sua imagem de camarada e companheiro, procurando estabelecer com os governados laços mais duradouros de *autoridade*.

Outro fator importante na distinção entre o *paternalismo* varguista e o *familiarismo* peronista é o lugar simbólico das primeiras damas de cada país, tendo em vista que a influência política, social e cultural exercida por Eva Perón foi incomparavelmente superior ao papel público exercido por Darcy Vargas. Se a primeira-dama argentina assinou livros de divulgação política, nominou como cabeça de chapa da rama feminina do Partido Peronista e assumiu uma secretaria de proporções desiguais no Estado argentino (PLOTKIN, 2013); a primeira-dama brasileira dividia-se entre as atividades públicas de benemerência tais como a Liga Brasileira de Assistencialismo (LBA), e as funções privadas de esposa e mãe dos cinco filhos que tivera com Vargas (SIMILI, 2008). Talvez essa posição de destaque, tanto política quanto simbólica, assumida por Evita justifique a grande massa de cartas diretamente a ela destinadas, quantidade infinitamente superior às raras epístolas enviadas à Darcy, que na maioria das vezes solicitavam sua intervenção passiva junto ao marido-presidente.

Podemos então perceber que a diferença ideológica, política, social e pessoal dos ideários varguistas e peronistas influenciavam diretamente na formulação das cartas e nas formas com que elas traçavam estratégias de aproximação junto aos presidentes e suas esposas.

Para completar esse panorama de pluralidades discursivas temos que relembrar o quanto as posições sociais, intelectuais e de gênero também influenciavam na tônica de argumentação das referidas cartas. Dessa forma podemos encontrar uma *massa* bem pouco homogênea, talvez apenas se pensarmos nela como uma *massa cinzenta*, que não se situa numa fronteira entre o branco e o preto da obediência e autonomia, que reflete sobre suas ações e posições políticas, distante, portanto, da imagem homogênea e indistinta para tornar-se povo singular, para que os missivistas se afirmem enquanto sujeitos e não apenas *assujeitados*, mas também atuantes dentro de regimes políticos que abriram canais institucionais para seus anseios e petições, ao mesmo tempo que os capturou no interior das demandas por *lealdade* e *adesão* à figura pessoal e paternal dos presidentes e suas famílias.

É dessa forma que se deslinda um processo de subjetivação presente nas cartas e nos corpos daqueles missivistas, pautado por uma complexa intersecção de discursividades não apenas propagandísticas, psicológicas, governamentais mas também por suas reformulações em nome dos interesses pessoais e, muitas vezes, coletivos daqueles que escreviam suas cartas junto aos presidentes.

Nesse sentido, ao invés de fechar o escopo analítico e político para uma definição unívoca de varguismo e peronismo essas cartas abrem ainda mais o complexo e múltiplo leque hermenêutico desses regimes, demonstrando a existência e até mesmo a necessidade do estabelecimento de relações recíprocas e isonômicas entre governantes/governados, embora não se questionasse a ordem hierárquica de superioridade dos primeiros sobre os segundos.

Por fim, procuramos mostrar neste capítulo o quanto os preceitos psicológicos e de gênero estavam imbricados e correntes no vocabulário e na forma como as pessoas estruturavam sua linguagem, sustentando suas petições e anseios ao lançar formas singulares de compreender, afirmar e demandar junto aos governos e governantes, junto aos poderosos com quem se correspondiam e se identificavam de maneira íntima e pessoal.

## CONCLUSÃO

### Psicologia, liderança e autoridade

Pretendendo-se um escrito fragmentado e operando por abrangências teóricas e heurísticas muito diversas em sua composição, nesta conclusão apresentamos um painel em mosaico, que apenas pode ser expresso por todas as páginas anteriormente lidas. Isso é, enquanto mosaico, é impossível selecionar um trecho de fragmentos que sintetizem a obra, já que a própria obra é um emaranhado de fragmentos *em conjunto* e é em sua totalidade que o efeito de composição se estabelece. Dessa forma, cada passagem escrita no decorrer desses sete capítulos partiu de escolhas específicas, de inclusões e exclusões determinadas, permitindo que a conclusão em que poderíamos chegar se estabelece no próprio *andamento* dos fragmentos reunidos e dos argumentos defendidos nessa tese. Portanto, cada capítulo em seu decorrer apresentou pequenas conclusões próprias que sustentavam as hipóteses seguintes cada vez mais abrangentes.

Em primeiro lugar tivemos de deslindar um movimento político, ético e epistemológico que se desenvolveu a partir de meados do século XIX articulando a ideia de *personalidade* individual e virtuosa como uma oposição conjugada à noção de *massa* coletiva e irracional. Dessa concepção, simultânea e unificada aos nascentes saberes sobre a *chefia* e a *liderança* (COHEN, 2013), se lançaram as bases para interpretar a política como manifestação de uma personalidade pujante a dominar os instintos da massa desenfreada em levantes e revoluções. Nesse momento o gênero figurou como uma estrutura discursiva, teórica e argumentativa fundamental para a composição de uma oposição entre uma liderança considerada masculina, em oposição a uma massa feminina, dadas as qualidades consideradas superiores e inferiores pretensamente possuídas pelos respectivos polos.

Tais ideários foram prontamente recebidos, reinterpretados e adaptados pelos *saberes psi* na primeira metade do século XX no Brasil e na Argentina, que a partir de novas teorias sobre a personalidade, tais como a caracterologia e a biotipologia, classificavam os homens a serem considerados hierarquicamente superiores e, por consequência autoevidente, indicados à condução dos rumos políticos nacionais, a governar um país.

Dessa forma, buscamos mostrar o quanto essas concepções de liderança pautadas pelos *saberes psi* influenciaram na formulação das biografias de Vargas e Perón. Para isso

estudamos diversas teorizações de intelectuais adeptos e integrantes às duas gestões que elaboraram suas teorias da liderança pela forja dos saberes psicológicos, que na época avançavam seu império de abrangência adentrando no território político. Por meio desse processo foi possível ressaltar os traços constitutivos das personalidades dos líderes em questão. Dessa forma pudemos concluir que tais jogos de poderes e saberes estabeleceram uma íntima relação entre o gênero, a psicologia e a política que sustentavam as definições de chefia e liderança a inspirarem o mando e a condução por parte dos presidentes biografados, conclusão esta que consideramos ser uma das principais contribuições de nossa tese.

Mas a liderança volitiva e impositiva era apenas uma das faces, talvez até secundária, da construção das personalidades de Vargas e Perón. Não bastava que o poder fosse visto como uma relação hierárquica de distanciamento entre o líder masculino e as massas femininas, pelo contrário, a característica principal daqueles governos foi justamente sua capacidade de ensinar a aproximação e participação ativa do povo na composição dos elos de mando e obediência junto ao Estado. Dessa forma, os intelectuais apelaram a diversas interpretações e leituras políticas sobre a ideia de *autoridade* buscando somar à fórmula da liderança masculina as antigas teorias das *artes de governar* fundadas num *poder pastoral* em que o líder é visto não como um tirano, mas como bondoso pastor a conduzir seu rebanho às seguras pradarias da bonança, da paz e da segurança. Nesse sentido foram apropriados alguns elementos sociológicos das teorias freudianas para que fossem cientificamente teorizados os vínculos libidinais entre a massa e o líder, metaforicamente comparado às carismáticas figuras do Cristo, do general e do pai de família.

Dessa forma, Perón e seus intelectuais aliados puderam formular uma teoria da autoridade política a partir do cruzamento de doutrinas castrenses com fundamentações psicológicas sobre o bondoso governo das condutas, inspirando assim a formulação de uma teoria da *condução política*, baseada na proximidade, companheirismo amor e lealdade do povo peronista junto ao líder e sua esposa. Do outro lado da fronteira os intelectuais varguistas também construíram uma teoria da *autoridade* a partir de elementos civis e patriarcais que definiam o presidente como psicólogo/psicanalista e verdadeiro *pai dos pobres*, a amparar carinhosamente aqueles que necessitavam de sua paternal proteção.

Evitando uma interpretação pela via de que tais formulações simplesmente ludibriaram as populações argentina e brasileira, trouxemos para a análise as cartas enviadas aos dois presidentes para percebermos como esses ideários sobre a personalidade, a masculinidade, a liderança e a autoridade dos *chefes da nação* foram lidos, utilizados e, em muitos casos,

reinterpretados ao sabor das demandas contingenciadas pelos remetentes. Dessa forma, acabamos por lançar uma *cartografia*, singular e em nenhum momento completa, de algumas das diversas interpretações psicológicas e políticas acerca da liderança e autoridade em Vargas e Perón.

Por mais que não tenha sido nosso intuito teórico ou metodológico realizar uma *história comparada*<sup>135</sup>, é possível destacar algumas aproximações e distanciamentos entre as duas experiências históricas, éticas, epistemológicas e políticas. Em primeiro lugar, devemos pontuar que a diversidade do contexto de ambos os regimes faz com que um paralelo entre ambas as gestões (de 1930-1945 no Brasil e de 1946-1955 na Argentina) seja no mínimo incompatível, já que um dos presidentes ascendera pelas armas, enquanto outro pelo voto; um governara em plena Segunda Guerra Mundial, outro no igualmente complexo período pós-guerra; sem contar nas diferenças econômicas, sociais e políticas dos dois países.

Não bastassem tais diferenças, em nossa pesquisa pudemos perceber o quanto as leituras e interpretações psicopolíticas sobre a autoridade e liderança de Vargas e Perón foram igualmente distintas. Em primeiro lugar porque Vargas, por mais que fosse bastante impositivo a ponto de se tornar ditador da nação, representava um governo civil que pretendia unificar os interesses nacionais em torno de um ideal agregador e fundado em uma liderança centralizada em sua benevolente autoridade paternal. Já Perón, enquanto general do exército argentino assumia sua posição institucional de mandatário simultaneamente civil e castrense, detentor de uma autoridade que buscava criar vínculos de *lealdade* e camaradagem junto àqueles que engrossavam as filas peronistas (BALBI, 2003).

Justamente por esse viés, a personalidade de Vargas foi modelada como a encarnação singular daquele regime e daquele Estado que se institucionalizou desde o ano de 1930 e atingiu suas proporções simbólicas máximas a partir da ditadura estadonovista. Talvez essa seja uma das explicações para o fato de que a liderança de Vargas não tenha se consolidado com a mesma intensidade política após seu afastamento do poder e posterior suicídio, embora que suas legislações trabalhistas e seu apelo sentimental não tenham sido esquecidos pelo *povo brasileiro*. Por outro lado, Perón se esforçou em eternizar-se não apenas como o homem a liderar as massas mas também no plano simbólico, por uma *ideia-doutrina* peronista que

---

<sup>135</sup> Evidentemente realizamos paralelos entre as duas experiências históricas por meio da análise de discursividades análogas, por outro lado, há de se reforçar que não foi empregada a teoria/metodologia da *história comparada*, tal como preconizada por distintas vertentes historiográficas.

apostava tanto no estabelecimento de laços hierárquicos quanto inquebrantáveis sentimentos de amor, proximidade e união entre o líder e seus subordinados.

Nesse sentido, o papel simbólico das primeiras damas também foi considerável, pois junto a elas os dois presidentes puderam criar a aura familiar e *hogareña* capaz de entrecruzar as esferas de autoridade paternas com as presidenciais, gerando vínculos sentimentais de familiaridade, identificação e intimidade entre o povo e seus mandatários. Por um lado, Darcy foi definida como a legítima mãe de família, obediente e zelosa pelo bem do marido, do lar, dos pobres e pracinhas da nação que dependiam da bondade católica e caritativa das mulheres para suportarem a árdua vida enfrentada em situações de pobreza. Por outro lado, encontramos Evita com um poder simbólico incomparavelmente maior e mais intenso, que assumia secretarias de Estado, ramos do Partido Peronista e discursava ao lado de Perón nos balcões da Casa Rosada. Por tais conotações, unidas aos distintos ideários psicológicos e políticos aqui estudados, podemos considerar que a liderança e autoridade do varguismo se fundou muito mais em um *paternalismo* de poder individual e ilimitado do presidente, ao passo que o peronismo fundou-se num *familiarismo* que dependeu fortemente do protagonismo político-assistencial de Eva Perón e muitas vezes dos próprios *descamisados* que teciam tramas de amor e comunhão celebradas com o casal presidencial.

Tendo em vista esses distanciamentos, também devemos levar em consideração o argumento dos intelectuais que aceitam a teoria do *populismo* e com isso buscam comparar as distintas experiências políticas latino-americanas de meados do século XX. Dessa forma, nossa tese apostou na aproximação entre o varguismo e o peronismo a partir da intersecção entre o discurso científico e psicológico que, por intermédio das interpretações militares e intelectuais, se apropriou das metáforas de gênero e as empregou na fundamentação de argumentos políticos para a construção da autoridade e liderança a partir da personalidade masculina dos presidentes Vargas e Perón.

### **História, Gênero e Política**

O ponto de partida de Joan Scott foi fundamental para compreendermos a posição teórica de nossa interpretação do gênero como elemento aglutinador da discursividade política varguista e peronista. Para tanto, devemos recordar que ainda nos últimos anos da década de 1980 Scott afirmava que “falta uma análise de como as hierarquias de gênero são construídas, legitimadas, contestadas e mantidas” (SCOTT, 1994: 14). Sua preocupação, ao incorporar a



teoria pós-estruturalista em seu escopo historiográfico, era de pensar a retórica e o discurso como formadores de *significados* que constroem ideias, conceitos, concepções e sentimentos no interior de uma definida sociedade e de uma época específica. Pensar nessas categorias discursivas não exclui os interesses de dominação econômica, sexual, política e ideológica. Pelo contrário, o discurso e a prática são esferas inseparáveis e não podemos perder de vista que o estudo das formas linguísticas com que se constituem as diferenciações e hierarquizações políticas são maneiras efetivas do exercício de poder no interior de uma sociedade.

Dessa feita, não compreendemos a história, em sua articulação com o gênero, apenas como aquilo que “aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidade, foram construídos” (SCOTT, 1994: 19). Nessa singular leitura, o *gênero* passa a receber delimitações mais precisas, sendo compreendido como “o saber a respeito das diferenças sexuais [...] produzido de maneira complexa no interior de *epistemes*, que têm elas próprias, uma história autônoma (ou quase). Seus usos e significados nascem de uma disputa política e são os meios pelos quais as relações de poder – dominação e de subordinação são construídas” (SCOTT, 1994: 12). Dessa forma, desvendar as racionalidades psicológicas pelas quais os postos de superioridade e inferioridade pessoal e, conseqüentemente, política, foram constituídos, significa compreender os fundamentos de poder pelos quais o próprio gênero foi construído no interior de um determinado contexto histórico. Da mesma forma, operava em movimento retroalimentar e influenciava na conformação desse mesmo contexto histórico no qual se constituía.

Tais concepções específicas de história e de gênero abrangem uma dimensão bastante distinta e dialógica, sendo a *história* o conhecimento capaz de desvendar os meandros pelos quais o gênero é discursivamente construído; e o *gênero* uma forma crítica de identificar os dispositivos que instituíam as próprias lógicas de saberes-poderes-verdades-subjetividades em contextos históricos singulares.

Partindo da posição de Scott de que *o gênero é político e histórico* – para além da esfera privada e para além da história das mulheres – estudamos o contexto brasileiro e argentino da construção das personalidades de Vargas e Perón a partir de narrativas científicas e populares que os definiram enquanto homens viris e paternais. Tais influências psicológicas na definição da liderança e da autoridade de Vargas e Perón esclarecem as lógicas pelas quais o gênero e suas valorações hierárquicas foram construídos no mesmo processo com que foram

alicerçados os pilares da tropologia política que sustentava o governo de dois dos mais influentes presidentes da história dos seus respectivos países.

Partindo dos pressupostos teóricos e metodológicos de Scott chegamos a uma escrita e a uma posição enunciativa que buscou compreender os empréstimos semânticos, as intertextualidades, os dialogismos e os trânsitos sintagmáticos entre a psicologia e a política no período varguista e peronista que se valeram do gênero e suas metáforas, não apenas como linguagem propagandística, mas também como estrutura de poder a instituir os meandros daquilo que seria vulgarizado como o próprio *varguismo* ou *peronismo*.

Dessa forma, estudando especificamente os contextos elencados, pudemos perceber que os saberes-poderes psi foram interdisciplinares, interseccionais e transnacionais, influenciando as classificações hierárquicas de gênero a impactar a sociedade e também a forma com que se concebeu a política na época. Isto é, os saberes psicológicos geraram uma demanda política por um líder a comandar as massas pela articulação da mesma lógica binária que opunha o masculino do feminino. As metáforas da massa-feminina e do líder-masculino que aproximavam a dicotomia política da sexual ampliou sobremaneira as possibilidades de compreensão de ambas as partes, fundindo a própria liderança com a masculinidade, bem como a obediência à feminilidade ou infantilidade. Essa foi a porta de entrada pela qual *gênero e política passaram a ser considerados indistintos na experiência histórica do século XX*, especialmente se pensarmos num processo de personalização da política em que a imagem pessoal do líder se fazia mais importante que suas próprias decisões governamentais (SENNETT, 2011).

Dessa forma, pudemos compreender as complexas lógicas pelas quais a masculinidade de Vargas e de Perón, bem como a feminilidade de suas primeiras damas ou mesmo das massas, possuíam uma discursividade específica e mutável até mesmo para o próprio contexto a que respondiam. Nesse sentido, cada ínfimo traço de masculinidade presente nas biografias de Vargas e Perón era definidor da estratégia discursiva com que se pretendia sustentar o regime corporificado por cada um deles. Se o traço era de uma virilidade impositiva e volitiva, embasava-se numa grande teia de definições psicológicas definidora de sua liderança superior, por outro lado, também se fez necessário afirmar os presidentes como homens bondosos e dadivosos para então complementar tal liderança com a legitimidade do reconhecimento de sua autoridade paternal.

Com isso podemos afirmar que a continuidade entre a liderança e a autoridade de Vargas e Perón, por mais que marcadas pelas particularidades e ambiguidades contextuais, foram fundamentalmente sublinhadas pelas insígnias do gênero, isto é, suas representações pessoais e presidenciais se ancoraram profundamente nas estruturas da masculinidade que lhes garantiriam a chefia, a liderança, a condução e a paternidade da nação, permitindo a obtenção não apenas do posto de *mandatários*, mas ensejando a obediência ativa, leal e fiel daqueles que se aliavam pessoalmente a tais homens por meio dos laços políticos e pessoais afetivamente entretecidos.

Em suma, por mais que a racionalidade e a pragmática da liderança e autoridade de Vargas e Perón passassem por dispositivos políticos e discursivos muito complexos e em alguns casos alheios à documentação por nós analisada, podemos afirmar categoricamente que a continuidade entre os poderes dos dois presidentes foi crucialmente marcada pelas metáforas e insígnias do gênero, abrindo sulcos na política de ambos os países que, mesmo em dias contemporâneos, demonstram aversão e ojeriza em sustentar uma mulher na posição de presidenta.

## FONTES DOCUMENTAIS

ALBUQUERQUE, Epitácio Pessoa Cavalcanti de. *Getúlio Vargas – Esboço de Biografia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1941.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN – SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 453

\_\_\_\_\_ SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 467

\_\_\_\_\_ SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 466

\_\_\_\_\_ SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 450

\_\_\_\_\_ SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 453

\_\_\_\_\_ SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 582

\_\_\_\_\_ SECRETARIA LEGAL Y TECNICA, CAIXA 502

ARMADA ARGENTINA. *Los viajeros de la “Sarmiento”*. Buenos Aires: Archivo General de la Armada, 2005.

BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA. Rio de Janeiro: Editora INL/MEC, S.D.

BOSCH, Gonzalo. *Anormalidades de la Personalidad*. Tesis de Profesorado. Buenos Aires, S.E. 1932.

CAMPOS, Francisco. *O Estado Nacional*. Brasília: Editorial do Senado Federal, 2001.

CARRAZZONI, André. *Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939

CARRILLO, Ramón. La guerra psicológica. In: *Electroneurobiología* Vol. 2. Tomo 2, 1995, pp. 1-100. Disponível em: <http://electroneubio.secyt.gov.ar/index2.htm> [1950. Acesso: 13/02/2016]

\_\_\_\_\_ Un punto de vista: el de Keyserling ante la vida. In: *Revista del Círculo Médico Argentino*, Tomo 2, 1929.

DINIZ, Zolachio. *Getúlio Vargas: Estadista, orador, homem de coração*. Rio de Janeiro: Século XX, 1942

FILMER, Robert. *Patriarcha; or the Natural Power of Kings [Facsimile Edition]*. London: Richard Chiswell, 1680. Acesso: 13/03/2016 Disponível em: <http://oll.libertyfund.org/titles/221>

FLAUBERT, Gustave. *L'éducation sentimentale*; In: Domínio Público. Acesso: 13/12/2015. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000238.pdf>

FLORES, Luis Bertoni. *Ética de la Autoridad o La Moral del Mando*. Nociones de psicología, pedagogía y moral aplicadas al mando militar. Rio Santiago: Imprenta de la Escuela Naval Militar, 1937.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas Volume 15 - Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização*. Obras completas. Volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. Moisés e o monoteísmo. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987

\_\_\_\_\_. Totem e Tabu. In: *Obras Completas Volume 11*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. Análisis de la fobia de un niño de cinco años. In: *Obras Completas*. Volumen X. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.

\_\_\_\_\_. Observações sobre o amor transferencial In: Salomão, J. (Org.) *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1980, 207-221

FUNDO SECRETARIA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 140

\_\_\_\_\_. SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 145

\_\_\_\_\_. SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 159

\_\_\_\_\_. SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 146

\_\_\_\_\_. SÉRIE MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL, SUBSÉRIE GERAL, CAIXA 148

GAVET, Andre. El Arte de Mandar: Principios del mando. Disponível em: <http://plataforma.ejercito.mil.uy/mod/resource/view.php?id=13343> Acesso: 10/02/2016

GHIOLDI, Americo. *De la Tiranía a la Democracia Social*. Buenos Aires: Ediciones Gure, 1956.

HERNANDEZ, Jose. *Martin Fierro*. Buenos Aires: iUniverse, 1999.

INGENIEROS, José. *Archivos de psiquiatría y criminología aplicadas a las ciencias afines*: Publicación bimestral dirigida por el doctor José Ingenieros. Buenos Aires: Talleres Gráficos de la Penitenciaría Nacional, tomo 2, 1903.

KEHL, Renato Ferraz. *Psicologia da Personalidade* (Guia de orientação psicológica). 3ª Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1945.

KIEFFER, Francisco. *La Autoridad en la Familia y en la Escuela*. Buenos Aires: Editorial Poblet, 1950.

KRETSCHMER, Ernst. *Constitución y Carácter*: Investigaciones acerca del problema de la constitución y de la doctrina de los temperamentos. Barcelona: Labor, 1947.

LA MOTHE LE VAYER, François de. *L'Economique du Prince*. Paris: Courbé, 1653

LE BON, Gustave. *Psicología de las Masas*. Madrid: Morata, 2005.

MAUROIS, André. *Diário de uma Viagem pela América Latina*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

\_\_\_\_\_. *A Arte de Viver ou a pequena filosofia da vida*. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1965.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos sobre o comando*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. *Sentimientos y costumbres*. Buenos Aires: Librería Hauchette S. G., 1941.

PAVÓN PEREYRA, Enrique. *La vida íntima de Perón: La historia privada según su biógrafo personal*. Buenos Aires: Planeta, 2011.

\_\_\_\_\_. *El conductor de América*. Buenos Aires: Ediciones EL Quijote, 1950.

\_\_\_\_\_. *Perón: Preparación de una Vida para el Mando (1895-1942)*. Buenos Aires: Ediciones Espiño, 1952.

PÉRES, Leopoldo. *Getúlio Vargas, O Homem e o Chefe*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944

PERÓN, Eva Duarte. *Discursos Completos I*. (Org.) FERNÁNDEZ, Aníbal; CAMELLO, Carlos. Buenos Aires: Booket, 2012.

\_\_\_\_\_. *La Razón de Mi Vida*. Ediciones Peuser, 1951.

PERÓN, Juan Domingo. *Conducción Política*. Buenos Aires: Ediciones Mundo Peronista: 1952.

\_\_\_\_\_. Juan Domingo. La comunidad organizada In: *Actas del Primer Congreso Nacional de Filosofía*. Mendoza, Universidad Nacional de Cuyo, Buenos Aires 1950, tomo I.

\_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Buenos Aires: Fundación Universidad de la Producción y del Trabajo/Fundación Universidad a distancia “Hernandarias”, Vols. 8-19, 1998.

PESSOA, Alfredo. *Um homem que governa*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde: 1942

PORTO-CARRERO, Júlio. *Psicanálise de uma civilização*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1932.

RAMOS, Arthur. *Introdução à Psicologia Social*. 2ª Ed. Rio de Janeiro/Lisboa: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1952.

REVISTA MUNDO PERONISTA, ano 1, n. 4, 1951

\_\_\_\_\_. ano I, n. 12, 1952

\_\_\_\_\_. ano I, n. 13, 1952

\_\_\_\_\_. ano II, n. 27, 1952

\_\_\_\_\_ Ano II, n. 31, 1952

\_\_\_\_\_ ano II, n. 36, 1953

\_\_\_\_\_ ano II, n. 42, 1953

\_\_\_\_\_ ano III, n. 46, 1953

\_\_\_\_\_ ano III, n. 49, 1953

\_\_\_\_\_ ano III, n. 51, 1953

\_\_\_\_\_ ano III, n. 55, 1953

\_\_\_\_\_ ano III, n. 60, 1954

\_\_\_\_\_ ano III, n. 62, 1954

\_\_\_\_\_ ano III n. 67, 1954

RODRIGUES, Nina. *As coletividades Anormais*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2006

SCILINGO, Francisco. *El Crímen de la Paz Armada*: Cuando los pueblos manden y los gobernantes obedezcan habrá paz en el mundo. Buenos Aires: Caporaletti Hnos. Talleres gráficos, 1950.

SILVA, Gastão Pereira da. *Getúlio Vargas e a Psicanálise das Multidões*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, S.D.

\_\_\_\_\_ *Educação Sexual da Criança*: Psíco-análise da vida infantil. Rio de Janeiro: Marisa Editora, 1934

\_\_\_\_\_ *Lenine e a psíco-análise*. Rio de Janeiro: Atlântida Editora, 1933.

VARGAS, Getúlio. *A nova política do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938-1947. 11 vols.

VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2005.

\_\_\_\_\_ *Pequenos estudos de Psychologia Social*. 3ª edição aumentada. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942

\_\_\_\_\_ *Pequenos estudos de Psychologia Social*. São Paulo: Revista do Brasil, 1921.

VIEIRA, Luiz. *Getúlio Vargas: Estadista e Sociólogo*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1951.

## REFERÊNCIAS

ACHA, Omar. *Crónica sentimental de la Argentina peronista: Sexo, inconsciente e ideología, 1945-1955*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2013

\_\_\_\_\_. La biografía del líder y el populismo argentino: El nacimiento de la “Historia de Perón”. In: Intersticios de la política y la cultura latinoamericana: los movimientos sociales. Buenos Aires, n.1, 2011. Disponível em: <http://publicaciones.ffyh.unc.edu.ar/index.php/filolat/article/view/278>. Acesso: 18/04/2015

\_\_\_\_\_. Los Muchachos Peronistas. Orígenes olvidados de la Juventud Peronista (1945-1955). Buenos Aires: Ed. Planeta, 2011b.

ACHA, Omar; BEN, Pablo. Amoraes, patoleros, chongos y pitucos: la homosexualidad masculina durante el primer Peronismo, 1943-1955. In: *Trabajos y Comunicaciones*. Universidad Nacional de la Plata, 2005, p. 217-261. Disponível em: [http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art\\_revistas/pr.316/pr.316.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.316/pr.316.pdf) Acesso: 17 Ago. 2014.

ACHA, Omar; HALPERIN, Paula. *Cuerpos, géneros, identidades*. Buenos Aires: Signo, 2000.

ADLER, Alfred. *Practica y Teoria de La Psicologia Del Individuo*. Editorial Paidós: Buenos Aires, 1953.

ADORNO, Theodor; FRENKEL-BRUNSWIK, Else; et ali. *The Authoritarian Personality*. Nova York: Harper, 1950.

AGAMBEN, Giorgio. Estado de Exceção. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004

CIRIA, Alberto. Review: Flesh and Fantasy: The Many Faces of Evita (and Juan Peron) In: *Latin American Research Review*, Vol. 18, N. 2, 1983, 150-165.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz. *Nos destinos de fronteira: História, espaços e identidade regional*. Recife: Edições Bagaço, 2008

\_\_\_\_\_. *Nordestino: Uma invenção do Falo. Uma História do gênero masculino (Nordeste 1920-1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALTAMIRANO Carlos. La hora de las masas. In: *ISTOR*, Dossie Viejos Populismos, Nuevas Izquierdas. n. 25. Año VI, 2006.

ALVES FILHO, Aluizio (Org.). *Oliveira Vianna: uma introdução ao estudo da formação social brasileira: pioneirismo, contribuições e questões polêmicas*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2011.

ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e Poder: A Propaganda Varguista na Imprensa Amazonense (1937-1945)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação da História Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.



AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne. *Estereotipos y Clichés*. Buenos Aires: EUDEBA/UBA, 2001.

ANDRADE, Débora El-Jaick. Escrita da História e Política no Século XIX: Thomas Carlyle e o Culto aos Heróis. In: *História e Perspectivas*, Uberlândia: EdUFU, 2006, 211-246.

ANSART, Pierre. *Los Clinicos de las Pasiones Políticas*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1997.

ARAUJO, Ricardo Benzaquen. O dono da casa: Notas sobre a imagem do poder no “mito Vargas” In: *Religião e Sociedade*, 13/2, 1986, 102-122.

ARENDT, Hanah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988,

ARISTOTELES. *A Política*. São Paulo: Hemus, 2005.

AUSTIN. *How To Do Things With Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1975.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BALBI, Fernando Alberto “La lealtad antes de la lealtad: honor militar y valores políticos en los orígenes del peronismo.” In: ROSATO, Ana; BALBI, Fernando Alberto (eds.): *Representaciones sociales y procesos políticos*. Estudios desde la antropología social. Buenos Aires: Antropofagia – IDES, 2003, 187 - 214.

\_\_\_\_\_. ‘...esa avalancha de homenajes’: campo de poder, lealtad y concepciones de política en el primer peronismo In: *Anuario de Estudios en Antropología Social*. Centro de Antropología Social - Instituto de Desarrollo Económico y Social (CAS-IDES). Buenos Aires, 2005, 103-118.

\_\_\_\_\_. Ideales y Verdades a medias: La Lealtad Peronista. In: *Revista Anfibia*. Buenos Aires, UNSAN, Disponível em: <http://www.revistaanfibia.com/ensayo/politica-ideales-y-verdades-medias-la-lealtad-peronista/> Acesso: 01/12/2016

BALIBAR, Etienne. *Identity and Difference: John Locke and the Invention of Consciousness*. Londres: Verso, 2013.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Arthur Ramos e as dinâmicas sociais de seu tempo*. Maceió: EDUFAL, 2000.

BAZÁN, Osvaldo. *Historia de la sexualidad en la Argentina: De la conquista de América al siglo XXI*. Buenos Aires: Marea Editorial, 2004.

BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o Signo da Nova Ordem: Intelectuais Autoritários no Brasil e na Argentina*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BIRMAN, Joel. *Gramáticas do erotismo*. Rio de Janeiro: Record, 2001

BLACK, Max. *Models and Metaphors: Studies in Language and Philosophy*. New York. Cornell University Press, 1962

BLANCO, Alejandro. *Razón y modernidad*. Gino Germani y la sociología en la Argentina, Buenos Aires, Siglo XXI, 2006.

- BLOCH, Marc. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. In: *Melanges historiques*. Paris: EHESS, 1983, 16-40.
- BONOMI, Francesco. *Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana*, 2008. Disponível em [www.etimo.it](http://www.etimo.it): Acesso 15/05/2016
- BORGES, Jorge Luis. O idioma analítico de John Wilkins. In: BORGES, Jorge Luis. *Obras completas II*. São Paulo: Globo, 1999
- BOTTON, Fernando Bagiotto. Do Poder do Pai e Suas Esferas: Algumas aproximações entre os conceitos de patriarcalismo e paternalismo em Pateman e Sennett à luz dos debates políticos modernos. In: *Revista NUPEM*, 2016.
- \_\_\_\_\_. *O Homem da Imagem e a Imagem do Homem: A construção da subjetividade masculina por meio dos retratos e periódicos de Curitiba na virada do século XIX para o XX*. Dissertação de Mestrado defendida pela Universidade Federal do Paraná. Acesso: 12/12/2015. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/historiapos/files/2013/05/FernandoBagiottoBotton.pdf>
- BROWN, Wendy. *Manhood and Politics: A Feminist Reading in Political Theory*. London: Rowman & Littlefield Publishers, 2002
- BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan*. Sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Barcelona: Paidós, 2002
- CAIMARI, Lila. *Perón y la iglesia católica*. Buenos Aires: Ariel, 1995.
- CAPELATO, M. H. R. 2001. Populismo latino-americano em discussão. In: FERREIRA, J. (org.). 2001. *O populismo e sua história – debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CAPELATO, Maria Helena Rolin. *Multidões em Cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras: 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2002
- CHIAPPINI, Lígia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.) *Pampa e Cultura: de Fierro a Netto*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Instituto Estadual do Livro, 2004
- CLARK, Stuart. Os historiadores dos Annales. In: NOVAIS, Fernando A., SILVA, Rogério Forastieri da (orgs). *Nova história em perspectiva I*. São Paulo: Cosac Naify, 2011
- COCHART, Dominique. As multidões e a Comuna: Análise dos primeiros escritos sobre psicologia das multidões. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH, n. 20, v. 10, mar./ago. 1991, pp. 119-126.
- COELHO, Isabel Ruas Pereira. A Produção de Painéis em Mosaico no Período Pós-Guerra em São Paulo: Industrialização e Modernidade Versus Tradição Artesanal. In: *5º Seminário*

DOCOMOMO Brasil. São Carlos, 2003. Disponível em:

<http://www.docomomo.org.br/seminario%20%20pdfs/062R.pdf> Acesso: 15/02/2016

COHEN, Yves. *Le siècle des chefs*. Une histoire transnationale du commandement et de l'autorité (1890-1940), Paris, Éditions Amsterdam, 2013

CONTRERAS, Pérez, MONTSERRAT, María de. *Derecho de Familia y Sucesiones*. Ciudad de Mexico: Nosotra Ediciones, 2010.

COSSE, Isabella. *Estigmas de nacimiento*. Peronismo y orden familiar 1946-1955. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica/Universidad de San Andreas, 2006.

DAVENPORT, Robert Dead. *Patriarchy and Politics: A Comparative Evaluation of the Religious, Political and Social Thought of Sir Robert Filmer and Robert Lewis Dabney*. Tese de Doutorado em Filosofia. Waco: Baylor University, 2006. Disponível em: <https://baylor-ir.tdl.org/baylor-ir/handle/2104/4293>. Acesso: 12/02/2016

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELGADO, Sánchez; Marcelo JAVIER. Arte, eugenesia y psicoanálisis con un epílogo filantrópico. El intelectual como performer en un caso chileno del siglo XX. In: *XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013

DERRIDA, Jacques. *Limited Inc*. Campinas: Papirus, 2001

DÍAZ, Martha Susana. *Mulher e Poder*. O Caso de Eva Perón na Política Argentina. Dissertação (Mestrado) no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10874> Acesso: em 20/07/2016

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO 1930-1983. Coord. Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/albuquerque-epitacio-pessoa-cavalcanti-de> . Acesso em 06/02/2016

\_\_\_\_\_ Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carrazzoni-andre> Acesso: 08/02/2016

DOBB, Leonard William. *Personality, Power and Authority*. Contributions in psychology. Westport/London: Greenwood Press, 1984.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

DUARTE, André. *Vidas em Risco: Crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2010.

DUTRA, Eliana de Freitas. Cultura. In: GOMES, Angela de Castro (org.) *História do Brasil Nação 1808-2010*. Vol. 4 – Olhando Para Dentro 1930-1964, Madrid/Rio de Janeiro: Mapfre/Objetiva, 2015.

EISEMBERG, José. Patriotismo e gênero na tradição do pensamento político moderno: uma genealogia. In: *Revista USP*, São Paulo, n.59, 2003, p. 22-35.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Vol. 1, 1994.

EL-JAICK ANDRADE, Débora. Escrita da História e Política no século XIX: Thomas Carlyle e o Culto aos Heróis. In: *História e Perspectivas*, Uberlândia: 2006. 211-246.

ENRIQUEZ, Eugéne. *Da horda ao estado*: Psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990

FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: O Poder e o Sorriso*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando. *Brasil e Argentina; um ensaio de história comparada (1850 - 2002)*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

FERNANDES, María Ines. *Democracia y La Prensa: La contienda discursiva*. Buenos Aires: Editorial Pueblo Heredero, 2013.

FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: \_\_\_\_\_. *O populismo e sua história – debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_. *Trabalhadores do Brasil: O imaginário popular (1930-1945)*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2001.

FERRETTI, Sergio Figueiredo. Nina Rodrigues e as religiões afro-brasileiras. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Luís, v. 10, n. 1, 1999, 19-28.

FINCHELSTEIN, Federico. *Fascismo, liturgia e imaginario*. El mito del general Uriburu y la Argentina nacionalista. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979

\_\_\_\_\_. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2013

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. Omnes et Singulatim: Por uma Crítica da "Razão Política" In: Novos Estudos CEBRAP, Nº 26, março de 1990, 77-99.

\_\_\_\_\_. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: O nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2005

\_\_\_\_\_. "Nietzsche, a genealogia e a história." In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992

\_\_\_\_\_. *Dits et écrits. 1954-1988*. Paris: Gallimard, 1994

\_\_\_\_\_. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Pernambuco: Global Editora, 2003

GALVÁN, María Valeria. *El Nacionalismo de derecha en la Argentina posperonista: El semanario Azul y Blanco*. Buenos Aires: Ediciones Prohistoria, 2013.

GARCIA, Isaber Rivero. *Ciencias "psi", subjetividad y gobierno: Una aproximación genealógica a la producción de subjetividades "psi" en la modernidad*. Tese Apresentada ao Departament de Psicologia de la Salut i Psicologia Social da Universitat Autònoma de Barcelona, 2005. Disponível em: <http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/5445/irg1de1.pdf;jsessionid=C0E6B7B5D610AC3BC8B588B7796D084A.tdx1?sequence=1> Acesso: 12/02/2016

GARCÍA, Macario Alemany. *El concepto y la justificación del paternalismo*. Doutorado em Direito. Facultad de Derecho de la Universidad de Alicante, 2005

GERMANI, Gino. La integración de las masas en la vida política y el totalitarismo. In: *Política y sociedad en una época de transición*. De la sociedad tradicional a la sociedad de masas. Buenos Aires: Paidós, 1962.

GOMES, A. C. 2001. O populismo e as Ciências Sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. In: FERREIRA, J. (org.). 2001. *O populismo e sua história – debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

\_\_\_\_\_. *A invenção do trabalhismo, Formação do Brasil*. Rio de Janeiro/São Paulo: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro/Vértice, 1988

\_\_\_\_\_. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (et al.). *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. Estado Novo: ambigüidades e heranças do autoritarismo no Brasil. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *A Construção Social dos Regimes Autoritários*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil Nação Vol. 4: Olhando para Dentro 1930-1964*. Rio de Janeiro e Madrid: Mapfre e Objetiva, 2015

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,

GUTMAN, Guilherme. Raça e psicanálise no Brasil. O ponto de origem: Arthur Ramos. In: *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 10, n. 4, 2007, 711-728

GUY, Donna. *El sexo peligroso, la prostitución legal en Buenos Aires 1875-1955*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1994

\_\_\_\_\_. Los padres y la pérdida de la Patria Potestad en Argentina: 1880-1930, In: DORE, Elizabeth; MOLYNEUX, Maxine (ed.). *Hidden Histories of Gender and the State in Latin America*. Durham & London: Duke University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. *Creating Charismatic Bonds in Argentina: Letters to Juan and Eva Perón*. University of New Mexico Press, 2016.

HALL, Calvin; LINZEY, Gardner. *Teorias da personalidade*. São Paulo: EPU, 1984.

JAMES, Daniel. Resistencia e Integración. El peronismo y la clase trabajadora argentina 1946-1976. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

JUNG, Carl Gustav. *O desenvolvimento da personalidade*. Petrópolis: Vozes, 2006

KANTOROWICZ, Ernst. *Os dois corpos do Rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

KARUSH, Mattew; CHAMOSA, Oscar (eds.) *The new cultural history of peronism*. Duhram and London: Duke University Press, 2010.

KEIDE, R.; JACÓ-VILELA, A. M. “*Mens in corpore*”: o positivismo e o discurso psicológico do século XIX no Brasil. In A. M. Jacó-Vilela, H. C. Rodrigues & F. Jabur. *Clio-Psyché histórias da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Nape, 1999.

KINOSHITA, Carolina Toshie; ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Renato Kehl, Victor Delfino e Alfredo Verano: Circulação de ideias eugênicas entre Brasil e Argentina. In: *VII Congresso Brasileiro de História da Educação - Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil – 2013*. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/03-%20FONTES%20E%20METODOS%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/RENATO%20KEHL%20VICTOR%20DELFINO%20E%20ALFREDO%20VERANO.pdf>  
Acesso: 27/12/2015

KRACAUER, Siegfried. *O ornamento da Massa*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2005

KUNDERA, Milan. *A Insustentável Leveza do Ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LA NACIÓN. Falleció ayer Enrique Pavón Pereyra, el biógrafo de Perón. Buenos Aires: La Nación, 10/01/2004 Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/562698-fallecio-ayer-enrique-pavon-pereyra-el-biografo-de-peron>. Acesso: 15/05/2016

LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

LAMOUNIER, Bolivar. “Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República - Uma interpretação”. In: FAUSTO, Boris (org.). *História da civilização brasileira. O Brasil republicano - Sociedade e instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumara, 2001.

LE RIDER, Jacques. *A Modernidade Vienense e as crises de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

LEFÉBVRE, Georges. *Études sur la Révolution Française*; París: PUF, 1954.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: Papirus, 1986.

LEVINE, Robert M. *Pai dos pobres? O Brasil e a era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- LIMA, Albino. *Getúlio Vargas, verão de Plutarco, comemora 70 anos*. S.E, 1953.
- LUNA, Félix. *Historia Integral de la Argentina*. Tomo IX: Conservadores y Peronistas. Buenos Aires: Booket, 2010.
- LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009
- LYOTARD, Jean-François, *La condición humana pós-moderna*. Barcelona: Catedra, 1993.
- MAIO, Marchos Chor. *Afrânio Peixoto*: Notas sobre uma trajetória médica. In: Revista da SBPC, n. 11, 1994, 85-71.
- MANDOLINI, Hernani. *Los dominadores*: estudios de psicología política y social. Buenos Aires: Talleres Gráficos Rodolfo Buschi, 1930.
- Marcela M. Gené, *Un mundo feliz. Imágenes de los trabajadores en el primer peronismo 1946-1955*, Buenos Aires, FCE-Universidad San Andrés, 2005
- MARCONDES, Sérgio Ribeiro de Almeida. “Nós, os charlatões”: Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em *O Malho* In: *Anais do XIV Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas*. Disponível em: [http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400290912\\_ARQUIVO\\_TextoANPUH2014.pdf](http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400290912_ARQUIVO_TextoANPUH2014.pdf) Acesso: 12/02/2016
- MARTINS, Ana Paula Vosne. Bondade, substantivo feminino: esboço para uma história da benevolência e da feminilização da bondade. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba: Editora UFPR, n. 59, jul./dez. 2013, 143-170
- \_\_\_\_\_. Nem minotauro, nem maternal: repensando o conceito de paternalismo no contexto da formulação das políticas da maternidade. In RIAL, Carmem; PEDRO, Joana Maria; AREND, Sílvia Maria F. (Orgs.) *Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010. 171-188
- \_\_\_\_\_. Dos pais pobres ao pai dos pobres: cartas de pais e mães ao presidente Vargas e a política familiar do Estado Novo. In: *Diálogos*. Maringá: EDUEM, Vol. 12, No 2 e 3 2008, 209-235.
- MARTYNIUK, Claudio. “Los años sesenta nos legaron un nuevo mandato: El placer sexual”. Entrevista a la historiadora Isabella Cosse. In: *Clarín*. Buenos Aires, 13/11/2011, 40-41.
- MEDEIROS, Ana Lúcia; HIRST, Mônica (Org.). *Bibliografia Histórica: 1930-45*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MICHELET, Jules. *O Povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- MIGUEL, Luís Felipe. Consenso e Conflito na Teoria Democrática: Para além do “agonismo” In: *Lua Nova*, 92. São Paulo, 2014, 13-43.
- MILANESIO, Natalia. Cuando los trabajadores salieron de compras: Nuevos consumidores, publicidad y cambio cultural durante el primer peronismo. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 2014.

MILLS, Sara. *Routledge Critical Thinkers - Foucault*. London and New York: Routledge, 2003.

MITCHELL, Lynette. Em busca da Antiguidade. In: ROSA, Claudia Beltrão da (org.) (et ali). *A Busca do Antigo*. Rio de Janeiro: Trarepa/Nau, 2011.

MOCREJS, Elisabete. *A Psicanálise no Brasil*. As origens do pensamento psicanalítico. Petrópolis: Vozes, 1992.

MONZON, Florencio [filho]. *Llegó carta de Perón*. Rapsodia de la resistencia. Buenos Aires: Corregidor, 2006.

MOSCOVICI, Serge. *La era de las Multitudes*: Um Tratado Histórico de las Masas. Méxio: FCE, 2013.

MOTTIER, Véronique. Metaphors, Mini-Narratives and Foucauldian Discourse Theory. In: Carver T., Pikalo J. (eds.) *Political Language and Metaphor: Interpreting and Changing the World*. Routledge, London, 2008.

MUÑIZ, Francisco Thomas. *Enseñanza Secundaria y Universitaria*. Disponível em: <http://www.lagazeta.com.ar/universidad.htm> Acesso: 13/11/2015.

NEVES-MANTA, I de L. *Psychanalyse da Alma Colectiva*. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1932

OSTROVSKY, Ana Elisa; MOYA, Luis Alberto. La mirada del extranjero. Reflexiones de José Ortega y Gasset sobre la psicología de los varones y las mujeres argentinas. In: *Universitas Psychologica*, V. 13 No. 5. edición especial, 2014, 15-24.

PATEMAN, Carole. *O Contrato Sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977

PLOTKIN, Mariano Ben. *Freud en las Pampas*. Buenos Aires: Editorial Sudamérica, 2003.

\_\_\_\_\_. *Mañana es San Perón*: Propaganda, Rituales Políticos y Educación en el Régimen Peronista (1946-1955). Buenos Aires: ED. UNITREF, 2013.

\_\_\_\_\_. *Psicoanálisis y Política*: la recepción que tuvo el psicoanálisis en Buenos Aires (1910-1943) In: *Redes*, vol. III, n. 8, 1996, 163-198.

PRADO, Maria Lígia Coelho. *Vargas & Perón*: aproximaciones e perspectivas. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2009.

PRETEROSSO, Geminello. *Autoridad*: Léxico de Política. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

PSICOLOGIA, CIÊNCIA E PROFISSÃO. *Arthur Ramos*. Brasília, v. 22, n. 4, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932002000400012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000400012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso 05/01/2016.

RAMACCIOTTI, KARINA. Ramón Carrillo. Neurocirujano, político y héroe. In: PANELLA, Claudio; REIN, Ranan (Orgs.). *La segunda línea*. Liderazgo peronista 1945-1955. Buenos Aires: Pueblo Heredero-Eduntref, 2013. 95 – 114



RAMACCIOTTI, Karina; VALOBRA, Adriana (comp), *Generando el peronismo. Estudios de cultura, política y género (1946-1955)*, Buenos Aires, Proyecto Editorial, 2004.

REIS, José Roberto Franco. "*Não existem mais intermediários entre o governo e o povo*": correspondências a Getúlio Vargas - o mito e a versão (1937-1945). Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de História do IFCH da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.

ROCHA, Helenice de Fátima Oliveira. Do pai da horda a Moisés: o ideal como articulador entre o sujeito e a cultura. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v. 62, n. 137, dez. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432012000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000200002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 04 jan. 2016.

RODRIGUES, Elisa. Raça e Controle Social no Pensamento de Nina Rodrigues. In: *Revista Múltiplas Leituras*, v.2, n.2, 2009, 81-107. 81-107

ROSE, Nikolas. *Inventando nossos selfs: Psicologia, poder e subjetividade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROZITCHNER, León. *Perón: entre la sangre y el tempo*. Lo inconsciente y la política. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2012.

RUSSO, Jane. Júlio Porto-Carrero: A psicanálise como instrumento civilizador. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; RUSSO, Jane; VENANCIO, Ana Teresa (Orgs.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

SAFATLE, Vladimir. *O Circuito dos Afetos*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SANTOS, Carlos Alberto dos. *O Pêndulo de Foucault*. Instituto de Física UFRGS, 2002. Disponível em <http://www.if.ufrgs.br/historia/foucault.html> Acesso: 16/02/2016.

SARLO, Beatriz. *A Paixão e a Exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros*. São Paulo/Belo Horizonte: Companhia das Letras/UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_. *La batalla de las ideas*. Buenos Aires: Ariel, 2001.

\_\_\_\_\_. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920-1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

\_\_\_\_\_. *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo Como Vontade e como Representação*. São Paulo: Unesp, 2005

SCHREINER, Alexandre. Uma aventura para o amanhã. Arthur Ramos e a neuro-higiene infantil na década de 1930. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; RUSSO, Jane; VENANCIO, Ana Teresa (Orgs.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: Uma categoria útil para análise histórica*. Disponível em: [http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf) S/D. Acesso: 13/09/2015.

\_\_\_\_\_. Prefácio a Gender and Politics of History. In: *Cadernos Pagu*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1994, 11-27.

SENNETT, Richard. *Autoridade*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

\_\_\_\_\_. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVECENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 3, 2006.

SIGAL, Silvia; VERÓN, Eliseo. *Perón o Muerte: Los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*. Buenos Aires, EUDEBA: 2010.

SILVA, Hélio Pereira. *Gastão Pereira da Silva: De Filho Para Pai*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

SILVA, João Ítalo de Oliveira. *Por uma eugenia latino-americana*: Victor Delfino e Renato Kehl. Dissertação (Mestrado em História). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

SILVA, Paulo Renato da. *Alpagartas si, libros no?: produção cultural e legitimidade política durante o governo de Perón (1946-1955)*. Teses de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

\_\_\_\_\_. Das ruas para o papel: as representações sobre as massas argentinas (1946-1955) In: *Revista Eletrônica da Anphlac*, número 3, 2003.

SIMILI, Ivana Guilherme. *Mulher e política: A trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra/FGV, 2000.

STAGNARO, Juan Carlos. Gonzalo Bosch. In: *Capítulo de Historia y Epistemología de la Psiquiatría de la Asociación de Psiquiatras Argentinos (APSA)*. Disponível em: <http://historiayepistemologiaapsa.blogspot.com.br/> Acesso em: 04/01/2016

STEFFENS, Marcelo Hornos *Getúlio Vargas biografado: Análise de biografias publicadas entre 1939 e 1988*. Teses de doutorado apresentada Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

STEPAN, Nancy Leys. *A hora da Eugenia: Raça gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

TALAK, Ana María. Progreso y degeneración en los abordajes científicos de la cuestión social en la Argentina, 1890-1930. In: *Actas del IX Encuentro Argentino de Historia de la Psiquiatría, la Psicología y el Psicoanálisis*. Facultad de Medicina, UBA, Buenos Aires, 2008, 222-234.

\_\_\_\_\_. Psicología, Sociedad y Nación. Proyectos y usos de la primera psicología en la Argentina. In: *Nación Psi: Psicología, cultura y sociedad*. Acesso: 12/12/2015. Disponível em: [http://www.ascofapsi.org.co/documentos/2010/Psic\\_soc\\_nacion.pdf](http://www.ascofapsi.org.co/documentos/2010/Psic_soc_nacion.pdf)

TODOROV, Tzvetan. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*. Paris: Seuil, 1981.

TORRADO, Susana. *Historia de la familia en la argentina moderna*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2003.

TORRE, Juan Carlos, Los años peronistas (1943-1955). In: *Nueva Historia Argentina tomo VIII*, Buenos Aires, Sudamericana, 2002.

TETI, Marcela Montalvão; PRADO FILHO, Kleber. A cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais. In: *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.38, 2013, 45-59.

UNIVERSIDAD PEDAGOGICA ARGENTINA. *Educadores Argentinos*: Ramos Mejía. Disponível em: [http://escritoriocentros.educ.ar/datos/recursos/articulos-educadores/educadores-ramos\\_mejia.pdf](http://escritoriocentros.educ.ar/datos/recursos/articulos-educadores/educadores-ramos_mejia.pdf) Acesso: 07/01/2016

VALLEJO, Gustavo; MIRANDA, Marisa. Los Saberes del Poder: Eugenesia y Biotipología en la Argentina del siglo XX. In: *Revista de Índias*, vol. LXIV, núm. 231, 2004, 425-444.

VARGAS, Emiliana. *Os Discursos de Vargas e as Políticas Sociais no Brasil de 1930 a 1940*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

VEZZETTI, Hugo. *Aventuras de Freud en el país de los argentinos*. Buenos Aires: Paidós, 1996.

\_\_\_\_\_. Las promesas del psicoanálisis en la cultura de masas. In *Historia de la vida privada en la Argentina*, tomo III, Buenos Aires: Taurus, 1999.

VIEIRA, Bruno. Mito e tradição literária na luta entre Hércules e Anteu: Farsália In: *Clássica* n. 20.1, 2007, 46-63.

VIEIRA, Rita de Cássia; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Notas sobre a introdução, recepção e desenvolvimento da medida psicológica no Brasil. In: *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, 2011. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2011000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000200006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 16/12/2015.

WALDMANN, Peter. *El Peronismo* (1943-1955). Buenos Aires: Centro Editor de Cultura, 2008.

WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

YAHN, Mário. Prof. Ernst Kretschmer. In: *Arquivo de Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, v. 12, n. 1, 1954, 80-85. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0004-282X1954000100008&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X1954000100008&lng=es&nrm=iso). Acesso em 06/01/2016

ZANI, Ricardo. *Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo*. In: *Em Questão*. v. 9, n. 1, 2003.